CADERNO DE RESUMOS, ARTIGOS E PROGRAMAÇÃO

GENIVALDO DO NASCIMENTO
WELLINGTON DE MELO

ANAIS DO 3º CLISERTÃO- CONGRESSO INTERNACIONAL DO LIVRO, LEITURA E LITERATURA NO SERTÃO

2ª Edição

Petrolina
Editora e Gráfica Franciscana Ltda
2017

C 749 Congresso Internacional do Livro, Leitura e Literatura no Sertão. (3:2017 .Petrolina/PE)

III CLISERTÃO .Congresso Internacional do Livro, Leitura e Literatura no Sertão: caderno de resumos, artigos e programação. Genivaldo do Nascimento; Wellington de Melo(orgs.)/UPE.Secretaria de Cultura de Pernambuco -FUNDARPE. Petrolina.PE: GRÁFICA FRANCISCANA, 2017.

550p.

ISBN: 978-85-5837-008-0

(Material bibliográfico em pdf)

Disponível em: http://www.upe.br/petrolina

EXPEDIENTE

GOVERNO DE PERNAMBUCO

Governador do Estado
Paulo Câmara

SECRETARIA DE CULTURA

Secretário
Marcelino Granja

Secretária Executiva
Silvana Meireles

Gerente de Política Cultural
Tarciana Portella

Coordenadora de Literatura
Mariane Bigio

Assessores de Literatura
José Jaime Junior
André Härle de Castro Arribas
Yolanda Corrêa dos Santos
Rosilene Silva Marinho de Araújo

Gestores de Comunicação
Tiago Montenegro
Michelle Assumpção

FUNDARPE

Presidente
Márcia Souto

Vice-Presidente
Antonieta Trindade

Superintendente de Planejamento e Gestão
André Cândido

SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Secretária
Lúcia Melo

Universidade de Pernambuco
Reitor
Pedro Falcão
Pró-Reitor de Extensão e Cultura
Renato Moraes

UPE/Campus Petrolina
Diretora
Marianne Loiuse Marinho Mendes
Coordenador do Colegiado de Letras
Kleber Ferreira Costa
Coordenadora de Pós-Graduação e Pesquisa
Cristhiane Maria Bazilio de Omena Messias
Coordenadora de Extensão
Flávia Emília C. V. Fernandes
Coordenador de Graduação
Odair França de Carvalho

COORDENAÇÃO GERAL DO CLISERTÃO
Genivaldo do Nascimento (UPE)
Wellington de Melo (SECULT-PE)

COMISSÃO ORGANIZADORA
Dr.ª Clarissa Loureiro Marinho
Ms. Francisco de Assis Silva Panta
Ms. Genivaldo do Nascimento
Ms. Maria Aparecida Ventura Brandão
Ms. Maria de Fátima Rolim Cavalvanti dos Santos
Ms. Vlader Nobre Leite
Esp. Yolanda Almeida
Dr.ª Rossana Regina G. Ramos Henz
Ms. Maria Gleide Macedo de Souza Santos Pereira
Esp. Maria Silu da Silva Caldeira
Me. Juliana Maria Ferreira de Lucena
Dr.ª Claudia Assad Alvares
Me. Edna Maria Alencar de Sá
Me. Isolda Alexandrina Silva Beserra Lacerda
Me. Kátia Maria Rodrigues Gomes
Ms. Kleber Ferreira Costa
Dr. Peterson Martins Alves Araújo
Dr.ª Renata Ferreira Rios
Dr. Simão Pedro dos Santos
Ms. Zaira Dantas de Miranda Cavalcanti
Me. Relma Lucia Passos de C. Mudo

COMISSÃO CIENTÍFICA
Me. Juliana Maria Ferreira de Lucena (Presidente)

Universidade de Pernambuco
Ms. Ana Patrícia Frederico Silveira
Instituto Federal do Sertão de Pernambuco
Dra. Rossana Regina G. Ramos Henz
Universidade de Pernambuco
Dra. Clarissa Loureiro Marinho
Universidade de Pernambuco
Dra. Dinani Gomes Amorim
Universidade do Estado da Bahia / Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais
Dr. Ricardo José Rocha Amorim
Universidade do Estado da Bahia / Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais
Dr. Josenilton Nunes Vieira
Universidade do Estado da Bahia / Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais
Dr. Luiz Adolfo Andrade
Universidade do Estado da Bahia / Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina
Ms. Francisco de Assis Silva Panta
Universidade de Pernambuco / Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina
Ms. Genivaldo do Nascimento
Universidade de Pernambuco/ Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina
Ms. Maria Aparecida Ventura Brandão
Universidade de Pernambuco
Ms. Maria de Fátima Rolim C. dos Santos
Universidade de Pernambuco
Ms. Vlader Nobre Leite
Universidade de Pernambuco
Esp. Yolanda Almeida
Universidade de Pernambuco
Ms. Wellington de Melo
Universidade Federal de Pernambuco
Ms. Ivanildo Alves de Almeida
Universidade de Pernambuco / Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina
Drª Renata Ferreira Rios
Universidade de Pernambuco
Drª Claudia Assad Alvares
Universidade de Pernambuco

REVISÃO
Genivaldo do Nascimento
Manuela Travasso da Costa Ribeiro
Peterson Martins Alves Araújo
Rossana Regina G. Ramos Henz
Wellington de Melo

"(...) E, alma, o que é? Alma tem de ser coisa inteira supremada, muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta! Decisão de vender alma é afoitez vadia, fantasiado de momento, não tem a obediência legal. (...) Então, se um menino menino é, e por isso não se autoriza de negociar... E a gente, isso sei, às vezes é só feito menino. (...) Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível".

Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa.

SUMÁRIO

8 **Apresentação**

10 **Programação**

Ensaios

18 **LITERATURA, ESCOLA E FORMAÇÃO DE LEITORES** (Marisa Lajolo)

29 **LA LITERATURA BRASILEÑA EN LOS AÑOS 60 DESDE CASA DE LAS AMÉRICAS Y MUNDO NUEVO** *(*Idalia Morejón Arnaiz)

51 **L'AUTRE SERTÃO OU LE SERTÃO DIONYSIAQUE** (Véronique Bulteau)

60 **A PESQUISA E O DETALHE: A *CARDABELA* NA IMAGEM DE SÃO JOÃO DO CARNEIRINHO** (Elisabet Gonçalves Moreira)

67 **LA LITERATURA BRASILEÑA EN AMÉRICA LATINA: MEDIADORES CULTURALES Y CONTEXTOS DE CIRCULACIÓN EN EL SIGLO XX** (Mónica González García)

96 **A FORÇA DAS LENDAS NA CULTURA POPULAR (**Rubia Lossio)

109 **MEMÓRIA DA CAATINGA (**Esmeraldo Lopes)

116 **RELEITURAS DO SERTÃO (**Antônio Torres)

120 **A ALMA E O CORPO DO CORDEL** (Braulio Tavares)

123 **ARTIGOS**

453 **RESUMOS**

APRESENTAÇÃO

O Sertão de Pernambuco, apesar das dificuldades econômicas provocadas, principalmente, pelos efeitos da seca, possui alguns polos de desenvolvimento acelerado. Petrolina e o Vale do São Francisco são um maior exemplo desse desenvolvimento. Porém, o acesso a bens e equipamentos culturais (a inexistência de livraria nessa cidade comprova essa carência), principalmente pelas classes populares, não tem acompanhado o mesmo ritmo.

Para discutir essa problemática e implantar políticas voltadas para a produção, circulação e recepção do livro, foi realizado, em 2012, pela UPE-Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina e Secretaria de Cultura de Pernambuco/Fundarpe- o I CLISERTÃO- Congresso Internacional do Livro, da Leitura e da Literatura no Sertão. Esse Congresso foi realizado com muito sucesso e beneficiou mais de 11.000 pessoas, entre estudantes (da Educação Básica e Superior), escritores, professores e comunidade em geral. Em 2014 foi realizada a segunda edição e, em 2016, o 3º Clisertão. Este último apresentou, como demanda principal, a necessidade de levar às escolas ações na área do livro. Nasceu, então, o Projeto Clisertão Escola, o qual foi realizado em 2017.

A necessidade da realização do CLISERTÃO se justifica, portanto, pela obrigação inerente ao Estado de promover esse debate sobre o Livro, a Leitura e a Literatura no espaço escolar. Essa obrigação torna-se mais forte ainda por tratar de uma região carente desse tipo de debate como é o Sertão/Vale do São Francisco. A realização do CLISERTÃO também se justifica pela necessidade de:

a)Possibilitar à sociedade do Vale do São Francisco, especialmente professores, alunos, produtores culturais e escritores, momentos de reflexão e de vivência que têm o Livro, a Leitura e a Literatura como eixo norteador.

b)Vivenciar atividades voltadas para o universo da linguagem e suas diversas formas de uso;

c)Discutir a implantação de políticas públicas que propiciem o acesso ao livro;

d)Propiciar a interação entre sujeitos de contextos sociais e geográficos diferentes, mas que têm o contato com o livro e/ou a leitura/literatura como elemento em comum;

e)Atualizar os conceitos acerca do Sertão como espaço imagético-discursivo.

f)Discutir políticas de democratização do livro, com foco nas carências das classes populares;

g)Refletir acerca da construção imagética do que se convencionou chamar de comunidade de Língua Portuguesa.

h)Possibilitar aos estudantes da graduação e da pós-graduação, estudiosos e docentes da área de Língua Portuguesa/Educação espaços para a divulgação de seus trabalhos, o aprofundamento de reflexões e a troca de experiências com diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

O CLISERTÃO, portanto, possibilita o debate, com mais consistência, acerca dos três "Ls" (Leitura, Leitura e Literatura). A partir dessa discussão, compreende-se que as políticas de acesso ao livro envolvem um processo complexo porque é uma cadeia de elementos multifacetados

O CLISERTÃO, maior evento da área do livro organizado pelo Governo do Estado de Pernambuco, através da Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina/Colegiado de Letras e Secretaria de Cultura de Pernambuco/Fundarpe, consolida-se, assim, como uma ação de política pública que coloca o acesso ao livro como elemento de democratização do saber.

PROGRAMAÇÃO

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE MAIO

MANHÃ

Ações Descentralizadas

9h às 12h–Ecoleituras

Convidados visitam a Ilha do Rodeadouro

TARDE E NOITE

Auditório UPE - Petrolina

15h – 17h30 | Credenciamento e entrega de crachás/pastas

18h30 - 19h | Concerto com a Orquestra Sinfônica do Sertão

19h20 - Abertura oficial

> Representações da Secretaria de Cultura de Pernambuco, Secretaria de Ciência e Tecnologia, Reitoria da Universidade de Pernambuco, Presidência da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, Facepe, Diretoria do Campus Petrolina/Coordenação de Letras, Prefeitura de Petrolina, Gerência Regional de Educação/Secretaria de Educação de Pernambuco e homenageados do 3º Clisertão.

20h às 22h - Livro e Memória

Conferência com o escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, Antônio Torres, homenageado do 3º Clisertão. Exibição do filme "Antônio, o menino que queria ser Castro Alves" (Brasil, 2015). Mediação Calila Oliveira e Raquel Galvão.

TERÇA-FEIRA, 3 DE MAIO

MANHÃ

Ações descentralizadas

9h - Outras Palavras

Entrega de livros de escritores pernambucanos às Escolas de Referência de Petrolina. Coordenação: Antonieta Trindade (Vice-Presidente da Fundarpe).

Local: Escola Jornalista João Ferreira Gomes.

Escolas convidadas: Dom Helder Câmara, Jornalista João Ferreira Gomes, Simão Durando, NM 11 e Adelina Almeida.

9h - Clisertãozinho

Teatro e Contação de Histórias | Local: Escola Estêvão Rodrigues Coelho (Rajada)

9h às 10h - ClisArte

Arte feita por universitários. Recital Poético.

Com o GEEPP (Grupo de Estudantes Especializados em Perfomances Poéticas) - Curso de Letras da UPE Petrolina. Local: Praça Dom Malan

9h às 12h - Ecoleituras

Convidados visitam a Ilha do Fogo. Contação de Histórias (lendas do São Francisco).

TARDE E NOITE

Feira de livros

15h às 21h

Venda e exposição de livros de autores locais/nacionais/internacionais pela Livraria SBS. Ao lado do Auditório da UPE (parte interna)

Exposição Fotográfica e venda de produtos artesanais. Com a Associação Mulheres Rendeiras.

Exposição Fotográfica Sertão Mundo. Com o Plenus Colégio e Curso.

15h15 às 16h20 - Memórias da Caatinga

Local: Campus UPE - Petrolina

Com o sociólogo e escritor Esmeraldo Lopes e a profªDrª Rúbia Lóssio (Fac. Leão Sampaio Juazeiro do Norte-CE). Mediação prof.Ms. Ivanildo Almeida (UPE Petrolina)

16h30 às 18h - Escritores Indígenas: os sentidos e significados de uma literatura feita por índios

Com o prof.Ms. Leandro Durazzo (UFRN) e o escritor e prof. Dr. Daniel Munduruku (UKA TV-São Paulo). Mediação profªMs. Kátia Gomes (UPE Petrolina)

19h - A crítica, fronteiras e desbravamentos

A poeta Cida Pedrosa conversa com a escritora, pesquisadora, crítica literária e profªMs. Elisabet Moreira, homenageada do 3º Clisertão

20h - Ai Se Sêsse: Recital Musicado

Com o poeta-educador Maviael Melo

QUARTA-FEIRA, 4 DE MAIO

MANHÃ

Ações Descentralizadas

9h - Clisertãozinho

Teatro e Contação de Histórias

Local: Escola Camila Branco (Vila Aparecida/NM12)

9h às 12h • Escuta para a construção do PELLLB – Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca.

Local: Campus UPE – Petrolina

Participação do Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura

TARDE E NOITE

Ações Descentralizadas

Feira de livros

15h às 21h

Venda e exposição de livros de autores locais/nacionais/internacionais pela Livraria SBS. Ao lado do Auditório da UPE (parte interna).

Exposição Fotográfica e venda de produtos artesanais. Com a Associação Mulheres Rendeiras.

Exposição Fotográfica Sertão Mundo. Com o Plenus Colégio e Curso.

19h às 20h30

Livros à mão cheia. Doação, troca e empréstimo de livros. Com o Plenus Colégio e Curso.

Local: Praça 21 de setembro (atrás da Prefeitura)

20h às 21h

Concerto com a Orquestra Sinfônica do Sertão

Local: Distrito de Rajada

15h15 às 16h40 - Mesa e Lançamento de livros

Local: Campus UPE - Petrolina

“A ecologia do Corpo” (Juracy Marques); “Na quadrada das águas perdidas-livro e DVD (Wagner Miranda e Marcos Carvalho); “As palavras que não couberam em mim: do coração à alma” (João Trapiá); ”O Engenhoso Reino do Sertão: nova expedição sagratória ao Quinto Império do Brasil” (Gildeone dos Santos Oliveira); “Estigma” (João Gilberto Guimarães); “Claranã” (Cida Pedrosa); e “Para uma antropologia do Sertão: ecologia e sociologia do cotidiano” (Veronique Bulteau). Coordenação do poeta e jornalista Carlos Laerte.

17h às 18h - Comunicações Orais

18h às 19h - Apresentação de Pôster

19h às 21h30 - Minicursos/Oficinas

QUINTA-FEIRA, 5 DE MAIO

MANHÃ

8h às 12h - Ecoleituras

Convidados visitam a Barragem de Sobradinho, um dos maiores lagos artificiais do mundo.

Saída da Orla. Em frente ao Palace Hotel. Vagas: 40

8h - Tropeiros

Conversa com os jovens autores Matheus José, Ana Luísa Von e João Gilberto (CLAE) nas escolas e doação de livros.

Local: Escola Antonio Padilha (das 8h às 10h), Escola de Aplicação (das 10h30 às 12h) e

Associação das Mulheres Rendeiras (das 15h às 16h).

9h - Clisertãozinho

Teatro e Contação de Histórias.

Local: Escola Luiz de Souza (Serrote do Urubu)

TARDE E NOITE

Ações Descentralizadas

15h às 21h

Venda e exposição de livros de autores locais/nacionais/internacionais pela Livraria SBS.

Ao lado do Auditório da UPE (parte interna).

Exposição Fotográfica e venda de produtos artesanais. Com a Associação Mulheres Rendeiras.

Exposição Fotográfica Sertão Mundo. Com o Plenus Colégio e Curso.

15h15 às 16h30 - Cordel contemporâneo: novos leitores e novos suportes.

Conferência com o escritor, músico e crítico literário Bráulio Tavares. Mediação: profª Drª Dirce Jaeger (UPE-Garanhuns).

Local: Campus UPE - Petrolina

16h40 às 18h - A velha nova geografia da fome: campos de concentração no Ceará

Com o escritor e jornalista ***Xico Sá*** *e o produtor cultural* ***Chico Egídio****. Mediação prof.Ms.* ***Moisés Almeida*** *(UPE Petrolina)*

19h às 20h - De Rasif à Constitución: uma prosa entre memória, lugar de fala e travessias culturais

com os escritores Marcelino Freire e Washington Cucurto (Argentina).Mediação Profª. Drª Paula Santana (UFRPE Serra Talhada)

20h10 às 21h10 - Olhares entrecruzados: para uma antropologia do Sertão - ecologia e sociologia do cotidiano.

Prof. Dr. Lourival Holanda (UFPE) conversa com a pesquisadora Drª Veronique Bulteau (França). Mediação profª Ms. Joelma Reis (Secretaria Municipal de Educação de Petrolina)

21h20 às 22h – Geral-do Brasil

Homenagem realizada pela Uneb, Facape, UPE e Univasf. Com o cantor e compositor Geraldo Azevedo, nos seus cinquenta anos de carreira, e representantes das IES homenageadas. Lançamento do livro Geral-do Brasil. Coordenação prof. Dr. **Juracy Marques** (Uneb)

SEXTA-FEIRA, 6 DE MAIO

MANHÃ

Ações Descentralizadas:

9h - Clisertãozinho

Teatro e Contação de Histórias

Local: Escola Ricardo Rodrigues de Miranda (Caatinguinha)

9h às 11h30 - Minicurso

Local: Campus UPE – Petrolina

Como publicar em E-book: etapas, vantagens e desvantagens da publicação de livros no mundo virtual. Com a profª Drª Sandra Araújo (Coordenadora da Edupe - Editora da Universidade de Pernambuco; professora da UPE).

TARDE E NOITE

Feira de Livros

15h às 21h

Venda e exposição de livros de autores locais/nacionais/internacionais pela Livraria SBS. Ao lado do Auditório da UPE (parte interna).

Exposição Fotográfica e venda de produtos artesanais. Com a Associação Mulheres Rendeiras.

Exposição Fotográfica Sertão Mundo. Com o Plenus Colégio e Curso.

19h30

Peça **"O Santo e a Porca"**. Com a Companhia TPA-Teatro Popular de Arte. Para alunos das escolas públicas estaduais: João Barracão, Eduardo Coelho e Dom Malan e das municipais de Petrolina: Luiza de Castro, São Domingos Sávio, Jacob Ferreira e Anézio Leão.

Local: Teatro Dona Amélia (Sesc)

15h15 às 16h10

Local: Campus UPE – Petrolina

O lugar da Literatura Brasileira na América Latina.

Com a profª Drª Idalia Morejón Arnaiz (USP) e a profª Drª Mónica González (Universidade de Talca-Chile). Mediação profª Drª Cristina Botelho (UPE-Nazaré da Mata)

17h às 18h30 - Ecoleituras

Convidados assistem ao pôr do sol no Serrote do Urubu, local onde se ouve e se vê o rio São Francisco. Saída da UPE.

19h-20h: **Literatura, Escola e Formação de Leitores.** Conferência com a profª Drª Marisa Lajolo (Unicamp). Mediação profª Ms. Maria Rivaldízia do Nascimento (FACAPE e Rede Estadual de Ensino de Pernambuco)

20h10 às 21h - De repente poesia. Com o repentista e escritor Geraldo Amâncio

ENSAIOS

LITERATURA, ESCOLA E FORMAÇÃO DE LEITORES [1]

Marisa Lajolo
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Unicamp
CNPq

Livros em bibliotecas
Lá dos bairros ou escolares
Livros em casa de pobre
Ou de quem come manjares
O dinheiro não importa
Que agora eu abro a porta
Livros em todos lugares.

(Cesar Obeid. Um cordel sobre leiturahttp:// www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=167 2007)

Talvez valha a pena abrir estas maltraçadas definindo os termos que constituem seu título, ao menos o primeiro deles: *literatura* .

O que é, *mesmo*, literatura ?

Tenho certeza de que cada leitor sabe. Isto é, cada um tem uma definição para uso próprio e faz muito bem de tê-la. Pois em matéria de certas definições, a de cada um é tão boa quanto a de qualquer outro ...

Quanto a mim, minha definição pega carona em passagem de um livro de Antonio Candido, onde se lê *(...) a literatura é um aspecto orgânico da civilização (...)*[2]O que mais me atrai nesta formulação é que ela me permite pôr na mesa, já no início da conversa, uma dimensão coletiva e social para a literatura, articulando-a à sociedade, ao mencionar *civilização*. Refere-se o mestre, entendo, à *civilização ocidental*, na qual se inscreve a nossa [3].

É porque a literatura é um aspecto da civilização que, no título deste trabalho, *literatura* acompanha-se do substantivo *escola*, instituição à qual sociedades com o perfil da nossa confiam a tarefa de iniciar os mais jovens em aspectos da civilização que a constituem. Cabe à escola iniciar os mais jovens e

[1] Palestra de encerramento do 3º. CLISERTÃO, em Petrolina (PE), em 06.05.2016.

[2] Antonio Cândido. Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos (1750-1880) RJ. Ouro sobre Azul. p. 25

[3] A dimensão social da literatura é um dos temas mais constantes ao longo de toda a a obra de Antonio Candido .Cf. . Literatura e sociedade RJ: Ouro sobre Azul. 13a. ed. 2014 ;Iniciação à literatura brasileira. RJ: Ouro sobre Azul. 7a. ed. 2015 (1.ed. 1997)

ensiná-los a interagir de forma autônoma, crítica e criativa com aspectos da civilização da qual eles são parte.

Linhas abaixo, o professor Antonio Candido prossegue na discussão, apontando personagens e condições para a existência de literatura: *um conjunto de produtores literários (...) , um conjunto de receptores (...) um mecanismo transmissor que liga uns a outros*.[4]

Nesta passagem, é muito sugestivo o *plural* que coletiviza *produtores* e *receptores* de literatura. Ao coletivizar, democratiza. Coletivizando e democratizando, o texto permite pensar que a literatura não é constituída por um *único* tipo de escritor: nem só por autores premiados, nem só por escritores de obras religiosas, tampouco apenas por poetas, autores de livros infantis ou escritores de best-sellers...

Todos eles juntos – e junto com mais muitos outros – constituem o *conjunto de produtores literários* de que fala Antonio Candido.

Ou será que não ?

Que o digam os leitores. ..

Se uma multidão de escritores constitui um dos polos do sistema literário, outro polo, é constituído pelo conjunto de grupos sociais que os leem.

As crianças que leem Ruth Rocha e Pedro Bandeira, os religiosos que leem Chico Xavier, os que buscam ajuda em Augusto Cury, os apaixonados que devoram romances com cujas personagens se identificam, os *sherlocks* que vão atrás de criminosos em romances policiais – todos estes e muitos outros – constituem o conjunto de receptores, que representa outro dos três polos do sistema literário.

O terceiro polo são os livros.

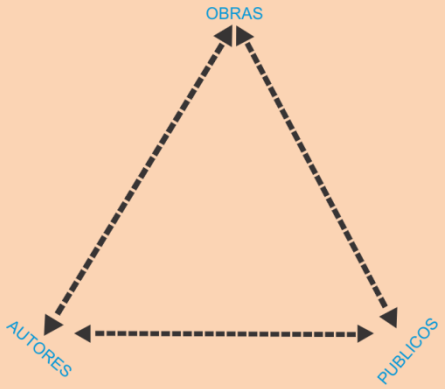
O texto de Antonio Candido instiga a reflexão sobre a pluralidade e diversidade de elementos que unem *produtores* e r*eceptores* , isto é, que ligam *autores* e *leitores* através de *livros*. O que liga (ou, infelizmente, às vezes *desliga)* uns (*escritores*) a outros (*leitores*) não é apenas uma questão de

[4]Antonio Cândido. Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos (1750-1880) RJ. Ouro sobre Azul. p. 25

diferentes estilos e diferentes gêneros. O *mecanismo transmissor* mencionado por Antonio Candido inclui, sim, diferentes gêneros e de diferentes estilos, mas inclui *também* – creio – diferentes linguagens, diferentes suportes e diferentes situações de leitura: livros impressos em papel e livros digitais. Livros *com* e livros *sem* ilustração. Livros-brochura e livros encadernados. Livros lidos por solicitação da escola e livros lidos por vontade própria.

Livros, leitores e autores. Obras, públicos, escritores: é disso que se constitui a literatura .

Aceita esta premissa, pode-se pensar na representação gráfica da literatura através de um triângulo. Nele, um vértice representa *obras/ livros*, outro representa *autores / escritores*, e o outro representa o *público / leitores*. Os lados do triângulo abaixo, representados por setas, pretendem sugerir a dupla direção da relação entre os vértices.

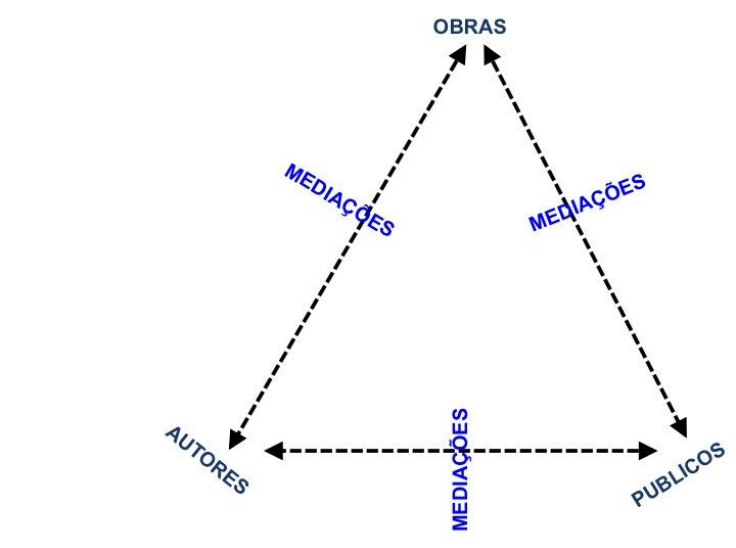


A pertinência desta representação do sistema literário proposta por Antonio Candido confirma-se e se fortalece, por exemplo, pelo enfoque através do qual diferentes vertentes dos estudos literários ocupam-se dos textos sobre os quais se debruçam: diferentes perspectivas dos estudos literários – leia-se *Teorias Literárias*- privilegiam ora um ora outro dos três vértices do triângulo, como ilustram os exemplos abaixo, garimpados em obras de respeitáveis professores e críticos, de larga circulação em cursos de Letras.

ÊNFASE AO AUTOR	ÊNFASE NO LEITOR	ÊNFASE NA OBRA
(...) com efeito, *A mão e a luva, Helena, Iaiá Garcia* e *Casa velha* são, embora muito disfarçadamente, livros autobiográficos. Com mil	(...) o fato é que o autor convoca o leitor a assimilar as informações dispostas no conto. e chega a esses objetivos recorrendo às	(...) a modernidade de sua dicção afere-se pela ousadia e pelo jeito desabrido do léxico e do ritmo frásico , solto. o ponto de referência, e de

cautelas e rodeios, discutiu neles Machado de Assis uma questão que na mocidade muito o preocupou: a luta entre a sociedade e o indivíduo que se quer elevar. O drama do ambicioso, do homem superior vindo do meio humilde. O seu drama. Para instalar-se na burguesia, para alcançar a situação que sabia merecer, teve que romper com o passado, afastar-se de tudo quanto o prendia a uma condição indigna de seu valor, inconciliável com seus gostos, com a sua cultura, com os seus novos amigos, com a mulher ilustrada que desposara	técnicas literárias existentes: manipula com a narrativa onisciente, que lhe faculta expor as oscilações íntimas de Damião e a razão de sua escolha; vale-se das peculiaridades da língua, como a de a voz imperativa , em português ter um significado autoritário e o diminutivo induzir à simpatia de seu portador; joga com as emoções do leitor , que espera até o parágrafo final que o protagonista cumpra com sua deliberação e revele-se efetivamente altruista	aberto contraste, acha-se na prosa de ficção regionalista menor, corrente até a terceira década do século XX; nesta, o registro lingüístico é duplo, mantendo-se entre aspas, ou em itálico, as palavras arcaico-populares e a prosódia rústica, isolando-as ostensivamente do discurso culto, *lócus* que o autor ocupa sempre que assume a sua identidade de narrador. Em Macunaíma , a fusão dos códigos popular e erudito representa uma conquista praticamente nova, (...)
Pereira, L.M.. História da literatura brasileira(prosa de ficção- 1870-1920). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio (1ª. ed. 1950) ; Brasília: MEC. 31. ed. 1973. p,65]	Zilberman, R. Brás Cubas autor Machado de Assis leitor. Ponta Grossa. Editora UEPG. 2012 p.196	Bosi, A. Céu, inferno (ensaios de crítica literária e ideológica) São Paulo: Ed. Ática.1988. p. 133

Dos vértices, passemos aos lados do triângulo, em que se podem inscrever as inúmeras e variadas interações necessárias para a *efetiva* produção e circulação de livros,



O editor que seleciona originais para editar, o revisor do texto e, no caso de um *ebook*, o programador podem ser alguns dos intermediários / mediadores no eixo autores-obras; amigos, professores e anúncios na mídia podem ser alguns dos intermediários no eixo obras-públicos; livros, entrevistas na mídia e feiras literárias podem ser alguns dos intermediários / mediadores no eixo autores-públicos :

A interação entre obras e leitores merece mais atenção nestas maltraçadas.

A expressão *formação de leitores* presente no título deste texto (bem como recorrente no discurso educacional contemporâneo) sugere que *leitores não nascem feitos*. Que é preciso formá-los. Ou seja: que é preciso ensinar as pessoas a ler, e que é preciso despertar nelas senso crítico relativo ao que leem. E, de troco -se possível- procurar fazê-las *gostar de ler* .

E ... por que é que se pode gostar de ler ?

Respostas várias.

Respeitáveis todas.

A minha resposta preferida é que se gosta de ler porque a leitura enriquece a nossa vida. Torna-a mais interessante e intensa. Multiplica nossas vivências, como a poeta Cora Coralina diz que contos de fadas permitindo-lhe viver outras identidades, enriqueceram a vida dela:

> Minhas estórias da Carochinha, meu melhor livro de leitura
> Capa escura, parda, dura, desenhos preto e branco.
> Eu me identificava com as estórias.
> Fui Maria e Joãozinho perdidos na floresta.
> Fui a Bela Adormecida no bosque.
> Fui Pele de Burro. Fui companheira de Pequeno Polegar
> e viajei com o Gato de Sete Botas. Morei com os anõezinhos.
> Fui a Gata Borralheira que perdeu o sapatinho de cristal
> na correria da volta, sempre à espera do Príncipe Encantado,
> desencantada de tantos sonhos
> nos reinos da minha cidade. [5]

Os versos da poeta sugerem que quando lemos um romance, quando assistimos a um filme, quando ouvimos uma história quase sempre nos identificamos como que vemos, com o que lemos, com o que ouvimos. E é nessa

[5] Cora Coralina. *Meu melhor livro de leitura* in Vintém de cobre. Goiania: EUFG, 1984 p. 54-55

capacidade de a literatura provocar *identificação* entre *quem lê* e *o que lê quem lê*, que nascem as relações entre *literatura* e *ensino*.

Tais relações – às vezes – podem tirar o sono de alguns educadores ...

E parece que tiraram mesmo!

O filósofo Platão (427 a.C. – 347 a.C.), por exemplo, ao imaginar sua cidade ideal, alerta para eventuais efeitos perniciosos de certas leituras / histórias :

> (...) será pois preciso, antes de tudo, estabelecer uma censura das obras de ficção, aceitando as que forem boas e rejeitando as más; e trataremos de convencer as mães e amas de que devem contar às crianças apenas os mitos autorizados (...) e evitarão, ao mesmo tempo, que as crianças se tornem mais medrosas [6]

Ou seja: o filósofo sabe que obras de ficção (mitos...) influenciam quem as ouve e quem as lê. E, em seu tempo – tempo em que a educação era assunto doméstico, e não público – a pedagogia de leitura recomendada por ele dirigia-se a mães e amas, recomendando-lhes que policiassem o que se contava ou se lia para crianças.

A questão não é irrelevante.

É, ao contrário, tão relevante, que a própria literatura a tematiza.

A loucura de D.Quixote, protagonista do sensacional romance de Cervantes (obra de 1605), é atribuída ao fato de o fidalgo ser um grande leitor. Ele adorava e devorava *novelas de cavalaria*, histórias muito populares na Europa. Bem no início da história, os leitores são informados de *que del mucho leer, se le secó el cerebro, de manera que vino a perder el juicio* [7].

Será, mesmo, que a leitura pode atrapalhar o juízo ?

Uma passagem da adaptação que Monteiro Lobato fez da obra de Cervantes (D.Quixote das crianças, 1936) retoma e ilustra a questão. No livro, Dona Benta *conta* para os netos a história de D.Quixote e Pedrinho, impressionado com a loucura do fidalgo, se lembra da

---

[6]Platão Diálogos (III) A República (trad. de Leonel Vallandro). Col. Universidade de Bolso. Ediouro p.56; 60)

[7]site de onde foi extraído .

> (...) semana em que caiu em casa aquele livrinho da história de Carlos Magno e dos Doze Pares de França . Comecei a ler e fui me esquentando , me esquentando até quem não pude mais. Minha cabeça virou – ficou assim como a de D. Quixote. Convenci-me de que eu era o próprio Roldão. E fui lá no quarto dos badulaques e tirei aquela espada que pertenceu ao velho tio Encerrabodes, e amolei-a no rebolo, bem amoladinha. E a senhora saiu com Tia Nastácia e Narizinho para visitar o compadre Teodorico, ah! Que regalo! Corri ao milharal e não vi nenhum pé de milho na minha frente. Só vi mouros! Eram 300 mil mouros! Ah! Caí em cima deles de espada, que foi uma beleza. Destrocei-os completamente. Não ficou um só! Que coisa gostosa!

A julgar pelo que conta Pedrinho, a leitura é uma atividade envolvente: Leitura é uma atividade muito envolvente, não é mesmo?

Talvez seja por isso que tanta gente que sabe ler, gosta de ler literatura.

Será ?

Descontada a violência de Pedrinho e o consolo do desconsolo registrado no poema de Cora Coralina, ressalta, em ambos os textos, o envolvimento do leitor com o que lê. Por isso é possível discutir - pelo resto da eternidade! – se se pode e se se deve (em nome do envolvimento provocado) policiar a leitura de certos grupos de leitores, sem esquecer que mulheres e crianças são os fregueses mais constantes do policiamento!

Este profundo envolvimento com o que se lê, e o aprendizado que tal envolvimento promove é registrado em diferentes fontes, não apenas na ficção e na poesia.

Em uma de suas belíssimas Cartas da prisão[8], Frei Betto reconhece a importância – para sua geração- dos quadrinhos e do cinema na transmissão e fortalecimento de certos valores:

> Aprendi a ler no *Pato Donald,* sonhei que um dia seria tão rico quanto o velho Patinhas. Jamais tive simpatia por Donald, cuja vida é uma luta sem êxito, até mesmo em seu amor por Margarida, atraída pela extraordinária sorte do Gastão. Passei minha infância com o Capitão Marvel, Batman e Zorro. Meus

[8] Fr. Betto. Cartas da prisão 1969-1973. RJ : Agir. 2008

> heróis eram os mais fortes, os mais poderosos, os que sempre venciam. [9]
>
> Minha sensibilidade foi educada pelo cinema. Os filmes mostravam-me, de modo mais vivo e cruel, o que já havia assimilado das revistas em quadrinhos. (...) Muitas imagens coloridas desfilavam em meu espírito adolescente. David Niven em seu Rolls Royce, conduzido por um negro do Harlem. Elizabeth Taylor, venerada e adorada como rainha do Egito por milhares de escravos orientais; Gary Cooper esvaziando seu revólver na cabeça de um bandido mexicano; John Wayne semeando a morte entre os índios . Os brancos eram superiores, invencíveis, maravilhosos. [10]

Ou seja: o envolvimento tematizado no poema de Cora Coralina e nos dois quixotes – o cervantino e o lobatiano – é um envolvimento que *educa* , no sentido de sugerir e reforçar valores. Valores que podemos aprovar às vezes, às vezes desaprovar ...

Mas, tem mais: na relação entre *leitores* e *obras*, vale a pena não esquecer que que ela não é espontânea: uma relação positiva, intensa e duradoura entre leitores e livros quase nunca se instala e se fortalece sem mediação.

Entre uma *obra* e seu *leitor*, percebe-se a intermediação de *bibliotecas*, *livrarias*, *vendedores de porta em porta*, ou o *amigão que empresta o livro*. Digamos que estes são os mediadores entre o leitor e o objeto físico *livro*. Mas desempenham também a função de mediadores – agora entre o leitor e o texto – inúmeros e diferentes personagens: membros da família, profissionais, eventos e instituições que tornam um pouco mais concreta – e complexa- a noção de *sistema literário*.

No depoimento abaixo, um testemunho da presença doméstica e comunitária no incentivo à leitura:

> Meu pai tinha uma Bíblia que ganhou na Igreja. Todo dia, bem cedinho, acordava a gente, abria a bíblia ao acaso e lia pra gente o pedaço em que caía. Dizia pra gente decorar, porque o que estava escrito ali ajudava a gente a viver aquele dia. Eu queria muito aprender a ler para poder ler aquele livrão que ensinava a viver. Meu pai morreu antes de eu ir para a escola. Mas quando aprendi a ler fui pegar a Bíblia que ninguém mais lia e tentei ler

[9] Id. Ib. p.108

[10] Id. Ib. p.108-109

> como meu pai. Era súper difícil. Meus irmãos riam de mim. Eu não entendia, tinha um monte de palavras difíceis. Mas eu ia lendo. Aí uma vizinha me mostrou o livro dos provérbios e os evangelhos. Aí a leitura foi ficando mais fácil. Os provérbios eram mais curtos, e os evangelhos tinham histórias do tempo de Jesus. Eu já conhecia algumas destas histórias. Depois parei de ler a Bíblia. Mas foi ela que me ensinou a ler [11].

O depoimento acima, da professora Sydnea, tem – entre outras belezas – a vantagem de registrar aspectos – digamos *técnicos* e *situacionais* – que facilitam, dificultam ou mesmo impedem o prazer da leitura: a motivação (*ler aquele livrão que ensinava a viver)*, a reação dos outros (*meus irmãos riam de mim*) vocabulário (*tinha um monte de palavras difíceis*), extensão do texto (*provérbios eram mais curtos)* e conhecimento prévio do conteúdo (*eu já conhecia algumas destas histórias*) são fatores mencionados no texto. O pai e a vizinha souberam desempenhar – mesmo que não o soubessem- a função de *mediadores de leitura*.

Sorte de quem tem pai e vizinha como os de Sydnea, não é mesmo?

Nem sempre, no entanto, os mediadores de leitura são *externos* ao texto. Eles também podem ser *internos*, como ocorre quando o narrador de um livro dialoga com o leitor, no meio da história.

É, por exemplo, o que faz o narrador de O fantástico mistério de Feiurinha quando – talvez desconfiando que seus leitores não sabem o que precisam saber para acompanhar a história – puxa-os pela mão, explicando-lhes o que são *bodas de prata* .

> Dona Branca estava com uma barriga enorme, esperando seu sétimo filho, para ser afilhado do sétimo anãozinho, que vivia reclamando pelo fato de todos os outros anões já serem padrinhos de filhos de Dona Branca e faltar um para ser afilhado dele.
>
> Dali a uma semana ia fazer vinte e cinco anos que Dona Branca havia se casado para ser feliz para sempre. E, como você sabe, quem fica vinte e cinco anos casado com a mesma pessoa faz uma baita festa para comemorar as bodas de prata.[12]

[11] Lajolo, M (org) História e histórias. Brasília: MEC. 2001 .p. 22-23

[12]Bandeira, P. O fantástico mistério de feiurinha. SP: Ed. Moderna. 1986

A expressão *como você sabe* puxa o leitor para dentro a história, não é mesmo?

Vê-se assim que a mediação entre leitores e livros assume diferentes formas, ocorre em diferentes situações e por diferentes agentes. Prefácios e notas de rodapé também fazem a mediação.

Mas a escola é insubstituível.

São inúmeros os depoimentos que mencionam a escola como mediador privilegiado, mediação também registrada na pauta contemporânea de políticas educacionais e discussões sobre qualidade de leitura.

Com a palavra, um grande escritor, Jorge Amado. Ele conta em sua biografia, em sua autobiografia, que, na escola que frequentou,

> (...) o padre Cabral, para seu deleite e nosso encantamento, declamava para os alunos episódios da epopéia. apesar do sotaque de além –mar, a força do verso nos tomava e possuía. lia-nos igualmente a prosa de Garrett, a de Herculano, cenas de Frei Luiz de Souza, trechos de Lendas e narrativas . Patriota, desejava sem dúvida nos fazer conscientes da grandeza de Portugal, o Portugal das descobertas e dos clássicos. Obtinha bem mais do que isso: despertava nossa sensibilidade (...) para a sedução da literatura, das palavras vivas e atuantes. as aulas de português adquiriram outra dimensão [13]

A mediação entre livros e leitores é fundamental. E a escola, hoje, precisa ser a grande estrela da mediação . A escola através de seus professores como, tenho certeza, cada um de nós – leitores- sabe.

E que fique, na lição que nos deixam os professores e escritores aqui citados, a propósito da importância da *mediação* na formação de leitores, uma provocação:

Quem foram os mediadores que *nos* tornaram leitores ?

Quem sabe as histórias de escritores/leitores aqui reproduzidas inspiram – a cada um de nós – a recordação e a escrita de nossa história de leitura? Quem sabe recordando os mediadores que nos formaram *leitores* – poderemos melhor desempenhar nossa função de *formar leitores* ?

[13]Amado, J. O menino grapiúna. Rio de Janeiro. Ed. Record. 2004. p. 121-129

Vamos escrevê-la ? [14]

[14] Às vezes, um roteiro pode ajudar: que livros aparecem em suas mais antigas lembranças de leitura? Quais são os melhores livros que você já leu em sua vida? E os piores? que figura mais velha é significativa m suas lembranças de leitura? Quais são os / as espaços situações mais marcantes em suas as de leitura ?

LA LITERATURA BRASILEÑA EN LOS AÑOS 60 DESDE *CASA DE LAS AMÉRICAS* Y *MUNDO NUEVO*

Idalia Morejón Arnaiz
Universidade de São Paulo

Casa de las Américas (1960-1971)[15]

Cuando en 1960 se funda en La Habana la revista *Casa de las Américas*, su primer editorial expresa el objetivo de alcanzar la unidad cultural y política inspirada en el ejemplo reciente de la revolución cubana. La creencia en una "concepción de la vida hispanoamericana"[16] indicaba que la lengua española sería el eje que estructuraría tal posibilidad. El propio título de la revista sugería que Cuba sería, a partir de aquel momento, el hogar de la literatura del continente. Sin embargo, desde el punto de vista lingüístico, Brasil era excluido.

Así, la travesía de la literatura brasileña por las páginas de *Casa de las Américas* se integra a un recorte desequilibrado y azaroso, mediado por el discurso ideológico de la revolución. Su presencia no fue ni sistemática ni totalmente representativa; los autores y obras promovidos aparecen en función de construir una estética literaria en consonancia con la política institucional de la revolución. La nueva novela trataba entonces de superar las limitaciones del estilo regionalista en función del cosmopolitismo y de la universalidad, como manera de reivindicar el lugar central de América Latina con relación a Occidente.

Sin embargo, en su lectura *Casa de las Américas* se mantuvo alejada de esta perspectiva moderna, ya que su mayor prioridad era la configuración de un mapa literario que legitimase los objetivos políticos de la revolución – básicamente, su exportación a otros países. Así, el recorte brasileño privilegia la novela regionalista de temática social, con el objetivo de mostrar la injusticia y la miseria existente en los países latinoamericanos.

Vidas Secas, de Graciliano Ramos, es publicada en 1964 por la editorial de Casa de las Américas, y reseñada ese mismo año en el número 26 de la

[15] El año 1971 ha sido tomado como fecha que clausura muchos de los debates ideoestéticos desarrollados en América Latina durante la década del sesenta, pero no coincide con la desaparición de esta revista, que ya cuenta con 44 años de existencia.
[16] "Como haremos". *Casa de las Américas*, La Habana, n. 1, jul, 1960, p. 3.

revista[17]. El autor de la reseña es Jorge Timossi, quien utiliza informaciones periodísticas sobre la gravedad de la crisis agraria en el estado de Pernambuco inmediatamente después del golpe de estado de 1964, para mostrar que la ficcionalidad de Ramos se corresponde con una realidad agreste y desoladora, en la cual las adversidades de la naturaleza se mezclan con la violencia y la injusticia, formando uno de los cuadros más tristes de la miseria en Brasil. De ese modo, la motivación ideológica para la edición cubana se basa en considerar *Vidas Secas* como "una de las novelas más representativas de este increíble estado de deshumanización, de alienación, literatura social y política que desde los años 30 configura la «novela del nordeste»" (p. 165).

El tono de la reseña destaca el lado hosco y difícil de la vida de los personajes, mientras que reivindica la validez del estilo realista para el tratamiento de la temática de la tierra. La estructura lineal es exaltada, por la manera "descarnada" y transparente en que presenta el contenido de los capítulos. En 1964, cuando la novela brasileña se renovaba en los libros de Clarice Lispector o Guimarães Rosa, Timossi afirma que *Vidas Secas* "abre una serie de perspectivas a la narrativa brasileña" (p. 167), llegando inclusive a polemizar con una zona de la crítica brasileña, que veía la novela del nordeste como una etapa finalizada en la década del cuarenta. Así, el peso y la presencia de esta novela en *Casa de las Américas* no está relacionado únicamente con el interés de dar a conocer una zona de la literatura brasileña, sino también con la necesidad de poner en recirculación una estética legitimadora del proyecto revolucionario.

Curiosamente, esta reseña aparece en un número de la revista hoy considerado antológico, ya que fue el punto de partida para la construcción y propagación del *Boom* de la novela latinoamericana. Organizado por Ángel Rama, incluía fragmentos de las obras de Julio Cortázar, Juan Carlos Onetti, Carlos Fuentes, Alejo Carpentier, Ernesto Sábato y Mario Vargas Llosa. En el ensayo "Diez problemas para el novelista latinoamericano" que abría ese número, Rama presentaba y analizaba la nueva literatura continental. El eje hispanoamericano, sin embargo, continuaba siendo el mismo: la moderna literatura brasileña no aparecía en la selección. Aun así, Rama la destaca como

[17] Jorge Timossi, "Graciliano Ramos. *Vidas Secas*". *Casa de las Américas*, La Habana, a. 4, n. 26, oct-nov, 1964, pp. 165-167.

"una de las más diferenciables, autónomas, «nacionales», que haya dado el continente[18]" (p. 14).

A diferencia del reseñista de *Vidas Secas*, Rama se limita a reconocer en Graciliano Ramos apenas al maestro de la novela que pertenece a un momento anterior de la historia literaria de Brasil. Ahora se trata de una obra "monumental", *Grande Sertão: Veredas*, que contrasta justamente con el estilo de Graciliano "por su sabiduría lingüística y su operación de revitalización del habla popular, ascendida a estructuras cultas" (p. 14). Esto es, el crítico uruguayo suscribe como valor la estructura universal del lenguaje ligada a la herencia de las vanguardias europeas de la década del veinte, mientras que la voz institucional representada por Timossi promueve el enfoque sociopolítico, también como valor.

Machado de Assis, Drummond de Andrade.

Paralelamente al énfasis dado a la crítica social, otros autores brasileños son presentados como figuras aisladas, singulares, dentro de la historia de las letras brasileñas. Joaquim Maria Machado de Assis y Carlos Drummond de Andrade representan otra tendencia de la revista, en la que el interés institucional y el personal de Arrufat se cruzan. En 1963 la editorial de Casa había publicado las *Memorias póstumas de Blas Cubas*, y al año siguiente, justamente en el número que sigue a la reseña sobre *Vidas Secas*, la revista publica un extenso artículo sobre Machado de Assis. [19] Con el mismo se inicia la edición número 27, y dentro de la sintaxis del la revista ocupa un espacio central, en el que el prestigio literario de Machado se combina con el prestigio local del autor del artículo, José Rodríguez Feo. Fundador de *Orígenes* en la década del cuarenta, disidente de la misma a finales de los cincuenta y enseguida fundador de *Ciclón*, Rodríguez Feo escribe un texto panorámico sobre el autor de *Quincas Borba* y *Don Casmurro*, que no es precisamente una reseña de la edición cubana de las *Memorias*. [20] El interés consiste en mostrar al lector la vida y la obra de Machado de Assis, y comentar algunas de sus líneas estilísticas y temáticas más

[18] Sería interesante investigar por qué Rama no incluye textos brasileños en dicho número.
[19] José Rodríguez Feo, "Machado de Assis". *Casa de las Américas*, La Habana, a. 4, n. 27, dic., 1964, pp. 12-20.
[20] Joaquim Maria Machado de Assis, *Memorias póstumas de Blas Cubas*. La Habana, Casa de las Américas, 1963. Ya en 1951 la editorial mexicana Fondo de Cultura Económica había traducido y publicado esta novela.

notables: la lucha entre razón y locura, el materialismo como expresión de la indiferencia, el tedio, el vacío de la vida; en otras palabras, la visión pesimista de la vida que tenía el novelista brasileño, y la manera en que muestra las contradicciones entre su personalidad y su éxito como hombre público.

Pero el aspecto interesante que revela este artículo es la lectura social de los personajes –Blas, Bentiño, Rubiao- hecha específicamente para rectificar el consenso de los críticos respecto a la indiferencia de Machado ante los conflictos sociales y políticos de su época:

> Si me detengo en estas consideraciones, se debe a que confirman mi sospecha de que los críticos se han equivocado al presentar a Machado como un hombre aislado de los conflictos políticos y sociales de su época [...] Que Machado no se ocupase en sus romances de temas políticos es una cosa, y otra, que no estuviese consciente de estos problemas [...] Los temas que trata en su obra [...] tienen una raíz social que él comprendió muy bien. (p. 18)

Según la visión de Rodríguez Feo, aun cuando la obra no denuncie o reflexione sobre las contradicciones sociales o de clase, el autor, como individuo, salva el escollo ideológico. Sus palabras sirven para constatar cuáles son los valores que la política cultural de la revista erigió en parámetros de legitimación literaria. Este enfoque aparece también como un espacio de transacción ideológica, como una lectura que, a diferencia de las que según el cubano habían sido hechas por otros críticos, encuentra en la obra literaria elementos que provienen no del contexto en que fue escrita, sino del contexto en que estaba siendo leída.

Una segunda lectura panorámica aparece en este año de 1964. El número 25 publica una presentación de la poesía de Carlos Drummond de Andrade[21], abundante en citas, acompañada de una selección bien nutrida de poemas pertenecientes a los libros más conocidos de Drummond, como *Alguma Poesia*, *A Rosa do Povo*, *Novos Poemas*, *Claro Enigma* y *A vida passada a limpo*. Lo que se destaca es el estilo, herencia del modernismo brasileño y de la poesía de

[21] Jorge Timossi, "Carlos Drummond de Andrade". *Casa de las Américas*, La Habana, a. 4, jul-ago, 1964, pp. 61-73; Carlos Drummond de Andrade, "Poemas", *ed. cit.*, pp. 74-81. Poemas seleccionados: "El sobreviviente", "Aurora", "Muerte en el avión", "Noticias de España", "Estrambote melancólico", "La vida pasada en limpio".

lengua inglesa, mas las particularidades de su propio lenguaje. Los textos publicados son presentados como el testimonio de la más alta poesía universal, colocando a Drummond en la calidad de precursor. Del poeta minero "parten", dice nuevamente Timossi, "varios de los caminos de los que se nutre la poesía que todos sentimos como nuestra" (p. 61).

Aunque muchos de los poemas publicados muestren la preocupación de Drummond por toda la humanidad, su belleza, ayudan a disfrutar de los textos libres del compromiso[22].

1964: un año diferente

Al revisar las estadísticas del Premio Casa de las Américas se percibe que durante su primera década de existencia, la participación de escritores brasileños es prácticamente nula. El aislamiento lingüístico y político confirma la hipótesis del desequilibrio azaroso de este proyecto de unidad continental. Por primera vez, una obra brasileña es premiada[23]. Oduvaldo Viana Filho vence por unanimidad del jurado, en el género teatro, con una obra titulada *Cuatro cuadras de tierra*[24].

Casa de las Américas tenía como política editorial reseñar o publicar fragmentos de obras ganadoras en el concurso literario, y es Antón Arrufat, dramaturgo y entonces director de la revista, quien escribe una breve nota crítica sobre el texto ganador. La brevedad de la nota, así como la manera concisa en que comenta los logros y desaciertos de *Cuatro cuadras de tierra*, reflejan su falta de entusiasmo, su escepticismo en cuanto a la trascendencia de la temática rural. En Brasil, la discusión acerca de la reforma agraria y de las contradicciones entre la modernización de la burguesía industrial y el conservadurismo de los grandes latifundistas, le conferían a tal temática un significado que dentro del contexto cubano había perdido actualidad. La reforma agraria era un hecho consumado, y el teatro cubano, que durante años había padecido el lenguaje panfletario de denuncia social, se encontraba

[22] Mi perspectiva, por otro lado, enfatiza lo ideológico, pues lo que me interesa es detectar la contaminación del discurso estético con el discurso de la crítica social.
[23] Existe el registro de una obra enviada al concurso en 1961, pero como no recibió ningún premio, no se consigna el género, ni el autor. *Cfr*. Inés Casañas y Jorge Fornet, *Premio Casa de las Américas. Memoria*. La Habana, Fondo Editorial Casa de las Américas, 1999.
[24] El jurado estaba integrado por: Isidora Aguirre (Chile), Atahualpa del Cioppo (Uruguai), Vicente Revuelta (Cuba) e Alejandro Verbitsky (Argentina).

entonces en una línea de renovación vanguardista. La denuncia social a través de la tragedia agraria era para Arrufat, que mal conseguía acompañar la política institucional de la revista, una regresión en el desarrollo del teatro.

Así, la obra premiada no es reconocida por la revista de la institución que le dio el premio, siendo evidente que la política de los premios estaba destinada a reconocer obras que denunciasen la situación del campesino en América Latina, las injusticias de los hacendados, y la necesidad de revertir esa situación. La literatura de combate pasa a ocupar entonces un lugar predominante dentro de lo que sería llamado "poética revolucionaria", principalmente por los críticos el predominio de los valores estéticos sobre los políticos[25]. Aun así, Arrufat reconoce como logros de *Cuatro cuadras de tierra*, la ausencia de una "retórica tribunicia", la concepción psicológica del protagonista, y el conflicto de la incomunicación humana, que se hace patente entre dos clases sociales, la del campesino y la del latifundista. Esta obra es la única brasileña premiada en los primeros cinco años de existencia del concurso, y hasta entonces la segunda participante. Si consiguió arrancar el voto unánime del jurado, esto se debe, ante todo, al interés político en mostrar para todo el continente que la función primera de la literatura y del arte en general es la de servir a la lucha de los pueblos por su liberación.

A partir de 1964 y hasta 1971, el año en que encierra todo un ciclo de pequeñas libertades y grandes contradicciones dentro de la revolución cubana, las pocas noticias y colaboraciones brasileñas que aparecen siguen el camino de la denuncia. La sección "Al pie de la letra" acompaña el éxito de las traducciones de Jorge Amado[26]; las declaraciones de los jóvenes intelectuales de izquierda[27]; la postura antiimperialista y a favor de la lucha armada de Antonio Callado.[28]

---

[25]*Cfr*. Emir Rodríguez Monegal, "Literatura y Revolución en las letras cubanas". *Revista Iberoamericana*. Pittsburg. v. xli, n. 92-93, jul-dic, 1975.

[26] Breve noticia sobre la traducción al inglés de la novela de Jorge Amado, *A morte e a morte de Quincas Berro d´Água*. "Al pie de la letra". *Casa de las Américas*, La Habana, a. 6, n. 34, ene-feb, 1966, p. 144.

[27] Reseña sobre el número 257 de la revista *Les Temps Modernes* (out. 1967) dedicada al Brasil. Número organizado por Celso Furtado, con colaboraciones de Helio Jaguaribe, Francisco C. Weffort, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, J. Leite Lopes, Otto-Maria Carpeaux, Antonio Callado y Jean-Claude Bernardet. "Tiempos modernos brasileños". "Al pie de la letra". *Casa de las Américas*, La Habana, a. 8, n. 48, mayo-jun, 1968, p. 154.

[28] "Callado habla desde Hanói". Al pie de la letra. *Casa de las Américas*, La Habana, a. 9, n. 51-2, nov 1968- feb 1969, pp. 265-6. Callado visitó Cuba en 1978, como miembro del jurado del concurso literario Casa de las Américas, en la categoría cuento.

También, poetas como Vinícius de Moraes[29] y Thiago de Mello[30] contribuyeron de forma esporádica, aunque valiosa, a la divulgación de la producción poética brasileña del momento.

Se sabe además que 1964, el año en que Brasil entra el difícil período de la dictadura militar, canceló las posibilidades de integración con Cuba. Una buena parte del silencio y de las insuficiencias del recorte literario hecho por *Casa de las Américas* provienen de esta circunstancia[31]. Pero de cualquier manera, la estética reivindicada era la del estímulo a la crítica social y a la producción de una literatura de combate que legitimase el proyecto ideológico de la revolución.

MUNDO NUEVO (1966-1971)

Mundo Nuevo fue una revista cultural que surgió en 1966 y hasta agosto de 1968 fue editada en Paris; a partir de esa fecha fue publicada en Buenos Aires. Durante la etapa parisina (1966-1968) fue dirigida por Emir Rodríguez Monegal, y posteriormente por el sociólogo argentino Horacio Daniel Rodríguez, hasta 1971 cuando dejó de ser editada. Bajo la dirección del primero, la revista fue dinámica y animada, y su mayor prioridad en esos años fue la celebración de la nueva narrativa latinoamericana, que se vio estimulada en su crecimiento y analizada críticamente de manera tal que pudiese ser recibida como un producto no legitimado por la temporalidad, esto es, por primera

[29] Vinícius de Moraes, "Retrato de mujer". *Casa de las Américas*, La Habana, a. 10, n. 58, ene-feb, 1970, p. 76-7.

[30] Thiago de Melo, "Meditación en el Reino de la Pantera Azul". *Casa de las Américas*, La Habana, a. 7, n. 42, mayo-jun, 1967, pp. 100-1. Este poema fue leído por su autor en el Encuentro con Rubén Darío, celebrado en el balneario de Varadero, entre el 16 y el 22 de enero de 1967. Los poemas leídos en el encuentro fueron recopilados por la revista en el número 42, dedicado a homenajear al gran poeta del modernismo hispanoamericano. El poema de Thiago de Melo, desde el título anuncia su homenaje a Darío y al cuaderno *Azul*. La pantera evoca la sensualidad y la elegancia del lenguaje dariano, pero al mismo tiempo su riesgo. El poema de De Melo es un homenaje, también, a la influencia Del modernismo hispanoamericano sobre la poesía de todo el continente: "Y en su reinado luminoso clavas/ estas huecas raíces de silencio/ que se hunden cantando por la tierra". (p. 101)

[31] A pesar del aislamiento político y lingüístico que mantuvo a Brasil al margen de la política latinoamericanista presidida por la revolución cubana, cabe señalar que en el mismo año del triunfo guerrillero (1959), Fidel Castro realizó una gira internacional que incluyó, además de los Estados Unidos y Canadá, Argentina, Brasil y Uruguay; el 14 de noviembre de 1961 México y Brasil rechazaron la moción contra Cuba presentada en la Organización de Estados Americanos. También, en 1963 se celebró en Brasil un Congreso Continental de Solidaridad con Cuba. Estos datos han sido extraídos de una cronología de los hechos más importantes de la revolución preparada por la Editora Política del Departamento de Orientación Revolucionaria del Comité Central del Partido Comunista de Cuba. Entre el año 1963 y 1969, fecha esta última en que se registra la llegada a La Habana de los revolucionarios brasileños que fueron canjeados por el embajador norteamericano en Brasil, no se registra ninguna otra información. En: *Cronología: 25 años de Revolución*. La Habana: Editora Política, 1987.

vez la consagración de las obras del llamado *boom* de la novela latinoamericana no es presentado desde una perspectiva historicista, según la cual las obras adquieren cierto valor después de pasado algún tiempo. Rodríguez Monegal lee la literatura del momento y la pone a circular dentro de su propia dinámica. El segundo número (agosto de 1966) es notable por incluir un capítulo inédito de *Cien años de soledad*, del colombiano Gabriel García Márquez. En sus primeros números también aparecieron capítulos de nuevas novelas de Carlos Fuentes, Manuel Puig, Guillermo Cabrera Infante y Severo Sarduy.

En la "Presentación" del primer número, la revista declara sus creencias y aspiraciones, ofreciendo al lector una especie de manifiesto:

> El propósito de *Mundo Nuevo* es insertar la cultura latinoamericana en un contexto que sea a la vez internacional, que permita escuchar las voces casi siempre inaudibles de todo un continente y que establezca un diálogo que sobrepase las conocidas limitaciones de nacionalismos, partidos políticos (nacionales o internacionales), capillas más o menos literarias y artísticas. *Mundo Nuevo* no se someterá a las reglas de un juego anacrónico que ha pretendido reducir toda la cultura latinoamericana a la oposición de bandos inconciliables y que ha impedido la fecunda circulación de las ideas y puntos de vista contrarios.

Por eso, el lugar de la enunciación se localiza como imagen desterritorializada de la gran familia literaria latinoamericana, en una ex capital literaria reciclada con el ingreso de los jóvenes escritores latinoamericanos al mercado internacional de bienes y símbolos, por el sentimiento de estar inmerso en una cultura más amplia, fuera de lo que Rodríguez Monegal llamaba "los cotos"; un espacio, en suma, que permitía a "los exiliados voluntarios" despojarse de sus respectivos provincianismos con relación a las metrópolis. Era una forma de romper conscientemente con los tradicionalismos para comunicarse en el lenguaje internacional de una cultura paranacional. En la metrópolis europea, *Mundo Nuevo* y sus colaboradores encuentran condiciones favorables para autolegitimarse como grupo divergente de la norma latinoamericana del compromiso revolucionario, y de la cual la cubana *Casa de las Américas* se constituiría como líder. Está latente en *Mundo Nuevo* la idea de que la literatura latinoamericana, como en otro momento sucedió con la norteamericana, se construye desde afuera: "hay un momento en que una literatura existe y va adelante gracias a sus emigrados"[32], afirma Carlos Fuentes en el primer número de la revista. Para él, la visión totalizadora de la literatura proviene de la vivencia en espacios que contrastan con las realidades locales. También, el clima de renovación filosófica que precedió a Mayo del 68 de modos diversos se

[32] Carlos Fuentes, "Situación del escritor en América Latina" (entrevista de Emir Rodríguez Monegal). *Mundo Nuevo*. Paris, n. 1, jul, 1966, p. 8.

constituyó como síntoma de un mismo fenómeno cultural, como "un resurgimiento del humanismo", de defensa del hombre contra el "sistema", como "futuro del izquierdismo".

No se debe olvidar que *Mundo Nuevo* obtuvo, más allá de sus incuestionables valores literarios, una recepción negativa por la filiación política liberal de sus directores y por la fuente que la financiaba: el ILARI (Instituto Latinoamericano de Relaciones Internacionales) directamente conectado a la Fundación Ford y al Congreso por la Libertad de la Cultura, órgano financiado por la CIA. Ya desde los años 50, en pleno auge de la Guerra Fría, el Congreso era el encargado de contrarrestar la enorme influencia conseguida por los intelectuales de izquierda dentro de la sociedad después de la Segunda Guerra Mundial, cuando la idea del compromiso político comienza a ramificarse en diversas variantes entre los grupos de escritores y artistas de América.

Para la América Hispánica, la antecesora de *Mundo Nuevo* fue *Cuadernos*; para Brasil existió *Cadernos Brasileiros*, dirigida por el profesor Afrânio Coutinho. El hecho de tratarse de revistas institucionales respaldadas por el Congreso por la Libertad de la Cultura, organización fundada en 1950 con el objetivo de insertar el debate sobre la libertad individual del escritor en el contexto de la Guerra Fría, les garantizaba cierta estabilidad financiera, así como espacios de circulación y periodicidad estables. Súmesele a esto otro hecho: el constante apelo a firmas autorizadas para tratar de asuntos literarios, sociológicos, artísticos o políticos.

Uno de los aportes que *Mundo Nuevo* trae a la literatura latinoamericana es su interés por lo continental. Desde el propio título esta publicación se amplifica, se abre al continente, contrario a las imágenes locales de revistas como *Sur* (Buenos Aires, 1931-1970) u *Orígenes* (La Habana, 1944-1956), que se centraron en el valor de construcción de lo nacional, aunque sin comprometer su identificación con lo foráneo. Fue esa perspectiva continental la que le permitió a la revista, desde sus propósitos iniciales, pensar en la literatura del continente fuera del parámetro de la lengua, que le confería hegemonía a los países hispanoamericanos. Rodríguez Monegal, al ver la literatura del momento como un fenómeno de lenguaje "internacional", es uno de los primeros críticos latinoamericanos que desde su revista acompaña y participa en la construcción de un nuevo canon literario para América Latina: el de la llamada "nueva novela" glorificada por el "*boom*". Devolviéndole a la frase todo lo que podría contener de trascendente, podría afirmarse que Rodríguez Monegal fue, entre otras cosas, un "descubridor de talentos", un espíritu sagaz y libre al extremo de acoger y modelar para la historia literaria de América Latina una estética narrativa capaz de desplazar la centralidad del canon europeo. Muy a pesar de los votos negativos de los intelectuales latinoamericanos revolucionarios, en *Mundo Nuevo* Rodríguez Monegal preserva a la

literatura de la exposición constante y prolongada a las confrontaciones y polémicas ideológicas, cuyo asunto central, el compromiso revolucionario, controlaba desde el punto de vista discursivo la circulación de ideas entre América Latina, Europa y los Estados Unidos.

Veremos entonces cómo *Mundo Nuevo* lee la literatura del Brasil, cuáles son los discursos autorizados para dar una imagen cultural y política del mayor país de todo el continente. En primer lugar, el volumen de información que *Mundo Nuevo* aporta sobre Brasil sería tal vez uno de los mayores a los que en los años sesenta una revista latinoamericana tendría acceso. Aunque publicada en París, contaba con corresponsalías y distribuidoras en numerosos países de América Latina, que era el espacio a que estaba destinada. En Rio de Janeiro, la Librería Hachette era la encargada de su distribución, y probablemente algunos de sus corresponsales (cuyos nombres durante el período de Rodríguez Monegal nunca aparecen publicados) estarían vinculados a la veterana *Cadernos Brasileiros* (1959-1970)[33], otra de las publicaciones de la llamada "gran familia liberal". Desde que el argentino Horacio Daniel Rodríguez asume la dirección de la revista y hasta 1971, cuando deja de ser financiada por el ILARI y desaparece, sus vínculos con *Cadernos Brasileiros* se estrechan al punto de traducir casi íntegramente, en el número 33 de marzo de 1969, cuatro trabajos de enfoque sociohistórico sobre la esclavitud, la abolición y los problemas raciales del Brasil, anteriormente publicados en el número 47 de *Cadernos Brasileiros*, entre mayo y junio de 1968.[34] Diferente de Rodríguez Monegal, que era periodista, profesor y crítico literario, el segundo director de *Mundo Nuevo* tenía una formación sociológica que garantizó a los de su clase un espacio privilegiado dentro de las páginas de la revista. Si bien continuó preocupado con los asuntos de actualidad, el recorte que hace deja de ser sustancialmente literario para ocuparse de temas políticos y sociales como el militarismo, los movimientos estudiantiles, el racismo o la reforma agraria.

[33] Sobre esta revista se debe tener en consideración el análisis discursivo realizado por Kristine Vanden Berghe en *Intelectuales y Anticomunismo. La revista 'Cadernos Brasileiros' (1959-1970)*. Leuven University Press, 1997.

[34] Manuel Diegues Junior, "Brasil: El cuadro social después de la abolición de la esclavitud" (p. 4-7); Trajano Quinhones, "Breve sinopsis de la abolición" (p. 8-10); Florestan Fernández, "El drama del negro y del mulato en una sociedad que cambia" (p. 11-21); Bolivar Lamounier, "Raza y clase en la política brasileña" (p. 22-29).
En el número anterior, la propia revista *Mundo Nuevo* había hecho la propaganda del número 47 de *Cadernos Brasileiros*.

Un recorte de recortes

En los primeros números de la revista, la presencia brasileña está limitada a lo que desde París Rodríguez Monegal encuentra en otras publicaciones. En principio, el tipo de información sobre Brasil, más que literaria es cultural: textos críticos sobre literatura o política concentrados en las secciones de análisis de la revista, y breves reseñas o noticias sobre asuntos variados (cine, artes plásticas, teatro, dinámica editorial) agrupadas en la sección ““Sextante”. Bajo la dirección de Horacio Daniel Rodríguez se comprobará que las novedades brasileñas siempre van firmadas por Afrânio Coutinho, principal colaborador brasileño de *Mundo Nuevo*, en un fraterno intercambio institucional entre las revistas del Congreso por la Libertad de la Cultura.

Rodríguez Monegal, por su parte, no revela el nombre de los que él llama corresponsales, tal vez porque las informaciones fueran obtenidas informalmente o por cartas personales, en un momento en que acatar el discurso del poder político significaba escamotear el impacto negativo que el golpe militar de 1964 había causado sobre la sociedad y la vida política brasileña. O tal vez, simplemente, porque no se tratase de notas que presentasen o valorasen los acontecimientos según el discurso de la tradición liberal. Así, reseña la *Revista de Cultura Brasileña*, editada en español por la Embajada de Brasil y dirigida por Ángel Crespo, la cual en el número 16 publicó la primera traducción a una lengua extranjera del poema “Cobra Norato”, de Raul Bopp (MN: 1, 75). Igualmente comenta los altibajos en la calidad de la chilena *Orfeo*, cuyo número 15-16 está dedicado a la poesía de Brasil y recoge, en primer lugar, un homenaje a Cecilia Meireles, “para proseguir”, según palabras del propio Rodríguez Monegal, “con una escuálida muestra de poesía romántica y simbolista de aquel país y concluir con una selección un poco más nutrida de poetas que pueden considerarse modernos, desde Mario de Andrade a Murilo Mendes. Las traducciones, acompañadas de sus originales, dejan bastante que desear” (MN: 2, 63). Obviamente, sus críticas no van dirigidas tanto a la poesía brasileña y sí al recorte que *Orfeo* hizo de la misma; sus consideraciones al respecto dejan entrever una apreciación de la poesía al mismo tiempo personal por el estilo y profesional por el lenguaje, si acaso esto es posible. Se trata de la postura crítica de quien interviene en la conformación de un *corpus* literario continental, con el objetivo de mostrar lo mejor y lo más actual. Al calificar la muestra de *Orfeo* como “escuálida”, Rodríguez Monegal apunta directamente a las fallas de la revista chilena en cuanto a su conocimiento y valoración de la poesía brasileña. Sin embargo, el crítico uruguayo no usa su revista para corregir las fallas de los recortes literarios hechos por otras publicaciones, ya que como se hace evidente, su interés está totalmente volcado hacia la promoción de los escritores y novelas del “*boom*”.

Aun así, el interés que Rodríguez Monegal dedica a cualquier tipo de información inexacta no es menos rigurosa cuando se trata de aclarar malentendidos y afinar las visiones distorsionadas que de la América Latina tienen algunas publicaciones. En general, las secciones "Revistas" y ""Sextante"" están dedicadas a ajustar las ópticas que se desvían hacia los extremos, ya sean éstos ideológicos o de pura ignorancia en el plano cultural. En un párrafo contundente y bien humorado, Rodríguez Monegal critica la ignorancia y la falta de profesionalismo de *Le Nouvel Observateur*, que en su número 69 dedica un artículo a las ligas campesinas en el Nordeste del Brasil afirmando lo siguiente: "Como el Padre Lage, tampoco Julião es de origen popular. Este nieto de latifundistas ha estudiado derecho. Tiene la pasión de escribir, y se le deben algunas obras maestras de la literatura brasileña". Ante el estupor que esta declaración debió producir en cualquier escritor brasileño, incluso en cualquier dirigente de las ligas campesinas, claro, Rodríguez Monegal reacciona ridiculizando, no sin cierta mordacidad, una revista que si de algo parecía no carecer, al menos en Francia, era de prestigio. Comenta entonces Rodríguez Monegal: "Escritos, seguramente, con los conocidos seudónimos de Euclides da Cunha (*Os Sertões*, 1902) o de João Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*, 1956), a no ser que se trate de las *Obras Completas* publicadas bajo el nombre literario de Machado de Assis. En serio: Julião no necesita de tales abogados. Su obra política puede defenderse por sí sola" (MN: 2, 66). La crítica a *Le Nouvel Observateur* se publica en una sección que aparece por primera vez en el segundo número de *Mundo Nuevo* y que en el futuro aparecerá en pocas ocasiones. "SIC" es su título, y le debe su existencia a los errores garrafales que sobre literatura y escritores de América Latina aparecen en algunas revistas, como es el caso de la parisina arriba comentada, lo cual autoriza a su creador a criticar y a corregir, tomando distancia de los que se exponen al ridículo de la falta de rigor profesional, uno de los lemas que marcó su trabajo.

"Sextante", por su lado, actualiza al lector sobre la internacionalización de la novela latinoamericana a través de las traducciones a otras lenguas de las narraciones de Guimarães Rosa (*Sagarana*, 1937) y las tres primeras novelas del ciclo de la caña de azúcar, escritas por José Lins do Rego: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933) y *Bangué* (1934), agrupadas bajo el título común de la primera, traducida al inglés como *Plantation Boy* (MN: 2, 69). También se comenta la censura de libros y filmes existente en el país, así como las relaciones entre la actividad política y la editorial. En el apartado "Editores, políticos y censores" se comenta cómo los dirigentes políticos brasileños, una vez desplazados de sus funciones por la dictadura militar, se dedican a la actividad editorial, como es el caso de Carlos Lacerda, fundador de Nova Fronteira, y Jânio Quadros, que se dedica a la publicación de obras didácticas. Se critica igualmente

la actividad censora de la iglesia católica, que había prohibido el largometraje *O padre e a moça*, de Joaquim Pedro de Andrade (MN: 3, 76-77)

En su primera fase, como se ha dicho, *Mundo Nuevo* estuvo dedicada a celebrar la nueva narrativa latinoamericana, por lo que el recorte literario se centra básicamente en la narrativa. La muestra de la literatura brasileña es hecha por el propio Rodríguez Monegal, que era uruguayo de padre brasileño, y conocía perfectamente el portugués de Brasil. Básicamente, el recorte que hace se centra en la figura de Guimarães Rosa, a través de la cual se presenta el lado internacional y moderno de la literatura brasileña; el autor de *Grande Sertão: Veredas* proyecta la imagen del intelectual constructor del nuevo canon literario, que por su carrera diplomática espejea cierto refinamiento, ya codificado como valor simbólico, a la vez que universaliza lo local, estilísticamente rebajado por el realismo social.

Así, la presencia de la literatura brasileña en *Mundo Nuevo* responde a uno de los objetivos esenciales de Rodríguez Monegal: acabar con "los cotos", con los nacionalismos y los provincianismos que balcanizaban las letras del continente. Este propósito unificador pretende también mostrar la consolidación y la originalidad de una literatura tradicionalmente vista como marginal desde los centros occidentales hegemónicos. Además de proyectar una imagen predominantemente letrada de América Latina, Rodríguez Monegal reconoce a los países por la calidad de sus colaboraciones, por las figuras que desde el punto de vista estético están construyendo el nuevo canon y cuyos presupuestos comparte. Así, la narrativa brasileña que él destaca en su revista es la que trabaja con los valores literarios que tanto él como el resto de los escritores del llamado "*boom*" reivindican: la superación o el rechazo al realismo y la reivindicación de la libertad estética por sobre el compromiso político, lo cual implica entender la construcción de la nueva literatura como un fenómeno de la lengua y no como un cambio que se desprende de los acontecimientos políticos, tal y como la izquierda latinoamericana comprometida con la Revolución cubana defendía.

Separados por la lengua, unidos por el lenguaje.

El número 6 de *Mundo Nuevo* (diciembre de 1966) comienza con un editorial titulado "La otra mitad", donde Rodríguez Monegal trata de acercar, desde el punto de vista de la geografía cultural, a Brasil de América Latina. Si bien el crítico presenta la separación lingüística como una dificultad mal encarada por los intelectuales del área hispánica –a diferencia de los brasileños, en cuyas bibliotecas "no es extraño ver libros en español" (p. 4) -, lo cierto es que el error que *Mundo Nuevo* trata de corregir en el plano literario acaba manifestándose conceptualmente, al excluir al Brasil del concepto de latinidad. Esa otra mitad "no latina" de la América del Sur es presentada en lo que tiene de

semejante con sus contemporáneos de lengua española. Rodríguez Monegal no está interesado en repetir lo poco ya traducido: Graciliano Ramos, Lins do Rêgo y Jorge Amado. Su interés es "reparar una injusticia" (p. 4), y para garantizarlo no encomienda a ningún crítico brasileño la selección de la escueta muestra la cual incluye, además de algunos de los primeros cuentos de Guimarães Rosa, narraciones de Nélida Piñón y la escritura "dura" e "insobornable" de Clarice Lispector. Lo que él denomina una injusticia es el hecho de que, a pesar de Brasil estar experimentando también con el lenguaje de la nueva novela, lo que se conoce de su literatura internacionalmente es apenas el enfoque regionalista: "Aunque este enfoque tiene algún mérito, se basa en algunos presupuestos erróneos. Parece implicar que la novela en Brasil está sólo condicionada por el medio, que sus novelistas están escribiendo sólo dentro de los esquemas del realismo, que la novela en una palabra es una forma documental". (MN: 6, 5)

No obstante, la discusión en torno al realismo, sus modos de lectura crítica, sí aparecen reflejados en la revista. En el número 9 de marzo de 1967 se publica un artículo de Eliane Zagury, también colaboradora de *Cadernos Brasileiros*, en el cual polemiza de forma velada con el enfoque marxista lukacsiano. En "Graciliano Ramos: un clásico" (MN, 9: 49-55), Zagury propone una lectura estética diferente de la sociológica en vigor entre la crítica marxista, argumentando, por medio del análisis estilístico y de las técnicas narrativas, la modernidad estética del clasicismo en las novelas de Graciliano Ramos, *São Bernardo*, *Angústia* y *Vidas Secas*. Primeramente compone un retrato ideoestético del novelista, en el cual aparece como víctima de los defensores del realismo, que realizan lecturas maniqueas de su obra y, al mismo tiempo, como defensor de la independencia del escritor frente a la crítica y las escuelas literarias: "No fue un hombre de profesiones de fe literaria, grupos o escuelas. Nunca renegó de la necesaria soledad e independencia del artista para componer una obra genuina. De ahí la notable diversidad técnica de su obra, que presenta no obstante una unidad muy sólida" (MN, 9: 49). Frente a las expectativas que genera la colectividad, la soledad se erige como símbolo de independencia, y esta última, a su vez, funciona como requisito indispensable para la producción de una obra "genuina". Por otro lado, la "diversidad técnica" de Ramos es presentada como la consecuencia directa de esa libertad creadora.

Del mismo modo que *Casa de las Américas* erige la defensa de la revolución en valor literario, para *Mundo Nuevo* el contenido de ese valor está formado por la manera en que Ramos presenta y resuelve el problema de la expresión, o sea, en sus rasgos técnicos y de estilo.

El artículo de Zagury expone, entre otras cuestiones, una forma de leer el realismo diferente de la realizada por la crítica marxista, la cual, sin embargo, le sirve de punto de partida para desarrollar su análisis del lenguaje en las tres novelas. Existe un interés explicito de la revista en soslayar la discusión ideológica sobre el realismo, pero sin dejar de manifestarse al respecto. De hecho, los párrafos introductorios y conclusivos anuncian un posicionamiento estético alternativo, ante la interpretación sociológica que hace Carlos Nelson Coutinho en su texto "Uma Análise Estructural dos Romances de Graciliano Ramos"[35]:

Establecida así la premisa de que el problema expresivo del personaje es lo que va a crear la estructura formal de la novela de Graciliano Ramos (así como la tipificación social es la que crea la configuración del personaje, como observó Carlos Nelson Coutinho en el artículo antes mencionado), podemos llegar a un concepto del clasicismo estilístico en el autor, teniendo en cuenta principalmente esa misma diversidad de estructura y lenguaje de las tres novelas (MN, 9, 51).

Este contrapunteo con la crítica marxista marca también las tensiones por la apropiación del legado estético del autor de *Vidas Secas*. Para Coutinho, los valores literarios de la obras de Ramos provienen de su lectura del contexto social, mientras que Zagury defiende la idea de que la literatura debe ser estudiada en planos que recojan, a través de la sustancia lingüística, sus vínculos con diferentes versiones de lo real, en lugar de reducirlas a la relación causal entre obra y contexto.

La perspectiva adoptada por Rodríguez Monegal es la que analiza la literatura fuera de los moldes del realismo, la que muestra el cambio de la norma literaria y coloca al Brasil en una relación de igualdad con las letras hispanoamericanas. En la valoración con que el director de *Mundo Nuevo* introduce los textos brasileños muestra cómo lo que él llama "dicción nacional" (p. 5), esto es, el enfoque regionalista, termina convirtiéndose en un "callejón sin salida" (p. 6) para la literatura brasileña, por la manera superficial con que se trata el lenguaje, y por sus vínculos estrechos con el realismo que no experimenta, que no es creador. Guimarães Rosa aparece entonces como el escritor que cambia la naturaleza del enfoque de la realidad, por la diferencia de profundidad que existe en su obra, independientemente del tema, que continúa siendo regionalista. Para Rodríguez Monegal, la profundidad de la obra del autor de *Grande Sertão: Veredas* está dada por el dominio de las técnicas

[35] *Revista Civilização Brasileira*, a. 1, n. 5-6, marzo de 1966.

narrativas, en especial del monólogo, a través del cual el protagonista "crea un mundo" (p. 9); también, por la maestría con que este autor supera lo que él denomina "las trampas del realismo".

Otro elemento interesante levantado por Rodríguez Monegal es mostrar que las influencias literarias tanto de Guimarães Rosa como de los escritores hispanoamericanos del *Boom* –la novela experimental europea y la moderna narrativa norteamericana de la primera mitad del siglo XX- acaban determinando sus confluencias en una misma corriente literaria de carácter paranacional. Menciona, por ejemplo, las semejanzas entre *Grande Sertão: Veredas* y *La casa verde*, de Mario Vargas Llosa, mientras que en el plano del lenguaje acerca la obra de Guimarães Rosa de la de James Joyce, ya que ambos magnifican mundos esencialmente verbales. Pero lo que según el crítico uruguayo diferencia a Guimarães del resto de los novelistas brasileños es la sutilidad con que en su obra cruzó la línea que separa lo regional de lo universal. Una crónica y fragmentos de trabajos ya publicados sobre la figura y la obra de Guimarães Rosa aparecerán nuevamente en la revista, a propósito de su muerte, acompañados de otros dos relatos de *Primeras historias*: "Ninguno, ninguna" y "El caballo que bebía cerveza" (MN: 20, 17-24).

Además de presentar a quien él considera la gran figura de las letras brasileñas, Rodríguez Monegal introduce al grupo de escritores vinculados al llamado Novo Romance Brasileiro, en cuya denominación se reconoce la influencia del *nouveau roman*. Dentro de este grupo distingue a los que adaptan "ingeniosamente" esta corriente literaria francesa de los que constituyen "realmente" un nuevo movimiento. Clarice Lispector se erige en "el maestro aceptado de la novela experimental de los años sesenta", apenas comparable a Virginia Woolf. Según Rodríguez Monegal, para leer a Lispector se necesita de un "gusto adquirido", mientras que la narrativa de Guimarães Rosa aparece como más atractiva por ser más universal. Sin embargo, lo que al crítico le interesa destacar en ambos es "la importancia del lenguaje creador en la novela". Al ubicarlos dentro del contexto latinoamericano, Lispector y Guimarães Rosa se erigen en los representantes visibles de determinados estilos literarios en las letras brasileñas, que entroncan con idénticos rasgos, igualmente visibles en la ficción hispanoamericana de los años sesenta.

La presencia de estos escritores en las páginas de *Mundo Nuevo* sirve no sólo para ilustrar la expansión y hegemonía de cierto modelo literario, sino también su función legitimante ante el poderío de los enunciados políticos que circulaban y controlaban el discurso de los intelectuales de izquierda comprometidos con la Revolución cubana, con las guerrillas y con las luchas de las minorías. Para Rodríguez

Monegal, son estos los escritores que permitieron tomar conciencia "de que el realismo documental (o socialista, como también se le llama) está liquidado; que el regionalismo como mera expresión del color local está muerto; que el verdadero y único compromiso del novelista como tal es con su visión personal del mundo y con su arte" (MN: 6, 13).

Podría afirmarse, pues, que *Mundo Nuevo* se constituye, desde el punto de vista teórico, en acta de defunción del realismo social, y que es en función de ese interés renovador del canon literario que incluye o excluye autores y obras. Podría afirmarse también que se trata de un interés personal de su director, cuya libertad para preparar cada número de la revista le había sido garantizada por su agente financiador. Sin embargo, esto no significa que *Mundo Nuevo* se haya visto totalmente libre de los compromisos institucionales.

A este panorama equilibrado y compacto de las letras brasileñas, en el que predomina el criterio de la renovación estética, se le suma como nota disonante una reseña de Luro Bro sobre el periodista, novelista y autor teatral Guilherme Figueiredo. Esto, ya en el número 4 de la revista, o sea, dos números antes de presentar a la "nueva narrativa brasileña". Esto se explicaría únicamente desde el punto de vista institucional, ya que Figueiredo era en aquel momento Agregado Cultural en París de la Embajada brasileña, esto es, representante oficial del gobierno militar, con cuyo cargo jamás habría conseguido publicar una sola línea en las revistas latino-americanas más activas del momento, como *Casa de las Américas* (Cuba), *Marcha* (Uruguay) o *La Rosa Blindada* (Argentina), que eran rigurosamente controladas por los intelectuales de izquierda en guerra declarada contra el liberalismo. A través del texto de Luro Bro, *Mundo Nuevo* muestra la otra cara de la moneda que completa el capital intelectual del continente. Muestra, y ése es uno de los grandes empeños de Rodríguez Monegal, que los valores artísticos y literarios ocupan la primera posición en la escala de las prioridades del escritor. De cualquier manera, la figura de Guilherme Figueiredo y la repercusión que según *Mundo Nuevo* tuvo en Europa su obra teatral *La zorra y las uvas*, se encuentran bastante distantes del modelo estético que el crítico uruguayo se había empeñado en promover. Para el reseñista, la clave del éxito de este autor brasileño reside en "los valores puramente teatrales que encierra" y en "la frescura de un mensaje humano no comprometido que permite a cada auditorio interpretarla en relación con los problemas más candentes de cada país" (MN: 4, 73). Así, la presencia de

Guilherme Figueiredo en las páginas de la gran promotora del "*boom*" de la novela podría ser interpretada como una estrategia institucional con el objetivo de mantener en circulación autores y obras cuyos enunciados ideológicos promuevan una imagen aséptica del intelectual liberal.

El Concretismo: ese ausente presente.

Una ausencia llama poderosamente la atención en la primera etapa de *Mundo Nuevo*: si bien publica selecciones de la joven poesía de algunos países hispanoamericanos, la brasileña, tradicionalmente reconocida por sus nombres ilustres –Drummond, Bandeira- y aclamada bajo el impacto del Concretismo brilla por su ausencia. Aventurar la hipótesis de que esta omisión estaría justificada por el gusto y la formación literaria del primer director de *Mundo Nuevo* no se sustentaría, si pensamos en el impulso que la revista dio al uso experimental del lenguaje. Sería interesante investigar si a mediados de los años sesenta el grupo de poetas concretistas de São Paulo había conquistado plaza en los círculos intelectuales de Rio de Janeiro, donde Rodríguez Monegal tenía más contacto, y si, por otro lado, estos poetas concretistas estaban interesados o no, por sus filiaciones ideológicas, en colaborar con una revista liberal. Lo cierto es que, más allá del objetivo central de *Mundo Nuevo* (promover la "nueva novela" latinoamericana), tampoco se puede afirmar que las colaboraciones de poesía que aparecieron en la revista fueron accidentales. Por su presentación y organicidad se puede observar que se trata de colaboraciones encomendadas y rigurosamente escogidas. Pero en el caso brasileño, apenas una antología de poesía es reseñada en apenas veinte líneas; se trata de la *Antología da Moderna Poesia Brasileira*, publicada en Rio de Janeiro por las Ediciones Orfeo (MN: 17, 89).

Si bien bajo la dirección de Horacio Daniel Rodríguez *Mundo Nuevo* da prioridad al enfoque sociológico y desvía su atención hacia temas esencialmente históricos y políticos, la literatura –y la cultura brasileña en general- aparece recogida bajo una perspectiva absolutamente panorámica; se trata de valoraciones generales presentadas a un público hispanoamericano según los ultrapasados métodos de análisis estilístico, justo en un momento en que los análisis estructuralistas presentaban nuevas interpretaciones de géneros y discursos. En casi todos los artículos se trata de resaltar los elementos

nacionales que definen la originalidad del arte y la literatura de Brasil. Generalmente el recorrido histórico se justifica como soporte para la presentación de las más recientes manifestaciones artísticas que signifiquen renovación, apertura, contemporaneidad.

Aparecen entonces algunas colaboraciones sobre poesía, literatura y teatro: el profesor Afrânio Coutinho escribe sobre el "Espíritu nacional en la crítica brasileña" (MN: 28, 54-64), que contiene un enfoque analítico bien diferente del que *Mundo Nuevo* promoviera durante la dirección de Rodríguez Monegal. Coutinho trata de mostrar el desarrollo progresivo alcanzado por el sentimiento de nacionalidad en la producción literaria brasileña, desde el período barroco hasta el Modernismo, poniendo de relieve lo nacional y lo regional como elementos de integración a lo universal. El enfoque histórico de Coutinho tiende a resaltar los valores culturales brasileños, pero los limita en su interacción con la cultura universal vista como museo, por lo que su interpretación de la cultura brasileña, diferentemente de Rodríguez Monegal, se detiene más en el efecto acumulativo del desarrollo histórico, que en las rupturas de la contemporaneidad.

En ese mismo número, el periodista y poeta Walmir Ayala publica, en un estilo más vigoroso y despojado, una valoración bastante personal aunque igualmente periodizadora y panorámica, que llega hasta "La novísima generación de poetas brasileños" (MN, 28: 65-69). Ayala, que se agrupa junto a los poetas concretistas, apenas comenta cuál había sido hasta ese momento la presencia del Concretismo tanto en Brasil como en el exterior. Su artículo enfoca a esta "novísima generación" como "un coro" y critica a la del 45 como la hacedora de una "pésima poesía política, llorona y grandilocuente, queriendo romper banderas a golpes de navajas de oro", con la excepción de João Cabral de Melo Neto. De esta manera, la presencia del movimiento concretista se hace aún más notable por su ausencia, y se alza solitaria entre generaciones cuyos defectos no rebasan las propias circunstancias en que surgieron. Para Ayala, el Concretismo realiza contribuciones formales que lo legitiman como movimiento y como expresión de una poesía revolucionaria, "por la estructura del poema, por la abolición del verso, por la valorización del espacio gráfico, por la investigación de la esencia de la palabra, de la reinvención del mundo poético a partir de cero" (MN: 28, 66). Por otro lado, no realiza ninguna crítica a los

poetas concretistas, con lo cual autoriza a su grupo como el único original, que consiguió renovar el lenguaje poético sin necesariamente tener que someterlo a otros lenguajes, como el de la política o del discurso social.

Su artículo puede considerarse también como una denuncia de la elitización de la crítica canónica, que solamente se ocupaba de figuras consagradas, como Camões y Machado de Assis, olvidando la intervención de las expresiones artísticas experimentales de esas últimas décadas. A pesar de publicar este artículo con el interés manifiesto de promover el trabajo de los jóvenes poetas brasileños, al tiempo que los sitúa como continuadores del Concretismo, muestra también su lado empobrecedor: "Hasta hoy, imposibilitados de un lenguaje discursivo que refleje su rebelión, apelan a esta reclusión amarga de lidiar con las palabras, cosificándolas, dinamitándolas en el verso para arrojar (según dicen ellos) la joya de su verdad. A mi ver, lo que hacen es empobrecer más su poesía" (MN: 28, 66).

Para justificar su afirmación sobre la inexistencia de voces disonantes en el coro de los novísimos, este periodista, crítico y poeta toma algunos ejemplos "al azar", como "indicios de caminos y de aprendizaje técnicos alcanzados por una generación que vio pasar muchas cosas desde el nacimiento de nuestro modernismo" (MN: 28, 67). Bajo este criterio, azaroso y amargo sobre la poesía predominantemente rebelde y social, pero nada creativa en sus rasgos formales, Walmir Ayala escoge para su selección (bilingüe) poemas de Julio Jose de Oliveira, Pedro Lourenço, Fernando Rios y Eduardo Alves da Costa, cuyas obras inútilmente he tentado rastrear en los catálogos de las bibliotecas universitarias de São Paulo. Tal vez el juicio de Ayala no estuviese del todo desacertado.

Al leer la segunda etapa de *Mundo Nuevo*, se hace evidente que ante la salida de Rodríguez Monegal la alternativa crítica que la revista encuentra para garantizar la presencia de la cultura brasileña en sus páginas es la que la figura de Afrânio Coutinho le ofrece a través del vínculo institucional con *Cadernos Brasileiros*. De la fase valorativa la revista transita hacia la fase panorámica, donde la generalización excesiva en el tratamiento de géneros y autores apenas contribuye para promover a la literatura brasileña de los años sesenta por sus valores estrictamente literarios del modo en que lo hizo Rodríguez Monegal. Treinta y cinco números después de Rodríguez Monegal haber presentado su enjundioso artículo sobre la nueva narrativa brasileña, el propio Coutinho apela

a la figura de Guimarães Rosa y publica un relato inédito en español, "El Emperador", precedido de un brevísimo análisis del mismo. La traductora, Haydée M. Jofre Barroso, introduce por su lado una nota en la que comenta las singularidades de la lengua empleada por Guimarães, considerándolas la base del criterio de traducción por ella adoptado.

De manera general puede afirmarse que la literatura brasileña no perdió espacio dentro de las páginas de *Mundo Nuevo*, pero el nuevo giro interpretativo adoptado por su segundo director empobreció la calidad de los trabajos, que en lugar de analizar en profundidad un momento tan fecundo de su literatura, lo diluyó en el diacronismo e hizo caer temporalmente en el olvido el proyecto inicial de la revista.

Para terminar podríamos preguntarnos: del recorte de la literatura brasileña hecho por *Casade las Américas* y *Mundo Nuevo* durante la década del sesenta, ¿qué es lo que ha perdurado? Si bien es cierto que con el paso del tiempo las revistas envejecen, las obras se publican y algunos escritores dejan de producir buenos textos, la muerte o la perennidad de una revista depende en buena medida de su afán totalizador, y de su capacidad de captar en el riesgo de su propia coyuntura los rasgos que modifican, enriquecen e impulsan a la literatura de un país o de todo un continente. De las letras brasileñas, la revista cubana se empeñó en mostrar los vínculos sociohistóricos que esta literatura mantenía con el resto del continente, mientras que *Mundo Nuevo* se interesó por destacar los elementos que muestran al lenguaje como una estructura universal capaz de rebasar los límites nacionalistas, en un momento en que el mundo se masificaba y la novela hispanoamericana se afincaba en los centros hegemónicos llevando el augurio de grandes bonanzas.

Bibliografía

Cadernos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1959-1970.

Casa de las Américas, La Habana, 1960.

Casañas, Inés y Jorge Fornet, *Premio Casa de las Américas. Memoria*. La Habana, Fondo Editorial Casa de las Américas, 1999.

Cronología: 25 años de Revolución. La Habana: Editora Política, 1987.

Emir Rodríguez Monegal, "Literatura y Revolución en las letras cubanas". *Revista Iberoamericana*, Pittsburg, v. xli, n. 92-93, jul-dic, 1975.

Kristine Vanden Berghe, *Intelectuales y Anticomunismo. La revista 'Cadernos Brasileiros' (1959-1970)*. Leuven University Press, 1997.

Mundo Nuevo, Paris, 1966 – Buenos Aires, 1971.

Carlos Nelson Coutinho, "Uma análise estrutural dos romances de Graciliano Ramos". *Revista Civilização Brasileira*, a. 1, n. 5-6, março de 1966.

L'AUTRE SERTÃO OU LE SERTÃO DIONYSIAQUE

Véronique BULTEAU

C'est un grand honneur pour moi d'être invitée à ce troisième CLISERTAO.

Je voudrais remercier ici mon amie Élisabeth Moreira de l'aide qu'elle m'apportée lors de mes travaux de recherche, en 1992 et de m'avoir invitée aujourd'hui à participer à ce congrès. Je remercie également chaleureusement Genivaldo do Nascimento qui a organisé ma venue à Petrolina.

C'est avec beaucoup de joie que je viens de nouveau à Petrolina, la capitale du Sertão Pernambucano pour échanger avec vous sur le Sertão.

Dans un premier temps, je vous conterai comment j'ai rencontré le Sertão et les Sertanejos. Puis, je focaliserai mon récit sur ce que j'ai vécu à Caititu.

Enfin, j'utiliserai les concepts des théories anthropologiques pour décrire et analyser un autre regard sur le Sertão.

Découverte du Sertão et question initiale.

Au début, il y a un rêve, celui d'aller au Brésil et découvrir ce pays grandiose.

Alors, lorsque je suis allée en Guyane française pour visiter un ami, voyager au Brésil, si proche, s'est imposé à moi.

Lors d'un voyage en bus pour Fortaleza, j'ai rencontré des Brésiliens qui m'ont invitée à aller avec eux dans leur famille à Santa Quitéria, dans le Sertão Cearense.

J'y ai rencontré des personnes heureuses de m'accueillir et de me faire partager leur vie au Sertão.

Une population d'une grande simplicité munie d'une capacité d'accueil sans retenue et d'une extrême patience, mon portugais d'alors était très sommaire. Cette patience était guidée par une soif de connaissance réciproque : ces personnes étaient très curieuses de découvrir l'étrangère que j'étais, de connaître ma vie en France, la France, ma famille. Je souhaitais découvrir également ce qu'était la vie au Sertão. Nous avons échangé des heures sur tous ces sujets. Et j'ai ressenti de la vie au sens dynamique et créatif de ce terme.

Je ne retrouvais pas ces êtres misérables, frustes et limités, obnubilés par leur survie, décrits dans la littérature et le discours des populations du littoral.

Mon arrivée, un anniversaire, un oncle de passage, tout paraissait prétexte à faire la fête, à organiser un Forro.

Ainsi, je notais que cette observation et ce vécu différaient des descriptions du Sertão données dans les ouvrages académiques et les médias.

Par exemple, Josué de Castro[36], intitule le chapitre III de son ouvrage – *Une zone explosive, le Nordeste, « 900 000 km2 de souffrance »*. Cet auteur, originaire de Recife donc du littoral nordestin, réalise une analyse socio-économique du Nordeste. Il conclut que le Sertão est souffrance de l'homme et de la terre, souffrance qui marque le paysage.

Autres termes évocateurs du Sertão, Hervé Théry[37] intitule le chapitre 6 « *la région problème : le Nordeste »*, et le sous titre est encore plus suggestif « *Une région épave »* !

Parallèlement à ces attributs péjoratifs et morbides, les discours théoriques et les études portant sur le Sertão posent le constat d'une société archaïque, sous développée, enfermée dans ses traditions et posent la nécessité absolue d'y remédier, de modifier cette société. Pour cela, ils proposent des solutions rationnelles et techniques : moderniser, irriguer, développer économiquement cette région.

Les descriptions de la vie sertaneja semblent se caractériser par une absence, d'une part de la dimension compréhensive, au sens sociologique du terme, des faits observés et, d'autre part, d'une problématique anthropologique spécifique au Sertão. Ces relations s'inscrivent dans des ouvrages généraux relatifs au Nordeste ou au Brésil dans son ensemble.

Ainsi, je décidais, de retour en France de poursuivre mes études d'anthropologie en choisissant le Sertão comme terrain de recherche. Mon étude part de la confrontation entre les récits et analyses du Nordeste et la réalité du terrain.

La question initiale était de percer le mystère de la joie de vivre de ce peuple que j'avais observée, quand tous les ouvrages, récits, comptes-rendus parlent de souffrance.

Il s'agit bien d'un mystère dans le sens où cet art de vivre ne semble partager que par le peuple sertanejo, puisqu'il parait infernal pour l'autre, le non-Sertanejo.

Cette joie de vivre qui se manifeste par une vitalité, un sens de la fête et un hédonisme, tels que je les ai observés.

En effet, une première question s'imposait : comment se fait-il que le Sertão soit décrit d'une façon négative ? Laquelle en engendra une seconde : quels sont les critères d'une vie « supportable », et pour la culture des narrateurs, et pour celle des Brésiliens extérieurs au Sertão, et pour le Sertanejo ?

---

[36]CASTRO DE Josué, *Géographie de la faim*, Paris: Seuil, 1964.

[37] THERY Hervé, *Le Brésil*, Paris: Masson 1989, 1ère ed. 1985

Par vie « supportable », nous entendons ce qui permet l'expression d'une joie de vivre et de ses manifestations décrites ci-dessus, c'est à dire une jouissance du monde tel qu'il est donné.

Pour autant, je ne nie pas la réalité décrite par les analyses et récits académiques, ce qui m'importe ici c'est de montrer que le Sertão n'est pas que souffrance et sécheresse. Je souhaite parler d'une autre réalité du Sertão, d'un autre Sertão.

En réponse aux études socio-économiques, je pose la question : quel est le sentiment du Sertanejo ?

De cette question, j'ai construit la problématique spécifique de ma recherche : quel est le principe ou sentiment qui permet une agrégation sociale, sa perdurance et sa dynamique au Sertão, en milieu semi-aride, soumis à des cycles de sécheresses ? Par agrégation sociale, il faut entendre ici la définition qu'en donne Michel Maffesoli à partir des indicateurs mentionnés par Emile Durkheim dans ses différents ouvrages. Cette définition pose l'existence d'un lien organique, basé sur l'affectif, la commune manière de penser, de ressentir et d'expliquer le monde.

C'est ce qui « fait », une communauté, une culture, la culture Sertaneja.

Présentation de ma recherche, méthode et terrain

Mon objectif était très clair : je souhaitais vérifier mes hypothèses à partir de l'observation du quotidien d'une communauté du Sertão.

Ainsi, après divers contacts à Recife et à Petrolina, j'ai rencontré la secrétaire de l'éducation de la municipalité de Petrolina, et je partis pour Caititu avec les professeurs enseignants dans les écoles rurales.

Je restai là, 5 semaines, hébergée dans la maison des professeures.

La méthode utilisée relève de la méthode hypothético-déductive : la construction part de l'observation, observation participante.

La difficulté de l'anthropologue en situation d'observation participante est qu'il ne peut prétendre "être" de la communauté. En outre, sa présence modifie la réalité qu'il se propose d'observer et d'étudier. Cependant le savoir faire de l'anthropologue, son humilité et son humanisme le font accepter rapidement par la communauté.

Souvent, ce sont deux, trois personnes qui vont devenir ses sources d'information principales et ses "ambassadeurs" qui le feront accepter par la communauté.

Consciente de ce hiatus, je tentais de vivre au quotidien comme un Sertanejo. Ainsi, hébergée dans la maison des professeures, une petite maison typiquement sertaneja de deux pièces, une pour la cuisine, et l'autre où pendent les hamacs que l'on déroule le soir pour se coucher, j'y déroulais mon hamac le soir et l'enroulais le matin.

Chaque jour, je participais à la vie domestique et observais la vie quotidienne. Très vite, je fus informée des évènements de la communauté et invitée à y participer : les journées de fonctionnement de la casa de farinha, une neuvaine (nous étions en période de carême), une foire à Dormentes, augurant de son futur statut de municipio. En effet, ce jour là était le jour d'inscription sur les listes électorales pour la population concernée. Trois baptêmes ont été célébrés simultanément le matin, et deux mariages l'après midi. Le prête ne vient qu'une fois par mois à Dormentes, et peu de lieux des environs disposaient d'une église. Caititu n'avait alors pas d'église.

J'ai eu l'occasion d'expérimenter le savoir médicinal local, basé sur la connaissance des plantes et des arbres de la forêt : feuilles, racines, écorces, fruits, en infusion ou décoction sont les remèdes traditionnels.

A chaque symptôme correspond une plante. Si le souffrant présente plusieurs douleurs, une seule infusion est préparée avec les différents ingrédients pour chaque douleur.

Terrassée par une grippe que les antibiotiques dont je m'étais munie ne réussissaient pas à éradiquer, le remède local m'a été appliqué. Dans un premier temps, on m'a prescrit une infusion de feuilles de genipapo, puis un verre du cocktail suivant : miel-citron-ail, recette connue de nos grand mères européennes, et une infusion de pitanga et eucalyptus.

Afin de bien faire fuir le mal, un ultime remède m'a été prescrit : le bain de tête d'Alecrim pendant vingt minutes. Le processus est le suivant : la décoction doit être préparée le soir puis laissée à l'extérieur toute la nuit car elle doit prendre la « chose » de la nuit. Au matin, il est procédé au bain de tête puis à l'inhalation de la décoction.

Ce remède s'est révélé très efficace, et je fus guérie.

Mes parcours, à pieds ou en charrette tirée par un mulet, de roça en roça, mes courts séjours dans les familles qui m'ont accueillie, et que je remercie vivement ici, les entretiens formels et informels, m'ont permis de recueillir un précieux matériel que j'ai ensuite croisé avec les lectures sociologiques et anthropologiques relatives au Sertão.

De ce matériel, il ressort l'ambivalence du Sertanejo en lien avec son milieu ambiant fait de pluies et de sécheresses. C'est ce caractère fondamental qui m'a amené à qualifier le Sertão de dionysiaque. En effet, le caractère du dieu Dionysos est double, l'allégresse des fêtes, hommage au breuvage sacré qu'est le vin, et le tragique l'intégration de la mort à la vie. J'ai découvert une autre réalité que celles lues dans les ouvrages déjà cités et mon propos est de la rendre dans son contexte. Sa spécificité m'a amenée à constater avec Roger Bastide[38] que les concepts sociologiques des écoles

[38]Bastide Roger, *Terre de contrastes*, Paris : Hachette, 1957.

européennes ou nord américaines ne valent plus quand il s'agit du Brésil. « *Il faudrait au lieu de concepts rigides, découvrir des notions en quelque sorte liquides capables de décrire des phénomènes de fusion, d'ébullition, d'interpénétration, qui se mouleraient sur une réalité vivante en perpétuelle transformation.»* Et Roger bastide conclut : "*Le sociologue qui désire comprendre le Brésil doit se transformer en poète".*

Cette alternance pluie-sécheresse conditionne le quotidien du Sertanejo et son rapport à la terre : quand la pluie est là, il est important de se consacrer au travail de la terre, investissement en" hyper" sur un avenir incertain qui peut être fait de manque, caractère "hypo". La pluie fixe le Sertanejo sur sa terre et la sécheresse le rend nomade.

Le Sertanejo est un homme fier et libre. Il fait corps avec la caatinga. Sa connaissance familière de ce milieu dit "inhospitalier" le rend incompréhensible aux autres. Cette connaissance transforme ce milieu « hostile » en ressource pour lui : cueillettes des fruits, des plantes médicinales, chasse des animaux. C'est aussi dans la forêt que le bétail, source de revenus importants, est laissé en liberté, quelquefois au risque de morsure de serpents qui tueront l'animal.

La culture sertaneja se définit par la relation des hommes à leur environnement. En effet, le climat, la faune, la flore constituent le socle de la réalité connue et partagée et du lien social.

C'est avec cet environnement, ce biotope, alternance de pluies et de sécheresses, quelquefois dévastateur que ce soit par l'eau (la pluie) ou le feu (le soleil, la sécheresse), que se construit la spécificité et la joie de vivre du Sertanejo.

Ce lien étroit entre paysage et évènements climatiques et les hommes implique le caractère particulier de la vie sertaneja, au fil de phénomènes indicateurs comme le nomadisme, les messianismes et le cangaço, voir mon ouvrage[39].

Concepts sociologiques et anthropologiques

Ainsi à partir de l'observation du quotidien de la communauté de Caititu et des lectures relatives aux mouvements messianiques et au congaço dont le Sertão fut le théâtre, il est possible de définir une culture sertaneja, une civilisation. Pour les lectures je renvoie à Maria Isaura Peraira de Queiroz, à Josué de Castro et à Roger Bastide.

Cependant, j'ai trouvé très peu d'études anthropologiques sur l'esthétique sertaneja. Esthétique au sens étymologique du terme, c'est-à-dire « sentir en commun ». Je parle d'une forme d'esthétique pure : comment se vit et comment s'exprime la sensation collective de la vie et d'une esthétique existentielle : l'expérience

[39]BULTEAU Véronique, *Para uma antropologia do Sertão*, *Ecologia e sociologia do cotidiano*, São Paulo : Polo Printer, 2016, p.93.

partagée du territoire commun. Ces sont deux indicateurs que j'ai analysé à partir des éléments recueillis lors de mon séjour à Caititu.

Face à cette carence, j'ai souhaité porter un autre regard sur le Sertão en affirmant la nécessité de prendre en compte la vie sociale sertaneja dans son ensemble, hyper et hypo[40], rationnel et imaginaire. En effet, il n'existe pas de coupure entre le domaine du rationnel et celui de l'imaginaire, ils forment « *l'ambivalence structurelle du donné social* » comme l'a défini Gilbert Durand[41]. Le symbolique, expression d'un imaginaire social, permet d'aborder une société dans ce qu'elle a de plus intime.

Ainsi, les mouvements messianiques et le cangaço, tels que relatés dans les ouvrages folkloriques et ethnologiques sont aujourd'hui parties prégnantes de l'imaginaire et du symbolisme sertanejos. Ils représentent deux formes d'une même caractéristique sociétale et alimentent la mémoire collective du Sertão. Cette caractéristique est un nomadisme ancestral qui perdure aujourd'hui, soit en raison de la sécheresse qui pousse le Sertanejo à fuir la terre infertile pour trouver source de vie ailleurs, soit à la recherche d'un emploi dans le sud du pays qui fera vivre sa famille entière. Ce nomadisme est le sujet le plus représenté sur les feuillets de la « literatura de cordel »[42].

Ce nomadisme est un rituel, dans sa forme et dans son sens, une gestion de la mort. C'est une mise en scène architectonique qui dépasse la volonté individuelle. Le départ n'est pas tant celui d'une volonté individuelle consciente que celui d'un ordre des choses « qui se fait ». Il ne procède pas d'un arrachement, d'une séparation, mais d'un rite de la vie sertaneja. Et tout rite est une mise en valeur de la vie.

Ce nomadisme vient s'ancrer encore plus profondément dans la mémoire collective si l'on se réfère aux indigènes Tupi et Cariri qui occupaient ces terres, et pratiquaient un nomadisme accompagné d'agriculture sur brulis, pratique que l'on trouve encore aujourd'hui.

Dans le quotidien, cette faculté de mobilité demeure. A Caititu, la plupart des familles étaient natives ou avaient habité un autre état du Sertão, Piauí, Sergipe, Maranhão. Certains nés dans l'État de Pernambuco, sont partis dans le Piauí, puis revenus à Caititu, puis repartis, puis revenus[43]. Un vaste système d'échanges

[40]Par hyper et hypo je fais référence aux périodes fastes à la suite de la pluie (hyper) et aux périodes "maigres", de sécheresse (hypo) où tout vient à manquer.
[41]DURAND Gilbert, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire,* Paris : Bordas, Dunod, 1984, 1ere éd 1969
[42]Ces feuillets illustrés, circulaient de hameaux en hameaux à l'occasion des foires et des marchés. Longtemps, ils ont constitués la seule littérature de l'imaginaire populaire, écrite et orale.
[43]Voir le récit du paysan Manuel da Conceiçao recueilli par Ana Maria Galano, in CONCEIÇAO Manuel, *Cette terre est à nous, la vie d'un paysan du nordeste brésilien*, Paris : Maspéro, coll. Actes et mémoire du peuple, 1981

collatéraux, au nom de l'entraide familiale existe. La nièce vient à Caititu pour y suivre sa scolarité primaire, le fils ainé est chez une tante à Petrolina pour continuer sa scolarité au collège.

L'autre caractéristique de la société sertaneja est le fonctionnement en clans familiaux, nécessaires au nomadisme, illustré par les cangaceiros et l'obligation de vengeance pour défendre le clan, et les mouvements messianiques, vastes tribus qui suivaient le prédicateur.

La réalité observée et les récits ethnologiques ou folkloriques du Sertão m'ont amenée à m'interroger sur la relation milieu ambiant - mémoire collective – mysticisme. L'étude de cette relation s'est naturellement opérée par une anthropologie du corps, celle ci marque la distance entre ce que l'observateur perçoit et ce que vit le Sertanejo.

L'observation des techniques corporelles, des attitudes et interprétations sont révélatrices de la vision du monde.

Pour aborder tous ces phénomènes sociaux du Sertão, je me suis appuyée sur le cadre théorique de la sociologie compréhensive et d'une approche phénoménologique, en référence à Marx Weber, Alfred Schütz et à l'école de Chicago. L'apport de Michel Maffesoli, reprenant Georg Simmel, sur la notion de formisme m'a également guidée dans mon analyse. L'explication d'un phénomène social réside dans la signification que les individus donnent à leurs actes, qu'elle soit imaginaire ou symbolique.

Pour la découvrir, la relation au terrain et à l'humain est primordiale. Il est nécessaire de passer par les opinions et les attitudes individuelles et y rechercher les principes et les valeurs qui orientent les comportements. L'anthropologue, par l'observation participante, découvre une réalité autre, qu'il replace dans son contexte.

En effet, il existe une interaction constante entre les membres d'un groupe social et le milieu dans lequel ils vivent. Ainsi, le lien qui unit le paysage et les éléments climatiques aux hommes implique le caractère particulier de la vie sertaneja, exacerbé par les messianismes et le cangaço.

Ces interrogations m'ont amener à aborder une anthropologie du corps. Selon le principe méthodologique édicté par Marcel Mauss, le corps est un fait social total. L'observation des techniques et attitudes corporelles et leur interprétation sont révélatrices de la vision du monde d'un groupe social. « *Le corps, plaque tournante, est le matériau propre de toute manipulation symbolique* ». (F. Héritier-Augé)

Aborder ainsi l'étude et l'analyse selon le principe holistique, sans segmenter le réel, garantit la richesse de l'analyse et de rester au plus près du sentiment, de ce que pense le Sertanejo.

Cette étude s'inscrit pour une anthropologie du Sertão. Elle a été réalisée dans une chronologie et correspond à un moment particulier, celui de ma présence sur le terrain, il y a 20 ans, en 1992. C'est un autre regard sur le Sertão qui, aujourd'hui, a valeur d'archive.

Conclusion

Mon observation et mon étude de terrain conjuguées à la recherche de la culture sertaneja à travers les récits de cangaceiros et des mouvements messianiques m'ont conduite à parler d'un Sertão dionysiaque. Dionysos est un dieu grec qui se distingue des autres dieux du panthéon. Dans le panthéon grec il se définit comme un dieu de l'intérieur, mais son empire est un espace sans limite, ainsi les fêtes, les odes à Dionysos se font sous la forme de cortèges déambulatoires, et non dans un espace dédié. On retrouve le caractère nomade, indicateur de la communauté sertaneja.

L'être de Dionysos est le lieu de toutes les contradictions majeures. En lui s'embrase la vie et la mort, sa présence suscite autour d'elle autant de désordre et de désastres que de joie et de ferveur[44].

Epilogue

Genivaldo do Nascimento avec la collaboration du secrétariat de l'Education de la Ville de Petrolina a organisé une journée à Caititu. Vingt ans après mon séjour d'études, ce moment fut un grand moment d'émotion et je les en remercie vivement. Tout d'abord j'ai pu, enfin, remettre à la population de Caititu le résultat de mon étude à laquelle ils ont contribué. Juste retour des choses.

Ainsi, j'ai pu donner des exemplaires du livre relatant ma recherche, « *Para uma antropolgia do Sertao, ecologia e sociologia di cotidiano »,* à l'école de Caititu.

La rencontre avec les professeurs et les élèves fut constructive et, je l'espère, enrichissante pour eux. En effet, mon travail représente une photographie de Caititu à un moment donné, il a valeur d'archives. Le poste téléphonique où j'attendais les appels de ma famille n'existe plus, une deuxième école a été construite à son emplacement. La « casa de Farinha », où j'ai assisté à toute l'opération de transformation du manioc ne fonctionne plus. Désormais Caititu possède une église, un poste d'essence. Les élèves scolaires viennent à l'école en bus, lors de mon séjour, ils faisaient de nombreux kilomètres à pied pour venir à l'école.

---

44 DARMONT, Jean-Pierre, *Le Dictionnaire de mythologies,* sous la direction de Yves Bonnefoy, Flammarion, 1981, p.302 e suivantes, art. Dionysos.

Les enfants d'aujourd'hui et de demain pourront ainsi avoir connaissance de ce que fut Caititu à ses débuts. Les adultes que j'ai côtoyés lors de mon séjour y retrouveront les éléments qu'ils m'ont procurés pour construire ce travail.

Je souhaite à tous de poursuivre leur chemin en conservant cette fierté d'être Sertanejo.

A PESQUISA E O DETALHE:
A ***CARDABELA*** NA IMAGEM DE SÃO JOÃO DO CARNEIRINHO

Elisabet Gonçalves Moreira[45]

Para Dominique e Jean de Poudevigne

Figura 1- São João do carneirinho: imagem de domínio público, sem autoria.

Embora as festividades do São João no calendário de festas religiosas tradicionais em nosso país tenham mudado muito – e é natural que isso aconteça na dinâmica dos tempos – esta imagem do São João menino com seu carneirinho ainda permanece e está instaurada na memória coletiva. Parte integrante das práticas rituais e dos costumes, ela é de tal modo popular que extrapola seu sentido como imagem de devoção.

Invariante, constata-se a presença central do menino, nesse caso em meio corpo, com cabelos cacheados e uma auréola dourada, vestido parcamente com uma pele que pode ser de camelo ou de carneiro, um ombro nu, segurando um cajado fino de madeira que ostenta a faixa com os dizeres em latim “Ecce Agnus Dei” (Eis o Cordeiro de Deus), um filhote de carneiro branco apoiado em seu braço, com um fundo que,

[45] Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Professora aposentada da UPE e do IFSertão de Petrolina-PE. (e-mail: elisabetmoreira2014@gmail.com

geralmente, lembra uma noite de céu estrelado e, na parte inferior, nuvens e um arranjo simétrico de flores. Este conjunto, como se fora um altar, dá a conotação religiosa de que a imagem necessita para ser venerada, além das paredes da igreja paroquial.

Venho trabalhando há alguns anos com esta representação, de cunho popular, e sua simbologia. Já escrevi e apresentei partes dessa pesquisa, incluindo um trabalho comparativo com pinturas do mesmo tema de mestres consagrados na arte universal. Mas, neste momento, apresento basicamente um artigo, tomando um detalhe para exemplo de que o método, que leva ao conhecimento e à interpretação, traz também revelações e coincidências inesperadas.

Partindo de algumas premissas metodológicas, desde o princípio de que, mesmo uma imagem é um texto e que ele pode ser lido, isto é, decodificado dinamicamente, onde tudo é significativo, destaco a análise semiótica e suas correlações interpretativas, de um modo menos acadêmico para um artigo simples.

Assim, o detalhe a ser analisado é a ***cardabela*** (língua occitana) ou ***cardabelle*** (francês),a flor que aparece na parte inferior da imagem, no centro do buquê florido, rodeado, o que tudo indica, de cravos vermelhos em uma variedade mais rústica. Há certas conexões ao se fazer uma pesquisa que nos proporcionam não só conhecimento, mas o prazer mesmo de compreender seu significado e como a ele chegamos. O que implica em também associar o detalhe com o todo, nesta dialética da interpretação, da leitura a nos desafiar.

A *cardabela* representada

Essa imagem de São João do carneirinho, hoje digitalizada e de domínio público, sem autoria, teve sua origem, certamente, em uma ilustração para os “santinhos” católicos bastante difundidos na Europa ocidental e em nosso país, nos séculos XIX e XX. Quando comecei a fazer a leitura sígnica dos elementos constitutivos desta imagem, não identifiquei de imediato que flores eram essas e isso ficou pendente.

Entretanto, numa viagem ao sul da França, em 1992, meus olhos viram a *cardabelle* ou *cardabela* e o alumbramento se deu. Em uma vila histórica, dos tempos medievais, vi, nas portas das casas, a *cardabela* em destaque. Mas eu a vi também no chão, nativa, no campo, no tempo mais seco.

Figura 3 - Cardabela seca

Figura 2 - Cardabela no solo

A *cardabela* não existe no Brasil, mas pode ser comparada ligeiramente a algumas espécies de "sempre-vivas", flores típicas do cerrado, já que secas, são também duradouras e usadas para ornamentação. No vasto planalto de Larzac, sul da França, *cardo* é também outro nome para a flor desta planta selvagem tipicamente mediterrânea e que pertence à família das alcachofras. Como o girassol, ao se abrir, de um amarelo claro, ela tem a particularidade de captar a luz solar e se fecha quando cai a umidade e chega a chuva. Por isso ela é tida como uma espécie de barômetro, para previsão metereológica. Os pastores, criadores de ovelhas, também colhiam a flor da *cardabela* pelo seu miolo comestível e usavam as folhas espinhosas para desembaraçar a lã de seus rebanhos.

Sobretudo – e é esse detalhe do detalhe - diz-se que a *cardabela*, quando seca, é um amuleto de boa sorte e felicidade. Ela serve também para espantar os feitiços e as bruxas ao ser colocada com muita fé na porta da casa e na entrada dos celeiros e dos estábulos, para proteger os animais. É pois muito significativo que a *cardabela* seja o símbolo de toda a região.

E o que ela está fazendo no quadro de São João do carneirinho, se não esta correlação simbólica para homenagear um santinho, mediador de nossas preces e bons augúrios na vida terrena, como mostrar isso aos fieis (e a uma pesquisadora brasileira) a constatação da origem desta imagem?

Sem dúvida francesa, outras pesquisas paralelas mostraram que, mesmo que não tivesse sido impressa em "imprimeries" (gráficas) do sul da França, a matriz é de lá, um protótipo padrão. Todos os componentes da imagem se inscrevem numa tradição que consolida a representação de um São João ainda menino, uma criança modelo, primo de Jesus, bem diferente do São João Batista adulto, decapitado pelo capricho de Salomé, como relata a Bíblia.

A cardabela e a poesia occitana.

Em outra ocasião, ganhei de um amigo francês, que mora perto de Montpellier, sul da França, um belo livro. “La Cloche D´Or”, cuja tradução literal é “O sino de ouro” com a foto em destaque da *cardabelle* na capa, já que a edição é francesa.

O prefácio do livro é esclarecedor. Belas fotos, clichês para cartões postais e textos que complementam as imagens. E há um questionamento sobre o título que mostra a importância simbólica desta flor para a região. Um signo que realça a beleza da luminosidade solar, iluminada pelo poema de Max Rouquete, escritor assumidamente occitano.

E, à página 58, encontramos a grande homenagem à cardabela. Primeiro na língua occitana, tão parecida com as línguas ibéricas, quando falada, sem o sotaque “carregado” dos franceses do norte.

CARDABELA

Cardabela, rosa verda,
roda de prima endentelada,
erba solelh a ras de soú nascuda
das amors de la peira e dau solelh.

Dau vent d'ivern derrabada,
t'ensovenes que siás roda ;
E roda que rodarás
per pelencs e per planasses,
franca e sauva de tot luóc,
roda de la desfortuna.

Coma lo chot o la ratapenada,
a la porta t'an clavelada
de cara a ton paire solelh.
Tos dets se crocan sul tieu cór
e se durbisson. Morta, vives.
La crotz fai l'immortalitat.

E siás dins la claror, la man duberta,
coma la man eterna dau vielh temps.

Na página ímpar, a seguir, a “tradução” para o francês moderno, do mesmo autor.

CARDABELLE

Cardabelle, rose verte
et roue dentelée,
herbe soleil au ras du sol venue
des amours de la terre et du soleil.

Arrachée par le vent d'hiver
tu te souviens que roue tu es.
Tourne, car tu tourneras
par clairières et par plaines,
libre, et libre de tout lien,
comme la roue de l'infortune

Comme la chouette et la chauve-souris,
à la porte on t'a clouée,
face à ton père soleil.
Tes doigts sur ton cœur se referment
et s'ouvrent. Morte, tu vis.
La croix fait l'immortalité.

Et tu es, dans la clarté, les mains ouvertes
comme la main éternelle du vieux Temps.

Entre a língua occitana e o francês moderno, me atrevo a fazer uma tradução literal, para maior entendimento do texto e da poesia nele implícita.

CARDABELA – Cardabela, rosa verde/ e roda dentada, /relva solar nascida ao rés do chão /dos amores da terra e do sol.

Arrancada pelo vento do inverno/ tu te lembras que roda tu és./ E roda, porque tu rodarás/ pelas clareiras e planícies,/ livre, liberta de qualquer lugar,/ como a roda da desfortuna.

Como a coruja e o morcego,/ na porta a gente te prega,/ de cara com teu pai o sol./ Teus dedos sobre teu coração se fecham/ e se abrem. Morta, vives. / A cruz faz a imortalidade.

E tu estás, na claridade, a mão aberta como a mão eterna dos velhos tempos.

Observação: No verso "A cruz faz a imortalidade" há um componente imagético subliminar. O símbolo da Occitania é uma cruz, como se pode ver a seguir, relacionada também com a história das cruzadas medievais da região. Lembra a cardabela?

A língua occitana: relações ampliadas

De detalhe em detalhe, algumas poucas relações para um pouco artigo. Quando se estuda a história da língua portuguesa ou da literatura portuguesa, herdeiros que somos de nossa história de colonizados, aprendemos a importância do latim clássico ao latim vulgar, cruzado que foi na formação das línguas ibéricas. E em uma delas está a língua occitana.

A Occitania ou Provença nos leva também à lembrança da poesia e da música dos trovadores que escreviam e cantavam "em maneira de proençal", ou seja, provençal. O Trovadorismo está fincado nas raízes da literatura brasileira até hoje, seja em textos consagrados, seja na poesia popular. Afinal, bem sabemos, a intertextualidade é um fato onde tradição e modernidade se mesclam e dialogam a todo instante. Por que não no imaginário?

E, além disso, retorno à introdução deste artigo, quando falei de revelações e coincidências. Ganhei outro livro. Desta feita de um ex-aluno, hoje colega e pesquisador de cordel.

RELIGIOSIDADE POPULAR França e Pernambuco: Diálogos, expressões e conexões de Silvério Pessoa (São Paulo, Fonte Editorial, 2016).

Quer melhor título do que esse? Embora o autor, também músico, Silvério Pessoa, não cite a *cardabelle* em sua dissertação de mestrado, a temática só confirma o que foi dito. Ele mostra, através de sua pesquisa, que a o catolicismo europeu foi introduzido pelo Mediterrâneo e acompanha "diálogos, expressões e conexões" entre França e Pernambuco, pelo viés da religiosidade popular. E faz uma citação da qual aproveito um fragmento.

> A religião popular é um dos elementos de uma cultura popular que permaneceu na França – especialmente no sul – autônoma até cerca de 1860. (...) Religião popular, ou seja, religião vivida, vivenciada por muitos (...) em oposição a uma religião prescrita, oficial. Uma e outra caminham em ritmos diferentes. (p. 79)

Como justificar, no caso de nossa imagem, por exemplo, sua colocação nos mastros enfeitados das festas juninas? Ou como referência e elemento decorativo nas procissões e até nas quadrilhas? Os fogos e foguetes de São João remetem também a imagem que se associa a outras histórias, a das fogueiras, das "simpatias" e seu simbolismo agrário. Embora estas festas, espalhadas pelo Brasil, tenham grandes diferenças entre si, a marca do afeto, da religiosidade ali vivida é ainda singular e prazeirosa.

Figura 4 - Mastro de São João enfeitado com fitas, flores artificiais e laranjas.

Na imagem de São João do carneirinho, constatamos portanto que a *cardabela* ali reproduzida não é uma flor qualquer, aleatória. Signo da terra, ela é mais do que uma homenagem ao santinho, ela também revela, muito além do catolicismo dogmático, toda a mística de seu poder ancestral. Uma reverência ao renascer, "morta, vive", como diz o poema. Traz benesses, nos protege e nos mostra uma tradição também viva, que pode ser liberta nas entrelinhas, ou melhor, na leitura sígnica da imagem/texto. E na fé de seus devotos.

Evidentemente que este detalhe – e muitos outros - tem que ser estudado e pensado no conjunto do elementos da imagem. Em processo, este estudo continua. Não há análise que esgote uma interpretação, seja de que caminho metodológico for. A história, o momento, o olhar variam no seu conjunto e na visão pessoal do pesquisador.

LA LITERATURA BRASILEÑA EN AMÉRICA LATINA: MEDIADORES CULTURALES Y CONTEXTOS DE CIRCULACIÓN EN EL SIGLO XX*

Mónica González García

Como "literatura mundial", autores recientes definen obras que traspasan sus fronteras nacionales y entran en un circuito internacional de intercambio, cuyo tránsito principal se da en las avenidas que conectan las culturas "centrales" entre ellas, y éstas con las "periféricas"—estas últimas avenidas, según las geopolíticas del conocimiento impuestas por la modernidad,[46] evidentemente no conllevan un flujo equivalente en ambas direcciones. La formación de un circuito planetario de bienes culturales literarios es un fenómeno moderno auspiciado por la conjunción entre tecnologías de comunicación como la imprenta, la fijación de ciertas lenguas vernáculas en Europa—lo que, según nos dice Benedict Anderson, ocurre *vis-à-vis* la expansión de la imprenta—y el intercambio capitalista de mercaderías en el globo. En este contexto, no sorprende que durante la Ilustración algunos europeos comiencen a notar la existencia de una "república de las letras" que, para Immanuel Kant, consiste en un público lector compuesto no por los coterráneos sino por escritores y pensadores que, como él, reflexionan desde diversas localizaciones de Occidente. En 1784 Kant afirma que el público al que se dirige el intelectual está compuesto por 'el mundo' (61), mientras que en 1827 Johann Wolfgang von Goethe llega incluso a diagnosticar la obsolescencia de las fronteras nacionales para la literatura debido a la emergencia de una comunidad mundial de escritores y lectores—acuñando de paso el concepto de "literatura mundial". "La literatura nacional—señala Goethe—es un concepto que ya no dice nada; la época de la literatura mundial está en el horizonte, y todos deben luchar por apurar su llegada" (en Damrosch 1).

Paradójicamente, los años entre la reflexión de Kant y el pronóstico de Goethe son los de la gestación y consolidación de las independencias americanas de España,

* Versión escrita de la charla ofrecida duranteel Tercer Congreso Internacional del Libro, Lectura y Literatura en el Sertão (Clisertão), realizado en Petrolina, Brasil, entre el 2 y el 6 de mayo de 2016.

[46] Para Walter Mignolo, las "geopolíticas del conocimiento" se refieren al "conocimiento geopolítico fabricado e impuesto por la 'modernidad'" (en Walsh 1) debido a que la "'historia' del conocimiento está marcada geo-históricamente y… tiene un valor y un lugar de origen" (2).

tras lo cual sus gestores se ocuparon de pensar en cómo construir sus respectivas "literaturas nacionales". Así, si en Europa las literaturas nacionales hacían referencia a las obras surgidas de una comunidad anterior a la emergencia del estado-nación como forma de organización política, en América Latina—si seguimos a Anderson y a Doris Sommer—fueron resultado de una estrategia consciente de cohesión identitaria ante la heterogeneidad de los grupos a quienes se les impuso dicha fórmula ilustrada. Con el desafío adicional de aumentar la población para ejercer soberanía sobre los territorios nacionales, Sommer establece una relación entre poder y deseo promovidas por las novelas fundacionales del siglo XIX: "Los libros, de inmediata seducción sobre los lectores de élite, cuyos deseos privados se superponían con las instituciones públicas, podrían reinscribir, para cada ciudadano futuro, los deseos fundacionales… del gobierno que se encontrara al poder" (9). En consecuencia, el mayor esfuerzo de circulación literaria emprendido por los gobiernos y las editoriales latinoamericanas radicó, durante esa época, en la instauración de una comunidad nacional de lectores que conllevó la alfabetización ciudadana con la educación universal y la invención de una "tradición" literaria nacional.[47]

Ahora bien, ¿en qué momento estas nuevas literaturas comienzan a traspasar sus fronteras nacionales? Pese a haber existido iniciativas puntuales de intercambio cultural durante el siglo XIX latinoamericano—como los auspiciados por los congresos americanistas que discutieron la idea bolivariana de una confederación continental—, es recién en el siglo XX que surgen espacios que posibilitan la circulación internacional de la literatura producida en las ex colonias ibéricas. En el caso de la circulación de obras brasileñas entre los vecinos iberoamericanos, es necesario considerar, además de las rivalidades imperiales entre España y Portugal[48] y la barrera lingüística, dos variables que

[47]Conocida es la polémica entre Andrés Bello y Domingo Faustino Sarmiento con respecto a las fuentes para pensar una tradición cultural en las naciones independientes. Mientras el venezolano abogaba por mantener cierta continuidad con elementos previos como la lengua española y la literatura colonial—*La Araucana* en el caso chileno—, el argentino era partidario de una ruptura con la norma lingüística de Castilla y con un pasado colonial que ligara a los criollos con los nativos salvajes. "Colocolo, Lautaro y Caupolicán—dice Sarmiento—, no obstante los ropajes nobles i civilizados de que los revistiera Ercilla, no son más que unos indios asquerosos, a quienes habríamos hecho colgar y mandaríamos a colgar ahora, si reapareciesen en una guerra de los araucanos contra Chile, que nada tiene que ver con esa canalla" (en Albizú 213).

[48]Sobre la falta de diálogo entre las Américas hispanoparlante y lusofalante, Costigan y Bernucci señalan: "O fenômeno não é recente e tem raízes profundas no conjunto das vicissitudes históricas do Continente. Aqueles sessenta anos, que vão de 1580 a 1640, inolvidáveis para os portugueses e brasileiros que viveram sob o domínio filipino, explicam e selaram em parte as "diferenças" entre espanhóis e lusitanos na Península, já previamente divorciados depois de a linha de Tordesilhas ter sido traçada" (871).

han retardado dicho intercambio: el contexto político por el cual Brasil se tornó república recién en 1889 y el eurocentrismo criollo que privilegió, en los siglos XIX y XX, el diálogo con Europa y Estados Unidos por sobre el intercambio con pares americanos. A continuación examinamos tres contextos históricos y climas ideológicos que durante el siglo XX abrieron espacios para la circulación de la literatura brasileña en América Latina: la mediación cultural ejercida por escritores con cargos diplomáticos, las solidaridades políticas de la izquierda latinoamericana y las iniciativas editoriales no-mercantiles. Y para ello tomamos en cuenta el debate sobre *cosmopolitismo* entendido como filiación del intelectual erudito a una exclusiva "república de las letras", versus la *solidaridad* del intelectual comprometido con un pueblo identificable en diversas latitudes del planeta—anticipo del cual son las críticas de Karl Marx y Friedrich Engels al cosmopolitismo como reflejo del flujo global de bienes propio del capitalismo. Como contrapunto, el Manifiesto Comunista (1848) promueve una suerte de comunidad imaginada de carácter planetario cuando llama a la solidaridad de los proletarios del mundo. En este marco surge, durante el siglo XX, una "comunidad intelectual" imaginada desde el compromiso con el pueblo, la cual se enfrentó a esa "república de las letras" considerada elitista y sustentada por la libertad del mercado, y que tuvo uno de sus campos de batalla más agitados en la construcción cultural de América Latina. Veremos que, en términos de la circulación de la literatura brasileña en la América hispanoparlante, la disputa ideológica auspiciada por los actores principales de la Guerra Fría estimuló la solidificación de los lazos culturales y la creación de pilares ideológicos para una comunidad imaginada latinoamericana.

Diplomáticos latinoamericanos: arielismo, hispanismo y lengua brasileña

A comienzos del siglo XX, la diplomacia fue uno de los contextos que posibilitó un intercambio incipiente entre escritores americanos lusofalantes e hispanoparlantes como efecto de la asignación de cargos diplomáticos a intelectuales y artistas para promover la cultura nacional más allá de las propias fronteras. Resulta útil tener en cuenta la noción de "sileno" que Carlos Pasero toma de José Emilio Burucúa para referirse a los traductores de la época, pues

también describe la labor de estos escritores-diplomáticos en tanto "sujetos que contribuye[ro]n a la circulación cultural portando ideas, experiencias o prácticas culturales entre distintos horizontes sociales" (95). La mayoría de estos escritores-diplomáticos de habla hispana estaban entonces fuertemente influidos por el arielismo y el hispanismo, corrientes de pensamiento gestadas en la coyuntura de la Guerra de Independencia Cubana iniciada por el poeta José Martí en 1895 y concluida tres años después con la declaración estadounidense de guerra contra España. Recordemos que Estados Unidos intervino con la excusa de liberar a Cuba, pero al ganar la guerra se apropió de las últimas colonias españolas del Mar Caribe y el Pacífico. El arielismo nace de la distinción realizada por Rubén Darío de las Américas del Sur y del Norte según los personajes shakespearianos "Ariel" y "Calibán", como resultado del temor ante la posible anglosajonización de la cultura hispanoamericana. En la crónica "El triunfo de Calibán" (1898), Darío identifica al Norte con este personaje y animaliza a los estadounidenses llamándolos "búfalos de dientes de plata" y enemigos de los que bebieron algo "de la leche de la Loba" (451). El Sur es identificado con el espiritual Ariel en tanto heredero de la cultura greco-latina vía colonización ibérica e influencia francesa, paradigma que ciertamente incluye a Brasil. Esta aporía es también utilizada por José Enrique Rodó en su ensayo *Ariel. A la juventud de América* (1900), donde explica que, según el simbolismo de "La tempestad" de Shakespeare, este personaje representa "el imperio de la razón y el sentimiento sobre los bajos estímulos de la irracionalidad" (3), debido a lo cual lo invoca como "numen" para "hablar a la juventud sobre nobles y elevados motivos" (4).

Otra cara de esta reacción anti-estadounidense es el hispanismo, el cual supera el rechazo a España que caracterizó al pensamiento latinoamericano del siglo XIX y asume como valor su herencia cultural derivada de tres siglos de colonización. Es Darío quien también inicia esta corriente en la misma crónica, donde niega su anti-hispanismo y aclara que "la España que yo defiendo se llama Hidalguía, Ideal, Nobleza; se llama Cervantes, Quevedo, Góngora...; se llama la Hija de Roma, la Hermana de Francia, la Madre de América" (455). Cabe señalar que en 1892 Darío había viajado a España para participar en las celebraciones del cuarto centenario del descubrimiento de América, ocasión en que la relación entre América y España se abordó oficialmente desde una

"hipanidad" imperialista (más tarde nutrida por Francisco Franco), pero que también vio surgir un "hispanismo" espiritual y horizontal cultivado por Ángel Ganivet y Miguel de Unamuno.[49] Entre los escritores americanos que dieron continuidad a este pensamiento se cuentan el mexicano José Vasconcelos, el dominicano Pedro Henríquez Ureña y la chilena Gabriela Mistral. Vasconcelos promovió la comunidad intelectual hispanoparlante durante su labor como Secretario de Educación Pública en la década de 1920, en cuyo marco invitó a diversos intelectuales del continente a participar en las misiones de alfabetización del pueblo mexicano.[50] Asimismo, se refirió al hispanismo en obras como *Bolivarismo y monroísmo* (1937) donde señala la necesidad de sostener un "hispanismo fundamental, aún en la derrota" (15) porque es un trazo que "suscita el recelo de nuestros rivales [estadounidenses]" (76).

Gabriela Mistral, una de las misioneras de la alfabetización en México, ocupó años después un cargo diplomático en Brasil constituyendo un ejemplo de mediadora cuyo "hispanismo" filtró su relación con la cultura local sin llegar a obstaculizar del todo su experiencia de la América lusófona.[51] Mistral ejerció como cónsul en Brasil entre 1941 y 1945, estadía que le resultó difícil por circunstancias como el suicidio de su sobrino Yin Yin (1943), el vacío que le aplicó el Estado Novo por sospechas de vínculos comunistas y las tensiones propias de la Segunda Guerra Mundial. Entre estas últimas se cuenta el suicidio del escritor austríaco-judío Stefan Zweig en 1942, de quien Mistral recuerda que, como "me creía entendida en plantas", en su último encuentro "me pidió caminar con él por los alrededores de nuestra ciudad", por "nuestro Petrópolis, que él amaba tanto como yo" (en Céspedes 234, 235). El amor de Mistral por esa tierra, traducido en exaltación de su naturaleza, es uno de los ejemplos de esa suerte de "otredad hispanista" desde la cual asimila su experiencia brasileña empatizando en primer lugar con la naturaleza. Al iniciar su labor diplomática,

[49]En carta a Unamuno, datada en 1898, Ganivet señala: "Nuestro pasado y nuestro presente nos ligan a la América española; al pensar y trabajar, debemos saber que no pensamos ni trabajamos solo para la Península e Islas adyacentes, sino para la gran demarcación en que rigen nuestro espíritu y nuestro idioma" (en Abellán 76).

[50] Según la INEE, hacia 1930 el analfabetismo alcanzaba al 61,5% de la población mexicana.

[51]Cabe señalar que esto no constituía la norma pues otros agentes diplomáticos de la época no pudieron o no quisieron entender la cultura brasileña. Es el caso del crítico literario Alfonso Reyes, embajador de México en Río de Janeiro entre 1930 y 1936, que registró su experiencia en afirmaciones como "Esta tierra es divertida para turistas, nada más" o "Siento que nada hay de común entre esto y yo" (en Crespo 198).

declara: “Me gusta el Brasil por la naturaleza tropical, y yo soy pasional, desde que conocí el trópico le tengo amor como si hubiera nacido en él” (Mistral 2015, 217-18). Asimismo, cuando la poeta recuerda Brasil, se detiene en la desordenada geografía de su residencia:

> “Petrópolis tiene en primer lugar su derramamiento de colinas, danza desordenada que por tal parece de mujeres, y de mujeres felices. Después de ellas, que bastaban para dar a la ciudad una fiesta perpetua, sin estaciones, es decir, sin despojo, Petrópolis tiene sus jardines, tantos que no hay quién los cuente, grandes percales coloreados, cada uno lindo a su manera, varios ejemplares, muchos indecibles.” (en Pizarro 39)

La mediación de la naturaleza en el ejercicio de conocimiento es un rasgo que sugiere que la experiencia de la otredad está primordialmente guiada por el impulso de contextualización telúrica, lo que puede explicarse tanto por el determinismo geográfico que en la época dirigía la elaboración del carácter biológico y psicológico de las sociedades, como por el determinismo lingüístico del hispanismo para caracterizar la identidad cultural en el contexto americano.[52] Para Mistral, conocer al otro es conocer su geografía, es entender su paisaje, como cuando distingue la poesía de José Martí a partir de su “tropicalidad”—que en el cubano no es superabundancia empalagosa, sino “clima de efusión” (Mistral 1953, 107) y abundancia “espléndid[a] sin cargazón” (108). Lo cierto es que muchos críticos y escritores se han referido a la presencia cardinal de la naturaleza en la poética mistraliana, como la cubana Dulce María Loynaz al señalar que su verso es “tal vez el único que tiene intimidad geológica, biológica, verdadera comunidad con el Cosmos” (en Molina 116), o como Jaime Quezada que describe a la poeta como un “[l]ibro abierto a las naturalezas humanas y geográficas de nuestro Continente” (38). Se entiende, así, que la naturaleza generosa de Brasil haya sido un rasgo marcante para su comprensión de ese espacio y, también, que luego la usara como parámetro para describir el “Trópico Frío” del sur de Chile: “…este Trópico Frío, entrega como cualquier

[52]Este “determinismo lingüístico” es también compartido por otro hispanista de la época, Pedro Henríquez Ureña, colaborador en las misiones alfabetizadoras de Vasconcelos, quien en *La utopía de América* (1925) parece no poder “integrar” sus comentarios sobre la cultura brasileña en su ensayo que, pese al título, es solo sobre la América *hispánica*. Al hablar de la literatura continental, dice: “¡Y el Brasil ocupa la mayor parte de las tierras bajas entre los trópicos! Hay opulencia en el espontáneo y delicioso barroquismo de la arquitectura y las letras brasileñas. Pero el Brasil no es América española…” (Henríquez Ureña 50).

Indostán y cualquier Brasil, el épico botánico y fluvial, la selva Walkiria y soberana, con la cual no pueden la descripción oral ni los carbones afortunados del aguafuertista" (en Molina 121-22).

El idioma es, a tono con el hispanismo de Vasconcelos, un divisor de almas y de razas. Así lo sugiere Mistral cuando se dirige a los lusofalantes en "Palabras a las Academias de Brasil": "Vuestro idioma da testimonio de la raza aun al que no ha pisado nunca Portugal ni Brasil" (Mistral 2013, 143), porque "entre testimonios del alma colectiva, el idioma es el mayor" pues "[n]o hay creación de Adán que sea tan adamita como un verbo racial" (144). Sobre las características de esta "alma colectiva", Mistral expresa a su llegada a Brasil: "Mientras el español es criatura divertida y franca, el portugués es más cerrado, indiferente, sin ser egoísta es introvertido, es alma vuelta a la *saudade*" (Mistral 2015, 217).[53] Este determinismo lingüístico inducido por el hispanismo, al oscurecer los vínculos culturales entre las Américas "íberas", impulsa la emergencia de la naturaleza como continuidad espacial que permite legitimar la identificación con el habitante del suelo otro. De este modo, la operación poética mistraliana transforma la naturaleza continental, primero, sintetizándola desde el español americano y, luego, incorporándola al imaginario poético de lo americano. La propia Mistral recurre a una metáfora botánica para explicar su americanismo: "Tengo esparcida en la propia carne una especie de limo continental" (en Jaime Quezada 42). Por ello, cuando explicaba su lengua poética, "ella aseguraba que mucho le debía al modo de hablar de los campesinos de Chile y a los idiomas matizados de expresiones indígenas de México, del Brasil o del pueblo anónimo de Santiago" (Alba 80).

El hispanismo de Mistral integra a Brasil como accidente geográfico que se traduce en hitos léxicos esporádicos en su lengua poética, según una modalidad de conocimiento propia de la literatura de la primera mitad del siglo XX en que la naturaleza americana es incorporada mediante una poética telúrica de apropiación—comparable al primer encuentro de Cristóbal Colón con la naturaleza, mediado por la maravilla que busca promover la conquista; o al momento independentista de Andrés Bello, mediado por la razón que busca

[53] En la misma oportunidad, anticipaba: "pienso ahora que mi vida aquí será útil, servirá de puente entre estas dos lenguas, haré traducciones y daré a conocer la literatura que en ambas partes es desconocida" (219).

ordenar la naturaleza para la producción.[54] Este deslumbramiento literario ante la naturaleza americana (descrito por algunos críticos como "mundonovismo"), que Mistral reconoce en Martí y que aparece en las novelas regionalistas de las primeras décadas del siglo XX, es el momento de formulación de poéticas soberanas, es decir, de prácticas estéticas destinadas a la apropiación simbólica de la tierra desde una lengua que también se reelabora en el ejercicio recíproco de soberanía entre el sujeto y la naturaleza. Así lo vemos en el diálogo mistraliano con las palmeras en los poemas "Hallazgo del palmar": "Yo les hablaba como a madres/ y el corazón se me fundía"; y "Palmas de Cuba": "Si no las hallo quedo huérfana,/ si no las gozo estoy aceda"—ambos de *Lagar* (1954). Lengua y naturaleza están ineludiblemente entrelazadas, como confiesa la propia Mistral sobre la sociabilidad que de niña aprendió en su relación con el Valle de Elqui: "Desde entonces la Naturaleza me ha acompañado valiéndome por el convivio humano; tanto me da su persona maravillosa que hasta pretendo mantener con ella algo muy parecido al coloquio" (en Molina 120). Es una lingua franca la que surge de la relación que Mistral establece con la naturaleza y que, con mediación ocasional del portugués, la hace buscar su coloquio en los trópicos americanos de Brasil.

Desde la perspectiva opuesta, esas primeras décadas de diplomacia del Brasil republicano en América Latina también estuvieron marcadas por una cuota de distancia con respecto a los vecinos hispanoparlantes. El caso de Aluísio Azevedo es decidor en este sentido por su actitud crítica tanto hacia los países latinoamericanos—"tremo de medo em ir dar com a carcassa lá por alguma república boliviana da América do Sul", le confiesa a Afrânio Peixoto (Azevedo 133)—, como hacia la circulación de la literatura brasileña debido a la reducida presencia del portugués en el mundo. Debido a esto último fue acusado de poco patriota en carta publicada en el *Correio do Povo* en febrero de 1905, razón por la cual Azevedo decide profundizar su visión sobre las limitaciones de la lengua portuguesa y, en consecuencia, sobre las del oficio de escritor para los brasileños. Ese año le escribe a Figueiredo Pimentel que "é preciso uma boa dose de boa vontade para insistir um brasileiro em escrever em nossa língua, porque só para brasileiros escrevemos, visto que nem mesmo os portugueses

[54]Nos referimos a la primera carta de relación del genovés a la corona española (1493), y a la "Silva a la agricultura de la zona tórrida" (1826) del venezolano.

tomam a sério o que se escreve no Brasil" (119). Azevedo le cuenta la anécdota del "elogio" de un portugués a su novela *El mulato,* quien le confiesa que le gustó mucho pero que no entiende por qué su héroe habla en "brasileño". Entre risas, Azevedo le responde: "se eu afetasse linguagem de Portugal na boca de Raimundo, mataria, de ridículo, ao meu herói, porque no Brasil a maneira de falar à portuguesa faz rir" (120). Sobre la acusación del *Correio do Povo*, Azevedo se explaya en carta a Batista Xavier explicando que él efectivamente considera el portugués una lengua bella, lo que no "impede que ela seja infelizmente pouco lida, e por conseguinte obscura" (112). Este problema, aunque aqueja especialmente al escritor brasileño, también es una realidad de los escritores portugueses:

> Toda a preclara tribo dos quinhentistas portugueses, onde há patriarcas como Damião de Góis, Lucena, Luiz de Sonsa, Rezende, Freire de Andrade e tantos outros, não passa, para a gente culta que não fala a nossa língua, de uma impenetrável nebulosa, cujas estrelas de desconhecida grandeza nem sequer figuram de nome na maior parte dos dicionários bibliográficos que correra mundo (114).

Incluso Luís de Camões, aunque rerconocido más allá de las fronteras lusoparlantes, era calificado a veces de "épico español", juicio que no distaba de comentarios hechos a Azevedo durante su carrera diplomática, tales como "O portugués é o mais belo dialeto da língua castelhana" o incluso "O português nada mais é... o español mal falado" (115). Posiblemente Antonio Candido coincidiría con Azevedo pues, refiriéndose a la difusión póstuma de Machado de Assis en el mundo, afirma que su suerte "habría sido harto más distinta si su nacimiento hubiera ocurrido en Nueva York o París o Londres" (en Espinosa 67). La solución de Aluísio Azevedo para el escritor brasileño es de largo plazo y pasa por la independencia lingüística de la norma de Portugal: "temos que esperar que a língua brasileira se forme de todo, como lentamente já se vai formando, e se emancipe afinal da língua-mater, e se apure na obra de um Camões brasileiro, e então, falada, escrita e lida por mais de cem, de duzentos milhões de habitantes do Brasil, se espalhe e se imponha triunfante por toda a superfície do globo" (115).

Mientras tanto, en el corto plazo, restaba la traducción, lo cual Azevedo consiguió durante su estadía en Argentina para él y otros cofrades de la Academia Brasileira de Letras. Aunque su novela *El mulato* había aparecido en

entregas periódicas con *La Nación,* este diario bonaerense creó en 1901 "La Biblioteca de La Nación", colección semanal que en 1904 volvió a publicar *El mulato* traducida por Arturo Costa Álvarez—quien, además, tradujo *Inocencia* del Vizconde de Taunay y *El guaraní* de José de Alencar, los tres brasileños incluidos en la colección. Su publicación fue bastante pionera pues solo dos años antes había aparecido en Montevideo la primera traducción de Machado de Assis, de *Memorias póstumas de Blas Cubas,* ejecutada por Julio Piquet y elogiada por el propio Machado, quien la calificó de "tan fiel como elegante" (en Espinosa 69). Azevedo consideraba la traducción una manera de acercar a los pueblos, razón por la cual en 1912 anima a su cofrade Júlia Lopes de Almeida a autorizar la publicación en español de su novela *A intrusa:* "Gostei tanto dessa obra, que me não pude forrar ao desejo de a aproveitar como elemento de aproximação entre este país e o nosso, cujos escritores ainda tão pouco se conhecem de parte a parte, e de tratar de que ela fosse traduzida para o castelhano e publicada aqui pelo excelente jornal *La Nación,* onde tal idéia despertou logo a mais viva simpatia" (142).

Ya hacia mediados del siglo, estos acercamientos culturales propiciados por la diplomacia y las iniciativas de traducción experimentan un punto de inflexión que acorta la distancia entre escritores lusofalantes e hispanoparlantes y que observamos en una de las últimas experiencias de Gabriela Mistral en Brasil. El 15 de noviembre de 1945, mientras hojeaba un libro en su casa de Petrópolis, escuchó por la radio la noticia de su Premio Nóbel—"anuncio que me aturdió y que no esperaba" (Mistral en Bahamondes). Las felicitaciones de todas partes del mundo se sucedieron, entre las cuales llegaron las de sus colegas brasileños. A los mensajes de escritores como Carlos Drummond de Andrade—"justo prêmio a uma grande vida de pensamento e poesía"—, se suma el telegrama de Antônio Carneiro Leão que posee la particularidad de anunciar la emergencia de un nuevo paradigma de solidaridad continental: "Congratulo-me de coração nossa América, merecida homenagem feita inteligencia sensibilidade privilegiada, grande Gabriela Mistral". Integrándose a la "nuestra América" de José Martí, Carneiro Leão revela una generosidad continental que le permite felicitar a todos los iberoamericanos por el triunfo literario de Mistral más allá de las divisiones lingüísticas. La poeta tomó en cuenta este comentario al evaluar el impacto cultural de su premio pues, en su discurso de agradecimiento

del Nóbel, explicó: "Por una venturanza que me sobrepasa, soy en este momento la voz directa de los poetas de mi raza y la indirecta de las muy nobles lenguas española y portuguesa" (en Jaime Quezada 38).[55] Este espíritu "americanista" se traducirá, en el contexto de las solidaridades políticas aguzadas por la Guerra Fría, en un estrechamiento inédito de las relaciones culturales continentales que comentaremos a continuación.

Solidaridades políticas: la emergencia del pueblo latinoamericano

Una de las líneas más reproducidas del Manifiesto Comunista hace un llamado a la solidaridad internacional de los que ocupan el escalafón inferior de la pirámide social establecida por el capitalismo industrial: "¡Proletarios del mundo, uníos!" El proletariado, identificado por Marx como "la clase del futuro" debido a su potencialidad para encabezar la lucha de clases y apropiarse de los medios de producción, fue un concepto reformulado a medida que las organizaciones sindicales y partidos políticos del mundo intentaron llevar las ideas marxistas a la práctica. Mientras en Europa Antonio Gramsci proponía integrar a los campesinos pobres a la lucha de clases pues formaban el grueso de los explotados en Italia, en América Latina las vanguardias políticas y artísticas se ocuparon de pensar cómo integrar las masas campesinas a la lucha de clases considerando que estaban compuestas mayoritariamente por descendientes de pueblos nativos. En 1924, un grupo de obreros técnicos, pintores y escultores mexicanos lanzó un manifiesto dedicado "[a] la raza indígena humillada durante siglos" donde exponen los principios rectores de su trabajo, siendo uno de los más importantes la recuperación de la tradición pre-hispánica:

> No sólotodo lo que es trabajo noble, todo lo que es virtud, es don de nuestro pueblo (de nuestros indios muy particularmente), sino la manifestación más pequeña de la existencia física y espiritual de nuestra raza como fuerza étnica brota de él, y lo que es más, su facultad admirable y extraordinariamente particular de hacer belleza: el arte del pueblo de México es la manifestación espiritual más grande y más sana del mundo y su tradición indígena es la mejor de todas.

El manifiesto, firmado por David Alfaro Siqueiros, Diego Rivera y José Clemente Orozco, entre otros, le da estatuto gremial al muralismo creado por José Vasconcelos en 1921 e inserta su trabajo en los ideales humanitarios del

[55] En "Palabras a las Academias de Brasil", Mistral cuenta que solía pedirle a su "San Gil [Vicente] lingüístico… que algún día las lenguas siamesas de la América del Sur, que viven dándose la espalda, se miren de frente, aprendan sus facciones y acaben por trocar voces y voces de la mano a la mano, acabando con su divorcio espiritual" (Mistral 2013, 144).

marxismo al concluir con la proclama: “Por el proletariado del mundo”. Pocos años después, en 1928, José Carlos Mariátegui fundaba el Partido Comunista Peruano y publicaba los *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana,* obra donde denuncia la persistencia del latifundio y la servidumbre coloniales en la República y afirma que una revolución debe redistribuir la tierra según modos de producción comunales como el *ayllu* a fin de lograr el bienestar del indio, quien representaba “las cuatro quintas partes” de la población nacional (20) y que llevaba cuatro siglos cargando el peso de la servidumbre (40).

A este enfoque nacionalista de las izquierdas, que en las primeras décadas del siglo XX intentaban identificar en sus países los sectores que podrían liderar una revolución socialista, se añadió un giro continentalista hacia fines de la Segunda Guerra Mundial cuando la Guerra Fría dio paso a una fuerte propaganda internacional anti-capitalista por parte de la Unión Soviética y anti-comunista por parte de Estados Unidos. Mientras la primera denunciaba los monstruosos efectos de la bomba atómica en Japón, promoviendo en cambio un Movimiento por la Paz y la solidaridad internacional mediante instrucciones a los Partidos Comunistas del mundo (Petra 101); los segundos acusaban la falta de libertad de los regímenes de izquierda, promoviendo en cambio el imperio de la libertad. No es raro que en 1969 Christopher Lasch definiera esta disputa como “Guerra Fría cultural” puesto que “se libra[ba] con ideas en vez de con bombas” (en Jannello 16-18). Construidos sobre las bases ideológicas de los congresos antifascistas de 1936 y 1937, en que los escritores de izquierda solidarizaron con la República española, el Primer Congreso Mundial de Partidarios de la Paz se realizó en París y en Praga en 1949 y contó con la asistencia de dos mil quinientos delegados, entre ellos Pablo Neruda, Jorge Amado y Cáio Prado Junior. Ese mismo año se instituyó el Premio Lenin de la Paz, siendo Jorge Amado el primer latinoamericano en recibirlo en 1951; y se creó la “Asociación de la América Latina”, cuya inauguración el 28 de abril de 1949 contó con una velada literaria a cargo de Neruda, Amado, Nicolás Guillén y Juan Marinello (en Petra 121). Estos congresos serían replicados en América

Latina gracias a la gestión de figuras como Neruda y Amado, contribuyendo a "forma[r] un bloque de influencia" entre los asistentes (Sáez en Jannello 38).[56]

Los argumentos esgrimidos la década anterior, caracterizada por la lucha contra el nazifascismo, fueron retomados por la Unión Soviética para presentar a Estados Unidos como un nuevo tipo de fascismo que amenazaba a las culturas nacionales. El francés Louis Aragon, asistente a los congresos antifascistas de ambas décadas, explicaba: "Nuestros pueblos y los hombres que son sus representantes en la cultura, tienen el deber de exaltar los valores nacionales de nuestros pueblos, de levantar la barrera al monstruo que renace, cuyas dos cabezas son el fascismo y la guerra, hoy como ayer" (en Petra 108). Para los latinoamericanos no fue una tarea difícil puesto que la guerra entre Estados Unidos y México de mediados del siglo XIX había generado un fuerte sentimiento anti-estadounidense retomado luego por el arielismo derivado de la Guerra de Independencia Cubana. Y si bien este sentimiento ya existía enmarcado en una perspectiva que Petri califica de "liberal", el énfasis comunista en la protección de la cultura local hacia mediados del siglo XX "dio lugar a una compleja tarea de revalorización y descubrimiento de una dimensión 'nacional y popular' que era ajena a las direcciones culturales dominantes de esa misma tradición liberal" (108). Es el momento en que la idea de pueblo sustituye al concepto de proletariado.

Como respuesta a esta movilización liderada por los comunistas se organizó en Berlín, en 1950, el primer Congreso por la Libertad de la Cultura, uno de cuyos resultados más perdurables fue la revista *Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura*—dedicada, según su director Julián Gorkin, "a recoger y a traducir lo universal a nuestro idioma, pero asimismo y sobre todo a recoger y canalizar las ricas y variadas expresiones del espíritu latinoamericano hacia lo universal" (en Ruiz, párrafo 11). Entre los colaboradores latinoamericanos de los cien números publicados entre 1953 y 1965, se cuentan figuras como Alfonso Reyes, Luis Alberto Sánchez y Gilberto Freyre. Al año siguiente del cierre de *Cuadernos,* Emir Rodríguez Monegal fundó en París la

[56] Jannello explica que, "[c]ontinuando con la dinámica—impuesta fundamentalmente en Europa—de establecer espacios de difusión de ideas y de luchas hegemónicas, tanto el bloque soviético como el occidental trasladaron a Latinoamérica la estrategia de los congresos, encuentros, seminarios, etc." (34), siendo el primero de ellos el Congreso Continental de la Cultura organizado por Neruda en Santiago de Chile entre el 26 de abril y el 3 de mayo de 1953.

revista *Mundo Nuevo,* destinada, según explica el primer número, a "insertar la cultura latinoamericana en un contexto que sea a la vez internacional y actual" sin someterse "a las reglas de un juego anacrónico que ha pretendido reducir toda la cultura latinoamericana a la oposición de bandos irreconciliables". En los veintisiete números publicados en sus dos años de duración, Rodríguez Monegal le dio tribuna a los autores del "Boom" para que publicaran incluso antes de terminar sus trabajos, siendo emblemático el caso de Gabriel García Márquez que presentó fragmentos inéditos de *Cien años de soledad*.[57] Pero los órganos surgidos del Congreso por la Libertad de la Cultura tuvieron un fin abrupto cuando el *New York Times* reveló, en 1967, que diversas publicaciones y actividades que se decían neutrales—entre ellas *Cuadernos* y *Mundo Nuevo,* así como el propio Congreso—estaban siendo financiadas por la CIA.

Para lo que nos ocupa resulta interesante el sexto número de *Mundo Nuevo,* de diciembre de 1966, donde el editor publica a João Guimarães Rosa, Clarice Lispector y Nélida Piñón comentando de paso la falta de difusión de la literatura brasileña en el mundo hispano porque "Brasil y América Latina se dan la espalda" (4). La editorial, titulada "La otra mitad", afirma que "[a]unque Brasil ocupa prácticamente media América Latina, la literatura brasileña es casi desconocida en el resto del continente hispánico" pues solo habían sido traducidos al español Graciliano Ramos, José Lins do Rego y Jorge Amado (es probable que se haya referido a escritores 'contemporáneos' traducidos al español). Ello se trataba, dice Rodríguez Monegal, de una situación "doblemente injusta: para los autores brasileños que son desconocidos por sus propios vecinos; para el lector hispanoamericano que se priva del acceso a un mundo fabuloso, a la vez tan parecido y tan distinto del suyo propio" (4). La pertinencia del juicio de Rodríguez Monegal acerca de la distancia entre el quehacer literario americano en español y en portugués evidencia que, desde ambos bandos de la "Guerra Fría cultural", se intentó reforzar los lazos de unión entre los países de América Latina bajo la idea de una hermandad cultural. Ello sugiere que la polarización ideológica que venía siendo promovida por publicaciones y actividades culturales internacionales desde el fin de la Segunda

[57]El colombiano proporcionó fragmentos de *Cien años de soledad* para los números 2 y 9 de *Mundo Nuevo,* mientras que ya en el número 15 aparece un aviso de la Editorial Sudamericana promoviendo la novela con comentarios de Julio Cortázar, Carlos Fuentes y Mario Vargas Llosa.

Guerra Mundial había conseguido, en efecto, estimular a los intelectuales y artistas latinoamericanos a trascender sus enfoques individuales y nacionales para tomar partido en la defensa de valores considerados más trascendentes. En el caso de los intelectuales y artistas latinoamericanos de izquierda, la contingencia histórica propició la conciencia acerca de la similitud de las luchas sociales y raciales de sus respectivos países, herederos del legado de expoliación, desigualdad, esclavitud y servidumbre del colonialismo ibérico, enarbolando en consecuencia la utopía solidaria de la liberación del pueblo.[58] En este contexto, nos interesa comentar el caso de dos escritores que desde las filas comunistas reivindicaron al pueblo latinoamericano: el chileno Pablo Neruda y el brasileño Jorge Amado.

Pablo Neruda se afilia en 1945 al Partido Comunista de Chile, viajando ese mismo año por primera vez a Brasil para participar en el homenaje a Luiz Carlos Prestes en São Paulo, quien venía saliendo de nueve años de prisión. Neruda leyó el poema "Dicho en Pacaembú" frente una multitud, hecho que lo marcó profundamente: "Un poeta que lee sus versos ante 130 mil personas no sigue siendo el mismo, ni puede escribir de la misma manera después de esa experiencia" (en Abraham Quezada 46). Así, si España significó para Neruda un primer acercamiento a las luchas populares, es en Brasil donde según Abraham Quezada completa ese proceso porque el viaje ocurre "en momentos relevantes de su vida política y estética, a saber: su adhesión formal al Partido Comunista y durante la redacción de *Canto general*" (47). Por ello el poema a Prestes, incluido luego en esta obra, enfila las luchas del líder brasileño con las luchas republicanas de la Guerra Civil Española y las gestas independistas de los héroes hispanoamericanos del siglo XIX, operación mediante la cual incorpora a Prestes y a Brasil en el movimiento histórico de liberación de las clases populares del mundo, particularmente de América Latina:

> Yo recuerdo en París, hace años, una noche
> hablé a la multitud, vine a pedir ayuda
> para España Republicana, para el pueblo en su lucha.
> España estaba llena de ruinas y de gloria.
> Los franceses oían mi llamado en silencio.
> Les pedí ayuda en nombre de todo lo que existe

[58]Como "pueblo" no entendemos a los depositarios de la soberanía popular producto de un contrato social según la conceptualización de Jean-Jacques Rousseau (1762), sino a todos los sectores oprimidos de una sociedad—en el caso que nos ocupa, de las sociedades coloniales y post-coloniales latinoamericanas.

> y les dije: Los nuevos héroes, los que en España luchan,
> mueren,
> Modesto, Líster, Pasionaria, Lorca,
> son hijos de los héroes de América, son hermanos
> de Bolívar, de O'Higgins, de San Martín, de Prestes.
> Y cuando dije el nombre de Prestes fue como un rumor inmenso
> en el aire de Francia: París lo saludaba.
> Viejos obreros con los ojos húmedos
> miraban hacia el fondo del Brasil y hacia España.

Este primer acercamiento de Neruda a las luchas del pueblo brasileño mediante la figura de Prestes, sería reverberada en el *Canto general* (1950) con el homenaje a otro brasileño defensor de los oprimidos de su tierra. En el poema "Castro Alves del Brasil", incluido en la sección "Los libertadores", Neruda dialoga con el "poeta de los esclavos" apostrofándolo sobre la inspiración de su poesía:

> "*Castro Alves del Brasil, tú para quién cantaste?*
> *Para la flor cantaste? Para el agua*
> *cuya hermosura dice palabras a las piedras?*
> *Cantaste para los ojos, para el perfil cortado*
> *de la que amaste entonces? Para la primavera?*
> - Canté para los esclavos, ellos sobre los barcos
> como el racimo oscuro del árbol de la ira
> viajaron, y en el puerto se desangró el navío
> dejándonos el peso de una sangre robada.
> [...]
> Yo canté para aquellos que no tenían voz.
> Mi voz golpeó las puertas hasta entonces cerradas
> para que, combatiendo, la Libertad entrase.
> *Castro Alves del Brasil, hoy que tu libro puro*
> *vuelve a nacer para la tierra libre,*
> *déjame a mí, poeta de nuestra pobre América*
> *coronar tu cabeza con el laurel del pueblo.*
> *Tu voz se unió a la eterna y alta voz de los hombres.*
> *Cantaste bien. Cantaste como debe cantarse.*" (137-38)

El homenaje de Neruda al autor de "Navío negrero" (1868), hace pensar en su propia conversión a la poesía solidaria durante su estadía en España, donde como Cónsul fue testigo del inicio de la Guerra Civil y el asesinato de Federico García Lorca. En *España en el corazón* (1937),Neruda explica por qué dejó la poesía intimista y telúrica para adoptar una poesía como deber con los oprimidos del mundo. En el poema "Explico algunas cosas", el yo-lírico dice por qué ya no habla de flores: "Preguntaréis: ¿Y dónde están las lilas? [...]/ Os voy a contar todo lo que me pasa". Describe la vida que llevaba en Madrid: "Mi casa era llamada/ la casa de las flores, porque por todas partes/ estallaban geranios...", hasta que la guerra comenzó: "y una mañana las hogueras/ salían de la tierra/ devorando seres,/ y desde entonces fuego,/ pólvora desde entonces,/ y desde entonces sangre". El aprendizaje político para Neruda consistió en darse cuenta que, ante la traición a la República española—"¡Chacales que el chacal rechazaría,/ piedras que el cardo seco mordería escupiendo,/ víboras que las víboras odiarían!"—, la lucha solidaria se levanta:

"¡Frente a vosotros he visto la sangre/ de España levantarse/ para ahogaros en una sola ola/ de orgullo y de cuchillos!" El aprendizaje estético fue que la poesía también puede ser un instrumento de lucha contra los enemigos del pueblo. De allí que admirara la lucidez de Castro Alves para, como dice en el poema, "cantar" por aquellos esclavos cuya voz no era escuchada en la tierra adonde fueron trasplantados, pues es lo que el propio Neruda intentó hacer en otros poemas de *Canto general*, como "Alturas de Macchu Picchu", donde intenta entender qué injusticias son las que históricamente han oprimido al pueblo continental.

La solidaridad política que acercó a diversos escritores latinoamericanos auspició, en el caso de Pablo Neruda y Jorge Amado, la amistad y una sutil influencia que se percibe en momentos específicos de sus obras. Los únicos dos héroes brasileños incluidos en la sección "Los libertadores" de *Canto general* son Castro Alves, el poeta favorito de Amado al que se refirió en "ABC de Castro Alves" (1941), y Luis Carlos Prestes, sobre quien Amado había escrito *Vida de Luiz Carlos Prestes, el caballero de la esperanza,* publicada en Buenos Aires en 1942. Esto sugiere que en la investigación de Neruda sobre las luchas populares en distintas latitudes de las Américas, Jorge Amado fue el mediador entre él y Brasil. Amado, por su parte, se había afiliado al Partido Comunista en 1932, lo que le había valido varias detenciones y también el exilio en Argentina y Uruguay entre 1941 y 1942, momento que aprovechó para escribir la biografía del líder de la Columna Prestes, por entonces preso por el régimen de Getúlio Vargas. De regreso en Brasil debido a la alianza de Getúlio y el Partido Comunista para luchar contra el Eje, Amado comenzó a escribir la columna "Hora da guerra" en el diario *O imparcial* a fin de luchar "pela liberdade, pela democracia, pela vitória... do povo" (en Muraca 7). Desde allí informa sobre los acontecimientos del conflicto europeo, dedicando su comentario del 8 de agosto de 1943 a Pierre Laval, el cual revela su lectura de *España en el corazón* al recrear su léxico para insultar al colaborador del régimen nazi: "Laval é a última excrescência da indignidade. Os porcos que se rebolam na lama teriam nojo do seu contacto e os chacais que comem cadáveres não o quereriam para companheiro de bando, tão degradado é esse homem, tão pulha é esse canalha tão cínico é esse traidor" (en Veiga 2014). Llama la atención que, por sobre la solidaridad política que como comunista Amado le debía a Francia en tanto país ocupado por el enemigo nazifascista, el escritor enfatiza su deber solidario "arielista", es decir, como miembro de la comunidad latina:

> Para nós, latinos, para nós, brasileiros, esta presença da França nos campos de batalha e nos mares da guerra tem uma significação toda especial, pois a ela estamos ligados pelos mais ardentes laços de sentimento e de cultura. Dela vieram os livros e os fatos que encheram a nossa vida literária e nossa vida política. Nos seus grandes feitos beberam inspiração os heróis do nosso passado. A Inconfidência Mineira nasce da Revolução Francesa, Castro Alves tem profundas ligações com Victor Hugo. Reencontramos a França, a ardente França, mãe da liberdade, a França dos grandes gestos heroicos, aquela cuja queda nos feriu tão profundamente o coração. (en Veiga 2014)

Unos cuarenta años después, Amado cuestionaría el concepto de América Latina afirmando que no se consideraba latino sino "medio latino": "Mi abuela materna era india. Un bisabuelo era negro. [...] Soy latino y soy indígena y soy

negro. Sobre todo culturalmente, soy más negro que cualquier otra cosa" (Amado/González Uribe). En 1945, Jorge Amado fue elegido por amplia mayoría diputado federal del Partido Comunista bajo la consigna "romancista do povo". Sus pancartas promocionales listaban no sus logros políticos sino la lista de novelas por él llamadas "proletarias", las cuales se encargaron de legitimar su candidatura por los oprimidos de Brasil. Si bien esta estrategia promocional tuvo buen resultado pese al analfabetismo reinante en la época (62% según la INEST), cabe destacar que sus novelas efectivamente calaron profundo en las nuevas generaciones de oprimidos, no solo en Brasil, sino en el mundo lusófono. Un hito en este sentido es *Jubiabá,* novela de 1935 protagonizada por Antônio Balduíno, el primer héroe afrodescendiente de la literatura brasileña que se convirtió, según afirma José Luís Cabaço, en un símbolo de las luchas populares en el Moçambique de su generación. En las décadas de 1950 y 1960, el colonialismo portugués obligaba a una segregación racial feroz en ese país africano: "Todos os brancos, sem distinção de grupo etário ou da função que ocupavam na área produtiva, deviam ser chamados de "patrão"; todos os negros, velhos ou novos, eram "rapaz" (com conotação bem diferente do uso atual do termo no Brasil, já diluído de sua carga colonial)" (Cabaço 237). En su testimonio "Cavaleiro da esperança", en referencia no a Prestes sino a Amado, Cabaço señala que *Jubiabá* fue una revelación porque

> Nela descobríamos essa outra África tão distante e tão próxima, tão diversa e tão familiar. Reconhecíamos Moçambique na capacidade de sobrevivência dos deserdados, na interlocução quotidiana com o mundo dos espíritos, na riqueza do candomblé, na miscigenação social e cultural entre os emarginados, na intimidade com a natureza, no estoicismo perante a exploração, no gosto pela vida que, mesmo em situações dramáticas, animava a maioria de seus personagens. (238)

Cabaço afirma que la imagen del *povo* representada en las novelas de Amado—"força telúrica dotada de um instinto político-quase-consciência-social" (238)—llenaba los vacíos de utopía que por entonces afectaba a la juventud moçambicana y reforzaba "nosso juvenil romantismo revolucionário". Específicamente, Antônio Balduíno "representaba para mim e outros amigos e colegas o negro moçambicano, libre e inconformado, exemplo do resistente solitario ao autoritarismo colonial" (238). El testimonio de Caboço refleja uno de los momentos mejor logrados de la solidaridad internacional del sujeto

"pueblo" reforzado por una hermandad tercermundista que trascendió las fronteras de lo nacional y lo continental.

Amado había trabajado en la construcción de este sujeto desde su primera novela, *O país do carnaval* (1931), no incluida en su serie de novelas proletarias y respecto a la cual señala: "No norte, terra de promissão, há uma grande confusão de raças e sentimentos. É a formação do povo". La publicación de *Cacau* (1933) representó para Amado "o momento em que me torno um militante de esquerda, e meu econtro com a literatura, com o romance proletário dos anos 20, com a literatura soviética da primeira fase e com os escritores americanos que surgiam" (Tati 46). La divergencia entre las visiones de Amado y Mistral con respecto a la naturaleza se desprende de lo que sugieren Schwarcz y Goldstein en torno a que ella opera como ambiente y no como geografía o paisaje, porque Amado busca resaltar las "dimensões de ordem econômica como as determinantes básicas da existência e das ações dos homens". Así lo revela el siguiente trecho de *Cacau*: "Os pés espalhados pareciam de adultos, a barriga enorme, imensa da jaca e da terra que comiam" (en Schwarcz y Goldstein 26).*Jubiabá,* por su parte, es recibida por el crítico brasileño Humberto Bastoscomo una novela más nacional por causa de Antônio Balduíno: "Tudo na nossa literatura, agora, então, tomou um ar mais brasileiro com a chamada do elemento negro, que vem ocupando primeiro plano. O nosso romance hoje é brasileiro" (en Calixto 74).

Nuevamente exiliado de su país en 1947 tras la declaración de ilegalidad del Partido Comunista, Amado se exilió en París y otros países europeos desde donde se convirtió en un agente activo del Movimiento Mundial de los Partidarios de la Paz hasta 1956, cuando las denuncias de Nikita Kruschev contra Stalin provocaron su alejamiento de la política partidista. Ello, sin embargo, no lo alejó de sus ideales de izquierda pues todavía en 1987 declaraba: "Creo que el socialismo es el destino de nuestros pueblos y de todas las naciones" (Amado/González Uribe). En la misma ocasión, en tanto, se mostró reticente a considerar la literatura brasileña como parte de lo latinoamericano porque las editoriales identificaban a América Latina con la literatura en español y porque no había una influencia estética recíproca. Explicaba que, aunque le gustaba la literatura argentina, ello no significaba que ella "est[uviera] más cercana de la nuestra, como realización, que la literatura francesa"

(Amado/González Uribe). Este problema, delineado con claridad por Jorge Amado a fines del siglo XX, intentó ser superado por proyectos editoriales no mercantiles que han promovido la circulación de la literatura brasileña en América Latina y en español.

Proyectos editoriales y premios internacionales: literatura y traducción

Como vimos arriba, el primer proyecto editorial latinoamericano del siglo XX que incluyó obras brasileñas dentro de un espectro literario mundial fue la colección "La Biblioteca de La Nación". Impulsadas por el éxito de esta colección, que en los primeros dos años vendió más de un millón de libros y llegó a publicar 872 títulos diferentes (Willson 35), surgieron otras iniciativas editoriales que siguieron este ejemploy convirtieron a Buenos Aires en una capital del libro que hacia 1940 concentraba gran parte de las literaturas extranjeras en español. En 1936 la Editorial Mercatali creó la "Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano", con el fin de "difundir el conocimiento de obras sintéticas para estrechar las relaciones amistosas intelectuales entre escritores y profesores de Brasil y Argentina" (en Pasero, nota al pie No. 3). Durante la década siguiente, la Editorial Nova creó la "Colección Nuestra América", dirigida por Luis Bauduzzone y que incluyó títulos como *Don Casmurro* (1943) de Machado de Assis y *El conventillo* (1943) de Aluísio Azevedo; en tanto la editorial W. M. Jackson Inc. lanzó su "Colección Panamericana", que incluyó *Los sertones* (1946) de Euclides da Cunha y *Don Casmurro* (1946) además de, como sugiere su título, obras estadounidenses y canadienses. Cabe señalar que, junto con el incremento de las publicaciones, en las primeras décadas del siglo se produce la profesionalización del traductor, oficio que había sido realizado hasta los primeros años del siglo XX por letrados tradicionales como Bartolomé Mitre, dueño de *La Nación*. Según explica Patricia Willson, "La biblioteca de La Nación" marca un momento de transición con la figura de Arturo Costa Álvarez, encargado de versión en español de las tres obras brasileñas, pues el traductor estaría desde entonces "limitado a las intervenciones estéticas" (31). En relación al interés de México en la literatura brasileña, Carlos Espinosa Domínguez nos ilumina al señalar que la primera publicación de Machado de Assis en tierra azteca data de 1952, año en que el

Fondo de Cultura Económica publicó *Memorias Póstumas de Blas Cubas* con un prólogo de Lúcia Miguel Pereira (Espinosa 71).

Y aunque resulta innegable la efervescencia editorial de la primera mitad del siglo XX, especialmente en Argentina y México, la segunda puede caracterizarse por el surgimiento de iniciativas editoriales que contestaron las geopolíticas del conocimiento impuestas desde Europa y Estados Unidos, y propiciaron el nacimiento de otras "capitales del libro" en el continente. En particular, queremos referimos a Casa de las Américas (Cuba) y Biblioteca Ayacucho (Venezuela) no solo por su trascendencia intelectual y trasfondo americanista, sino porque sus trayectorias revelan la presencia de la literatura brasileña en América latina en décadas recientes. En Cuba, la creación de instituciones como Casa de las Américas y el Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) el mismo año del triunfo de la Revolución buscó darle un correlato cultural e intelectual a las transformaciones sociales y políticas que se llevarían a cabo. Según explican Coto y Domenech, "Casa propuso materiales, formas y poéticas que reafirmaron su condición de proyecto revolucionario" (4), labor que se extendió más allá de las fronteras nacionales pues, según consta en la página del Ministerio de Cultura, parte de su objetivo ha sido realizar "tareas de carácter internacional no gubernamentales, encaminadas prioritariamente a desarrollar y ampliar las relaciones socioculturales con los pueblos hermanos de América" (http://www.min.cult.cu/loader.php?sec=instituciones&cont=casaamericas).
En este sentido, y como señala Antonio Fornet, la finalidad de Casa de las Américas ha sido en última instancia utópica: "La Casa era la puerta que daba a la revolución, que a su vez no era solo este ámbito político y humano enmarcado en la isla sino la perspectiva desde la que podía contemplar, como un paisaje fabuloso, el futuro previsible de nuestra América" (en Coto y Domenech 4-5).

Entre las actividades de desarrollo y ampliación de las relaciones con los pueblos americanos, el Premio Literario Casa de las Américas y la *Revista Casa de las Américas* se han convertido en referentes mundiales para la identificación de nuevos talentos y la circulación de la literatura latinoamericana. Ambas iniciativas nacieron en 1960 bajo el entendido, según consta en la primera editorial de la *Revista Casa,* que "la literatura es también esa aventura de transformar la realidad americana" (en Coto y Domenech 6).

Las publicaciones del Fondo Editorial Casa de las Américas cumplen esta misma función, contexto en el cual cabe resaltar que el primer escritor brasileño publicado en la Cuba revolucionaria fue Machado de Assis, encargado de inaugurar en 1963 la colección de textos clásicos de literatura latinoamericana con *Memorias póstumas de Blas Cubas*. Asimismo, a poco andar del premio literario, inicialmente llamado Concurso Literario Hispanoamericano, los organizadores se dieron cuenta que esta categorización excluía a la literatura brasileña, razón por la cual desde 1964 fue rebautizado como Concurso Literario Latinoamericano. Ese primer año en que los brasileños fueron convocados, el dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho obtuvo el premio de teatro por su obra *Quartos quadras da Terra*. El golpe militar brasileño de 1964 produjo el rompimiento de las relaciones políticas que sostenía con Cuba desde 1906, lo que significó que por una década no hubiera ganadores brasileños del premio. En 1973, no obstante, Paulo de Carvalho y Antonio Caso reabrieron la tradición con sus premios en ensayo y en testimonio respectivamente. Y aunque las relaciones políticas con Brasil se restablecieron en 1986, Casa de las Américas creó en 1980 categorías especiales para premiar la literatura brasileña compitiendo con autores de la propia lengua. Ese año fueron distinguidos Otávio Afonso en poesía y Edilberto Coutinho en cuento, en tanto que diversos críticos y escritores brasileños han sido desde entonces invitados a inaugurar el Premio Literario Casa de las Américas y a participar como jueces, como Antonio Candido y Thiago de Mello, así como más recientemente Antônio Torres y Silviano Santiago.

Por su parte, el año 2000 fueron creados tres premios honoríficos para escritores latinoamericanos: José Lezama Lima de Poesía, José María Arguedas de Narrativa y Ezequiel Martínez Estrada de Ensayo, siendo adjudicados a tres brasileños desde entonces: Rubem Fonseca (2005), Chico Buarque (2013) y Luiz Bernardo Pericás (2014). Intrigada por el criterio que le otorga una distinción de carácter latinoamericano a un escritor brasileño—ello, claro, en el marco de nuestra preocupación por la circulación de la literatura brasileña en América Latina—, le pedí a Casa de las Américas el acta de asignación de este premio honorífico a Chico Buarque por su novela *Leche derramada*. El texto del 31 de enero de 2013 hace referencia a su "cautivante modo de narrar… una saga familiar que es también la historia de los últimos dos siglos de su país". *La*

Ventana, portal informativo de Casa de las Américas, comenta el 20 de marzo de 2014 la novela de Buarque diciendo que, "como si nos asomáramos a un palacio abandonado", "[l]a narración nos conduce al conocimiento de la opulencia brasileña de antaño, de las riquezas expropiadas, y de la burda caída de una familia que se consideraba a sí misma fundadora de la nación" (Fernández de Juan). En otro frente, el escritor Silviano Santiago fue en 2014 el primer brasileño distinguido con el Premio Iberoamericano de Letras José Donoso, que desde 2001 otorga la Universidad de Talca (Chile). El acta del 3 de septiembre de 2014 especifica que el trabajo literario de Santiago, "a partir de fuertes tradiciones de la cultura brasileña, ha realizado una importante contribución al pensamiento y a la creación literaria de América Latina". Aunque los textos son breves, ambos atestiguan que el goce intelectual y estético de la obra brasileña es sopesado, además del esfuerzo por tender puentes culturales, a partir de la presencia de realidades reconocibles, ecos arcaicos y sonoridades familiares que a menudo permean la traducción. Como revela el comentario sobre *Leche derramada,* este goce literario tiene mucho de voyeurismo transcultural que, en última instancia, nos anima, como lectores hispanoparlantes localizados en un territorio lingüístico aledaño, a dejarnos seducir por historias que desde no tan lejos contribuyen a registrar las experiencias de los hombres y las mujeres de este continente.

Emblemático es, asimismo, el proyecto editorial de Biblioteca Ayacucho, institución fundada el 10 de septiembre 1974 por el crítico literario uruguayo Ángel Rama y el escritor venezolano José Ramón Medina en el marco de los debates del XIII Congreso Internacional de Literatura Latinoamericana, realizado en Caracas. Tras crear un comité editorial compuesto por escritores y críticos venezolanos, en 1975 se convocó a "un nutrido grupo de intelectuales, escritores y expertos latinoamericanos y latinoamericanistas para definir los contenidos específicos de los libros de todas las épocas y nacionalidades que constituirían el fondo editorial" (http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=54). El primer volumen, *Doctrina del Libertador,* con textos fundamentales de Simón Bolívar, fue lanzado a mediados de 1976, momento a partir del cual fueron añadiéndose colecciones paralelas que incluyeron literatura colonial y de jóvenes escritores, publicando hasta la fecha más de 300 títulos. La "Colección Clásica", primer proyecto ideado por Biblioteca Ayacucho

y compuesto hasta ahora por 253 títulos, ha buscado construir un corpus de textos esenciales sobre la literatura y la cultura latinoamericana, razón por la cual ya desde el número 11 se incluyó a autores brasileños. Este volumen fue dedicado a la obra de Gilberto Freyre, *Casa-Grande y senzala,* siendo lanzado en 1977 y traducido por Benjamín de Garay y Lucrecia Manduca. Esta edición de Ayacucho es la segunda traducción al español de la obra de Freyre—la anterior había estado a cargo de la Editorial Emecé de Buenos Aires, en 1942—, lo cual para Ramón Villares "contrasta con el eco alcanzado en otras lenguas, como el francés o el inglés, donde han sido numerosas las reediciones del texto" (19). Hasta ahora la "Colección Clásica" ha incluido 17 títulos de autores o temas brasileños, lo cual corresponde a casi un 7% del total publicado, cifra ciertamente reducida si se considera una participación proporcional de cada país latinoamericano. Por su parte, algunos aspectos interesantes de destacar son que, entre los brasileños incluidos, el único autor que cuenta con dos volúmenes (33 y 52) es Machado de Assis, y que existen dos críticos literarios dentro de la lista: Sílvio Romero y Antonio Candido. Eso último no es casual pues para Rama el crítico literario es un agente fundamental para la recreación simbólica de la comunidad.

El creador uruguayo de la Biblioteca Ayacucho, seguidor de las utopías continentalistas de Pedro Henríquez Ureña y los métodos integradores entre literatura y sociedad de Antonio Candido, señaló en diversas ocasiones que el objetivo de la crítica literaria es sentar las bases simbólicas de la comunidad cultural: fundar una literatura es fundar identidad, por tanto el ejercicio crítico es, para el intelectual latinoamericano comprometido, un ejercicio de soberanía. Desde esta perspectiva, el crítico literario es quien materializa las utopías colectivas: "Ocurre que si el crítico literario no construye las obras, sí construye la literatura, entendida como un corpus orgánico en que se expresa una cultura, una nación, el pueblo de un continente, pues la misma América Latina sigue siendo un proyecto intelectual vanguardista que espera su realización concreta". En *La novela en América Latina* (1982), Rama explica las razones que lo impulsaron a participar en el proyecto editorial venezolano: "Confieso que… uno de los motivos por los cuales fundé la Biblioteca Ayacucho [fue] el espectáculo de un continente intelectual reclamando su identidad y su originalidad, sin citar las espléndidas obras que en siglos se habían acumulado en esta misma tierra

americana, pacientemente rearticuladas por el pensamiento crítico de nuestros antecesores" (en Zanetti 921). Según esta perspectiva, el crítico literario posee un rol ético de orientación simbólica de la sociedad en torno a sus mitos fundacionales, su cultura y su porvenir—función que Rama describe como de "diseñado[r] de modelos culturales" (en Zanetti 923) y que es ciertamente comparable a la que, a fines del siglo XIX, escritores como Rubén Darío y José Martí le atribuían al poeta. Por ello, nos parece de suma importancia el giro crítico que Rama le otorga a la reproducción de la cultura porque hace recaer en esta figura académica la enorme tarea de gestionar el cumplimiento de las utopías que, en lo transcurrido de vida independiente, otros hijos de la Patria Grande no habían podido llevar a cabo desde espacios como la política, el ensayismo, la poesía, la economía o el mercado. Y aunque Rama se ocupó de formar un nuevo público de carácter masivo apelando "a la conferencia, a la clase, al programa radial o a la polémica" (Zanetti 920), cabe preguntarse en qué medida la agencia política ejercida por el crítico literario es hoy en día capaz de traspasar los límites de la propia academia, lugar donde radica la mayor parte de sus lectores efectivos.

Esta interrogante nos lleva a comentar la colección argentina "Vereda Brasil" de Ediciones Corregidor, creada en 1999 justamente por la necesidad de "llenar un vacío en el mercado editorial en lengua española y buscar atender a la demanda académica de las cátedras de literatura brasileña y latinoamericana en estas áreas". "Vereda Brasil" lleva más de 30 títulos publicados y es todavía la única colección fuera de Brasil destinada de manera exclusiva a difundir la literatura brasileña. Y aunque el público principal de estos libros es el "docente o estudiante universitario", las características del mercado editorial en Buenos Aires—la ciudad con mayor cantidad de librerías por habitante en todo el mundo[59]—nos invita a pensar que existen lectores de literatura brasileña en español fuera del ámbito académico. Consultados al respecto, los editores de Corregidor señalan incluso que la colección es más comprada por el público no académico, fenómeno que se ha traducido en la re-edición de varios títulos de autores como Clarice Lispector, Ferréz y Silviano Santiago.

[59]25 cada 100 mil habitantes según el World Cities Culture Forum Report de 2014.

Sin embargo, el alto número de lectores no académicos en Buenos Aires no corresponde al caso de otras ciudades latinoamericanas. Más traducciones y más publicaciones de literatura brasileña puede ser una forma de enfrentar el desconocimiento que el ciudadano hispanoamericano común posee respecto a la literatura brasileña. Pero si las editoriales que dominan el mercado no cuentan con el trasfondo político, cultural, académico y/o utópico que anima las publicaciones de Casa de las Américas, Biblioteca Ayacucho o Corregidor, difícilmente ello va a ocurrir. La creación de más lectores puede radicar más bien en una afrenta a las geopolíticas del conocimiento mediante la expansión de lo que Francisco Bilbao o José Martí denominaban universidad americana, "donde se reunirá todo lo relativo a la historia del continente, al conocimiento de sus razas, lenguas americanas, etc." (Bilbao 23). Ello requiere, además, una política lingüística en que las instituciones educativas enseñen primero los idiomas locales—lenguas indígenas, español a los brasileños, portugués a los hispanoamericanos—por sobre las lenguas de las potencias mundiales de turno. Un conocimiento profundo del otro no es una tarea de corto plazo: es un recorrido largo por saberes diversos que, no obstante, es capaz de transformar la percepción de nuestros espacios soberanos, nacional y continental. Es un ejercicio de tolerancia que nos lleva inevitablemente a enriquecer nuestra experiencia como seres humanos y que apunta a lo que Oswald de Andrade, me parece, quería decir cuando señaló: "só me interessa o que não é meu".

Agradezco a la organización de Clisertão por invitarme a reflexionar sobre estos asuntos y a las personas e instituciones que me ayudaron a dilucidar varias de las interrogantes planteadas a lo largo de este texto. Mi particular reconocimiento a Genivaldo do Nascimento de la Universidad de Pernambuco (Petrolina, Brasil), a Jorge Fornet y Roberto Fernández Retamar de Casa de las Américas (La Habana, Cuba), a María Fernanda Pampín y Norberto Gugliotella de Ediciones Corregidor (Buenos Aires, Argentina), a Javier Pinedo de la Universidad de Talca (Talca, Chile) y a Bruno Fraga de la Fundação Casa de Jorge Amado (Salvador, Brasil).

Obras citadas

Abellán, José Luis. “Sobre el ‘Hispanismo Filosófico’. Meditación en torno a los fundamentos histórico-culturales de la Comunidad Hispánica”. *Cuadernos Americanos* No. 503 (mayo 1992): 75-82.

Alba, Pedro de. “Hispanismo e indigenismo de Gabriela Mistral”. *Anales de la Universidad de Chile*. No. 106 (abril-junio 1957):79-80.

Albizú Labbé, Francisco. “La polémica Andrés Bello/Sarmiento (1842). Su influencia en la formación de la identidad nacional chilena”. *América: Cahiers du CRICCAL,* No. 21 (1998): 211-218.

Amado, Jorge y Guillermo González Uribe. “Latinoamérica no existe”. Magazín Dominical de El Espectador, no 199, Bogotá, 18 de enero de 1987. Consultada en línea en: <https://elaladearriba.wordpress.com/periodismo/cultural/jorge-amado-latinoamerica-no-existe/>

Azevedo, Aluísio. *O touro negro*. Obliqpress, Classics of Brazilian Literature, 1938.

Bilbao, Francisco. “Iniciativa de la América. Idea de un Congreso Federal de las Repúblicas”. *Latinoamérica. Cuadernos de Cultura Latinoamericana*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México & Unión de Universidades de América Latina, 1978.

Cabaço, José Luís. “Cavaleiro da esperança (testemunho de um reencontro)”. Flávio Gonçalves dos Santos et al. (org.). *Cem anos de Jorge Amado. História, literatura e cultura*. Ilhéus, BA: Editus, 2013, pp. 235-244.

Calixto, Carolina Fernandes. *Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais*. Tese de mestrado para a obtenção do título de Mestre em História. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

Céspedes, Mario. *Recados para América. Textos de Gabriela Mistral*. Santiago: Revista Pluma y Pincel/Instituto de Ciencias Alejandro Lipschutz, 1978.

Costigan, Lúcia Helena & Leopoldo M. Bernucco. “O Brasil, a América hispánica e o Ceribe: abordagens comparativas. Introdução”. *Revista Iberoamericana,* Vol. LXVIII, No. 200 (julio-septiembre 2002): 871-874.

Coto Sardina, Geyser & Grethel Domenech Hernández. “Una casa para la revolución: un proyecto de legitimación cultural en Cuba (1959-1965)”. *Collectivus, Revista de Ciencias Sociales,* Vol. 2, No. 2 (2015): 1-13.

Crespo, Regina Aída. “Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938)”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45 (2003): 187-208.

Damrosch, David. *What Is World Literature?* Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2003.

Espinosa Domínguez, Carlos. “Andanzas póstumas: Machado de Assis en español”. *Caracol* 1 (2010): 64-85.

Fernández de Juan, Laidi. “Acerca de *Leche derramada”.La Ventana,* 20 de marzo de 2014. http://laventana.casa.cult.cu/noticias/2014/03/20/acerca-de-leche-derramada/

González Uribe, Guillermo.

Henríquez Ureña, Pedro. *La utopía de América*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.

Jannello, Karina C. "El Congreso por la Libertad de la Cultura: el caso chileno y las disputas por las "ideas fuerza" de la Guerra Fría". *Revista Izquierdas,* No. 14 (diciembre 2014): 14-52.

Kant, Immanuel. "An Answer to the Question: What Is Enlightenment?" James Schmidt (ed.). *What Is Enlightenment?: Eighteenth-century Answers and Twentieth-century Questions*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1996: pp. 58-64.

Mariátegui, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007.

Mistral, Gabriela. *Caminando se siembra. Prosas inéditas*. Santiago: Lumen, 2013.

_____. "La lengua de Martí". *Anales de la Universidad de Chile,* No. 89. Santiago de Chile (primer trimestre 1953): 97-116.

_____. *Vivir y escribir. Prosas autobiográficas*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2015.

Muraca, Márcio Henrique. "As crônicas inéditas de Jorge Amado: um comunista na Hora da Guerra". *Revista Crioula* No. 9. USP (maio de 2011): 1-9.

Neruda, Pablo. *Canto general*. Santiago: Pehuén Editores, 2005.

_____. *España en el corazón*.

Pasero, Carlos A. "Los límites de la lengua. Benjamín de Garay y la praxis de la traducción". *Graphos. Revista da Pós-Graduação em Letras UFBP João Pessoa,* Vol. 6, No. 2/1 (2004): 95-100.

Petra, Adriana. "Cultura comunista y Guerra Fría: los intelectuales y el Movimiento por la Paz en la Argentina". *Cuadernos de Historia* 38. Universidad de Chile (junio 2013): 99-130.

Pizarro, Ana. *Gabriela Mistral. El proyecto de Lucila*. Santiago: LOM, 2005.

Quezada Vergara, Abraham. "El Brasil de Neruda. Notas para una aproximación". *Atenea* 507 (1er semestre de 2013): 45-63.

Quezada, Jaime. "Gabriela Mistral. Contar y pensar la América". *Revista Casa de las Américas,* No. 282 (enero-marzo 2016): 34-47.

Ruiz Galvete, Marta. "*Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura:* anticomunismo y guerra fría en América Latina". *El Argonauta español*. [En ligne] 3, 2006, mis en ligne le 15 janvier 2006, consulté le 26 avril 2016. URL: http://argonauta.revues.org/1095.

Schwarcz, Lilia Moritz & Ilana Seltzer Goldstein. *O universo de Jorge Amado. Orientações para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Táti, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

Vasconcelos, José. *Bolivarismo y monroísmo*. Santiago: Editorial Ercilla, 1937.

Veiga, Benedito. "*Hora da guerra:* Jorge Amado e a França na Segunda Guerra

Mundial". *Amerika. Mémoires, identités, territoires*. No. 10, 2014, mis en ligne le 22 juin 2014, consulté le 15 juin 2016. URL : http://amerika.revues.org/4643 ; DOI : 10.4000/amerika.4643

Villares, Ramón. "Un intérprete de Brasil". Gilberto Freyre. *Casa-Grande y senzala. La formación de la familia brasileña en un régimen de economía patriarcal*. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia S.A., 2010.

Walsh, Catherine/Walter Mignolo. "Geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Entrevista a Walter Mignolo". *Polis, Revista de la Universidad Bolivariana,* Vol. 1, No. 4 (2003): 1-26.

Willson, Patricia. "El fin de una época: letrados-traductores en la primera colección de literatura traducida del siglo XX en la Argentina". *Trans. Revista de Traductología*. No. 12. Universidad de Málaga (2008): 29-42.

Zanetti, Susana. "Ángel Rama y la construcción de una literatura latinoamericana". *Revista Iberoamericana,* Vol XVII, No. 160-161 (julio-diciembre 1992): 919-932.

A FORÇA DAS LENDAS NA CULTURA POPULAR

Rubia Lossio

O que seria do sertão, sem os encantos de seus mistérios? Talvez a particularidade do sertão não esteja em seu clima, mas, nas narrativas do imaginário do sertanejo. O sertanejo possui uma dinâmica em seu imaginário para administrar a lógica do trabalho e da vida. Suas vontades são envolvidas na prática do cotidiano diante da aridez da caatinga. Tudo é uma questão de uso e de interpretação. Nesse sentido, as vivências do sertanejo trazem como marca de um povo forte, as nuances de seu imaginário popular. Por isso, as lendas e os mitos surgem para driblar a dinâmica do tempo, a certeza da morte e as questões relacionadas às práticas do consumo. É na miragem da aridez do sertão que o sagrado se configura pelos símbolos do imaginário.

Então, em um encontro na TVU (TV Universitária da Universidade Federal de Pernambuco) com o jornalista Roberto Beltrão, conhecido como o "assombrológo" do Recife, nasceu o projeto - Lendas na Tela: da História oral à história digital. Nessa época eu ainda trabalhava na Fundação Joaquim Nabuco, na Coordenação de Estudos Folclóricos. Hoje, ministro aulas no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio em Juazeiro do Norte, CE. O referido projeto visou o registro oral das lendas e mitos que ocorrem nas cidades do interior de Pernambuco pelos próprios moradores locais. Na verdade esse trabalho surgiu desde que fomos chamados para realizar o programa Opinião Pernambuco da TVU, que exibia o tema sobre lendas, mitos e crenças. Além disso, Roberto Beltrão elaborou um *site* sobre - *O Recife Assombrado,* para divulgar *online* as narrativas do povo pernambucano.

Desse modo, o projeto é importante na medida em que revela um registro das lendas e mitos através de narrações dos residentes do interior de Pernambuco. As ações e vivências de um povo revelam as inquietudes do imaginário social. A cultura popular tem como essência o imaginário, que configura uma riqueza imprescindível. É nesse campo fértil que o imaginário popular atua, revelando sentimentos que desabrocham em lendas, mitos, contos, crenças, superstições e, em outras belezas que retratam a nossa cultura. Há de se considerar, que as lendas são narrativas que enfeitam e caracterizam o lugar, acompanhadas de mistérios, assombrações e medo. Não se sabe ao certo

como nasceram e criaram as lendas. Elas acompanham fatos e acontecimentos comuns, ilustradas por cenários exóticos e de curta extensão. Muitas vezes são fatos verídicos acrescentados de novos dados ou até mesmo recriados. Podendo ser muito confundida com os mitos.

Para Paulo de Carvalho Neto (2002):

> "*Mito* – Narrativa da ação de um ser inexistente. É a representação mental e irreal de um elemento com formas humanas, de astros, de peixes, de outros animais ou qualquer coisa, cuja ação em geral causa medo. (p.146) *Lenda* – É uma narrativa imaginária que possui raízes na realidade objetiva. É sempre localizável, isto é, ligada ao lugar geográfico determinado. (p.132) *Conto* – Narrativa ficcional, em prosa ou em prosa e verso, com começo, clímax e final, com a finalidade explícita de entretenimento. (p. 57) *Caso* – É a narrativa de um fato, às vezes com origem em acontecimento real, com a finalidade explícita de entretenimento". [60] (p. 42) Lenda é uma "narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, na qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética."[61]

De certa forma, o narrador quanto o receptor, sente-se encantados com a narração de uma lenda. A maior característica da lenda é à maneira de sua narração, encantadora, fascinante e inventiva. Para Susana Chertudi[62], a Internacional Society for FolK-Narrative Research, na reunião de outubro de 1963, realizada na cidade de Budapest, Hungria, aprovou a seguinte classificação para as lendas:

> I Lendas etiológicas e escatológicas
> II Lendas históricas e lendas histórico-cultirais
> a) origem de lugares e bens culturais;
> b) lendas relativas a localidades;
> c) lendas concernentes à pré-história e à história dos primeiros tempos;
> d) guerras e catástrofes;
> e) personalidades destacadas;
> f) infração de uma ordem.
> III Seres e forças sobrenaturais: lendas míticas
> a) o destino;
> b) a morte e mortos;
> c) lugares encantados e aparecimentos de fantasmas;
> d) procissões e lutas de fantasmas;

[60] Dicionário de Teoria Folclórica, Guatemala: Editorial Universitária, Universidade de São Carlos de Guatemala.1977)
[61] In: Dicionário Aurélio Buarque de Holanda p. 835
[62] CHERTUDI, Susana. La Leyenda FolKloórica en la argentina. In. Introducción al Foklore, 1978. P. 165 -173

e) estada em outro mundo;
f) espíritos da natureza;
g) espíritos de ambientes culturais;
h) seres metamorfoseados;
i) o diabo;
j) demônio da doença e das enfermidades;
k) pessoas que possuem dons e forças sobrenaturais/mágicos;
l) animais e plantas míticos;
m) tesouros.

IV Lendas religiosas: mitos de deuses e heróis

O que é considerado mito em uma cultura, pode ser lenda, ou conto, ou caso em outras culturas. Vale ressaltar que os portadores de folclore não estão preocupados em estabelecer esta diferenciação, muito embora demonstrem certa consciência em relação às características que têm sido levantadas pelos pesquisadores.

Assim, no mito e na lenda há uma carga emocional da crença prevalecendo sobre a preocupação de natureza estética, onde entretenimento.

Para Luís da Câmara Cascudo:

> As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, "legere" possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatros características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distância pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço....[63]

Afonso Arinos entende lenda como: " Lenda vem de 'ler', como 'legenda' vem do latim 'legere' ; e o que deve ser lido. Era de costume nos conventos e mosteiros, desde os primeiros tempos da era cristã, fazer cada dia, à hora das refeições em comum nos vastos refeitórios, a leitura da vida do santo que dava o nome ao dia. Daí o chamar-se 'lenda' o trecho à ser lido. A lenda era pois, a biografia dos santos e bem aventurados, feita, ouvida e criada piedosamente como fossem diárias as leituras e pudessem faltar as biografias, foram sendo compostas ou acrescentadas com as ações que a fé ardente dos autores atribuía a seus heróis. Não pode haver lenda sem sinceridade e simpleza no coração. Em todos os casos, ainda quando reconhecida depois como fabulosa, a lenda foi

[63] CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 9 ed. Brasília: J. Olympio, , INL, 1976. P. .348

sempre na sua origem - e não podia deixar de sê-lo – a expressão naquilo que ele julga sinceramente a verdade. Mas, uma vez que o nome 'lenda' se aplicou por extensão às narrativas onde houvesse algo maravilho, ela existe em todas as partes onde o homem se agregou em sociedade mais ou menos organizada, que exige tão imperiosamente quanto o organismo exige a nutrição. Sendo no fundo essencialmente religiosa, vamos encontrar na base de todas as religiões as grandes lendas cosmogónicas. E, nesse sentido, os escritos das crenças humanas, são em conjunto de lendas...Como pois estudar as lendas sem conhecer bem o cancioneiro, a música popular e as danças, uma vez que tantas lendas estão em autos, isto é, são representadas cantadas e dançadas?". [64]

Afonso Arinos também classifica as lendas em três tipos:

a) Lendas de fundo europeu;
b) Lendas de fundo indígena;
c) Lendas de fundo africano.

Nesse sentido, dizia o poeta Ascenso Ferreira:*"Um dia no engenho,já tarde da noite,Que estava tão pretaComo carvão...A gente falava de assombração"*. Assim, "Duas coisas unem as pessoas: esperança e terror. Elas é que dão coesão à sociedade." (Joseph Campbell, 2008). Entre o terror e a esperança prevalece à criatividade que apesar da tecnologia da informação o povo constrói em seu dia a dia, alternativas para compor o ritmo da vida. Com o uso da tecnologia, reascende-se o mito, Maffesoli (1996): "é sempre uma anamnese dos fundamentos, e a involução do tempo (no future), ou efervescência social a que se assiste hoje em dia, é certamente uma maneira de lembrar a 'a lama original' que o racionalismo moderno tivera tendência para esquecer"

Daí, surgiu recentemente em Jaboatão dos Guararapes, Região Metropolitana do Recife, a história de que um bairro dessa região vem aparecendo um lobisomem. Os moradores afirmam que ele aparece à noite e começa a uivar. Alguns residentes utilizaram o farol da motocicleta para filmar, do celular, a aparição do ser. Relatos como esse reafirmam o solo fértil do

[64] ARINOS, Afonso. Lendas e Tradições Brasileiras. 2º ed. Rio de Janeiro: Ed. Briguiet e Cia, 1937. P.12 - 13

cotidiano. Antes os mitos e as lendas eram criados pelos poderosos para manter uma ordem social.

As mulheres que viviam distantes da cidade com muitos filhos para cuidá-los, utilizavam em seu dia a dia o medo para inibir as astúcias da infância. Diziam para os filhos não saírem do lugar, pois havia bichos, seres inexistentes que comiam crianças e por isso, os meninos e as meninas não desafiavam a ordem da mãe. Hoje, os mitos surgem para reptar o Estado e a mídia, ou seja, para provocar e desafiar as regras. Lobisomens, papa-figos, homens do saco, ou seja, todo bestiário brasileiro resolveu se tornar globalizado.

Então, encontramos na cultura um sistema de símbolos que o povo cria e usa para organizar, interagir e regular o comportamento (TURNER, 2000). Desse modo, as culturas populares, como afirma Canclini (1982), possuem como características básicas, resistência, ambivalência e a busca constante das necessidades imediatas. Para tanto, as culturas populares "se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação por parte de seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida."

As culturas populares, entretanto, apresentam também em peculiar no seu terminado grupo ou comunidade uma própria comunicação onde às pessoas interagem umas com as outras, constituindo e construindo um sistema de comunicação próprio do lugar a partir de crenças e também da mídia. Por viverem em comunidade, analisaremos que a comunidade é "um entendimento compartilhado... O tipo de entendimento em que a comunidade se baseia precede todos os acordos e desacordos. Tal entendimento não é um alinha de chegada, mas o ponto de partida de toda união. É um "sentimento recíproco e vinculante" _ "a vontade real e própria daqueles que se unem"; e graças a esse entendimento, e somente a esse entendimento, que na comunidade as pessoas "permanecem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que as separam". (BAUMAN, 2003. p.15 e 16).

Vejamos o que Campbell (2008) afirma sobre o ritual: "um ritual não é nada mais que a manifestação ou representação dramática visual e ativa de um mito. Ao participar de um rito, você se engaja no mito e este opera em você – desde que, é claro, você seja arrebatado pela imagem."

Sem perder os significados que as culturas populares constroem, visualizamos outro aspecto importante que é da folkcomunicação: processo de intercâmbio criado a partir das mensagens que o povo recebe da mídia e faz uso em seu dia a dia. Pesquisado por Luiz Beltrão o termo ajuda a compreender os anseios que o povo demonstra em seus afazeres e em seus saberes.

Nessa ambivalência e desencontro de (in)certezas, os mitos e as lendas conseguem sobreviver e serem recriados em épocas de inovações tecnológicas, onde o mistério reina para acelerar a dinâmica do lugar. Ressalto que "os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras de viver."(DELEUZE, 1994, p.17).

Então, registrar os mitos e lendas através das narrações do povo consiste em analisar o envolvimento do povo com seu rico imaginário que oscila entre a proibição e o desejo.

Sabe-se que cada lugar possui a sua história, então para cada lugar que fomos entrevistar utilizamos os bairros da periferia como foco dessas narrações.

O tempo presente resulta no que há de mais fabuloso das narrativas, o cotidiano é regido por infinidades de signos. Situam-se aí profusões de imagens fixas e em movimento, palavras e sons carregados de possibilidades de sentidos que servem para praticar conversas, vender produtos, produzir distração, proporcionar prazer estético, explicar conhecimentos locais e globais.

Enfim, servem para apresentar o mundo e a vida cotidiana e para permitir as interações sociais. Possibilitam narrativas que, por sua vez, podem se tornar objeto de olhares narrativizantes na busca da compreensão sobre práticas comunicativas. O impressionante é que o medo é uma forma de existência da vida humana, é o combustível capaz de gerar efervescência ao lugar. Nesses estranhos mistérios entre o que se passa e o que se passou as lendas e mitos reconfiguram o lugar pelos anseios de mudanças ou mesmo pelos anseios de resistências.

A mídia, entretanto, constrói episódios a partir das histórias e estórias do povo. Quadros sobre lendas urbanas, filmes de terror, notícias em que deixa sempre uma interrogação sobre o fato acontecido, entre outras histórias que alimentam o cotidiano do povo. O povo quer e gosta da tecnologia.

Lembro-me do que disse um cidadão residente em Itapissuma, Região Metropolitana do Recife, que havia um homem que a polícia não conseguia

prendê-lo. Quando a polícia chegava perto dele ele se transformava em um objeto para despistá-la. Daí, o homem que também era conhecido como lobisomem se transformava em pé de coco, pneu, muro, carro, entre outros disfarces. Nesse sentido, o passado, o presente e o futuro são condutores das referidas narrativas.

> "Na realidade, a metalinguagem constitui para o mito uma espécie de reserva. Os homens não mantêm com o mito relações de verdade, mas sim de utilização: despolitizam segundo as suas necessidades; existem objetos míticos que são postos de lado, entregues ao sono, por uns tempos; são então apenas vagos esquemas míticos, cuja carga política parece quase indiferente, trata-se unicamente de uma oportunidade de situação, e não de uma diferença de estrutura" (BARTHES, 1987. p. 164).

Embora quiséssemos os registros dos mais velhos isso não impediu de discutir com as crianças como elas conheciam as lendas da região em que moravam. "As mitologias fazem sua mágica por meio de símbolos. O símbolo atua como um botão automático que libera energia e a canaliza."[65](CAMPBELL 2008. p. 73)

Podemos dizer que a mídia exerce uma ponte para que o mito seja realimentando tanto para que ele apareça quanto na maneira de acabar de vez com a suposta assombração. Gilberto Freyre elaborou um livro chamado *Assombrações do RecifeVelho* no qual registra tipos e aparições de assombrações que rondavam o Recife desde o século passado. Hoje, o Recife continua assombrado, tem todo tipo de aparição. As Lendas do Litoral Norte – Itamaracá e Itapissuma são: Padre sem cabeça, João ou Zé Galafoice, Comadre Fulorzinha, Manga Jasmim, a Lagoa Azul, Lobisomem, a Carona do bagageiro da bicicleta.

Já as Lendas do Litoral Sul – Ipojuca e Porto de galinhas são: Mulher da roupa branca, Lobisomem, A mulher cachorro, AMulher da saia grande,Tueira (um tipo de embarcação), O bode louco da praia, Lenda da Praça do Baobá.

Enfim, todas essas lendas e mitos fazem parte do cotidiano dessas pessoas que vislumbram encontrar uma assombração, ou até mesmo enfrentá-las. Os mitos e as lendas são recheios que adoçam o cotidiano dessas pessoas. São desejos de um povo que tenta abafar ou revelar suas angústias permeadas pelo foco da tecnologia da informação.

[65] CAMPBEL, J. *Mitos e transformações*. São Paulo: Angorá, 2008. p. 73

Cotidiano

Desde a modernidade, todos querem e gostam de criar seus filhos para que eles exibam seus talentos. Todas as pessoas possuem certo talento, ou para o bem ou para o mal, que são expostos ou não dependendo do chamado "outro significante" (termo utilizado por Ervim Goffman 2009). Nesse aspecto, o "outro significante" que está presente em nosso cotidiano, colabora para a exposição de talentos, daí a dinâmica da cultura, que leva como suporte, a comunicação, o afeto e a rivalidade sadia para produzir e reproduzir as criatividades existentes nas pessoas. Muitas vezes seu trabalho se confunde com sua própria vida. Além disso, no decorrer dos acontecimentos do cotidiano, através de fofocas e boatos, e entre um acontecimento e outro, a rivalidade sadia ajuda na criação de novas formas e significados para novos modos de vida.

De acordo com Michel Maffesoli:

> (...) o cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido [...] de algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto [...] De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma encarnação ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura (MAFFESOLI, 1985a, p. 64).

Não é de estranhar que as histórias contadas pelos desfechos e fracassos são bem mais efervescentes e que são ressaltadas pela cultura da aparência. Para Nosengo (2008), o mundo se configura por uma "rede sem costura", afirmando a história contada pelo fracasso é geralmente, mas interessante que a de um êxito, as histórias de sucessos são mais parecidas entre si, afirma Tolstói: "Todas as famílias felizes são parecidas entre si, cada família infeliz é infeliz ao seu modo." Desse modo, os símbolos são necessários para a vida dos seres humanos. Portanto, os símbolos são essenciais nas culturas e por sua vez o essencial encontra-se sob a superfície e a superfície é o "superficial". "O que está dentro de nós, nossa 'vida interior, é mais relevante para o que nós 'somos' do que o que aparece exteriormente não passa de uma ilusão; mas, quando tentamos consertar essas falácias, verificamos que nossa linguagem, ou ao menos nossa terminologia, é falha" (ARENDET, 2008, p. 46 e 47). Segundo Arendet (2008, p. 130), "não há dois mundos, pois a metáfora os une".

Aquilo que a gente aprende, a partir do que se oferece, recai nas diversas modulações dos signos que a gente usa. Nesse conjunto de significados afloram-se o estilo das coisas. A estética se destaca na maneira como as pessoas veem a sociedade, numa relação dinâmica entre pessoas e objetos. Assim, o estético gera um sistema entre o visível e o invisível. Nesse sentido é como se o invisível viesse primeiro através da aparência. E, ainda assim, a linguagem é o único meio pelo qual é possível tornar manifestas as atividades espirituais..."(ARENDET, 2008, p.122). Essa espécie de *ritualização difusa* permite que os indivíduos possam *significar-se* na interação, possam desvelar a interação e, ao mesmo tempo, regular, controlar, e tornar visíveis as implicações simbólicas da interação." (TEDESCO, 2003, p.66). Assim "a interação para Goffman é a manifestação de indivíduos em representação, requer que esses se transformem em personagens" (TEDESCO, 2003. p.68).

Como afirma Maffesoli há uma clandestinidade na "centralidade subterrânea" da socialidade exalada por situações anódinas. A análise desse estudo está na "cenestesia social" pelo "estoque de conhecimentos" da tipicalidade de Schütz registrados na criatividade do povo em suas formas de vida. (MAFFESOLI, 1985)

São os bastidores da vida social, que em sua dinâmica não dispensa sentidos. As conversas jogadas fora, as conversas de bar, as fofocas nos corredores, o "disse-me-disse", as cadeiras nas calçadas, o gosto, o jeito de vestir, tudo isso vai ter relevância na cultura da estética.

Processo de investigação

No processo de investigação, foram realizadas as escolhas das localidades de pesquisa de campo através de reuniões prévias onde contemplamos em primeiro lugar, dez municípios onde há uma intensa visibilidade cultural a partir de critérios como: diversidade cultural, contemplar um município de cada região de Pernambuco e a presença dos mediadores culturais. Foram entrevistados em cada município pessoas adultas e idosas independentemente do gênero nas diversas Regiões do Estado de Pernambuco: Litoral, Zona da Mata Norte, Zona da Mata do Sul, Agreste, Sertão, e Região Metropolitana do Recife. Até o momento realizamos pesquisas na Região Metropolitana do Recife principalmente nas periferias, nos seguintes bairros: Casa Amarela, Cajueiro

Seco, Macaxeira e nas cidades: Itapissuma, Igarassu, Vila Velha, Itamaracá, (Zona norte, litoral) e Porto de Galinhas, Ipojuca (Zona sul, litoral) e também na cidade de Petrolina.

Lendas do Sertão – (Petrolina/PE)

Vaporzinho fantasma: Há muitos anos o transporte principal para atravessar o Rio São Francisco era o Vaporzinho. Com a construção da ponte que liga Petrolina a Juazeiro o vaporzinho virou atração turística, ficando ancorado perto do Rio para visitação. Então, conta a lenda que o vaporzinho fantasma ainda é visto durante a noite. Ele aparece todo iluminado, mas, desaparece como num passe de mágica. Todos que afirmam ter visto o vaporzinho e ficam querendo ouvir o seu apito.

Nego d'água – Reza a lenda que o Nego d´água é um jovem negro com orelhas pontudas, corpo atlético que vive nas profundezas das águas do Rio São Francisco. É semelhante ao Caboclo d'água. Seu divertimento preferido é tirar os peixes dos anzóis, carregar as crianças que tomam banho no Rio, além de tomar conta do velho Chicão.

Nossa Senhora da Rapadura – Os mais velhos contam que embaixo da Ilha do Fogo (uma montanha próximo ao Rio São Francisco onde há um cruzeiro) existe uma Nossa Senhora com uma rapadura na cabeça. Assim, no dia que a rapadura derreter toda cidade de Juazeiro da Bahia desaparecerá.

Assim, “O símbolo é um sinal do divino dirigido ao homem, é um signo múltiplo, familiar e confuso...Diz também que o símbolo é expressão estética do divino!” Vieillard-Baron (2007)

O mito é um relato que tem a função de fornecer modelos de comportamento, ou seja, permite a construção individual e coletiva da identidade e tem sempre uma dimensão pedagógica. O mito é universal, onde a emoção é mais forte do que a ideia. Por isso "a razão e a ciência não religam as pessoas senão às coisas, mas o que religa as pessoas entre si, ao nível humilde das alegrias e tristezas diárias da espécie humana, é esta representação afetiva porque vivida e constituída pelo Império das Imagens" Gibert Durand, (2002). Eis então, a força das lendas na cultura popular.

Referências

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito*: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

ARINOS, Afonso. *Lendas e Tradições Brasileiras*. 2º ed. Rio de Janeiro: Ed. Briguiet e Cia, 1937. P.12 – 13

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Ed.7ª. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.2003.

BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. *Folkcomunicação no contexto da massa*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, Editora Universitária/UFRN,Pg.11, 2001.

CANCLINI, Néstor García. *As Culturas Populares no Capitalismo*. Ed. Brasiliense. p.135

CAMPBEL, J. *Mitos e transformações*. São Paulo: Angorá, 2008

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9 ed. Brasília: J. Olympio, INL, 1976. P. 348

CHERTUDI, Susana. La Leyenda FolKloórica en la argentina. In. *Introducción al Foklore*, 1978. P. 165 –173

DELEUZE, G. (1994). *Nietzsche*. Lisboa: Ed.70. (Col. Biblioteca Básica de Filosofia; 16)

Dicionário de Teoria Folclórica, Guatemala: Editorial Universitária, Universidade de São Carlos de Guatemala.1977)

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad.: Hélder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife Velho*. ed.2º. Editora Livraria José Olimpyo. Rio de Janeiro, 1970. P. 61

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana.* Petrópolis: Vozes, 2009.

Jornal do Comércio. Recife, 30 de Outubro de 2002. Segunda Capa.Retirado do site http://www.unb.br/ig/causos/papafig2.htm hora: 12:30 dia 8/11/2006

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1985

_____. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996

MAFFESOLI, M. *A Conquista do Presente*. Natal (RN): Argos, 2001.

NOSENGO, Nicola. *Extinção dos Tecnossauros, A Histórias de tecnologias que não emplacaram*. São Paulo: UNIMCAMP, 2008

TEDESCO, João Carlos. *Paradigmas do Cotidiano*: introdução à constituição de um campo de análise social. 2º ed. Santa Cruz do sul: Edunisc: Passo fundo: UPF, 2003

TURNER, J. *Sociologia*: Conceitos e aplicações. SP, Marron Books, 2000.

Vieillard-Baron JL. *Compreender Bergson*. São Paulo: Vozes; 2007

MEMÓRIA DA CAATINGA

Esmeraldo Lopes

Ideário para exposição no Clisertão 2016 – UPE - Petrolina.

Foi-me proposto abordar o tema Memória da Caatinga. Como tanto um termo como o outro vêm sendo utilizados com variação de conotação, acho conveniente iniciar esclarecendo o significado que atribuo a eles. Caatinga aqui, não se confunde nem com cenário e imaginário de desgraça, nem com sertão nem muito menos com semiárido, termos difusos, vazios. É um espaço com personalidade própria. Ambiente natural, caracterizado pela junção de topografia, solo, e clima, que, em conjunto, não só proporcionam a existência de vegetação e paisagem específicas como também impõem à fauna padrões peculiares de adaptação e existência. É, portanto, um bioma. Digo que a Caatinga não pode ser caracterizada tão-somente pela vegetação, pois esta não tem existência sem o conjunto dos outros elementos.

Memória, longe de ser um simples repertório de recordações, é apreendido como faculdade que nos permite lembrar, revivenciar, revisitar, entrar em contato com lugares, acontecimentos e situações, através de qualquer dimensão do nosso ser; introduz no conjunto de referenciais que definem identidade, orientam ações, comportamentos, sentidos; proporciona o acervo de significações, crenças, moral, costumes, representações; suscita tomada de conhecimento a partir de práticas, objetos, representações visuais, orais ou escritas, paisagens..., mesmo que sob a forma de resquícios, de realidades acontecidas ou imaginadas, no passado. Mas, embora a memória seja alimentada pelo passado, só é memória se fizer que o passado, do qual se nutre, ligue-se ao presente, anime-se nele e o nutra.

Memória é lugar de busca, de refúgio e de encontro do eu, do encontro do eu no nós, da ligação do eu ao nós desde os tempos anteriores ao tempo presente. É através dela que saímos do silêncio e do vazio aparentes do pretérito. É ela ou a ausência dela que faz com que sejamos o que somos, ainda que não tenhamos consciência do que somos.

A memória – memória autêntica - nasce na trama da vida, sem obediência a propósitos predefinidos, e injeta as substâncias básicas que levam as pessoas a possuírem identidade e sentimento de pertença a uma coletividade.

Para levarmos a sério a memória de um lugar, de um povo, entendo que é preciso que penetremos nesse lugar, nesse povo; que procuremos ver a partir dos olhos de seus membros, nas diferentes perspectivas que estes tenham tido e tenham. Precisamos recompor, estabelecer os nexos através dos resquícios, fugindo de arbitrariedades, sem, entretanto, abrirmos mão da imaginação, mas nos apoiando em imaginação abalizada. Em um lugar desprovido de pujança material como o mundo caatingueiro, de acervo físico mínguo e de poucas ruínas materiais, de parcos registros documentais, e de lembranças esvoaçadas no tempo, torna-se imprescindível que observemos mais e mais, as simbologias, as relações, os costumes, os pensamentos e realidades agasalhadas dentro dos causos, dos ditos, as práticas, a visualização de ruínas perdidas, assim como apreender mensagens incrustadas nelas. E mesmo assim, o que se pode apreender a partir desses registros ainda é pouco comparado com a riqueza existente no universo da Caatinga.

Memória da Caatinga? Melhor dizer memórias da Caatinga, porque cada tempo, cada lugar da Caatinga possui a sua. Mesmo existindo uma linha que ligue as memórias dos tempos transcorridos na caatinga, percebe-se que ela é composta por vários microuniversos. Microuniversos resultante das transcorrências no suceder da história; das tramas das relações sociais; dos estilos de vida desenvolvidos; dos modos de apropriação e apreensão da natureza; do processo de organização dos espaços; das relações de produção estabelecidas; dos significados e simbologias que foram surgindo no entrevero da existência das pessoas, em cada lugar da Caatinga. E tudo isso transcorrendo dentro de períodos de tempo, marcado por vigências específicas, pela forma do acontecer das coisas, pelas maneiras de proceder, pelas expectativas, pelos usos e costumes, modos de se relacionar...

Mas, qual é a memória do mundo catingueiro, o que é a Caatinga? Depende de quando, de onde, do envolvimento, e da situação de quem viu, de quem disse, de quem definiu. Por isso, memórias da Caatinga. Mas vem um

problema: a escassez de registros. Quase todos os agentes de nossa história eram analfabetos, viventes nas raias da carência de recursos mínimos, emudecidos pelo ferrão dos potentados. Tinham como ambição máxima simplesmente viver, entendendo-se por viver, a pura satisfação das necessidades biológicas – o aqui e agora - e acalento do espírito pela fé, nutrindo esperança no além.

A elite formada por fazendeiros potentados, semipotentados, comerciantes, mandatários de todos os tipos, muitos destes com algum saber rabiscar papel com palavras, pouco uso disso fez para se gravar gravando o seu ser, o seu ver, o seu estar. Seus rabiscados, restritos a tomadas de notas sobre venda de gado, de criação, sobre pagamentos, sobre empréstimos, sobre compra e venda de mercadorias. Em circunstâncias algumas, escreviam bilhetes, cartas. Nem eles, nem os filhos se propuseram a grafar suas impressões sobre o mundo ali. Não viam sentido nisso. Vá lá que um ou outro o fez, mas quando o fez, o fez em restrito de cronologia, de genealogia, de citação do nome de lugares, do nome de pessoas “ilustres”, de exaltação de algum acontecer.

A Caatinga vista por poetas, poetastros, literatos, artistas... Caricaturização: valente, retirantes, cangaceiros, terra rachada, cangaço de animais mortos, inclemências, superstições; fotos representando brutos, carentes, cansados... E tudo isso embrulhado em tom de poesia, com entrelaçar de boniteza de palavras, de cores, na imitação de ornamento de altar. Palavras... Quando não rimadas, urdidas para encanto de ouvido. Palavras, palavras... E teceram um manto de desgraça, de lamúrias, para nos cobrir. E nos deram um sotaque... E anunciaram ao Brasil: - “São os sertanejos!” Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, fora disso.

A Caatinga do filho de fazendeiro, do filho expatriado para vida de glória nas cidades, em alguma capital. Aí a Caatinga... Caatinga? Sertão! Poesia: o luar, a pureza do mato, a ingenuidade dos seres, as crendices dos sertanejos... Canto ao bravo que dava a vida para salvar uma rês caída, para pegar o boi fugido, que em tudo por tudo e em todas as horas demonstrava sua fidelidade serva ao patrão: “vaqueiro: herói. Herói do Sertão!”. Aí as caboclinhas prontas para serviço de agrado das carnes do filho do fazendeiro, e se não prontas, assaltadas,

violentadas. E, depois disso, a tomada da história como troféu da certificação do vigor do grande garanhão.

Romances. Os caatingueiros silenciavam mudos, concentrando os ouvidos no correr da voz do leitor de algum romance, apreciando a recitação dos versos. Os romances, quase sempre, guiados pelo fantástico, pelo sobrenatural, por impotências diante de situações cruéis, pela passividade inexorável dos "pobres", pela inelutabilidade do destino, pela ação de heróis justiceiros, pela ação de trapaceiros vingadores, pela afirmação dos valores morais e consequente punição de seus infratores.

Vivo, atuante, autêntico, fazendo-se alma na memória da Caatinga, o forró. Sebastião do Rojão, Trio Nordestino, Luiz Gonzaga, Genival Lacerda, Jacson do Pandeiro, Marinês... Sanfoneiros aos milhares e muito mais de milhares, zabumbeiros, pandeiristas, triangueiros. O forró sacudindo ouvidos, habitando sentidos, empurrando corpos para sacolejo de dança, de mexido, cantando vida, plantando alegria, recordando tristezas.

A memória da Caatinga para quem nela viveu no tempo de 100 a 40 anos atrás: - o verde: as primeiras chuvas em dezembro, janeiro; mato verde, chão molhado, os riachos roncando, lagoas cheias; patos, papagaios, periquitos voando alto, rolinhas aos bandos, a festa de cardeais, ronco de emas, canto de seriemas...; bodejo de bodes, cabras parindo, vacas chegando ao curral, berrando para os bezerros, ovelhas fugindo; o urro forte de jumentos, o relinchar das éguas, dos cavalos; cavalo arreado, vaqueiro encourado, montado; os campos em busca dos bichos no mato; o cheiro de curral, de chiqueiro; o ajuntamentos, apartações, retiradas; leite, coalhada, requeijão, imbuzada; roças plantadas: milho, abóbora, melancia, feijão; favelas estalando no mato, imburanas dando morada a abelhas; o cheiro da flor de catingueira, de malva, de marmeleiro, de faveleira, de aroeira; o afinar da chuva em abril; sibilar de cobras em maio; maio, junho, o correr de cruvianas batendo nos corpos dos homens, dos bichos; as pegas de boi, aboios; o fim de festa, com o murchar do mato, com o secamento das lagoas; agosto: o sol, as ventanias levantando poeira, botando folhas em dança, cantando nas galhas dos paus, as raposas endoidecendo... – a seca: os tanques secos, água de cacimba, os bichos

emagrecendo, o mato seco, o chão limpo, sem comida, árvores sem folhas, os pássaros sumidos, criatório morrendo; o vento lento debaixo de sol forte; a quetidão do vento na clareza da lua, no escuro do escuro da noite; o berro desalentado dos bichos querendo comida, querendo água, e os chocalhos tocando espaçado; um verdinho aqui, outro acolá, longe, assinalado pelas copas de pés de juazeiro, de baraúna...

Memória da Caatinga para quem nela viveu no tempo 100 a 40 anos atrás: os cuidados de todos para não se perderem no mato, preparação dos meninos para procedimento diante desse poder acontecer; o perigo oferecido pelos caminhantes errantes - doidos, não doidos; o cuidado com ciganos; atenção contra raposa com 'raiva"; histórias sobre retirantes; caçadas, cacimbas; rezas - novenas, trezenas. A Festa de São João, a santidade da Semana Santa, Rodas de São Gonçalo; as almas despontando no escuro da noite, fazendo visita, amedrontando, pedindo reza, pagamento de promessa, com os olhos clementes suplicando perdão. Peles de criação, esticada, penduradas nas cercas de perto das casas, para secar... O insistir constante de aroeiras, angicos, craibeiras, baraúnas, imbuzeiro, imburanas, despontando no mato... as serras chamando nossos olhos, de longe. Os jumentos cansados, lentos, rompendo estrada. Os burros furando chão entre os caminhos. E os caminhos longos, com distância de horas compridas cobertas pelo sol.Os ditames das crenças, da moral, do costume, os adjuntos de gente. Esperança de verde, durante a tristeza da seca. Esquecer de seca, durante a alegria do verde. Gente atacada por reumatismo, com coluna envergada. Cegos, aleijados, feirantes, no rumo da rua, no dia de feira. E na feira, os catingueiros se encontrando, conversando, comprando; os aleijados, os envelhecidos, sem recurso, estendendo coités, clamando: "Uma esmolinha pelo amor de Deus!". E, se correspondido, o agradecimento: "Que Deus lhe favoreça". Os cegos com seus guias, puxados por um bastão, caminhando em passo trôpego, lançando rogo sem direção, em cada parada feita pelo guia: "Uma esmola para esse pobre cristão!" E lá vai nesse assim. Alguns usando o recurso do canto, e acompanhando o canto, o chi, chi, chá, chi, chi, chá, do ganzá: "A ema gemeu, no tronco"... Nicas, trocados miúdos, caindo no coité deixando no chão. De vez em quando, feira animada por emboladores, violeiros, repentistas, vendedores de romances, vendedores de remédios.

Próximo à feira, em frente das casas, atrás de seus muros, jumentos misturados com burros, amarrados, deixados ao tinir do sol. E nos embrenhados das caatingas, as fazendas, e nas fazendas, uma ou outra casa caiada, levantada com adobe, com piso ladrilhado. Muitas, um muitas de muitas mesmo, de taipa, com telhado malamanhado, baixinhas, com batentes estreitos, rebaixados, com piso de chão batido pelo pisado de pés. Nestas caatingas, catingueiros com consumo mínimo de alimentação no tempo de seca, de consumo mínimo de vestimenta, de utensílios domésticos durante todo o tempo. A água salobra, das cacimbas; a água barrenta, dos tanques.

O tempo. No tempo vieram decadências, ascensões, intercruzamentos, miscigenações, alteração da paisagem, devastação da vegetação, da fauna, alteração do clima; desconfigurações, reconfigurações. O tempo batendo: esvoaçamento de lembranças, destroçamento da memória. Hiatos. E nas vagas dos hiatos, abandonamos, expulsamos, o passado de nós ou nos abstemos de estabelecer nossa ligação com ele. E colocamos índios, escravos, coronéis, o povo espezinhado, como sendo outro. E embora esse passado, esses agentes, tenham se inscrito e estejam inscritos em nosso corpo, em muito de nossa alimentação, em nosso gosto, em nosso vocabulário, e sotaque, em muito de nossos gestos, de nossos costumes, não nos damos conta disso.

Ah!, e os traços culturais sobreviventes nas gerações presentes? É certo, há herança. Mas, onde a consciência dessa herança? Eis aí um dos “x” da questão. Falamos e ouvimos dizer: “aqui viviam índios”, “aqui viveram escravos”, “os caboclos do mato moravam nas furnas das redondezas daqui”; “os coronéis maltratavam o povo”; “coisas do tempo antigo”; e rimos das judiações a que Lampião submetia as pessoas; embalamo-nos até com escritos e dizeres de estúpidos acadêmicos que afirmam ter sido Lampião um “bandido social”, um herói, versão nordestina de Robin Hood. E esquecemos que os índios, os escravos, os fazendeiros, os pobres, humilhadores e humilhados, a gente judiada, assassinada, pelos coronéis, por Lampião, coisas do tempo antigo, estão agasalhados, recônditos, em nós. E não nos damos conta de que no atrás de três ou quatro gerações de catingueiros ou está um massacrador de deserdados – na face de coronel, de fazendeiro - ou um deserdado massacrado. Não há meio termo.

Desmemória: morte do lugar, morte das situações, dos acontecimentos. Marcos, monumentos, objetos, informações, e até personagens, lá, visíveis no aspecto físico, audíveis, mas desnudos de significações, depurados de representações, de conteúdos sociais, históricos. Suas nominações meramente tomadas como conjuminação de letras e sons, e suas imagens, cruas, sem nenhuma denotação que transcenda o que o olho capta, o que o ouvido escuta: vaqueiro, homem encourado; a igreja nada mais é que uma igreja; o Serrote do Tirano, um serrote, simplesmente; marujada, festa de dança folclórica; Guerra de Canudos, "uma guerra que aconteceu antigamente, na Bahia"... Invisíveis-inexistentes, deitados na imperceptibilidade, acontecidos importantes, modos e condições de vida da gente do nosso ser, e objetos que enxergamos sem ver, por não compreendermos o sentido, a importância que um dia vieram a ter.

A memória não pode ser conservada, é certo. As transformações se sucedem no passo do acontecer da vida. E o que fica do passado não é o passado, mas seus resquícios pregados na lembrança, amarrados no acervo material, no acervo cultural, no repertório social, incrustados nos corpos, nas visões, nos sentidos dos viventes legatários. Estes resquícios não se congelam, incorporam-se às novas dinâmicas. E se não há consciência da herança da memória, ou se há negação dela, seus elementos perdem significado ou ganham significados desconexos, amontoam-se sem encontro de sintonia entre si, sem se sintonizarem com os elementos advindos nas asas da história.

A memória pode ser preservada, é certo. Mas esta tarefa não requer apenas a existência de acervos materiais, culturais, documentais. Requer consciência da herança, domínio dos significados dos elementos da memória e, sobretudo, a animação destes. Animação pelo reavivamento da memória através de seu cultivo, de sua atualização, reatualização e reincorporação no presente, pela atuação coletiva dos seus portadores, na busca da apreensão e explicação do mundo, da identificação e solução de seus problemas.

RELEITURAS DO SERTÃO

Antônio Torres

"No sertão a gente bebe uma selvagem metafísica".
Glauber Rocha, em entrevista ao autor destas linhas, em 1964.

Imagine um povoado esquecido nos confins do tempo, numa baixada de solidão e poeira, sem rádio e sem notícias das terras civilizadas – como cantava Luiz Gonzaga, o Rei do Baião -, onde a maioria dos habitantes não sabia escrever os seus nomes.

Naquele ermo sertão, o que importava mesmo era a chuva, símbolo de bonança, numa terra chegada às estiagens, quando o sol parecia o prenúncio do fim do mundo, conforme estava escrito na profecia, na qual Deus teria dito a Noé, depois do dilúvio: "Não mais a água. Na próxima vez, o fogo".

O povoado se chamava Junco (hoje, a cidade de Sátiro Dias, no interior da Bahia). Ali, a grande aventura humana se fazia nos caminhos das roças, no afã de se plantar e colher se chovesse no inverno e o verão fosse de trovoadas, tão benfazejas que levavam os homens a vestir seus ternos brancos de dia de missa para, solenemente, rolarem na lama, loucos de alegria. Por isso, quanto mais vermelhos estivessem os crepúsculos de todo entardecer, maior era o temor da seca e da vinda do anticristo. E, com ele, o apocalipse.

Assim passávamos os dias: a contemplar as nuvens na esperança de ver nelas sinais de chuva. E a aguardar os fantasmagóricos visitantes noturnos. Os zumbis assobiadores, os boitatás incandescentes - os fogos fátuos -, gralhas apavorantes. Ou seja, as reencarnações das almas penadas, egressas das trevas para perturbar o sono dos vivos, que se amotinavam ao pé de um fogão de lenha, a contar histórias, como a do pavão misterioso que levara um intrépido jovem turco a raptar uma princesa grega de seu cativeiro, ou a da chegada de Lampião – o bandoleiro nordestino que entrou para a lenda heroica como "o rei do cangaço" – ao inferno, reduzindo-o a cacos. E tudo para espantar o medo da noite, com todas as suas assombrações.

Um dia uma boa notícia correu de roça em roça: o lugar acabava de ganhar uma escola. Alguns pais reagiram. Não iriam deixar os seus filhos trocar o cabo da enxada pelos livros, alegando que escola não enchia barriga de ninguém. Aí quem se assombrou foi a professora, na iminência de se ver sem alunos. Diante

do impasse, só lhe restava a busca de aliança com as mães dos meninos daquele lugar, o que fez, com o ardor de uma missionária. A elas caberia a quebra das resistências paternas.

Recordo uma dessas mães, Dona Durvalice – que aprendera a ler clandestinamente, com a ajuda de um professor particular -, a chegar em casa tendo nas mãos o mais extraordinário dos inventos humanos. Um abecê, na designação popular do livreto do alfabeto – o abecedário. A mãe chamou o seu filho mais velho, de sete anos, e mostrou-lhe a novidade, explicando-lhe o que aquilo significava.

O menino se encantou com o desenho das letras, e mais ainda ao descobrir que elas tinham nome, como as pessoas e as coisas. Depois a mãe lhe trouxe uma cartilha. E lhe ensinou tudo o que estava escrito nela.

Quem ficou encantada com isso foi a professora (chamava-se Serafina), ao receber um aluno que já havia ultrapassado o bê-á-bá. A sua escola, com cantação de hino e declamação de poema patriótico (*Auriverde pendão da minha terra/ Que a brisa do Brasil beija e balança/ Estandarte que a luz do sol encerra/ E as divinas promessas da esperança*, por exemplo), conquistara o menino já na primeira aula. Era uma mudança e tanto no seu destino, quebrando a rotina do trabalho braçal, ou dos mandados (buscar um pote d'água no tanque, levar bezerro para o curral, buscar lenha no mato, levar a máquina de costura da mãe para o conserto, bater perna pela vizinhança para buscar flores para suas irmãs levarem para as novenas na igreja). Agora, o seu pai deixava que ele passasse metade do dia na escola, aonde ia assim que o sol raiasse, com o coração em festa.

Não demorou muito a chegar à porta de Dona Serafinauma mocinha chamada Teresa, acompanhada da sua mãe.– Vim buscar os alunos – ela disse. Dona Serafina correu os olhos de um lado a outro da sala e voltou a olhar para a recém-chegada de decisão tomada: - Leve os meninos - ela lhe respondeu, e os despachou com um gesto de mão para que eles se levantassem e fossem embora. Os despachados foram saindo, sem pressa, cabisbaixos, como se acompanhassem um cortejo fúnebre. Afinal, que graça teria ir para uma escola sem meninas?

A nova professora, porém, haveria de proporcionar um novo encantamento ao aluno desta história, assim que ela abriu um livro chamado

Seleta Escolar e lhe pediu para ler em voz alta o seguinte trecho: “Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia, na fronde da carnaúba”. Este começo de *Iracema,* de José de Alencar, iria causar um alvoroço na cabeça daquele menino nascido num lugar onde nem rio havia, muito menos jandaias e carnaúbas, que pertenciam à paisagem do distante estado do Ceará, e ele estava na região do semiárido da Bahia. À noite, viajou em águas, faunas e floras de sonho, como se tivesse descoberto um mundo nunca dantes imaginado. Foi esse o primeiro impacto que as linhas iniciais de um romance lhe provocaram, nele se instalando como o lugar da imaginação e aqui se reinstalando como o da memória.

Daí a pouco tal menino passaria a ser convocado para escrever as cartas dos rapazes apaixonados e das mulheres cujos maridos haviam desaparecido pelas terras do cacau, no sul da Bahia, ou nas lonjuras de São Paulo. Para ajudar o padre a celebrar missa – em latim! Para ler o livro de orações, diante de um moribundo. Para recitar a poesia de Castro Alves, Olavo Bilac, Gonçalves Dias e Cassimiro de Abreu em praça pública, no Dia da Pátria.

E assim nasceu o leitor que um dia, bem longe dali, iria encontrar mais um motivo para um novo deslumbramento. Foi ao bater os olhos em *Grande Sertão: Veredas,* a monumental obra de ficção de João Guimarães Rosa, considerada pelo mexicano Juan Rulfo, o autor do antológico *Pedro Páramo,* como o melhor romance já escrito em todo o continente americano:

Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas sem topar com casa de morador, e onde criminoso vive o seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade.

Mas será que esse sertão, *onde manda quem é forte, com o poder das astúcias,* aquele mundo arcaico, com seus costumes arrevesados e fala pelo avesso, em contraposição à civilização do litoral, ainda existe? É o que se pergunta hoje o ex-aluno das professoras Serafina e Teresa que, em suas escolas risonhas e francas, cantantes e declamantes, inspiradas no grande compositor e maestro Heitor Villa-Lobos, mineiro – e sertanejo - como Guimarães Rosa, não o ensinaram a ler o sertão, mas para além dele.

Na verdade, o seu sertão nem sabia que assim se chamava. Longe estava de se achar um território mítico, pois nele Antônio Conselheiro não havia posto os pés em sua peregrinação a caminho de Canudos. Nem aventuroso, pois não

havia em seu chão rastro algum de bandeirante matador de índio em suas caçadas de ouro; muito menos do capitão Virgulino Ferreira, "o rei do cangaço". O que havia era a roça e a *rua*, como o povoado era chamado, as taperas nas subidas para os tabuleiros, que guardavam uma reserva de vegetação rasteira e água para o gado não morrer de sede e fome nos pastos esturricados pela seca. O que havia era a ladeira do cruzeiro e a ladeira grande, pela qual as duas professoras chegaram, vindo nunca se soube de onde -e se a pé ou a cavalo - trazendo para aquele ignoto lugar a chave para a descoberta do mundo: o livro. *Ivo viu a uva*. ("Fesssora, o que é uva?").

Foi por uma das duas ladeiras que chegou o Serviço de Alto-falantes, batizado de *A voz do sertão,* para que todos os seus ouvintes soubessem em que mundo viviam. Foi um duplo corte epistemológico do lugar, que passaria a aprender outro abecê (o jota é ji, o ele é lê, como cantava Luiz Gonzaga, o que também entoava: *Sertão de muié séria e de hômi trabaiadô-ô*), ao mesmo tempo em que iria se assombrar com o objeto até então não identificado que o transportara, roncando, buzinando, se movendo na noite de olhos bem acesos. Um caminhão! A impregnar o ar com o cheiro da gasolina, que tanto iria enfeitiçar as meninas, que dali por diante passariam a sonhar com a volta do seu motorista. Para buscá-las.

Depois do caminhão chegou o motor da luz, ligado às seis da tarde e desligado às dez da noite, prenúncio de uma novidade maior, a energia de Paulo Afonso. E foram chegando: o rádio, o bilhar, a geladeira, o abafa-banca, a cerveja (*estupidamente gelada),* o campinho de futebol, o coletor de impostos, o delegado de polícia, o comício, o tiroteio, o telefone, o som e a fúria dos altos decibéis no carnaval, micareta, festas juninas (antes reduzidas a inocentes brincadeiras, como a de compadre e comadre, em torno de uma fogueira). Com a estrada asfaltada, chegaram as antenas parabólicas, a agência bancária, o posto de gasolina, o apocalíptico som automotivo, o tráfico de drogas, a internet.

E era uma vez as histórias contadas ao pé do fogão de lenha para espantar o medo dos zumbis, das mulas-sem-cabeça, dos lobisomens, dos fogos-fátuos.

Era uma vez os fogões de lenha.

Bem vindo, senhor sertão, ao admirável mundo novo do imaginário global.

A ALMA E O CORPO DO CORDEL

Braulio Tavares

Minha relação com o cordel é primeiro que tudo uma relação de leitor e de poeta. O interesse de estudar a fundo, de pesquisar a história, de saber quem eram os poetas, como era o mercado editorial onde o cordel surgiu – tudo isto veio muito depois.

Os folhetos de cordel eram cantados por minha mãe, quando éramos pequenos. Meu pai, que escrevia sonetos e versos em geral, me ensinou ainda muito cedo as regras de métrica, rima, estrofe, aplicáveis a todos os gêneros. Nada disso era "estudo". Recitar versos, lá em casa, era algo como contar anedotas, ou contar histórias na hora de dormir. Fazia parte das relações do dia a dia.

Um pesquisador acadêmico se surpreende às vezes com o modo como poetas populares que não sabem ler nem escrever (um número cada vez menor, porque a cada geração aumenta o grau de escolaridade dos poetas) metrificam impecavelmente, "sem nem saber explicar o que é uma sílaba".

Quem precisa saber o que é uma sílaba, para ser poeta? Quem precisa saber o nome de uma nota musical, para cantá-la?

É um erro comum entre as pessoas que não têm o hábito de falar poesia em voz alta, e de ouvir poesia. Ninguém precisa saber contar sílabas em poesia. O poeta obedece a uma *cadência*, e o ouvinte o acompanha. Contar sílabas vem depois (eu faço isso o tempo todo, porque me dá prazer).

O cordel é primeiro que tudo uma literatura oral, uma das "literaturas da voz" cuja importância vem sendo recuperada nas últimas décadas por pesquisadores como Paul Zumthor, sem falar em pesquisas antigas e cruciais como as de Alfred B. Lord e outros, que investigaram os métodos e o material dos rapsodos da Europa Oriental. O cordel é feito para ser recitado em voz alta, em grupo, não para ser lido a sós e em silêncio.

Comparo um folheto de cordel a um livro com uma peça teatral, um livro comprado na livraria: *Macbeth* de Shakespeare ou o *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna. É um livro? É, mas não foi feito para ser lido como um livro comum de versos ou como um romance. Foi feito para ser dito em voz alta diante de pessoas atentas que escutam.

O texto que aparece impresso é apenas um meio, uma mídia, uma tática para preservar e passar adiante algo que só existe de verdade quando é produzido pelas cordas vocais de A e atinge os tímpanos dos ouvidos de B.

É preciso lembrar que uma coisa é o texto literário, e outra coisa é o suporte físico através do qual acessamos esse texto.

Chamamos de "literatura de cordel" todo esse corpo literário publicado nos folhetinhos de feira, de papel-jornal, 11 centímetros por 16, em formatos básicos de 8, 16 ou 32 páginas, com xilogravura na capa.

Mas eu posso publicar, num folheto assim, até mesmo uma obra em prosa: um conto de Hemingway. Ou um trecho de um romance de Marcel Proust. Ou um discurso de Juscelino Kubitschek. Ou um editorial do saudoso "Diário da Borborema". Ou uma propaganda de Biotônico Fontoura. Tudo isso cabe num folheto. Isso é literatura de cordel?

"Literatura de cordel" é uma descrição editorial, não literária. Descreve um estilo de publicação, um formato gráfico e nada mais. Tecnicamente, é como dizer "livro de bolso", ou como dizer "volume em papel *couché*, encadernado, lombada gravada a ouro". Diz tudo sobre a aparência, nada sobre o conteúdo.

Geralmente confundimos duas coisas importantíssimas: um formato gráfico a que chamamos "folheto de cordel"ou "folheto de feira", e um corpo de obras poéticas que poderíamos chamar, como sugeriu Ariano Suassuna, de *Romanceiro Popular Nordestino*.

Os dois "se casaram"desde a década de 1890 quando Leandro Gomes de Barros, no Recife, começou a publicar nos folhetos os poemas do Romanceiro que ele próprio escrevia. Os dois já existiam. Folhetos eram publicados em Portugal e vendidos no Brasil há muitíssimo tempo. Personagens de Machado de Assis compram folhetos da *Princesa Magalona* na calçada do Rio de Janeiro (releiam "Uns braços", ambientado em 1870).

Quanto aos poemas do Romanceiro, antes do folheto eles eram copiados à mão, fartamente, repetitivamente, prazerosamente, naquele século 19 em que não havia à disposição dos poetas impressoras, xerox, mimeógrafo, fotografia, nada, nada, nada – havia apenas moças de letra bonita que preenchiam suas longas noites de ócio e cativeiro doméstico, à luz de lampiões, orgulhosamente e caprichadamente copiando tudo que lhes davam para reproduzir: poemas, salmos e orações, receitas culinárias.

Essas cópias manuscritas eram o que Manuel Diegues Jr. chamou de "versos de traslado". Era assim que iam passando de mão em mão e de família em família as produções poéticas daquele tempo. Os copistas especializados não existiam apenas nos mosteiros medievais. Copistas existiram onde quer que houvesse a necessidade de preservar e difundir, antes do acesso à imprensa, textos de qualquer natureza.

Foi só no fim do século 19, com Leandro, que esses versos chegaram ao folheto. Porque folhetos já existiam, e não só em Portugal. Havia a *littérature de colportage* da França, os *pliegos sueltos* da Espanha, os *chapbooks* da Inglaterra e por aí vai. O mesmo fenômeno editorial do cordel brasileiro: o livro para o editor que não pode publicar livros e para o leitor que não pode comprá-los. O livro vagabundo, no melhor sentido do termo: livre, errante, solto, produto invisível da economia informal. O livro dos que não têm direito ao livro.

Para usar uma metáfora bem no espírito leândrico, o Romanceiro é a alma, o folheto-de-cordel é o corpo. Como todo corpo, é uma reencarnação provisória. Os corpos passam, o espírito vai em frente. Se temos hoje acesso às tragédias gregas e aos poemas romanos, não é apenas porque alguns espécimens dos seus corpos originais foram salvos nos museus. É porque foram transpostos para outras línguas, outros formatos.

Hoje, grande parte do que um dia já foi papiro ou pergaminho está gravado em pendraives, em agadês, em nuvens. São novas encarnações para textos que (cruzemos os dedos) não morrerão jamais.

Daqui a cem anos, caso nossa civilização sobreviva, estaremos lendo desde a *Chegada de Lampião no Inferno* de José Pacheco até a *Divina Comédia* de Dante Alighieri em formatos físicos que seus autores jamais imaginariam. Hologramas quânticos, implantes semióticos, écrans-de-contato, recitação por sintetizadores? Náo importa: serão novos corpos para prolongar a vida desses espíritos feitos de palavra.

No princípio (antes de existirem tinta, pena, papel) era o Verbo. A palavra poética, "gritada à queima-pele". No fim, também será.

ARTIGOS

NOTAS SOBRE AS INTERFACES ENTRE AS LITERATURAS LATINO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS E O MOVIMENTO CARTONERO: CAMINHOS DE UMA ANTI-ESTÉTICAS DECOLONIAL.

Paula Santana (UFRPE-UAST)

Resumo:

Este artigo propõe, a partir da articulação entre o modo de ação de Editoras Cartoneras da Argentina, do Brasil e do Peru, assim como da análise de algumas obras literárias lançadas por estes selos,mergulhar nas incidências críticas e estéticas desses textos. A proposta é tratar essa dialogia principalmente sob as perspectivas teóricas literárias, sociológicas e filosóficas contemporâneas, perfazendo uma leitura multidimensional desses acontecimentos que reverberam na produção literária local.

Palavras-chave: Literaturas latino-americanas; movimento cartonero; estética

A proposta lançada aqui é, a partir do estudo de alguns casos emblemáticos de editoras cartoneras no cone sul, refletir sobre arte, políticas culturais, ação coletiva, economia solidária e desenvolvimento sustentável na região. Este modelo de editora, que difundiu-se não somente pela América Latina, mas também pela Europa e África, caracteriza-se pela auto-regulação, auto-gestão e criação artesanal de livros fotocopiados com capas de papelão coloridos à mão. A experiência da Eloisa Cartonera (Argentina) sinaliza à construção de uma outra forma de prática de literatura, incorporando-a conotações sociais e sustentáveis, que, junto a distintos matizes, a lançam em novas possibilidades analíticas.

Diante disto, faz-se necessário voltar ao idos do debate sobre tradição e ruptura no mundo da arte. Nos idos de 1930, Benjamin proclamava o fim da esfera autônoma da arte. O status da técnica permitiu-lhe adiantar algumas tendências sobre a cultura do contemporâneo, desde o instante em que o fluxo de informações desestabilizou a ideia de contextos de singularidade, originalidade, até o questionamento sobre o seu valor em termos de representação. Oitenta anos depois, passado um período de discussões intermináveis sobre o assunto, a tecnologia digital ocupa um lugar privilegiado

no âmbito das sociedades modernas. O esvaecimento das perspectivas críticas que apregoam a autonomia da arte é um fenômeno que pode ser visto também na literatura, que não escapou a essa nova configuração. A multiplicidade e a complexidade das técnicas de comunicação abriu a possibilidade de novos tipos de discurso que alteraram o tratamento dado as esferas autônomas de pensamento, bem como trouxe à tona outros universos auto-referenciais fechados. Para Resende (2008), estas outras técnicas, mais recentes, em oposição à análise de Benjamin, já não são somente reprodutoras, mas sim, também produtoras da realidade.

O desejo mercantil da indústria cultural por padronização de gostos e interesses é contra-atacado com insubordinação, tida, muitas vezes, como arcaica, desobediente ou contra-cultural. É neste sentido que este projeto procura problematizar o caso do editorial Eloisa Cartonera (Buenos Aires), da Yiyi Jambo Cartonera (Brasil/Paraguai) e da Sarita Cartonera (Peru). Os coletivos cartoneros são, em última instância, um exemplar dessa insubordinação que intenta contra a lógica do mercado e seu sistema financeiro, uma vez que impulsionam a publicação e a leitura, democratizando o acesso a este suporte libresco tão elitista em muitos aspectos.

Tendo em vista estas questões, faz-se necessário apresentar cuidadosamente Eloisa Cartonera, haja vista o seu pioneirismo. O coletivo de Buenos Aires, que surge em 2003, foi criado mediante o impacto da crise econômica argentina de 2001 (bem como os desdobramentos das crises dos anos 1990), e decide investir em livros muito mais que em dinheiro: “el cooperativismo, la autogestión, el trabajo para un bien común, com movilizador de nuestro ser”, como sinalizam em sua página na internet. Idealizado pelo escritor-personagem Washington Cucurto, pelo artista plástico Javier Barilaro e pela galerista e escritora Fernanda Laguna, o projeto se consolida como um movimento artístico-social que privilegia o artesanal e o baixo custo frente a uma indústria que restringe tanto a publicação como o acesso à leitura da maioria dos latino-americanos. A ideia é tão simples quanto original: confeccionar livros com capa de papelão. Esta originalidade, ao mesmo tempo, implica na construção de práticas discursivas e sentido sociais e culturais.

A intenção declarada é a de gerar um empreendimento "cultural, social y comunitário sin fines de lucro", que, necessariamente, envolveria a compra de matéria prima dos cartoneros (catadores de material reciclável) na via pública a um preço muito superior ao habitual. Esta dinâmica reverberaria, por sua vez, uma fonte de renda a estes trabalhadores na oficina onde se fabricam os livros de um modo que se apresenta como "artesanal" – pintando à mão ao estilo serigrafia as capas de papelão. Este processo justifica a legenda "Asociación de lucha contra la exclusión social" com que se defina a Eloisa e com que também se rubrica o interior de alguns exemplares.

Concomitantemente, em pleno momento histórico em que há uma certa predominância da "virtualização" e da "desconstrução" do livro por meio da prática de leitura em novos suportes tecnológicos, a Eloísa consegue pautar um perfil inovador a partir da difusão do acesso ao objeto livro. Com uma estrutura de gastos mínimos, o sistema se expandiu por todo o globo. Os cartoneros são incorporados como protagonistas neste processo, que une escritores, artistas plásticos e leitores.

Em seus mais de dez anos de fundação, os livros cartoneros transitam em orbes extremos, isto é, de ser uma produção simples e popular até tornar-se objeto de culto, com os direitos do autor cedidos por importantes nomes da literatura latino-americana. Ao mesmo tempo que se utiliza desses grandes nomes da literatura como *headliners* de suas publicações, endossa a abertura à publicação de jovens autores desconhecidos. Eloísa Cartonera conta com mais de duzentos títulos, entre eles estão, por exemplo, Ricardo Piglia, Roberto Piva, Glauco Mattoso, César Aira, entre outros nomes importantes e consagrados que, sem dúvida, se sentem atraídos pela "aura" de objeto de arte insubordinado dos livros cartoneros. A ação coletiva, como diria Becker, nasce da necessidade de sobrevivência econômica e cultural, convive com um movimento que torna-se cada vez mais cult.

A edição com estas características aparece definida por Cucurto (2013) como uma movimentação que pretende transcender o âmbito cultural para apresentar-se como gesto político. Diante disto, a obra toda do autor, até o presente momento, parece utilizar os procedimentos de reciclagem dos

catadores de papelão da Eloisa Cartonera, recuperando códigos culturais, tipos e histórias com procedimentos paródicos para falar de uma Argentina contemporânea, cujo imaginário está povoado daqueles relatos canônicos e estereotipados que, como diria Benjamin, assombram fantasmagoricamente o presente. Para além de seu alcance como projeto social, a estratégia de posicionamento do editorial e de Cucurto dentro do campo literário implica em alguns aspectos relevantes: tem-se aqui a elaboração de uma estética das margens e do desfeito, do que é residual – literalmente lixo que é resinificado por atores sociais marginais que procuram um meio de sobreviver – e que é transfigurado e convertido potencialmente em objeto estético.

Na literatura deste autor nota-se um sentido de urgência, de presentificação, que se evidencia por atitudes, como a decisão de intervenção da Eloisa Cartonera. Na recusa dos mediadores tradicionais, essas novas vozes utilizam não apenas recursos de estilo, mas buscam também o imediato. O que interessa, sobretudo, são o tempo e o espaço presentes, trazidos com a urgência que acompanha a convivência com o intolerável.

No bojo da proposta lançada pela Eloisa Cartonera, surge, em 2007, a Yiyi Jambo Cartonera, localizada em Assunção - Paraguai. A editora fora idealizada pelo escritor "brasiguaio"[66] Douglas Diegues. A pedra de toque da Yiyi Jambo é uma produção literário fronteiriça, que aponta os limites e intersecções entre as próprias línguas espanhola, portuguesa e guarani. O “portunhol selvagem”, protagonizado por Douglas Diegues, Wilson Bueno e outros escritores do selo está na base de alguns destes textos literários. “Uma língua usada na ‘triplefronteira’ do Brasil, Paraguai e Argentina está ganhando o mundo”, diz a notícia que circula nos principais jornais do país. Essa língua anárquica, acima das fronteiras geográficas e culturais, foi reconhecida, juntamente com o cartonerismo, a partir de um encontro em Assunção (Paraguai), como material de produção para pensadores, filósofos, críticos, artistas e literatos. Diegues é um instigador e expoente do movimento

[66]Esta é uma definição do próprio escritor Douglas Diegues, atentando para uma possibilidade de ser um sem precisar ser único, por uma sugestão contrária ao conceito ocidental de univocidade, do pensamento único, de existência única.

cartonero, protagonizando uma militância pelo reconhecimento do portunhol selvagem como "libertá de lenguaje". O primeiro grande encontro do gênero ocorreu nessa capital no mês de dezembro de 2007.

Já a Sarita Cartonera, por sua vez, é um projeto editorial solidário criado em Lima, Peru, no início de 2004, por MilagrosSaldarriaga, Tania Silva e Jaime Vargas Luna. Tomam de empréstimo o nome de Sarita Colonia67, ícone popular peruano, padroeira de prostituas e caminhoneiros. No bojo de sua proposta plástica, a Sarita Cartonera volta-se para a estética chicha68, que é um esforço de transfiguração das manifestações estéticas andinas com o cosmopolitismo dos grandes centros urbanos. Publicam livros de literatura latino-americana em formatos artesanais e, inclui em seu processo de produção, jovens da cidade. Os livros são vendidos em livrarias e feiras a baixo custo e tentam difundir a literatura do continente no Peru, promover a leitura e chamar atenção para as questões em torno da reciclagem.

Nesta senda aberta pelos editorais cartoneros em análise, emergem importantes questionamentos sobre a literatura e o objeto-livro na contemporaneidade, notadamente: um lugar-espaço de criatividade para a forma literária, assim como a manutenção e rupturas das lógicas do objeto-livro. Neste cenário, as editoras cartoneras trazem a confecção de livros em termos artesanais e dominam "taller de arte" o lugar onde são produzidos. Mas, fundamentalmente, tudo que circunda o suporte material se vê transfigurado nestes livros que não têm registro ISBN, não há cobrança de direitos de publicação (onde deveria aparecer o Copyright, vê-se um agradecimento ao ator que cedeu seu texto ao projeto). Esse absoluto desinteresse, desde o ponto de

---

67Segundo Jaime Vargas Luna, em entrevista concedida ao site Monstro do Mares, em 2013, "Sarita Colonia é o nome do ícone mais popular de Lima, talvez até peruano – revela Vargas Luna. É uma santa não-oficial, não católica. É a santa dos motoristas de ônibus e das prostitutas. Era o nome perfeito para o que queríamos." Disponível em: https://monstrodosmares.milharal.org/roles/sarita-cartonera-a-editora-artesanal-peruana-inspirada-na-santa-das-prostitutas/

68"La 'cultura chicha' se ha convertido no yaenun referente de lo informal: ha adoptado una estética específica que ha terminado extendiéndoseeneltejido social del país, generandoensímismaun mecanismo de inclusión. La cultura chicha transmutólo rural andino en algo más común, algo que podía ser asumido para integrar dos mundos, el andino-migrante conlo citadino. Y principalmente por el uso de códigos comunicacionalescomunes a ambos: el idioma, por un lado, y la plástica." Disponível em: https://sites.google.com/site/laculturachichaperu/manifestaciones-culturales/esteticachicha

vista econômico – por parte dos autores que, em alguns casos, são jovens e inéditos, e em outros ocupam posições centrais dentro do campo literário – deve explicar-se em termos de capital simbólico.

Acha (1996) sinaliza que "la estética hegemónica irá assimilando elementos populares", e, no caso das cartoneras, tem-se um movimento complementar a esta perspectiva: o artesanal, o popular apropriando-se do que a crítica entende como "alta cultura". O livro cartonero é, antes de tudo, um livro-objeto, e é vendido sob este ideário. Todavia, enxergá-lo como objeto de arte não significa desloca-lo de seu caráter popular e popularizador da leitura, e esta mescla, termina por desestabilizar antinomias como "alta cultura" e "cultura popular", por exemplo. O livro cartonero ventila dimensões de ambiguidade ao hibridizar-se. É precisamente por ser um espaço híbrido que este universo permite a aparição de vozes contra-hegemônicas em diversos níveis. A abertura artístico-social que representam as cartoneras fomenta novas concepções estéticas e expressivas que demonstram uma profunda diversidade imaginativa e reflexiva, que constrói práticas discursivas que se alinham numa posição diferente das grandes editoras. O caso da Eloísa , da YiYi e da Saritasão emblemáticos do que Vanoli (2009) caracteriza como "desborde de la escritura por la sociabilidade". Tem-se aqui um importante efeito democratizador no que se refere ao acesso ao universo da produção e da circulação literária, assim como há um elemento desestabilizante e contestador das instituições e do próprio campo literário (Bourdieu, 1995).

Sarlo (2007) ventila que, diante das novas configurações do espaço geopolítico e da diferente organização do tempo, premido pela simultaneidade, as formações culturais contemporâneas parecem não conseguir imaginar o futuro ou reavaliar o passado antes de darem conta, minimamente, da compreensão deste presente que surge impositivo, carregado ao mesmo tempo de seduções e ameaças, todas imediatas. Estes fenômenos, ainda emergentes e em processo de conformação de suas práticas discursivas, poderiam ser compreendidos à luz da noção de pós-autonomia, conceito proposto por Ludmer (2008), em que a autora afirma que tais literaturas ou escrituras não admitem mais leituras literárias e que não se sabe ou não importa se são ou não são literatura, se são realidade ou ficção. Neste caso, o que importa analisar é

como estas escrituras fabricam um presente em detrimento de qualquer registro realista do que ocorreu. O valor literário, o diagnóstico crítico da qualidade ou falta de qualidade que caracterizou a literatura moderna é sumariamente descartado. Deste ponto de vista, se o antigo e resistente suporte do livro ainda se mantém, inclusive como objeto de desejo dos novos escritores, seus modos de produção e leitura não poderiam mais se basear em critérios tipicamente modernos como os de autor, obra, estilo, texto e sentido. Com isto, estariam condenadas igualmente quaisquer pretensões críticas de emancipação, transgressão e subversão que marcaram as políticas da literatura na modernidade. Esta perda, para Ludmer, é inevitável na mesma medida em que se mesclaram as esferas ou os campos artísticos antes considerados autônomos, desde Immanuel Kant até Pierre Bourdieu.

Noutra perspectiva, Szpilbarg (2010) aventa a possibilidade de refletir criticamente sobre o fim da autonomia literária, tanto na literatura do presente, que "se vuelve presente y performance", quanto naquela em que sua especificidade se dilui a partir da relação que estabelece entre aquilo que se edita e as formas de edição adotadas, que implicam em tomar o livro como uma "totalidad social". Deste modo, "lo político estaria enlos modos de editar y enlos modos en que la realidade y ficción se entremezclan" (2010).

Sarlo (1982), por sua vez, sinaliza que um dos traços mais fortes que permitem distinguir esta movimentação é a particular relação que cada uma vai estabelecer com a cultura oficial, a alta cultura e a cultura de massa. No caso da pós-vanguarda, para Palmeiro (2008), hoje se assiste a um tipo particular de "reciclagem" de materiais provenientes da cultura de massa, que se afasta das propostas da vanguarda histórica pelo grau de questionamento estético e ideológico e por uma particular adesão a uma marginalidade disposta a dizer o que lhe convier sobre as culturas. Perecebe-se aqui a "emergencia de una estética", como diria Laddaga (2006), que retira a literatura de sua especificidade e lança ênfase na contaminação com outras formas artísticas e culturais.

Com Mignolo (2002), por exemplo, poderíamos chegar a pensar que o cartonerismo constitui um importante aporte a necessidade de "políticas

interculturais", dedicadas a amenizar associação de diferenças e desigualdades, as tendências comerciais que empobrecem a diversidade. O livro cartonero começa, pois, mimetizando o artefato livro para logo hibridizá-lo segundo um sentido lúdico e humorístico. Diante deste contexto, vale perguntar: estaria o movimento cartonerolançando um outro modo de reauratização da experiência, baseado precisamente naquilo que fincou as bases da desauratização na modernidade, a saber, a desarticulação das propriedades espaço-temporais dos objetos tradicionais e a perspectiva de miniaturização dos objetos cotidianos?

Passadas cinco décadas da explosão da literatura latino-americana no mundo, esta proposta visa problematizar uma poderosa tensão que os editorais cartoneros catalisam de maneira ampla e ambivalente: ao mesmo tempo que todo um sistema armado impede o público de relacionar-se cotidianamente com a literatura, tanto no âmbito da publicação como no da leitura, vivencia-se a sensação de que a literatura é território aberto, conquistado e dominado desde antes do "boom". O que faz o movimento cartonero é empoderar-se deste outro território que faltava, a saber, o da publicação, o do livro, sempre muito restrito e legitimado por gostos alheios e distantes. De maneira sucinta, a ideia aqui é problematizar as práticas que conformam, paulatinamente, esse circuito que é literário, político e econômico ao mesmo tempo, a partir das dinâmicas auratização, desauratização e reauratização do objeto-livro a partir das práticas de edição cartoneras no cone sul, assim como as incidências estéticas das/nas obras elegidas por estes selos.

Referências Bibliográficas:

ACHA, J. *Nuestro futuro estético*. En Colombres, A. (Org.). América Latina: el desafío del tercer milenio. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1996.

BENJAMIN, Walter. A Modernidade. In: *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Edições Tempo brasileiro, 1975.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*: Gênese e Estrutura do Campo Literário. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

CUCURTO, Washington. *Cosa de Negros*. Buenos Aires, Ed. Interzona, 2012.

LADDAGA, Reinaldo. *Estética de la emergencia*: la formación de otra cultura de las artes. Adriana Hidalgo Editora., 2006.

LUDMER, Josefina. *Temporalidades del presente*. Texto apresentado no VIII Congresso Internacional da ABRALIC, "Mediações", organizado pela Associação

Brasileira de Literatura Comparada na Universidade Federal de Belo Horizonte, 2002.

MIGNOLO, Walter. *Indisciplinar las ciencias sociales*: geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Perspectivas desde lo andino. Quito: Universidad In: CASTRO-GÓMEZ, S.; SCHIWY, F.; WALSH, C. Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2002.

PALMEIRO, Cecilia. *Lixeratura argentina contemporánea*: pensamiento queer em antiestéticas do trash In anais XI ABRALIC. São Paulo: USP, 2008.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo:Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARLO, Beatríz. *Vanguardia y criollismo*: la aventura de Martín Fierro. Revista de crítica Literaria Lationoamericana. Lima, año VIII, nº 15, 1er. Semestre, 1982.

SZPILBARG, Daniela. *La vuelta al libro*: Representaciones de editores "artesanales" sobre la industria editorial In Afuera Estudios de Crítica Cultural. n. 9, novembro, 2010. Disponível em: http://www.revistaafuera.com/articulo.php?id=115&nro=9 Acesso em dez. de 2012.

VANOLI, Hernán. 2009. *Pequeñas editoriales y transformaciones en la cultura literaria argentina*. Apuntes de Investigación del CECYP, Nro. 15; pp. 161-185. Disponível em <http://apuntescecyp.com.ar/index.php/apuntes/article/view/277/245> Acesso em jan. de 2013.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ÀS MARGENS DO SÃO FRANCISCO

Rossana Regina Guimarães Ramos Henz[69]

Resumo:

O presente artigo visa descrever uma ação durante o III Clisertão. Denominada Clisertãozinho, a atividade de contação de histórias é parte integrante do Congresso em questão e teve como objetivo formar contadores de histórias para apresentações em escolas da região.

Palavras-chave: Clisertão. Contação de Histórias. Educação.

Abstract:

This article aims to describe an action during the III Clisertão . Named Clisertãozinho the storytelling activity is part of Congress concerned and aimed to form storytellers for presentations in schools in the region.

Keywords: Clisertão. Storytelling Activity, Education.

Introdução

O presente artigo descreve uma das atividades desenvolvida durante o III Clisertão, cujo foco é o livro, a leitura e a literatura no sertão. Denominada Clisertãozinho, a ação em pauta teve como objetivo desenvolver atividades no campo da literatura para crianças durante todo o evento. O processo teve início por meio de um trabalho de extensão desenvolvido na Universidade de Pernambuco com alunos do Curso de Letras. O projeto que já se desenvolve há dois anos, além de formar contadores de história, realiza oficinas de brinquedos e brincadeiras, bem como discute as questões teóricas que envolvem a infância e processos lúdicos que a ela pertinentes.

Especificamente no período do Congresso, as atividades se desenvolveram em quatro escolas municipais de Ensino Fundamental, na zona rural de Petrolina – PE. O grupo de contadores foi composto por 12 alunos de graduação e a professora orientadora. Na ocasião foi apresentada a peça infantil adaptada

[69] A autora é doutora em Língua Portuguesa pela PUC/SP e professora adjunta da Universidade de Pernambuco nos cursos de Graduação em Letras e Mestrado (PROFLETRAS). rossana.ramos@upe.br

do texto A Formiga e a Neve. Outras atividades como musicalização e dança do baragandão fizeram parte do evento nas escolas.

1 A Literatura Infantil

O que é literatura infantil? De que modo podemos delimitar esse gênero? A resposta óbvia seria que é algo especialmente produzido por adultos para crianças. Uma outra pergunta surgiria dessa premissa: que elementos deveriam compor então a literatura infantil? Nessa perspectiva, é fundamental identificarmos o que é a criança. A criança é um ser instintivo que, portanto, ainda não se utiliza amplamente da racionalidade para compreender e interpretar o mundo a sua volta. Para ela, é possível que animais falem, bruxas façam feitiços mágicos entre outros fatos inacreditáveis aos adultos. Desse modo, o combustível básico da literatura é, certamente, aquilo que transforma, que transcende a realidade.

A literatura infantil, embora date do final do século XVII e durante o século XVIII, conforme Coelho (2001), é atualmente, e cada vez mais, uma ferramenta bastante utilizada, sobretudo pela escola, com fins educacionais. Esse processo se expandiu de forma ampla a ponto de um mercado próprio a esse fim ter surgido e ser em várias esferas bastante explorado. Editoras, produtoras de vídeos, profissionais contadores de histórias direcionam cada vez mais seu trabalho para o mundo infantil.

Isso vem se dando em função das descobertas da literatura infantil como um meio de educar pela palavra, pelo exemplo, pela mágica que essa linguagem suscita. Ler, ouvir ou recontar histórias, sabe-se, é uma fonte de prazer, mas é também um modo de reconstrução do mundo em que vivemos.

> A contação de histórias, por exemplo, se caracteriza como uma atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Nesse sentido, a contação de histórias é uma atividade importante para a formação da criança, tendo em vista que transmite conhecimentos e valores que

refletem no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Além de pertencer ao campo da educação e à área das ciências humanas, é uma forma de socialização, à medida que agrupa as pessoas em torno de uma roda para ouvir uma história. Por sua vez, o contador de história deve ter um certo talento para criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte.

Com as crianças, enquanto leem ou ouvem histórias, ocorrem processos psíquicos importantes como, por exemplo, o que Bettelheim (2002) chama de ressignificação que vem a ser um novo modo de entender a história. Aquele hábito que as crianças têm de pedir que se conte a mesma história várias vezes, segundo o autor, está relacionado a este processo, ou seja, cada vez que a história é ouvida, pode surtir um efeito de significado diferente.

Do ponto de vista pedagógico, a leitura ou a contação de histórias implicam uma série de atividades cognitivas com vistas para o desenvolvimento. Ao ler uma história ou ouvi-la, a criança se apercebe, por exemplo, do ritmo e da sequência de uma narrativa, seja ela e forma de prosa ou poesia. Além disso, o contato com o texto proporciona a descoberta de novas palavras, bem como de novos sentidos para aquelas já conhecidas.

Sugerimos que o primeiro passo para essa empreitada seja o hábito e se ler para crianças ainda pré-leitoras e também para as já alfabetizadas com o objetivo de promover o que chamamos de *alfabetização auditiva*. Alfabetização, aqui no sentido *lato,* pelo fato de que ouvir histórias significa desenvolver conhecimentos de natureza vária, conforme já elucidamos, e ademais conhecimentos metalinguísticos como:

1.1 A consciência fonológica

- desenvolvimento da capacidade de distinção os fonemas e da pronúncia padrão das palavras (ouvido fonemático), CAGLIARI (1989), já que a leitura, diferentemente da fala, é mais comprometida com a forma padrão da escrita.

1.2 A ampliação do vocabulário

- a escrita, sobretudo dos contos clássicos, caracteriza-se por um conjunto lexical que se compõe de palavras específicas do gênero, e, na maioria das vezes, fora do uso frequente da língua nas situações cotidianas dos falantes. Desse modo, não se deve fazer a troca das palavras desconhecidas por outras de uso e sim explicitá-las para a criança caso ela não o faça naturalmente pelo contexto geral da narrativa.

1.3 A construção do conhecimento de mundo

Além das questões existenciais que suscitam a leitura ou a oitiva dos textos infantis clássicos, esse contato pode promover o conhecimento de espaços e tempos distintos em que vivem seus leitores e ouvintes. Como é o caso dos espaços físicos, sociais e temporais habitados pelos personagens dos contos de fadas que moram em castelos, florestas, usam cavalos como meio de transporte, vivem sob o poder do rei, evidenciando a divisão explícita entre a pobreza e a riqueza, as práticas de punição, os abusos de poder, entre outras questões vivenciadas no período medieval.

1.4 O reconhecimento do mundo atual

As histórias atuais abrem a possibilidade de ampliação das questões que envolvem o mundo contemporâneo no que diz respeito à ambientação: constituição das cidades, do campo, da vida social, econômica e cultural em que se envolvem seus personagens. Os livros do autor Ziraldo, por exemplo, descrevem personagens como o *Menino Maluquinho* ou a *Professora Maluquinha* que evidenciam as questões da escola, uma instituição eminentemente moderna e que apresenta múltiplos modelos a serem discutidos.

Como citamos no primeiro exemplo deste texto, a criança ao ler ou ouvir uma história clássica poderá ressignificar os espaços e tempos em uma espécie de viagem que lhe permite construir um conhecimento mais amplo do mundo em que vive. Com base nessa concepção, em nossa opinião, a atividade pedagógica formal com base na leitura de textos infantis pode ser grande aliada do processo de construção do conhecimento em sala de aula, embora essa ideia seja amplamente criticada por muitos autores e especialistas em textos infantis,

como vimos antes, pelo fato de que o texto literário deva ser objeto de produção de sentido e não de atividade escolares.

Contudo, nós professores, em nossa prática, não devemos nos posicionar nem tanto ao céu nem tanto a terra. Sabemos que a exploração de um texto, principalmente como é feita nos livros didáticos é discutível porque as perguntas vêm prontas pelo autor e muitas vezes são seguidas à risca pelo professor sem levar em conta os diversos sentidos que a leitura produz em seus alunos. Sabemos, todavia, que há diversas formas de se *explorar* a leitura se aquelas velhas perguntas como o que *o autor pensou quando escreveu...* ou simplesmente pedindo que refaçam o livrinho *com suas próprias palavras*. Pensamos que um bom trabalho pedagógico com os chamados livros paradidáticos pode render bons frutos, contanto que se respeite a produção individual de sentido, bem como os significados construídos pela leitura.

Contando histórias

O trabalho propriamente dito compreendeu três etapas. A primeira constituiu-se de estudos teóricos sobre história social da infância, desenvolvimento infantil, literatura infantil e arte de ler, contar e encenar histórias infantis. Ainda nessa etapa, o grupo formado por alunos e a orientadora decidiu quais atividades seriam desenvolvidas no período do Clisertão. Os brinquedos, as brincadeiras, a história que seria contada foram escolhidos nessa etapa. Optamos por encenar a história em vez de contá-la. Isso se deu função da ideia de contemplar com essa modalidade – dramatização – as crianças da região que em sua maioria ainda não assistiu a uma peça teatral. A história escolhida, A Formiga e a Neve, é uma fabula clássica que envolve um cenário distinto daquele conhecido pelas crianças, pois se passa no frio, na neve. Propositalmente, pensamos que essa paisagem traria a possibilidade de uma nova forma de conhecimento e, portanto, ampliaria o letramento já posto. O texto foi adaptado para a gênero teatral e encenado pelos alunos/atores.

A história

"Numa certa manhã de inverno uma formiga saía para o seu trabalho diário.

Já ia longe procurar comida quando um floco de neve caiu, prendendo o seu pezinho. Aflita, vendo que ali poderia morrer de fome e frio, a formiga olhou para o Sol e pediu: - Sol, tu que és tão forte, derreta a neve e desprenda o meu pezinho?
E o Sol, indiferente, respondeu: - Mais forte que eu é o muro que me tapa. Então a pobre formiguinha disse: - Muro, tu que és tão forte, que tampa o Sol, que derrete a neve, desprenda o meu pezinho? - E o muro rapidamente respondeu: - Mais forte que eu é o rato, que me rói. A formiga, quase sem fôlego, perguntou: - Rato, tu que és tão forte, que rói o muro, que tapa o Sol, que derrete a neve, desprenda o meu pezinho? - E o rato falou bem rápido: - Mais forte que eu é o gato que me come. A formiga então perguntou ao gato: - Tu que és tão forte, que come o rato, que rói o muro, que tapa o Sol, que derrete a neve, desprenda o meu pezinho? O gato responde sem demora: - Mais forte que eu é o cão, que me persegue. A formiguinha estava cansada e, mesmo assim, perguntou ao cão: - Tu que és tão forte, que persegue o gato, que come o rato, que rói o muro, que tapa o Sol, que derrete a neve, desprende o meu pezinho?- Mais forte que eu é o homem, que me bate. Pobre formiga! Quase sem força, perguntou ao homem: - Tu que és tão forte, que bate no cão, que persegue o gato, que come o rato, que rói o muro, que tapa o Sol, que derrete a neve, desprenda o meu pezinho? O homem olhou para a formiga e respondeu: - Mais forte do que eu é a Morte que me mata. Trêmula de medo, olhando para a Morte que se aproximava, a pobre formiguinha suplicou: - Ó Morte, tu que és tão forte, que matas o homem, que bate no cão que persegue o gato que come o rato que rói o muro, que tapa o sol que derrete a neve, desprende meu pezinho. E a Morte ia responder, quando de repente, a paisagem começa a se transformar, a neve a derreter e a primavera chegou com seu carro dourado triunfal enchendo de flores os campos e de luz os caminhos. A formiga viu então seu pezinho desprender-se com num passe de mágica. Feliz, muito feliz, seguiu o seu caminho.

Na segunda etapa, foram confeccionados os brinquedos – o baragandão e os chocalhos – o cenário da história e a roupa dos personagens dos personagens. Realizaram-se ensaios da peça e das atividades de musicalização. A terceira etapa compreendeu a visita e apresentação nas escolas.

Considerações finais

O trabalho que teve como objetivo levar a literatura às escolas realizou-se forma satisfatória, tendo em vista que diversos aspectos foram observados ao longo da ação. *A priori,* o fato de que nossa chegada às instituições foi bastante bem vinda, tanto pela equipe pedagógica quanto pelas crianças. Ao longo da montagem do cenário, havia muita curiosidade por parte de todos. Durante a atividade de musicalização, crianças e professores participaram efetivamente. Ao longo da apresentação da peça teatral, pudemos observar as mais diversas manifestações das plateias. Houve duas reações que nos chamaram atenção mais detidamente. Uma em que as crianças pequenas se assustaram com a entrada do personagem cachorro. Principalmente as menores – de 3 e 4 anos – choraram manifestando o sentimento de medo. O fato demostra o quanto a literatura – teatro ou contação de história – alcança o imaginário infantil. Outra reação interessante das crianças foi o que ocorreu em uma das escolas, quando ao término da peça, a plateia começou a gritar *de novo!!!* A segunda apresentação, como pudemos observar, causou tanto impacto quanto a primeira. Em várias situações durante a apresentação, as crianças interagiam com os personagens, como quando, por exemplo, o cachorro persegue o gato.

O que pudemos inferir desse trabalho é que os conhecimentos teóricos sobre o contato da criança com a literatura infantil são pertinentes, à medida que nos indicam os efeitos produzidos na criança que mergulha nesse mundo mágico. Apesar dos apelos do universo digital na atualidade, percebemos que o encantamento pelo teatro ou pela contação de histórias é constatável quando se realiza esse tipo de atividade.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CAGLIARI, l. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

COELHO, Beth. *Contar histórias: uma arte sem idade***.** São Paulo: Ática, 2001.

FRODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. *Cultura, arte e contação de histórias*. Goiânia, 2005.

UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DA POÉTICA CONTEMPORÂNEA DAS ESCRITORAS DO VALE DO SÃO FRANCISO: QUE PORCENTAGEM REPRESENTA A PRESENÇA FEMININA NO MEIO LITERÁRIO ATUAL?

Joázila Santos Nascimento[70]

Resumo:
O presente artigo pretende analisar a quantidade de obras das escritoras do Vale do São Francisco – Juazeiro/BA e Petrolina/PE – está presente nos âmbitos de circulação de livros. Numa perspectiva de abordagem comparativa, tem como objetivo contrastar e expor a desigualdade de gênero no meio literário dessa região. Tudo isso, inspirado na campanha internacional “Read Women”, lançada pela escritora Joanna Walsh, que tem como proposta persuadir as pessoas à leitura de *Escritoras* visando incentivar publicações do gênero feminino.

Palavras-chave: Escritoras. Representatividade. Ler mulheres.

Abstract:
This article aims to analyse the quantity of females writers' literary works from Vale do São Francisco - Juazeiro/BA and Petrolina/PE that is present in books' circulation area. In a comparative approach perspective, this paper's purpose is to distinguish and expose gender inequality in this region's literary scene. All of this was inspired by the International advertisment campaign "Read Woman", launched by the female writer Joanna Walsh, who aims to persuade people to read female writers in order to support female gender's literary publications.

Keywords: Writers. Representativity. Read Women.

Introdução

A campanha internacional “Read Women”, lançada pela escritora Joanna Walsh, tem como proposta persuadir as pessoas à leitura de escritoras, visando incentivar publicações do gênero feminino. Percebendo isso, resolvi, então, analisar as narrativas com a prerrogativa da publicação de escritoras do Vale do São Francisco – Juazeiro/BA e Petrolina/PE, especificamente, a quantidade de obras existentes e títulos feitos por mulheres no meio livresco da região ribeirinha, com a finalidade de responder a seguinte questão: Que porcentagem representa a presença feminina no meio literário do Vale do São Francisco atualmente?

[70]Universidade de Pernambuco; Petrolina-PE; Graduanda do curso de Letras – Português e suas literaturas; joazilasantos_@hotmail.com.

a. A campanha “read women”

Em 2014, a escritora britânica Joanna Walsh iniciou uma campanha com o objetivo de estimular e criar contato com a leitura de livros feitos por mulheres, que por muitas vezes são ignoradas e taxadas pelo mercado de editoras.

> No Brasil, pesquisa divulgada em 2012 pelo Instituto Pró-Livro classificou como leitores 43% dos entrevistados homens e 57% das mulheres. O estudo também mostrou que elas leem mais tanto por iniciativa própria quanto obras indicadas pela escola, e tendem a concluir mais livros do que os homens. Além disso, a mãe foi apontada pelos entrevistados como a segunda maior figura incentivadora de leitura, atrás do(a) professor(a) e à frente do pai. Se leem mais, por que as mulheres são menos lidas? Em geral, a questão não está em conseguir ter um livro publicado, mas em como ele é publicado - na atenção que recebe da editora, da mídia e dos prêmios. (PÉCORA - iG São Paulo, 2014)

b. Objetivo

A pesquisa tem como objetivo central chamar a atenção para a desigualdade de gênero na literatura, “onda”, infelizmente, há a presença do machismo e valores patriarcais tanto no âmbito de escritores quanto dentro das próprias obras e seus personagens. E ao ascender à literatura este debate, pretende-se construir o processo da igualdade entre os gêneros.

c. O feminismo e a literatura na construção da igualdade de genero no Brasil

Antes de adentrar na questão da literatura contemporânea e o afunilamento para a região ribeirinha do Vale do São Francisco, é importante entender a história da desigualdade de gênero no Brasil e o que feminismo e literatura têm a ver com isso.

O assunto “feminismo” ainda é um grande tabu nos debates tanto formais quanto informais. Infelizmente, houve um processo de demonização do termo que acaba por descreditar todo esforço e vitórias históricas do movimento para as mulheres da sociedade brasileira.

> Diferente do que ocorre em outros países, existe entre nós uma forte resistência em torno da palavra “feminismo”. Se lembrarmos que feminismo foi um movimento legítimo que atravessou várias décadas, e que transformou as relações entre homens e mulheres, torna-se (quase) inexplicável o porquê de sua desconsideração pelos formadores de opinião pública.

> Pode-se dizer que a vitória do movimento feminista é inquestionável quando se constata que suas bandeiras mais radicais tornaram-se parte integrante da sociedade, como, por exemplo, mulher frequentar universidade, escolher profissão, receber salários iguais, candidatar-se ao que quiser.... Tudo isso, que já foi um absurdo sonho utópico, faz parte de nosso dia a dia e ninguém nem imagina mais um mundo diferente. (CONSTÂNCIA, 2003)

A autora Constância (2003) também fala do aumento do movimento "antifeminista" que foi muito forte e de grande competência na tentativa de demonizar, como já dito, o movimento feminista. E para ela (COSTÂNCIA, 2003), o maior erro do feminismo foi a permissão desse discurso que distorce a realidade das mulheres que lutaram tanto pela liberdade de todas. A autora culpa que o sucesso do maldizer do movimento feminista se deu, também, pela falta de propagação de sua história.

> Mas se a história do feminismo não é muito conhecida, deve-se também ao fato de ser pouco contada. A bibliografia, além de limitada, costuma abordar fragmentariamente os anos de 1930 e a luta pelo voto, ou os anos de 1970 e as conquistas mais recentes. Na maior parte das vezes, entende-se como feminismo apenas o movimento articulado de mulheres em torno de determinadas bandeiras; e tudo o mais fica relegado a notas de rodapé. (CONSTÂNCIA, 2003)

Constância (2003) divide o feminismo e a literatura brasileira por ondas, num total de quatro anos considerados áureos na luta feminista, sendo eles: 1830, 1870, 1920 e 1970. Sendo a primeira delas a luta pelo direito à escrita e à leitura.

> Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outra senão o direito básico de aprender a ler e a escrever (então reservado ao sexo masculino). A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas. E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever.

Como se pode perceber, uma das primeiras formas da libertação das mulheres se deu pela escrita. Sair da dependência masculina na construção de conhecimento foi um passo muito importante que teve como consequências

mais lutas por direitos. Estas mulheres que lutaram pelo direito à educação, Constância (2003) as considera como as primeiras feministas, pois indicavam uma subversão e pensamento crítico característico das mulheres que compunha e compõem o feminismo.

> O nome que se destaca nesse momento é o de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), nascida no Rio Grande do Norte, que residiu em Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, antes de se mudar para a Europa, e que teria sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada "grande" imprensa. Seu primeiro livro, intitulado Direitos das mulheres e injustiça dos homens, de 1832, é também o primeiro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito. Este livro, inspirado principalmente em Mary Wollstonecraft (Nísia declarou ter feito uma "tradução livre" de Vindications of the Rights of Woman), mas também nos escritos de Poulain de la Barre, de Sophie, e nos famosos artigos da "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã", de Olympe de Gouges, deve, ainda assim, ser considerado o texto fundante do feminismo brasileiro, pois se trata de uma nova escritura ainda que inspirado na leitura de outros. (CONSTÂNCIA, 2003)

A segunda "onda" seria a ampliação da educação e a construção da possibilidade do voto. Constância (2003) afirma que esta "onda" foi constituída, principalmente, pela explosão de jornais e revistas notoriamente feministas. Bem como, é nessa época (1870) que se têm notícias sobre as primeiras brasileiras no ensino superior no exterior do Brasil. E com essas boas-novas a imprensa feminista expelia a alegria e o sentimento de vitória a cada profissional formada. Entretanto, os jornais compostos por homens machistas, passavam a ridicularizar e diminuir essas mulheres formadas, com o argumento de que uma profissional não poderia constituir uma família, pois seria impossível manter tudo em ordem. Nas artes surge Josephina Alvares de Azevedo com a peça "O voto feminino" dando partida como uma das primeiras mulheres a defender o voto.

A terceira "onda" se inicia na reivindicação (CONSTÂNCIA, 2003) da opção de novas profissões para as mulheres, onde estas não queriam apenas ser professoras ou donas de casa, queriam atuar na medicina, no direito, no comércio, etc. Foi neste período que houve uma das maiores conquistas das mulheres brasileiras: o voto.

> E chegou finalmente o ano de 1927. O governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, antecipou-se à União e aprovou uma lei em seu Estado dando o direito ao voto às

> mulheres, para regozijo nacional das feministas. A terra de Nísia Floresta saía na frente e impunha-se como provocação para as demais províncias. Imediatamente, as mais combativas militantes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em todos os Estados em que estava representada, ocuparam as tribunas para aclamar a iniciativa e exigir o mesmo direito. É lançado um manifesto à nação, ora chamado de Manifesto feminista, ora de Declaração dos direitos da mulher, que vem assinado por Bertha Lutz, Jerônima Mesquita e Maria Eugênia Celso, entre muitas outras de importantes famílias políticas, como Clotilde de Mello Vianna, a esposa do Vice-Presidente da República [...]. (CONSTÂNCIA, 2003)

A quarta e última onda Constância (2003) deu o nome de "revolução sexual e literatura", pois é na década de 70 que ocorre a mudança crucial do comportamento feminino.

> E chegamos aos anos setenta: o momento da onda mais exuberante, a que foi capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal. 1975 torna-se o Ano Internacional da Mulher, logo estendido por todo o decênio (de 1975 a 1985), tal o estado de penúria da condição feminina, e tantas as metas para eliminar a discriminação. Encontros e congressos de mulheres se sucedem, cada qual com sua especificidade de reflexão, assim como dezenas de organizações, muitas nem tão feministas, mas todas reivindicando maior visibilidade, conscientização política e melhoria nas condições de trabalho. O "8 de Março" é finalmente declarado Dia Internacional da Mulher, por iniciativa da ONU, e passa a ser comemorado em todo o país de forma cada vez mais organizada. (CONSTÂNCIA, 2003).

No Brasil, além de se unirem pelos seus direitos, as mulheres ainda tinham que lutar contra a ditadura militar, mas mesmo assim discutiam assunto como aborto, pílula anticoncepcional e sexo. No campo literário:

> No campo literário, algumas escritoras se posicionavam frente ao governo ditatorial, revelando com coragem suas posições políticas, como Nélida Piñon, que participou da redação do Manifesto dos 1000 contra a censura e a favor da democracia no Brasil. Em 1981, a escritora lançava o livro Sala de armas, composto de contos aparentemente distintos mas que se estruturavam em torno dos encontros e desencontros amorosos. Mais tarde, Nélida tornou-se a primeira mulher a tomar posse como presidente da Academia Brasileira de Letras, e apenas bem recentemente declarou-se feminista. Inúmeras outras escritoras poderiam ser lembradas pela reflexão que seus textos e personagens suscitam nas leitoras, como Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Sônia Coutinho, Hilda Hilst, Helena Parente Cunha, Marina Colasanti, Lya Luft, entre outras, muitas outras. (CONSTÂNCIA, 2003).

d. Estereótipos na escrita feminina

Para iniciar a fala sobre a venda de mulheres no mercado da região do São Francisco é necessário falar sobre um dos maiores obstáculos da escritora contemporânea: o preconceito literário. Isso tudo se deve ao que Muzart (1990) chama de "fantasma da mulher" por trás de sua obra. Onde as pessoas não levam em consideração apenas a obra em si, mas o fato de uma mulher tê-lo escrito.

Outro fator é o assunto abordado nos livros, pois há a generalização do que as mulheres escrevem, porque muitos acreditam que só as interessam flores, homens e filhos. Consequentemente, esse pensamento acaba desencadeando a negação da leitura de livros feitos por mulheres.

e. Metodologia

Neste tópico serão apontados os métodos usados para obtenção do resultado com máxima imparcialidade possível neste processo de investigação.

Para a efetivação da pesquisa, resolveu-se fazer uma visita de intuito observatório nos pontos de venda e explanação de livros na região do Vale do São Francisco e analisar qual a porcentagem de escritoras com obras publicadas e/ou vendidas naquele local comparada a quantidade de homens publicados.

Os locais escolhidos para a pesquisa foram: as únicas duas lojas de venda de livros usados da região, ambas localizadas em Petrolina-PE; a única livraria da região (até então), também na cidade de Petrolina; O maior evento literário do Vale do São Francisco em sua segunda edição (ano de 2015); a Editora C.L.A.E, na cidade de Juazeiro-BA; a Biblioteca Municipal da cidade de Juazeiro-Ba.

Para angariar essas informações[71] foram utilizados entrevistas com donos e funcionários dos estabelecimentos, contagem individual e detalhada de cada obra, cartões de informações de evento e anotações.

Não foram observados os temas abordados nos livros, nem o tipo ou gênero textual.

f. Exposição de dados

[71]Importante ressaltar que as informações q foram angariadas **entre janeiro e março de 2016** e estão sujeitas a alterações devido à obtenção de novas obras por parte dos donos da loja ou se desempossarem de outras.

Em uma das lojas de livros usados, o dono do estabelecimento informou que havia apenas duas obras escritoras da localidade, sendo uma delas de autoria compartilhada com outros três homens. Enquanto no outro, não foi encontrada nenhum livro correspondente ao procurado.

Já na livraria, o funcionário indicou uma mesa que chamou "seção dos livros regionais". A contagem dos livros teve como resultado o seguinte: Havia quarenta seis livros ao total de autores da região da cidade de Juazeiro-Ba e Petrolina-PE, porém apenas cinco desses livro eram de autoria feminina.

Nas edições das Feiras do Livro de Petrolina, há a "tradição" de escritores locais lançarem ou relançarem seus livros. Portanto, decidiu-se, então, analisar e comparar esses autores por gênero. O desfecho se deu assim: de dezesseis autores presentes para apresentação de seus livros, apenas quatro eram mulheres.

Já na editora C.L.A.E. (Círculo Literário Analítico Experimental), de uma conversa com o diretor da mesma, percebeu-se que não há nenhuma autora que tenha publicado livro.

E, na biblioteca Juazeirense, os funcionários indicaram uma seção com três estantes de livros contendo por volta de 380 livros regionais. Por meio de uma contagem detalhada, notou-se que de todas aquelas obras, apenas 13 tinham em sua autoria mulheres.

g. Analise de dados

É, portanto, clara e perceptível que a discrepância da quantidade de autores homens compara a de mulheres ocorre corrosivamente nos meios literários atuais. E é provável, infelizmente, que muitos títulos que contribuíram para os números calculados estejam repetidos, já que isso também não foi levado em consideração, podendo piorar ainda mais os resultados obtidos.

Em uma somatória incluindo todos os livros regionais da biblioteca analisada, da livraria e o do evento literário, têm-se a soma de 442 livros, retirando da conta os livros de autoria feminina, 419. Ou seja, uma porcentagem de 5,2% de mulheres em relação aos homens. Algo interessante a se incluir é que a quantidade de mulheres na cidade de Juazeiro-BA é de 100.880, enquanto a de homens é 97.085 (IBGE, 2010) e em Petrolina-PE as mulheres são 150.710,

enquanto os homens 143.252. Ou seja, há mais mulheres que homens na região, mas, mesmo assim, a publicação literária é mínima.

h. Conclusão

O que esses números dizem? Que as mulheres não escrevem ou não sabem escrever? Infelizmente, a resposta está na herança da sociedade patriarcal e na misoginia que recorre até hoje. Pois, como está claro, os homens ainda dominam as "esferas pensantes". Pode-se concluir, afinal, que não há incentivo à criação literária para meninas e mulher e isso afeta drasticamente a produção de escritoras e a visibilidade que tal poderia trazer para o fim da desigualdade de gênero.

Referências Bibliográficas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/.

DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil*. In: Estudos Avançados. n.17. São Paulo: Ed. USP, 2003. Quadrimestral. ISSN 0103-4014

MUZART, Zahidé. *Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto de escritoras do século XIX*. In: FUNCK, Susana Bornéo (Org.). Trocando idéias sobre a mulher e a literatura. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994, p. 263-269. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17202/15776

PÉCORA, Luísa**.** *Mulheres têm menos espaço na literatura, mas leem mais e dominam prêmios*. São Paulo: IG, 2014. Disponível em: http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/2014-05-24/mulheres-tem-menos-espaco-na-literatura-mas-leem-mais-e-dominam-premios.htm.

A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DO NORDESTE COMO POSSIBILIDADE DE LETRAMENTO MIDIÁTICO

Paulo César Pedroza Marques[72]

Resumo:

Este artigo tem como objetivo fazer uma breve análise sobre a representação imagética do nordeste como possibilidade de letramento midiático. Para isso, opto por seguir as perspectivas interculturais de letramento abordadas por Brian Street (2006), bem como, o conceito de letramento midiático defendido por Mary Kalantzis (2000), Bill Cope (2000) e Carmem Luke (1997). A partir, principalmente, do discurso audiovisual, proponho uma Análise Crítica do Discurso (ACD) desenvolvida com base no videoclipe "Soul Nordestino" (2015)[73], do grupo baiano de rap *P1 Rappers*, objetivando problematizar junto aos educandos questões relativas à imagem e representação social do nordeste.

Palavras-chave: Letramento. Letramento midiático. Nordeste. Representação. Videoclipe.

Abstract:

This article aims to make a brief analysis of the imagery representing the Nordeste as the possibility of literacy. For this, I choose to follow intercultural perspectives of literacy addressed by Brian Street (2006) and, the concept of media literacy championed by Mary Kalantzis (2005), Bill Cope (2005) and Carmen Luke (1997). From mainly audiovisual discourse, I propose a Critical Discourse Analysis (CDA) developed based on the videoclip "Soul Nordestino" (2015), the Bahian group of rap P1 Rappers, aiming to discuss with learners questions concerning the image and representation social Nordeste.

Keywords: Literacy. Media literacy. Nordeste. Representation. Videoclip.

1 Letramentos múltiplos: perspectivas interculturais

O conceito de letramento que será abordado ao longo deste artigo fundamenta-se, sobretudo, nos estudos de Brian Street, autor que defende um "modelo ideológico de letramento". De acordo com este modelo, existe uma

[72] Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Juazeiro-BA. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, e mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA). E-mail: paulocpedroza@gmail.com .

[73] O videoclipe está disponível no canal do YouTube da RTV Caatinga através do link: https://www.youtube.com/watch?v=7HLAqNL6eaM.

multiplicidade de letramentos, os quais devem ser compreendidos dentro de contextos culturais específicos, levando sempre em consideração as relações de poder e ideologia imbricadas neste processo (STREET, 2006).

Seguindo a perspectiva de letramento adotada por Street (2006), é interessante observar o quanto esta definição está relacionada ao entendimento do termo "pessoalidade". Para o autor: "O que vem a ser uma pessoa, a ser moral e a ser humano em contextos culturais específicos é muitas vezes representado pelo tipo de práticas de letramento em que a pessoa está comprometida" (STREET, 2006: 469).

Nesse sentido, o letramento está intimamente ligado às múltiplas experiências de leitura e escrita vivenciadas ao longo de nossa vida: a escrita de uma carta; a narração de antigas histórias e lendas por nossos avós; a preparação de um bolo através de uma receita; o simples manuseio do celular e de outras tecnologias. Estes são apenas alguns exemplos de situações cotidianas que envolvem práticas de letramento constitutivas de pessoalidade e identidade, mas que não necessariamente possuem relação direta com a educação escolar.

> A ideia de que as práticas de letramento são constitutivas de identidades fornece-nos uma base diferente – e eu argumentaria: mais construtiva – para compreender e comparar as práticas de letramento em diferentes culturas, alternativa à ênfase corrente numa simples dicotomia letramento/iletramento, em necessidades educacionais como inevitavelmente endêmicas ao letramento e no tipo de letramento associado com uma pequena subcultura acadêmica, com sua ênfase no texto ensaístico e na identidade típica a ele associada (STREET, 2006: 470).

Percebe-se, desse modo, que seguindo uma perspectiva intercultural, Street (2006) descontrói a ideia de um letramento único e restrito aos ambientes formais de educação. A escolarização do letramento é apenas uma entre as inúmeras formas de "letrar" já existentes em uma dada comunidade. E é nesse ponto que conseguimos visualizar como o letramento envolve questões de poder, ideologia e identidade. Pois a institucionalização de um letramento dominante e formal perpassa, muitas vezes, por processos de invasão e imposição de uma cultura sobre a outra, de um saber sobre o outro, ignorando em demasia os conhecimentos orais, escritos e imagéticos, tradicionalmente instituídos naqueles contextos.

Sobre essa forma de sobreposição de valores ou invasão cultural, o educador brasileiro Paulo Freire, em sua obra *Extensão ou Comunicação?*(2013), já nos revelava tais práticas antidialógicas ao tratar das diferenças entre o agrônomo educador (aquele que respeita e compreende a cultura do povo do campo) e o agrônomo extensionista (profissional que encara os sujeitos de aprendizado como depósitos de informações e desconsidera a cultura local ao impor conhecimentos técnicos que ignoram os saberes já existentes).

> Toda invasão cultural sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar em outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste, seu sistema de valores (...). As relações entre invasor e invadido, que são relações autoritárias, situam seus polos em posições antagônicas (...). Assim é que toda invasão cultural pressupõe a conquista, a manipulação e o messianismo de quem invade (FREIRE, 2013: 48-49).

Dessa maneira, o processo de invasão cultural definido por Freire (2013) pode ser comparado, por exemplo, com situações nas quais o Estado propõe a implantação de planos nacionais de educação que desconsideram as especificidades de cada contexto, e acabam por impor uma forma de "letrar" que ignora as práticas de letramento já estabelecidas na comunidade.

A educação dialógica e participativa proposta por Freire, e as perspectivas interculturais do letramento abordadas por Brian Street, confirmam-nos a necessidade de compreender e considerar as inúmeras formas de letramento existentes na hora de propor um modelo escolarizado e formalmente instituído. Um determinado saber, seja ele escolarizado ou não, nunca deve se sobrepor ao outro. Portanto, uma proposta diferenciada de letramento não deve substituir as práticas já estabelecidas, mas sim, servir como elemento que agrega sentido aos modos de letrar já constituídos na comunidade. O letramento midiático dialoga com essa perspectiva.

1.1 Letramento midiático

Seguindo a tendência da pedagogia dos multiletramentos, abordada por Cope e Kalantzis (2000: 5), o letramento midiático leva em consideração uma

sociedade multisemiotizada onde "o modo de representação visual pode ser muito mais poderoso do que o mero letramento". De acordo com a pedagogia dos multiletramentos, faz-se necessário reconhecer a multiplicidade de canais de comunicação que surgiram nas últimas décadas, bem como, o aumento das diversidades linguísticas e culturais decorrentes desses novos processos.

As formas tradicionais de letramento, majoritárias nas salas de aulas do nosso país, ainda limitam essa prática à produção de leitura e escrita através dos livros didáticos, não reconhecendo outros suportes. Porém, o letramento tradicional e escolarizado, pode ter sua eficiência potencializada com o auxílio de outras formas de letramento, como o letramento midiático, que busca oferecer modos de aprendizagem mais atrativos e contextualizados à realidade na qual os educandos estão inseridos.

Nesse sentido, desafiando-se a acompanhar as mudanças sociais pelas quais a sociedade vem passando, o letramento midiático propõe a inserção da mídia no ambiente escolar. A mídia massiva pauta o nosso cotidiano trazendo à tona as mais diversas temáticas, discorrendo sobre o desconhecido ou fazendo-nos refletir sobre os saberes já existentes. O discurso midiático, assim como o discurso difundido na escola, também faz parte da formação do cidadão, pois sua influência é inegável.

> Desde a infância a compreensão das crianças "sobre o bem e o mal, sobre heróis e heroínas, gênero, raça, e poder social são aprendidas através dos textos da cultura popular". Quando têm acesso ao letramento escolar já aprenderam muitas lições na interação com os textos da TV. No ambiente escolar as crianças se deparam com um modelo de letramento diverso daquele que lhe era familiar e começa a aprender novas lições sobre como proceder para ser letrado naquele contexto (LUKE, 1997: 29 apud BOAVENTURA, 2007: 1).

Percebe-se, como bem destacou Luke (1997), que o processo de formação midiática antecede a formação escolar. A criança, ao chegar na escola, já traz consigo uma bagagem sócio-cultural decorrente não só das relações familiares, mas também, e muito fortemente, dos conteúdos midiáticos apreendidos até então, principalmente no atual cenário onde crianças e jovens passam cada vez mais tempo diante da televisão ou do computador com acesso à internet.

Agora, antes de partirmos para a análise do vídeo, considero importante fazer uma breve explanação sobre a representação social do nordeste através

das imagens. Quais os sentidos que essas imagens produzem? Como o nordestino é retratado? A produção imagética sobre o nordeste, geralmente difundida pela mídia, e até mesmo pelos materiais didáticos, consegue representar a diversidade histórico-cultural desse povo? Estes são alguns questionamentos que procurarei responder ao longo deste trabalho.

2 Imagens e representação social: os discursos sobre o nordeste

As imagens que povoam o imaginário popular sobre a região Nordeste foram produzidas e reproduzidas ao longo do tempo através da história, da literatura e das artes. O cinema e a televisão deram vida a essas imagens e contribuíram de forma decisiva para que se popularizassem ainda mais: nordeste da seca, da fome, dos cangaceiros, jagunços e coronéis. Grande parte dessa produção imagética reproduz uma visão limitada e determinista sobre o que é ser nordestino.

Para o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2009), o nordeste foi sendo inventado através de construções imagéticos-discursivas que exploram os aspectos pitorescos da região, em detrimento de abordagens amplas, as quais poderiam favorecer uma representação mais fiel da realidade, mostrando um Nordeste rico em diversidades naturais, culturais e econômicas. Porém, a imagem construída ao longo da história, nada mais é que um pequeno pedaço de uma grande colcha de retalhos, abundante em variedades linguísticas, artísticas e culturais.

O nordeste inventado historicamente tem como base um discurso repetitivo que recorre à exploração da região enquanto espaço delimitado geograficamente, com características físicas e naturais que fazem de todo nordestino um sobrevivente. Assim aconteceu nas artes visuais da década de 40 do século XX, quando Candido Portinari (1903-1962) pintou o Nordeste da fome, da seca e da miséria extrema. As telas “Retirantes” (1944) e “Menino Morto” (1944) exemplificam bem essa fase.

A literatura também se fez fundamental para concretizar no imaginário coletivo a representação de uma região inóspita e de gente ignorante. Para além da seca, os indivíduos, muitas vezes, foram e ainda são representados de forma

caricaturada: o preguiçoso; o tarado; o bruto; o engraçado (estilo bobo da corte); a beata e etc. Grandes clássicos regionalistas de 1930, como O quinze, de Rachel de Queiroz (1930); Vidas secas, de Graciliano Ramos (1938) e O País do carnaval, de Jorge Amado (1931) contribuíram para tais representações.

> A visibilidade e dizibilidade da região Nordeste, como de qualquer espaço, são compostas também de produtos da imaginação, a que se atribui realidade. Compõem-se de fatos que, uma vez vistos, escutados, contados e lidos, são fixados, repetem-se, impõem-se como verdade, tomam consistência, criam raízes. São fatos, personagens, imagens, textos, que se tornam arquétipos mitológicos que parecem boiar para além ou para aquém da história, que, no entanto, possuem uma positividade, ao se encarnarem em práticas, em instituições, em subjetividades sociais. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009: 217).

Todavia, esse processo de construção imagética e subjetiva do nordeste, notadamente o discurso da seca, sempre envolveu questões políticas e econômicas, para além de aspectos ambientais. Historicamente, muitas autoridades políticas da região procuraram partilhar e fortalecer esse discurso, com intuito de angariar recursos e perpetuar práticas clientelistas de governança, até hoje comuns em várias cidades do interior nordestino.

Dialogando com esse discurso através das suas telenovelas, programas jornalísticos e de entretenimento, a mídia ainda reproduz muitos dos estereótipos já citados. O sotaque exageradamente arrastado, a seca que castiga o homem do campo, a fé de um povo que sempre sofre. Características comumente exploradas nas produções audiovisuais.

> O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009: 22).

Como bem argumentou Albuquerque Júnior (2009), o discurso da estereotipia foi dando "vida" a um nordeste grosseiro, homogêneo e superficial. Um nordeste inventado para atender aos interesses de poucos, seja na política, na economia, ou nas artes. Não há agreste, litoral ou zona da mata, apenas

sertão, e dentro deste, o Semiárido, ambiente exaustivamente explorado imageticamente como lugar dos sobreviventes. “As obras partem de um olhar civilizado, de uma fala urbano-industrial, de um Brasil civilizado sobre um Brasil rural, tradicional e arcaico (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009: 219)”.

Esta breve explanação sobre o discurso imagético em torno do nordeste irá nos auxiliar na Análise Crítica do Discurso que será feita a seguir, com base no já citado videoclipe “Soul Nordestino” (2015). O intuito é pensarmos nesse produto audiovisual, rico em elementos imagéticos, como uma possível forma de letramento midiático a ser trabalhada nas salas de aulas, objetivando, sobretudo, problematizar os sentidos imbricados na simbologia do ser e sentir-se nordestino.

3 “Soul Nordestino”: uma análise crítica do discurso

O videoclipe “Soul Nordestino” (2015) é uma produção do grupo baiano de rap P1 Rappers, em parceria com a Rede de TV Caatinga, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Criado em 2012, o nome do grupo faz uma homenagem ao bairro Piranga 1 (P1), localizado em Juazeiro, no norte da Bahia. Nesse bairro cresceram dois integrantes do grupo: Euri Mania e Drama.

A equipe lançou seu primeiro CD em 2013, e o videoclipe “Soul Nordestino” faz parte do terceiro e mais recente álbum lançado em 2015. Atualmente, o grupo passou por reformulações e é formado por três integrantes: Euri Mania (fundador do grupo junto com o rapper Drama, que hoje não faz parte da equipe), Nup e Dj Werson. Outros rappers também já participaram do grupo, como o Edson Pop e Mc Vitinho.

A letra, assim como as imagens do vídeo “Soul Nordestino”, segue uma característica constante nas composições do grupo: o caráter contestatório. Aliás, característica própria do Rap, que assim como o Soul, possui raízes fortemente ligadas ao povo negro e que ganha força nos Estados Unidos como uma forma de resistência.

3.1 A Análise

A Análise Crítica do Discurso (ACD) foi escolhida como metodologia base deste trabalho por considerá-la a mais adequada para a análise em questão: a

representação imagético-discursiva do nordeste. A perspectiva da ACD aqui adotada segue a vertente de Van Leeuwen, autor "que entende o discurso como uma forma de ação e também como uma forma de representação das práticas sociais" (NOVODVORSKI, 2008: 13), reconhecendo os discursos como instrumentos de poder e controle que constroem uma realidade rica em valores sociais nunca neutros.

O videoclipe "Soul Nordestino" exemplifica bem esse processo de construção da realidade. O nordeste que o grupo P1 Rappers procura construir através das primeiras imagens do vídeo, é um nordeste de possibilidades e diversidades. Centros urbanos desenvolvidos, como as cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, são mostrados o tempo todo. Porém, mais do que evidenciar um Nordeste urbano e desenvolvido, procurando fugir do estereótipo rural, o vídeo nos revela uma região onde tradição e modernidade convivem harmonicamente. De um lado, grandes prédios e novas construções, do outro, pequenas casas e a tradição interiorana de sentar-se e conversar nas calçadas e praças.

O espaço rural é igualmente representado em sua diversidade, as imagens da fauna e flora local mostram-nos uma região onde a política desenvolvimentista da agricultura irrigada ganhou espaço, entretanto as práticas de agricultura familiar e suas pequenas hortas ainda resistem.

Nas imagens, as tradicionais feiras de rua convivem com o grande comércio, porém a fé deste povo continua a ser representada pelo simbolismo da igreja católica, em detrimento da diversidade de credos existentes na região. Nesse sentido, o discurso é construído, conforme destacam Berger e Luckmann (1973), por *esquemas tipificadores*, e "todas essas tipificações afetam e modelam continuamente a interação social (BERGER E LUCKMANN, 1973 apud NOVODVORSKI, 2008: 17)".

Embora a intenção mais evidente do videoclipe seja mostrar o orgulho de ser nordestino, a letra, em vários trechos, diferentemente das imagens, retoma o estereótipo do imigrante que sai da sua região e vai tentar a vida no sudeste. A primeira estrofe da música demonstra bem este aspecto:

> Ao som Gonzagão e uma paisagem acidentada
> Tremendo por dentro e dentro de um pau de arara
> Fugindo de um destino que não quer pra suas crianças
> Por falta de comida e falta de esperança
> Chegar nas capitais, filhos do nordeste

Terra não se tem mais, só o pó que vem na pele
Trabalham por trocado até arrumar a vida
Nos trocam por trocado e trabalhamos por comida

Percebe-se no trecho acima que vários elementos que compõem o imaginário popular sobre o nordeste estão representados: o Gonzagão (cantor e compositor Luiz Gonzaga), o pau de arara (transporte irregular que adapta um caminhão à função de ônibus), a falta de comida e esperança que leva o nordestino a migrar para outra região, entre outros elementos. Porém, a forma como esse discurso é construído no videoclipe, através da união entre texto e imagem, evidencia a intenção de mostrar a força desse povo, que, mesmo tendo passado por todas as situações de sofrimento acima descritas, dá a volta por cima, e orgulha-se de ser quem é: nordestino.

O próprio nome da música revela-nos este sentimento de autoafirmação: Soul Nordestino. Pois além de fazer referência ao presente do verbo ser (eu sou nordestino), também nos remete ao ritmo adotado no próprio vídeo, o Soul, que mais do que um gênero musical inicialmente popular entre os negros residentes nos Estados Unidos, é também uma palavra que no inglês possui significados como alma, espírito e essência. Ou seja, vários elementos de ordem linguística, leva-nos a remeter a este orgulho de ser nordestino, de ter alma, espírito e essência nordestina. Já que, como destaca Halliday (1978: 21 apud NOVODVORSKI, 2008: 18), “a língua se desenvolveu para atender a certas funções sociais”, e isto é facilmente notado, quando, mais vez, buscando afirmar-se nordestino, o videoclipe traz o seguinte refrão:

Sou nordestino memo
Falo "oxe",bem arrastado
"Oxente", se não entendo
"Oxoxe", se espantado
"Cabra da peste", os valente
"Fí duma égua", esse sistema
Fale mal de nordestino
Eu viro a "gota serena"

Nesse trecho são citados vários vocábulos que remetem à linguagem coloquial específica da região. Termos como oxe, oxente, cabra da peste, “fí duma égua” e gota serena, comumente explorados na construção estereotipada de personagens nordestinos, tanto na literatura, quanto na mídia, são aqui retomados para construir um discurso de resistência, de autoafirmação. Percebemos ainda um discurso de defesa a essa cultura nordestina, perceptível

não só pelo uso da linguagem informal, mas também pelo posicionamento dos sujeitos do discurso: “Fale mal de nordestino/ Eu viro a "gota serena".

Semelhantemente, as imagens intercaladas com este refrão, também retomam elementos visuais consolidados ao longo do tempo como referenciais do “ser nordestino”, elementos estes que carregam consigo uma forte carga de estereotipia, pois, como bem definiu Albuquerque Júnior (2009: 22), no estereótipo, “(...) as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo”.

Assim, elementos como o chapéu de palha, o candeeiro, a baladeira e os utensílios de barro expostos em imagens durante o refrão, revelam essas “semelhanças superficiais” e generalizantes do ser nordestino, afinal estes signos visuais dialogam com a visão determinista do Nordeste arcaico e rural. Além disso, como já citado, o discurso em questão também está presente na letra, ao elucidar, por exemplo, que o sofrimento é característica base do nordestino: “Somos todos nordestinos por conta do sofrimento”.

Dessa forma, observa-se que o processo de construção do videoclipe, intercalando texto (letra) e imagens, dá origem a um produto audiovisual que, analisado enquanto totalidade, faz uma recontextualização do “ser nordestino” e reivindica o reconhecimento desse povo enquanto sujeito de ação e transformação social.

O tempo todo é elucidado o protagonismo do nordestino na construção das grandes metrópoles e a ausência de reconhecimento por tais feitos. Aqui, é forte o discurso da reivindicação: “Quero receber tudo e um pouco mais/ Nota de cem não adianta, façam de mil reais”. Por fim, o reconhecimento é emblematicamente simbolizado pela coroação do povo nordestino, representado pelo rei do baião Luiz Gonzaga e seu chapéu de couro, e “(...) um jumento do outro lado com coroa de ouro...”.

É interessante observar também o discurso de conscientização política e ambiental presente no videoclipe. A letra nos traz elementos que elucidam o papel dos negros na formação do país (“Somos todos africanos por conta do surgimento”) e critica o Estado assistencialista:

> (...) Sem tecnologia e à luz de candeeiros
> Em alguns lugares sim por conta do Estado
> Que pensa que carro-pipa vai mudar o cenário
> Querem a todo custo a seca combater,

A seca é natural, tem que aprender a conviver (...).

Já as imagens nos trazem um Sertão produtivo, onde a água é abundante e representada principalmente pelo Rio São Francisco, fugindo do estereótipo da seca e do chão rachado.

Na parte final do videoclipe, observamos mais uma vez a religiosidade do povo nordestino, ainda fortemente ligada à simbologia católica, representada pelo crucifixo. Elementos visuais como a sanfona, o artesanato e as danças populares, em junção com belas paisagens, deram vida à composição final, revelando-nos um discurso que por vezes recorre às imagens estereotipadas para promover um processo de recontextualização e releitura do "ser nordestino". Ou seja, as práticas discursivas de "inclusão" e "exclusão" presentes no vídeo, construíram um nordeste que mantêm vivas suas tradições, mas que também acompanhou a perspectiva moderna de desenvolvimento.

Considerações Finais

Com base nos argumentos expostos acima, é perceptível a riqueza de problematizações que podem decorrer da leitura dos signos imagéticos. Processo ainda mais notável quando se trata da análise de produtos audiovisuais, que através da união entre sons e imagens, produzem novas formas de significação. Assim, ao propor neste artigo um trabalho de letramento midiático a partir da representação imagética do nordeste, o videoclipe "Soul Nordestino" não foi escolhido por acaso. Como vimos, a utilização do audiovisual como forma de letramento, possibilita a problematização de uma série de questões que necessitam fazer parte da dinâmica escolar e que, de maneira interdisciplinar e contextualizada, dialoga com vários campos do saber.

Na disciplina de Língua Portuguesa, por exemplo, o videoclipe permite que se discuta as variedades linguísticas e as relações entre gramática normativa e linguagem coloquial. Em Geografia e Ciências (Biologia), a diversidade de imagens da fauna e flora, bem como o discurso da convivência com o clima semiárido, e do sertão como local de possibilidades, permite problematizar questões relativas à multiplicidade de cenários geofísicos que compõem o nordeste.

O videoclipe "Soul Nordestino" também nos traz outros elementos que permitem discutir em disciplinas como História e Sociologia, por exemplo, o

processo de povoamento do nordeste. Aqui, pode-se trabalhar com a problematização em torno do latifúndio, o qual justifica boa parte da produção imagética abordada no vídeo, que ao trazer as imagens do chapéu de palha, do vaqueiro, do candeeiro, entre outras, relembra aquele nordeste ainda rural e arcaico, resultado em grande parte da exploração latifundiária na região.

Foi possível perceber também que a Análise Crítica do Discurso (ACD) mostra-se uma metodologia eficiente para o trabalho com letramento midiático, pois a teoria da ACD "também é estendida aos textos multimodais, textos que utilizam mais de uma semiótica, haja vista que 'gênero' e 'campo' são conceitos que não se restringem apenas à linguagem verbal (NOVODVORSKI, 2008, p.22)".

Portanto, torna-se perceptível a possibilidade de abordar temáticas sobre representação imagética do nordeste como forma de letramento, fazendo-se necessário apenas apropriar-se dessas leituras e colocá-las em prática. Pois, como vimos, uma breve explanação sobre o tema "Imagem e representação social do Nordeste", principalmente através dos argumentos de Albuquerque Júnior (2009), nos auxiliaram na compreensão de todo o jogo simbólico que envolve a "inclusão" e "exclusão" de elementos representativos desse povo.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Cortez Editora (5ª edição revisada). 2009.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. La construcción social de la realidad. In: *Papers: revista de sociologia*. 1973. p. 181-183 apud NOVODVORSKI, Ariel. A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em corpus jornalístico. 2008.

COPE, B. & KALANTZIS, M. Introduction: Multiliteracies: the beginnings of an idea. In COPE, B & KALANTZIS, M. (Eds.) *Multiliteracies. Literacy learning and the design of socialfutures*. Londres: Routledge, 2000 apud BOAVENTURA, Lêda Maria Vieira. Letramento midiático e letramento escolar**:** um diálogo possível. *Revista Travessias*, Cascavel, v.1, n.1, 2007.

FREEBODY, P. (Eds.) *Constructing Critical Literacies*. Cresskill, NJ: Hampton Press, Inc,1997 apud BOAVENTURA, Lêda Maria Vieira. Letramento midiático e letramento escolar:um diálogo possível. *Revista Travessias*, Cascavel, v.1, n.1, 2007.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*.Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro: 2013.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Language as social semiotic*.Arnold: London, 1978 apud NOVODVORSKI, Ariel. A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em corpus jornalístico. 2008.

LUKE, C. Media Literacy and Cultural Studies. In MUSPRATT, S., LUKE, A. & FREEBODY, P. (Eds.) *Constructing Critical Literacies*. Cresskill, NJ: Hampton Press, Inc,1997 apud BOAVENTURA, Lêda Maria Vieira. Letramento midiático e letramento escolar:um diálogo possível. *Revista Travessias*, Cascavel, v.1, n.1, 2007.

NOVODVORSKI, A. *A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em corpus jornalístico*. 2008. Dissertação (Estudos Linguísticos)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

P1 RAPPERS. *Soul Nordestino*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7HLAqNL6eaM. Acesso em: 1 de dezembro de 2015.

STREET, Brian; BAGNO, Marcos. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 8, p. 465-488, 2006.

A IMPRENSA E A PRÁTICA DA LEITURA NO SERTÃO

PRESS AND READING PRACTICE IN SERTÃO

Adriano Antônio Lima Menezes*

Resumo:

A imprensa surgida no início do século XX no interior da Bahia, especificamente na região do Piemonte da Chapada Diamantina, teve valor significativo para o aumento da prática da leitura no sertão. O jornal *A Primavera* (1916-1917) da cidade de Jacobina (BA) viu na imprensa uma forma de contribuir para o almejado progresso pregado pela primeira república brasileira. Espaço propício para expressões e representações, o jornal publicou notícias, crônicas, poesias de autores locais e aproximou a leitura do público sertanejo.

Palavras-chave: Leitura. Imprensa. História Cultural

Abstract:

The press emerged in the early twentieth century in Bahia at the Piedmont of the Chapada Diamantina was valuable for increasing reading practice in the backcountry. Around 1916-197, the newspaper *A Primavera* from the city of Jacobina (BA) contributed through the press to the desired progress preached by the first Brazilian republic. A suitable space for various expressions and representations, the newspaper published the city news, chronicles and poems by local authors and then brought reading and backcountry publictogether.

Keywords: Reading. Press. Cultural History

Em 23 de dezembro de 1916, por iniciativa de um comerciante da cidade de Jacobina, Bahia, foi publicado o primeiro "Orgam commercial, independente, noticioso e literário" do município: *A Primavera* (Figura 1). Embora inserida em uma região classificada culturalmente como o *sertão do couro*[74], a cidade de Jacobina teve no âmago de sua história a exploração de

* Doutorando pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal; Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); adriano.limamenezes@gmail.com

[74] Relevo aqui a classificação do livro *Panorama Cultural da Bahia Contemporânea*: "O estudo sobre as divisões territoriais da Bahia perpassa uma série de discussões sobre o uso de uma terminologia apropriada. Segundo a divisão econômica das áreas estudadas, formulada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), elas se encontram incluídas nas regiões econômicas do Piemonte da Diamantina, Nordeste e Paraguaçu.". ARAS, Lina Maria

metais preciosos descobertos em seu território e explorados desde o século XVII[75], característica comum em grande parte da Chapada Diamantina. De fato, foram as descobertas de ouro na região que possibilitaram a aglutinação improvisada de pessoas e mineradores, fez com que a coroa a junto com os jesuítas levasse para o local as missões religiosas, instituiu novas freguesias, distritos, vilas e comarcas. (NEVES, 2007: 19) Contudo, a Vila de Santo Antônio de Jacobina sobreviveu mesmo por conta da pecuária como atividade econômica posto que foi ela que fixou pessoas no local, diferente dos garimpeiros que eram de certa forma nômades em busca de riqueza, o que de certa forma justifica a sua inserção como *sertão do couro*, conforme o panorama cultural contemporâneo da Bahia referido acima (Figura 2).

Figura 1

A PRIMAVERA

Anno I — Numero 1 — Orgam commercial, independente, noticioso e litterario — Edição gratuita

BAHIA — Proprietario e Redactor Amado Barberino — BRAZIL

Cidade de Jacobina, 23 de Dezembro de 1916

A PRIMAVERA

Adeos 1916 e Salve! 1917

AMADO BARBERINO

Salve! 23 de Dezembro

Figura 2

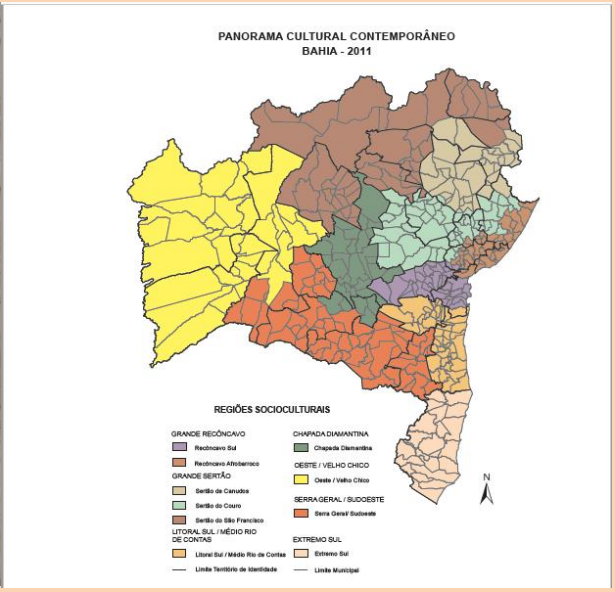


Figura 01 – Primeiro exemplar do jornal *A Primavera*, publicado em 23/12/1916

Figura 02 – Mapa da Bahia com microrregiões de Jacobina e Senhor do Bonfim. Elaborado no Laboratório de Geoprocessamento da UNEB/DCH IV.

Brandão de. "Sertão em múltiplos sertões". In *Panorama Cultural Da Bahia*. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia; Secretaria da Cultura. Salvador: SEI, 2011, p. 111.

75 Recentemente, novos historiadores procuraram demonstrar que mesmo antes, por volta do início século XVII, já tinham ocorrido expedições de Belchior Dias pelo interior da então capitania, com informações passadas à coroa portuguesa da existência de metais preciosos em suas serras. CARVALHO, Fabio Oliveira de. *Busqueda e Explotación De Metales en el Brasil Colonial: la colonización de los sertões de Jacobina - Bahía entre los siglos XVI – XVIII*. Tese de Mestrado apresentada Universidad Autónoma de Madrid, 2010, pp. 31-37.

Por se tratar de um jornal fundado e dirigido por um comerciante local em uma pequena cidade do interior no início do século XX fica fácil entender a tentativa de construção da imparcialidade escrita em seu primeiro editorial:

> "Imparcial e neutra, completamente neutra em política, há de sempre luctar pelo bem geral do nosso bondoso povo, não prestigiando este ou aquelle partido, defendendo com altivez e civismo as causas justas e nobres, não nos intibiando o animo os odios dos espíritos tacanhos e nem a apreciação mordaz dos zoilos." (*A Primavera*, n. 1, 23/12/1916: 1)

A neutralidade, a atualidade e a objetividade que se tornam os preceitos centrais do jornalismo contemporâneo já estavam definidos desde o início dos anos 1900 no Brasil (Cf. BARBOSA, 2007: 37). É notório que não se pode analisar o ocorrido em uma pequena cidade do interior da Bahia, onde havia um pequeno percentual de possíveis leitores, como similar às transformações ocorridas na imprensa na transição do século XIX para o século XX no Rio de Janeiro, capital do país. Nos grandes centros urbanos, o que se via era a transformação do jornal em empresa, a produção em série, diária e o surgimento de classes de trabalhadores em um novo mercado de trabalho, tais como o repórter, o diagramador e o linotipista, especificamente. Na cidade de Jacobina, o que se tinha era o nascimento de um periódico semanal, cujo principal redator e proprietário era o Sr. Amado Barberino, um comerciante e também proprietário de uma loja cujo nome era o mesmo do jornal. Todavia, essa tentativa de sincronia com o que ocorria com a imprensa em todo o território de jornal, pode nos levar a ver melhor a presença de características que são similares desse meio de comunicação nos dois sítios supracitados.

De cunho eminentemente comercial, o jornal *A Primavera* teve a sua primeira edição gratuita, contou a colaboração da própria esposa do redator, a senhora Candinha (Sra. Maria Cândida M. Barberino) que escreveu uma nota de fim de página a parabenizá-lo por seu aniversário, e mais o Sr. J. Brandi, habitante da cidade, comunicando o falecimento de uma celebridade local, o Coronel Deraldo Dias, na cidade de Salvador, Bahia. A distribuição gratuita dos primeiros exemplares foi uma estratégia de marketing usada em diversos

momentos da história da imprensa brasileira[76]. Na maioria de suas quatro páginas iniciais pode-se ver informações dos ou sobre os moradores e cidadãos que passavam pela cidade, a publicidade do comércio local, sem imagens e ilustrações, o que de certo modo permite inferir o rudimento de sua tipografia. Entretanto, para demonstrar a sintonia com o que ocorria no mundo ocidental como um todo, ainda nesse primeiro exemplar lê-se também uma pequena nota intitulada "A Guerra", onde o redator expressa o seu sentimento de decepção e repúdio diante do que ocorria na Europa em 1916. Não se trata de uma narrativa de novos fatos sobre a primeira guerra mundial, mas um breve monólogo em que o redator personifica a palavra-título e a ela se dirige como um "vocábulo amaldiçoado que milhões de vidas tens feito sucumbir" e que "em nome da confraternisação da humanidade e dos princípios jurídicos da paz, protestamos veementemente contra suas atrocidades e suas barbaridades" (*A Primavera*, n. 1, 23/12/1916: 2-3). Nesse momento, quando o país estava passando por uma crise econômica devido à queda de preço de seu principal produto de exportação, a guerra era vista como algo distante do território nacional e assim deveria ser mantida. Pouco tempo depois, porém, já em 1917, quando o Brasil saiu da neutralidade e declarou guerra à Alemanha, por meio do editorial de seu oitavo exemplar, deixa de lado aquele tom mais delicado com que se referia à guerra e conclama a todos para ficarem "a postos" com o fim de conservar o "sempre ileso auriverde pavilhão do nosso amado Brasil" (*A Primavera*, n. 8, 13/05/1917: 1).

A partir do seu segundo número, o jornal *A Primavera* passou a divulgar mais notícias do município e da região. Geralmente com três colunas, às vezes subdivididas em três boxes, o semanário trazia em suas páginas a publicidade de comerciantes locais, alguns anúncios classificados, notas pagas, assinadas ou não, alguns textos literários em forma de crônica e poesia, algumas notícias da cidade e microrregião, e evitava a transcrição de outras notícias advindas dos

[76] Sobre a distribuição gratuita dos primeiros exemplares como uma característica de marketing usada em diversos momentos da história da imprensa brasileira, ver COHEN, Ilka Stern. "Diversificação e Segmentação dos Impressos". In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (org.). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013. E-book

grandes jornais. Por exemplo, seu quadro *Hóspedes e viajantes*[77], permanente em quase todos os exemplares do jornal coletados em pesquisa no NECC, pode ser utilizado para demonstrar ao leitor atual as relações intermunicipais existentes por causa dos indivíduos que visitaram a cidade de Jacobina, moradores das cidades de Mundo Novo, Morro do Chapéu, Senhor do Bomfim e Rio de Contas etc., mas não deixa de ter em si também uma certa estratégia de marketing por induzir aqueles citados de outras cidades à leitura de suas próprias páginas nos números seguintes.

Entretanto, por maior que fosse a visão progressista do redator-proprietário do periódico, a partir da leitura do editorial de seu terceiro exemplar permite-nos entender a dificuldade por qual passava toda a imprensa que se formava no interior do Brasil do início do século XX. A manutenção de um jornal não deixava de ser fruto de um otimismo, ou "ilusões da mocidade", como o dizia o seu redator, porque os obstáculos eram muitos, cresciam e não o deixavam prosperar. O editorial, então, enfatiza conhecer os percalços para manter um "jornalzinho nestes sertões"; afirma que se não fosse sua perseverança e luta "titânica" por manter a "coragem estoica" para defender sua continuidade, já teria "retrocedido"; e, enfim, independente de todos as dificuldades encontradas afirma que "a vida é e continuará a ser essa lucta medonha, cheia de amargos e dissabores". (*A Primavera*, 1917, n. 3: 1)

Contudo, o que muito chama a atenção de um leitor contemporâneo é a presença do texto de um ilustre colaborador da época, o geógrafo Afonso Costa, nativo de Jacobina e cujo estudo tinha sido publicado no ano anterior nos Anais do 5º Congresso de Geografia de Salvador[78]; ou seja, um reforço para sua riqueza intelectual, para seu senso progressista e para sua identidade municipal, buscas dominantes desde o fim do século XIX por toda a imprensa e sustentáculos para sua continuação. Na breve nota publicada na primeira página do jornal *A Primavera*, Costa parabenizou o proprietário do jornal por sua "ousadia" em produzi-lo e publica-lo no sertão bem como solicitou que o

[77] Em diagramação quadro e box têm o mesmo significado, conforme SILVA, Rafael Souza. *Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa*. São Paulo: Sumus, 1985.
[78] O texto "Minha Terra: Jacobina de Antanho e de Agora" foi um dos primeiros estudos sobre a cidade de Jacobina publicado em 1916 nos Anais do IGHB:.

mesmo fosse enviado tanto para ele quanto para o Biblioteca Pública do IGHB. Em retribuição à colaboração, na terceira página do mesmo exemplar, o jornal publicou uma matéria intitulada "Palmeirinhas do Jacuhype", "torrão natal do nosso insigne conterrâneo Affonso Costa", em que reivindica ao governador da época, Dr. Antonio Moniz de Aragão, "a creação de uma escola mixta para o futuroso arraial". (*A Primavera*, 1917, n. 3: 2)

Além dos colaboradores supracitados, em seu curto período de existência, apenas um ano, o jornal *A Primavera* contou com a colaboração de outros intelectuais da cidade e da região, tanto em textos literários quanto em algumas informações. Entre os colaboradores literários reconhecidos em minhas pesquisas, pode-se ler textos de Eurycles Barretto[79], Francisco A. Veira, Elcio, Coty, entre outros. Além da redação principal, das colaborações, pode-se ler também notícias transcritas de outros jornais tanto da capital do país quanto de outras cidades da região. Essa rede de informações que se formava integrando as cidades por meio de periódicos continuará por todo esse período formativo da imprensa no sertão do Piemonte da Chapada. Logo após sua primeira publicação, por exemplo, vê-se noutros números notas de outros jornais do interior da Bahia, congratulando-o por sua iniciativa, o que de modo semelhante ocorrerá quando o redator de *A Primavera* felicitou o surgimento de um dos jornais mais resistentes da região, o *Correio do Sertão*, da cidade de Morro do Chapéu, nascido no ano de 1917 e ativo até os dias atuais.

Ainda que de modo sutil, temos no periódico *A Primavera* a leitura da cidade por meio de suas representações. Uma destas que mais chama a atenção a qualquer historiador é a da ferrovia Leste que está em fase de construção durante o seu período. Em nove exemplares, o jornal noticiou a construção, quis profetizar os benefícios vindouros e criticou os atrasos da obra a partir do seu segundo exemplar. No texto em que o redator comentava a cidade de "Canabrava", hoje Miguel Calmon, ele reivindicava a aceleração da ferrovia. Porém, o que mais acontecia era o parco planejamento, a pior escolha

[79] Sobre o poeta Eurycles Barretto, ver MENEZES, Adriano. "Diálogo de Primaveras". *Cadernos de Literatura e Diversidade* (UEFS), v. 1, 2006. _____ "O Mundo dos Poetas do Piemonte da Chapada Diamantina nos anos 30". In: *Encontro Estadual de História Anpuh BA*. Vitória da Conquista (BA): Uesb, 2008;_____ Eurycles Barretto: a poesia da Chapada Diamantina nos anos 30. *Desenredos*, v. cinco, p. 63, 2010.

equipamentos e a tentativa de construí-la com o menor custo e maior duração[80]. Em 18 de março de 1917, no quinto número do jornal temos a notícia de inauguração de parte desta ferrovia, a interligar Bomfim a Pindobaçu com ramal para a antiga Vila de Campo Formoso. Nessa matéria o redator de modo sutil reclama da "demora" para finalmente inaugurar o primeiro trecho que chegou ao arraial de Lamarão, "hoje estação de Pindobassú". Em tempo, a notícia também comenta que "já estão bem adiantados todos os trabalhos do 2º trecho e o assentamento de trilhos já muito perto da visinha e aprasível Villa de Saúde" (*A Primavera*, n. 5, 18/03/1917: 2). Logo em seguida, no nono exemplar do jornal, temos a notícia de que "a ponta dos trilhos chegou a Saúde" (*A Primavera*, n. 9, 27/03/1917: 2).

Segundo Ilka S. Cohen, no início do século XX a modernização de técnicas de impressão e ilustração possibilitaram um aumento do número de páginas, a elaboração de capas mais atrativas e maiores exemplares, "multiplicaram-se os títulos impressos expostos em 'locais de jornais' – estações ferroviárias, charutarias, quiosques e livrarias (...)" (2015: 1799), o que nos leva a inferir sobre a importância da via férrea para a circulação do jornal. Com os trilhos passando a percorrer as cidades da microrregião, os jornais puderam ser lidos em outras cidades além daquela em que eram produzidos. Porém, cabe ponderar que durante o curto período de vida do jornal *A Primavera* no sertão do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia, isso de fato não ocorreu porque tais ferrovias só passariam e interligar de fato os municípios de Senhor do Bonfim a Mundo Novo em 1937.

Mesmo assim a imprensa começou e continuou a ser produzida no sertão. Aos trancos e barrancos, diante de ou a superar quaisquer obstáculos sua contribuição foi primordial para, se não introduzir, pelo menos ampliar a prática da leitura da região. Atribuir-lhe o caráter de introdutor dessa prática é ser deveras precipitado se considerarmos ser plausível que por ser exclusiva de classes mais abastadas do Brasil como um todo já seria presente nas casas grandes ou nos sobrados locais. Porém, se consideramos que os textos com

[80] Sobre a "Ferrovia da Grota" ver CUNHA, Aloísio Santos da. *Descaminhos do trem: as ferrovias na Bahia e o caso do trem da Grota*. (1912-1976). Salvador: Tese de mestrado apresentada na Universidade Federal da Bahia, 2011.

parágrafos pequenos eram característicos dos jornais e isso pode ser relevado como um fator importante para a sua difusão, o público leitor que poderia a ter acesso aos jornais era maior do que o dos livros[81].

Porém se considerarmos o preço de $100 para o exemplar avulso e 3$000 para a assinatura anual logo pode-se deduzir que sua tiragem e seu acesso era limitado. É óbvio que isso não quer dizer que indivíduos de baixa renda, até mesmo os iletrados, de modo indireto não conheceram ou souberam de sua existência ou de seu conteúdo por meio de leituras em voz alta ou de comentários de seus leitores. O mercado editorial brasileiro só começara a se desenvolver de modo mais lucrativo a partir da segunda metade do século XIX nas grandes cidades. Só por meio de impressão de obras em papel barato e capa brochada, oferecidas por baixas quantias é que se fez do livro um bom negócio. A imprensa tinha surgido antes como uma forma mais fácil de levar ao cidadão brasileiro aquilo que no próprio império era produzido. Por isso, não devemos esquecer que a própria literatura folhetinesca romântica brasileira deve a esse meio de comunicação sua chegada e consolidação ao gosto do leitor.

Já na república ainda em fase de consolidação, o combate ao analfabetismo preconizado por seus idealizadores ficou restrito às regiões Sul e Sudeste. Nas regiões mais distanciadas desse centro econômico brasileiro da época o que se via era uma tentativa de poucos letrados em ter um impresso próprio na cidade para servir como um dos veículos possíveis de suas expressões ou reivindicações, como se lê no texto “Constituição”, escrito por Marfercos. Nesse texto o autor disserta sobre a *Constituição Política* brasileira que completava 26 anos de idade, sua modulação semelhante à dos Estados Unidos, seus colaboradores, suas mentes brilhantes e, enfim, sua execução: “A execução de uma boa lei torna-se a felicidade de um povo, porém infelizmente a nossa constituição não passa quase que do papel imperando sobre a anarchia por toda a parte, porque os que nos governam são os primeiros a postergarem constantemente as leis que sancionam”. A República no Brasil não era a democracia sonhada pelos brasileiros não existia pois não existia o “direito do

[81] Sobre a prática da leitura convém considerar também o debate “A Leitura: uma prática cultural” entre Roger Chartier e Pierre Bourdieu, em CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nepomuceno. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, p. 231-253.

povo pelo povo e sim o direito da força". (*A Primavera*, n. 4: 1) A Primeira República, portanto, colhia os frutos que não plantara. Se, por um lado, teoricamente defendia o fim do analfabetismo e pensava em criar um mercado consumidor de livros tal qual os países mais desenvolvidos, por outro lado recebia de intelectuais de vários pontos do país as devidas críticas por sua ineficiência.

Talvez por isso mesmo pode-se considerar esse período como marcante e decisivo nos destinos do país e também como o período em que a compra da opinião da imprensa tornou-se rotina no Brasil (Cf. MARTINS; LUCA, 2006: 36). Cientes do valor que a publicidade passou a receber a partir dos periódicos, em busca de cada vez mais ampliar seus mercados consumidores, os comerciantes de quaisquer sítios onde houvessem os hebdomadários passaram a se preocupar em ocupar boxes de todos os tipos com seus anúncios. O uso da diagramação em fontes cada vez maiores, ilustrações e imagens potencializam uma maior amplitude de suas propagandas. No entanto, a falta de condições da economia local para sustentar sua modernização fez com que tudo viesse a fundo em pouco tempo.

Pode-se considerar o seu exemplar de comemoração do primeiro ano do jornal, o último exemplar coletado em minhas pesquisas, como seu atestado de óbito. Composto de seis páginas, em seu editorial "A Primavera" o seu redator-proprietário Amado Barberino se diz mero amante da imprensa, defender os princípios de independência que a norteavam, sem se desviar do *caminho recto* e sacrificando os próprios interesses pelo bem geral: "Aquillo que outros, há longos anos não poderam levar avante nós embora lutando com enormes sacrifícios fizemos", afirma o redator (*A Primavera*, n. 23: 1). Por isso, os seus sonhos de moço assim se realizaram sem necessariamente receber algo em troca. No restante das páginas o que mais se pode atestar é a existência de propaganda da própria loja do redator, uma grande loja de fazendas, novidades, perfumarias, miudezas e livros. Esse exemplar de fim de ano também pode ser considerado como um cartão de natal ou de fim de ano de um comerciante e seus pares à sociedade jacobinense e a todos os leitores do jornal. Em várias páginas tem-se pequenos quadros com dedicatórias de feliz natal e próspero ano

novo tanto do redator quanto de seus colaboradores, além de publicitar as festas que estariam por ocorrer nas cidades circunvizinhas.

A chegada da imprensa no sertão, enfim, não pode ser desprezada do contexto histórico do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Embora em grande parte dos estudos o sertão tenha sido mais analisado por seu clima, religiosidade, cultura popular, a historiografia dos meios de comunicação de massa na região praticamente inexiste, creio que por relacionar a palavra impressa apenas às casas de alguns dos proprietários de terras e comerciantes, não à comunidade em geral. O que devemos considerar é que, por menor que fosse, com essa inserção ou publicação na cidade a palavra escrita se tornava mais próxima de todos, o que não ocorrera até então. Como disse Chartier, "depois de Gutenberg, toda a cultura ocidental pôde ser vista como uma cultura da impressão" (2001: 238) pois seus produtos influenciaram a totalidade das práticas e das relações. Enfim, em escala reduzida, deve-se compreender os usos múltiplos, diferenciados e contraditórios da impressão e em uma perspectiva mais ampla deve-se reinscrever o surgimento da máquina impressora na história das formas do livro ou dos suportes dos textos e na história das práticas de leitura, onde a história cultural encontra uma nova posição, quando cruzam a crítica textual, a história do livro e a sociologia cultural.

Referências Bibliográficas

ARAS, Lina Maria Brandão de. "Sertão em múltiplos sertões". In *Panorama Cultural Da Bahia. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia*; Secretaria da Cultura. Salvador: SEI, 2011.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARVALHO, Fabio Oliveira de. *Busqueda e Explotación de Metales en el Brasil Colonial: la colonización de los sertões de Jacobina - Bahía entre los siglos XVI – XVIII*. Tese de Mestrado apresentada Universidad Autónoma de Madrid, 2010.

CHARTIER, Roger. "Textos, Impressões, Leituras". In HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 211-238.

_____. “Do livro à leitura”. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nepomuceno. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-106.

COSTA, Afonso. “Minha Terra: Jacobina de Antanho e de Agora”. In: Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geographia. II Volume, Salvador: IGHB, 1916.

CUNHA, Aloísio Santos da. *Descaminhos do trem: as ferrovias na Bahia e o caso do trem da Grota. (1912-1976)*. Salvador: Tese de mestrado apresentada na Universidade Federal da Bahia, 2011.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (org.). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013. E-book

MENEZES, Adriano. “Diálogo de Primaveras”. Cadernos de Literatura e Diversidade. Feira de Santana (BA): EDUEFS, v. 1, 2006.

_____. “O Mundo dos Poetas do Piemonte da Chapada Diamantina nos anos 30”. In: Anais do IV Encontro Estadual de História da Anpuh-BA. Vitória da Conquista (BA): Eduesb, 2008.

_____. “Eurycles Barretto: a poesia da Chapada Diamantina nos anos 30”. Revista *Desenredos*, v. cinco, p. 63, 2010.

NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta (org.). *Caminhos do Sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios comerciais dos Sertões da Bahia*. Salvador: Arcádia, 2007.

SILVA, Rafael Souza. *Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa*. São Paulo: Sumus, 1985.

ABREVIAÇÕES:

IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

NECC – Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade

UNEB – Universidade do estado da Bahia

FONTES:

MENEZES, Adriano & OLIVEIRA, Valter de (org.). *Acervos Digitalizados da Microrregião de Jacobina*. Jacobina (BA): NECC-UNEB-CAMPUS IV, 2010. 1 DVD.

POÉTICAS POPULARES – APRIMORAMENTO EM CONHECIMENTOS SIMBÓLICOS E MEMÓRIA COLETIVA REGIONAIS

Natã Yanez de Oliveira Rodrigues de Melo[*]
Maria de Lourdes Dionizio Santos[**]
Lígia Regina Calado de Medeiros[***]

Resumo:
Este trabalho apresenta um recorte do nosso fazer no decurso do desenvolvimento do Projeto de Extensão vinculado ao PROBEX-UFCG-2015, intitulado *Literatura Popular: leituras e inferências sobre saberes vivências e memória coletiva no sertão nordestino*, destinado ao público docente e em formação, composto por professores de escolas públicas de Cajazeiras-Paraíba e cidades circunvizinhas e por alunos do Curso de Letras do Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG). Demonstramos como atendemos às necessidades do público beneficiado, no sentido de aprimorar e ampliar o acesso ao conhecimento simbólico e à memória coletiva do Nordeste brasileiro, instigando o gosto pela leitura de Literatura Popular.

Palavras-chave: Memória. Poéticas. Saberes.

Abstract:
This paper derives from activities developed during the Extension Project entitled *Literatura Popular: leituras e inferências sobre saberes, vivências e memória coletiva no sertão nordestino* linked to PROBEX-UFCG-2015. It was destined to teaching public and teachers in training: teachers of public schools in Cajazeiras-Paraíba and surrounding towns and students of the Curso de Letras of the Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG). We demonstrate how to attend our public needs of access to the literature, in order to improve and expand access to symbolic knowledge and collective memory of the Brazilian Northeast, instilling a love for reading Popular Literature.

Keywords: Knowledges. Memory. Poetics.

Introdução

O Nordeste é uma das regiões brasileiras onde o fazer artístico está intimamente vinculado à cultura regional e popular. Mesmo com um vínculo tão

[*] Graduando em Letras - Língua Portuguesa do CFP/UFCG, Campus de Cajazeiras – nyorm@outlook.com.
[**] Professora Mestra do CFP/UFCG, Campus de Cajazeiras – lourdslourds@gmail.com.
[***] Professora Doutora do CFP/UFCG, Campus de Cajazeiras – ligiacfp@gmail.com.

explícito, algumas universidades nordestinas não apresentam em sua grade curricular disciplinas que trabalhem esses aspectos da nossa produção artístico-cultural. Tendo em vista essa lacuna também presente em nosso campus, propusemo-nos através do Projeto de Extensão atender às necessidades do público beneficiado, buscando a ampliação e o aprimoramento do acesso ao conhecimento simbólico e à memória coletiva regional que configuram a Literatura Popular.

1 Abordagem teórica e metodológica

Para realizarmos o referido Projeto, adotamos uma metodologia de leitura de textos poéticos orais e escritos, em prosa ou verso, especialmente da literatura de cordel e narrativas populares produzidos por escritores e poetas nordestinos, seguida de discussões e inferências sobre as temáticas suscitadas pelos referidos textos.

Nessa perspectiva, nosso embasamento teórico esteve pautado principalmente em estudos de textos de Batista (2015), Bosi (1992), Cascudo (2008), Ortiz (1994) e Zumthor (1997), entre outros autores a que recorremos, no decurso da execução deste trabalho, fornecendo suporte crítico sobre a estética e a cultura regionais, sobretudo os que abordam de forma aprofundada as questões inerentes à identidade e à cultura nacionais, reconhecidas no acervo legado pelos célebres autores e poetas que registraram em suas obras a vida e os costumes do seu povo.

Realizamos as atividades do Projeto através de leituras e análises das teorias a respeito da poética popular, também através das artes escritas e gráficas, como é o caso das xilogravuras que ilustram os cordeis, potencializando a recepção e o reconhecimento das diversas modalidades da arte regional nordestina. Esta recepção foi provocada por meio das abordagens e discussões sobre os aspectos artísticos-culturais da literatura nordestina, à medida em que estabelecemos o contato do público-alvo com o texto, disseminando nossa cultura através do envolvimento de cada um deles, colocando em prática as leituras e inferências realizadas em grupo, a exemplo de encenações do texto poético lido.

Por fim, demonstramos com esse recorte da Literatura Popular a forma como executamos as nossas atividades, trabalhando as obras teóricas e poéticas

dos poetas e escritores nordestinos que são mantenedores da permanência de nossa cultura regional e popular

2 Detalhamento das ações

No intuito de ler e discutir os textos propostos com o público-alvo, realizamos encontros semanais propondo dinâmicas de leituras coletivas, discussões em grupo e análise de textos em prosa e verso da literatura nordestina. Além dessas atividades, os encontros foram respaldados pelas exposições orais dos participantes, através das histórias orais que escutaram dos seus pais, avós e outras pessoas com experiência de vida como seus vizinhose amigos. Essas histórias compartilhadas eram reconhecidas por alguns e desconhecidas por outros e até mesmo aqueles que as reconheciam, e, de forma interativa, acrescentavam alguma nova informação ou apresentavam outra versão às histórias orais que ouviam. Percebemos, então, que as histórias oralizadas apresentavam muitos aspectos culturais do Nordeste e também observamos a presençadelas em alguns cordeis, fato que confirma o vínculo cultural que aqui discutimos.

Inicialmente, realizamos as leituras de cordeis para introduzirmos nossas discussões baseadas nas impressões do público-alvo e provocadas pelos textos literários, para depois darmos continuidade às discussões teóricas que nortearam as análises desses textos. A escolha do cordel para iniciar o trabalho se fez para ressaltar a importância desse gênero de poesia, instigando o gosto e o debate do público porque além de ser uma importante produção nordestina “o folheto da literatura de cordel no Brasil [...] representa o desenvolvimento e evolução da tradição oral [...]”[82], um dos aspectos que estudamos.

Nessa linha de pensamento com vistas ao estudo sobre os conhecimentos simbólicos e memória coletiva regionais, entendemos ser pertinente escolher um gênero literário regional e popular que tem em sua origem a presença da oralidade, uma das formas de expressão e interação que melhor apresenta traços da cultura nordestina.

Nesse sentido, lemos e discutimos, no primeiro momento da realização do Projeto, dois dos grandes cordelistas nordestinos: Leandro Gomes de Barros e

[82] CURRAN, Mark Joseph. Relembrando - a velha literatura de cordel e a voz dos poetas. Bloomington, Indiana: Trafford Publishing, 2014. p. 2.

João Melquíades Ferreira da Silva e as suas respectivas obras: *Casamento e divórcio da Lagartixa* e *Romance do Pavão Misterioso*. Com essas obras pudemos evidenciar vários aspectos sociais e culturais do Nordeste e debater quais o que permanecem e quais foram modificados ou extintos, além de debatermos os aspectos literários dessas obras e a pertinência de cada uma delas para o conhecimento e a construção sobre nossos conhecimentos e memória.

Com *O casamento e divórcio da Lagartixa,* utilizamos a cômica representação do casamento na sociedade nordestina para debater de que maneira o agir cultural dos nossos antepassados influencia nossa organização social atual. A leitura desse cordel também serviu para que ressaltássemos a contribuição do seu autor, o poeta paraibano da cidade de Pombal, Leandro Gomes de Barros e a sua relevância na arte literária, haja vista o seu caráter crítico, manifestado na linguagem de sua poesia, através da sátira e da ironia que apresenta na narrativa deste cordel, por exemplo.

Continuamos a nossa discussão sobre o referido cordel apresentando os animais protagonistas Lagartixa e Calango e o antagonista o Papa-vento, demonstrando que o foco da história é o comportamento surpreendente da personagem Lagartixa, por destoar do preestabelecido para a época em que vive, uma vez que ela é uma mulher aberta a vários relacionamentos. Assim, mesmo casada, não se submete a um relacionamento monogâmico com seu marido Calango e se relaciona com seu primo Papa-vento.

Dentre os aspectos culturais que podem ser analisados nessa obra, destacamos a atitude divergente tomada pela protagonista, como pode ser atestado no próprio texto, sendo perceptível a sua personalidade forte e destemida, presente em seu próprio discurso.

Vinda de uma família em que as mulheres se casam e não se prendem emocionalmente apenas ao marido, a Lagartixa exerce a liberdade dos seus sentimentos e rejeita a cobrança social de fidelidade monogâmica. Além disso, ela sentindo-se “privada”, não aceita trabalhar para manter sua subsistência, visto que, para ela, é o marido quem deve realizar esta função, conforme observa-se no excerto abaixo:

> E note bem que já fez
> mais de mês que estou casada
> e não aguento mais

esta vida assim privada.
Trabalhar para comer?
Vote, seu Zé, vai lá nada...[83]

O discurso da Lagartixa explicita sua infelicidade em ter cumprido com seu papel social imposto e ter casado para viver em uma prisão simbólica, privada de uma vida livre como estava acostumada sendo solteira. Dessa insatisfação surge o relacionamento dela com o Papa-vento, e essa situação termina com uma tragédia, fato muito comum no passado nordestino: lavar a honra com sangue. Esse fato, ao que nos parece, tornou-se menos comum nos dias atuais, mas a violência contra as mulheres tem elevado os níveis da estatística dessas vítimas por seus parceiros, principalmente. Dessa forma, a realidade nordestina ainda exibe um cenário catastrófico e aterrorizante na relação entre os gêneros, no qual é perceptível a frequente execução de crimes passionais com intenções distorcidas ou práticas condenáveis de buscar consertar os ditos "erros" cometidos, nesse caso a traição.

Nessa história, o final é apresentado com a morte dos protagonistas, em que a Lagartixa é comida pela Seriema e o Calango é comido pelo gato. Ao final, apenas o Papa-vento, antagonista, escapa subindo em uma árvore, e seu último pensamento também reflete outro pensamento social: culpar a mulher para justificar os erros masculinos. Assim, ele conclui dizendo:

D'agora em diante sei
quanto custa namorada,
logo a primeira que tive
foi assim estuporada.
A segunda, com certeza,
Inda será mais danada[84].

Afirmamos que a sociedade culpa a mulher naturalizando-a em sua condição. E ao lermos os dois últimos versos "A segunda, com certeza, / Inda será mais danada"[85] da estrofe supramencionada, está explícito que o Papa-vento mostra-se convencido de que a mulher do seu futuro relacionamento será mais "danada" do que a atual, apenas pelo fato de ser uma mulher.

Assim, discutimos e analisamos a obra sob a ótica do estudo cultural, tendo a consciência que no comportamento tradicionalista e repressor para com

[83] BARROS, Leandro Gomes de. Casamento e divórcio da lagartixa. In: ASSARÉ, Patativa do; BARROS, Leandro Gomes de; SILVA, João Melquíades Ferreira da. *Feira de versos*: poesia de cordel. São Paulo: Ática, 2005. p. 38.
[84] Ibid. p. 45.
[85] Idem.

a Lagartixa, constatamos não apenas hábitos culturais passados, mas, também, um comportamento atual presente na cultura brasileira: a segregação do gênero feminino oprimido pelo gênero masculino. Assim, com essa intenção de denúncia ou reprodução mimética de um fato social, Leandro Gomes de Barros interessa aos nossos estudos.

Ainda abordando os poetas e cordelistas conhecidos pelo público-alvo, lemos e discutimos o *Romance do Pavão Misterioso,* de João Melquíades Ferreira da Silva que aborda o casamento como uma de suas temáticas, ao nos apresentar uma história de amor com traços do gênero fantástico como o conto de fadas.

Nessa história, Creuza é uma mulher exposta por seu pai em uma torre e consegue a liberdade quando um rapaz chamado Evangelistaa liberta por meio de um aeroplano em forma de pavão, o *Pavão Misterioso*. Trata-se de uma máquina voadora que pode ser guardada em uma pequena caixa, ao toque de um botão, trazendo a história para o campo do fantástico e também da ficção científica.

Em comparação à história citada anteriormente, essa diverge pela oposição do pai em casar a filha com o protagonista e em o casamento ser consumado, permanecendo os amantes em uma vida harmoniosa e feliz. Desse modo, para instigar a imaginação do leitor, o cordelista cria em sua obra a imagem de um pavão misterioso. Este nos é apresentado por Edmundo, personagem engenheiro e artista, que afirma:

> - Eu fiz o aeroplano
> da forma de um pavão
> que arma e se desarma
> comprimindo num botão
> e carrega dez arrobas
> 3 léguas acima do chão[86].

Ao descrever os aspectos estruturais de sua máquina “da forma de um pavão / que arma e se desarma / comprimindo num botão”, a obra de João Melquíades Ferreira da Silva apresenta em sua linguagem os traços de literatura fantástica, pois as características fogem ao senso comum da compreensão humana ao lermos sobre uma máquina imensa que pode voar, se comprime ao toque de um botão e se torna uma caixa. A aura fantástica norteia toda a

[86] SILVA, João Melquíades Ferreira da. *Romance do Pavão Misterioso*. Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva. Juazeiro do Norte, CE: José Bernardo da Silva Ltda., s.d. p. 13.

história, pois Evangelista com o auxílio do pavão visita Creuza todas as noites, entrando e saindo do quarto sem ser notado por voar com a máquina. O herói também consegue fugir com a amada utilizando o pavão misterioso e durante essa fuga se casam, recebendo o consentimento posterior da mãe da noiva pelo casamento realizado em segredo.

Mesmo sendo a mãe a pessoa que concorda com a cerimônia, a representação masculina é evidenciada pelo noivo que retira a noiva da dominação de outro homem, o pai. Porém, quem dá a palavra final é a mãe da protagonista que apoia a atitude da filha em fugir para casar, encerrando o cordel da seguinte maneira:

> Disse a velha: - minha filha
> saíste do cativeiro
> fizeste bem em fugir
> e casar no estrangeiro
> tomem conta da herança
> meu genro é meu herdeiro[87].

Apesar de concordar com a atitude de sua filha, a mãe deixa claro que mesmo com a filha e o genro tomando conta da herança, o seu herdeiro é o genro. Como sabemos, antigamente era comum a mulher necessitar sempre de um representante masculino, por isso a cobrança pelo casamento. Desse modo, saindo dos cuidados paternais, a mulher tinha que encontrar um marido ou outra representação como um irmão ou tio para cuidar de assuntos financeiros como nesse cordel em que Creuza é representada financeiramente pelo seu marido.

Para além desse aspecto, também percebemos uma atitude comum nos dias atuais: ir a outro lugar para casar ou viver em união estável, quando a família não aceita o relacionamento, tomando uma decisão similar a das personagens que casaram “no estrangeiro”. Essa iniciativa de um casal se deslocar para um local distante dos familiares e realizarem a cerimônia do casamento ou apenas iniciarem uma vida em comum, ainda pode ser observada atualmente. De certa forma, esse é um aspecto que demonstra a atualidade da obra de João Melquíades Ferreira da Silva.

Além desses autores, abordamos textos de outros cordelistas menos conhecidos, além dos trazidos pelo público-alvo, que lhe propusemos pesquisar,

[87] Ibid., p. 32.

apresentando-os e lendo tais obras para despertar o interesse por outras leituras. No intento de reafirmar a presença da oralidade nestas histórias, promovemos a participação dos extensionistas por meio de relatos orais. Estes relatos demonstraram desde acontecimentos pessoais de cada um deles, discorrendo sobre situações do trágico ao sobrenatural, as histórias orais repassadas por outras pessoas. Com essa participação, criamos um espaço de descontração que favoreceu a criação e a interatividade de um grupo que se manifestou coeso, cooperativo e espontâneo. Ainda pudemos perceber como as histórias orais influenciaram algumas outras que podemos presenciar nos cordeis que lemos atualmente.

3 Inferências

Aqui, nos debruçamos em teorias fundadoras para a análise desses textos, a fim de viabilizar a compreensão do público-alvo acerca da proposta do Projeto de Extensão. Deste modo, promovemos debates em torno de temas como: cultura, identidade nacional, popular, regional, oralidade. Para tanto, utilizamos principalmente as obras de Batista (2015), Bosi (1992), Cascudo (2008), Ortiz (1994) e Zumthor (1997), dentre outros textos que embasaram as discussões.

Iniciamos com a discussão sobre *Estado, cultura popular e identidade nacional*[88], através da abordagem de Renato Ortiz sobre a cultura popular e a identidade nacional, para introduzir o público-alvo aos conceitos que permeiam a proposta do Projeto.

De acordo com Ortiz, "a temática do popular e do nacional é uma constante na história da cultura brasileira"[89], fazendo-se necessário compreendê-la para discuti-la. Desse modo, o referido autor nos apresenta um panorama da cultura brasileira, abordando a influência cultural derivada do processo de colonização, elaborando uma releitura dos traços da cultura alheia.

Ortiz adentra o campo da memória coletiva que é um dos norteadores da nossa proposta de Extensão. Ao falar dessa memória específica, o autor cita como exemplo o ritual religioso do candomblé de origem africana e trazido ao Brasil por meio dos escravos. Ainda no dizer de Ortiz, ao ser reinterpretado a partir da cultura brasileira, o candomblé passa a ser um componente da nossa

[88] ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
[89] Ibid., p. 127.

cultura ao mesmo tempo próximo e distante de sua raiz cultural. Ortiz comenta, ainda, que "o candomblé, ao definir um espaço social sagrado, o terreiro, possibilita a encarnação da memória coletiva africana em determinados enclaves da sociedade brasileira. Neste sentido, a origem é recorrentemente relembrada e se atualiza através do ritual religioso"[90].

Conforme Ortiz comenta, a memória coletiva africana é relembrada e reatualizada pelo modo brasileiro de realizar o ritual, seja inserindo novos elementos ou executando as ações de forma diferente. Assim, a memória coletiva é um processo de rememorização não-estático, pois "a tradição nunca é mantida integralmente"[91]. É parecido com o que fazemos com a cultura nordestina, em que determinados fatores são rememorados aos antigos moldes, porém, são realizados de maneira diferente para serem contextualizados à contemporaneidade.

Por entendermos que costumessurgem da apresentação de algo relativamente novo e apropriado do que existe em hábitos alheios, entramos no âmbito da apropriação cultural. Trazendo para o contexto brasileiro, percebemos que muitos dos nossos comportamentos derivam do processo de colonização, por esse motivo discutimos sobre *Colônia, culto e cultura*[92] através da apresentação etimológica de Alfredo Bosi. Em síntese, o que Bosi nos apresenta é que "as palavras *cultura, culto e colonização* derivam do mesmo verbo latino *colo,* cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*"[93], com isso evidencia que "as relações entre os fenômenos deixam marcas no corpo da linguagem"[94].

Com essa análise etimológica, Bosi demonstra que uma palavra serve não apenas para nomear determinado processo, mas para representá-lo semanticamente. Assim, ao sermos colonizados estamos sendo ocupados pelo outro, como se fossemos uma terra que é arada e depois fertilizada de sementes, para então sermos o local onde elas iram brotar e dar frutos. Esses frutos são a nossa cultura. E mesmo sendo um processo violento e impositor, não podemos ignorar que a colonização influenciou o nosso desenvolvimento cultural.

---

[90] Ibid., p. 131.
[91] Ibid., p. 132.
[92] BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
[93] Ibid., p. 11.
[94] Idem.

Por esse motivo, Bosi afirma que "cultura supõe uma consciência grupal operosa e operante que destranha da vida presente os planos para o futuro"[95]. A partir dessa consciência grupal é que começamos a produzir, por exemplo, uma literatura que possa modificar a consciência atual em prol de um futuro melhor.

Assim, com os debates embasados por Ortiz (2007) e Bosi (1992), despertamos a percepção do público-alvo sobre como o cordel e toda a produção artístico-literária nordestina é um produto cultural que deriva de uma memória coletiva. Para demonstrar a presença desses traços no cordel, utilizamos o *Romanceiro Tradicional Popular: origem e permanência no Nordeste do Brasil*[96], de Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista.

No referido textoBatista discute a oralidade e os cancioneiros que reúnem a literatura de cordel. A autora afirma que "o Romanceiro compreende um conjunto de romances populares que compõem a tradição oral de um povo, ou de uma região"[97], evidenciando que o Nordeste é uma região rica neste tipo de produção.

Em seu texto, Batista também alerta que "a pesquisa sobre o Romanceiro no Nordeste do Brasil, embora de um valor inestimável pela riqueza de tipos de romances e variações encontradas, nem sempre obedeceu aos critérios rigorosos da pesquisa científica na área"[98], cabendo a nós pesquisarmos da forma mais padronizada possível, efetivando a catalogação dessa produção cultural importante para a história cultural da humanidade.

Sobre a relação entre colonizador e colonizado, mas no âmbito de uma nova criação literária e não uma imitação influenciada por uma cultura superior, Batista evidencia que

> o Nordeste do Brasil tem-se revelado muito rico quanto a seu Romanceiro. Grande centro econômico e cultural do Brasil no início da colonização (sobretudo a Bahia, cuja a capital foi a primeira do Brasil e Pernambuco, a sede da aristocracia canavieira), recebeu o colonizador português que difundiu entre nós um espetacular acervo de romances orais[99].

[95] Ibid., p. 16.
[96] BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. O romanceiro tradicional popular: origem e permanência no Nordeste do Brasil. Conceitos, v. 1, p. 94-99, jul./dez. 2002.
[97] Ibid., p. 94.
[98] Ibid., p. 97.
[99] Ibid., p. 96.

A autora evidencia fatores que influenciaram a nossa produção literária e dentre eles cita a apropriação que realizamos sobre o Romanceiro português com grande acervo de romances orais.

Corroborando com essa abordagem de Fatima Batista, lemos e discutimos os textos *Presença da voz* e *A oralidade poética*[100]de Paul Zumthor, os quais forneceram suporte para as reflexões a respeito dos temas propostos para estudo no Projeto de Extensão, abrangendo o cordel, a influência do Romanceiro e a importância da oralidade. Sobre o gênero trazido pelos portugueses, Zumthor comenta que

> entre 1850 e 1900, a sobrevivência do *Romanceiro* ibérico foi assinalada sucessivamente na Nicarágua, na Venezuela, no Uruguai, na Argentina, nos Andes; na época da Primeira Guerra Mundial, nas Grandes Antilhas; por volta de 1940, no sul dos Estados Unidos e no Brasil. Em quase toda parte uma adaptação temática e musical. No Brasil, a veia do *Romanceiro* alimentava até pouco tempo a literatura de cordel [...][101].

Zumthor nos apresenta uma contextualização mais ampla sobre o surgimento do Romanceiro,apontandoos locais onde esse gênero foi disseminado até desembocar em nosso país através da colonização. Da apropriação que realizamos sobre esse gênero, podemos citar os primeiros cordeis que apresentavam traços romanescos explícitos.

Desse modo, ao afirmar que o cordel teve um início impregnado pela presença da oralidade, Zumthor apresenta a importância do oral na sociedade humana através das suas representações simbólicas. É dele, ainda, a seguinte afirmação: "[...] a boca não concerne somente à vocalidade, por ela penetra no corpo a nutrição. Daí a amplitude do campo simbólico em que se reflete o ato de manducação"[102].

Zumthor discute de maneira profícua a forma como a oralidade é marginalizada, pelos que tomam uma postura tradicionalista de afirmar o escrito como correto, seguindo apenas a gramática normativa, e a oralidade como o local onde todos os erros gramaticais são cometidos. Desse pensamento, também decorre a reflexão de que as pessoas que não possuem a capacidade de

[100] ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Tradução de Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec, 1997.
[101] Ibid., p. 74-75.
[102] Ibid., p. 15.

decodificação do código escrito são analfabetas. Mas, isso é desmistificado pelo autor supramencionado. Segundo asserta:

> [...] é inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando-lhes os traços que contrastam com a escritura. Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna[103].

Ao contestar o conceito equivocado que as pessoas fazem sobre a oralidade, Zumthor demonstra a importância desta modalidade linguística tanto quanto a escrita e assinala que o conceito de analfabetismo relacionado ao domínio apenas do oral exclui as pessoas que produzem, por exemplo, a literatura oral. Concordar com este equívoco seria acreditar que poetas como Patativa do Assaré, entre outros iguais em importância, não são capazes de produzir literatura e se integrar à sociedade por meio da comunicação oral, por isso devemos evitar disseminar e pactuar com estes pensamentos sociais distorcidos.

Conclusão

Com essas atividades, contribuímos para o aprimoramento dos conhecimentos sobre a literatura Popular/Regional. Os estudantes de Letras do CFP/UFCG, futuros professores, obtiveram um aporte inicial para a apreciação do cordel e outros gêneros que podem trabalhar a cultura nordestina em sala de aula. Também auxiliamos os professores que já estão em sala de aula a melhorar ou introduzir esse trabalho em sua prática didática. Por fim, afirmamos que um projeto que se realiza em grupo é eficaz na sua execução, entre outros, devido aos debates realizados com as teorias apresentadas, em que se evidenciam os aspectos das obras analisadas e que não poderiam ser observados tão efetivamente se fossem analisados individualmente.

Referências Bibliográficas

ASSARÉ, Patativa do; BARROS, Leandro Gomes de; SILVA, João Melquíades Ferreira da. *Feira de versos*: poesia de cordel. São Paulo: Ática, 2005.

[103] Ibid., p. 27.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. O romanceiro tradicional popular: origem e permanência no Nordeste do Brasil. *Conceitos*, v. 1, p. 94-99, jul./dez. 2002.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Global, 2008.

CURRAN, Mark Joseph. *Relembrando* - a velha literatura de cordel e a voz dos poetas. Bloomington, Indiana: Trafford Publishing, 2014.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, João Melquíades Ferreira da. *Romance do Pavão Misterioso*. Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva. Juazeiro do Norte, CE: José Bernardo da Silva Ltda., s.d.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec, 1997.

DOMINGOS OLÍMPIO: INVENÇÃO OU REDUPLICAÇÃO DO DISCURSO EM LUZIA-HOMEM

Lígia Regina Calado de Medeiros

Resumo:
O trabalho discute a representação da mulher em *Luzia-Homem*, romance publicado em 1903, por Domingos Olímpio Braga Cavalcanti. Procura-se no decorrer da análise, tomando por base Georg Lukács (1965) e Mikhail Bakhtin (1998), dar ênfase ao tratamento discursivo da obra. Nesta temática, recorre-se à teoria de Gênero, na perspectiva dos estudos culturais, para tentar compreender a visão monológica que o livro expressa, ao repetir o modelo da mulher idealizada na arte literária brasileira. Constata-se, ao final da pesquisa, uma preocupação obsessiva do narrador em manipular as falas das personagens, o que constitui um elemento da própria retórica, especialmente quando se refere à mulher na narrativa.

Palavras-chave: Mulher. Discurso. Reduplicação. Luzia-Homem.

DOMINGOS OLÍMPIO: INVENTION OR REDUPLICATION OF THE SPEECH IN LUZIA-HOMEM

Abstract:
This paper discusses the representation of women in *Luzia-Homem*, a novel by Domingos Olimpio Braga Cavalcanti, and published in 1903. Throughout the analysis we emphasized the discursive treatment of the novel taking as theoretical basis Georg Lukacs (1965) and Mikhail Bakhtin' (1998) works. On this subject, we used Gender theory in the perspective of Cultural Studies as way to try to understand the monological view expressed in the novel by repeating the model of 'idealized women' in the Brazilian literary art. So, we concluded that there is in the novel an obsessive concern of the narrator in manipulating characters speech, which constitutes a rhetorical element, especially when it comes to women in the narrative.

Keywords: Woman. Speech. Reduplication. Luzia-Homem.

Introdução

Domingos Olímpio publicou *Luzia-Homem* em 1903. Uma obra que inspira encantamento, discussão, e, a propósito do perfil que se delineia para a personagem central do romance, interesse em entender qual a imagem de mulher que poderia estar sendo representada na literatura olimpiana, entre o final do século XIX e o início do século XX. Dito isto, importante destacar que esta análise propõe desenvolver a temática, concentrando a reflexão no

tratamento discursivo do livro, sobretudo na forma como os referentes externos ou sociais associam-se ao interno, ou seja, ao literário propriamente dito.

No que diz respeito à escolha do *Luzia-Homem* como objeto dessa análise, ela se deve ao fato de que, do período histórico a que pertence, além de *D. Guidinha do Poço* (PAIVA, 1981), livro contemporâneo ao de Domingos Olímpio, não se encontrou, agregado ao tema de interesse, nenhuma outra obra que soubesse articular tão bem os princípios que regem ficção e realidade. E, se o "enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam"[104], é correndo atrás desses significados e valores que tentar-se-á apreender a concepção da mulher impressa no texto olimpiano.

É na prosa de ficção, em que as personagens apresentam características de seres reais e o mundo fictício do qual fazem parte traduz essa realidade, trazendo para o texto significados e valores ideológicos, que o livro termina por se constituir no filtro da sociedade que o gera. Isto parece acontecer com o romance em questão. Daí insistir-se, ao longo deste trabalho, na importância dada aos referentes contextuais externos à obra como condição necessária para a compreensão do *Luzia-Homem*, abrindo uma possibilidade de maior abrangência interpretativa, se visto pelo prisma do social.

1 Seguindo passos até Luzia

Para falar sobre a mulher na perspectiva de Domingos Olímpio, objetivo último dessa análise, a discussão se processa tomando por base dois caminhos: um, voltado para o tratamento do tema, ligando literatura e sociedade; e outro, o da análise do discurso propriamente dita, fazendo referência ao tema, considerando as relações entre linguagem e sociedade. Enquanto neste a intenção é perceber o quanto a linguagem em *Luzia-Homem* pode estar a serviço de uma ideologia social; naquele, a intenção é apreender a forma como o autor Domingos Olímpio transforma pela ótica do narrador o externo em

[104] CANDIDO, Antonio. "A personagem no romance" In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 6. ed., São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 53-54.

interno em sua obra, num procedimento muito próximo de uma abordagem sociológica em literatura.

Para o desenvolvimento das questões que envolvem literatura e sociedade, ainda, toma-se como referencial teórico basicamente dois autores: Antonio Candido e Georg Lukács[105]. Do primeiro interessa, sobretudo, as relações que estabelece entre o artista literário e o sociólogo; do segundo, importa para a discussão, entre outras questões, a divisão que estabelece para o método representativo da realidade em literatura expresso pelas técnicas do "narrar" e do "descrever".

Além destes teóricos, cumpre destacar na perspectiva de contribuição crítica para a análise envolvendo estudos culturais os textos de Flora Süssekind e Walnice Nogueira Galvão[106], cujas considerações dão respaldo a algumas das questões levantadas acerca da representação social feminina, como a noção conceitual de "naturalismos de exceção", da primeira, e o conceito de "donzela-guerreira" para condensar múltiplos papéis que a mulher pode exercer no meio em que vive, defendido pela segunda autora.

É de importância relevante para a análise do discurso do narrador o conceito que Bakhtin[107] sustenta sobre o Monologismo em literatura. Além do que, soma-se a esta teoria a contribuição que dá o texto de Zulmira Ribeiro Tavares (1983) para a reflexão acerca do discurso olimpiano. Ao chamar a atenção para as instâncias narrativas do romance em estudo, sobretudo a noção de uma miséria estratificada, a escritora desperta o interesse deste trabalho em

---

[105] De Antonio Candido, são de fundamental importância para esta análise as considerações apresentadas nos ensaios que compõem o *Literatura e sociedade*, São Paulo: Nacional, 1985, assim como é igualmente importante para o que aqui se pretende desenvolver, o ensaio de Lukács, intitulado "Narrar ou descrever?" In: ____. *Ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

[106] Para entender o que a autora considera como naturalismos de exceção, leia-se SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. Neste texto já se encontra a referência ao conceito de donzela-guerreira difundido por Walnice Nogueira Galvão, entretanto, ele se acha mais aprofundado no livro desta autora, sob o título de *A donzela-guerreira - um estudo de gênero*, publicado pela editora do SENAC - São Paulo, 1998.

[107] Dos trabalhos de Bakhtin que se voltam especificamente para a análise do discurso, apenas a publicação de *Estética da criação verbal* não se vê referendada neste trabalho, embora entre aqui como mais um suporte de leitura. Preferiu-se não incluir citações dessa obra pelo fato de haver prejuízos no desenvolvimento de alguns conceitos bakhtinianos, uma vez que a tradução de Gomes Pereira para a Martins Fontes, de que dispomos, é feita do francês e não do original russo, conforme alertam alguns tradutores de Bakhtin. Por outro lado, cumpre informar que reside sobre o livro *Questões de literatura e de estética - a teoria do romance*, da Hucitec, 1998, o foco principal do interesse deste trabalho.

pesquisar, com maior acuidade, como se processam tais considerações no *Luzia-Homem*.

Está entre a teoria lukacsiana e a teoria bakhtiniana, então, a parte mais harmônica dessa argumentação de análise. Na perspectiva primeira:

A extensão da descrição, sua passagem a método dominante da composição épica, é fenômeno que ocorre num período em que se perde, por motivos sociais, a sensibilidade para os momentos essenciais da estrutura épica. A descrição é um sucedâneo literário destinado a encobrir a carência de significação épica... [Assim] O predomínio da descrição não é apenas efeito, mas também se torna causa: causa de um afastamento ainda maior da literatura em relação ao significado épico. (LUKÁCS, Georg, 1965, p. 61)

Ou seja, para Lukács, o método descritivo é o responsável pelo esvaziamento poético de uma composição, mostrando-se ineficaz para a representação da realidade, uma vez que privilegia aspectos superficiais e "encobre" aspectos essenciais, distanciando-se dos reais significados.

Diante de tal proposição, procura-se ver como isso se dá no *Luzia-Homem*, uma vez que predominam as descrições na obra, prestando a atenção no modo como elas podem contribuir inclusive para marcar o descompasso entre o que se representa, no caso a mulher que nela aparece, e o objeto real a que o artista busca representar. Além disso, procura-se entender de que maneira o descritivismo do livro restringe a atuação social da mulher por uma ótica idealista, suscitada pelo foco narrativo que se quer objetivo e totalizante, e, simultaneamente, moralizante e valorativo sobre a personagem Luzia.

Tal procedimento para Bakhtin, por sua vez, só contribui para exercer domínio sobre a técnica realizada nos limites das estruturas monológicas. E embora discutindo sobre a incorporação dos gêneros extraliterários ao romance, o teórico escreve:

Eles [os enunciados dos gêneros intercalados] não foram ditos, mas apenas *mostrados* como uma coisa pelo discurso; na maioria das vezes, porém, eles refrangem em diferentes graus as intenções do autor, e alguns dos seus elementos podem afastar-se, de diferentes maneiras, da última instância semântica da obra. (BAKHTIN, Mikhail, 1998, p. 125) - Grifo nosso

Ou seja: em termos técnicos, para Lukács, a referência ao "mostrar acontecimentos" estabelece relação com o método narrativo de composição, enquanto o "dizer" liga-se à descrição, esta entregando já pronto e diluído o que o autor pretende expor. Já em Bakhtin, entende-se por discurso "mostrado", aquele discurso "enquadrado" sob uma única perspectiva, refletindo em maior ou menor grau as intenções do criador, muitas vezes camuflando os eventuais significados atribuídos ao objeto na representação deste. Em se tratando do Monologismo propriamente dito, tendenciosa ainda é a técnica descritiva, pois, paradoxalmente a uma pretensa objetividade, revela os aspectos subjetivos daquele único que observa e descreve o objeto.

2 Olhos que perscrutam no romance

O narrador olimpiano se mostra bastante superior quando o assunto é a organização textual. Paradoxalmente, há uma aproximação no tratamento discursivo entre o referente ficcional e o referente real. E para um maior esclarecimento dessas relações intrínsecas no romance **Luzia-Homem**, é preciso ver até que ponto o narrador de Domingos Olímpio[108] consegue se separar, de fato, do político-Domingos Olímpio ou do advogado-Domingos Olímpio. Pois, embora respeitada e sem querer ferir a autonomia que se concede à obra artística, percebe-se que alguns romances acabam por revelar em suas páginas a marca pessoal de quem os criou.

Ciente dessa relação, a análise procura entender no âmbito do discurso, pelo menos, que contribuição dá para a obra o fato de seu criador ter nascido em Sobral, a que busca figurar; que marcas textuais podem ser atribuídas no romance a uma formação primária feita por um professor português de origem e não brasileiro, a importância da formação em Direito sobre o que escreve Domingos Olímpio, ou o fato ainda de ter atuado como promotor público enquanto vivia em Sobral, para a criação do universo narrado em *Luzia-Homem*.

Todas essas informações extratextuais são trazidas à baila para tentar mostrar a relação estreita que pode haver entre esses referentes reais, utilizados

[108] Para este fim, foram utilizados como referencial os dados biográficos contidos no livro *Domingos Olímpio*, organizado por Herman Lima para a Coleção Nossos Clássicos, da Editora Agir.

enquanto técnica para o discurso do narrador. Não se pode deixar de notar a subjetividade deste quando se refere a Sobral na narrativa, por exemplo, algumas vezes representada como uma "cidade formosa e opulenta" ou um "oásis hospitaleiro" (OLÍMPIO, 1996, p. 131).

Todas essas informações podem estar ao nível da enunciação, ou seja, do autor Domingos Olímpio informando sua cultura ao leitor, do que propriamente do enunciado. Nesse jogo entre o que é real e o que é fictício, o discurso se mostra como principal deflagrador. Não raro se encontram passagens inteiras da obra influenciadas por uma espécie de estilo forense, reflexo talvez do discurso a que Domingos Olímpio estava habituado, no exercício de sua profissão no Judiciário. Da mesma forma, acham-se diluídos, no romance, vestígios do que foi o político em vida, sobretudo quando faz uso de sua retórica para convencer o leitor da boa atuação do Governo em *Luzia-Homem*.

Enfim, há na obra uma relação tênue entre a invenção e a realidade, sendo difícil, na maioria das vezes, separar uma da outra no universo então representado. E é sobre esta relação que a análise se detém sempre que se dedica à mulher veiculada em discurso. Até que ponto o que se denuncia em Luzia, a título de invenção, não seja parte das contradições próprias sobre a realidade da mulher à época em que se contextualiza o enredo, é o que se coloca aqui em apreciação.

3 Luzia, pela ótica do francês Paul

As referências ao externo na obra, como se vem repetindo, abundam em ocorrências. E mesmo quando introduz a heroína na narrativa, sob a ótica do francês Paul, parece fazê-lo de forma propositada. Não custa lembrar que para uma literatura de investigação, como propunham os naturalistas ortodoxos, acostumados a anotar com precisão obsessiva todos os detalhes possíveis, não falta ao misantropo criado por Domingos Olímpio sequer o bloco de notas, tão ao gosto de um Émile Zola, por exemplo:

O francês Paul – misantropo devoto e excelente fabricante de sinetes que, na despreocupada viagem de aventura pelo mundo, encalhara em Sobral – costumava vaguear pelos ranchos de retirantes, colhendo, com apurada e firme observação, documentos da vida do povo, nos seus aspectos mais exóticos, ou rabiscando notas curiosas, ilustradas com esboços de tipos originais, cenas e

paisagens – trabalhado paciente e douto, perdido no seu espólio de alfarrábios, de coleções de Botânica e Geologia, quando morreu, inanido pelos jejuns, como um santo.

Um dia, visitando as obras da cadeia, escreveu ele, com assombro, no seu caderno de notas: "Passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça."

Era Luzia, conduzindo para a obra, arruxados sobre uma tábua, cinqüenta tijolos.

Viram-na outros levar, firme, sobre a cabeça, uma enorme jarra d'água, que valia três potes, de peso calculado para a força normal de um homem robusto. De outra feita, removera, e assentara no lugar próprio, a soleira de granito da porta principal da prisão, causando pasmo aos mais valentes operários, que haviam tentado, em vão, a façanha e, com eles, Raulino Uchoa, sertanejo hercúleo e afamado, prodigioso de destreza, que chibanteava em pitorescas narrativas. (OLÍMPIO, 1996, p. 16).

É Paul que fornece a primeira visão da protagonista Luzia e o narrador apropria-se do seu depoimento, manipulando contradições e parecendo deixar ao encargo do "júri-leitor" decidir o que deve pesar mais: se as inquirições feitas por um observador, de "trabalho paciente e douto"; ou a traição do francês ao signo da razão que rege o Naturalismo, quando resolve morrer "inanido pelos jejuns, como um santo". Essas contradições entre cientificismo e religiosidade estão presentes na discussão sobre o Naturalismo brasileiro e, como se pode ver, Domingos Olímpio não passa imune a elas.

Já por isto, a apresentação narrativa da personagem Luzia é merecedora de desconfiança. Ainda que pese sobre ela um olhar observador, este parece vir ameaçado no invólucro naturalista da suposta racionalidade. Depois, é sempre um olhar de fora. De um transeunte, em "despreocupada viagem de aventura pelo mundo", por acaso encalhado em Sobral. Ou seja, o depoimento dele é o de alguém que parece não conhecer suficientemente o objeto de suas observações, nem ter nenhum compromisso para com ele, tornando questionável, portanto, a caracterização que faz de Luzia. Reforçada no decorrer do livro, é preciso que se diga, por características outras como ter "força descomunal" e "virilidade acentuada", atribuídas pelo narrador, por vezes, ao se encarregar de descrevê-la.

Paul é uma personagem exterior aos acontecimentos, está de passagem pela narrativa, o que sugere a superficialidade do seu depoimento. De qualquer modo, suas observações interessam e, mais que exercerem uma influência direta sobre o leitor, revelam uma categoria narrativa intermediária, que não é o narrador, nem tampouco o autor, de que se vale Domingos Olímpio para permitir que tais considerações sejam melhor apreciadas e não simplesmente tomadas como verdade absoluta. Trata-se de uma marca deixada no texto, espécie de alerta para os acontecimentos que se consolidam posteriormente, quando Luzia, a despeito de sua forma "masculinizada", é focalizada com atributos mais femininos e através dos quais o romance deixa fluir tendenciosamente uma maior sensibilidade.

Ao olhar de Paul, que está na obra, mas porque de passagem parece representar uma voz "alheia" aos acontecimentos, contrapõe-se o olhar de Teresinha, personagem que mais se aproxima da jovem Luzia, e, pela convivência na narrativa, participa da intimidade dela. E esta participação interessa, sobretudo, pois, embora o foco narrativo se detenha sobre Luzia, cabe à Teresinha, personagem aparentemente menor, se comparada à heroína, o papel de defensora dos marginalizados do romance. Isso valendo para as questões referentes à feminilidade inicialmente negada à protagonista primeira, isto valendo para os injustiçados do romance como um todo.

Teresinha é a primeira a sair em defesa da protagonista, quando esta, julgada pela masculinidade, recebe todo tipo de ofensa por parte de outras personagens, em função do porte físico que apresenta. Da mesma forma, quando acontece a prisão de Alexandre, enamorado de Luzia, também é do desempenho de Teresinha que depende a solução do caso. E assim se estende a atuação da personagem, ao longo do romance, embora embutida entre os feitos da heroína, a que o narrador procura notabilizar.

Distantes da protagonista, os acusadores de Luzia só conseguem apreender da sua imagem a "pujança física", como faz um deles, em nível crítico de rivalidade, comentando o comportamento de Capriúna, que se constitui, ao ser rejeitado por ela, um opositor determinante das ações dela no romance: "- Você está... - mas é fisgado pela *macho e fêmea* - arriscou o camarada Belota que lhe ouvia a confidência" (OLIMPIO, 1996, p. 19. Grifo nosso).

Apenas os que se aproximam da intimidade da heroína, ou convivem com ela, absorvem o aspecto aparentemente viril de Luzia como materialização da força, coragem e determinação, requisitos tomados previamente como masculinos, pela cultura de dominação. A sugestão disto está na própria caracterização que Domingos Olímpio, mas que será contestada por Teresinha, na cena do banho, mais especificamente, quando flagra Luzia seminua. Trata-se esta de importante passagem narrativa, uma vez que parece funcionar como metáfora reveladora da Luzia feminina, e a despeito mesmo das opiniões contrárias que vinham se avolumando no romance.

4 Luzia e o flagra da personagem Teresinha

É bastante significativo este momento do romance, especialmente porque carreado de sugestão simbólica. Nele se dá o encontro "revelador" entre Teresinha e Luzia, quando, à luz da madrugada, e à distância, portanto, de olhares curiosos, a heroína costumava se afastar de casa para tomar banho. Repare na encenação:

Uma vez, estando ela a banhar-se, depois de cheio o grande pote, na cacimba aberta no leito de areia do rio, em sítio distante dos caminhos e aguadas mais freqüentadas, surpreendeu-a Teresinha, a rapariga branca e alourada, bem-parecida de cara e bem feita de corpo, que era flexível como um junco, de sóbrias carnações e contornos graciosos. Estava ainda longe o dia. As barras apenas despontavam no levante em pálido clarão e alguns farrapos de nuvens rubescentes. Exposta à bafagem da madrugada, Luzia de pé, em plena nudez, entornava sobre a cabeça cuias d'água que lhe escorria pelo corpo reluzente, um primor de linhas vigorosas, como pintava a superstição do povo o das mães-d'água lendárias, estremecendo em arrepios à líquida carícia, e abrigado em manto da espessa cabeleira anelada que lhe tocava os finos tornozelos. Ao perceber desenhar-se no lusco-fusco da neblina matinal, já perto, o vulto da moça a contemplá-la, soltou um grito de espanto e agachou-se, cruzando os braços sobre os seios. [...]

- Agora sou sua defensora – continuou a outra torcendo os cabelos ensopados – Hei de punir por você em toda parte, porque vi com os meus olhos que é uma mulher como eu, e que mulherão!" (OLIMPIO, 1984, p. 9-10).

Emblemática a cena, não só porque a partir dela Luzia encontrará em Teresinha uma defensora ainda mais ferrenha, mas, porque sob a acepção da água a heroína no romance parecerá dela renascer. Água, que está na cena do banho, supracitada, e em diversas outras, ainda que estejamos falando de romance de seca. Aqui, quando é flagrada seminua por Teresinha; e repetida em outras passagens simbólicas, como no rito cultural da revelação de Santo Antônio, numa tentativa remota de descobrir o malfeitor que roubara o armazém e fizera recair a culpa sobre Alexandre. Sem falar nas diversas vezes em que a personagem Raulino aparece trazendo água para abastecer a casa de Luzia, embora não se saiba de onde obtém a mesma.

De qualquer modo, está a água em *Luzia-Homem* muito próxima dos índices de revelação no romance. Obviamente, tem-se relacionada a estas passagens o envolvimento que a personagem tem com assuntos referentes à casa, à família, amigos e namorado. Nesse momento, voltado mais para os contornos interiores da heroína, sua identidade é delineada, em princípio, a partir das intervenções das personagens mais próximas e que dividem com ela a trama principal.

Associada ao testemunho de Teresinha, diante da Luzia seminua, a própria narrativa, à medida que cresce o envolvimento dela com Alexandre, vai se encarregando de dar contornos, digamos, mais sentimentais à personagem, o que, diga-se de passagem, parecem contribuir para dar mais desenvolvimento ao "caráter feminino" da jovem. Assim, quanto mais enamorada, mais a personagem vai negando a sua aparição primeira. E isto implicará, inclusive, em mudanças de perspectiva no romance. O estranhamento do francês Paul, que de início vê em Luzia uma figura "extraordinária", por executar uma tarefa de peso, no final das contas é, na verdade, estranhamento por percebê-la não se "enquadrando" ao papel tradicionalmente concedido à mulher. Ao tomar nota do que observa, o que o misantropo faz é um registro ideológico, ocultado sob a mistificação da feminilidade, que propõe como realização da condição feminina a dedicação à vida doméstica.

Tanto é assim que, depois das reviravoltas desta história contada, o narrador, sempre a serviço daquela ideologia e defendendo para Luzia uma "feminilidade" moldada aos padrões e costumes vigentes, altera a carga de

trabalho da personagem, transferindo-a do serviço braçal para se juntar às demais companheiras.

O administrador da obra, seu protetor, *percebera a transformação por que passara*, designando-a para trabalhar com as costureiras... Luzia baixou os olhos, e corou humilhada. Preferia à ocupação sedentária de costureira, continuar na faina de carregar água nos grandes potes, que estavam servindo de depósito, conduzir telhas em companhia daqueles infelizes, que vergavam ao peso de uma dúzia delas, ir às caeiras longínquas buscar tijolos nas altas tulhas, que ao Paulo, francês, se haviam afigurado paredes na cabeça de uma mulher, trabalhos que lhe exercitassem os músculos e lhe produzissem o atordoamento da fadiga. (OLIMPIO, Domingos, 1996, p. 86, grifo nosso)

Essa mudança de posto na obra da cadeia, em construção, acaba por assumir uma conotação isomórfica no romance, uma vez que a essa altura da narrativa acontece também a transformação da identidade da personagem, agora vista em delineamento de contornos mais femininos. Aí, a simples representação da troca do trabalho braçal pelo trabalho "leve" é um indicativo para a metamorfose da personagem. E, como consequência de um discurso "naturalizante", passa pelo estereótipo de que existem "tarefas de homens" e "tarefas de mulheres", cujos papéis assim determinados são severamente refutados pela crítica feminista na atualidade, sobretudo quando se discutem as relações de empenho no trabalho.

É modificada na obra, também, a visão daquelas personagens mais afastadas da protagonista. Se havia uma áurea de assexualidade sugerida pela alcunha da heroína, Luzia-Homem, depois da "transformação" sofrida no texto, a sequência nominalizadora pode perfeitamente ser alterada para Luzia-Homem-Luzia, de modo que, fazendo ressurgir a "identidade feminina" dela, o narrador projeta renovações fora inclusive do ambiente doméstico, envolvendo desta feita não só a esfera do trabalho, como a relação com outras companheiras e também com os rapazes, agora vistos pela narração como do seu "sexo" oposto. Veja:

Dir-se-ia que se lhe haviam atenuado os tons varonis, e, da crisálida Luzia-Homem, surgira a mulher com a doçura e fragilidade encantadora do sexo em plena florescência suntuosa. Irradiavam dela fluidos de simpatia, empolgando

os companheiros de infortúnio, como prestigiosa transfiguração. Estes não experimentavam já a repulsa que lhe causava a moça bisonha, arredia, taciturna, sempre enrolada no amplo lençol de mandapolão branco.

- Como está mudada! - murmuravam as mulheres...

- E não é que a Luzia está ficando bonita! - diziam os rapazes, mutuando olhares sensuais. (OLIMPIO, 1996, p. 86)

Esta mudança radical na narrativa, entretanto, não surge gratuitamente. Na verdade, ela vem sendo preparada desde o começo. É nesse sentido que o *Luzia-Homem* é um romance sentencioso e condicionado por forças sociais que guiam o artista Domingos Olímpio, residindo nisto também a grande falácia do livro, é preciso que se diga. Se a primeira atuação de Luzia empolga e faz acreditar que a mulher na obra recebe um tratamento participativo, tendo em vista sua atuação dentro do mecanismo social, manifesto, sobretudo, no trabalho que realiza, o narrador, sob a chancela do autor implícito[109] na obra, dosa essa característica da personagem com a falta de estima até dos que a observam de fora, o que não deixa de ser também o caso dele próprio, envolvido que está na manipulação dos fatos.

Essa primeira imagem da protagonista é a que é colocada para ser negada na narrativa. A segunda imagem, da Luzia femininamente moldada, é a que o narrador procura defender. Só que, se observadas com atenção ambas imagens apresentadas para a mulher Luzia, impera no texto somente a última. A "masculinização" em Luzia funciona como uma espécie de álibi para a sua verdadeira identidade, ou seja, ao conceder à personagem um tratamento diferenciado na primeira metade do livro, Domingos Olímpio o faz somente para mostrar o que deve e o que não deve aparecer em Luzia, para a sobrevivência do seu "feminino".

[109]Wayne Booth é o teórico responsável por este conceito, desenvolvido em *A retórica da ficção* (1980), no capítulo que trata sobre os tipos de narração, p. 165-181. O autor-implícito é, nas palavras de Lígia Chiappini Leite, "uma imagem do autor real criada pela escrita, e é ele que comanda os movimentos do narrador, das personagens, dos acontecimentos narrados, do tempo cronológico e psicológico, do espaço e da linguagem em que se narram diretamente as personagens envolvidas na história" (cf. LEITE, 1987, p. 19). Trata-se de uma personalidade que não é o autor, mas uma projeção ficcionalizada dele. Assim, por intermédio desta ocorrência o autor não desaparece por completo da escrita, uma vez que persiste nas entrelinhas do texto.

A revelação, por fim!

Em função das relações entre o externo e o interno, diminuiu-se, como se pode notar, a distância que separa autor e narrador, algumas vezes sendo difícil separar um do outro. Daí a importância da categoria autor implícito servir para melhor esclarecê-las. Um fato, entretanto, não deixa dúvida: embora se trate de ficção, o texto olimpiano estabelece uma ligação muito próxima com a realidade na qual foi gerado.

Tal constatação se revela de modo bastante contraditório em *Luzia-Homem*. Se de um lado Domingos Olímpio não demonstra uma consciência crítica do mundo que o rodeia, não percebendo, por exemplo, o papel que já desempenhava a mulher na sociedade da época e preferindo revesti-la com valores tradicionais; por outro, também não pode ser considerado um ideólogo, uma vez que, em linhas gerais, não há utopia em suas considerações. Na verdade, imbuído da técnica do sociólogo, o que o escritor representa, de fato, é a realidade conforme a ele se apresentava.

É nesse sentido que se fala de uma representação do perfil feminino possível em *Luzia-Homem*. Lembrando o que Lukács menciona a respeito da dificuldade que apresenta determinado processo histórico para que se vincule a ele certas representações. Ou seja, embora a mulher representada por Domingos Olímpio já esboce características para um perfil de realidade socialmente mais participativa, no romance, ainda que sob concessões, prevalece a visão conservadora da mulher porque de fato era assim entendida a mulher na época em que o artista viveu.

Ou seja, se o romance não dá conta da realidade dela, considerada já em participação social, como seria possível numa abordagem ao estilo do realismo crítico, por exemplo, é porque o próprio contexto histórico do qual a obra participa não permite que fosse diferente. O realismo do autor está de acordo com as possibilidades que lhe oferecia o contexto, de maneira que se representasse a mulher de modo diverso do que se encontra em *Luzia-Homem*, aí, sim, teria construído um romance cujo objeto seria esteticamente insustentável.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*: a teoria do romance. 4. ed., São Paulo: UNESP/Hucitec, 1998.

BOOTH, Wayne. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1980.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 7. ed., São Paulo: Nacional, 1985.

_____. *A personagem de ficção*. 6. ed., São Paulo: Perspectiva, 1981.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *A donzela-guerreira*: um estudo de gênero. São Paulo: SENAC, 1998.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1987.

LIMA, Herman. *Domingos Olímpio* - romance. Rio de Janeiro: Agir, 1961.

LUKÁCS, Georg. "Narrar ou descrever?" In: _____. *Ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. São Paulo: Ed. Moderna, 1996.

PAIVA, Manoel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. São Paulo: Ática, 1981.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TAVARES, Zulmira Ribeiro. "Rembrandts e Papangus" In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ANÁLISE DE LETRAS DE MPB SOBRE A TEMÁTICA INDÍGENA

Roberto Remígio Florêncio [110]
roberto.remigio@ifsertao-pe.edu.br

Resumo:

Os estudos de interpretação de textos devem estar presentes em todos os momentos do processo de ensino-aprendizagem e a disciplina de Língua Portuguesa tem uma responsabilidade ainda maior no concernente à análise linguística de textos artístico-literários. A partir da perspectiva de compreensão e análise textual da produção artística brasileira do século XX, propomo-nos, durante as aulas de LP nas turmas do Ensino Técnico e Superior do IF Sertão, campus Petrolina Zona Rural, durante o ano letivo de 2015, a realização de interpretações e debates sobre as mensagens e discursos das letras de música da MPB sobre a temática indígena. Com o objetivo de despertar no estudante o interesse pela compreensão dos textos literários e, assim, investigar o discurso oculto dos compositores brasileiros sobre os indígenas, o projeto se desenvolveu a partir da temática e dos autores escolhidos pelos estudantes. A metodologia utilizada abriu espaço para o desenvolvimento de análises conjuntas, em sala de aula e em momentos extraclasse. Os resultados foram a produção de seminários apresentando análises coerentes e criativas, descortinando questões de desconhecimento da cultura indígena por parte de muitos letristas. No entanto, podemos apontar para muitas "fissuras" e até quebra de ideologias típicas do colonialismo percebidas na MPB da atualidade.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira; Análise de textos; temática indígena.

Introdução

É notória a temática indianista nas artes brasileiras, e é preciso informar que não se trata de arte indígena, mas uma prática artística (literária, musical, poética, cênica, pictórica, visual) produzida pelos não-índios com o intuito de abordar essa temática, muitas vezes de forma jocosa, pejorativa. No entanto, importante para iniciar-se uma discussão acerca da identificação dos povos

[110] Professor de Língua Portuguesa do IF Sertão campus Petrolina Zona Rural; Especialista em Língua Portuguesa; Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

indígenas, seja por maniqueísmos exploradores e excludentes ou expedientes de inclusão e empoderadores.

São inúmeros os textos da MPB que abordam a temática indígena. Aqui, serão selecionados os maiores destaques em relação à vendagem de exemplares, o que sinaliza o maior acesso à obra. Serão abordadas questões relativas à composição textual, como análise semântico-pragmática, mas o mais importante aspecto que ficou estabelecido para o desenvolvimento das práticas de análise foi o conteúdo da mensagem.

2 A temática indígena em letras da MPB

Arraigada à cultura nacional contemporânea, é possível perceber uma visão maniqueísta do índio que preconiza a dominação por exploração das classes minoritárias ou o ser humano puro e perfeito, protetor da natureza, inspirado no Romantismo do século XIX. As letras da MPB propagaram durante anos informações equivocadas e/ou pejorativas sobre os "*primeiros habitantes*" do Brasil, segundo Pacheco (2014).

Apesar do clima de redenção da militância que apresenta o indígena atual como remanescente daquele protetor da natureza, pode-se observar na literatura nacional a tentativa de subjugar o índio à condição de objeto nas tomadas de decisões. É o caso da índia Iracema, do Romantismo, que se subjuga à condição submissa da mulher branca à espera das vontades do marido.

Por isso, iniciaremos nossa abordagem pela famosa canção "*Índia*", interpretada por diversos artistas brasileiros. A música é, na verdade, uma guarânia paraguaia composta pelo músico José Asunción Flor (1904-1972) e pelo poeta Manuel Ortiz Guerrero (1897-1933), adaptada para o português pelo cantor e compositor paulista José Fortuna (1923-1983), e não poderia ser classificada como MPB por ser uma música originária de outro país. Mas, "*Índia*", na interpretação de Gal Costa (Salvador, 1945 – até o presente), em 1969, talvez tenha sido o divisor de águas para a popularização das canções chamadas de versões e de forte apelo popular. A música voltou às paradas de sucesso em 2005, na voz de Roberto Carlos.

Trata-se de um grande sucesso da MPB e de relevância para a música brasileira que neste estudo ousaremos classificar como indianista[111], adaptando aqui uma classificação própria da literatura brasileira, marcadamente por José de Alencar (1829-1877), em sua obra indianista, constituída de três romances do cânone literário brasileiro, O Guarani (1857), Iracema (1865) e Ubirajara (1874).

É importante salientar que no Romantismo Brasileiro (1836-1881), além de Alencar, outros artistas, escritores, poetas e compositores, desempenharam a função artística de transformar o indígena no mítico herói nacional.

Abaixo transcrita, a letra em português, fiel ao castelhano paraguaio, aborda a questão da sensualidade da índia, sem nome próprio, em uma manifestação que beira a idealização da mulher em uma comparação com a natureza, em sentido contemplatório, que nos remete perfeitamente à caracterização das obras da fase Indianista do Romantismo Brasileiro, mas especificamente entre as décadas de 1830 e 1850.

Índia

Índia, seus cabelos nos ombros caídos
Negros como a noite que não tem luar
Seus lábios de rosa, para mim, sorrindo
E a doce meiguice desse seu olhar
Índia da pele morena
Sua boca pequena eu quero beijar.
Índia, sangue tupi, tens o cheiro da flor
Vem, eu quero lhe dar todo o meu grande amor.
Quando eu for embora para bem distante
E chegar a hora de dizer-lhe adeus
Fica nos meus braços só mais um instante
Deixa os meus lábios se unirem aos seus
Índia, levarei saudade
Da felicidade que você me deu.
Índia, a sua imagem sempre comigo vai
dentro do meu coração todo meu Paraguai.

[111] O adjetivo Indianista será utilizado enquanto termo que faz referência à idealização do indígena. Trata-se de uma nomenclatura utilizada nas artes, mais especificamente na Literatura e nas Artes Plásticas. No Brasil, designa também o movimento artístico-literário ocorrido principalmente no século XIX, quando busca retratar o índio como herói puro e perfeito, em comparação com o cavaleiro medieval, típico protagonista da Idade Média na literatura europeia.

A letra nos remete à visão conceitual do indígena como objeto, tanto da submissão como da veneração sensual. A "índia" aqui tem os cabelos negros e os lábios descritos como em "*Iracema*", de José de Alencar, "a virgem dos lábios de mel", que era também descrita em analogia direta aos elementos da natureza.

> "Iracema, a virgem dos lábios de mel, tinha os cabelos negros como a asa da graúna. O mel da jati não era mais doce do que o seu hálito" (Iracema, 1865 – ALENCAR, José de) .

No entanto, a índia da canção também tem o mesmo fim da índia do romance indianista. Por ser um elemento passivo na história e sem autonomia para reger seu próprio destino, ela tem o mesmo "fim" de Iracema, que se anula enquanto personalidade partícipe de um povo guerreiro ao se entregar à paixão pelo branco Martin, ao ponto de secar até a morte. A analogia a essa passagem da narrativa é, metaforicamente, a submissão da cultura indígena pela força opressora do europeu, e por fim, a sua morte. A mesma morte que cercou os povos indígenas primitivos, habitantes do litoral tupiniquim quando da chegada dos colonizadores portugueses. O resultado disso foi a extinção da maioria das línguas nativas e o desaparecimento de centenas de identidades étnicas que se perderam ao longo dos séculos, segundo Luciano (2010).

Na música, ele (o dominante) vai embora, sem se importar com os sentimentos da índia, ela apenas o serve por mais uma noite ("*fica nos meus braços só mais um instantes, deixa os meus lábios se unirem aos teus*"), em sua despedida, exercendo passivamente o papel de dominada.

2.1 Algumas mudanças de percepção da personalidade do indígena a partir da década de 1980

Jorge Ben, antigo nome artístico de Jorge Benjor, entregou a responsabilidade de defender a canção "*Todo dia era dia de Índio*" à musa do desbunde musical que transformou os Novos Baianos em febre nacional: a cantora Baby Consuelo. Atualmente com nome artístico de Baby do Brasil, Bernadete Dinorah Carvalho Cidade havia seguido carreira solo, depois de dez anos de sucesso no grupo Novos Baianos, formado por Moraes Moreira, Pepeu Gomes, Paulinho Boca de Cantor e Luís Galvão.

A música "*Todo dia era dia de índio*" foi gravada por Baby Consuelo (Niterói, 1952 – até o presente) em 1981, no álbum "*Canceriana Telúrica*" e o sucesso foi imediato, chegando a vender 1.400.000 cópias, recorde absoluto para a indústria fonográfica da época. A melodia, cheia de suingue, misturava samba com o rock alucinante que minava das guitarras de Pepeu Gomes.

TODO DIA ERA DIA DE ÍNDIO

Curumim chama Cunhatã que eu vou contar
Curumim chama Cunhatã que eu vou contar
Todo dia era dia de índio
Todo dia era dia de índio
Curumim, Cunhatã, Cunhatã, Curumim
Antes que o homem aqui chegasse
As Terras Brasileiras
Eram habitadas e amadas
Por mais de 3 milhões de índios.
Proprietários felizes da Terra Brasilis
Pois todo dia era dia de índio
Todo dia era dia de índio
Mas agora eles só têm o dia 19 de Abril
Amantes da natureza
Eles são incapazes, com certeza
De maltratar uma fêmea
Ou de poluir o rio e o mar
Preservando o equilíbrio ecológico
Da terra, fauna e flora
Pois em sua glória, o índio
É o exemplo puro e perfeito
Próximo da harmonia
Da fraternidade e da alegria
Da alegria de viver!
Da alegria de viver!
E no entanto hoje
O seu canto triste
É o lamento de uma raça que já foi muito feliz
Pois antigamente
Todo dia era dia de índio
Todo dia era dia de índio

A letra da canção de Benjor apesar de aparentar simplicidade por ser repetitiva, contrasta com a sua importância para desmistificação de uma história errônea narrada incessantemente pelos livros didáticos de História do

Brasil, quando o homem branco, europeu e católico, chega para catequizar e "salvar" das trevas e do isolamento um povo que necessitava do "arrebatamento" divino. Assim, o arrebanhamento religioso imposto pelo catolicismo romano e a imposição das línguas europeias evidenciaram a ruptura dos "primeiros brasileiros", como diz Pacheco (2014), com suas culturas seculares. A verdadeira história nunca é contada pelos vencidos, mas sempre pelos vencedores e assim foi escrita a História do "Descobrimento" do Brasil.

A verdade é que Pindorama já existia, era habitada por milhões de índios que aqui viviam em paz, caçando e cultivando sua terra, em agradecimento à natureza que lhes proporcionava a vida, em comunhão com os elementos da fauna e da flora e, principalmente sem necessidades exteriores. Tudo isso era preciso ser dito e, a década de 1980 foi profícua em letras engajadas e denunciadoras das mazelas nacionais.

Mas, é oportuno informar que esse pensamento do indígena puro e perfeito, justo e forte, também é uma característica do século XIX que muito serviu para negar ao índio a condição de autônomo. Por ser puro, o índio deveria ser "protegido" pelos portugueses, por isso, os colonizadores se acharam no direito de tomar o seu território e impor as suas leis. Essa visão romanceada começa a perder fôlego quando surge a possibilidade de enxergar os índios com os "olhos" de hoje. Exemplo disso é o herói sem nenhum caráter da saga "Macunaíma", do escritor e poeta paulista Mario de Andrade, um dos principais expoentes do Modernismo Brasileiro. No raomance, o índio é apresentado como mentiroso, preguiçoso, sem escrúpulos. Mas todas essas características negativas foram aprendidas com o "homem branco" (Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. ANDRADE, Mário de, 1928).

Outra possibilidade de se perceber o indígena começava a ser apontada: o índio atual enquanto fruto do processo de miscigenação étnica. Nesse caso, todos seríamos um pouco índios. Em 1979, o cantor e compositor alagoano Djavan (Maceió, 1949 – até o presente) lança um LP que abria com faixa "*Cara de Índio*", uma obra de arte elaborada de maneira metafórica que continha uma forte crítica sobre a relação de poder entre os homens índios e os não-índios. Onde a situação do índio é de desprezo e subserviência, vivendo de favor em terras alheias. Ao tempo que sabemos que esse expediente é a verdadeira

inversão dos direitos, segundo Silva (2015), é inconcebível imaginar o índio sem terras no Brasil de hoje.

De letra fácil e recheada de repetições, assim como melodia repetitiva em poucas notas, com pequena tessitura de elevação de tom, o compositor consegue transmitir a mensagem da exploração sofrida pelos povos indígenas através de passagens, como: "*Nessa terra tudo dá, terra de índio. Nessa terra tudo dá, não para o índio. Quando alguém puder plantar, quem sabe índio. Quando alguém puder plantar, não é índio*".

CARA DE ÍNDIO

Índio cara pálida, cara de índio.
Índio cara pálida, cara de índio.
Sua ação é válida, meu caro índio.
Sua ação é válida, válida ao índio.
Nessa terra tudo dá, terra de índio.
Nessa terra tudo dá, não para o índio.
Quando alguém puder plantar, quem sabe índio.
Quando alguém puder plantar, não é índio.
Índio quer se nomear, nome de índio.
Índio quer se nomear, duvido índio.
Isso pode demorar, te cuida índio.
Isso pode demorar, coisa de índio.
Índio sua pipoca, tá pouca índio.
Índio quer pipoca, te toca índio.
Se o índio se tocar, touca de índio.
Se o índio toca, não chove índio.
Se quer abrir a boca, pra sorrir índio.
Se quer abrir a boca, na toca índio.
A minha também tá pouca, cota de índio.
Apesar da minha roupa, também sou índio.

No final da canção, no entanto, todos nós (espectadores, ouvintes) somos brindados com a expressão "*Apesar da minha roupa, também sou índio*", marcante para os interesses que temos enquanto estudantes da causa indígena, pois, apesar de admitir diversas interpretações, o artista evoca a ancestralidade indígena comum a todo povo brasileiro. Esse arremate de que também somos índios é um importante passo para a construção real da identidade multiétnica que, no Brasil, soa forçado pelos livros didáticos e é ainda uma situação pouco exercida/aceita pela sociedade predominantemente branca, católica e capitalista.

Ainda nos áureos tempos da música brasileira engajada, principalmente na década de 1980, em que tínhamos um inimigo em comum, a Ditadura Militar, surgem letristas geniais como os compositores que marcaram época nos grandes festivais da canção e no movimento da Tropicália. Entre muitos, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque são, sem dúvida, os mais expressivos.

Para ficarmos em dois exemplos de canções importantes sobre a temática indígena, sugerimos a leitura de "*Um índio*", de Caetano Veloso (Santo Amaro, 1940 – até o presente), facilmente encontrada na discografia de Gal Costa, Maria Bethânia, Zé Ramalho e Elba Ramalho, que regravaram a canção entre os anos de 1979 a 2001. Nela, o autor insinua a capacidade do indígena enquanto ser preservacionista, que se encontra em patamar de evolução superior ou igual a todos os grandes ídolos não-índios (Muhamed Ali, Bruce Lee). O índio ainda aparece como herói, mítico, justo e perfeito.

Outra canção importante que faz uma releitura sobre o índio enquanto elemento natural, mas não plastificado na bolha maniqueísta e idealizante de defensor da natureza, mas sim, enquanto ser humano, atuante em uma comunidade específica e consciente de seu papel na humanidade. Trata-se da música "*Índios*", de autoria de Renato Russo (Rio de Janeiro, 1960 – Rio de Janeiro, 1996), gravada no disco "*Dois*" (1986), da legião Urbana e no disco "*Avenida das Desilusões*" (1989), de Leo Jaime (1960-até o presente).

Assim, conseguimos visualizar pontos de vista bastante diversos em relação ao indígena (real ou idealizado) nas letras de música da nossa profícua MPB. No entanto, é no século XXI que essa poesia musical mais se aproxima da visão real do índio brasileiro, pois não busca classificá-lo nem aprisioná-lo a uma única identidade. Mas exalta seu título de primeiro dono da terra, suas etnias variadas e, mais importante, valoriza o ser índio que há em cada um de nós, brasileiros.

3 Considerações Finais

Pode-se dizer que o século XXI apresenta uma nova visão da personalidade do índio brasileiro nas canções brasileiras.Conseguimos visualizar pontos de vista bastante diversos em relação ao indígena (real ou idealizado) nas letras de MPB. No entanto, é no século XXI que essa poesia

musical mais se aproxima da visão real do índio brasileiro, pois não busca classificá-lo nem aprisioná-lo a uma única identidade. Exalta seu título de primeiro dono da terra, suas etnias variadas e valoriza o ser índio que há em cada um de nós, brasileiros. Alguns bons momentos de afirmação dos povos tradicionais e de comunidades estereotipadas pela visão simplista e pelo preconceito da sociedade brasileira começam a acontecer a partir do novo milênio e da quebra de paradigmas que toda mudança temporal causa.

Muitas coisas mudaram em relação a se pensar sobre o indígena na cultura brasileira de uma forma geral, no entanto essas "fissuras" e até quebras paradigmáticas vêm adquirindo nova força nos últimos anos, a partir de direitos conquistados através de muita luta pelos povos tradicionais brasileiros (índios, quilombolas, negros, umbandistas). Muito dessas vitórias deve-se à tecnologia que universalizou e popularizou as redes sociais que, de uma forma ou de outra, são excelentes veículos de disseminação de informações e à arte.

Na música popular brasileira, destacamos dois bons exemplos de letras compostas a partir do ano 2009 que integram uma longa lista de músicas que evocam positivamente a participação dos indígenas na formação do povo e da nação brasileira: 1. Daniela Mercury (1965 – presente) aborda os três temas citados: o índio como primeiro proprietário do território, a multiplicidade étnico-cultural dos indígenas brasileiros e o ato afirmativo de sentir-se/ser também indígena devido à miscigenação de três grandes etnias que deram origem ao povo brasileiro. 2. De Leandro Fregonesi, interpretada por Maria Bethânia (1943 – presente) em 2014.

DONA DESSE LUGAR

Deste antes, muito antes do Brasil ser Vera Cruz
Os primeiros habitantes por aqui andavam nus
Os tapuias e yupi, guaranis e pataxós
A aliança mais antiga, avós dos nossos avós
Terra mãe da civilização
De um deus que não era cristão
Fez a vida na floresta esculpida
Onde nasceu a índia
Sou índia terena, da pele morena
Abençoada dos povos de lá
Índia, sou índia xavante
Da tribo distante: Dona desse lugar

Desde antes, muito antes(...)
Tupiniquins, tupinambás, txucarramães e bororós
A aliança mais antiga, avós dos nossos avós
Terra mãe da civilização
De um deus que não era cristão
Fez a vida na floresta esculpida
Onde nasceu a índia (...)
Tupinambá/Tupiniquim/Txucarramãe/Guarani/Tupi/Pataxó/Bororó/Caiobá/Xavante

POVOS DO BRASIL
Quando o samba começou na areia
Festa na aldeia de Tupinambá
Fez brilhar a luz da lua cheia
Deus Tupã clareia deixa clarear
Jurunas, Guaranis, Caigangues, Caipis
Terenas, Carajás e Suruis
Xavantes, Patachós, Apurinãs, Kamayurás
Cambebas, Canidés e Cariris
São povos do Brasil donos desse chão
Herança cultural do nosso sangue
Eu sou Tupiniquim, sou Caiapó
Sou Curumim, Tumbalalá, Caxinawa, Yanomani
Parintimtim, Tabajara, Tirió, Macuxí, Potiguara,
Anambé, Caxixó, Ticuna, Tuiuca, Bacairí
Trenacarore, Calapalo, Canoê, Enawenenawe

4 Referências

BATISTA, Mércia Rejane Rangel. *O desencantamento da aldeia*. FUNAI, Brasília. Revista de Estudos e Pesquisas; v.1, n. 2, 2004.

BETHÂNIA, Maria. *Meus quintais*. Biscoito Fino, 2014.

CONSUELO, Baby. *Canceriana Telúrica*. Ariola, 1980.

COSTA, Gal. *Gal Tropical*. Universal, 1979.

DJAVAN. *Djavan*. EMI, 1980.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de Leitura***:** teoria e prática. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção do sentido*. São Paulo: Contexto, 1997.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais*: definição e funcionalidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão***.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MERCURY, Daniela. *Canibália*. Sony Music, 2009.

MOISÉS, Massaud. *Literatura*: Mundo e forma. (1982). São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

ORLANDI, E., GUIMARÃES, E., TARALLO, F. *Vozes e contrastes*. São Paulo: Cortez, 1989.

PACHECO, João Oliveira. *Os primeiros brasileiros*. Rio de Janeiro: Faperj, 2014.

PLATÃO & FIORIN. Francisco & José Luiz. *Para entender o texto:* leitura e redação. São Paulo: Ática, 2001.

SILVA, Edson. *Ensino e Sociodiversidades indígenas*: possibilidades, desafios e impasses a partir da Lei 11.645/2008. Recife: EDUFPE, 2015.

TRAVAGLIA. L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no Português*. Campinas: Tese de Doutorado / IEL / UNICAMP, 1991.

PARAÍBA UNDERGROUND:
A CONTRACULTURA NOS QUADRINHOS DE SHIKO

Elton Silva de Lima*[112]

Resumo:

A contracultura é entendida como uma atitude humana sempre presente na história, em diversos contextos, mas também como um fenômeno social e cultural que ocorreu especificamente na década de 1960, período em que as dinâmicas de ruptura estética, comportamental e social ganharam sua máxima potencialização nas inúmeras formas de arte, incluindo as histórias em quadrinhos. A partir da obra do paraibano Shiko entenderemos que a contracultura permanece viva e atuante, sobretudo nos quadrinhos. Shiko não apenas dá continuidade ao legado marginal de um movimento, mas também reinventa o próprio *underground*, passeando por territórios humanos e geográficos diversos.

Palavras-chave: Quadrinhos. Contracultura. Arte. Cultura. Shiko

Abstract:

The counterculture is understood as a human attitude always present along the history, in many contexts, but also as a social and cultural phenomenon that specifically occurred in the 1960s, when the changes of society, aesthetics and behavior won its maximum potentiation in many forms of art, including the comics. From the comics works by Shiko we will understand that the counterculture remains alive and active, especially in the comics. Shiko not only continues the legacy of a marginal movement, but also reinvents the underground himself, strolling through various human and geographical territories.

Keywords: Comics. Counterculture. Art. Culture. Shiko

Introdução

Nascido em Patos, na Paraíba, Francisco José Souto Leite tinha tudo para ser apenas mais um Chico. Mas como nos melhores *plot twists*[1]das melhores histórias em quadrinhos, quis o tempo e o destino que o paraibano, com então dezoito anos, mudasse para a capital do seu estado natal, João Pessoa, e se tornasse o Shiko.

* Graduando em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas. Palmeira dos Índios. E-mail: eltonsdl@gmail.com

1Traduzido ao pé da letra como “reviravolta” é uma mudança radical na direção esperada ou prevista da narrativa de um romance, filme, série de televisão, quadrinho, jogo eletrônico ou outra obra narrativa.

A transição entre o interior e a capital notadamente influenciaria o desenvolvimento do homem e do artista, marcado por sua presença em dois universos – sertanejo e urbano – que culminaria no próprio desenvolvimento de seu estilo gráfico e narrativo: versátil, além barreiras e fronteiras subjetivas ou geográficas. É esse mosaico de referências que faz com que Shiko trace seu caminho nas artes visuais em suas mais diversas manifestações: dos quadrinhos, passando pelas telas, aquarelas, animações, até o graffiti de rua. É sua habilidade diversa que faz com que seja possível ilustrar a adaptação de um romance regionalista como *O Quinze* ou uma história urbana futurista repleta de androides como *Blue Note*. Não importa onde – se no circuito do mercado editorial ou nos fanzines e publicações *undergrounds* – nem como – quer com lápis, nanquim ou aquarela –, a arte de Shiko passeia por estilos, formas e ideias, atribuindo ao autor um traço tão diversificado quanto peculiar, característico, único. Os trabalhos autorais de Shiko também possuem uma assinatura marcante. Seus roteiros permeados por personagens urbanos, dissidentes e marginais passeiam pelo mundo da loucura, do erotismo, do sexo, do fanatismo religioso, da violência, da carne e do sonho. Nesse sentido, os quadrinhos de Shiko vão ao encontro da contracultura – se não da contracultura dita como movimento ou opção estética em sua totalidade, ao menos de elementos desse fenômeno, pincelados aqui e acolá.

A contracultura como movimento e/ou modo de ser e fazer arte abrangeu – e continua abrangendo, ainda que de forma diluída ou ressignificada – manifestações culturais e artísticas diversas; os quadrinhos não foram exceção. De que modo, então, a contracultura aparece nos quadrinhos de Shiko é o que pretendo abordar neste artigo, sem a pretensão de atingir uma verdade cabal ou uma leitura crítica última. Para isso, será preciso discorrer antes sobre como os elementos contraculturais surgiram na sociedade, nas artes, nos quadrinhos e, sobretudo, perguntar, para começo de história: o que é contracultura?

1 *Hippies*, ritmos e nanquim: um panorama sobre a contracultura

Sócrates, Jesus Cristo, Jimi Hendrix. Três figuras históricas diferentes, todas elas ligadas por um elo comum: a contracultura.

Se concebermos o conceito de contracultura por uma ótica ampliada, logo veremos que existiram inúmeras figuras representativas de um certo movimento contracultural ao longo do tempo e do espaço. Isso, pois, numa acepção maior do termo, contracultura diz respeito a um movimento, uma postura ou atitude: ir contra o modelo cultural que está posto. No senso comum a noção de contracultura pode soar de maneira distorcida, atribuindo ao termo a conotação de ser "contra a cultura". Mas, na verdade, a contracultura se opõe aos costumes, regras e produções que estão configuradas como os modos vigentes em uma dada sociedade e em um dado contexto. Sócrates morreu por discordar das normas estabelecidas na cultura grega de sua época, Cristo desafiou as leis morais e religiosas do seu tempo, pregando uma filosofia de amor ao próximo que contestava o poder instituído. De outra maneira, mas também sob o lema da paz e do amor, Jimi Hendrix empunhava sua guitarra, tal como um guerreiro do ruído, dissipando ritmos e melodias nada comportadas para o *American way of life* dos anos 1960. 1960:uma década que, para muitos leigos e estudiosos, passou a ser sinônimo e a definir a própria contracultura.

Apesar do sentido mais largo que a expressão "contracultura" pode assumir, como supracitado, se for executado um recorte histórico e geográfico, uma nova luz sobre o tema se acende. A contracultura, segundo aponta Pereira (1992), foi antes de tudo um modo de contestação radical, nutrido por um espírito questionador, rebelde, jovem. Tal espírito se encontra em diversos grupos, sujeitos, épocas e lugares, e se expressa de diversas maneiras, pois que o novo e a ruptura sempre vêm. Mas a contracultura enquanto manifestação artística e da subjetividade humana da qual o artigo pretende tratar, ganhou contornos especiais se delineando, sobremaneira, em um tempo e lugar específicos. Desde os anos 1950 um espírito libertário e questionador já acenava o que a década seguinte viria a se tornar nos Estados Unidos e na Europa.Falo aqui do movimento *beat* – cujo poema "O Uivo", de Allen Ginsberg, foi um precursor icônico. Na transição dos anos 50 para os anos 60, surge o *rock and roll*, tendo em Elvis Presley sua imagem central. Beatles, Stones, Janis Joplin e o próprio Hendrix lotam festivais que eram verdadeiras performances de uma nova era. Bob Dylan com suas canções de protesto sintetiza a alma contestadora do período. O cinema é tomado pelos "rebeldes sem causa", representados por

James Dean, gangues de motocicleta e "jovens transviados" trajando jaquetas de couro. Não havia mais volta: os anos 60 tinham chegado e eles não estavam nada satisfeitos com o *establishment* econômico, subjetivo e cultural. Surgia uma cultura "marginal", *underground*, que não habitava o centro da sociedade (embora pudesse partir dela) e que não compactuava com seus princípios.

> [...] Cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música, drogas e assim por diante. Um conjunto de hábitos que, aos olhos das famílias de classe média, tão ciosas de seu projeto de ascensão social, parecia no mínimo um despropósito, um absurdo mesmo [...].Começavam a se delinear, assim, os contornos de um movimento social de caráter fortemente libertário, com enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas e com uma prática e um ideário que colocavam em xeque, frontalmente, alguns valores centrais da cultura ocidental [...]. (PEREIRA, 1992, p. 8)

Mesmo sem saber ao certo o que estava acontecendo naquele período, dava pra sentir um novo ar, uma nova atmosfera – ventos da mudança. Logo toda a América do Norte, a Europa e até mesmo o Brasil, conheceriam de perto o fenômeno que se tornaria conhecido como contracultura. Permanecer indiferente a ele era impossível. Sexo, drogas, guerra, feminismo, direitos humanos... A contracultura estava presente em tudo que era feito: na política, na música, na poesia, na literatura e até mesmo nos quadrinhos.

2 Proibido para menores: as histórias em quadrinhos e a contracultura

Quando se fala em histórias em quadrinhos, de imediato, o que nos assalta a cabeça é a ideia de gibis produzidos em papel barato, de conteúdo massivo, pobreza narrativa, geralmente com histórias juvenis e pouco consistentes sobre super-heróis. Tal impressão, delineada no imaginário coletivo através dos tempos, tem lá uma ou outra proposição de verdade, uma vez que as histórias em quadrinhos foram – e em certa medida ainda são – configuradas dessa forma.

> Na década de 1950, nos Estados Unidos, as histórias em quadrinhos consolidaram-se como produto da indústria cultural com a produção em massa de revistas das mais diversas temáticas. Editadas em grandes tiragens em papel barato e preço módico, as revistas se popularizaram, em particular as que apresentavam histórias de terror, como a *Creepy* e a *Tales from the Cript*, ficção científica, guerra e

> super-heróis, trazendo histórias repletas de sangue e mortes trágicas. (MAGALHÃES, 2009, p. 2)

No entanto, muita coisa mudou: a arte, as técnicas narrativas, as histórias e até mesmo o mercado do nicho das HQ's já não são mais os mesmos. A mudança da qual falo conferiu maior qualidade técnica e literária ao mundo dos quadrinhos, garantindo a essa expressão artística o status de *nona arte*. Na indústria, um grande salto de qualidade e maturidade foi visto durante a década de 1980, quando Alan Moore, Frank Miller e Neil Gaiman, cujos nomes viriam a formar a santíssima trindade dos quadrinhos britânicos e norte-americanos, publicaram suas obras máximas: *Watchmen, O Cavaleiro das Trevas e Sandman*, respectivamente. O que se viu nas bancas de grande parte do mundo foi uma mudança sem precedentes que revolucionaria o sentido do termo *comics* para sempre.

Muito se falava sobre uma certa *invasão britânica* dos quadrinhos – quando a já saturada indústria norte-americana recrutou roteiristas e artistas do Reino Unido para que, com o todo peculiar modo inglês de contar histórias, dessem novo fôlego a um mercado sempre instável. Os quadrinhos entraram, definitivamente, numa nova era: histórias mais adultas (inclusive com a abordagem de temas como sexo, violência, ocultismo, política e filosofia), com personagens mais complexos, linguagem poético-literária, arte experimental, simbólica e ousada cativavam jovens, adultos e despertavam o olhar da crítica para aquilo que ignoraram por um bom tempo – um compilado de papel, cultura de massa, sub-arte. Editoras como a DC Comics e seu selo de histórias adultas, Vertigo Comics, davam imensa liberdade para que artistas e criadores explorassem novas ideias e formas narrativas, o que resultou em experiências singulares, inéditas até em outras mídias (cinema, TV ou mesmo a literatura). Os quadrinhos deixaram de ser vinculados apenas a aventuras de super-heróis em roupas colantes coloridas – e mesmo quando histórias de aventureiros mascarados eram publicadas, estas ganhavam uma densidade nunca antes vista.

Apesar das transformações ocorridas a partir da década de 1980 nos quadrinhos de indústria, durante os anos 1960 no submundo, ou melhor, no *underground* da nona arte, já se desenhava um conjunto de obras produzidas por artistas transgressores, provocadores, inovadores, escatológicos, ácidos,

críticos e, sobretudo, geniais. Sem o apoio de grandes editoras, sem circulação no mercado, mas inflamados pelo espírito da contracultura da época, os chamados *autores marginais* estavam escrevendo e desenhando gibis que as mães nunca comprariam para seus filhos.

Os quadrinhos provavam ser uma mídia popular, capaz de atrair leitores em massa. Com isso, histórias de guerra, terror, sexo e violência preenchiam tiragens cada vez mais numerosas, chamando atenção até mesmo de grandes escritores da literatura fantástica e da ficção científica, como Ray Bradbury, que colaboravam com a criação de novas histórias, cujas edições conquistavam fãs de todas as faixas etárias. As temáticas pesadas e sanguinolentas, entretanto, começaram a preocupar a conservadora sociedade norte-americana. Pais e educadores viam nos quadrinhos não mais um veículo de entretenimento que ressaltava os valores morais e éticos, mas sim uma subliteratura capaz de corromper os jovens. Corroborando essa ideia, veio o livro *Seduction of the innocent*, publicado pelo psiquiatra Dr. Frederick Wertham. Em sua obra, Wertham afirmava que os quadrinhos possuíam o poder de seduzir os jovens, transformá-los em delinquentes, induzi-los ao crime e ao suicídio. Como consequência disso, no ano de 1956, o Senado dos Estados Unidos estabeleceu a criação do famigerado *Comics Code Authority*, censurando diversas revistas populares da época. Até mesmo os super-heróis sofreram com a restrição do Senado dos EUA. As principais editoras do gênero, DC Comics e Marvel Comics, passaram a enquadrar seus personagens em histórias bem comportadas, cheias de referências à ordem e aos bons costumes sociais. A liberdade criativa dos autores ficava restrita ao que a lei exigia, as histórias demasiadamente repetitivas e sem densidade, os personagens quadrados e enfadonhos. Havia um sufocamento enorme dentro de uma manifestação artística que tanto podia, se livre fosse. Uma falta de ar que só poderia ser compensada com um grande grito escandaloso de fôlego.

Aproveitando o clima de contestação, revolução e transformação pelo qual passava a sociedade norte-americana no movimento da contracultura, surgiram os quadrinhos *underground*. Artistas como Robert Crumb, Gilbert Shelton, Bill Griffith, Victor Moscoso e Richard Corben, protestavam de modo irreverente e provocador contra o *status quo* dos quadrinhos e, por conseguinte, da arte, da

cultura e da sociedade. Indo na contramão do mercado e da política de censura, esses artistas publicavam suas ideias de modo independente, com recursos próprios, vendendo de mão em mão, no melhor espírito marginal do fanzine, longe das grandes editoras, mas próximos de um público ávido por inovação.

Robert Crumb merece ser destacado como o precursor desse movimento contracultural nos quadrinhos. Curiosamente, Crumb em toda sua inquieta e peculiar personalidade, recusava a aderência a movimentos, títulos e quaisquer outras formalidades. Tinha até mesmo certa aversão ao movimento *hippie* e ao que começavam a chamar de movimento *underground*. Era um artista sem rótulos, muito embora sua revista *Zap Comix* (assim mesmo, com um X no final, derivado do termo *X-rated*) tenha sido, inegavelmente, o marco de uma era de subversão, liberdade e acidez nos quadrinhos. De acordo com Román Gubern, o movimento iniciado espontaneamente por Robert Crumb:

> Se revelaria fecundo e originaria uma sequência de *comics* revolucionários que não almejavam o lucro nem a popularidade dos respectivos autores, mas o protesto de sinal libertário, com frequentes recursos à extravagância, à escatologia e ao erotismo desaforado, expressos num grafismo agressivo e pouco tranquilizador, batizado como *feísmo*" (GUBERN, 1980 apud MAGALHÃES, 2009, p.3).

As opções estéticas dos desenhos variavam bastante de autor para autor. Ainda assim, predominava sobre elas um traço sujo, agressivo, carregado e geralmente em preto e branco. Tal recurso acentuava ainda mais o tom que as *comix* (em contraposição às *comics*) assumiram na década de 1960. Crumb ora optava por um estilo mais realista, ora por uma linha mais caricatural, quase infantil. Mas a inocência e a semelhança com os *cartoons* e desenhos animados para crianças era apenas aparente. Exemplo disso temos em *Fritz, the cat* – um gato tarado, beberrão, drogado e pervertido que destoava de qualquer outro gatinho que passasse na TV.

Na Europa e até mesmo no Brasil se faria ouvir os ecos do movimento contracultural dos quadrinhos norte-americanos, ainda que esse som chegasse com um pequeno *delay*[113] nas terras tupiniquins. Fato é que, durante os anos 1970, diversos quadrinistas brasileiros se deixaram influenciar pelo burburinho

[113] Termo técnico para definir o tempo de atraso de um sinal ou transmissão de som, reverberação ou eco.

que acontecia na terra do Tio Sam. Em 1972, a revista *Balão*, organizada por estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, não apenas compilava o material que raramente chegava de fora no país, como também apresentava nomes que posteriormente se consagrariam nas artes gráficas brasileiras: Laerte e os irmãos Caruso, por exemplo. Esse tipo de produção marginal também influenciou a confecção cada vez maior dos fanzines nacionais, regados de experimentação e corrosividade. Apesar do irrequieto espírito transgressor se fazer faminto por rupturas em toda a história da humanidade, foi nos anos 1960 que os quadrinhos se consolidariam dentro de tal espírito. E hoje? Continuaria a atitude rebelde de outrora atuando na verve artística de nossosquadrinistas?

3. Paraíba underground: a contracultura nos quadrinhos de Shiko

Cada caso é um caso, cada homem e cada arte é produto de sua época. Ao mesmo tempo, homem e arte possuem o poder de se tornarem atemporais. Mas, se a contracultura não já se manifesta *ipsis litteris* como nos anos 1960, em nossa contemporaneidade ela, sem sombra de dúvidas, aparece reformulada, reescrita e redesenhada. E não é preciso ir muito longe para ver isso.

Se nos anos 1970 a produção de quadrinhos autorais brasileiros (e até mesmo a importação de materiais estrangeiros) acontecia de forma lenta e esparsa, vivemos atualmente um cenário muito fértil para as obras nacionais. Em termos de indústria é bem verdade que ainda encontramos um mercado com diversas dificuldades para oquadrinista tupiniquim. Para compensar tal fato, o espírito criativo e rebelde de desenhistas, cartunistas, grafiteiros e roteiristas está mais inquieto e atuante do que nunca. Exemplo disso pode ser visto e lido na vida e obra de Francisco José Souto Leite, o Shiko.

Ao iniciar seus trabalhos escrevendo e desenhando em fanzines, Shiko parece ter mostrado a que veio – para reclamar um espaço e uma arte bastante específicos. Em suas primeiras publicações no zine *Marginal*, cujas principais edições foram compiladas em um volume homônimo, Shiko já demonstra bastante maturidade em suas histórias, traçando um intertexto com temáticas

do universo *undeground* e, por conseguinte, com elementos da própria contracultura. Se esse paralelo é feito de forma intencional não dá pra ter certeza, mas, sem dúvida alguma, é executado de forma magistral.

Em *Marginal* estão presentes temas que caminham por um mundo urbano, envolto em erotismo, violência, drogas, críticas sócio-políticas, tudo isso com muita qualidade gráfica. Pois, embora o artista tenha elegido o meio alternativo dos fanzines para exercer toda sua liberdade criativa, sem as amarras impostas pelas publicações editoriais, o traço realista de Shiko confere um acabamento único para o material. Os fanzines, por se tratarem de publicações caseiras e baratas, geralmente trazem, ora por opção estética, ora por ausência de recursos, uma arte mais "desleixada" – coisa que não acontece em *Marginal,* onde Shiko exibe desde já uma coerência estilística, um traço consistente, denotando a qualidade que se tornaria sua marca registrada. O uso de uma arte bem produzida acaba por agregar uma qualidade poucas vezes observada no cenário dos quadrinhos *underground*, trazendo assim uma renovação ao meio independente. *Underground* e "qualidade" deixam de ser antônimos.

Em grande parte de suas obras, Shiko se inspira no cotidiano, no dia a dia das personagens, cenários e contextos marginais, para dar vazão à sua produção. Além das escolhas temáticas, a opção estética pelo preto e branco e pela plataforma independente de publicação muito lembra a postura dos quadrinistas da época da contracultura sessentista. Há ainda muitas outras referências temáticas e estilísticas nos trabalhos de Shiko, como bem nos lembra Magalhães (2013):

> Autodidata, Shiko armazena uma bagagem cultural invejável. Desde cedo leu os clássicos da literatura mundial, Rimbaud, Baudelaire, Marx, ampliando os horizontes muito além dos bancos escolares. Os quadrinhos europeus lhe impregnam influências incontornáveis, a música cria o clima para suas histórias, a cultura *beat* lhe serve de referência temática, com a observação cuidadosa das ambientações da rua, dos hábitos, do vestuário, elementos que enriquecem seu universo ficcional. A expressão poética dos quadrinhos de Shiko, repletos de referências e inspirações literárias, associada à delicadeza de seu traço, representam um dos melhores expoentes dos quadrinhos brasileiros em sua feição impressionista. (2013, p. 46)

Em Robert Crumb, o contraste entre arte e visceralidade textual e temática acontecia quando o artista optava por desenhar seus personagens com um aspecto de desenho animado infantil cometendo atos nada inocentes e pueris. Já em Shiko, essa disparidade aparece no seguinte sentido: o desenho é realista e por vezes com um traço delicado e suave, ao contrário do risco sujo e pesado de Crumb; mas os comportamentos dos personagens marginais de Shiko apontam para a mesma crueza dos vagabundos, prostitutas, assassinos e bêbados das ruas. Tanto Crumb, o papa dos quadrinhos contraculturais dos anos 1960, quanto Shiko, o arauto de uma nova geração marginal, possuem em comum não apenas o universo temático, mas também a versatilidade no ato de criar. Crumb variava com habilidade entre caricatura e desenho realista, chegando também a trabalhar com pintura em tela e até mesmo com escultura. Shiko, além de habilidoso desenhista, desponta no universo da aquarela, do graffiti de rua e do desenho publicitário. Ambos também optaram pelo meio independente de publicação de seus trabalhos. Em entrevista, Shiko brinca, dizendo “o artista underground se vende” ao se referir sobre seu trabalho como ilustrador publicitário, lembrando que a situação do mercado brasileiro ainda não é favorável para os quadrinistas da terra, que não conseguem viver exclusivamente de suas artes. É preciso fazer essas concessões mercadológicas como forma de sobrevivência – tanto do artista como da própria arte.

Shiko e Crumb adotam essa postura, não apenas como forma de sobrevivência e perpetuação pessoal e artística, mas também provavelmente para executar aquilo que muitos chamam de “vazar por dentro. ” A expressão fala sobre o ato que consiste em produzir trabalhos mais comerciais, dentro de circuitos tradicionais ou padronizados da arte e da mídia, para que seu nome ganhe projeção. Desse modo, o artista assegura certo retorno financeiro essencial para sua vida e para dar continuidade a seus trabalhos mais autorais e independentes. No sistema de mercado que vivemos hoje, ter essa consciência é essencial, pois nem sempre será possível para uma arte marginal alcançar certos lugares sem que antes ela faça algumas concessões com o *mainstream*. Isso não significa necessariamente “se vender ao sistema” – trata-se mais de saber como negociar com ele mantendo a proposta e a postura artística e pessoal original.

Shiko começou a deixar de ser talento puro exclusivo do meio independente para ganhar projeção a partir do ano de 2013, com sua participação no projeto Graphic MSP, do renomado Maurício de Sousa. Foi com uma releitura caprichada do personagem Piteco, um homem das cavernas criado por Maurício de Sousa, que o paraibano alcançou tal feito. *Piteco – Ingá* traz um Shiko trabalhando em outra proposta, mais longe da veia marginal, porém não menos competente. Na história, Shiko pincela um belíssimo trabalho composto em aquarela, numa narrativa inventiva que mescla a pré-história com a história da própria Paraíba, sua terra natal.

Em *O Quinze* (2013), Shiko mostra sua versatilidade gráfica e temática mais uma vez, ao se afastar dos temas urbanos, pesados e *undergrounds* pelos quais ficou conhecido na cena independente, para adaptar o universo regional envolto em seca de Rachel de Queiroz. A releitura do famoso romance brasileiro saiu pela editora Ática e alavancou ainda mais a obra de Shiko para um outro público leitor de quadrinhos. Isso fez com que o autor mencionado resvalasse total e exclusivamente para o mercado central de HQ's? Pelo contrário! Shiko permanece publicando mais do que nunca, lançando um trabalho autoral atrás do outro – prova disso é o seu mais recente *A Boca Quente*, que marca o retorno do velho Shiko: visceral, erótico e suburbano.

A religião é um tema que também ganha duras abordagens na obra de Shiko – exemplo máximo disso pode ser visto e lido em *Lavagem*, uma de suas HQ's mais surpreendentes. Inicialmente produzido para o cinema pelo próprio Shiko e parceria, o curta-metragem ganhou uma adaptação para a linguagem da nona arte. Shiko foi bem-sucedido na transposição de uma linguagem para outra. Em diversos momentos o uso de "quadros" retangulares lembra as tomadas panorâmicas utilizadas em diversas cenas de filmes. *Lavagem* utiliza o cotidiano dos moradores de uma região de mangue para compor uma história de terror psicológico que abraça diversos temas: machismo, violência, infidelidade, assassinato, loucura, perversão... tudo isso envolto pela nota principal do fanatismo religioso.

Tanto as cenas quanto os diálogos apresentam crueza rudimentar, palavras ríspidas e sujas compõem o cenário tanto quanto o ambiente ou os próprios

personagens. Aqui vemos a corrosividade da contracultura de outrora ainda presente, com uma nova roupagem. Mas, ao mesmo tempo, embora trate do tema religião bem como Robert Crumb, Shiko o faz de modo mais denso, dramático, com toques de horror e suspense – enquanto Crumb e muitos outros da cena de São Francisco nos anos 1960 abordavam tais temas com certo humor e despojamento –, sem falar do arrojo cinematográfico na composição de quadros e painéis.

O trabalho com outras mídias e formas de arte (graffiti, aquarela e especialmente o cinema) e a influência delas (literatura, poesia) se faz presente também em *O Azul Indiferente do Céu*. No referido quadrinho, Shiko compõe uma obra que foi escrita inicialmente para ser filmada. Como o roteiro original acabou não ganhando o cinema, o artista paraibano aproveitou a proximidade entre tela e papel para dar vida a uma história de denúncia social. Em *O Azul Indiferente do Céu* Shiko monta uma trama baseada em um poema de Jorge Luiz Borges encontrado com o presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Colômbia, quando assassinado em 1987. Misturando ficção à realidade, o resultado é uma história que expõe a violência já histórica na América Latina. Shiko o faz, no entanto, sem ser didático ou panfletário – e apenas os bons artistas conseguem criar com suas paletas sem estar em cima de um palanque.

O diálogo de Shiko com a contracultura brasileira também existe e *Talvez seja mentira* é a prova de tal fato. Expondo ainda mais o erotismo em seus quadrinhos, Shiko mostra na obra *Talvez seja mentira* inspirações que remontam a Carlos Zéfiro. As referências aos quadrinhos eróticos de Zéfiro, que ficaram famosos no meio underground do Brasil durante os anos 1970, vão da própria temática sexual ao formato – que lembra exatamente os "catecismos" e as *tijuana bibles* pornográficas. Essa obra erótica do desenhista paraibano conta com a colaboração do irmão, Bruno R., no que diz respeito ao roteiro – uma vez que foi baseada em dois contos do mesmo. E, apesar das homenagens e semelhanças com o trabalho de Zéfiro, *Talvez seja mentira* se mostra um ou dez passos à frente daquelas publicações em papel barato e traços toscos que satisfaziam os jovens curiosos em tempos árduos. Isso porque Shiko lança um desenho tão sofisticado quanto o acabamento do material onde ele assina. O formato da edição é 10 x 15 cm e suas páginas de papel cartão podem ser abertas

como numa espécie de “sanfona”, garantindo assim uma dinâmica de leitura inusitada e desafiante ao leitor. Desafiante e muitoprazerosa.

Em meio às cenas de sacanagem, o leitor se depara não com uma, mas na verdade duas histórias traçadas em paralelo – frente e verso das folhas. Ambas são arquitetadas para serem lidas de forma independente, mas, ao mesmo tempo, elas podem ser conectadas. Na primeira história, Shiko despeja uma boa dose de metalinguagem ao narrar as peripécias de uma moça que mantinha um diário secreto de suas escapadas sexuais, sem que o ex-namorado soubesse – tudo isso, ela relatava e documentava em seu querido diário em forma de quadrinhos. O livreto vem acompanhado de uma caixinha (*slipcase*) que lhe serve de capa, o que mostra um aprimoramento incrível em termos não apenas de conteúdo e estética gráfica, mas também de acabamento nos materiais da cena independente.

Considerações Finais

Erotismo, crítica social, política e religiosa, publicação independente, cenários, personagens e artistas que vivem à margem do convencional e do politicamente correto – tudo isso e muito mais é visto na vida e obra de Shiko. Não resta dúvidas de que o artista paraibano revisita e mantém viva a contracultura, tornando seu trabalho algo além de um legado de certo momento histórico, antes: o testemunho histórico do espírito criativo humano que resiste e subverte em todos os tempos e lugares.

Por meio de diversos elementos estéticos e narrativos próprios da contracultura foi possível ver o modo *underground* de fazer quadrinhos, de fazer arte, nas obras de Shiko. O paraibano, então, atua não apenas como um mantenedor de uma tradição marginal – o que por si só já soaria irônico. Shiko vai mais além, agregando, atualizando e, se preciso, até mesmo desconstruindo elementos da contracultura, da produção independente, deixando sua marca indelével em cada nova assinatura. Pois, ser marginal é acima de tudo inovar, renovar-se, estar vivo. Fazer arte... com a vida.

Referências

ADEODATO JUNIOR, Jorge Luiz. Histórias em quadrinhos como manifestação contracultural: análise, alcance e desdobramentos a partir dos anos 80 no Brasil. 2014. 51 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2014.

CRUMB, Robert. Minha Vida. São Paulo: Conrad, 2005.

GOFFMAN, Ken. Contracultura Através dos Tempos. São Paulo: Ediouro, 2007.

MAGALHÃES, Henrique. Indigestos e sedutores: o submundo dos quadrinhos marginais. Culturas Midiáticas: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, S.i, v. 2, n. 1, p.1-10, jan. 2009.

MOORE, Alan. Watchmen. São Paulo: Abril, 1999.

PEREIRA, Carlos Alberto M.. O que é contracultura. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ROBERT CRUMB, o Mestre do Underground | Pipoca e Nanquim #108. S.i.: Independente, 2012. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EiV84SE3zgs>. Acesso em: 01 set. 2015.

SHIKO. Lavagem. São Paulo: Mino, 2015.

SHIKO. Marginal. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

SHIKO. O Azul Indiferente do Céu. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

SHIKO. O Quinze. São Paulo: Ática, 2013.

SHIKO. Piteco - Ingá. Osasco: Panini, 2013.

SHIKO. Talvez seja mentira. S.i: Independente, 2014.

APROXIMAÇÕES DO PROCESSO METACOGNITIVO E O LETRAMENTO LITERÁRIO

Aldenice de Souza Araújo*

Mineias Alves Pinheiro de Araújo**

Mirtes Ribeiro Lira***[114]

Resumo:

Este estudo tem como objetivo demonstrar como é possível relacionar os elementos metacognitivos das etapas do letramento literário, tendo em vista que a metacognição permite ao sujeito se autoquestionar em relação às suas limitações seja na aprendizagem ou na elaboração de tarefas. Para Nunes e Nunes (2005), as etapas do letramento literário são consideradas raciocínio indutivo. A interpretação do texto literário permite que o aluno dialogue com os textos lidos e perceba o quanto a literatura o aproxima do mundo que o rodeia.

Palavras-chave: Literatura. Metacognição. Letramento literário.

Abstract:

This study aims to demonstrate how it is possible to relate the metacognitive elements of the stages of literary literacy, considering that metacognition allows the subject to autoquestionar regarding its limitations is in learning or development tasks. For Nunes and Nunes (2005), stages of literary literacy are considered inductive reasoning. The interpretation of literary text allows students to dialogue with the texts read and notice how much the literature approach the world around him.

Keywords: Literature. Metacognition. literary literacy.

* Universidade de Pernambuco. Recife-PE. Mestranda do Programa de Pós Graduação PROFLETRAS da UPE/Mata Norte. E-mail: souzaaldenice@gmail.com

**Universidade de Pernambuco. Recife-PE. Mestranda do Programa de Pós Graduação PROFLETRAS da UPE/Mata Norte. E-mail: mine.pinheiro2@gmail.com

***Universidade de Pernambuco. Recife-PE. Professora do Programa de Pós Graduação PROFLETRAS da UPE/Mata Norte. E-mail: mirtes.lira@upe.br

Introdução

Este trabalho é o resultado de um estudo para aproximar os elementos metacognitivos das etapas do letramento literário, tendo em vista que a metacognição permite ao sujeito se autoquestionar em relação às suas limitações seja na aprendizagem ou na elaboração de tarefas que requer uso do raciocínio para alcançar conhecimentos. Flavell (2007) se refere à metacognição como conhecimento do sujeito de seus próprios processos cognitivos. Esses processos cognitivos são ativados no momento em que o leitor dá sentido a um texto. Caso, nas aulas de literatura, haja dificuldade em executar uma boa compreensão textual o professor deve atuar tirando dúvidas do aluno em relação a termos que ele não consiga alcançar os significados ou palavras novas para o seu vocabulário.

O letramento literário é uma linha de pesquisa defendida por Cosson (2014) e orientada, por ele, através de etapas para aplicar em situações didáticas de leitura do texto literário. Nesta pesquisa, não realizamos a aplicação dessas etapas, pois o objetivo para este artigo não engloba a aplicabilidade do letramento literário, e sim quais os pontos de aproximação entre ele e a metacognição.

Além da investigação das teorias de metacognição e letramento literário, também elencamos a este estudo as teorias de aprendizagem e leitura, tendo em vista serem fatores primordiais para realização de leituras, seja literária ou de um gênero textual social.

O *corpus* de análisepara realização da pesquisa é o livro *Projeto Telaris* de Língua Portuguesa para o 6º ano do Ensino Fundamental e os textos ali inseridos no Capítulo I – “Causo/Conto” que serão utilizados na aplicação das etapas do letramento literário e análise dos métodos cognitivos para realização da leitura desses textos.

1 Letramento literário

Uma pessoa letrada é aquela que consegue fazer a leitura do mundo que está à sua volta. Ela lê os textos que compõem sua estrutura social e dá sentido a

eles, ou seja, consegue compreender qual a mensagem que cada texto oferece. Dessa forma é o letramento literário. Sendo que neste a pessoa não dará sentido apenas a qualquer texto, ela conseguirá apreender os sentidos dos textos literários.

Ao ler um poema, não será apenas o som dos fonemas que permitirão ao leitor perceber a sonoridade através das rimas no final dos versos, porque os recursos responsáveis pela sonoridade, além das rimas, também estarão entrelaçados no meio do texto seja em paralelismos, aliterações, assonâncias ou hiperônimos. Para a pessoa letrada dentro da perspectiva do literário, os romances não serão apenas leitura de entretenimento e sim fragmentos da sociedade que são apresentados de forma poética.

As aulas de literatura devem seguir os passos corretos para que o aluno consiga compartilhar e compreender os sentidos poéticos dos textos literários. Para aplicar o letramento Cosson (2014) nos leva a refletir a respeito de algumas etapas necessárias para realização da leitura. Tendo em vista não haver processo de letramento sem o domínio da leitura. Para iniciar o momento de leitura, é importante que o professor comece mostrando a capa do livro, falando do autor do texto, levantando hipóteses a respeito do mesmo. Para o autor supracitadoeste é o primeiro momento da leitura e o segundo é a decifração do texto, sendo este o reconhecimento das palavras. O terceiro momento da leitura é a interpretação do texto. É a compreensão dos sentidos propostos pelo texto e dado a este pelo seu leitor.

Como primeira análise, percebemos que os textos abordados no livro didático *Projeto Telaris* de Língua Portuguesa para o 6º ano do Ensino Fundamental, de acordo com as orientações ali contidas, são pretextos para abordagem da variação linguística. Tendo em vista tal objetivo presente no livro a compreensão textual não vai além de questionamentos óbvios.

Além dos processos de leitura, Cosson (2014) orienta que sejam aplicadas algumas estratégias para “o ensino da literatura”. Nessas estratégias, a participação do professor deve ser mais constante. Por isso, as aulas de literatura, para trabalhar tais estratégias, são divididas em três momentos: *motivação, introdução, leitura e interpretação*.

A análise do *corpus* tem como objetivo investigar de que forma as propostas inseridas no livro didático auxiliam o professor nas aulas de literatura para trabalhar o letramento literário. No primeiro momento, observamos que a *motivação* ali apresentada é a definição do gênero a ser lido – causo – assim como a sua origem.

> As primeiras contações de história eram transmitidas de uma geração a outra de forma ora, isto é, passavam de boca a boca.
> [...]
> Para prender a atenção do ouvinte até o fim da história, o causo sempre apresentará algum acontecimento engraçado, estranho ou incomum.
> Quando essas narrativas orais tornam-se escritas, recebem o nome de conto, mas mantêm certas marcas da oralidade, já que reproduzem na escrita características próprias da fala. (BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 2013, p. 18)

Há também alguns questionamentos em relação ao tema, "uma dentadura" usada pelo personagem central – o bisavô. E os questionamentos giram em torno de "o que é uma dentadura", se os alunos conhecem "alguém que usa dentadura" ou se sabem "onde as pessoas costumam guardar a dentadura", uma vez que o bisavô e a dentadura são os elementos principais que compõem o enredo, como segue abaixo:

O bisavô e a dentadura

Sylvia Orthof

Eu ouvi esta história de uma amiga, que disse que isso aconteceu, de verdade, em Montes Claros, Minas Gerais.

Para contar a história, é preciso imaginar uma velha fazenda antiga. Dentro da fazenda, uma vetusta (socorro, que palavrão!) mesa colonial, muito comprida, de jacarandá, naturalmente. Em volta da mesa, tudo que mineiro tem direito para um bom almoço: tutu, carne de porco, linguiça, feijão-tropeiro, torresminho, couve cortada bem fina... e eu nem posso descrever mais, porque já estou com excesso de peso, só de pensar: hum, que delícia!

A família era enorme e comia reunida, em volta da toalha bordada: pai, mãe, avó, avô, filhos, netos, sobrinhos, afilhados, a comadre que ficou viúva, a solteirona que era irmã da vó da Mariquinha... e o bisavô Arquimedes. O bisavô Arquimedes usava dentadura.

Naturalmente, cada integrante tinha à sua frente o seu saboroso prato de tutu, couve, torresmo, feijão-tropeiro, carninha de porco, linguiça, etc. e tal. E todos mastigavam e repetiam porque a fatura, ali, em Montes Claros, naquele tempo, era um espanto, de tanta! E cada um, evidentemente, tinha o seu copo. Pois os copos e o bisavô Arquimedes, diariamente, sofriam a seguinte brincadeira:

- Toninho, ocê vai beber desse copo aí, na sua frente? Olha que o bisavô deixou a dentadura dele de molho, bem no seu copo, Toninho, na noite passada!

- Num foi no meu, não: foi no copo da Maroca! O bisavô deixou a dentadura dentro

do copo da Maroquinha!

- Ó gente, num brinca assim que eu fico cum nojo, uai!

O velho bisavô Arquimedes ouvia, sorria, mostrando a dentadura.

Quando chegava o doce de leite, o queijinho, a goiabada e uma tal de sobremesa que tem o nome de "mineiro de botas", que tem queijo derretido, banana, cravo, sei lá mais que gostosuras, o pessoal comia, comia. E depois de comer tanto doce, a sede vinha forte, e a chateação começava, ou recomeçava, ou não terminava.

- Tia Santinha, não beba do copo da dentadura do bisavô, cuidado! Tenho certeza de que a dentadura ficou no seu copo, de molho, a noite inteira!

O bisavô ouvia e ia mastigando, o olhinho malicioso, nem te ligo para brincadeira, comendo a goiabadinha, o "mineiro de botas", o doce de leite, o queijinho... e mexendo a dentadura pra lá e pra cá, pois a gengiva era velha e a dentadura já estava sem apoio. Mas o bisavô tinha senso de humor... e falava pouco. O pessoal cochichava que ele era mais surdo do que uma porta. Bestagem, porque se existe coisa que não é surda, é porta: mesmo fechada, deixa passar cada coisa...

Um dia, de repente, o bisavô apareceu sem a dentadura. e como todos perguntaram para ele o que tinha havido, o velho Arquimedes sorriu, um sorriso banguela, dizendo:

- Ocês tavam perturbando demais, todos com nojo dela, resolvi não usar, uai!

Aí, a família ficou sem jeito, jurando que não iria falar mais da dentadura, que tudo fora brincadeira, que todos adoravam o velho Arquimedes, que ele desculpasse.

- Tá desculpado, num tem importância. Eu já tava me aborrecendo com a história, mas tão desculpados. Mas até que tô achando bom ficar banguela: vou comer tutu e sopa... e doce de leite mole, ora!

A família insistiu, pediu perdão, mas o bisavô botou fim à conversa, dizendo:

- Ocês num insistam. Resolvi e tá resolvido. O dia que eu deixar de resolver, boto a dentadura outra vez!

E passaram-se vários dias. Ninguém mais fazia a brincadeira do copo. De vez em quando, o bisavô lembrava:

- Tô sentindo falta...
- Da dentadura, bisavô?
- Não, da traquinagem de ocês... ninguém tá com nojo de beber água no copo, né?
- Ora, o senhor não deve levar a mal, foi molecagem, a gente não faz mais, pode usar a dentadura, bisavô.

Um dia, de repente, o bisavô voltou a usar a dentadura. Todos na mesa se cutucaram e começaram a rir, muito disfarçado, quando bebiam água, pensando... sem dizer, pois haviam prometido.

Depois da sobremesa, boca pedindo água depois de tanto doce caseiro, o velho Arquimedes disse:

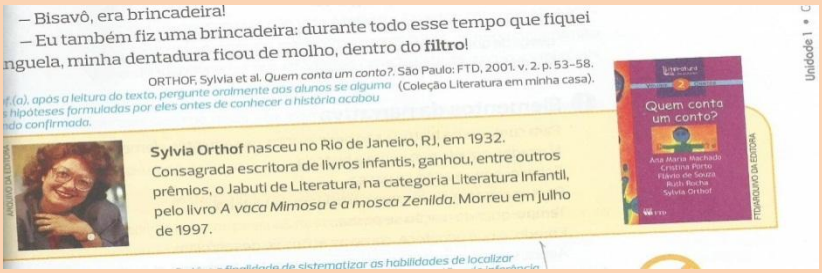
- Ocês tão bebendo tanta água, sem nojo...
- Bisavô, era brincadeira!
- Eu também fiz uma brincadeira: durante todo esse tempo que fiquei banguela, minha dentadura ficou de molho, dentro do **filtro**!

(BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 2013, pp.19 - 21)

Para Cosson (2014), se a *motivação* for bem trabalhada o aluno estará preparado para realizar a leitura do texto. Há uma preocupação dos autores do livro em relação à motivação, embora ela não tenha sido tão bem elaborada, porque ao final do texto, nas orientações do manual do professor, eles apresentam um questionamento em relação às hipóteses que os alunos possam ter formulado antes da realização da leitura: "Prof.(a), após a leitura do texto,

pergunte oralmente aos alunos se alguma das hipóteses formuladas por eles antes de conhecer a história acabou sendo confirmada." (BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 2013, p. 21).

O segundo momento do letramento literário, conforme orientação do autor (COSSON, 2014) é a *introdução* do texto. Antes de iniciar a leitura, na aula de literatura, o professor fala sobre o autor e a obra. No livro didático, a capa e algumas informações sobre o autor do causo, a capa do livro no qual o texto foi publicado, aparecem no final da leitura do texto:


— Bisavô, era brincadeira!
— Eu também fiz uma brincadeira: durante todo esse tempo que fiquei
nguela, minha dentadura ficou de molho, dentro do **filtro**!

ORTHOF, Sylvia et al. *Quem conta um conto?*. São Paulo: FTD, 2001. v. 2. p. 53-58. (Coleção Literatura em minha casa).

...(a), após a leitura do texto, pergunte oralmente aos alunos se alguma ... hipóteses formuladas por eles antes de conhecer a história acabou ...do confirmado.

Sylvia Orthof nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1932. Consagrada escritora de livros infantis, ganhou, entre outros prêmios, o Jabuti de Literatura, na categoria Literatura Infantil, pelo livro *A vaca Mimosa e a mosca Zenilda*. Morreu em julho de 1997.

Quem conta um conto?

Unidade 1

Após a *leitura* do texto, que é o terceiro momento, se dá início ao momento mais importante que é a *interpretação*. É neste momento que o professor deve construir junto com os alunos. Interpelando a respeito do que foi lido para que aconteça a "construção de sentido" e acima de tudo o partilhamento de sentidos. Mas é preciso:

> [...] compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente [...] por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto (COSSON, 2014, p. 66).

Ao compartilhar sua interpretação o aluno passa a confiar em sua percepção textual. Suas dificuldades podem ser também a de seus companheiros de sala, pois se em algum momento houve equívoco em sua forma de interpretar o texto literário o partilhamento com seus colegas o fará perceber que outros alunos também podem cometer os mesmos equívocos. Perceber que não é o

único a cometer erros de interpretação é o início para sua formação de sujeito e de sua autoconfiança.

2. Processo metacognitivo e o letramento literário

Para alguns estudiosos, a aprendizagem no ser humano acontece a partir de estímulos, isso está ligado às linhas de pesquisa da aprendizagem da criança, mas isso acontece tambémcom o adulto.

Flavell (1976) a respeito da metacognição a define como o conhecimento que as pessoas têm sobre seus próprios processos cognitivos e a habilidade de controlar esses processos, monitorando, organizando, e modificando-os para realizar objetivos concretos.

Além de pensar sobre o pensamento, a metacognição pode ser o repensar de nossos conhecimentos, onde podemos aprimorar muitas habilidades para estudar, aprender, e desenvolver o conhecimento onde iremos aprender a aprender.

O psicólogo Jhon Flavell (*apud*, LOCATELLI, 2014, p. 24) define metacognição como:

> [...] um conhecimento a respeito do seu próprio processo cognitivo e produtos ou qualquer coisa relacionada a eles [...] refere-se, entre outras coisas, ao orquestramento desses processos com relação a objetos cognitivos.

Sendo assim desenvolveremos a autonomia sobre o que estamos estudando e aprendendo, podendo discernir o que é necessário ou não para aquele momento de estudo. Na escola desenvolver a metacognição dos estudantes irá contribuir para que desenvolvam habilidades de estudo e conhecimento e possam aprender e refletir sobre o que aprenderam.

Dessa forma o estudante irá desenvolver autonomia sobre o gerenciamento dos seus estudos e buscará o conhecimento que for necessário para executar determinadas atividades como as de leitura e escrita, indo além do pensamento e podendo desenvolver o raciocínio.

Para oaprendizado da leitura literária a motivação é um processo gerador de atividade metacognitiva, porque vai despertar o novo olhar do aluno para o texto literário. Nesta linha de análise, Guimarães e Stoltz afirmam que (2008, p. 13) "[...] a aprendizagem não pode ser compreendida como resultado exclusivo da estimulação do meio externo, mas como consequência das estratégias usadas pelo próprio aprendiz para responder a esses estímulos". Nenhuma leitura pode ser feita de forma aleatória, por isso a motivação prepara o aluno para aceitação do texto, pois se ele "entrar no texto" sabendo quais os elementos devem ser retirados de sua leitura a compreensão e acima de tudo a interpretação textual ocorrerá o sucesso esperado pelo professor.

A compreensão textual também depende do conhecimento que o leitor leva para sua leitura. Por isso alguns autores apresentam em seus estudos a importância em ativar tais conhecimentos sejam eles: de mundo (aquele que a pessoa traz como resultado de suas experiências); enciclopédicos (os conhecimentos com seus significados) e linguísticos (as estruturas textuais em gênero ou linguagem) que irão influenciar na compreensão da leitura de um texto. Guimarães e Stoltz afirmam que:

> A mente humana constrói suas representações dos objetos de conhecimento a partir de um processo ativo de interação do sujeito com o meio em que as concepções prévias do aprendiz são reformuladas ao mesmo tempo em que reformulam o conhecimento sobre os objetos (2008, pp. 13-14).

São essas representações as chamadas: motivação e antecipação de leitura. O tema deve ser abordado fazendo referências a outros textos, dessa forma despertará o interesse do leitor e esse momento se tornará mais prazeroso. Martín e Marchesi (apud Guimarães e Stoltz, 2008, p. 14) enfatizam que:

> [...] o êxito de uma situação de aprendizagem decorre não apenas dos conhecimentos prévios do aprendiz ou do conjunto de suas habilidades, mas também do conhecimento e controle que ele possui sobre seus processos cognitivos.

O processo cognitivo está acontecendo quando o professor levanta questionamentos em relação ao tema abordado no texto. As perguntas podem aproximar o texto do cotidiano dos alunos. Esta estratégia é definida contextualizações e facilitam a interpretação textual. Essas contextualizações é

que podemos chamar de “consciência metacognitiva” que Guimarães e Stoltz definem como um processo que (2008, p. 15) “[...] capacita o sujeito a utilizar suas estratégias cognitivas de modo mais eficaz, podendo escolhê-las e regulá-las conforme sua necessidade.”.

As etapas do letramento literário estão ligadas ao sentido de metacognição levando em consideração a seguinte afirmativa “[...] a dimensão reguladora da metacognição exige a participação ativa do individuo em três momentos distintos do processo: antes (planejamento), durante (controle) e depois (avaliação).”. (GUIMARÃES e STOLTZ, 2008, pp. 22-23). Definiremos estes momentos relacionando-os às etapas do letramento literário: *antes* está ligado à motivação; *durante* é o momento de antecipação e decifração; *depois* é a interpretação do texto.

A metacognição está relacionada ao letramento literário tendo em vista a definição feita por Fávero: “[...] o termo é empregado para designar o conhecimento que o sujeito possui sobre seus próprios processos de pensamento e sobre o dos outros [...]”. (2008, p. 324). Esse processo de pensamento pode ser apontado como as inferências realizadas pelo leitor em suas leituras literárias.

As etapas do letramento literário na obra de Cosson (2014): antecipação da obra, motivação para realização da leitura, leitura e interpretação estão em paralelo com as funções a respeito da regulação metacognitiva, apontadas por Fávero (2008,p. 325):

> (1) O planejamento a ser empreendido que pode ser atribuído à etapa da antecipação da obra quando o professor apresenta ao aluno o que será lido, quem é o autor, a capa do livro, a quantidade de páginas e o título da obra. Também podemos incluir a motivação que é acompanhada tanto por questionamentos a respeito do que será lido quanto à apresentação de outros textos paralelos à obra em questão.
> (2) O controle ou (monitoramento) das atividades em desenvolvimento que pode podem ser comparado às etapas de leitura que devem ser monitoradas pelo professor para que as dúvidas e/ou dificuldades encontradas pelos alunos em relação à obra sejam resolvidas.
> (3) “A verificação dos resultados em função dos critérios de eficiência ou eficácia.”. Este é o momento da interpretação da obra, da interpelação feita pelo professor para verificar como

> a obra foi compreendida e detectar os pontos falhos que possam ter ocorrido durante a atividade leitora.

Fávero (2008), concordando com Allal e Saada–Robert (1992), afirma que:

> [...] o próprio conceito de metacognição se enriquece e se valoriza como instrumento de promoção do desenvolvimento psicológico humano, e isso porque: 1/ as regulações desempenham um papel importante na ultrapassagem das estruturas, ou seja, na possibilidade de o sujeito construir novos observáveis sobre os objetos, isto é, de tomar consciência e de identificar as lacunas, perturbações ou contradições possíveis (p. 330).

Na antecipação e na motivação da leitura de um texto o aluno constrói esses "novos observáveis" a respeito do que está sendo apresentado. Essa etapa pode também ser designada dentro da definição do raciocínio indutivo que no estudo da metacognição vai apresentar esse tipo de raciocínio da seguinte forma:

> [...] processo pelo qual conexões entre fatos são estabelecidas, possibilitando generalizações a partir delas. A articulação dos fatos é importante para criar novas ideias, levantar novas hipóteses e propor novas teorias a serem testadas (DAVIS, R. NUNES e A. NUNES, 2005, p. 208).

Mas a etapa de interpretação que compõe o processo do letramento literário pode estar inserida no conceito de "resolução de problemas", ou seja, ao se deparar com a leitura de uma obra literária e questionar a respeito do mundo que o cerca, será necessário que o aluno use estratégias para conseguir tal compreensão. Para os autores Nunes e Nunes (2005, p. 213).

> Resolver problemas requer o uso de estratégias, reflexões e tomadas de decisão, a respeito dos passos a serem seguidos, que não são solicitadas pelos exercícios. Envolve raciocinar percorrendo diferentes etapas as quais vão desde a identificação do problema, de sua natureza e da melhor forma de representá-lo mentalmente, passando pela construção de estratégias, pela organização das informações disponíveis [...].

As contextualizações sugeridas para auxiliar a interpretação do texto literário permite que o aluno dialogue com os textos lidos e perceba o quanto a literatura o aproxima do mundo que o rodeia. Através da obra literária o aluno

pode raciocinar em relação aos assuntos que abordam temas de história – época em que a obra foi escrita; teórica – as fundamentações que permitem ao autor levantar determinados questionamentos em sua obra além de aproximar o tema ali presente do seu cotidiano. Dessa forma, o aluno estará "organizando as informações disponíveis" no texto literário para dialogar com a sua comunidade – escolar ou familiar.

Considerações Finais

A compreensão de um texto literário exigirá do leitor organizar as informações ali presentes. Mas será que as estratégias metacognitivas estão presentes no planejamento didático das aulas de Língua Portuguesa permitindo ao aluno raciocinar corretamente e compreender a leitura dos textos sugeridos? Para obter um resultado positivo nessa compreensão da leitura em relação à percepção dos elementos importantes Nunes e Nunes (2005, p. 114) afirmam que devem ser levados em consideração em uma situação de aprendizagem, e acrescentam que "[...] é preciso que o sujeito construa um pensamento flexível: perceba novas relações, descarte elementos que a princípio pareciam relevantes, mude sua representação mental do problema [...]". Podemos, portanto, compreender que a metacognição é um ponto fundamental na construção do saber através das etapas de leitura propostas para aplicação do letramento literário no Ensino Fundamental.

Entenda-se por construção do saber o conhecimento metacognitivo no qual o aluno, com o apoio do professor de língua portuguesa, estará realizando as leituras dos textos literários, socializando a compreensão destes textos e interpretando-os de acordo com os fatores responsáveis pela compreensão de seus próprios limites na aprendizagem. Essa compreensão é definida por Silva (2014, p. 49) como variável indivíduo que "[...] diz respeito ao que o sujeito acredita sobre a natureza de si mesmo e de outras pessoas como processadores cognitivos [...]".

A importância de levar para a sala de aula os conhecimentos metacognitivos e saber estimulá-los é defendida por Sagianni (2012, p. 1) ao afirmar que:

> Embora desenvolver a metacognição seja o objetivo de toda a educação escolar, isto é, fazer com que os alunos planejem suas ações futuras com base nos conhecimentos adquiridos e que possam identificar suas próprias dificuldades e procurar métodos mais eficazes para superar essas dificuldades, a metacognição nem sempre é desenvolvida/ensinada nas salas de aulas. É importante entender que isso não significa que existam pessoas sem metacognição, o que estou dizendo é que ela deve ser treinada para que seja desenvolvida e aperfeiçoada e a escola tem um papel fundamental de proporcionar esse treino.

Desenvolvemos esta pesquisa, porque acreditamos que a metacognição é um dos fatores, e se não o fator, mais importante para que a escola possa trabalhar o letramento literário no intuito de formar alunos letrados e leitores. Os professores já dispõem de material suficiente para realização de leituras – os textos presentes no livro didático – o que falta a partir de então é saber conduzir os processos de leitura, compreensão e interpretação dos textos literários. Como diz Candido (1985), a literatura é um bem que não pode faltar à vida do ser humano.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade:* estudos da teoria e história literária. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1985.

COSSON, Rildo. *Letramento literário:* teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

DAVIS, Claudia; R. NUNES, Marina M. e A. NUNES, Cesar A. *Metacognição e sucesso escolar:* articulando teoria e prática. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, p. 205-230, maio/ago. 2005.

FÁVERO, M. H.. *As funções das regulações cognitivas e metacognitivas na prática das atividades complexas do adulto*: questões e propostas para um ensaio conclusivo.. In: Sandra regina Kirchner Guimarães; Tania Stoltz. (Org.). Tomada de consciência e conhecimento metacognitivo. 22 ed.Curutiba: Editora UFPR, 2008, v. 126, p. 321-348.

GUIMARAES, Sandra Regina Kirchner e STOLTZ, Tania (orgs.). *Tomada de consciência e conhecimento metacognitivo*. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

SARGIANI, Renan. *Metacognição:* implicações para a educação. 2012. Disponível em: http://www.psicologiaexplica.com.br/metacognicao-implicacoes-para-a-educacao acesso em 14 de jun. 2016.

SILVA, Silas Ferraz. *Compreensão da leitura:* Sob a lente da Metacognição. Curitiba: Editora Appris, 2014.

AS MULHERES NO CANGAÇO

Cátia Josefa de Souza[115]

Enos André de Farias[116]

Resumo:
Este trabalho tem como objetivo discutir e entender a participação da figura feminina no cangaço brasileiro. O que levou essas mulheres a saírem de seus lares seguros para enfrentar uma vida de perigo? Questionamentos como esses propõem entender a sociedade tradicional do século XX. Busca-se observar a figura das mulheres cangaceiras analisando suas histórias, seus perfis sociais e como adentraram aos bandos: de forma forçadas ou se tinham paixões. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica delimitando ao contexto gênero, construindo uma base teórica para alicerçar seu desenvolvido a partir do olhar de autores que discutem a temática, entre os quais FACÓ (1965), ALBUQUERQUE JR (2009), CHANDLER (1981), FURTADO (1959), MACIEL (2011), LUSTOSA (2011), WALKER (1999) e SOUZA (2007).

Palavras-chave: Mulher; Gênero; Cangaço; Nordeste.

Abstract:

This paper aims to discuss and understand the participation of the female figure in the Brazilian highwaymen. What led these women to leave their safe homes to face a life of danger? Questions like these proposes understand the traditional society of the twentieth century. Search observe the figure of women cangaceiras analyzing their stories, their social profiles and as entered in droves, if forced way or had passions. The methodology used was literature review delimiting gender context, building a theoretical basis to substantiate their developed from the look of authors who discuss the topic, including FACO (1965) ALBUQUERQUE JR (2009), Chandler (1981), FURTADO (1959), Maciel (2011), LUSTOSA (2011), Walker (1999) and Souza (2007).

Keywords: Women; Genre; highwaymen; Northeast.

Introdução

[115] Graduada em História pela UPE/Campus Petrolina. E-mail: catia.jo@hotmail.com. Contato: 87.99927.7119

[116] Graduado em História pela UPE/Campus Petrolina. Discente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA – UNEB/DCH III/Juazeiro. E-mail: andredefarias@hotmail.com. Contato: 87.98806.4981

Desde muito cedo as mulheres têm seu papel formado na sociedade. Diferentemente do que se imaginam, no Sertão Nordestino algumas dessas mulheres mostraram que era possível trocar os afazeres domésticos pelo fuzil. Foram elas as cangaceiras que viraram mito na caatinga, e insatisfação para a sociedade que na década de 1930 prezava pelas tradições conservadoras. Maria Bonita, conhecida como a primeira mulher a entrar no cangaço, foi a precursora do movimento feminino no cangaço, permitindo que outras mulheres entrassem cada uma a sua maneira, pois muitas delas foram obrigadas e de forma violenta a permanecer neste espaço; já outras entraram pelo simples fato de viver um grande amor e querer seguir seus companheiros.

No século XX, o Nordeste vivia suas contradições. Por atos de dominação, os sertanejos eram obrigados a viverem em rédeas curtas, pois eram os coronéis que mandavam e desmandavam. A política de dominação que existia enfraquecia o estado, as pessoas viviam na pobreza sem ter quem os representasse diante destes aliados dominadores. Eram perseguidos e assombrados pelas chantagens. Esses pobres sertanejos viviam da esperança de um ano bom e chuvoso para que pudessem plantar e criar os animais. Era o que os mantinha de pé devida às injustiças que lhes aconteciam.

O cenário agreste castigava o homem, a falta de chuva fazia com que eles tomassem decisões que os colocariam à prova de tudo que tinha vivido no Sertão. Imigrar para outros estados em busca de melhoria de vida era a única maneira de sobrevivência. Com todo esse advento em torno dele, o sertanejo tomou atitudes que para muitos eram precipitação: ele se rebela diante da dominação que os coronéis tinham sobre eles. Nasce, então, da revolta, o cangaceiro, que há muito tempo passou por humilhação e desamparo por conta dos governantes locais. Eles se apoderam de armas, saqueiam, abusam de mulheres, chantageiam coronéis, fogem dos Macacos (volantes) e se escondem na Caatinga. Vilões ou mocinhos? Ao certo não se sabe, há muitas contradições no que se originou a formação deste movimento dos cangaceiros. O bando daquele que ficaria conhecido como “o Rei do Cangaço” surge nessa época.

Virgulino Ferreira da Silva, vulgo “Lampião”, que, por revolta, decide ingressar no cangaço, mais tarde viria a se tornar o maior facínora/herói popular da história nordestina. Seu bando era composto só por homens, até conhecer Maria Bonita. Lampião quebra umas das mais importantes regras para

um bando de cangaceiro: a inserção de mulheres ao bando. Maria Bonita e muitas outras mulheres transformaram esse mundo, quebraram os estereótipos de que mulher só serve para cuidar da casa e da família.

Discutir a inserção das mulheres no Cangaço é uma forma de buscar na história as discussões de gênero. Mulheres empunhando armas à época era algo incomum. A discussão de gênero nesse caso nos remota às questões feministas e suas lutas em todo o mundo. Mulheres que poderiam ser casadas, solteiras, ricas ou pobres, mas que lutavam por reconhecimento, por mais direito.

1 A construção do Nordeste

Albuquerque JR (2009) retrata como é a visão do Nordeste através do olhar de outra pessoa; lugar seco, pobre, o povo sofrido, e que depende da "boa vontade" do governo. Esse é o retrato do Nordeste, segundo a visão do outro capturando sempre a fragilidade do povo simples, povo esse responsável por toda uma construção cultural.

> Tentar superar estes discursos, estes estereótipos imagéticos e discursivos a cerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este nordeste e estes nordestinos. Pois tanto o descriminado como o discriminador são produtos de efeitos de verdade, emersos de uma luta e mostram os rastros dela. (ALBUQUERQUE JR.2009, p.21).

Com a chegada dos portugueses no Brasil, Em 1500, o Nordeste foi a primeira região do País a ser ocupada, assim como sua costa foi também a primeira área a ser explorada. Os interesses de Portugal, no sentido de explorar os recursos naturais brasileiros, fizeram com que o território fosse dividido, então, em capitanias e sesmarias.

O povoamento se iniciou no século XVI, com a colonização do litoral e as entradas e migrações pastoris para os sertões. Foi preciso explorar e conhecer o que para eles era descobrimento, assim imigraram para as regiões de norte a sul do Brasil, inventando Sertões e popularizando-os.

Segundo Araújo (2000, p.79) "a palavra "Sertão" é portuguesa, aponta para algo como "interior", longe do litoral marítimo". Tudo que era longe, vasto se tornava sertão, maneira como os portugueses adentravam nas terras brasileiras de onde nascia o mistério, a curiosidade pelo povo nordestino, mas

também vale salientar que os colonizadores portugueses aproveitavam da boa vontade do povo para explorá-los.

> O sertão também e definido como um lugar ocupado por povos diferentes, exóticos, qualificando-se como a moradas dos "outros". Um espaço com habitantes, a diferença é, assim, paisagística, mas, sobretudo, cultural (MORAES, 2009.p.94)

Durante todo período de colonização, cidadãos portugueses foram transportados, influenciando não só a sociedade que viria a se formar, como também as culturas dos povos que já existiam. Sua influência cultural existe até os dias de hoje: as danças, culinária, cantigas, festas, roupas até a linguagem europeia foi transplantada nesses sertões.

1.1 O Coronelismo

O coronelismo foi um sistema de poder político em um período de dominação por parte dos mesmos. O poder era concentrado nas mãos dos fazendeiros, latifundiários proprietários. Eram senhores de engenho poderosos responsáveis por grande participação na política do Brasil. O coronel era figura poderosa e a sua maior influência era sobre as pessoas.

> O coronelismo é, sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder publico, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores das terras. (LEAL, 1947, p.20).

O poder do coronel dominava as áreas mais carentes destas regiões. O domínio que tinha sobre as pessoas fazia com que as mesmas os respeitassem e seguissem suas leis. Era na área rural onde o coronel expunha todo o seu interesse pelo povo, mas esse interesse era uma troca de favores e não obra de bons samaritanos. Fazenda, engenhos, instância e cidades interioranas eram o cenário em que se promovia o coronelismo, pois era no mundo rural brasileiro onde tudo acontecia, e se permitia com força bruta.

> São homens para quem mulheres e filhas não passavam de empregadas, que tinha o poder sobre a alma e sobre o corpo de seus agregados, podendo surrá-los, mutilá-los, ou matá-los quando bem queriam, determinando a vida de todos a sua volta. (ALBURQUEQUE JR, 1999, p.202. IN: GALVAO, 2012, p.6-7).

1.2 Virgulino Ferreira e o Cangaço

Depois da morte do patriarca da família o senhor Ferreira, Virgulino se junta ao bando de cangaceiro do senhor Pereira junto com seus irmãos.

Virgulino já era conhecido por ser um “cabra valente” e trabalhador quando ainda morava com seus pais. Tornou-se o homem de confiança do capitão Senhor Pereira. O que se sabe é que a vida no cangaço mudou muitas coisas em sua vida, inclusive seu nome, de Virgulino passou a ser chamado de Lampião. Conta-se que em um confronto com a polícia, Virgulino deu tantos tiros com muita rapidez que o cano de sua espingarda se encandeou fazendo com que sua luz parecesse com a de um lampião.

Lampião ganhou fama, adquiriu mais experiência, conquistou amigos e inimigos. Tirava dinheiro de fazendeiros e políticos. Transformou policiais corruptos em seus aliados para adquirir munição. Seu espaço foi sendo conquistado fazendo com que se tornasse um dos homens mais procurados pela polícia. Matar lampião se tornou uma questão de honra, e ele sabia quem eram seus amigos e quem não era

> Lampião pagava bem ao que serviam e era implacável contra os que recusavam ajuda-lo. Se pedia alguma coisa emprestada, podia ter certeza que devolveria. Desejava ser conhecido como um homem de palavra. (LUSTOSA, 2011, p.17).

Lampião atuava no bando de senhor Pereira, mas logo forma seu bando. Muitos homens se juntaram a Lampião. Era um meio de vida que chamava a atenção de muita gente.Muitos dos nomes se perderam em esquecimento, pois quem entrava para o cangaço recebia outro nome.

Segundo Lustosa, “quem entrava no bando recebia logo um apelido dado por Lampião, que preferia nomes tirados de lugares, pássaros, como; Quixadá, Sabiá, jararaca, corisco” (2011, p.18).

2 Perspectiva Histórica

No Sertão nordestino, o poder estava nas mãos dos Coronéis, onde seu direito e a força os tornavam dominadores dos sertanejos da região. Assim gerava uma instabilidade na estrutura social e no comportamento dessas pessoas. A padronização na sociedade era uma regra moral. A sociedade pedia e as pessoas obedeciam. Não importando a classe social, a única diferença era que as mulheres ricas ou pobres tinham suas padronizações e normatizações. A mulher era vista como a responsável pelo pecado do homem, desejo reprimido que leva o homem ao pecado. A entrada de mulheres no cangaço teve toda essa insatisfação por parte de outros cangaceiros e outros chefes de bandos. É fácil

imaginar como outra pessoa que não pertencia a nenhum movimento falava ou se referia a essas cangaceiras.

> A entrada de Maria bonita no universo cangaceiro até então masculinos é tido como preâmbulo para outras mulheres. Dadá, Dulce, Rosinha, síla, Adília, Adelaide, Enedina, Maria Fernandes, Áurea, Maria Cardoso, Lidia, Florência, Otília, Maria Jovina, Gertrudes, Durvalina, Lionilda, Lili, Sabina, Mariquinha, Ana, Nenê, Antonia Maria, Maria de Azulão, Inacinha, Eufrosina, Maria Isidoro, Laura, Cristina, Sebastiana, entre outras. A primeira vista nos parece apenas uma seqüência aleatória de nomes femininos, mas todas elas tiveram suas existências marcadas por suas trajetórias junto ao movimento denominado Cangaço. (SANTOS, 2005, p.11).

2.1 A Presença da Mulher no Cangaço: Discussão de Gênero

O cangaço não é fruto de alguns indivíduos que apenas escolheram banditismo. A violência é bem mais que isso. Ela surge de uma realidade cultural complexa e de uma realidade social cheias de contradições. Nasce de um sistema econômico e político privilegiado em pequenos centros autônomos dominados pela figura do coronel nordestino.[117] O cangaço transformou a vida dessas pessoas que decidiram entrar no movimento para mudar de vida, ser uma nova pessoa. E de uma hora pra outra a muher sertaneja se vê ali enclausurada, arrependida, feliz? Eram difíceis suas vidas, Criar os filhos e ajudar na casa e na roça transformou sua mocidade em um rosto enrugado, transformada pelo tempo e pela labuta do dia a dia.

Seja no Nordeste ou em qualquer lugar do mundo, o esforço da mulher pobre virá sempre com as marcas do tempo. Seu envelhecimento precoce vai lhes mostrar a sua realidade de vida.

Muito se discute hoje sobre gênero. As questões de poder e até mesmo a política foram uns dos fatores que fundamentaram essas separações entre o homem e a mulher. O home, símbolo do forte, o pai de família exemplar; a mulher, sexo frágil, delicada, a mãe dedicada aos filhos, à família. Segundo Perrot "na história e no presente, a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres." (1988, p.184).

> O termo "gênero" torna-se antes, uma maneira de indicar "construções culturais" a criação inteiramente social de idéias sobre papeis adequados aos homens e as mulheres. Trata-se de uma forma de referir as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. (SCOTT, 1995. p.75. IN: ARAUJO, 2005.p.42,43).

[117] Documentário "A mulher no Cangaço", 1976 Globo Reporte (TV Globo) com narração de Sergio Chapellin, e pesquisa de Carlos Alberto Rolfsen.

Como cidadã, a mulher sempre ficou em segundo plano na sociedade. Distraída com seus afazeres domésticos, a sua vida privada estava presa em um muro que a sociedade burguesa construiu para que não houvesse nenhuma ruptura de relação de poder. Segundo Roiz "durante muito tempo as mulheres, e a escrita de sua história, foi um tema opaco e sem sentido" (2008, p.1).

Bastava só o reconhecimento da mulher. Sua história pouco se contava, ou nada se ouvia. Teve mulher que se entreteve como uma simples dona-de-casa, mas teve aquela mulher que sentiu a necessidade de existir de se expor, assim ela confrontou a sociedade que tanto a esquecia. Michelle Perrot foi uma das precursoras que estudou as questões de gênero, abrindo as portas aos estudos sobre as mulheres e suas lutas, dando-lhes reconhecimentos como indivíduos.

Até a mulher perceber que era capaz de exercer funções que os homens exerciam, ela enfrentou obstáculos quanto ao preconceito. Assim as mulheres despertam o seu olhar e descobriu que era mais útil fora de casa do que dentro dela. E é na França que começam a se formar os primeiros movimentos sociais a favor dos direitos das mulheres.

> O movimento Feminista surge com intenção de romper com a ordem patriarcal, denunciando a desigualdade entre homens e mulheres e buscando os direitos igualitários e mais humanos para as mulheres. (SILVA, MIRANDA, 2002. IN: OLIVEIRA, CASSAB, 2014, p.2).

Romper com as tradições postas pela sociedade chocou o mundo. O conhecimento, o interesse político, a ousadia que despertou nas mulheres foram gritos de independência e um marco na história. O mundo evoluiu junto com as mulheres. Elas mostraram o quanto foi poderosa sua astúcia, quebrando o preconceito e a opressão que as dominavam.

2.2 A Imagem da Mulher Cangaceira

Em uma entrevista a Mello (2010), o cinegrafista Benjamin Abrahão pergunta como Maria Bonita entrou no Cangaço.Ea diz : "Fui porque quis e porque admirava Lampião.[118]

Essa fala desconstrói o lado negativo da iserção das mulheres no cangaço, a de que eram sequestradas, levadas de suas famílias. Isso é verdade, mas as mulheres também tiveram muitos motivos para reclamar. Elas tiveram força

[118] Entrevista ao historiador Frederico Pernambucano de Mello, autor do livro "Estrelas de couro: a estética do cangaço" para o jornalista Francisco José, Globo News (TV Globo) Brasil, 2010.

para enfrentar uma vida nova, aprenderam a se defender e ajudar o mundo a evoluir com suas ações.

Foram por motivos como esses que mulheres como Maria Bonita construíram um reconhecimento como cidadã com os mesmos direitos que os homens. Era final do século XIX, a início do século XX e ser cangaceira era uma afronta a sociedade que conservava os valores familiares.

> A incorporação de mulheres ao banditismo se deu por volta de 1930, com a entrada de Maria Bonita ao bando de lampião. Esse acontecimento pode ser considerado umas das peculiaridades do bando liderado por esse cangaceiro. As entradas de mulheres ao cangaço suscitam diversas indagações que busca compreender quais seriam os reais motivos que levaram a seguir este estilo de vida? Quais os papeis desempenhados por estas no bando? E quais estereótipos foram criados em torno dessas cangaceira. (SOUZA, LIMA, 2013.p.4)

As mulheres desempenhavam o papel de mãe, esposa, dona de casa. O seu mundo era sua casa e seus afazeres domésticos.

> Nascer mulher era nascer carregando toda uma bagagem ideológica e ao mesmo tempo impostas por uma sociedade falocêntrica, em que em nome do poder masculino, ignorava a capacidade produtiva da mulher no setor econômico e social, impedindo com que a mesma seja observada a parti da sua própria ótica, designada este papel a responsabilidade masculina. (SOUZA, LIMA, 2013, p.4).

Conseguir ir contra as leis que dominavam essas mulheres era um trabalho grande, pois o homem era sempre acostumado a levar a família nas costas e de uma hora para outra se rebela aquela figura doce, dedicada, mãe de seus filhos ; desperta a mulher que tanto foi inferiorizada, como escreve Michelet “As mulheres! Que potencia!” (1988, p.173). Elas mostraram que tinham potencialidade. As mulheres se movimentaram e formaram grupos de reivindicações, pararam as ruas, mostraram que mulheres também vestem calça. O padrão já não era o mesmo ; as forças feministas ganhavam pode.

> É importante ressaltar que essas mulheres não lutavam por uma causa, e que estavam ali, em alguns casos, por opção e porque desejava aquela experiência de vida; outras porque foram incorporadas a força. Notamos que apesar de toda a adversidade do meio e da violência que estava exposta, essas mulheres se preocupava com o embelezamento e com a representação de sua imagem. (FREITAS, 2005, p.219).

Foram companheiras, ocuparam o lugar dos homens nas horas necessárias e transformaram expectativas em realidade. Para Saraiva (2005), “há indícios de que participavam de invasão de povoados e cidades, quanto à prática de violência, não há referências” (p.219).

3 Algumas Mulheres (Cangaceiras)

3.1 Maria Bonita

O nordeste brasileiro foi o cenário onde muitas das "Marias" fizeram parte do cangaço. O fascínio era o mistério, e o medo era o desespero de muitas mulheres, pois a figura cangaceira masculina as assombrava. Em 1920, no Cangaço não era permitido o ingresso de mulheres, mas Lampião mudou os padrões exigidos aos cangaceiros. Maria Bonita viveu toda sua vida nesse cenário agreste. Filha de humildes sertanejos, morava em uma casa pequena de taipa. Era simples a vida que levava. Apesar da seca que castigava os sertanejos, era possível viver bem com o pouco que se tinha. A criação de bode era uma fonte de renda na época. O plantio de feijão, milho e outros eram suas fontes sustentáveis. Como todo patriarca de família, seu pai era um homem rude. Suas filhas eram sempre mantidas dentro de casa, ocupadas nos afazeres domésticos.

> Em meio ao sonhos e devaneios e suspiro de adolescentes casa-se aos 15 anos como forma de mudar de vida, saindo dos limites da forma de proibições paterna que não lhe permitia vaidade feminina como usar um pó de arroz comprados na feira de Jeremoabo, município próximo a fazenda onde cresceu. (SILVA,2011p.5).

Em suas andanças, fugindo e se escondendo com ajuda de seus amigos coiteiros, Lampião precisava de uma nova alpercata. Indo direto ao sapateiro que morava na cidade de Santa Brígida, na Bahia, encontra o senhor por nome de Jose de Neném, casado com dona Maria Gomes de Oliveira, conhecida pela vizinhança como Maria de Neném.

Segundo Chandler "Foi à mãe de Maria que contou a Lampião que sua filha tinha uma grande admiração por ele". (1981, p.177).

O sentimento de lampião por Maria não foi diferente. Sabendo do apreço dela por sua pessoa, ele a levou embora quando saiu da cidade com seu bando. Era o ano de 1930 ou início 1931 quando Maria entra para o bando de Lampião.

Depois que lampião levou Maria para o cangaço, ela não só era a mulher do capitão. Ela era Maria Bonita, a rainha do cangaço. Sua vida muda completamente. O sossego de antes não mais existia, pois, como Lampião, Maria bonita também era uma mulher procurada pela polícia. Sabendo que não existia mais lugar seguro, Maria Bonita procurou aprender a se defender e a

lutar como homem, como afirma Silva “até em tão as mulheres só portavam armas de calibre 32” (2011, p.7).

4.2 Dadá

A entrada de outras mulheres no cangaço se deu graças a Maria Bonita, nos anos de 1929 a 1930, sendo ela pioneira disso. Não aceitando no início a opinião do capitão Lampião, os outros cangaceiros viram que poderia também desfrutar de um amor e ter uma companheira.

Muito se fala o que motivou a incorporação feminina no cangaço, sequestros, vinganças, fugas de namorados, mas seus verdadeiros fatos são desconhecidos. O que se sabe é que muitas dessas histórias são contadas por quem sobreviveram e por suas famílias que fizeram dessas memórias relatos que contribuíssem para a História das mulheres cangaceiras.

Aconteceram muitos estupros, as famílias temiam aos cangaceiros escondiam suas filhas, e em outros casos quando o pai tinha alguma coisa a dever aos cangaceiros levavam suas filhas como vingança ou forma de pagamento. Em outros casos a inserção para muitas outras mulheres foi um refúgio para se livrar dos trabalhos pesados, da vida sofrida que levavam no sertão, outras sonhavam em viver um amor bandido com aventuras, tendo uma vida privilegiada por viver ao lado de um homem temido pela sociedade.

> Quando se trata a respeito da incorporação do ser feminino no banditismo social, encontramos dois tipos de interpretações: o ingresso voluntario, como foi o caso de Maria bonita, Dulce, Cristina, e Inacinha; e a entrada através da violência, os raptos baseados em muitas vezes pelo uso do terror e da repressão. Sendo impedido do convívio entre seus familiares, correndo riscos de vingança caso desobedece ao que foi imposto. Entre as que foram raptadas podemos citar: Sila, Dadá e Lídia. Além dessas interpretações algumas mulheres entraram por motivos circunstanciais, como foi o caso da cangaceira Enedina, que aderiu ao bando para acompanhar o marido que estava fugindo das volantes, enxergando dessa forma o cangaço como um local de refúgio e proteção. (LIMA, 2013.p.3).

4.3 Adília

Diferente de Dadá, Maria Adília não foi sequestrada, e nem motivada a entrar no cangaço por motivo de vingança de algum cangaceiro, ela menina namorava com Bernardino que mais tarde viria se chamar de Canário, seus pais não aprovavam o namoro dos filhos, assim Bernardino propõem a Maria Adília:

> Nos dois quase pequenos comecemos a namorar meus pais não queriam, e o os pais dele não queria. Ele me falou que ia pro sul, ai ele perguntou se eu ia pro sul e com dois anos ele vinha me buscar. Ai eu disse: se você for pro inferno e vier me buscar eu vou, quanto mais pro sul (...) pensando outra coisa ai, não era pro sul, era pro cangaço, era pro inferno. (ADÌLIA, 2002. IN: SANTOS, 2007, p.142, 143).

Maria Adília não se destacou muito, não foi umas das cangaceiras mais famosas, mas sua resistência dentro do movimento a tornou cangaceira, foi atrevida e fez com que ela mostrasse que no seu tempo, onde as mulheres eram simples donas de casa, também desafiasse as ordens de seu pai para viver livre conforme sua vontade. Adília viveu apenas dois anos com Canário no cangaço, estava ela grávida quando o seu primo-irmão o matou, temendo sua vida, e agora sem o seu o companheiro Adília se entrega as Volantes.

4.5 Sila

Ilda Ribeiro de Souza nasceu em 26 de Outubro de 1919 na fazenda Recuso na cidade de poço redondo em Sergipe. Mais conhecida como Sila, era órfã de pai e mãe desde pequena, foi criada pelos os irmãos mais velhos. Apesar de crescer sem o pai e a mãe Sila foi uma criança feliz, ela brincou de boneca, costumava se juntar com os amigos e brincarem juntas, Sila teve uma infância feliz apesar das dificuldades que passava no Nordeste.

Naquele ano em diante já se conhecia ou falava sobre os cangaceiros que assombrava muita gente, e Sila já na sua mocidade aos 14 anos se escondia com medo dos cangaceiros vim lhe pegar.

> Meu tio pegou todas nos, eu e minhas primas, e trancou dentro de um quarto. Assim, a gente não via lampião, nem ele via a gente, mas eu olhar debaixo da porta, e vi a alpercata dele. (SILA, 1997 IN: SARAIVA 2005, p.172).

Sila estava na casa de sua tia quando Zé sereno a viu pela primeira vez, de imediato o cangaceiro se apaixona por Sila, e disse que no período de oito dias viria lhe buscar, Sila ficou apavorada e junto de sua família pensou várias possibilidades de sair, de fugir desse sequestro, mas Sila tentar em fazer algo assim estaria pondo em risco sua família, não teve jeito a não ser se conformar com o que estaria por vim daqui pra frente, evitando um derramamento de sangue. Afirma Saraiva “para não deixá-la sozinha com o cangaceiro seus

irmãos Gumerncido, Antonio e Humberto decidiram entrar no cangaço" (2005, p.173-174).

Considerações Finais

Aponta-se na pesquisa a construção do nordeste, a desconstrução de estereótipos negativos, enfatiza a questão do gênero, como a mulher era vista na sociedade nordestina, sua trajetória e legados dentro do espaço do cangaço. O propósito da pesquisa foi analisar a história dessas mulheres e o seu comportamento que tanto implicou na sociedade nordestina do início do século XX. Tais estudos são indispensáveis para compreendermos o longo processo histórico pelo qual o país e a região atravessavam, bem como, o papel que as mulheres protagonizavam nesses acontecimentos como, a conquista do direito ao voto, por exemplo.

Referências

ALBUQUERQUE JR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4º Ed. Recife: FJN. Massagana; São Paulo: Cortez, 2009, 340 p.

ARAÚJO, E. Tão vasto, tão ermo, tão longe: O sertão e o sertanejo nos tempos coloniais. In. Del PRIORI, M. (Org.) *Revisão do paraíso: os brasileiros e o estado do Brasil em 500 anos*: Campus, 200, p. 45-91.

FACÓ, R. *Cangaceiros e fanáticos gêneses e lutas*. 2 ed. Civilização brasileira S.A, Rio de Janeiro. 1965, p.226

FREITAS, A. P. S. *Apresença feminina no cangaço*: práticas e representações (1930-1940). 242f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2005.

LEAL, V. N. *Coronelismo, enxada e voto:o município e o regime representativo no Brasil*. Ed. 1. 194, p.1-49.

MELLO, F. P. *Estrela de couro*: a estética do cangaço. Documentário. Entrevistador Francisco José, Globo News,(TV Globo), Brasil, 2010.

PERROT, M. As mulheres, o poder e a história**.** In.... *Os excluídos da historia*: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: paz e terras, 1988.p.167-184.

SILVA, M. L. T. *Maria Bonita: Mito da alma brasileira*. In: XXII Congresso da Associação Junguiana do Brasil, 2014. p. 1-8.

SOUZA, S. S.; LIMA, C. A. *Cangaceiros em cena:* uma análise das Marias na produção cinematográfica e literatura. XXVII Simpósio Nacional de Historia: conhecimento histórico e diálogo social. Natal RN p. 1-13.

LEITURA EM SALA DE AULA: COMPROMISSO DE TODAS AS DISCIPLINAS

Josefa Saturnino da Silva*
Maria do Amparo F. Peixoto*
Maria Aparecida de Mendonça*
Maria Lenilda M. de Albuquerque*
Silvana Costa Oliveira*

Resumo:

Este trabalho aborda a importância da leitura em sala de aula e visa corroborar a ideia de que é necessário incorporar a prática de leitura em todas as disciplinas. Considerou-se teóricos que compreendem a leitura como uma atividade basilar para qualquer área do conhecimento e pesquisas feitas nos últimos anos sobre leitura no Brasil. Realizou-se uma pesquisa no Instituto Federal de Alagoas – Campus Palmeira dos Índios para confrontar a teoria e a realidade do país no quesito leitura e concluiu-se que, de fato, é extremamente necessário que as escolas conduzam o alunado para o mundo da leitura e ainda incorpore o próprio ato de ler ao dia a dia da escola e ao cotidiano de todas as disciplinas. Promover a leitura em sala de aula é um compromisso que deve ser assumido por todos os professores, não apenas os de língua portuguesa, visto que fomentar a leitura deve ser compromisso de todo docente, pois o ensino, na escola, não existe sem a leitura.

Palavras-chave: Leitura. Interdisciplinaridade. Sala de Aula.

Abstract:

This paper discusses the importance of reading in the classroom and aims to support the idea that it is necessary to incorporate the practice of reading in all school subjects. The theoretical base considered works which comprehend reading as a basilar activity for any field of knowledge and research done in recent years on reading in Brazil. We conducted a data collection at the Federal Institute of Alagoas – Campus Palmeira dos Indios, to confront the theory and practice. We concluded that, in fact, it is extremely necessary that schools must bring students to the world of reading and also incorporate the very act of reading to the daily life of students and school subjects. Promote reading in the classroom is a commitment that every teacher must assume not just the Portuguese language ones. This is so because teaching depends on reading in all sense.

Keywords: Reading**.** Interdiciplinarity. Classroom.

Introdução

Este trabalho é resultado de observações feitas pelo grupo de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do curso de Letras da UAB-IFAL, que desenvolve atividades no IFAL – Campus Palmeira dos Índios, supervisionado pela Profa. Vanusia Amorim. Todas as atividades do grupo na instituição estão voltadas para o fomento à leitura, tendo como norte a certeza de que a leitura é uma atividade fundamental para o desenvolvimento do indivíduo e para o exercício completo de cidadania e da transformação social. E não podia ser diferente. É com convicção que os estudiosos afirmam as riquezas possibilitadas pelo ato de ler. E isso não é uma descoberta. Paulo Freire (1981) já preconizava que "A leitura do mundo precede a leitura da palavra ... O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo". Silva (1990) diz que "a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação sociocultural futura". Parreiras (2016) alerta "A leitura começa no espaço da intimidade (em casa) e depois alcança o espaço público (a escola, a biblioteca). Posteriormente, cabe à escola dar prosseguimento ao processo de mediação da leitura tão necessário para o aluno." Então, se não restam dúvidas sobre a importância do ato de ler, por que nossos índices são assustadoramente negativos, nossa realidade é tão triste no quesito leitura?

Os problemas do Brasil em relação à prática, ao hábito de leitura são históricos. Nunca fomos um país de leitores, nunca chegamos nem perto disso. E a perspectiva de mudança desse cenário é quase nula. As últimas pesquisas não são nada animadoras. Na última aferição do Pisa - Programa Internacional de Avaliação de Alunos – foi revelado que 49,2% dos estudantes brasileiros sabem apenas o básico em leitura e somente 1 em cada 200 alunos consegue compreender textos de gêneros diversos e conteúdos mais sofisticados, ou mesmo fazer reflexões. É triste. Mas o aluno brasileiro que sabe ler, apena decodifica as letras, são analfabetos funcionais. Basicamente: a maioria ler, mas não compreende ou ler e compreende mais ou menos, contudo não sabe emitir

opinião. Como não pratica leitura, não se informa sobre os acontecimentos, não reflete, não desenvolve o pensamento crítico. Não é leitor pleno. Não é cidadão.

Na 4ª. Edição da Pesquisa Retratos de Leitura no Brasil, realizada pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro, entidade mantida pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abrelivros), constatou-se que o número de leitores no Brasil aumentou um pouco: em 2011 eles representavam 50% da população e em 2015 esse número aumentou para 56%. Parece uma boa notícia. Não é bem assim. Esse índice, apesar de configurar um avanço, na verdade indica que o brasileiro lê apenas 4,96 livros por ano – desses, 0,94 são indicados pela escola e 2,88 lidos por vontade própria. Do total de livros lidos, 2,43 foram terminados e 2,53 lidos em partes. A média anterior era de 4 livros lidos por ano. A pesquisa considera leitor quem leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. Já o não-leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses. Ora, Antunes (2003) defende que a prática verdadeira de leitura consiste em "uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos". Assim, leitor de verdade, leitor pleno é ativo. É aquele que, de acordo com Fávero (2013) “lê, seleciona, compreende, interpreta, deduz, relaciona, verifica suas propostas e intenções de leitura e faz apreciações críticas pertinentes”. Comprova-se dessa maneira que o aumento de leitores no Brasil é algo ilusório.

Os estudiosos do assunto leitura no Brasil concordam em outro ponto. Essa falta de quantidade e de qualidade de leitores brasileiros tem a ver, em muitos dos casos, com as estratégias de leitura adotadas em nossas escolas, ou mesmo a ausência de leitura nas escolas. Nossas instituições de ensino têm falhado em seu papel de mediadora de leitura e as causas dessas falhas têm sido investigadas desde os anos 70 do século passado. Há mais de trinta anos, Lajolo (1982) já detectava que em nossas escolas não se ensinava e nem se promovia práticas de leitura. E Solé (2008) afirma “Basicamente, a escola ensina a ler e não propõe tarefas para que os alunos pratiquem essa competência”. Esse é um fator crucial para o fracasso discente no que diz respeito à competência de

leitura. Nossos alunos não são leitores competentes porque a leitura não é prática cotidiana escolar em suas diversas possibilidades.

As pesquisas e os estudiosos de leitura no Brasil concordam ainda e enfaticamente que é condição primeira, para enfrentar o déficit no hábito de ler, conduzir o alunado para o mundo da leitura e ainda incorporar o próprio ato de ler ao dia a dia da escola e ao cotidiano de todas as disciplinas. E que promover a leitura em sala de aula é um compromisso que deve ser assumido por todos os professores, não apenas os de língua portuguesa, visto que fomentar a leitura deve ser compromisso de todo docente, pois o ensino, na escola, não existe sem a leitura.

E como promover leitura em todas as disciplinas e de maneira eficaz? Como incorporar a leitura ao cotidiano escolar? A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (BRASIL, 2000), trouxe uma nova abordagem sobre a leitura. Demonstrando uma preocupação com a formação mais ampla e cidadã do aluno, a leitura passou a ser vista como um caminho para obtenção de conhecimentos múltiplos, para a reflexão e para a autonomia do indivíduo. Com as exigências peculiares à formação de um sujeito "mais completo", ficaram evidentes os erros estratégicos das metodologias de ensino em nossas escolas e as contradições desse ensino. Um dos caminhos inadequados, a fragmentação do conhecimento. A LDB preconiza a aprendizagem a partir do conhecimento prévio, estimula o raciocínio, o diálogo entre os conhecimentos e é então que chegamos a um fator importantíssimo para o cotidiano escolar: a interdisciplinaridade. Para o ensino de leitura eficaz, ele chega a ser fundamental, pois

> não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervém sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. Brasil (PCN, 1999, p. 89)

Como já afirmamos aqui que o ensino na escola não existe sem a leitura, está claro que o ato de ler oferece os instrumentos necessários para que o aluno consiga compreender a complexidade e a rapidez do mundo contemporâneo. E percebemos a interdisciplinaridade como uma estratégia que lograria êxito no

combate as deficiências de leitura do nosso alunado. Dessa maneira, a leitura é um compromisso de todos e não apenas dos professores de linguagens e pressupomos que os outros professores seriam mais que professores de disciplinas, seriam educadores.

Coleta e Análise de Dados

Tendo como objetivo confrontar as teorias até aqui mencionadas e as pesquisas recentes sobre leitura no Brasil,realizamos entre os meses de março e abril de 2016 uma pesquisa sobre leitura com os docentes do Instituto Federal de Alagoas – Campus Palmeira dos Índios. Era nosso intento perceber como os docentes do campus entendiam a leitura no contexto escolar e quais eram suas técnicas\métodos\práticas de leitura em sala de aula.

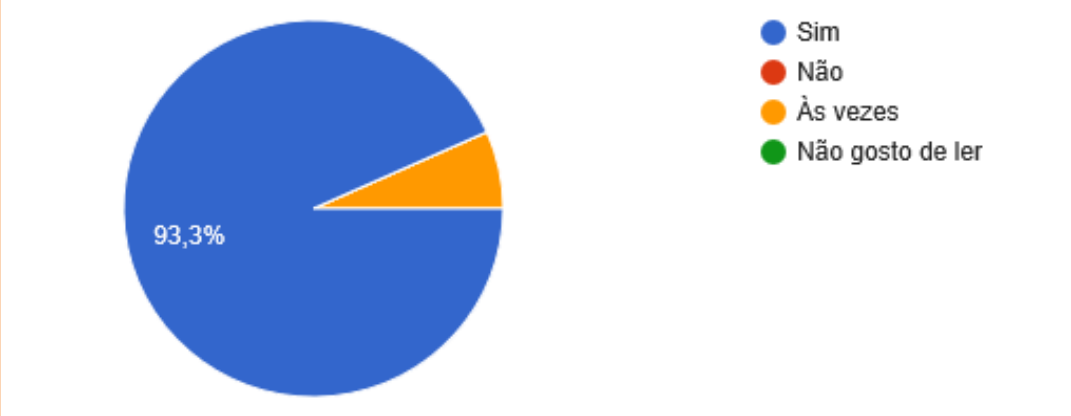
O IFAL – Campus Pin está situado na no agreste alagoano, na cidade de Palmeira dos Índios. É uma referência em educação no Estado e atende alunos de toda a região e também de municípios pernambucanos. Oferta cursos técnico-integrado ao médio, superior e EJA (Educação para jovens e adultos), possuindo um corpo docente com 89 professores especialistas, mestres e doutores. Atualmente estão matriculados cerca de 1500 alunos, faixa-etária entre 14 e 20 anos. Em se tratando de leitura, os professores de linguagens do campus realizam vários projetos ao longo do ano, cujas atividades foram incorporadas ao calendário escolar. Além da biblioteca da escola, existe também um clube de leitura, que funciona diariamente em todos os turnos. Percebe-se que a instituição incentiva a leitura. Um ponto positivo e raro nas escolas brasileiras.

Nossas observações foram feitas de duas maneiras: 1) na sala de aula, ou seja, *in loco,* assistindo aulas de diversas disciplinas; 2) aplicando um questionário *on line*. Foram duas semanas observando professores de química, matemática, geografia, sociologia, língua portuguesa, física, história e língua inglesa. E constatou-se que todos os professores observados, oito ao todo, sem exceção, desenvolveram várias abordagens de leitura e utilizaram vários gêneros textuais. A maioria textos não-literários e prevalecendo os informativos, com exceção de língua portuguesa, que usa as duas tipologias – literários e não-

literários, quase que igualmente, sendo que alguns docentes priorizam os textos literários.

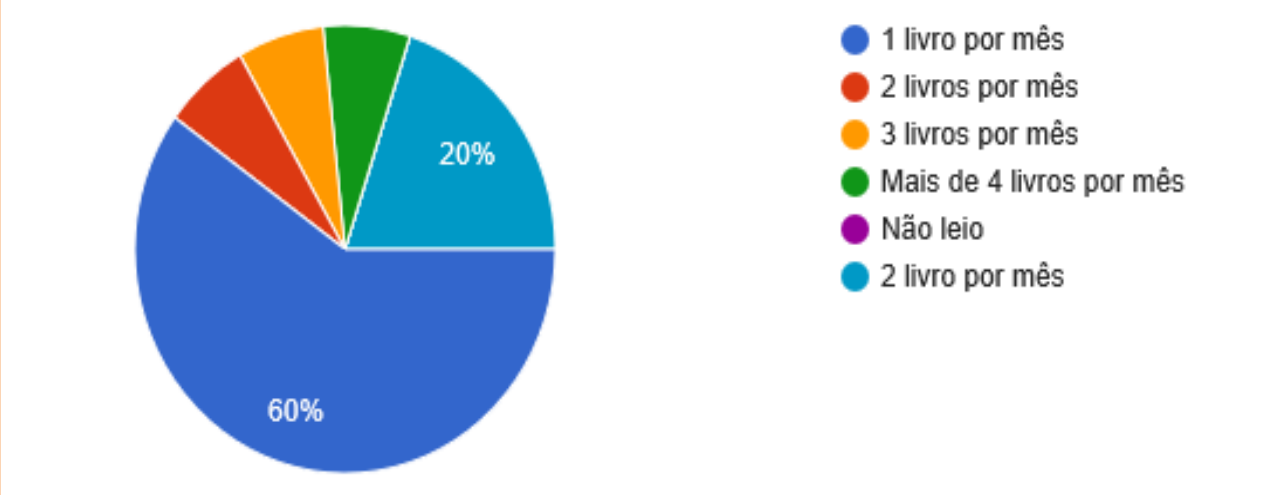
Para obtenção das respostas via internet, escolhemos o aplicativo Google Docs – ferramenta tecnológica básica e compatível a vários aplicativos (Microsoft Office e BrOffice, por exemplo). Dos vários recursos disponíveis, foi utilizado o editor de formulários para elaboração do questionário com 10 perguntas, que foi enviado por e-mail. Apenas 53% dos professores colaboraram com a pesquisa. Convém ressaltar que todos os professores das disciplinas propedêuticas responderam e enviaram suas respostas. Em relação ao questionário, foram 10 questões de múltipla escolha. Questionamentos básicos sobre leitura e a abordagens práticas em sala de aula. Vejamos algumas:

Você gosta de ler?



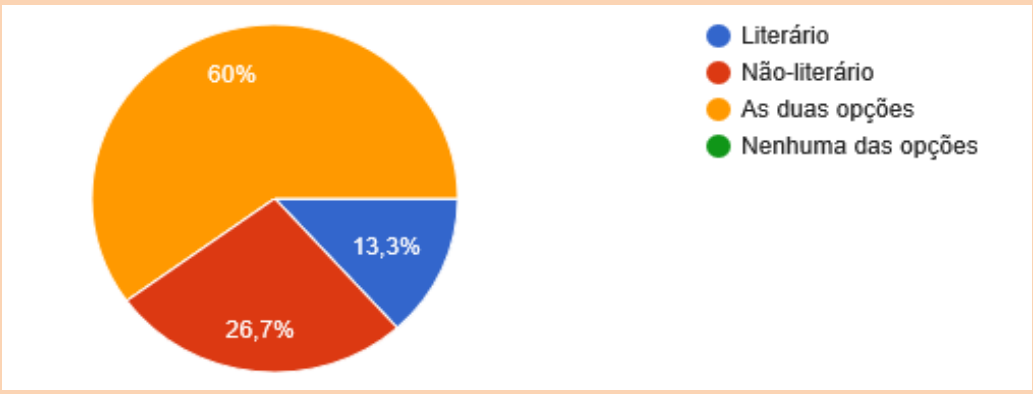
A grande maioria dos professores que respondeu o questionário disse que sim (93,3%). Isso é bastante relevante pois, em geral, os docentes apresentam dificuldades para adquirir e manter o hábito da leitura. Até mesmo os professores de linguagens e literatura, nem sempre são leitores contumazes. Muitas vezes não é por falta de interesse. A rotina exigente da sala de aula e até mesmo o baixo poder aquisitivo influenciam a falta da prática. De acordo com a pesquisa Retratos de Leitura no Brasil, apenas 30% dos pesquisados disseram gostar realmente de ler. Preocupante. Ainda que a amostra da pesquisa seja pequena, é significativa. Se o professor não é leitor, ele não será um formador de leitores. Leitura tem a ver com prazer. Se o professor não gosta e não pratica leitura, não teremos leitores. Dessa maneira, é visto com entusiasmo o percentual de professores leitores no IFAL-Pin.

Com que frequência você ler?



Quando questionados sobre a frequência de leitura, 60% disse ler pelos menos dois livros por mês e 20% ao menos um exemplar por mês. Se somarmos os dois percentuais, chegaremos a 80%, o que significa que 80% dos professores do campus ler 1 ou 2 livros por mês. É um número muito bom, posto que segundo as pesquisas recentes, o brasileiro lê, em média, 4 livros por ano. Ademais, para fomentar leitura é preciso falar dos livros, dar publicidade a eles, aos autores, aos personagens. Só se faz propaganda eficaz daquilo que se conhece. Mostrar intimidade com o mundo do livro e da leitura é imprescindível.

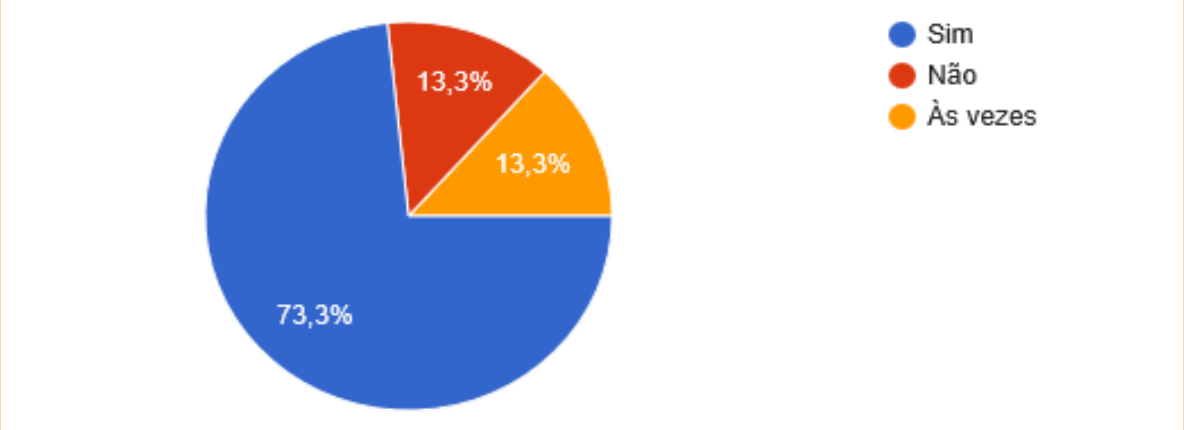
Qual o tipo de leitura preferido?



No quesito tipo textual de leitura preferido, texto literário e não-literário foi a resposta de 60% dos professores. Quando pedimos que especificassem os gêneros, obtivemos as seguintes respostas: romance (40%); textos científicos

(46,7%) e textos informativos (20%). Se somarmos os científicos e informativos chegamos a 66,7% de abordagem de gêneros não-literários. Consideramos importante a diversidade de tipologias textuais, respeitamos o gosto individual, porém foi um tanto preocupante perceber que somando os percentuais textos científicos e textos não-literários eles ultrapassam a preferência pelos gêneros literários. A preocupação justifica-se porque sabemos que a leitura literária é realmente a leitura transformadora, que propicia reflexão, instiga o questionamento, o senso crítico.

Em sala de aula você estimula seus alunos a praticar o hábito da leitura?



Nessa resposta nos preocupou mais o percentual de professores que não estimulam a leitura em sala de aula: 13,3%. Se somarmos mais 13,3% que diz estimular o hábito *às vezes*. Sinal vermelho. Todos os docentes devem estimular a prática de leitura em sala de aula. Ponto. E os próprios professores têm a resposta para as consequências do não estímulo à leitura acarreta. Quando inquiridos se os alunos deles tinhas dificuldade de leitura, 53,4% disseram que sim; se tinham dificuldade de escrita e interpretação, 80% disseram que sim, em ambas. É fato. A falta de leitura afeta a escrita e a interpretação de textos. Quem não ler, não compreende; quem não ler, não escreve bem. E mais, quem não ler, não fala bem. Leitura, oralidade e escrita andam juntas. São um tripé educacional, mas a leitura ou a falta dela tem o poder de influenciar as outras duas. E os professores sabem disso. Os respondentes, em sua totalidade,

consideraram que a leitura ou a falta dela influencia diretamente nas habilidades de leitura e escrita.

Primeiras Conclusões

As observações iniciais sobre a leitura em sala de aula realizada no IFAL – Campus Palmeira dos Índios através de observação *in loco* e pesquisa *on line* revelou que a maioria dos professores tem consciência da importância da leitura e que estimula a prática entre os alunos. Percebeu-se também que são leitores. Na observação *in loco* de algumas aulas de várias disciplinas ficou evidente que um número considerável de docentes da instituição – destaque para os da área propedêutica - dissemina a prática de leitura e prática várias formas de leituras em suas aulas. Observou-se, contudo, que os textos informativos são os mais abordados e recomendados. Esse é um fato preocupante. A informação é importante. Entretanto, se o aluno não souber colhê-la, não souber lidar com ela, não tiver o senso crítico alerta no estágio mínimo, não vai adiantar. Ele, o aluno, não vai saber o que fazer com tanta informação. Pela natureza reflexiva, transformadora do texto literário, esse deve ser mais bem aproveitado e abordado em sala de aula.

Outro aspecto que chamou a atenção foi que apesar de várias atividades desenvolvidas, várias abordagens, não existe um trabalho interdisciplinar de práticas de leitura, de fomento ao ato de ler. Há projetos como o clube de leitura da escola; árvore de poesia; varal literário, piquenique literário etc, mas todos desenvolvidos por professores específicos e às vezes até com a participação de outros docentes, mas não há interdisciplinaridade de maneira articulada. Porém, é bom salientar, que não foi detectada uma resistência para que esse trabalho seja feito. Apenas não é feito. Se fosse desenvolvido um projeto interdisciplinar, juntando tudo o que vimos em sala de aula e fora dela, as chances de obtenção de êxito são promissoras. Estratégias articuladas de leitura tornariam o aluno mais apto para atingir o ponto ideal da capacidade leitora: a autonomia de leitura, ou seja, a capacidade de ler, compreender e fazer juízo de valor sobre o lido. Para que aconteça esse ensino interdisciplinar é preciso que os docentes sejam capacitados. Sabemos que na teoria a interdisciplinaridade é

o ideal, da mesma forma que temos consciência de que na prática, no dia a dia, é muito difícil implantá-la. É preciso preparação, organização, vontade, apoio. Os professores precisam interagir e em conjunto também aprender\desenvolver\socializar estratégias de leitura, fazer mesmo uma articulação curricular visando a prática mais eficaz de leitura e eles precisam ser estimulados a fazer isso, preparados para fazê-lo. Assim, caberá a escola, enquanto organização social, adotar a prática de leitura como compromisso institucional e estabelecer planos de trabalho, metas e, fundamentalmente, organizar-se e apoiar o professor para que ele desenvolva esse trabalho. Somente assim, instituição e corpo docente falando uma mesma linguagem, é possível estabelecer um cotidiano de leitura em sala de aula, um cotidiano de leitura na escola.

Referências:

44% da população brasileira não lê e nunca comprou um livro, aponta pesquisas Retratos de Leitura. Disponível em http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/ Acesso em: 20 de maio de 2016.

AMARAL, Heloisa. *Leitura nas diversas disciplinas*. Disponível em https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca./nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1343/leitura-nas-diversas-disciplinas. Acesso: 23\3\2016

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português*: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1981.

*O ato de ler e sua importância, vivências e exigências***.** Disponível em: http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/453769/o-ato-de-ler-e-sua-importancia-vivencias-e-exigencias Acesso em: 20 de março de 2016.

PARREIRAS, Ninfa. *Biblioteca Escolar: que espaço é esse?* Disponível em: <http://www.portaleduka.com.br/materia/gestao_escolar/biblioteca/biblioteca-escolar-que-espaco-e-ess>Acesso em: 23/02/2016.

PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. 2.ed. Caxias do Sul, RS. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewfile/2414/501.> Acesso em: 23/02/2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 19.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.194 p. Disponível em: <http://educacadoresemluta.blogspot.com.br/2009/12/sole-isabel-estrategias-de-leitura_11.html> Acesso em:13/03/2016.

A INFLUÊNCIA DA ESCOLARIDADE NA VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL EM COMUNIDADES DO BRASIL E DA ÁFRICA

Thamiris Santana Coelho*

Resumo:
Buscando observar as diversas práticas sociais atreladas ao ato de fala em consonância com o Letramento, este trabalho analisa as práticas educacionais nas comunidades rurais afrodescendentes do interior da Brasil - Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé, localizadas na Bahia, e São Miguel dos Pretos, no Rio Grande do Sul - em comparação com uma comunidade rural pesqueira em São Tomé (África), a comunidade de Almoxarife.

Palavras–chave: Variação. Português. Concordância verbal. Escolaridade.

Abstract:
Seeking to observe the various social practices linked to the speech act in line with the literacy, this paper analyzes the educational practices the Afro-descendant rural communities in the interior of Brazil - Grey, Helvécia, Rio de Contas and Thatch, located in Bahia, and Sao Miguel of the Blacks in Rio Grande do Sul - compared with a fishing rural community in Sao Tome (Africa), Almoxarife community.

Keywords: Variation. Portuguese. Verbal agreement. Education.

Introdução

Na busca por ampliar o campo de investigação acerca do português, neste estudo apresentam-se os resultados empíricos de uma pesquisa sociolinguística sobre o fenômeno morfossintático da concordância verbal de primeira pessoa do plural (CV-P4) no português falado na comunidade de Almoxarife (PA), localizada em São Tomé, África. Este trabalho tem a finalidade de cotejar os resultados obtidos com estudos feitos para o português brasileiro no que tange ao letramento, mais precisamente, à escolarização.

É irrefutável falar sobre CV sem citar o PB e o PE – português europeu -, pois a variação da CV se configurou como um fenômeno que evidencia a diferença morfossintática entre essas variedades do português (Naro e Scherre, 1993; 2007). Além disso, a CV também polariza a realidade sociolinguística do PB com uma norma culta e uma norma popular (BAXTER e LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 1998, 2000, 2001;).

*Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador – BA
Mestre em Língua e Cultura - E-mail: thamirisdaniel@gmail.com

No português, a CV é realizada entre o sujeito e o verbo. Ambos possuem marcas de número e pessoa, mas o que permite a identificação do sujeito, quando este não está explícito foneticamente, é morfologia do verbo correspondente ao sujeito. Por conseguinte, há mais de uma forma de marcação da CV, como se pode verificar nos exemplos (1), (2) e (3) as possíveis realizações de concordância quando o verbo está em P4:

(1) ***Nós eramos*** *5 numa canoa*[DULCEM1]

(2) ***Viemos*** *no memo caro*[DULCEM1]

(3) ***Nós fica*** *com fome*[FRANCM2]

Uma justificativa plausível para a ausência da marca de CV é a redundância. Observa-se em (1) que o sintagma nominal SN sujeito *nós* possui marcas de concordância com o seu sintagma verbal SV – *gostamos*. Em (2) o sujeito não está realizado foneticamente, todavia, é possível identificá-lo através do morfema - *mos*. No exemplo (3), há ausência de marca de CV, porém, mesmo assim, o sujeito da oração pode ser identificado.

A ausência da marca de CV em (3) se trata de mais um caso de omissão de redundância do que de falta de CV, uma vez que se pode identificar o sujeito, foneticamente expresso ou não, através de uma marca de CV, no caso do exemplo, a presença do pronome *nós* já dá a ideia de plural em toda a construção frasal.

Nas línguas crioulas, não há marcação de CV. Sendo a ausência de marcas flexionais uma das características das línguas reestruturadas, infere-se que no PA a ausência de CV é influenciada pelo substrato crioulo, visto que em Almoxarife os falantes são bilíngues em crioulo santomense e em português, além do fato desse fenômeno envolver não somente fatores estruturais, mas também, extralinguísticos, como a escolaridade.

Para finalidade de exposição do tema, este trabalho está dividido nas seguintes seções: 1 – Pesquisas variacionistas sobre a concordância verbal, abordando os trabalhos já realizados sobre o tema, os quais fornecem a matriz teórico-metodológica para o estudo; na seção 2 são mostradas as características da comunidade de Almoxarife, seguida da seção 3 que aborda os aspectos do PA. Na seção 4 são apresentadas a origem dos dados e do *corpus* deste trabalho, bem como sua metodologia, em seguida os resultados são apresentados na seção 5 e, por fim, a conclusão.

1 Pesquisas variacionistas sobre a concordância verbal

Vários estudos acerca da concordância seguiram uma perspectiva comparada, analisando, principalmente, as variedades do PB e do PE (NARO, 1981; SCHERRE, 1988; NARO & SCHERRE, 1993, 2000, 2007), constatando que a marcação de concordância, seja verbal ou nominal, é um dos aspectos que evidenciam a distinção entre essas variedades do português.

No entanto, para as variedades africanas de português, pesquisas sobre a concordância nominal estão em estado mais avançado (MORENO e TUZINE, 1998; BAXTER 2004, 2009; FIGUEIREDO, 2008, 2009) do que para a CV, da qual poucos trabalhos foram realizados até agora (GONÇALVES, 2000; BRANDÃO e VIEIRA, 2012; LOPES e BAXTER, 2011). Esse fato torna evidente a necessidade da expansão de estudos que abordem as variedades africanas do português, bem como estudos comparativos entre essas variedades e o PB. Como este trabalho prioriza uma comparação entre o PB e o PA, é relevante explanar sobre os estudos que concernentes a essa finalidade.

Lucchesi (2009) apresenta um quadro comparativo, no qual é possível observar os processos de variação que ocorrem no paradigma da flexão verbal nas duas normas do PB:

Quadro 1. Processos de variação no paradigma da flexão verbal no português brasileiro culto e no português popular do Brasil. (LUCCHESI, 2009, p. 333).

NORMA CULTA BRASILEIRA	NORMA POPULAR BRASILEIRA
eu trabalho você trabalha (~ tu trabalha**s** ~ tu trabalha) ele/ela trabalha nós trabalha**mos** ~ a gente trabalha vocês trabalha**m** (~ vocês trabalha) eles/elas trabalha**m** (~eles/elas trabalha)	eu trabalho você trabalha ~ tu trabalha ele/ela trabalha nós trabalha ~ nós trabalha**mo(s)** a gente trabalha ~ a gente trabalha**mo(s)** vocês trabalha ~ vocês trabalha**m** eles/elas trabalha ~ eles/elas trabalha**m**

O autor afirma que

> O *continuum* que se verifica em relação à frequência de uso do morfema de número, desde a norma urbana culta, de um lado, até as comunidades rurais afrobrasileiras, no extremo oposto, passando pelo

> que se pode chamar de norma urbana semiculta e variedades populares urbanas e rurais do PB, constitui uma significativa evidência empírica de como o contato entre línguas afetou as diversas variedades do PB. As variedades populares que têm a sua formação mais fortemente marcada pelo contato entre línguas são aquelas que apresentam as menores frequências de uso do morfema de número, ao passo que as variedades urbanas culta e semiculta, que só indiretamente foram afetadas pelo contato em sua formação histórica, são aquelas que apresentam os maiores índices de aplicação da regra de concordância (LUCCHESI, 2009, p. 333-334).

Lucchesi (2009) afirma que para a P4, há um quadro de polarização sociolinguística em que há a alta frequência de aplicação da regra de concordância na norma culta *versus* a aplicação muito baixa da regra na norma popular. Tal fato é corroborado pela pouca existência de estudos sobre a P4 na fala culta, pois se trata de uma aplicação de CV quase categórica, enquanto a quantidade de estudos aumenta à proporção que se diminui o nível de escolarização.

Um estudo que se diferencia desse contexto de aplicação da CV condicionada diretamente pela escolarização é o de Almeida (2006), no qual a comunidade rural afro-brasileira analisada – São Miguel dos Pretos, Rio Grande do Sul – obteve uma frequência alta de aplicação da CV-P4, 73%. Almeida explica esse fato dizendo que os moradores dessa comunidade mantêm relações diretas com pessoas de outras comunidades, devido, principalmente, às necessidades de emprego saúde e educação. Logo, não se trata de falantes que vivem de forma mais isolada como é o caso das comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia.

O trabalho de Lucchesi (2009) analisou a CV-P4 em uma amostra de 24 entrevistas, composta por falantes analfabetos ou semianalfabetos, homens e mulheres, na faixa etária de 20 a mais de 60 anos de idade em quatro comunidades afro-brasileiras isoladas no interior da Bahia: Sapé, Rio de Contas, Helvécia e Cinzento.

Nos trabalhos de Almeida (2006) e de Lucchesi (2009), o encaixamento social indicou um processo de mudança em curso em direção à implementação da regra de concordância. Esse fato foi atestado a partir da análise da variável faixa etária, que revelou uma ligeira inclinação no sentido do aumento do uso da regra da concordância verbal, conforme se avança dos falantes mais velhos para os falantes mais jovens. Em ambos os trabalhos, os informantes eram

semianalfabetos ou analfabetos, sendo que esse fator contribuiu nos casos de não realização da concordância. No entanto, Em São Miguel dos Pretos, os informantes apresentaram um maior índice de realização da regra, pois têm mais acesso à escolarização do que os informantes das comunidades do interior da Bahia.

Como foi possível notar, nessa seção foram resenhadas as pesquisas variacionistas acerca do fenômeno da CV no português que servirão para cotejar os resultados deste trabalho.

2 A comunidade de fala em foco

A Baía de Almoxarife situa-se ao leste da ilha de São Tomé, pertencendo ao Distrito de Cantagalo, cuja capital é Santana. Dados do censo de 1960 mostram que o distrito contava com cerca de 13.258 habitantes, a capital com 7.702, e a comunidade de Almoxarife possuía cerca de 150 forros. (TERNEIRO 1961, p. 164 *apud* FIGUEIREDO, 2010, p. 87).

Além do receio dos membros da comunidade em regressar ao trabalho nas roças, questões de cunho político e religioso e o difícil acesso aos meios de comunicação também fizeram com que os almoxarifanos permanecessem por muito tempo com pouco contato com falantes do PE.

O português reestruturado falado pelos núcleos urbanos e pelas comunidades rurais mais isoladas, sobretudo nas gerações mais novas, começou a nivelar-se a partir da década de 1970 com a construção e pavimentação de estradas. Nessa fase, o contato de falantes bilíngues de Almoxarife com o PE permitiu a inserção de empréstimos lexicais e estruturais da LA, colocando as duas gramáticas em competição e originando o português falado atualmente na comunidade (FIGUEIREDO, 2010, p. 88)

Após a independência de São Tomé e Príncipe, em 1975, seguiu-se um período marcado por conflitos internos e com a economia fragilizada. Devido a isso, as comunidades rurais ficaram abandonadas e cada vez mais isoladas, uma vez que ocorreu a desarticulação dos sistemas educacional, rodoviário e de comunicação (cf. FIGUEIREDO, 2010, p. 88-89).

Um dos aspectos no qual Almoxarife sofreu com essa desarticulação foi no que tange à escolarização, pois se no Distrito de Cantagalo cerca de ¼ dos jovens encontra-se em idade escolar, nas comunidades mais afastadas a

situação se agrava. E com a desarticulação do sistema educacional, separando o PE das variedades populares, fez com que apenas a classe alta da sociedade utilizasse a norma padrão do PE, apesar de 98, 9% da população usar e compreender português (FIGUEIREDO, 2010, p.89).

3 Características do português de almoxarife

O que contribuiu muito para a situação de semi-isolamento de Almoxarife antes da independência de São Tomé foi o difícil acesso à capital do distrito, Santana. Como só havia uma estrada de terra batida, e o percurso tinha que ser feito a pé, apenas comerciantes faziam o trajeto. Após a independência, o isolamento aumentou, pois os colonos deixaram a ilha, as rodovias se tornaram intransitáveis e a mobilidade com o transporte público deixou de existir (FIGUEIREDO, 2010, p. 91)

No *corpus* deste trabalho, há menção da dificuldade de contato dos membros da comunidade com os moradores de Santana, como relata o informante [OSVALH1][119] em seu diálogo com o entrevistador:

> DOC: *Você custuma i a Santana?*
> INF: *Vô umas vezes devido quê zê essa priguiça de i a pé e volta a pé.*
> DOC: *Hum, mas você vai assim em Santana mais pra fazê o quê?*
> INF: *Quê zê ê vô mais a Santana assisti programa.*
> DOC: *Hum.*
> INF: *Só!*

Conforme Figueiredo (2010, p.92) o afastamento linguístico do PE foi mantido, fazendo com que as características defectivas do português L2 fossem conservadas. Tal é esse fato que os falantes mais velhos (acima de 65 anos) afirmaram ter o santome como L1, mesmo tendo aprendido o português L1 através do contato português L1/português L2 da geração anterior a deles.

Os falantes da faixa etária intermediária (41-65 anos) possuem o santome como L1, somente uma informante, [MANEVEM2], aprendeu esta língua e o português paralelamente. Alguns dos falantes dessa faixa etária trabalharam nas roças, levando o português de Almoxarife (PA) a manter contato com o português dos "contratados", impregnado de características das línguas bantu (FIGUEIREDO, 2010, p.92).

[119] Esse código de referência aos informantes foi criado para manter a privacidade dos mesmos.

Portanto, o PA manteve aspectos gramaticais divergentes em relação à LA, sendo que esses aspectos constituíram o modelo disponível para o processo de nativização do PA como L1, adquirido pelos mais jovens (falantes de 20 a 40 anos) simultaneamente ao santome. Ressalta-se que o português era a língua de prestígio e o santome estigmatizado na aquisição bilíngue.

Ainda é possível perceber que os fenômenos de variação presentes no PA não são encontrados no PE, mas sim em outras variedades do português, como o PB, que também emergiu de uma situação de contato linguístico. Portanto, através da análise variacionista e comparativa da CV-P4 em São Tomé, será possível observar até que ponto os fatores que orientam essa variação no PST e no PB popular se assemelham.

4 Origem dos dados; estrutura do *Corpus* e Metodologia

A recolha das gravações que compõem o *corpus* deste trabalho foi feita sob a perspectiva sociolinguística (LABOV, 1972), foram coletadas 18 entrevistas entre fevereiro e maio de 1998 no projeto "Semi-creolization:testing the hypothesis against data from Portuguese – derived languages of São Tomé", financiado pela Australian Reserch Council e dirigido por Alan Norman Baxter com colaboração de Dante Lucchesi.

O responsável pelas gravações das entrevistas, bem como pelas transcrições das mesmas, em Almoxarife, foi Dante Lucchesi, contando com a intermediação com a comunidade feita pelo especialista em malária, Dr. Derek Charlwood, da Universidade de Londres, que tinha desenvolvido parte do seu próprio projeto nessa mesma comunidade.

Para a devida interpretação das produções de fala dos informantes nas transcrições dispôs-se da ajuda de Francisco Paulino. Posteriormente, na Universidade de Macau, todas as transcrições foram revistas e digitalizadas por Carlos Figueiredo, que nasceu em Angola e tem familiaridade com variedades de português dessa região.

Para o presente trabalho, foram utilizadas as 18 entrevistas do *corpus*, seguindo os seguintes passos:

- Leitura das transcrições para familiarização com a variedade linguística em questão e com o contexto cultural;
- Levantamento dos dados;

- Codificação dos dados;
- Levantamento das hipóteses;
- Rodagem e análise dos dados.

O *corpus* da comunidade de fala de Almoxarife é dividido por sexo e idade, e por nível de escolarização e estada fora da comunidade, uma vez que esses fatores sociais têm se mostrado relevantes para os estudos sociolinguísticos do PB. Quanto à profissão, os informantes exercem as mais variadas, apresentando também uma diversidade quanto ao nível de escolarização, que vai desde a ausência até a graus incompletos ou completos. Vale salientar que todos os informantes são bilíngues em santome e português reestruturado.

A análise dos dados nesta pesquisa segue os pressupostos da Sociolinguística Quantitativa, proposta por Labov (2008 [1972]; 1982; 1994), a qual aborda a língua como heterogênea e condicionada por fatores linguísticos e sociais em uma determinada comunidade de fala[120]. A pesquisa sociolinguística é direcionada para as variações sistemáticas concernentes ao seu objeto de estudo concebidas como uma heterogeneidade estruturada.

Para a quantificação dos dados foi usado o programa computacional GoldVarb (2001). O GoldVarb funciona a partir da formulação de regras variáveis, "um tipo de análise multivariada" que tem como objetivo "separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística." (GUY; ZILLES, 2007, p. 33-34).

O GoldVarb compreende o pacote de programas VARBRUL, que é "um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolingüística" (GUY e ZILLES, 2007, p. 105). Este, partir de uma variável dependente dotada de dois ou mais valores representativos do fenômeno a ser analisado (no caso deste trabalho a CV-P4) e as variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas), combina relações entre variável dependente e variáveis independentes para determinar como os fatores das independentes motivam o fenômeno representado pela dependente.

[120]Comunidade de fala para esse modelo teórico-metodológico é entendida como um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros. (cf. LABOV, 2008 [1972]).

Os resultados são obtidos em pesos relativos que quantificam a interferência de cada variável independente na aplicação do fenômeno em análise, quais os que contribuem ou não para a escolha da variante (para o favorecimento ou desfavorecimento).

5 Resultados

Após o levantamento e a codificação dos dados, seguindo o aparato metodológico descrito na seção 4, os dados codificados foram quantificados e preparados para a análise de multivariáveis.

A avaliação inicial da distribuição revelou um total de 542 ocorrências da variável dependente, sendo que houve 399 ocorrências com concordância, equivalendo a 73,6% dos dados, e 143 sem concordância, equivalendo a 26,4%, como se pode ver no Gráfico 1.

Gráfico 1. Resultado geral do uso da CV-PA em Almoxarife.

Considerando a frequência global de 73,6% de concordância, algumas questões já podem ser destacadas. Primeiro, acreditava-se que os resultados da presença de concordância na fala da comunidade de Almoxarife seria menor do que a ausência em virtude de seus informantes possuírem baixo grau de escolaridade e pertencerem a uma comunidade com características rurais, além do fato de serem falantes também de uma língua em que não há concordância. No entanto, os dados mostram que a concordância faz parte da gramática dessa comunidade.

Acredita-se que a comunidade de Almoxarife está adquirindo a forma padrão referente à P4 devido à ação das variáveis sociais, como a faixa etária e a escolaridade. Os falantes mais novos, por possuírem mais escolarização, têm ou tiveram mais contato com a variedade padrão da língua e tiveram a oportunidade de adquiri-la.

Por outro lado, os mais velhos são os que tiveram menos chances de frequentar a escola, logo, a progressão no uso do padrão é inversamente proporcional à idade, o que leva a inferir que a aquisição da marca de CV está ocorrendo de geração em geração. Além disso, alguns informantes trabalham na venda e compra de produtos, assim, a atividade comercial e o consequente contato com pessoas de outras comunidades, tanto da zona rural quanto da zona urbana, pode justificar a alta frequência de CV.

Segundo, nota-se uma disparidade desses resultados com os obtidos em pesquisas em comunidades brasileiras cujos informantes possuíam pouca ou nenhuma escolaridade. A frequência de 73,6% de aplicação da regra de CV - P4 registrado aqui difere como, por exemplo, do estudo de Lucchesi (2009, p. 364) que apresentou apenas 18% de frequência. Essa diferença surpreende quando se lembra que a aquisição do português na comunidade de Almoxarife é relativamente recente (século XX, essencialmente).

Por outro lado, o perfil registrado aqui assemelha-se ao registrado no estudo de Almeida (2006, p. 89-90) com falantes com pouca ou nenhuma escolarização que realizam a concordância de P4 com uma frequência de 73% de aplicação da regra e 27% de não aplicação. Almeida justifica a alta frequência de realização de concordância devido ao fato de os moradores estabelecerem laços de trabalho com antigos fazendeiros da região e por manterem diferentes relações com pessoas de outras comunidades, tanto na zona rural quanto na zona urbana, devido à necessidade de emprego, saúde e educação.

O resultado deste trabalho também permite identificar uma tendência para a aplicação da regra, visto que se não há analfabetos na faixa etária jovem, a instrução escolar teria feito com que os falantes realizem mais a CV. Tal hipótese é corroborada quando se inspeciona o cruzamento de dados da *faixa etária* com *escolarização*, pelo resultado dos falantes semianalfabetos da faixa etária intermediária (88%) e, também na faixa etária avançada (79%), entre os falantes que frequentaram até certo período a escola.

Conclusão

Neste trabalho investigou-se o quadro de variação da CV-P4 na comunidade de Almoxarife, em São Tomé, a qual é formada por falantes bilíngues em crioulo santome e em português. Com o intuito de contribuir para a discussão sobre a escolaridade, a questão levantada foi verificar se esse fator se comportava de maneira semelhante ou não no Brasil.

A comparação dos resultados com os estudos (ALMEIDA, 2006; LUCCHESI, 2009) acerca do PB, permitiu averiguar que o perfil da variação na CV-P4 no PA é semelhante e, ao mesmo tempo, divergente ao do PB. Isso ocorreu porque os resultados deste trabalho se assimilaram ao de Almeida (2006): mesmo sem ter uma escolarização completa, os informantes apresentaram uma aplicação da regra formal do português quanto à CV pelo fato de terem contato com falantes escolarizados e de outras localidades, fato que não ocorre para os informantes do estudo de Lucchesi (2209), os quais tiveram acesso a uma escolarização precária ou nem tiveram esse acesso.

Outra questão relevante é que o acesso à instrução formal ocorre de maneira diferente em São Tomé e no Brasil. Apesar de ser um país com condições socioeconômicas precárias, em São Tomé os professores ou são formados em Portugal ou são portugueses, fator considerável para explicar a proximidade com a variedade padrão da língua.

Por fim, afirma-se que este estudo trouxe uma contribuição ao desvendamento da realidade sociolinguística do PA, e em certa forma do PB ao confirmar que ambos são similares.

Referências

ALMEIDA, A. P. *A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BAXTER, A. N.; LUCCHESI, D. A Relevância dos Processos de Pidginização e Crioulização na Formação da Língua Portuguesa. In: *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, n.19, p. 65-84, 1997.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. *PAPIA*22(1), p. 7-39, 2012.

FIGUEIREDO, C. F. G. A concordância variável no sintagma nominal plural do português reestruturado de Almoxarife (São Tomé). *PAPIA*, 18. 23-43, 2008.

FIGUEIREDO, C. F. G. A configuração do SN do português restruturado da comunidade de Almoxarife – São Tomé [em linha]. *RCBLPE – Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, 1(1). 28-55, 2009. Disponível em: http://rcblpe.sftw.umac.mo/doc/A20ConfiguraC3A7a020do20SN20Plural20do20PortugC3Restruturado20da20Comunidade20de20Almoxarife20-20Sao20TomC3A9.pdf. Acesso em 17. Jan. 2015.

FIGUEIREDO, C. F. G. *A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almoxarife, São Tomé* (Desenvolvimento das regras de concordância variáveis no processo de transmissão-aquisição geracional). Tese de Doutorado, Universidade de Macau, 2010.

GUY, G. R.; ZILLES, A. 2007. *Sociolingüística quantitativa* – Instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [*Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (orgs.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins: 17-92, 1982.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*.Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LOPES, N.; BAXTER, A. N. A concordância verbal variável no português dos Tongas. *PAPIA* 21 (1), 39-50, 2011.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibiri, 1998.

LUCCHESI, D. *Reanálise da variação na concordância de gênero em um dialeto afrobrasileiro*. XVIII Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.

LUCCHESI, D. O tempo aparente e as variáveis sociais. *Boletim da ABRALIN*, v.26, p.135-137, 2001.

LUCCHESI, D. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, p. 360-371, 2009.

MORENO, A.; TUZINE, A. Distribuição social de variáveis linguísticas no português oral de maputo. In: STROUD, C.; GONÇALVES, P. (orgs.) *Panorama do português oral de Maputo. Volume II: a construção de um banco de "erros"*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, p. 68-89, 1998.

NARO, A. The social and structural dimensions of syntactic change. *Language*, v. 57, n.1, p. 63-98, 1981.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*, n. 9, p. 437-454, 1993.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. P.Variable concord in portuguese: the situation in Brasil and Portugal. In: Mc WORTHER, J. (Ed.). *Language change and language contact in pidgins and creoles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishins, p. 235-255, 2000.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

CAPAS DE CORDEL DE PADRE CÍCERO DOS XILÓGRAFOS DA ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO (ACC)

Célia Camelo de Sousa- UFC[121]
José Rogério Santana-UFC[122]

Resumo:

O presente estudo objetiva analisar as capas de cordel de Pe. Cícero Romão Batista, sendo confeccionadas pelos xilógrafos da Academia dos Cordelistas do Crato (ACC). Oreferido grupo é uma entidade filantrópica, tendo sede na cidade de Crato, Ceará. Sabemos que Pe. Cícero é a figura mais ilustre do município que é considerado pelo povo como santo. Este ícone faz parte de vários cordéis e também de capas, em que aparece destacando sua imagem em forma de clichê, xilogravura e desenho de pena. Para nortear o desenvolvimento do estudo, indagamos: Como aparece as imagens de Pe. Cícero nas capas de cordel dos xilógrafos da Academia dos Cordelistas do Crato? Quanto a metodologia aplicada, valorizamos pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, ou seja, na pesquisa empírica conversamos com os xilógrafos da ACC e coletamos os cordéis com as capas do sacerdote. A fundamentação teórica, destaca os seguintes autores: Carvalho (2014), Temóteo (2002), Cassirer (2009), Maxado (1982) e outros. Quanto a análise dos dados, identificamos nove capas de cordéis, em que todas são xilogravuras. Nos resultados identificamos as capas de cordel Pe. Cícero sério, com sua batina, com alguns títulos voltados para a cidade de Juazeiro e retratando o sacerdote no horto.

Palavras-chave: Cordel. Xilogravura. Padre Cícero.

CASE OF FATHER OF CICERO OF ACADEMY OF engravers CRATO cordelistas CORDEL (ACC)

Abstract:

This study aims to analyze the covers of Cordel Father. Cicero Romao Batista, being made by the engravers of the Academy of Crato cordelistas (ACC). As this group is a charity, with headquarters in the city of Crato, Ceará. We know that Fr. Cicero is the most illustrious figure of the municipality that is considered by the people as holy. This icon is part of several twines and also covers, it appears highlighting its image in the form of cliché, woodcuts and pen drawing. To guide the development of the study we ask: How appears the images of Father Cicero in the line of covers of engravers Academy of cordelistas Crato? As for methodology, value literature and field research, ie the empirical research we

[121] Doutoranda em Educação-UFC, mestre em Educação-UFC e Pedagoga-UECE;E-mail:celitapedagoga@hotmail.com
[122] Professor do Curso de Pedagogia e da pós-graduação em Educação da UFC; E-mail: rogerio@virtual.ufc.br

talked to the engravers of the ACC and collect the strings with the priest's covers. The theoretical basis, highlights the following authors: Carvalho (2014), Temoteo (2002), Cassirer (2009) and others. The data analysis, we identified nine strings cases, in which all are woodcuts. The results identify the line of covers Father. Seriously Cicero, with his cassock, with some titles toward the city of Juazeiro and portraying the priest in the garden.

Keywords: Cordel. Woodcut. Father Cicero.

1 Introdução

A presente pesquisa objetiva analisar as capas de cordel de Pe. Cícero Romão Batista, sendo confeccionadas pelos xilógrafos da Academia dos Cordelistas do Crato (ACC). Esse grupo é uma entidade filantrópica, tendo sede na cidade de Crato - Ceará, ele já existe a vinte e cinco anos, com a finalidade de preservar o cordel, destacando seu formato, tamanho e tipo de papel, ou seja, papel jornal e a confecção de capa de xilogravura.

O cordel é uma arte que faz parte da história do Nordeste, em que ao abordarmos sobre esse tipo de literatura, voltamos ao passado, onde tudo iniciou depois da chegada da família real ao Brasil. O cordel chega no primeiro momento na capital brasileira, ou seja, Salvador, e depois passa a ser propagada nos demais estados nordestinos.

Ao abordar o cordel não é difícil relacionar com a xilogravura - elemento importantíssimo nas capas dos folhetos populares. Neste sentido, iremos analisar as capas de cordel dos xilógrafos da A|CC, destacando Pe. Cícero, que é a figura mais ilustre do município do Crato, sendo considerado pelo povo santo. Este ícone faz parte de vários cordéis e também de capas, em que aparece sua imagem em forma de clichê, xilogravura e desenho bico de pena. Para nortear o desenvolvimento do estudo, indagamos: Como aparece as imagens de Pe. Cícero nas capas de cordel dos xilógrafos da Academia dos Cordelistas do Crato?

Quanto a metodologia aplicada, valorizamos pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, ou seja, na pesquisa empírica conversamos com os xilógrafos da ACC e coletamos os cordéis com as capas do sacerdote. A fundamentação teórica, destaca os seguintes autores: Carvalho (2014), Temóteo (2002), Cassirer (2009), Maxado (1982) e outros.

Quanto a análise dos dados, identificamos nove capas de cordéis, em que todas são xilogravuras dos xilógrafos da ACC. Os resultados identificados nas capas de cordel Pe. Cícero destaca que era uma pessoa séria, com sua batina, com alguns títulos voltados para a cidade de Juazeiro e retratando o sacerdote no horto. Percebemos que as capas de cordel do sacerdote é uma forma de valorizar essa história e de interpretá-la de outra forma, já que há outros olhares sobre esse religioso existe.

2 Sobre Xilogravura

Ao abordar a xilogravura voltamos um pouco sobre a história do desenho e como nasce a xilogravura. A arte da gravura surge por meio da necessidade da linguagem entre os homens. Nas civilizações antigas, havia comunicação através da imagem, na Mesopotâmia gravava figuras em tijolos, os Egípcios nas pedras, os gregos em metais e madeira. Na história da bíblia aborda que Moisés recebeu de Deus a " Tábua da Lei" com os dez mandamentos gravados.

Com a inexistência da tipografia, a escrita era feita a mão. Segundo Maxado (1982, p. 16), "escrever leva a ideia de gravar ou talhar, uma vez que a escrita era feita por uso de desenhos ou sinais. E em placas ou superfícies de material duro". O desenho já naquele tempo fazia parte da comunicação e também relacionava com a escrita.

Os romanos como gostavam de bibliotecas, tendo o imperador Carlos Magno como incentivador da importância em criar bibliotecas. Sua atitude fez com que valorizassem os ilustradores. No mundo oriental, foi criada em Bagdá, Egito e outras civilizações bibliotecas. Na Espanha com ajuda dos árabes houve criação de bibliotecas, localizadas nas mesquitas.

Na Idade Média foram criadas as universidades, que surgiu a necessidade de novas bibliotecas, porém o acesso era limitado. Com o interesse dos livros foram aumentando e muitos se alfabetizando, contribuindo para a criação da literatura de cordel. Foram criadas bibliotecas nacionais, era uma forma de depósito de livros, de início na França, gerando os direitos autorais.

> Os monges medievais também imprimiam estampas de santos, utilizando a técnica da xilogravura. Algumas dessas estampas continham um pequeno texto. Na Alemanha, essas reproduções eram chamadas de *heiligen*. Proliferaram bastante entre as

> massas analfabetas da Europa, muito antes de 1423, data da xilogravura mais antiga que se conhece. É um "São Cristovão", estampa conservada em Manchester. (MAXADO, 1982, p. 19)

Com a criação das bibliotecas, foi necessário criar o material impresso que passa a surgir algumas técnicas para desenvolver a xilogravura, ou seja, os artistas passaram utilizar o linóleo[123], os sulcos de lâminas de metal e a litografia[124]. Estas técnicas passaram a fazer parte do oficio dos xilógrafos, que através da imprensa ajudou em divulgar melhor esses trabalhos.

A imprensa nasce da necessidade em divulgar textos solenes e da comunicação de notícias, pois naquele tempo surge o mercantilismo[125], fazendo

[123]Esta técnica assemelha-se ao entalhe da xilogravura, no entanto, ao invés de madeira, a matriz é de material sintético – placas de borracha, chamadas "linóleo". Igualmente a "xilo", a placa de linóleo receberá a tinta que ficará nas partes em alto relevo, e sobre pressão será transferida para o papel. Esta técnica é mais recente do que a xilogravura devido ao material de sua matriz, e foi muito utilizada pelos artistas modernos, como Picasso por exemplo.O linóleo é um material cujo invento foi patenteado na Inglaterra em 1860 por Frederick Walton. Esse material era indicado para forração (piso). Ele é feito a partir da combinação de óleo de linhaça, serragem de madeira, cortiça, resinas naturais e pigmentos. Alguns artistas passaram a utilizar esse material da mesma forma que se utiliza a madeira para xilogravura. As ferramentas para o entalhe são as mesmas utilizadas para a madeira. A diferença está na impressão, pois enquanto que a matriz de madeira deixa aparecer os veios na impressão, com o linóleo obtêm-se áreas chapadas. A técnica da impressão com linóleo também é semelhante à da xilogravura. Consiste em entalhar o desenho numa placa de linóleo, que depois servirá de matriz para a impressão em papel ou tecido. O linóleo tem uma grande vantagem sobre a madeira: por ser mais macio, não tem as mesmas dificuldades que a madeira oferece para entalhar. Embora seja fácil esculpir em linóleo, convém escolher desenhos simples, que tenham traços bem nítidos e esquemáticos, pelo menos no início. Ver mais sobre o assunto: https://michelechristine.wordpress.com/a-gravura/linoleogravura/acesso no dia 9/04/2016 as 18:45.

124A litografia (de lithos, "pedra" e graphein, "escrever") é descoberta no final do século XVIII por Aloys Senefelder (1771-1834), dramaturgo da Bavária que busca um meio econômico de imprimir suas peças de teatro. Trata-se de um método de impressão a partir de imagem desenhada sobre base, em geral de calcário especial, conhecida como "pedra litográfica". Após desenho feito com materiais gordurosos (lápis, bastão, pasta etc.), a pedra é tratada com soluções químicas e água que fixam as áreas oleosas do desenho sobre a superfície. A impressão da imagem é obtida por meio de uma prensa litográfica que desliza sobre o papel. A flexibilidade do processo litográfico permite resultados diversos em função dos materiais empregados: em lugar da pedra, cada vez mais são usadas chapas de plástico ou metal, em particular de zinco. O desenho, por sua vez, altera sua fisionomia de acordo com o uso de pena, lápis ou pincel. Testes de cor, texturas, graus de luminosidade e transparência conferem às litografias distintos aspectos. http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5086/litografiaer sobre o assunto: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5086/litografia, acesso no dia 9/4/2016.

[125] foi o conjunto de práticas econômicas praticadas na Europa na Idade Moderna. Entre o século XV e o final do século XVIII, a Europa passou por grandes transformações. O mundo medieval havia sofrido grandes transformações, sendo substituído por novas organizações políticas, econômicas e culturais. O advento das grandes navegações foi fundamental para modificar as noções de mundo dos povos europeus, que passaram a usufruir ao máximo de seus recursos. Assim, a economia recebeu novas características com o objetivo de enriquecimento dos Estados Nacionais Modernos. Ver mais sobre o http://www.infoescola.com/economia/mercantilismo/acesso 18/05/2016.

com que popularizasse a bíblia e resultando na interpretação por outros idiomas. Foi o momento também dos cantadores divulgar seus textos, além disso, criar almanaques e enciclopédias.

A tipografia foi se expandindo, primeiro na Europa e depois para outros lugares do mundo. Quanto ao Brasil, a corte proibia a criação da imprensa, porém os "jesuítas iniciaram o ensino da escultura em madeira para fazer imagens de santos. E muitas dessas peças de arte imaginária eram colocadas para ser, posteriormente, achadas pelos naturais do lugar, em florestas, lagoas, rios, grutas e campos" (MAXADO, 1982, p. 21). Podemos perceber que esta arte iniciou com os jesuítas e, posteriormente, foi crescendo, ganhando espaço no país, em que surgiram as referências na criação da xilogravura. A tipografia mais antiga fica em São Paulo que hoje é a Luzeiro. No Nordeste se destaca a ex-tipografia do poeta João Athayde, comprada por José Bernardo e que depois de sua morte a Universidade Regional do Cariri adquiriu, que recebeu o nome de Lira Nordestina por sugestão do poeta Patativa do Assaré, onde possui maquinários muito antigos.

Os primeiros xilógrafos surgem nas tipografias do interior, pois esses ambientes começam a publicar as histórias, poemas, abecês e manuscritos que circulavam nas mãos das pessoas. Os folhetos passaram a ser vendidos nas feiras, nas cidades e vilas, proporcionando distração e novidades às pessoas que adquiriam.

As tipografias eram geralmente simples, inseridas no fundo da casa de alguém, em que os familiares trabalhavam. Algumas tipografias haviam jornal semanal, quizenal ou mensal. Na sua maioria havia duas tipografias, pois como havia tiragem de jornal, possuía a do governo e uma oposição, já que o jornal tinha cunho político.

Quanto ao trabalho dos xilógrafos teria que cortar o papel, imprimir, encadernar, gravava a madeira e vendia. Porém havia um mestre que passava todas as instruções para que as peças fossem desenvolvidas de acordo com seu oficio. Segundo Maxado (1982, p. 47): enriquecimento dos Estados Nacionais Modernos. Ver mais sobre o

> O xilógrafo tem de desenvolver duas visões: a do contrário e a do contraste do preto e do branco. A do contrário é para que o desenho cavado saia certo na prova. A segunda visão é para que saia branca a parte cavada da madeira. Às vezes, tiram a prova

> com uma tinta feita com anilina. Ou entranham pó de alvaiade o talco nos sulcos cavados para destacar as partes escuras em alto relevo.

Supracitado na citação acima, a xilogravura possui duas visões, em que seu resultado deve ter um contraste do branco com o preto. Ao finalizar deve inserir uma tinta preta na superfície plana da xilo. Esta forma ainda é desenvolvida nos dias atuais, demonstrando assim, a forma que se faz.

Quanto aos instrumentos que são feitos a xilogravura, os próprios xilógrafos fazem, seja um pedaço de guarda-chuva, canivete, agulha quebrada de máquina de costurar, estilete, prego, uma colher de pau e outros objetos faz parte para que essa arte seja desenvolvida. Através destes instrumentos rudimentares são feitos desenhos lindos com a umburana, ou seja, a madeira que é talhada o desenho. As capas de cordel no passado era inseridas clichês, artistas de novelas ou desenhos de zinco.

É importante destacar que, naquela época, eram feitos os desenhos e o artista não assinava sua arte, dificultando o estudo de muitos pesquisadores. Atualmente, devido a percepção dos estudiosos, já assinam suas obras, datam-no e na capa há o registro do nome do poeta, lugar e editora. Estas informações não eram divulgadas no passado, perdendo assim, muitas obras de artistas que ficaram na memória.

A ACC tem todo o cuidado em mencionar estas informações, pois já existe um cuidado por parte dos membros em relação a esses detalhes. Um dos nomes da xilogravura foi José Saldanha de Menezes (RN), Dila (PE), Manoel Bié (PE), Francisco Firmino (PB), José Camelo de Mello Rezende (PB), Antonio de Araújo Lucena (PB), Mestre Noza (CE), Walderêdo Gonçalves (CE), Mestre Dezinho (PI), Pacheco (BA), Antonio Carimbeiro (AL) e Franklim Maxado (BA). Mas, o pioneiro da xilogravura foi o carioca Oswaldo Goeldi, que iniciou em 1924, deixando uma vasta obra. O segundo que se destacou foi o paulista Lívio Abramo, em 1926, foi autodidata, que depois passou a morar no Paraguai. No entanto, hoje já existem vários xilógrafos que se destacam nessa arte em se tratando do Ceará temos: Stênio Diniz, Francorli, Cosmo Braz, Nilo, Abraão Batista, José Lourenço, Maercio Siqueira, Carlos Henrique Soares e outros que fazem dessa arte ser visitada por muitos curiosos e pesquisadores.

3 As capas de cordel de Padre Cícero dos xilógrafos da ACC

A Academia dos Cordelistas do Crato (ACC) é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativo, criada em 1991, tendo como idealizador o poeta Eloi Teles, que percebeu a necessidade de criar um grupo de poetas para propagar o cordel. Esta entidade fica localizada no Crato-CE, cidade esta situada no interior do Ceará e que se destaca pela cultura popular. A ACC tem a finalidade segundo seu estatuto:

> a) desenvolver, pesquisar, promover, documentar e difundir o cordelismo, ou seja, a arte e a ciência do cordel;
> b) preservar a literatura de cordel em sua forma, essência e tradição;
> c) divulgar, através do cordel, a cultura popular centro-nordestina;
> d) congregar os poetas cordelistas do Cariri;
> e) promover intercâmbio com outras instituições congêneres e com pesquisadores do cordelismo, dentro e fora do país.

Através disso a ACC consegue seu espaço, em que valoriza a xilogravura em seus cordéis, que percebe a importância de utilizar nos seus livretos esta arte. No grupo existem dois xilógrafos, que se dedicam a esta arte, embora um seja também cordelista, afinal o idealizador do grupo Elói Teles, tinha a intenção que todos aprendessem esta arte, porém o único que dedicou-se em exercer as duas funções foi apenas um, temos outro que é contemporâneo dele que é xilógrafo e procura juntos dialogarem sobre essa arte. As trocas de conhecimentos desses dois xilógrafos, fez com que criassem seus próprios traços, gerando não só uma forte amizade, mas o fortalecimento entre os dois sobre o contato existente com a xilogravura.

Para esse estudo limitamos apenas as capas de cordel feito pelos dois xilógrafos da academia, sendo que ao total existem nove capas de cordel com a imagem de Padre Cícero, sendo quatro do xilógrafo A e cinco do xilógrafo B. As capas do xilógrafo A, que possui traços característicos seus, o cordel: *Juazeiro do Norte um Século de Progresso e Fé*: representa padre Cícero olhando para a cidade e observando seu crescimento; o cordel intitulado: *Padre Cícero e a ecologia* tem como imagem padre Cícero no barranco ao livre, no fundo uma figura dual, padre Cícero e um elemento da natureza. O cordel com título: *Centenário de Juazeiro do Norte* segundo o artistaa ideia era pegar uma imagem parecida com a do padre Cícero, entretanto, explorando um traço mais generoso, mais largo, mas brando, mas despida, chamando atenção para essa faixa contendo 100, sinal de exclamação. O Cordel intitulado: *O Caldeirão e o*

Beato Zé Lourenço representa a invasão da tropa do governo, para matar e destruir, o beato não parece, porque ele fugiu na história.

Quanto as xilogravuras do xilógrafo B, possui cinco cordéis, tem como cordel intitulado: *Padre Cícero e o Homem com o Diabo no Corpo* é um cenário que representa a casa do homem sertanejo, observando a sala do santo - na parede tinha logo o sagrado coração de Jesus, o céu seria uma tábua do estilo barroco, é uma representação da casa antiga do homem sertanejo;no cordel intitulado: *Recados de Padre Cícero e Monselhor Murilo* porque colocou ele na frente, porque ele que estava na redia da igreja, depois que padre Cícero morreu, como ele estava em destaque resolveu colocar ele na frente representando o que tinha no cordel. No cordel intitulado: *O patrono das ruas do Crato*, fez esses traçados para passar a ideias de quarteirão e de ruas, as figuras talvez não precisassem de título, já falam, os três personagens um de nível internacional Santos Dumont, o filho de Bárbara de Alencar, porque foi uma figura que lutou pela independência do Brasil e o padre Cícero conhecido nacional e digamos bem caririense e nordeste. No cordel intitulado: *I Encontro Nacional de Negócios do Cariri*, representa o brasão da ACC, a palavra Cariri lembra muito o comércio, com os elementos a rapadura e o piquí e o cocar. O cordel: *Padre Cícero e a ecologia*, representa Padre Cícero segurando a plantinha dentro do chapéu, que faz do chapéu um suporte para o meio ambiente.

Podemos perceber através das falas dos xilógrafos, em que os mesmos fizeram suas capas, em alguns momentos confessaram que nem lembrava determinada capa, mas destacaram o que quis transmitir com cada uma delas.

Nas xilogravuras do xilógrafo A percebemos a riqueza de detalhes em todas as xilo, demonstrando um traçado específico, ou seja, original. Ainda, o artista sabe falar de cada capa, demonstrando os detalhes e enfatizando momento da história, que marca seu traçado e sua forma de conhecer o assunto dos cordéis.

Nas xilogravuras percebemos também a riqueza de detalhes e a evolução dos seus trabalhos, desde que iniciou com um tipo específico de traço até chegar na originalidade que possui hoje. O artista é contemporâneo do anterior, em que ambos, possuem uma sintonia em produzir suas capas, ou seja, tem o cuidado de ouvir o outro, e assim, fazem uma parceria na produção de suas capas.

Porém, ambos mostram uma riqueza em cada capa, demonstrando que são verdadeiros artistas da xilogravura atual.

4 Considerações

Voltando a pergunta inicial do presente estudo, ou seja, como aparece as imagens de Pe. Cícero nas capas de cordel dos xilógrafos da Academia dos Cordelistas do Crato? Sabemos que Padre Cícero faz parte da religiosidade popular cearense, em que ao longo do tempo muitas imagens surgiram dando sentido sua história.

As imagens dos cordéis mostram o sacerdote em diversos aspectos seja: olhar centrado, protetor da natureza, educador, religioso, conselheiro, homem importante, enfim diversas imagens traz uma representatividade sobre ele. Pois os xilógrafos foram fieis ao representar o símbolo religioso do Crato. Todas as capas tem como técnicas a xilogravura.

Ao se falar de imagens e Padre Cícero, nos vem a memória diversas imagens do sacerdote, que por inúmeras vezes foi motivo de filmes, documentários, livros e pesquisas. Mas no momento realizar uma pesquisa com as capas de cordel de Padre Cícero, nos permite voltar a história e conhecer mais sobre essa figura que faz parte do cotidiano do nordestino.

Sua imagem esta nas lojas, objetos comercializados na cidade de Juazeiro, internet, blusas, remédios caseiros, CD's, livros, cordéis, fazendo ser objeto de estudo. Abordar padre Cícero nas capas de cordel é irmos a um imaginário que perpassa do sagrado ao profano. Logo, as capas de cordéis destacada no presente estudo, nos possibilita interpretá-lo através de uma arte que perpassa o desenho e o manual, fazendo viajarmos no imaginário encantador que é o da xilogravura.

5 Referências

CARVALHO, Gilmar. *A xilogravura de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: IPHAN, 2014.

MAXADO, Franklin. *Cordel, xilogravura e ilustração*. 1982.

TEMÓTEO, Jurandy. *A xilogravura de Walderêdo Gonçalves no contexto da cultura popular do Cariri*. João Pessoa: UFPB, 2002.

ESTATUTO DA ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO, Reformulado em 2015.

https://michelechristine.wordpress.com/a-gravura/linoleogravura/acesso no dia 9/04/2016 as 18:45.

http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5086/litografia, acesso no dia 9/4/2016.

a) Cordéis

LACERDA, Josenir Alves de. *Juazeiro do Norte um Século de Progresso e Fé*. Juazeiro do Norte, 2011.

BRITO, Willian**.** *Padre Cícero e a ecologia*. Crato, 2003.

MORAIS, Antonio Aldemá Pereira de. *Centenário de Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte, 2011.

BATISTA, Francisco Edésio. *O Caldeirão e o Beato Zé Lourenço***.** Crato, 2002.

LACERDA, Josenir Amorim Alves de. *Padre Cícero e o Homem com o Diabo no Corpo***.** Crato, 2003.

GOMES José Severo. *Recados de Padre Cícero e Monselhor Murilo*. Crato, 2006.

FIGUEREDO, Anilda. *O patrono das ruas do Crato***.** Crato, 2015.

LIMA, Luciano Carneiro de. *I Encontro Nacional de Negócios do Cariri*. Crato, 2005.

USAR INADEQUADAMENTE AS FORMAS VERBAIS É SE EXPOR AOS OLHARES INTOLERANTES E RECRIMINADORES DA SOCIEDADE.

Francisco de Assis Silva Panta[1].
Aquilas Derkyan Rodrigues[2]

Resumo

Trabalho de abordagem qualitativa, desenvolvido seguindo parte das características da pesquisa-ação, cujo espaço de coleta dos dados e aplicação dos trabalhos de interferência ocorreu com um grupo de cerca de vinte alunos e ex-alunos do curso de Letras que se inscreveram para participarem de um minicurso oferecido no III Congresso do Livro, da Leitura e da Literatura do Sertão. A matriz epistemológica que sustentou o trabalho de reflexão foi o sociointeracionismo e os principais teóricos que o fundamentaram foram Bagno (2001 e 2015); Cunha e Cintra (1985); Bechara (2009); Ilari e Basso (2009). O trabalho reflete sobre os usos de verbos e os preconceitos e a recriminação da sociedade.

Palavras-chave: Formas verbais, preconceito lingüístico, norma padrão

Abstract

This paper of qualitative aproach was developed by following part of the research-action'features whose space of the data collection as well as the interference works took place whith a group of about twenty students and ex-students of the curse of Letters who enrolled themselves to attend the short course offered during the Book, Lecture and Backwood Literature Congress. The episthemological matrix that supported the reflexive work was the sociointeractionism and the main scholars to be discussed in this research were Bagno (2001 and 2015); Cunha and Cintra (1985); Bechara (2009); Ilari and Basso (2001). The paper reflects about the uses of the verbs and the prejudices as well as the rejection from the society.

Keywords: Verbal Forms, Linguistic Prejudice, Standard rule

---

1 – Professor Mestre da Universidade de Pernambuco – Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina. francisco.panta@facape.br. e francisco.panta@upe.br.

2 – Professor Especialista em Língua Portuguesa – Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina. aquilas_rodrigues@hotmail.com e aquila_rodrigues@hotmail.com.

Introdução

Compreendendo a língua como produto social, e a linguagem como processo de interação verbal, pretendemos com este trabalho apresentar uma breve reflexão sobre alguns aspectos de natureza político-ideológica que a sociedade como um todo faz da língua como instrumento de dominação e, em específico, a maneira preconceituosa como as classes dominantes da sociedade brasileira agem ao discriminar os usuários da língua portuguesa considerados "de pouca cultura", os quais não se submetem aos usos rigorosos das regras da gramática normativa, às observâncias das flexões verbais "corretas" na oralidade, da regência e da concordância tanto nominal como verbal.

De forma didática, o corpo desse trabalho teve como objetivo geral oportunizar ao aluno e ex-aluno de Letras e dos demais cursos da UPE, bem como à comunidade participante do III Congresso do Livro, da Leitura e da Literatura do Sertão o desenvolvimento de estratégias de uso das formas verbais de maneira mais lógica e de aprendizagem mais fácil. Teve como objetivos específicos: a) discutir as questões ideológicas que subjazem às posturas que caracterizam a presença de preconceito lingüístico que a elite dominante tem em relação aos falares das classes menos favorecidas; b) identificar formas verbais frequentemente empregadas no cotidiano que oferecem dificuldade no processo de flexão, de concordância e de regência verbal; c) aplicar atividades de estudos-dirigidos das formas verbais identificadas.

Metodologia

A metodologia empregada nesse trabalho foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa, cujo trabalho de investigação e desenvolvimento das atividades de interferência se deram em forma de minicurso. O trabalho de interferência se desenvolveu em forma de debates e discussões de situações prováveis de uso de frases que apresentam algum tipo de dificuldade quanto às regras de flexão verbal e de sintaxe da regência e da concordância. Além da observação do modo como os sujeitos da pesquisa utilizavam os verbos nas frases orais, foram aplicadas atividades escritas para serem preenchidas e debatidas no momento do trabalho.

Os sujeitos desse processo foram os alunos e ex-alunos do curso de Letras, bem como as pessoas da comunidade interessadas em estudar e

aprender verbos de maneira mais prática, sem necessidade de aprenderem técnicas de memorização.

Fundamentação Teórica

As sociedades capitalistas, como um todo, sem excetuar a sociedade brasileira, pelo fato de serem formadas por uma mais ou menos rígida divisão de classes -ou de castas- são sempre marcadas por valores diferentes, ou, até mesmo, antagônicos. Como, nessas sociedades, o que determina a segmentação e a posição de cada cidadão no interior dela é o padrão econômico, o que lhe garante o nível e tipo de domínio dos instrumentos de poder, dos privilégios e das oportunidades dentro desse sistema social, nitidamente se vê que apenas uma minoria se encontra no patamar superior, e que seus valores e atitudes são denominadas como o "tipo padrão" ou o "modelo oficial", a grande maioria desprestigiada da população, a que fica na base, de forma contraditória, é a que menos tem acesso aos bens materiais e simbólicos, inclusive, no que se refere à educação e, consequentemente, à linguagem ensinada na escola, a denominada padrão, a que é empregada, não por acaso, pelas classes mais elitizadas, pelas castas dominadoras.

Como dissemos antes, em nosso país, essa realidade cada vez mais se torna mais nítida. Nesse contexto, os mais pobres, os que compõem a parte inferior da pirâmide, são constantemente descriminados, e esse fato se agrava quando essa parcela da população, por não terem acesso a uma educação de qualidade e, em função disso, aos estudos mais elevados e ao domínio da variedade lingüística de prestígio – a forma padrão de linguagem- o seu falar e o seu escrever (quando o tem) fogem às normas padrão da forma culta da língua portuguesa, além de classificados como inferiores, também se tornam alvo de críticas e pretextos para atitudes frequentemente preconceituosas.

Embora tenhamos que reconhecer o esforço que tem feito a Sociolinguística - ramo da lingüística moderna que se notabilizou a partir dos anos sessenta - na tentativa de combater as práticas de inferiorização das variedades lingüísticas usadas pelas classes inferiores, pelos integrantes das classes mais abastadas e intelectualmente mais elevadas, o preconceito lingüístico é uma realidade. Alegam os cientistas, estudiosos e professores da Sociolinguística que a linguagem materializa e representa a própria história dos

seus usuários. A variedade lingüística de cada segmento ou grupo social é uma das marcas mais importantes da cultura e da vida de cada cidadão que integra esse grupo social. Discriminar a linguagem utilizada por esse grupo é, portanto, discriminar e inferiorizar os próprios cidadãos que falam essa variedade, o que vem, com isso, caracterizar uma clara infração ao princípio constitucional da Igualdade de Direitos, assegurado a todo(a) cidadão(ã) brasileiro(a) no Artigo 5º. da Constituição Federal.

O preconceito linguístico, como o próprio nome sugere e, em parte, já o explica, é o pré-julgamento presunçoso que umas pessoas se arvoram em fazer das outras, tomando como base o nível, variedade de linguagem usada por essas pessoas, ou construções lingüísticas, escolhas lexicais, flexões nominais ou verbais que essas pessoas fazem, ou modos de pronúncia que têm de alguns fonemas vocálicos e consonantais, reprovando-os por considerarem-nos errados ou inferiores. As pessoas que utilizam as práticas discriminadoras partem do pressuposto de que só existe uma língua portuguesa digna deste nome, a que é oficializada por leis, ensinada nas escolas, a que é explicada nas gramáticas, registrada e catalogada nos dicionários e usada pelos escritores renomados. A partir daí, qualquer pessoa que, em seu discurso, desvia-se dessa língua "correta" (ou "culta) é discriminada, reprimida e, às vezes, ridicularizada. BAGNO (2007, p.9) explica isso e aponta o papel dos sociolinguistas e professores de língua, dizendo que

> O preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é o bolo, o molde de um vestido não é o vestido, um mapa mundi não é o mundo...Também a gramática não é a língua.

Diante de tantos séculos em que prevaleceram esse pensamento e essa postura autoritária impostos pela elite dominante quanto à língua, todo o esforço político-ideológico desses cientistas e profissionais da educação são ainda considerados ínfimos, pouco significativos, já que representam uma luta desigual de classes, pelo fato de a elite contar com os instrumentos legais e o domínio das instituições oficiais e com as explicações dos gramáticos considerados como renomadas autoridades da língua. BAGNO (2007, p.57) afirma que

> A gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única forma legítima de falar e escrever, como a única manifestação lingüística que merece ser estudada.

Discordando disso e indo, no entanto, numa outra direção do que sugerem os puristas e "legisladores" da língua, segundo o que sugere a ciência denominada análise do discurso, "deve-se entender o contexto de um discurso para poder compreendê-lo. Da mesma forma, é importante respeitar a forma em que esse discurso se apresenta, uma vez que ela também é um produto do meio social do emissor".

Contrário a isso, o que se contata realmente é a existência cristalizada de uma espécie de ditadura da língua padrão, sacralizada pelas gramáticas normativas, produzida por intelectuais comprometidos com a permanência do *status quo*, legitimada e alimentada pela mídia, pelos dirigentes das instituições, pelos profissionais que cursaram uma graduação, registrada e perpetuada nos livros e demais instrumentos de divulgação de saberes pela língua na modalidade escrita.

Análise dos Dados

Começamos o nosso trabalho de análise a partir dos questionamentos orais que fizemos aos alunos e demais pessoas inscritas para participarem dos nossos trabalhos de reflexão sobre o modo como aquelas pessoas ali presentes flexionam vários verbos previamente selecionados, os quais estão sempre presentes no cotidiano delas e nosso também. Em seguida aplicamos algumas atividades escritas, elaboradas para testar o conhecimento que aquelas pessoas ali presentes tinham sobre outros verbos também de muito uso nos textos escritos dos universitários.

Ao perguntarmos sobre os usos das formas verbais do presente do indicativo, como usavam o verbo "entreter" em frases no presente, vejamos o que responderam:

"Eu sempre me **interto** muito após sair do trabalho"

"Eu sempre me **interti** muito após sair do trabalho"

"Eu sempre me **intirti** muito após sair do trabalho"

"Eu sempre me **entreto** muito após sair do trabalho"

Verificamos nas frases acima que, no que se refere à flexão verbal, os universitários demonstraram pleno desconhecimento dos elementos mórficos do referido verbo. Ao dizerem “interto”, ou “enterto” não observaram a raiz do verbo “entret”. Ao dizerem, além entreto, tentaram preservar a raiz do verbo, todavia não observaram a relação existente entre esse verbo e o verbo “ter”. Já que, no presente, a primeira pessoa do singular do verbo, no modo indicativo, é “tenho”, com o verbo entreter deveriam ter respondido “entretenho”.

Ao dizerem “intirti, interti ou entreti”, demonstraram desconhecimento das desinências de tempo, não observando que deveriam usar o verbo no presente, e não no pretérito perfeito do indicativo, como assim o fizeram, todavia de forma equivocada, associando a conjugação do verbo “entreter” com o verbo “entender” ou “depender”, cujas formas verbais no pretérito perfeito são respectivamente: “entendi” e “dependi”.

Na parte escrita, aplicamos o seguinte estudo dirigido para eles responderem, preenchendo adequadamente as lacunas com os verbos indicados entre parêntesis. Vejamos a atividade impressa.

Preencha com o verbo indicado, obedecendo à conjugação que a frase exige:

a) Se você **cabe** aí eu também..... Se você **vale** muito, eu também..... Se você **ri** eu também.....

b) Eu.....a sua proposta e você .....à minha (**aderir**- presente do indicativo.

c) Se tu competes tão bem assim, eu também..... (**competir** – presente).

d) Quando eu voltava da escola, sempre me .....vendo entrando nas lojas de moda e esquecia o horário do trabalho (**entreter**).

e) No ano passado eu me .....sozinho. Trabalhei muito mas paguei minhas contas (**manter**).

f) Ele ainda não .....os livros da biblioteca. .....pagar o valor .em dinheiro(**repor epropor,** ambos no mais que perfeito do indicativo).

g) Se eles se .....diante das injustiças e se.....sem falar nada, seria coniventes com as injustiças (**deter e conter**, pretérito imperfeito do subjuntivo).

h) Quando vocês ..... esse assunto na faculdade e .....em casa , vocês o aprenderão (**ver**, **rever** – futuro do subjuntivo)

i) Eles esperam que nós .....a verdadeamanhã. Acreditam eles que tudo que..... ontem era inverídico**. (dizer).**

j) Eu .....muito quando estou jogando futebol. Você .....também? (**suar** - presente).

k) Eu .....meus direitos; tu .....e ele também.....(**requerer**-presente).

l) Antigamente eu .....minha confiança nos outros. Nós ..... nossa confiança em nós mesmos. (**pôr**- pret. imp. Indicativo).

m) Tu **requeres** teu direito, eu.....o meu. Você .....o seu.

O que observamos inicialmente na atividade dada para eles completarem os espaços com os verbos indicados, é que, na maioria das lacunas indicadas nas frases os verbos deveriam estar conjugados no presente do indicativo, obedecendo à exigência no que se refere aos tempos e modos número e pessoa verbais. As formas do verbo "caber", "valer" e "rir" foram dadas na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, como base de raciocínio para que, por meio de tais formas, fossem preenchidas as lacunas com os citados verbos flexionados na primeira pessoa do singular do mesmo tempo e modo. Nos dois primeiros (caber e valer), o que se observa é o fenômeno parecido pelo acréscimo de um fonema na raiz do verbo, entretanto diferentes, por um se tratar de uma semivogal e o outro se tratar de uma consoante. Na primeira pessoa do singular do verbo "caber", o fonema/i/ cria um ditongo crescente em "caibo" e, na primeira pessoa do singular do verbo valer, a presença do /h/ torna a consoante "l" no dígrafo "lh" (como nas palavras mala e malha).

Quanto ao verbo "rir", pelo fato de, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, acontecer uma homonímia da forma verbal "rio" com o substantivo "rio", isso cria uma grande dúvida no falante ou escritor, achando ele que isso não é possível e prefere dizer ou escrever "eu dou risada" em fez grafar ou dizer "eu rio".

Nas duas frases seguintes (b e c), aparecem, respectivamente, os verbos "aderir" e "competir". Ambos têm sua irregularidade exatamente na primeira pessoa do singular do presente do indicativo – "adiro", "compito"- e nas formas ou tempos derivados dessa pessoa, como é o caso do presente do subjuntivo e do imperativo negativo. No caso do imperativo afirmativo, somente as formas que vêm diretamente do presente do subjuntivo (3ª. do singular- adira você- 1ª. e

3ª. do plural -adiramos nós, adiram vocês; compita você, compitamos nós, compitam vocês- As demais pessoas não sofrem alteração na raiz, por derivarem das demais pessoas do presente do indicativo, exatamente as que não sofrem tal deformidade no seu radical. Cunha & Cintra (1985, p. 402), denominam tal fenômeno de alternância vocálica e explicam que:

> Muitos verbos da língua portuguesa apresentam diferenças de timbre na vogal do radical conforme nele recaia ou não o acento tônico. Estas diferenças não são exatamente as mesmas na variante européia e na variante brasileira da línguaport ao fenômeno da redução das vogais em sílaba tônica [...] Às vezes a alternância observa-se nas próprias formas rizotônicas. Por exemplo: *subo*, em contraste com *sobes*, *sobe* e *sobem*; *firo*, em oposição a *feres*, *fere* e *ferem*.

Os verbos **entreter, manter, deter e conter (**nas frases **d**, **e** e **g)** seguem a mesma lógica em seu processo de flexão. Ambos se flexionam com base no verbo ter. Seguem a mesma estrutura deste verbo em todos as pessoas, tempos e modos verbais.

Quanto aos verbos **repor** e **propor (**na fase f) também seguem uma lógica comum. Ambos são flexionados segundo o verbo **pôr**.

Resultados

Os resultados obtidos com esse trabalho só vieram comprovar o que já previámos: as pessoas, mesmo sendo alunos ou ex-alunos de Letras, demonstram bastante insegurança no que se refere ao uso dos verbos. Ao se verem diante da necessidade de flexionarem alguns verbos, mesmo sendo esses considerados por nós como verbos irregulares de uso frequente no cotidiano das falas, muitos fazem opção de conjugá-los em tempos ou formas compostas, em vez das formas simples, ou substituem-nos por verbos regulares que tenham significados aproximados, evitando assim o risco de serem criticados, pelo fato de cometerem os chamados “erros de sintaxe” ou “solecismo”.

Atitudes como essa são freqüentes, já que que também são freqüentes as manifestações de intolerância lingüística.

Num trabalho seguinte, desenvolvido com os alunos, sobre os estudos do verbo, também verificamos que todos tinham dificuldade em saber quando aplicar a forma do infinitivo ou a terceira pessoa do singular do presente do indicativo de verbos que, nas duas situações as formas verbais são pronunciadas

da mesma maneira, ocorrendo uma espécie de homofonia. O que fazer para usar "estar" ou "está"; "ver" ou "vê"; dar ou dá, ou "ler" ou "lê"?

A partir do que constatamos, aplicamos a seguinte atividade para os alunos completarem as lacunas. Vejamos abaixo a atividade:

1. Preencha corretamente as lacunas com uma das formas verbais indicadas ao lado

a) Embora ela informasse .....doente, o exame diz que não ..... Pode .....sentindo tristeza por algum motivo desconhecido, mas seu diagnóstico indica .....em plenas condições de trabalhar. (estar, está).

b) "O pescador afirma.....sempre uma sereia naquela praia, mas será que ele..... mesmo? Ele deve.....lá é alguma garrafa de cachaça deixada pelos turistas e, quando a ....., e degusta-a, passa a .....todo tipo de fantasmas. (ver, vê).

c) Quando você .....aqui e .....o pescador, diga-lhe que a mulher dele também pretende .....essa tal sereia. Se ela ..... aqui e ..... você, vai ser uma grande confusão. Vou pagar pra..... (ver, vir, vier, vê).

d) Você diz.....no sobrenatural, assim como ..... em seu próprio pai. Será que..... dessa maneira é correto? Será que você.....assim mesmo? (crer, crê).

e) Ele me disse que deseja ..... aquele livro enorme, mas sei que ele não..... Ele só ..... gibis e agora se atreverá a .....um livro tão espesso assim? Ele precisa .....livros bons. (ler, lê).

f) O político promete .....tudo à população mais pobre, mas ele não.....nada a ninguém. Parece que ele.....tudo somente aos seus familiares e afirma veementemente .....à população carente.(dar, dá).

Após os alunos preencherem a atividade acima, cada um dos itens foi exposto, e cuidadosamente analisada cada forma verbal colocada na lacuna indicada.

Depois de explicada a atividade em aplicação, foi observando que a melhor maneira para se encontrar a resposta para essas questões a respeito da forma do infinitivo ou a da terceira pessoa do singular do presente do indicativo era pelo processo da substituição de verbo por um outro, de sentido próximo ao do verbo que oferecia a citada dificuldade. E aí eles substituíram o verbo estar pelo verbo

permanecer e viram, enquanto a semelhança ocorre na forma do infinitivo, na terceira pessoa do singular do indicativo os verbos em observação se apresentam sem nenhum traço de semelhança, com sons de pronuncia completamente diferentes.

Em relação aos modos de conjugar os verbos derivados de ter, ver e pôr (como deter, entreter, manter, manter; rever, antever; repor, propor, compor, dispor) foi ensinado que o melhor caminho para superar as dúvidas quanto aos seus usos é de estudo do processo de derivação, conjugando os tempos primitivos e estudando como se faz a derivação dos mesmos.

Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico, o que é como se faz*. 47.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____*Dramática da língua portuguesa*: tradição gramatical, mídia & exclusão social. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática protuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso & CINTRA. Linley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ed – 33. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ILARI, Rodolfo. BASSO, Renato. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos*. 55. ed. São Paulo: Villa Rica Editora, 2011.

LIVRO DIGITAL: AS VANTAGENS E DESVANTAGENS NA PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Ângela Barbosa de Santana

126

Resumo:
O livro digital trata-se de um livro, independente de seu suporte. É um instrumento que conecta ideias, práticas culturais e instituições sociais. A utilização do livro digital ainda é pequena entre estudantes do ensino médio comparada ao livro impresso. Nas escolas públicas, observam-se entre estudantes muitas dúvidas sobre o uso de livros digitais e suas respectivas vantagens e desvantagens. O objetivo deste trabalho é fomentar uma discussão e explicitar os motivos da pouca penetração do livro digital entre este público.
Palavras-chave: Livro digital. Leitura. Inovação.

Abstract:
E-book is like a book, don't matter its support. It's a tool that connects ideas, cultural practices and social institutions. E-book's use is still small among students of high school compared to the printed book. In public schools, it observed many doubts about the use of E-books, their respective advantages and disadvantages. The objective of this article is promoting a discussion and explains the razors for low E-book penetration among this public.
Keywords: E-book. Reading. Innovation.

Introdução

O livro digital não deve ser considerado apenas como um conjunto de caracteres digitais utilizados e transportados em mídia eletrônica, pois perde o conceito social e cultural subjacente ao livro. A percepção que o leitor, em geral, demonstra é de que o livro digital trata-se principalmente de um livro, independente de seu aspecto físico. É um instrumento que conecta ideias, práticas culturais e instituições sociais. A utilização do livro digital ainda é pequena no Brasil se comparada ao livro impresso. Nas escolas públicas, observam-se entre estudantes muitas dúvidas sobre o uso de livros digitais e suas respectivas vantagens e desvantagens. O objetivo deste trabalho é fomentar uma discussão sobre o livro em formato digital. Questões que foram consideradas no tratamento do tema: Qual a frequência de uso por estudantes

126 *Escola de Referência em Ensino Médio Severino Farias- Surubim - PE
Licenciada em Letras - UPE, Especialista em Tecnologias em Educação - PUC-RJ Professora
E-mail: miragemsantana@gmail.com

do ensino médio de livros em formato digital? Quais as vantagens e desvantagens percebidas por eles em comparação com o livro impresso? Através de encontros com debates orientados e enquete realizada com uma amostra de alunos do ensino médio da rede estadual confirmou-se o pouco contato que os alunos têm com o livro digital. Segundo ROGERS (2003) a adoção ou não de uma inovação depende de fatores como: a vantagem relativa sobre a versão tradicional, a compatibilidade de uso, a possibilidade de experimentação, a complexidade da nova experiência, a visibilidade que a inovação dispõe para despertar interesse, a imagem que ela transmite, o uso voluntário e a tangibilidade de resultados. Ou seja, para uma inovação tecnológica tornar-se popular, fatores de ordem social, econômica e cultural são requisitos que devem ser considerados. É possível concluir que apesar das prováveis vantagens do livro digital, o livro impresso está longe de ser substituído. Para os jovens leitores, a experiência da leitura e todo seu encantamento ultrapassam discussões sobre o suporte no qual é realizada. A perspectiva mais acertada é a de que livro digital e impresso coexistam para complementarem-se atendendo às variadas expectativas dos leitores.

Fundamentação

Em um contexto abrangente, o livro pode ser definido, como um artefato cultural produzido por um emissor destinado a transmitir algo a um receptor preconcebido. O livro funciona como veículo de transmissão e difusão de ideias, informações, normas, conceitos. Outros artefatos da nossa sociedade também apresentam essa característica de divulgação como as revistas, jornais, programas de TV e rádio. Isso sem mencionar as versões *online* destes meios de comunicação, além de novos formatos digitais de divulgação de ideias como os blogs e videoblogs. Caso procuremos uma definição mais restrita e detalhada para livro encontraremos as seguintes definições em dicionário:

1. Publicação impressa não periódica, com folhas costuradas ou coladas.
2. Obra escrita literária ou científica.
3. Subdivisão de uma obra escrita de grande volume.
4. Caderno de capa dura para certos tipos de registros. (CEGALLA, 2008:543)

No entanto, estas definições são insuficientes para dar conta da complexidade que envolve o artefato livro e sua significação na nossa sociedade

letrada. Ele trata-se de um símbolo cultural carregado de valor subjetivo. As definições restringem-se apenas a descrição do aspecto físico e mesmo assim estão desatualizadas frente às novas tecnologias disponíveis. A definição encontrada no site de buscas GOOGLE, não é diferente daquela encontrada nos dicionários impressos. Mesmo sendo ele próprio um aprimorado, aperfeiçoado e atualizado instrumento de pesquisa na era digital. Para o verbete livro encontramos a seguinte definição no Google:*"Coleção de folhas de papel, impressas ou não, reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura, etc. formando um volume que se recobre com capa resistente."*(Fonte: https://www.google.com.br/#q=define:+livro)

Esta definição refere-se explicitamente ao livro como tradicionalmente o conhecemos e que neste trabalho chamaremos de livro impresso para contrapor com o conceito de livro digital, tema deste artigo.

Segundo a Lei nº 10.753 de 30 de outubro de 2003 que institui a Política Nacional do Livro, em seu capítulo II, cujo título é: Do livro; o conceito de livro também se restringe ao formato impresso:

Art. 2 Considera-se livro, para efeitos desta Lei, a publicação de textos escritos em fichas ou folhas, não periódica, grampeada, colada ou costurada, em volume cartonado, encadernado ou em brochura, em capas avulsas, em qualquer formato e acabamento.

O objetivo da lei é promover através de diversas políticas públicas ações de incentivo a leitura como instituição de programas de leitura, parcerias com entidades públicas e privadas com ações voltadas para o desenvolvimento do acesso aos livros, implementação de bibliotecas escolares, tarifa postal reduzida para livros brasileiros, criação de bibliotecas, etc. A mesma lei traz uma definição mais ampla de livro em seu capítulo I: Diretrizes Gerais - inciso II. E esta definição parece atualizada com os diferentes suportes no qual o livro pode aparecer. Ela não trata do material ou forma que o livro assume, trata da essência do objeto em si, da significação simbólica que assume socialmente:

II - o livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida.

Uma definição consonante com a qual adotamos nesta pesquisa. Num conceito amplo, o livro é produto de difusão e comunicação cultural e social, arcabouço de conhecimento de uso de uma coletividade, com funções e significações específicas em cada comunidade que o utiliza, independente do formato ou suporte no qual se apresenta.

1 Livro Digital

Trata-se apenas de um suporte diferenciado para o livro que já conhecemos? Ou o livro digital realmente tem caráter próprio? De acordo com a definição geralmente encontrada, o livro digital ou livro eletrônico trata-se de qualquer conteúdo de informação semelhante a um livro em formato digital para ser lido em equipamentos eletrônicos.

Para considerarmos um texto digital como livro, precisamos observar alguns aspectos ou dimensões:

*conteúdo - possui propriedade intelectual, mesmo que desconhecida. Ou seja, ele pode ser considerado uma produção do conhecimento e criatividade humana com finalidades diversificadas.

*formato - refere-se ao documento ou formato de arquivo adotado.

*leitor - o software que permite a leitura do arquivo.

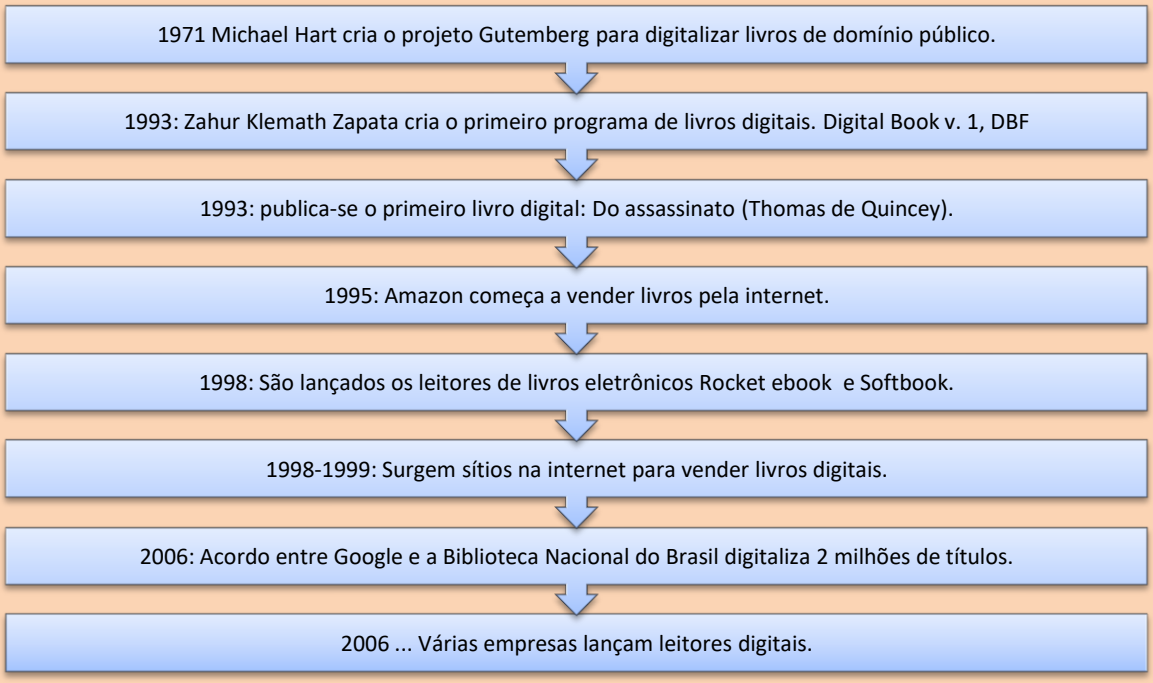
*aparelho de leitura - que será a interface final de conexão entre o livro e o usuário, permitindo a realização da leitura.

O primeiro livro digital comumente considerado como tal foi a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América que em 1971 foi digitalizada através do Projeto Gutenberg[127] por Michael Stern Hart. Hart era um estudante da Universidade de Illinois que teve acesso a um supercomputador conectado a uma rede, um dos poucos existentes á época. Hart imaginando que um dia os computadores seriam acessíveis ao público, idealizou disponibilizar obras literárias em formato eletrônico gratuitamente. Começou com a Declaração de Independência dos Estados Unidos e nomeou seu projeto em homenagem a Johannes Gutenberg, inventor da prensa móvel.

[127] Projeto Gutenberg: trata-se de uma ação realizada voluntariamente por um grupo de colaboradores que objetiva digitalizar e disponibilizar gratuitamente obras culturais através da internet. Fundado em 1971, é a mais antiga biblioteca digital.

No imaginário dos leitores, o livro está associado ao seu suporte. No caso do livro digital, está associado ao hardware (computador, tablet, telefone móvil ou específicos aparelhos leitores digitais). Os formatos dos livros digitais mais comuns são PDF, HTML e ePUB. Necessitam de softwares específicos para leitura. Alguns deles disponibilizados gratuitamente como o Acrobat Reader. É relativamente fácil encontrar livros digitais em formatos variados e gratuitos.

Vejamos os principais eventos relacionados ao livro digital numa linha de tempo:



(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_digital)

2 Inovação

Os livros digitais são considerados por muitos uma inovação. Uma inovação pode ser considerada como uma ideia, uma prática ou um produto visto como novidade por um indivíduo ou um grupo social, ou seja, se a ideia parece inédita trata-se de uma inovação. Não precisa ser necessariamente um novo produto, mas pode ser uma maneira nova de utilização de algo que já existe. Nem todas as inovações são difundidas e aceitas pelo público alvo. São muitos os fatores que determinam essa aceitação ou não:

Uma razão porque há tanto interesse na difusão de inovações é porque ter uma nova ideia adotada, mesmo quando ela possui vantagens óbvias é frequentemente muito difícil. Há uma enorme lacuna em muitas áreas, entre o que é conhecido e o que é atualmente usado. Muitas inovações requerem um

longo período, frequentemente de alguns anos, desde o tempo em que eles tornaram-se disponíveis para quando eles são largamente adotados. (ROGERS, 1983: 1)

2.1 Critérios para adoção de uma inovação

"A essência do processo de difusão é a informação pela qual um indivíduo comunica uma nova ideia para vários outros." (ROGERS, 1983: 17)

Uma inovação para ser aceita numa comunidade de possíveis adotantes precisa passar pelo crivo de alguns critérios. Sua difusão depende de um tipo especial de comunicação entre os adotantes e como a mensagem transmitida relaciona-se a nova ideia. A difusão de uma inovação não se trata de algo simples ou óbvio. É uma mudança social, produto de um processo no qual ocorrem alterações na estrutura e função de um sistema social. As características que definem a adoção de uma inovação são:

*Vantagem relativa: A inovação é comparada com a ideia que pretende substituir. Qual o grau de vantagem desta substituição? Qual o tipo de vantagem? Econômica, prestigio social, conveniência e\ou satisfação? O que importa é o quanto o adotante percebe a inovação como vantajosa. Quanto maior a vantagem percebida, mais rápida será sua adoção.

*Compatibilidade: é o índice de consistência percebido pelo público alvo da inovação. Os valores, experiências passadas e necessidades dos prováveis adotantes são compatíveis com a inovação?

*Complexidade: É o grau no qual a inovação pode ser percebida como difícil de manusear e compreender;

* Testagem: Grau de experimentação da inovação, ou seja, se ela possibilita a testagem antes de ser completamente implementada;

*Observabilidade: Trata-se da visibilidade de resultados da inovação. Quanto mais visíveis os resultados para os demais sujeitos, mais gratuitamente a inovação é adotada.

Além de todas essas características a essência do processo de difusão é a informação pela qual o indivíduo comunica uma nova ideia para outros. O processo de difusão de uma inovação conta com quatro elementos fundamentais que o compõem: uma inovação, um indivíduo que tem experiência ou

conhecimento de uso da inovação, outro indivíduo que ainda não conhece a inovação e um canal de comunicação que conecte os indivíduos envolvidos.

Após o processo de difusão da inovação, inicia-se o processo de tomada de decisão. Trata-se do primeiro contato com a inovação, para decidir sua adoção ou rejeição, para implementação da nova ideia e consequente adoção ou rejeição dela. O processo passa por cinco etapas: conhecimento, persuasão, decisão, implementação e confirmação.

*Conhecimento: exposição à inovação e compreensão de como ela funciona;
*Persuasão: formação de opinião favorável ou desfavorável sobre a inovação;
* Decisão: escolha de adotar ou rejeitar a inovação;
*Implementação: colocar a inovação em uso;
*Confirmação: reforço da decisão acerca da inovação.

2.2 Livro digital como inovação

O livro eletrônico ou digital surgiu como uma nova ferramenta de leitura, mas vai além ao proporcionar possibilidades de acessibilidade e interação nunca imaginadas numa leitura de livro impresso. Listemos algumas:

*É possível ajustar o tamanho da letra para uma leitura mais confortável;
*Marcar página na qual foi interrompida a leitura e desmarcar sem qualquer rasura ou dano ao livro;
* É possível ajustar a luminosidade da tela do aparelho para ambientes com muita ou nenhuma luminosidade;
*Acessar simultaneamente o dicionário para descobrir o significado de uma palavra desconhecida;
*Fazer e desfazer marcações e observações nas páginas do livro;
*Converter para diversos formatos (alguns deles) e lê-los em dispositivos diversos;
*Compartilhar com amigos e ler simultaneamente, trocando impressões;
* Os dispositivos de leitura podem armazenar enormes quantidades de livros que estarão disponíveis para leituraa qualquer hora ou lugar mesmo sem conexão;
*Facilidade de transporte, mobilidade e portabilidade;
* Facilidade de acesso via internet a qualquer horário;
*Custo reduzido de aquisição comparado ao livro impresso;

*Considerados ecologicamente corretos por não necessitarem da utilização de papel.

Apesar de livros digitais não serem uma invenção tão recente, os atuais livros digitais disponibilizados adquiriram recentemente (duas décadas) formas mais sofisticadas de apresentação que os tornaram mais atrativos e grandes empresas lançaram leitores eletrônicos (uma década) para facilitar a divulgação e propagação dos mesmos, o livro digital ainda pode ser considerado uma inovação por ser uma novidade para uma grande parcela de leitores.

Apesar das vantagens apresentadas, o livro digital trata-se de uma inovação que *"ainda não pegou"* entre o público pesquisado. Quais seriam os motivos?

3 A leitura no contexto brasileiro

O número de leitores no Brasil tem crescido assim como o percentual de escolarização da população brasileira de acordo com dados de uma pesquisa nacional sobre hábitos de leitura[128]. De acordo com a pesquisa, em sua última edição (2015), 56% dos entrevistados foram considerados leitores de acordo com critérios da própria pesquisa[129]. Na edição anterior (2011), o percentual era de 50%. Comparando com dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) no período entre 2002 e 2014 o percentual de brasileiros que concluíram o Ensino Médio, nível de escolaridade que apresentou o maior crescimento, ascendeu de 14% para 29%. Houve aumento também no ensino superior que dobrou, passando de 7% em 2002 para 14% em 2014. A porcentagem da população analfabeta apresentou decréscimo (14% em 2002 para 9% em 2014). São dados para serem comemorados. No entanto, observa-se também que a simples alfabetização da população não garante a formação de um público leitor. Pois de acordo com a pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" aumentou também o percentual dos leitores que afirmam ter dificuldades para ler e compreender um texto. Ou seja, a decodificação do escrito não garante a plena assimilação do conteúdo, da mensagem nele contida:

[128] A 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil realizada entre 23 de novembro e 14 de dezembro de 2015 com uma amostra total de 5.012 entrevistados de todas as regiões do país.
[129] Pela pesquisa é considerado leitor quem tenha lido uma obra completa ou em partes nos últimos três meses.

Ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito. (...) Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra partes das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994: 5)

A dificuldade de leitura se reflete nos hábitos culturais e prioridades da população.

Ao se discutir livros digitais sob o viés de sua aceitabilidade e adoção por leitores brasileiros é preciso refletir sobre o perfil do leitor brasileiro e de nossa sociedade em geral. Não somos um país de forte tradição leitora devido a vários fatores principalmente de ordem cultural e social, sendo um deles a desigualdade socioeconômica que manteve durante décadas boa parte da população distante do ambiente escolar, com altas taxas de evasão e desistência. Esse cenário tem se revertido consideravelmente ao observamos os índices crescentes de escolaridade da população. Mas apenas alfabetizar a população não é suficiente, é preciso qualificar o processo de ensino, letrar as práticas de leitura e escrita em sala de aula atribuindo-lhes significados e contextualidade. Priorizar o Letramento[130] dos aprendizes e não apenas sua Alfabetização.

Para formar leitores e uma cultura que valorize a leitura e escrita é preciso tornar acessível à aquisição de livros e materiais como promover e divulgar práticas e exemplos de fomento a leitura não apenas nas escolas como na mídia em geral, nos órgãos públicos e privados, associações, etc. É preciso principalmente, valorizar a educação como prioridade nacional capacitando seus funcionários adequadamente.

Considerações Finais

Este trabalho pretendeu investigar a penetração que a leitura de livros digitais apresenta entre estudantes do ensino médio. A pesquisa foi realizada com estudantes do 1º ano da Escola de Referência em Ensino Médio Severino Farias, localizada em Surubim - PE. Através de encontros dedicados a leitura de

130 Letramento: processo que capacita o indivíduo a dominar a leitura, ou seja, que não só sabe ler e escrever (atributo daquele que é alfabetizado), mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita. O letramento seria a ampliação do sentido de alfabetização. Prática social que favorece aos sujeitos interpretar os discursos veiculados socialmente.

trechos de livros impressos e digitais, debates orientados e uma enquete realizada com uma amostra de 32 alunos do 1º ano do ensino médio da EREM Severino Farias, com idades entre 13 a 15 anos, confirmou-se o pouco contato que os alunos têm com o livro digital.

Na enquete realizada, perguntou-se sobre a leitura de livros impressos e depois de livros digitais. Todos os alunos afirmaram ler com frequência livros impressos e apenas cinco alunos afirmaram já ter lido um livro digital.

Segundo ROGERS (2003) a adoção ou não de uma inovação depende de fatores como: a vantagem relativa sobre a versão tradicional, a compatibilidade de uso, a possibilidade de experimentação, a complexidade da nova experiência, a visibilidade que a inovação dispõe para despertar interesse, a imagem que ela transmite, o uso voluntário e a tangibilidade de resultados. Ou seja, para uma inovação tornar-se popular, fatores de ordem social, econômica e cultural são requisitos que devem ser considerados. A difusão da inovação neste caso não é feita de modo abrangente no ambiente familiar porque os demais membros da família destes adolescentes não possuem, em sua maioria, o hábito de leitura principalmente em suportes eletrônicos. O livro digital não conta com a visibilidade necessária no ambiente familiar, muito menos na escola que é outro ambiente de formação de hábitos entre os adolescentes. A tradição escolar consagra o livro impresso. Ele é encontrado no material escolar com livros didáticos de várias disciplinas, na biblioteca com prateleiras recheadas de livros impressos e no exemplo dos professores (um importante formador de opinião para o aluno) que desfilam com volumes impressos pelo ambiente escolar.

A pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" descobriu que a maioria dos acessos a livros eletrônicos se dá através dos celulares. Dos entrevistados que responderam já terem lido livros digitais, 56% o fizeram pelo celular. Apesar da grande maioria dos alunos já ter ouvido falar em livros digitais e possuírem telefones com acesso à internet (smartphones) não apresentam curiosidade ou interesse pela inovação. Entre os alunos que participaram da pesquisa, aqueles que são leitores frequentes preferem o livro impresso. Dentre os motivos citados por eles para a não utilização do livro digital estão à facilidade de dispersão que este suporte eletrônico apresenta, ou seja, é difícil concentrar-se na leitura se frequentemente sua atenção é desviada pelo aviso de mensagens. Outro fator que influencia indiretamente é o conceito negativo que o celular assume no

ambiente escolar justamente pela dispersão que causa aos alunos durante as aulas. Existe atualmente uma lei estadual que restringe o uso do celular nas escolas e proíbe a utilização em sala de aula sem finalidade pedagógica - Lei Nº 15.507, de 21 de maio de 2015[131]. Ou seja, a visibilidade desta inovação e a imagem que ela transmite são consideradas negativas sob vários aspectos no ambiente escolar. Para ilustrar melhor esta situação, visualizemos a seguinte cena: Logo após terminar antecipadamente uma atividade em sala de aula, o aluno resolve ler um pouco enquanto espera os colegas finalizarem também. O professor está ocupado orientando os alunos com dificuldades. Caso o aluno retire da mochila um livro impresso e comece a folheá-lo o professor ao vê-lo absorto na leitura o deixará ler tranquilamente sentindo-se satisfeito por ele estar ocupado. Agora se o aluno retirar o telefone da mochila e se puser a manuseá-lo, o professor imediatamente irá até ele desconfiadamente checar o que o aluno está acessando, mesmo que ele esteja lendo um livro digital, provavelmente o professor o pedirá para desligar o aparelho receoso que logo que se distraia o aluno aproveite para acessar as redes sociais.

Quanto à tangibilidade de resultados da inovação não são claros e palpáveis entre o público pesquisado. Muitas das vantagens interativas dos livros digitais estão disponíveis apenas em versões para leitores eletrônicos, os quais não são acessíveis aos alunos pelo valor ainda elevado e nem almejados por eles porque apresenta uma função única: ler livros digitais. A gratuidade de livros digitais para download não é tão diversificada e eles tem acesso a vários títulos gratuitamente disponibilizados na biblioteca escolar. O acesso à internet ainda é limitado para muitos alunos, uma boa parcela desse público reside na zona rural do município, o que restringe as oportunidades de utilização da mesma. Outras desvantagens citadas por eles são:

*a possibilidade de roubo - caso você esteja distraidamente lendo no celular em lugar público é bem maior a possibilidade de ter seu aparelho roubado do que se você estivesse lendo um livro impresso. Qual ladrão se interessaria por um livro impresso?

[131]Regulamenta a utilização de aparelhos celulares e equipamentos eletrônicos nas salas de aulas, bibliotecas e outros espaços de estudos das instituições de ensino públicas e particulares localizadas no Estado de Pernambuco, e dá outras providências.

*o gasto de energia - citado como desvantagem em relação ao impresso, caso a bateria do celular descarregue a leitura precisa ser interrompida;
*facilidade de quebra - a preocupação demonstrada é caso aconteça algum dano ao aparelho fica-se impossibilitado de continuar a leitura do livro;
*dificuldade de concentração - como o celular agrega muitas outras funções é difícil se concentrar na leitura de textos longos, a dispersão é muito facilitada.

Apesar das vantagens conhecidas do livro digital, principalmente relativas ao custo e acessibilidade, o livro impresso parece que está longe de ser substituído. Entre o público pesquisado a inserção desta inovação é insuficiente para competir com o livro impresso devido à ausência de vários requisitos para sua difusão e uma parcela de limitações sociais como o acesso restrito a internet. O livro digital não encontra reservas ou objeções preconcebidas entre a maioria dos estudantes. Gostaram de experimentar a leitura multimídia durante os encontros, mas ela não lhes desperta o interesse necessário para tornar-se popular. Enquanto o livro impresso encontra-se onipresente entre os estudantes no ambiente escolar.

Para os jovens leitores, a experiência da leitura e todo seu encantamento ultrapassam discussões sobre o suporte no qual é realizada. A perspectiva mais acertada é a de que livro digital e impresso coexistam para complementarem-se atendendo às variadas expectativas dos leitores.

Referências bibliográficas:

BRASIL, Presidência da República. *Política Nacional do Livro*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm. Acesso em: 24 de abril de 2016

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

FOUCAMBERT, Jean; trad. Bruno Charles Magno. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

Instituto Pró-Livro. *Retratos da Leitura no Brasil - 4ª edição*. São Paulo: Ibope Inteligência, 2015. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2016.

ROGERS, Everett M. *Diffusion of Innovations*. 3rd edition. New York: Free Press Macmillan, 1983. Disponível em https://teddykw2.files.wordpress.com/2012/07/everett-m-rogers-diffusion-of-innovations.pdf. Acesso em: 06 de março de 2016.

LETRAMENTOS PARA ALUNOS SURDOS ATRAVÉS DE CLÁSSICOS BRASILEIROS

Antônia Aparecida Barros Alencar Correia[132]

Resumo:
Este trabalho é um recorte de um Projeto de Pesquisa que busca aproximar o teórico-empírico sobre a aquisição da escrita de Língua Portuguesa como segunda língua por alunos surdos através dos clássicos brasileiros. Partindo do pressuposto de que a Libras é a primeira língua do surdo e que ele é um Ser com cultura própria. Cabe à escola vivenciar as duas culturas, levando esses discentes à compreensão, efetivamente, dos sentidos e significados na apropriação dos conhecimentos linguísticos.

Palavras-chave: Ensino de Língua. Literatura Brasileira. Surdez. Literácia.

Abstract:
This work is a part of a research project that has as objective to approximate the theoretical-empirical about the Portuguese Language writing acquisition as a second language for deaf students through Brazilian classics. Starting of the assumption that Libras is the first language of the deaf and that he is a being with his own culture. It is up to the school experiences both cultures, guiding these students to understand effectively the senses and meanings in the appropriation of language skills.

Keywords: Language Teaching. Brazilian Literature. Deafness. Literacy.

Introdução

A educação brasileira vem se transformando nos últimos anos com a implantação das políticas públicas inclusivas, dentre elas, a mais recente, a Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015, que no Art. 1º diz: "É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o

[132]Doutoranda em Educação, docente de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - *Campus* Salgueiro, orientadora de Projeto PIBEX e membro do GEPET– Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educacionais Tecnológicas. E-mail: aparecida.barros@ifsertao-pe.edu.br.

exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania." Dessa forma, os surdos passam a ser incluídos em busca de condições de igualdade, em busca de exercerem os direitos e deveres fundamentais inerentes a grupos diferentes. É tanto que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é vista como uma das linguagens mais importantes na construção da comunicação entre os sujeitos surdos, e desses com os ouvintes; constituindo relações sociais para a integralização e representação da cultura dos surdos. A comunidade ouvintista reconhece na LIBRAS a representação natural de linguagem necessária para a comunicação social desse grupo.

Na atualidade, a Libras adquiriu status de Língua através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, no art. 1º, parágrafo único: "A forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil." Assim sendo, deve-se oferecer desde cedo ao sujeito surdo ou com deficiência auditiva em geral, acesso a Libras como primeira língua e como segunda língua, a Língua Portuguesa escrita.

Então, em consonância com a Lei 13.146 de 06 de julho de 2015, que encarrega o poder público de garantir, criar, desenvolver e avaliar o processo educativo bilíngue no Art. 28, parágrafo IV em que determina a – "oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas". Isso nos faz refletir a respeito de um espaço inclusivo, como modelo pedagógico próprio a fim de promover as condições imperativas para a integração de todos os surdos.

É preciso buscar, através de práticas educativas, um ensino de Língua que objetive a construção do sujeito priorizando a interação social. As Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio – OCNEM, BRASIL, 2006, orientam que se promova uma abordagem para o letramento, ou melhor, os letramentos. Pois no campo linguístico, o letramento pode ser compreendido sob duas concepções: a primeira, de uma linha tradicional, entende o letramento como a habilidade de ler e escrever desde o aspecto mecânico até a competência de chegar a extrair sentidos de um texto. Essa competência é vista como resultado

de aspecto mental, cognitivo, que só se adquire através da educação sistematizada em ambiente escolar. Já a segunda concepção, compreende o letramento como um conjunto de práticas sociais específicas que se constroem para atender diferentes contextos e diferentes propósitos da vida.

Assim sendo, entende-se que, por a vida apresentar múltiplos contextos, múltiplas atividades, necessita-se de variadas práticas sociais o que se configura em letramentos e não em letramento. É preciso estar consciente de que cada prática social requer um uso de escrita específico. Tanto é que um sujeito pode apresentar competências para participar de determinados contextos de letramento com proficiência e em outros não.

Dessa forma, o presente artigo – recorte de uma pesquisa sobre a aquisição da Língua Portuguesa escrita como segunda língua por alunos surdos de uma escola pública federal - é resultado das inquietações acerca de experiências que se vivem na descoberta da melhor maneira de ensinar essa Língua através dos clássicos da literatura brasileira. Para tal, inicialmente, buscou-se eliminar os pré-conceitos existentes em relação às dificuldades na apresentação de tal gênero textual, ainda por cima para alunos surdos, e demonstrar o prazer que a prática de leitura pode proporcionar.

Esclarece-se que essa inquietação é vivida no Instituto Federal Sertão Pernambucano - *Campus* Salgueiro, que agora em 2016, contabiliza com 05 alunos surdos no seu quadro discente e, com perspectiva de aumentar a cada ano. Esses alunos estão matriculados em diversos segmentos de nível de ensino (como: 01 no Curso de Segurança do Trabalho - PRONATEC; 03 no Subsequente de Informática - Ensino Pós-Médio; 01 no curso de Tecnologia de Alimentos – Ensino Superior) e têm se deparado com dificuldades em acompanhar os conteúdos ministrados, sejam eles nos cursos regulares ou não. Assim, constatou-se que o cerne do problema é o domínio da escrita de Língua Portuguesa por esses alunos, ou seja, o letramento[133] nessa segunda

[133]Letramento, aqui, é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas. (PCN, 1997: 23)

língua[134]que, apesar de apresentarem documentos comprobatórios de escolaridade no/além do Ensino Médio, não estão efetivamente letrados na Língua.

Partindo desse pressuposto, idealizou-se um "reforço" do ensino de Língua Portuguesa escrita, como segunda Língua para esses discentes em contraturno ao horário de estudo. A turma foi composta por alunos com essa peculiaridade, fossem eles pertencentes aos cursos regulares ou aos demais cursos. Assim, entendendo a Língua Portuguesa como segunda língua, foi possível procurar perceber e utilizar a Libras como língua materna, ou seja, como primeira língua para o discente em questão, ou pelo menos, tem-se tentado, uma vez que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua como outra qualquer. Pois é a maneira de linguagem empregada pela comunidade surda do Brasil e propagada na modalidade visual-espacial, assim como facial e corporal para ratificarem a gramática dessa língua.

> Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (parágrafo único. Lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002).

Sensibilizado com esta constatação: Libras - a língua da comunidade surda brasileira - é que se vem buscando aproximar o teórico-empírico sobre a aquisição da escrita de Língua Portuguesa como segunda língua por esses alunos através dos clássicos brasileiros. Tendo em vista tal aspecto, a Instituição procura vivenciar as duas culturas, levando esses discentes à concepção, efetivamente, dos sentidos e significados na apropriação dos conhecimentos linguísticos em busca do letramento. Ou seja, promover um aprendiz que utilize em suas práticas comunicativas as habilidades de leitura e de escrita, envolvendo-se socialmente, de modo a compreender que "fazer o uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levando-o a outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico" (SOARES, 2001, p.38).

É preciso que a escola receba o surdo como um Ser que apresenta cultura própria, com língua própria; só assim, respeitando as duas culturas, é que se

[134] O surdo deveria ter como L2 a língua portuguesa na modalidade escrita, mas a realidade é que a maioria dos surdos são filhos de pais ouvintes e estes não sabem língua de sinais, expondo a criança à língua majoritária, ou seja, a língua falada.

poderá promover esse aluno a construir-se na interação efetiva da tão sonhada cidadania.

Faz-se necessário que a escola se adapte ao ensino bilíngue[135], como orientam as Leis de inclusão brasileiras, dentre elas, a mais recente a Lei Nº 13.146, de 06 de julho de 2015, no Artigo 28:

> Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, **criar**, desenvolver, **implementar**, incentivar, acompanhar e avaliar:
> I - **sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades**, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida;
> II - **aprimoramento dos sistemas educacionais**, visando a garantir condições de acesso, permanência, **participação e aprendizagem**, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e **promovam a inclusão plena**;
> III - **projeto pedagógico** que institucionalize o **atendimento educacional especializado,** assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantescom deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia;
> IV - **oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas;** (grifos meus).
> [...]

Assim sendo, tentando se adequar à legislação brasileira de políticas públicas, o IF Sertão *Campus* Salgueiro já oferece no seu quadro de servidores, intérpretes e professor de Libras, para que os conteúdos escolares sejam traduzidos em Libras (intérpretes), em busca de promover o desempenho acadêmico e social através de uma inclusão plena oferecida ao aluno surdo no ensino regular, que é uma das diretrizes básicas da política de inclusão. Esse desempenho pode ser adquirido uma vez que o Instituto tem buscado, embora que timidamente, a condição linguística e cultural do surdo e, por conseguinte, criar e ofertar um ambiente educacional em que a Língua de Sinais esteja presente. No entanto, esse ambiente em que a Libras se encontra presente é

[135]O tipo de bilinguismo mencionado aqui é o defendido por Brito (1989:98) “Os surdos, devido à falta de audição, requerem educação especial bilíngue. O tipo de bilinguismo é o diglóssico, isto é, o uso em separado de duas línguas, mesmo que de modalidade diferente, cada uma em situações distintas. A língua dos sinais será usada em todas as situações em que uma língua materna é usada nas escolas, exceto no que se refere à escrita e à leitura, onde ela pode ser o meio, mas não o objetivo. A língua oral será ensinada enquanto segunda língua e será o veículo de informação da tradição escrita".

pequeno, e os profissionais que atuam diretamente com os surdos, excetuando os mencionados anteriormente, ainda não dominam a Libras.

Todavia, também nesse aspecto, a instituição tem se posicionado com firmeza em consonância com as políticas públicas de inclusão brasileira, porque continuamente tem oferecido cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) em Libras Básico, Libras Intermediário, tanto para a comunidade intraescolar como para a comunidade extraescolar.

Poucos professores são bilíngues, pois este aprendizado não é fácil; é preciso muita dedicação e estudo constante, já que vários sinais surgem a cada dia. À medida que a comunidade surda se apropria de novos conceitos transforma-o em sinais, que precisam ser aprendidos pelos profissionais. Faz-se pertinente, então, que se invista mais na formação de profissionais bilíngues, visto que são eles que farão a mediação utilizando a língua de sinais para ensinar a segunda língua ao surdo. Muitas vezes, a criança somente aprende libras com o professor ao chegar à escola, como acontece com o surdo, filho de pais ouvintes. Ao adquirir a língua de sinais, ele pode iniciar o aprendizado de uma segunda língua, no nosso caso, o português escrito. Muitas vezes, há o questionamento: qual a melhor metodologia para que isso aconteça de maneira eficaz e que atenda ao objetivo de capacitar o surdo para leitura de textos e sua efetiva compreensão?

É imprescindível que o próprio surdo tenha acesso ao conhecimento de sua cultura, o que tem acontecido tardiamente; ou seja, frequentemente, só se torna possível quando eles ingressam na vida escolar, uma vez que muitos pais são ouvintes e não se comunicam através da Língua de Sinais. E para que esse sujeito surdo brasileiro tenha conhecimento do mundo circundante, além de dominar sua língua natural (L1), é necessário também o conhecimento da Língua Portuguesa escrita, sua segunda língua (L2), no caso do Brasil.

1 O caminhar do surdo pela educação

Muito sofrimento e misticismo marcaram o caminhar da educação do surdo. Cada época foi marcada por muita luta, para que os surdos fossem vistos como seres humanos capazes de aprender. “Na antiguidade os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas

castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonados ou sacrificados" (GOLDFELD, 2002, p.27). Só a partir do século XVI é que se alcançam algumas alterações em relação às pessoas surdas. E, sob esse novo olhar, Costa (2010, p.21) nos expõe o surdo:

> O sujeito surdo passa a ser olhado como apto à linguagem, capaz de comunicar-se, de pensar, de expressar sentimentos, um ser moral, não é mais considerado um ser rudimentar, a posição-sujeito surdo é tornada humana. Faz-se presente, por meio desse deslocamento, a força da ideologia e sua formação que acontece no processo de historicidade e leva a sociedade a ter novas concepções sobre antigas questões que sempre foram postas à humanidade, a presença do sujeito surdo.

Foi através de Girolamo Cardoso (1579) e do monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520-1584) que foi apresentada essa percepção humanizada do surdo. Aquele pesquisador defendia o surdo como um ser capaz de ser educado, de ser instruído; e este foi o primeiro professor de alunos surdos, os quais eram pertencentes a famílias nobres espanholas. Apesar disso, o monge buscava uma educação baseada na tentativa de oralizar os surdos, buscava desenvolver uma metodologia própria para educá-los; dentre elas a datilologia ou alfabeto manual (um sistema de representação das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, por meio das mãos) baseado na cultura dos ouvintes. Contudo, é preciso ressaltar que o alfabeto manual (datilologia) não deve ser comparado com a língua gestual (no Brasil: LIBRAS), pois é um equívoco, uma vez que na realidade aquele é a anotação das letras das línguas orais por meio das mãos; e este se baseia em uma língua espaço-visual.

Os professores utilizaram por muito tempo, a escola como espaço de oralização dos surdos, em busca de uma educação clínico-terapêutica. Ensaiava-se o currículo escolar a fim de promover as habilidades orais dos surdos. Mesmo sendo imposta, a concepção oralista para surdos falhou, visto que esses não avançavam no domínio da leitura e da escrita. Eram poucos os surdos que exibiam êxito na aprendizagem da modalidade oral da língua do seu país. Então, voltou-se a proibir a Língua de Sinais.

A escola, timidamente, tem procurado ser um espaço em que desenvolve uma educação bilíngue para esse aluno, em que a Língua Portuguesa escrita seja a segunda Língua (L2), uma língua usada para fins comunicativos em determinados contextos; e a Língua Brasileira de Sinais = LIBRAS, como a

primeira (L1), a língua materna, a língua que se adquire e se usa em interações espontâneas sem preocupação ordenada.

Assim, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS - foi oficializada por meio das políticas públicas inclusivas, como primeira língua para a comunidade surda brasileira pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a utilização da mesma nos distintos ambientes da sociedade. Partindo desse pressuposto, a Língua Portuguesa passa a ser ensinada, juntamente, com a LIBRAS; entretanto como segunda língua, caracterizando assim, mais uma vez a necessidade de um ensino bilíngue, de um ensino significativo, de um ensino que promova o letramento.

2 Fundamentação Teórica

Em busca de se promover um ensino voltado ao Letramento da Língua Portuguesa como segunda língua para o aluno surdo, é imprescindível que esse discente tenha o domínio de Libras, quiçá o professor também, ou pelo menos, aprofunde-se nas informações a respeito da educação de surdos e na compreensão de como se dá o processo de Letramento através de clássicos brasileiros.

Por diversas vezes, constatou-se como fracasso a tentativa de alfabetizar os surdos já que se usava/usa o mesmo método na alfabetização de ouvintes, ou seja, priorizava o som do grafema e isso resultou/resulta em diversos surdos iletrados funcionais. Pois se constata que muitos surdos frequentadores da escola por vários anos, não apresentam escrita compatível com a série, além de apresentarem discrepância escolar.

O pesquisador Bakhtin (2010) fala que as bases para a construção de uma “dialogia” são a sociedade, a língua e as interações verbais. E essa dialogia é o cerne da formação da consciência humana. Ainda acrescenta que para a consecução desse feito é necessário que locutor e ouvinte pertençam ao mesmo grupo linguístico e/ou, pelo menos, partilhem de situações sociais em que empreguem o mesmo código linguístico.

Na teoria sócio-histórica, Vygotsky (1987) mostra que as interações sociais entre os seres humanos acontecem por meio da mediação pela/na linguagem.

Assim, essa corrente teórica apresenta a relevância de ressaltar a necessidade do discente surdo em adquirir desde tenra idade a Libras (L1), já que a propriedade dessa assegura seu desenvolvimento cognitivo. A Libras é o elo de inserção no processo de aprendizagem das múltiplas competências e habilidades demandadas no dia a dia, para a comunicação efetiva, nas interações sociais em sua comunidade cultural e linguística.

Assim sendo, haverá uma expansão na aprendizagem de novas culturas, como a da comunidade ouvinte, na qual ele poderá se apropriar da linguagem escrita, como também o professor se aproprie dos conhecimentos da comunidade surda e busque aprender a língua desse aluno - Libras - para que possa haver a promoção do Letramento.

Destarte, Letramento é "[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita" (SOARES, 2001, p.18). Na verdade, a escola só desempenha a função social a ela atribuído, quando consegue desenvolver no aluno o domínio da língua. Porém se essa língua não tem utilidade na vida prática, nas relações sociais, fica novamente sem função, sem sentido o aprendizado.

Pois a eficácia da língua se concretiza no momento em que o discente a utiliza para a leitura e a escrita do seu cotidiano, da sua vida. Para o surdo, a escrita e a leitura da língua oficial do país, permitirão a ele a participação e a integração na sociedade, uma vez que a maioria dos ouvintes desconhece a Libras. Embora o intérprete de Libras esteja na sala de aula, aprender a segunda língua na modalidade escrita, é imprescindível para que o surdo evolua no conhecimento e na participação da sociedade à qual está inserido.

Soares (2001, p.36) afirma que o termo "letrado será usado para caracterizar a pessoa que além de saber ler e escrever faz uso frequente e competente da leitura e escrita". O letramento, exercício social da linguagem escrita, ultrapassa o contexto escolar, vai mais adiante do espaço circunscrito à escola, alcança a família, a sociedade, por fim, a vida. Tendo em vista a concretude do Letramento, tem-se apresentado e trabalhado com Contos de Machado de Assis. Inicialmente, foram utilizados/estão sendo utilizados Missa do Galo e A Cartomante.

3 Metodologia e análise dos dados

O material empírico vem de atividades desenvolvidas para/por alunos de uma turma de reforço do Instituto Federal de Educação – Sertão Pernambucano, *Campus* Salgueiro em que se trabalha a Língua Portuguesa escrita como segunda língua. De início, buscou-se trabalhar com o código para a interação da melhor maneira que confiava que eles conseguiriam dominar: a linguagem mista (verbal e não verbal) priorizando esta em detrimento daquela. Assim, iniciou-se uma conversa informal sobre *Relacionamentos amorosos* para trabalhar o ensino da LP2 através de imagens. Assunto bastante envolvente! Contudo, inicialmente, os alunos ficaram intimidados e não quiseram interagir. Trabalhou-se a questão vocabular (que seria usada no conto), mostrando a relação semântica das palavras; sempre as apresentando em Libras e Português. Em seguida, pediu-se que buscassem a contextualização dessas palavras em frases do cotidiano deles.

Após a exploração da questão semântica das palavras, foram apresentadas imagens de pessoas para representar as personagens do conto *A Cartomante,* dizendo o nome de cada um delas. Em seguida, pediu aos surdos para lhes atribuir sinais. Foi o momento do "batismo". Contudo, ainda não havia a interação desejada. Buscou-se "quebrar o gelo" narrando, até certo ponto, o conto *A Cartomante*. Dessa maneira, os alunos surdos foram ficando empolgados e curiosos em saber o desfecho da narrativa. Apresentou-se o conto em CD-ROM. Então, iniciou-se a discussão sobre a temática do conto *O Adultério*.

Nesse contexto escolar, os alunos apresentaram uma participação efetiva nas discussões, que, por sinal, traz uma temática bem polêmica. Foi-se, aos poucos, tornando um ambiente bilíngue, sempre levando em consideração como primeira língua a Libras. E isso só foi possível, pela competência e habilidade da intérprete que mediava toda a comunicação entre alunos surdos & professora ouvinte.

Em seguida, foi entregue uma cópia do conto em Língua Portuguesa escrita para que os surdos gravassem em vídeo a dramatização da(s) cena (s) mais marcante.

Representação da Gravação do conto A Cartomante, desenvolvido no projeto "Letramento para alunos surdos através de Clássicos Brasileiros"

A cena acima demonstra a interação e o Letramento eficaz que os surdos estão demonstrando na aquisição da Língua Portuguesa escrita como segunda Língua, uma vez que a mesma está sendo utilizada nas práticas sociais do cotidiano deles. No entanto, não se trata de um resultado finalizado, é uma construção interminável, como também é o nosso conhecimento.

Considerações Finais

Baseado nas probabilidades e resultados conseguidos com esse trabalho é possível compreender que diante das diversidades da educação e a fim de se conseguir uma maior desenvoltura do aluno, é imprescindível que promova a maior demonstração possível de rendimento do discente. Dessa forma, as metodologias e os recursos para desenvolver as práticas de letramento são relevantes para o rendimento que o estudante desenvolverá e isso tenderá a progredir significativamente.

De acordo com os resultados obtidos, constatou-se que uns dos grandes problemas da inclusão educacional dos alunos surdos estão na metodologia e nos recursos utilizados pelos professores. Tendo em vista essa constatação, as propostas de atividades com os Contos de Machado de Assis – Clássicos brasileiros - vêm contribuir para um ensino contextualizado e uma aprendizagem significativa para esses alunos na construção dos sentidos e significados da apropriação de LP2.

Pois bem: verificou-se como são eficazes os Clássicos brasileiros para a aquisição da LP2 na modalidade escrita, por alunos surdos e também na leitura

e na interpretação; ou seja, na promoção do letramento. Espera-se que esse seja um de muitos outros trabalhos que colaborará para a inclusão integralizadora e não segregadora nas escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSUBEL D. *Psicologia Educativa*. México: Trillas, 1976.

BAKHTIN, Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BRASIL. *Lei n. 10.098*, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. *Lei n. 10.436*, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. *Decreto no. 5626*, de 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Especial. *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos*: Caminhos para uma Prática Pedagógica. Vol. 1. Brasília: SEESP, 2004.

COSTA, Juliana Pellegrinelli Barbosa. *A educação do surdo ontem e hoje*: posição sujeito e identidade. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários a prática educativa. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P.; Macedo, D. *Alfabetização* - leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos*: escola e inclusão social. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. *Convenção sobre os direitos daspessoas com deficiência*. Brasília, 2007.

SOARES, Magda. *Letramento um tema em três gêneros***.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VYGOTSKY, L. S. *A formação Social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

*Site pesquisado: Universidade Gallaudet***.** Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/ Categorias:Surdos. Universidades dos Estados Unidos da América | Washington. Acessadoem: dia 26 de fevereiro de 2016.

POESIAS PARA DISSEMINAR A AUTORREFLEXÃO

Antônia Aparecida Barros Alencar Correia[136]

Luiz Antonio Ferreira Soares[137]

Resumo:
O objetivo deste trabalho é fazer uma análise empírica de como o gênero poesia pode auxiliar a compreender a percepção da vida e do mundo de crianças e adolescentes que se encontram em vulnerabilidade social, estimulando-os a serem cidadãos crítico-reflexivos para interagirem na sociedade, melhorando a autorreflexão. A vida é cercada de poesia e, desse modo, busca-se brincar com/de poesia já que é uma possibilidade aberta a todos. Assim, promove-se a construção da identidade e o desenvolvimento efetivo da cidadania através desse gênero textual para sujeitosde 07 a 16 anos de idade de uma Organização Não Governamental no município de Salgueiro.

Palavras-chave: Agentes Literários. Poesias. Autoestima.

POETRY TO DISSEMINATE SELF-REFLECTION

Abstract:
This study aims at anilysing empirically how the genre poetry can aid to comprehend the perception of life and world of children and adolescents that are in a socially vulnerable situation, stimulating them to be critical and reflexive citizens to interact in society, improving their self-reflection. Life is surrounded by poetry therefore it is important to play with poetry, once it is an open possibility to all of them. In this way, the construction of identity and the effective development of citizenschip can happen through this textual genre to subjects between 07 and 16 years old from a Non Governmental Organization in the town of Salgueiro, PE, Brazil.

Keywords: Litterary agents. Poetry. Self-esteem.

[136]Doutoranda em Educação, docente de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - *Campus* Salgueiro, orientadora de Projeto PIBEX e membro do GEPET – Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educacionais Tecnológicas. E-mail: aparecida.barros@ifsertao-pe.edu.br

[137]Bolsista do PIBEX - Programa Institucional de Bolsas de Extensão, Membro do GEPET - Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educacionais Tecnológicas e estudante do curso de Edificações Médio Integrado – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - *Campus* Salgueiro. E-mail: luiz.ferreira.soares@hotmail.com

Introdução

A comunicação é um dos principais aspectos de interação presente em qualquer sociedade, uma vez que possibilita a integralização interpessoal e permite o andamento e funcionamento da nossa civilização.

Percebe-se que por trás de alguns meios de comunicação, como o diálogo, existe algo que possibilite/intensifique o aproveitamento e desenvolvimento da mesma em benefício de todos, visando assim, passar informações de forma clara e sucinta, tornando os praticantes do diálogo, pessoas discursivas e capazes de debater ideias. Então, o que será necessário para que possa haver um diálogo produtivo, de boa qualidade e que desenvolva um indivíduo consciente de sua cidadania?

1 Uma Abordagem Conscientizadora

Para haver um maior aproveitamento de práticas discursivas, a educação precisaestar presente nessas práticas. Ela é responsável por possibilitar uma discussão aprazível, produtiva e de maior entendimento para os praticantes. É a educação que instrui /estimula os sujeitos em busca do exercício de cidadania, portanto desempenha um papel de destaque em nossa sociedade e, devemos utilizá-la cotidianamente para que possamos abranger nossas capacidades interpretativas e sociais.

Como estratégia de formar e conscientizar pessoas existem, em meio a nossa sociedade, ambientes que propiciam a formação de novos sujeitospara que possam de fato conviver em harmonia. Esses locais de aprendizadotêm um papel de fundamental importância para a formação de novos cidadãos, já que são eles que estimulam os alunos a buscarem e a construírem seus próprios conhecimentos.

Portanto, é necessário que dentre esses locais educativos, sejam eles intraescolares (como escolas, salas de aula) ou extraescolares (como ONG's), a educação desse aluno seja estimulada de forma lúdica;utilizando-se pois, da dinamização em salas de aula.Assim, os alunos estariam mais instigados a aprenderem, já que estariam fazendo algo que gostam.

Como tática de suprir as necessidades do aluno, é preciso buscar alguma esfera literária que possibilite a inserção e comunicação do sujeitoem um grupo social. A fim de atender a esse propósito, encontrou-se na "esfera literária: poesia" amais adequada a todos os pontos esperados e exigidos por esta pesquisa.

A poesia, se trabalhada de maneira dinâmica em locaisescolares, promove várias vantagens aos participantes das atividades, como: uma maior comunicação, maior interatividade e nova visão cidadã.

Para Cortez (2005),

> "a poesia é uma busca de emoção envolvida com os fatores estéticos para se tornar um todo e que estas emoções são carregadas de ideias, que propõem ao leitor que aceite ou recuse a emoção transmitida pela poesia, ou chegue ao conhecimento do estado do poeta. Pois a mensagem poética desperta; estados, vivências, ideias, e sutilezas da vida humana."

Segundo tal pesquisador, a poesia é um meio de transmitir sentimentos, ideias e emoções para o leitor, ou seja, seria o extravasar espontâneo de sentimentos e emoções para o papel, ou para o ouvinte. A poesia cumpriria o papel de facilitar a expressão de sentimentos, bem como mostrar o caminho para poder compreender o sentimento de outras pessoas, tornando-se assim um cidadãomais compreensivo e interativo, além de o fazer refletir sobre questões éticas e sociais.

Já para Otavio Paz (1982) "A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, de criar outro. Voz do povo, coletiva e pessoal." Logo, para o autor, poesia é toda forma de manifestação de sentimentos, ideias, pensamentos, manifestações pessoais e de mudança social, visando assim, o desenvolvimento interpessoal do público ao qual é apresentada a poesia.

É importante trabalhar a poesia em todos os âmbitos educacionais para que independente da camada social em que estão osjovens aprendizes**,** todos tenham acesso à sensibilização poética. E é justamente isso que o nosso projeto propõe, provocare trabalhar a poesia em um ambiente que necessita da sensibilizaçãopoética para mostrar a crianças e adolescentes que se encontram em vulnerabilidade social, uma nova perspectiva de inserção social.

2 Aplicação de Métodos

Como ambiente e público propícios àaplicação de práticas poéticas, foi preciso buscar um local carentedessa estratégia de ensino. Enfim, encontrou-se o ambiente e o público dos quais se necessitava para a aplicação das atividades e reflexões geradas pela poesia: uma Organização Não Governamental (ONG), ou seja, um projeto comunitário que atende crianças e adolescentescom o propósitode contribuir para sua formação cidadã dentre o contexto no qual estão inseridas. A ONG na qual foi possível fazer um vínculo para unir a teoria à prática se denomina: Projeto Comunitário de Atendimento à Criança e ao Adolescente – PROAC.

A ONG foifundada em 17 de fevereiro de 1992, por o Padre Remi de Vettor. Éuma instituição que se localiza no bairro Divino Espírito Santo, na Rua Monsenhor Mariano de Souza Neto, Nº 100. Os beneficiários deste projeto, são crianças e adolescentes na faixa etária de 07 a 16 anos que, como relatado anteriormente, se encontram em ambientes de vulnerabilidade social e moram em áreas de risco na cidade de Salgueiro-PE. O principal objetivo do PROAC é educá-los por meio de ações e atividades que os façam se divertir e aumentar a comunicabilidade entre si. Sabendo que estas crianças estão em áreas consideradas de risco dentro da região, faz-se necessário conscientizar ainda mais estes jovens, para que possam ser de fato, cidadãos capazes de formular seu próprio pensamento, não se deixando influenciar por o meio em que vivem. Pretende-se, também, que estes jovens façam a diferença em seu espaço social, pois se cada criança e adolescente mudar o modo de ver o mundo, essa nova visão refletirá positivamente na sociedade em que se inserem.

Os participantes da ONG são alunos de escolas da região que convivem em espaços de aprendizagem a maior parte de seu dia, e para que a aprendizagem não seja cansativa e maçante, recorre-se ao meio mais produtivo e dinâmico em ambientes intra/extraescolares: a poesia.

> A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo [...]. O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. (DRUMMOND *apud* AVERBUCK, 1988, p. 66-67).

Para Averbuck (1988, p. 66-67), a escola em alguns momentos está focada somente em ensinar as lições sistemáticas aos alunos, mas o que deve ser promovido também para eles, é o estímulo do senso poético, para assim preservar em cada aluno "o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo" que abrangeria então as suas capacidades cognitivas e os mostrariam caminhos para o mundo mágico da imaginação, tornando-os jovenscada vez mais criativos e donos de sua própria forma de interpretar o mundo. Desse modo, seria possível provocar essa nova maneira de interpretar o mundo?

Consoante Paulo Freire (1996, p.27), "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" logo, ambientes escolares juntamente com os responsáveis por estimularem as práticas educativas são de grande importância já que dão as ferramentas necessárias para que o aluno possa de fato construir seu próprio saber. Tornando-se um indivíduo capaz de formar opiniões e ideias, ou seja, de fato modificar o meio em que vive. E essas práticas seriam alcançadas graças à utilização da poesia como meio depromover práticas de convívio, respeito, ensino e desabrochar social.

Nas atividades praticadas na ONG, buscou-se disseminar a poesia de maneira lúdica, com entonação adequada, em busca de promover com os alunos o sentimento que a poesia transmite e que deve ser compartilhado. Nesses momentos, os alunos se sentem cada vez mais acolhidos dentro desses espaços, pois, segundo eles "é como se a poesia entendessea gente" e assim se sentem cada vez mais à vontade de participarem dos encontros.

É possível perceber que os alunos ao longo do projeto foram apresentados à poesia de maneira positiva, já que alguns não sabiam o que é/era poesia. Foram, portanto, ficando cada vez mais próximos do meio poético e das lições que essas trazem. Para eles, cada poesia, seja ela escutada ou lida traz um significado e uma reflexão. Buscou-se sentir as reflexões às quais as poesias remetem, para dessa forma, discutir e debater questões polêmicas cotidianas de maneira agradável e conscientizadora, praticando a cidadania por meio da poesia e promovendo valores éticos que estas crianças e adolescentes empregarãoem sua convivência diária.

Os protagonistas do projeto ficaram muito animados com a ideia de demonstrar sentimentos e convicções para o ouvinte, uma vez que queriam

explanaro que sentem interiormente. Em alguns encontros, os alunos puderam de fato transmitir seus sentimentos, como nos mostra o poema “o Dia” feito por um aluno do PROAC:

O Dia

O dia não passa,
Mesmo com a indecisão da vida
O dia não passa
Mesmo com a luta vencida.
O dia vem ao amanhecer,
Mesmo nos dias de dor
O dia vem ao amanhecer,
Mesmo para povo sofredor.
O dia ao anoitecer vem
Mesmo com tempestades do além,
O dia ao anoitecer vem
Mesmo com as dificuldades que tem.

(Israel Matias)

Pode-se perceber que o aluno conseguiu fazer uma reflexão a respeito de um acontecimento cotidiano que sempre se presencia e que passa despercebido, sem nenhuma reflexão. Contudo, com a utilização da linguagem poética conseguiu-se refletir sobre o que seria o dia e que lições se pode tirar dele. Essas reflexões feitas através da poesia mostram o efeito positivo que se tem ao trabalhar este gênero literário com criançase adolescentesainda em formação social, de modo que praticando a linguagem poética, eles a levarão para a busca de autoconstrução de pensamentos. Os alunos terão uma visão mais apurada da sociedade e dos diversos eventos cotidianos presentes nela.

Portanto trabalhar com a poesia está sendouma possibilidade de levá-los a um novo mundo de conhecimentos e aprendizados lúdicos que antes não estava disponível perante a não estimulação motivacional.

Segundo Barros (2010, p. 72);

> A linguagem poética dialoga com leitores de todos os tempos e espaços em função especialmente de seu poder catártico. Relendo o mundo, lendo o mundo de outra forma, com outros olhos, a partir de personagens outros, de perspectivas até então não vistas, o leitor, por meio da leitura literária, dos textos poéticos, é capaz de não apenas se reconhecer no texto, reconhecer o outro e o mundo em que vive, mas também de se sensibilizar com o que a escrita “re-vela”.

Utilizando-se desse recurso literário repleto de sentimentos, valores e reflexões, será possível abranger a perspectiva de vida de crianças e adolescentes fazendo-os assim se tornarem estimulados tanto no âmbito

educacional como social, tendo um pensamento mais sensibilizado e sentimental.

A prática da educação também deve ser estimulada desde a infância, para que os jovensse desenvolvam juntamente com a educação poética, absorvendo com o tempo o aprendizado que lhe é ofertado. Essa formação social será promovida por os agentes literários presentes em seus ambientes de convivência social, nos quais a poesia vem fazendo parte desde a infância. Logo, essa será acrescentada as suas ações e reflexões, ajudando-os a tomarem atitudes conscientes e reflexivas.

3 Fundamentação Teorica

Apesar de a escola utilizar diversos gêneros literários como recursos de ensino, esses são usados apenas visando passar o conteúdo curricular,enquanto que a utilização dos gêneros literários se trabalhados de forma criativa, instigarão a criança e o adolescente a embarcar no mundo da aprendizagem, ocorrência que a poesia propicia ao cidadão.

É precisoa presença de agentes literários, para que desenvolvam atividades produtivas como meio de praticar e impulsionar a educação principalmente com crianças e adolescentes, para que haja um maior desenvolvimento intelectual por parte dos participantes, mirando aumentar suas perspectivas sociais, sua imaginação e torná-los assim, cidadãos conscientes de suas ações.

Como relata Elias José (2003, p. 11), “vivemos rodeados de poesia”, ou seja, poesia é tudo que nos cerca e que nos emociona quando tocamos, ouvimos ou provamos. Poesia é a nossa inspiração para viver a vida. E é justamente isso que se está desenvolvendo com os jovens alunos do PROAC, buscando fazê-los perceber “a poesia ao seu redor”.

Para desinibir o jovem tanto para o meio escolar, quanto para o social e criativo, é necessárioutilizar-se de uma abordagem metodológica intuitiva e estimulante, na qual o jovem se sinta à vontade de participar das possibilidades que a poesia transmite. Como afirma Mead (2002:17): “Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadãos preocupados e comprometidos possa mudar o mundo; de fato é só isso que o tem mudado”.

Com base na seguinte afirmação, é possível perceber que são estas pequenas mudanças que de fato vêm contribuindo para o amadurecimento da sociedade e que realmente a está mudando. Portanto, a poesia servetambém como meio de mudança de pensamentos e caráter social. De modo que os mesmos possam "ler o mundo" de outra maneira, descobrindo novos valores e avistando novas perspectivas motivacionais, elevando assim a autoestima, bem como torná-los cidadãos crítico-reflexivos, para poderem agir ativamente na sociedade e contribuir para o benefício dessa.

Sabendo que a poesia possui caráter inovador, trabalhá-la em ambientes educativos, despertará os alunos para um novo mundo de aprendizado que antes era "encoberto" por os métodos de ensino tradicionais. Todavia,utilizando-se de práticas dinâmicas por meio da poesia, haverá um maior entendimento e aprendizado por parte dos alunos. Trabalhando com esse gênero lúdico, a "diversão" se transformará em educação e vice-versa; e, dessa maneira, estará contribuindo para o desenvolvimento social dessas crianças bem como para a sociedade.

Essas práticas, além de serem práticas pedagógicas educativas, também são práticas de consciência e formulação da cidadania dessesjovens.

O autor Scocuglia (1999), relata que:

> Freire dizia que se os opressores fazem sua pedagogia no próprio processo de dominação, os oprimidos precisam formular sua pedagogia, sua resistência, na própria luta por emancipar-se. Como se pode notar, a educação e a pedagogia, para Freire, sempre estiveram carregados de uma politicidade, ou seja, a prática educativa e a reflexão sobre essa prática eram considerados atos políticos: de escolha, de decisão, de luta entre contrários, de conquista da cidadania negada.

Portanto, através da poesia pode se auxiliar essas crianças e adolescentes em busca da autorreflexão, tornando-os cidadãos conscientes e capazes de formarem e tomarem escolhas, decisões e atitudes que busquem um melhor desempenho pessoal e em comunidade. Sabendo que essas crianças moram em ambientes de precariedade social, é preciso ainda mais aplicar práticas de formação e conscientização cidadã para construírem um pensamento positivo e sentimental, buscando a cada dia estarem repletos de possibilidades e decisões que, por intermédio dessas práticas, poderão ser feitas com clareza e sabedoria.

Considerações Finais

A aplicação/desenvolvimento deste projeto de ação extensionista, já se encontra trabalhando a poesia com estes alunos há mais de 1 ano, e está tendo bons resultados com a metodologia desenvolvida, tais como: maior participação dos alunos em atividades que envolvem poesia, aumento da leitura e escrita que é posto em prática durante a leitura e aconfecção de poesias. Os alunos participantes estão com a autoestima elevada, graças à utilização da dinamização poética em seu local de aprendizado.

Além disso, os mesmos estão com uma maior sensibilização e gosto pela poesia, podendo refletir acerca de temas cotidianos com uma nova visão, resultando no lançamento de um livro de poesias produzidas pelos próprios alunos durante o ciclo do projeto. Essa é a meta para a concretização dos benefícios adquiridos neste planejamento, demonstrando para a comunidade como é relevante a utilização da poesia como estratégia de ensino, aprendizado e busca por o exercício da cidadania.

Referências Bibliográficas

BARROS, D. C. (Orgs). *Vivências poéticas, experiências de ensino*. Goiânia: Editora Vieira, 2010.

MEAD, Margaret. Proposta de Trabalho. In: *Ecopedagogia e Cidade Planetária*. 3ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002 (Guia da escola cidadã; v. 3).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, 1996.

CORTEZ, C. Z; RODRIGUES, M. H. (Orgs). Operadores de leitura da poesia. In: *Teoria literária*. Abordagens históricas em tendências contemporâneas. Maringá: FDUFM, 2005, p. 58-73.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A História das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 1999 (2ª edição).

AVERBUCK, Lígia Marrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (org). *Leitura em crise na escola***:** as alternativas do professor. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PAZ, Otávio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Coleção Logos)

JOSÉ, Elias. *A poesia pede passagem:* um guia para levar a poesia às escolas. São Paulo: Paulus, 2003

DO CAOS À LAMA: REFLEXÃO-AÇÃO SOBRE A CATÁSTROFE DE MARIANA

Edneide Ferreira Leite[138]

Flora Sousa Pidner[139]

Resumo:

O presente trabalho está centrado nas práticas interdisciplinares que envolvem o ensino de Língua Portuguesa e de Geografia. Partindo da catástrofe ocorrida em Mariana-MG e adjacências, propomos uma sequência didática na qual os alunos tomam como referência as reflexões sobre o fato ocorrido às práticas diversas que exploraram o tema. Buscou-se uma relação entre os fatos apresentados em Geografia e as produções em Língua Materna, que ressaltem a noção de que o espaço é construído nas práticas diárias. E através das ações, ainda que sejam em forma de produções escritas e visuais, nós podemos reconstruí-lo.

Palavras-chave: desastre em Mariana. Reportagem. Protestos. Ensino Interdisciplinar.

Abstract:
This paper is focused on interdisciplinary practices involving the teaching of Portuguese Language and Geography . Starting from the disaster in Mariana , Minas Gerais and adjacencies , we propose a didactic sequence in which students take as reference the reflections on the event that happened to the various practices that explored the theme. We sought a relationship between the facts presented in Geography and productions in mother tongue , that underscore the notion that space is built in daily practices. And through the actions , although they are in the form of written and visual, we can rebuild it.

Keywords: disaster in Mariana. Report. Protests . Interdisciplinary education.

Introdução

O presente trabalho é um relato de experiência da realização de sequência didática nas aulas de Língua Portuguesa e de Geografia com estudantes das seis turmas do 1º ano do Ensino Médio no Instituto Federal de Alagoas, campus

138 Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Alagoas, campus Palmeira dos Índios, mestre em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). edneidefleite@gmail.com
139 Professora de Geografia do Instituto Federal de Alagoas, campus Palmeira dos Índios, doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Palmeira dos Índios (IFAL/PIN). Os estudantes contemplados frequentam os cursos técnicos em Informática, em Edificações e em Eletrotécnica.

O tema que impulsionou a proposta e a concretização da sequência didática tratou da catástrofe socioambiental, considerada a maior da história do Brasil, que teve início na cidade de Mariana-MG. Precisamente, o vazamento de rejeitos da Barragem de Fundão, localizada no distrito de Bento Rodrigues, no município de Mariana, onde foi construída como tantas outras para armazenar restos dos processos minerários, sobretudo a parte do solo que sobra. O vazamento teve início no dia 05 de novembro de 2015, desde quando vazou milhões de metros cúbicos de lama, que matou 19 pessoas em Bento Rodrigues e seguiu o relevo até chegar ao leito do Rio Doce, o qual provocou um espalhamento da lama, proporcionando um impacto em escala regional. Diversas cidades em Minas Gerais e no Espírito Santo foram atingidas pela lama que desceu o Rio Doce, atingindo boa parte da bacia hidrográfica desse rio, desaguando no mar. Os problemas sociais, econômicos e ambientais não foram dirimidos no tempo adequado e, até o momento, as ações políticas e empresariais são bastante criticadas.

Os debates e as atividades com os estudantes a respeito dessa temática aconteceram durante o transcurso do desastre e, por isso, o acompanhamento da questão por meio das notícias, reportagens e artigos de opinião veiculados pela mídia foi incentivado. Esse desastre envolve diferentes esferas de discussão, pois estudar a ação humana sobre o espaço geográfico, assim como influências desse espaço nessas ações, dialeticamente, significa reforçar os movimentos da vida, que são sociais, ambientais, econômicos, culturais, políticos, históricos. Todas essas faces da questão foram abordadas em sala de aula, interdisciplinarmente, dando suportes aos conteúdos de Geografia e de Língua Portuguesa do Ensino Médio.

A prática do ensino interdisciplinar é um estímulo à pesquisa, a curiosidade e a compreensão que - embora a escola tradicionalmente trate assim – o mundo não é disciplinar. A abordagem interdisciplinar contribui, portanto, para o fortalecimento do processo de formação, pois engloba a complexidade do mundo, combate as análises isoladas e fragmentadas e permite habitar fronteiras de contato entre as disciplinas.

> Cada disciplina possui um módulo que a identifica e distingue das demais. O que faz com que uma disciplina se relacione com as demais é o mundo, o mesmo mundo que, no seu movimento, faz com que a minha disciplina se transforme... Todas as disciplinas têm sua relação com o mundo. Quando no processo de informá-la, colocamos o mundo dentro de uma disciplina, e dele fazemos a inspiração mãe [...]. Por isso, o mundo é que permite que se estabeleça um discurso inteligível, um canal de comunicação entre as disciplinas (SANTOS, 2000, p. 49-50).

Metodologia

A primeira etapa metodológica da sequência didática constitui-se na apresentação da proposta com objetivo de sensibilizar a turma sobre a importância em se conhecer e discutir a catástrofe de Mariana e suas consequências espaciais. Nesse sentido, incentivou-se que os estudantes revelassem o que eles sabiam sobre o tema por meio do acompanhamento de notícias, de reportagens e de artigos de opinião e das redes sociais. Percebeu-se a curiosidade deles em busca de melhor compreensão dos acontecimentos. Durante o decorrer da sequência didática, os estudantes ficaram atentos aos novos acontecimentos e revelaram que continuavam os acompanhando mesmo após o fim das atividades propostas.

Os debates acerca do tema selecionado realizados em sala foram embasados nas notícias, reportagens, artigos de opinião, mas também e, sobretudo, pelos relatórios que foram sendo confeccionados pelo grupo PoEMAS (Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade) vinculado a Universidade Federal de Juiz de Fora em Minas Gerais (UFJF) e pelos mapeamentos de conflitos ambientais pela professora Andrea Zhouri da Universidade Federal de Minas Gerais (UFJF). Explorou-se, em sala de aula, imagens fotográficas, mapas e imagens de satélites como recurso visuais para que os estudantes pudessem construir uma espacialização do impacto socioambiental. Dessa forma, os estudantes puderam compreender diversas coisas, tais como: o que é uma barragem de rejeitos minerários e como a Barragem do Fundão rompeu; as localizações e por onde a lama da barragem ia passar até desaguar no mar; a mudança da paisagem com a travessia da lama; a mudança do modo de vida das populações atingidas por esse desastre (ribeirinhas, indígenas e também urbanas), que enfrentaram dificuldades em abastecimento de água, com o fim da pesca, com a mortandade de animais e

plantas; e conhecer projetos de solidariedade que buscaram salvar vidas animais e proporcionar sobrevivências humanas.

A abordagem política também foi realizada com o debate sobre a presença massiva de doações financeiras por parte de mineradoras, como a própria Samarco, empresa responsável pelo desastre – controlada pelas empresas Vale e BHP –, para campanhas políticas atingindo diferentes cargos políticos nas esferas executiva e legislativa. Além disso, analisou-se criticamente a privatização da antiga estatal Companhia Vale do Rio Doce; o baixo número de fiscais de barragens no estado de Minas Gerais – somente quatro fiscais – e a impossibilidade de se efetivar fiscalizações assiduamente mais de 700 barragens; o discurso oficial proferido pelo governador de Minas Gerais realizado de dentro das instalações da própria Samarco; a tentativa da Samarco de se colocar como vítima da situação, construindo a falsa ideia de que foi acidente (houve até mesmo uma campanha nas redes sociais, acompanhada pelos estudantes: #nãofoiacidente); a fragilidade das leis ambientais brasileiras e o abuso do não pagamento das multas aplicadas pelo Ibama e pelo Ministério Público; assim como as expectativas para as punições legais dos responsáveis pelo desastre.

Desde o início dos debates, os estudantes foram orientados sobre as próximas etapas metodológicas, realizadas em equipes: a produção de texto escrito no gênero reportagem e a elaboração e execução de um protesto referente ao desastre socioambiental. Para a construção do texto escrito, houve, primeiramente, a apresentação dos subtemas e a distribuição de um deles por equipe. Os estudantes aprenderam sobre as etapas para a produção de uma reportagem assim como sobre a sua estrutura com auxílio de textos visuais e verbo-visuais complementares. Esse processo foi fundamentado nas teorias de Rojo e Reinaldo sobre as questões pertinentes a gêneros discursivos/textuais e leitura para que as atividades desenvolvidas resultassem na produção de reportagem.

Todo o processo de elaboração desse texto foi acompanhado, havendo uma retextualização de texto oral para a modalidade escrita e, assim, a produção de texto escrito se concretizou. Os 11 subtemas propostos e distribuídos foram: 1) O rompimento das barragens e o risco de novos rompimentos; 2) O fim do distrito de Bento Rodrigues em Mariana-MG; 3) A contaminação do rio e a morte dos

seres vivos: a questão da biodiversidade; 4) O desabastecimento de água potável em alguns municípios; 5) A impossibilidade de sobrevivência dos índios na Bacia do Rio Doce e seus protestos; 6) A chegada da lama no mar e preocupações socioambientais; 7) A integração do espaço geográfico: o espalhamento do desastre que era local para regional; 8) A (ir)responsabilidade da empresa Samarco (VALE e BHP); 9) As multas aplicadas e a questão do uso do dinheiro das multas; 10) Punições para as empresas e para os responsáveis: por uma mineração mais responsável; 11) Atitudes e projetos de solidariedade e de ajuda. Também ficou salientado que esses eram os subtemas das reportagens e que cada equipe deveria construir um título para o próprio texto.

Algumas sugestões de linguagens para os protestos foram encaminhadas, mas os estudantes podiam, também, propor outra forma de expressão. As opções sugeridas foram: criação de frases de efeito e o grupo segurando cartazes ou faixas, charges, história em quadrinhos, cenas teatrais, músicas (podendo ser paródias), poemas. Todos os grupos deveriam construir seus protestos de forma visual para que fossem publicados em um grupo público criado no *Facebook*, do qual todos nós somos integrantes, com objetivo de utilizarmos essa ferramenta virtual como veículo de divulgação, dando maior visibilidade às manifestações. A comunidade criada na rede social denomina-se “Da lama ao caos”, inspirada na composição de Chico Science e também apropriada pelo título deste texto, complementando a frase da letra da música “Do caos à lama”, em que há a intenção de articular os processos dialéticos presentes no espaço geográfico, colocando em relevo o maior impacto socioambiental da história do Brasil.

O Gênero Reportagem

Como fora mencionado, a Reportagem foi o gênero textual selecionado para compor às atividades de Língua Portuguesa na sequência didática em questão. Na sociedade contemporânea, a esfera jornalística apresenta um forte peso social. Pelo teor do tema escolhido, essa seleção já se justifica não só pela documentação e memorização das ações humanas, como também pela representação através dos discursos das experiências vividas.

A produção desse texto deveria ser em grupos, sem isenção da autoria de cada aluno nos registros que os levariam a essa escrita coletiva. Assim, o

trabalho de acompanhamento demandou tempo e atenção dobrados a fim de garantir os resultados esperados.

A princípio, foram apresentadas aos alunos as etapas e a estrutura de uma reportagem para que reconhecessem esse gênero, como também produzissem um texto com essas características. Título, linha fina, ilustrações, quadros, gráficos, tabelas, infográficos (quando há), em suma, as "pistas" que o texto oferece ao leitor para antecipar o seu conteúdo. Desta forma, recortes de reportagens de suportes diversos (jornal impresso, reportagens em plataformas virtuais, telejornais), e reportagens na íntegra, compuseram a fase inicial da sequência didática.

Era de se esperar que uma parte considerável dos alunos envolvidos desconhecesse a estrutura da reportagem uma vez que não é habitual a leitura desse gênero por eles, nem em casa, nem mesmo na escola.

Mas a leitura do gênero já ampliou significantemente os resultados. São várias as capacidades envolvidas na leitura, segundo Roxane Rojo (2002), porém, serão apontadas aqui três que ficaram evidentes nas falas e na própria produção escrita dos alunos. São elas, as relações de intertextualidade (no nível temático), colocando o texto lido em relação a outros textos que tratam das mesmas questões. Isso é visualizado, inclusive, nos protestos apresentados a seguir; as relações de interdiscursividade, colocando um discurso em relação a outros discursos já existentes; e a percepção de outras linguagens – também evidentes na produção dos protestos.

A questão da subjetividade presente na reportagem exigiu um olhar mais minucioso, pois, embora seja também um texto informativo do qual eles extrairiam dados de outras reportagens já produzidas, ou mesmo de outras fontes, a autoria deve se fazer presente ali.

Para tanto, os textos verbo-visuais, tais como charges e cartuns, que circularam exaustivamente no período, foram o mote para esse exercício de análise crítico-descritiva dos textos pelos alunos. E aí que se realiza o que Reinaldo (2002) descreve como procedimento didático da criação de eventos interativos (com a participação do par mais competente – professor ou colega

leitor). Nessa parceria, aluno/professora ou aluno/aluno, a produção foi conduzida a um aprofundamento da ação conscientemente controlada sobre as partes do texto com problemas de compreensão ao leitor, exigindo, assim, transformações.

Ainda sobre a subjetividade presente nos textos, destaca-se a importância de desenvolver o raciocínio, aguçando o pensamento crítico dos alunos, além das habilidades argumentativas – embora seja um gênero da esfera do "relatar". E, sobretudo, de incentivo à opinião do aluno. Não apenas à compreensão de um texto, mas de reflexão crítica sobre textos. Consequentemente, da expansão ou da construção de sentidos aos textos lidos e ao texto por eles mesmos produzidos.

Ocorreu ainda uma etapa importante do processo de retextualização, pois os depoimentos que deveriam fazer parte da reportagem foram quase sempre colhidos oralmente. O termo retextualização é aqui apresentado como qualquer adaptação realizada a partir de um texto-base, neste caso da modalidade oral para a modalidade escrita na mesma língua.

Por se tratar de um episódio ocorrido em outro espaço – no caso Mariana e adjacências – a proposta lançada aos alunos foi que selecionassem depoentes daquelas localidades. Isso se deu também através de depoimentos falados (por via da televisão ou internet). Desta forma, os alunos experimentaram exercícios de transcrição, pelos quais deveriam adequar um texto oral à modalidade escrita.

Esse exercício os fez retomar questões da variedade linguísticas já apresentadas em sala tais como as marcas de oralidade, formas reduzidas de palavras, marcadores conversacionais, entre outros.

Por fim, cada grupo mediante o subtema selecionado, seguiu as etapas propostas e apresentaram, no mínimo, duas versões da reportagem escrita – produzida em sala – garantindo a contribuição de todos os membros - construindo sentidos desenvolvidos por cada autor/a ao texto, pois se trata de uma atividade sociointerativa.

Dos Resultados: as reportagens

Dos resultados, destacam-se, inicialmente, alguns títulos propostos para as reportagens, que merecem uma breve análise. “Do ouro a lama: O maior ‘acidente’ de mineração da história” é um título que enfoca o conteúdo histórico da questão, pois Minas Gerais é o estado que mais minerou na história do Brasil e esse fato é parte, até mesmo, da toponímia do estado. “Por uma mineração mais responsável” é uma proposta de manifesto, acreditando-se que é possível minerar com mais responsabilidade ambiental e social nos espaços adjacentes às minas. “Vale a responsabilidade ou o lucro?” constrói um trocadilho com o nome de uma das empresas multinacionais que controla a Samarco – a Vale – sendo que os estudantes chamam atenção para o lucro como motor maior das atividades mineradoras. “Em meio ao caos: Esperança!” dá visibilidade às atitudes de solidariedade que aconteceram, mobilizando o país todo, mas principalmente a região, no intuito de ajudar os atingidos pela lama do vazamento. Um projeto que ficou mais conhecido foi a Operação Arca de Noé, em que moradores de Colatina-ES e adjacências começaram a retirar os peixes e outros animais do Rio Doce antes da chegada da lama nesse recorte espacial da referida bacia hidrográfica. A lama exterminou a vida por onde passou. O conhecimento prévio do seu caminho facilitou atitudes preventivas. Mas nem sempre isso foi possível, sendo que é possível afirmar a morte do Rio Doce. Muitos municípios banhados pela bacia do rio passam por problemas de abastecimento até hoje e com as poucas medidas de correção que têm sido tomadas não se sabe quando esses problemas serão minimizados. “Do doce ao amargo” é um recorte de um poema de Drummond da década de 1980, que circulou pelas redes sociais dando visibilidade ao desastre iniciado em Mariana. Muitas pessoas ficaram impressionadas com a atualidade do poema.

Lira Itabirana
O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.
Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!
A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.
Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?

Dos Resultados: os Protestos Virtuais

Como protestos os estudantes se apropriaram de todas as linguagens sugeridas, que foram apropriadas com criatividade e, posteriormente, publicados por eles mesmos no grupo público "Da lama ao caos" no *facebook*.

Fig 1: Imagem do grupo público "Da lama ao caos" no *facebook*.
Link: https://www.facebook.com/groups/480624382110253/?fref=ts

Os protestos foram fotografados ou filmados para que pudessem ser publicados. Não houve material entregue às professoras, sendo as postagens a forma de entrega dessa etapa do trabalho, sendo, portanto, uma avaliação virtual. Foram postados alguns vídeos com imagens e sons que não são possíveis de serem reproduzidos aqui. Uma parte dos protestos está aqui representados imageticamente, mas para acesso a todos, basta acessar o grupo no *Facebook*:

Fig 2: Charge: E a mineradora ainda quer colo

Fig 3: Vídeo produzido com a música Quanto Vale? da banda Djambê, com arte produzida pelos estudantes

Fig 4: Vídeo que reproduz com uma maquete o processo de vazamento que acabou com o distrito de Bento Rodrigues

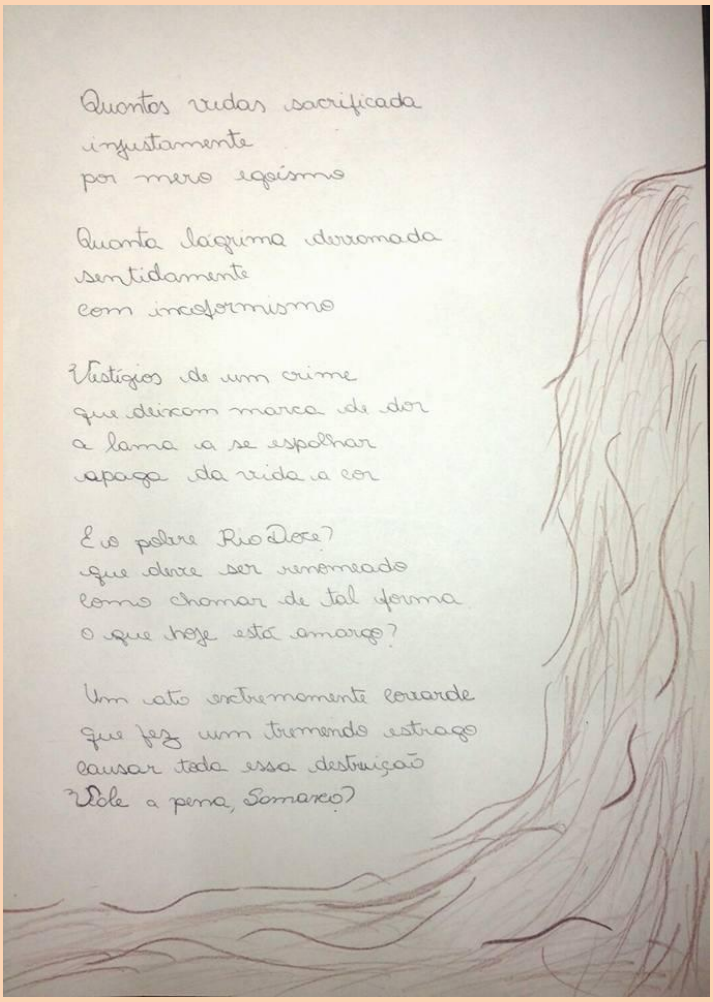


Fig 5: Poema

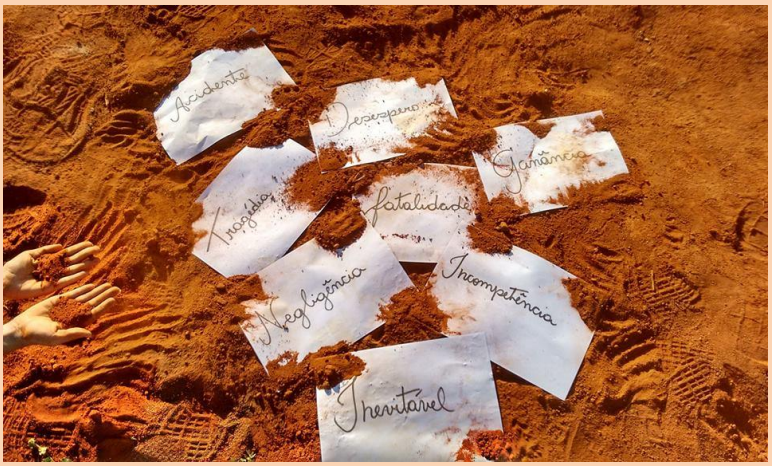


Fig 6: Palavras-chave sobre o tema, mãos e pegadas misturadas à terra

Referências Bibliográficas

SANTOS, Milton. *Território e sociedade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond. Lira Itabirana. Jornal Cometa Itabirano, 1984.

REINALDO, Maria Augusta G. de Macedo. A orientação para a produção de texto. In: DIONÍSIO, Angela; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.) *O livro didático de Português*: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. P.95.

ROJO, Roxane. A concepção do leitor e produtor de textos nos PCNs: "Ler é melhor do que estudar". In: FREITAS, M.T.A.; COSTA, S.R. *Leitura e escrita na formação de professores*. São Paulo: Musa/UFJF/Inep-Comped, 2002. P.31-51.

A UNIVERSALIZAÇÃO DA FUGA E O NOVO OLHAR SOBRE O MIGRANTE SERTANEJO NA OBRA *ESSA TERRA* DE ANTÔNIO TORRES

Vanusia Amorim Pereira dos Santos

Mestre em Letras, Professora de Língua Portuguesa e Literatura
IFAL - Instituto Federal de Alagoas – Campus Palmeira dos Índios
Email:vanusia.amorim@yahoo.com

Resumo:

Em 1976, Antônio Torres lançou *Essa Terra*, narrativa que tem como motivo a migração nordestina para São Paulo. Nesse romance, ficamos sabendo da história de Totonhim, protagonista e *narrador*. Sim, o próprio migrante nos conta sua história. Uma inovação. Já na 27ª. edição, *Essa Terra* é um clássico da literatura brasileira amplamente traduzido em várias línguas e lido em vários países. Neste trabalho, analisamos como Antônio Torres se diferenciou dos seus contemporâneos, visto que compreendeu a migração como fruto de um colonialismo interno e alçou o migrante à condição de narrador em primeira pessoa. Apontaremos, ainda, como a migração e seus desdobramentos configuram a fuga como elemento de universalização da obra Torresiana. Pretendemos comprovar que Torres, ao tempo em que dialoga com outros clássicos nossos, dá um passo largo nessa travessia da literatura brasileira, que é refletir o brasileiro – todos eles - de forma universal. Torres é escritor singular, merecendo sua obra ser mais bem analisada e mais bem destacada sua importância no nosso cânone.

Palavras-chave: Universalização. Literatura Brasileira. Antônio Torres. Fuga.

Abstract:

In 1976, Antônio Torres publish “Essa Terra”, a narrative that has as a motive the Brazilian Northeast migration to São Paulo. In this novel, we can discover the history of Totonhim, the protagonist and the narrator. Yes, the migrant himself tells us his history. Its an innovation. In its 27th edition, “Essa Terra” is a Brazilian literature classical which was widely translated in many languages and is read in a lot oh intern colonialism and could elevate the migrant to the first person narrator condition. We are also going to ponti, how the migration and its consequences configure a runaway as a element of universalization of Torres’ work. We intend to comprove that Torres, at the same tima that dialogue with other Brazilian classics, can give a broad step into this crossing through them - Brazilian literature. This step consists in portray the Brazilian people - all of them - in an universal way. Torres is a singular writer and deserves a better analizes of his work, highlighting his importance in our Literature canon.”

Keywords: Universalization. Brazilian literature. Antonio Torres. Runaway.

Introdução

Em 1938, Graciliano Ramos lançou *Vidas Secas* e naobra deu protagonismo ao migrante oriundo do Nordeste brasileiro. Através da desalentada família de Fabiano, o autor mais do que abordou a saga em busca de sobrevivência, nesse romance icônico Ramos profetizou o que seria a sina do homem nordestino: migrar para o Sul, fugir da morte certa rumo a uma terra incerta, desconhecida "*... correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa ...*" (Ramos, 2009). Tendo como o desfecho final do drama a migração da família de Sinhá Vitoria, Mestre Graça deixaria marcada na literatura brasileira a fatalidade do homem do Sertão: o viver em fuga, escapando da seca, fugindo da miséria. Essa condição fica expressa inclusive na disposição dos capítulos. Não é por acaso que a narrativa começa com o capítulo *mudança e* encerra com o capítulo *fuga*. No contexto em que vive Fabiano e a família não há escapatória. Para sobreviver é preciso migrar. Não há outro caminho, não há escolha.

Abordar o tema da migração nordestina fez parte do projeto literário de outros autores da nossa literatura. Clarice Lispector e Jorge Amado são autores-exemplos de obras clássicas, com *A hora da estrela* e *Seara Vermelha*. Contudo, queremos aqui chamar atenção para um autor não tão lembrado pelo cânone: Antônio Torres. Em 1976, o baiano, hoje imortal da Academia Brasileira de Letras, lançou *Essa Terra*, que tratava da saga de uma família de migrantes. Contudo, Torres se diferenciou dos demais em dois aspectos: compreendeu a migração como fruto de um colonialismo interno, considerando que o sertão tornou-se um lugar explorado e empobrecido pelo centro-sul do país; alçou o migrante à condição de narrador em primeira pessoa, assim nos contanto ele mesmo – o migrante, o excluído - como era ir para o Sul, chegar e estar lá, ter que enfrentar o preconceito e a marginalização e perceber que "*São Paulo não é o que se pensa"* (Torres, 2012).

Com *Essa terra* Antônio Torres inaugurou perspectivas diferentes sobre o tema da migração e nos possibilitou refletir sobre a condição do ser migrante ouvindo a voz do próprio. O que acontecia com aqueles que iam em busca de vida melhor? Tornavam-se homens de sucesso? Os filhos frequentavam boas escolas? Como eram tratados? Ficavam prisioneiros da civilização? Perdiam-se? Encontravam-se? Fugiriam sempre? E, diante do inevitável, fugindo, conseguiriam escapar? Qual o real significado dessa fuga, no que ela se transformou e no que ela transformou o errante? São questionamentos

importantes porque como bem apontou Graciliano " ... o sertão continuaria a mandar gente para lá." (Ramos, 2009). E por isso, nos interessa saber o que o destino reserva para essas pessoas que se aventuram rumo às terras civilizadas.

Torres dialoga com Graciliano Ramos ao tempo que dá um passo largo nessa travessia da literatura brasileira, que é refletir o brasileiro – todos eles - de forma universal. É o primeiro escritor que concede voz própria ao migrante nordestino; excluído histórico. E vai além, universaliza o drama desse migrante usando como elemento de inclusão social a própria fuga, os sentimentos que a permeiam e as consequências disso no íntimo do indivíduo. No dizer de Candido (1999), Torres pratica a literatura humanizadora, "*algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem*.". Dessa maneira, Antônio Torres se singulariza na condição de escritor e sua obra merece ser mais bem analisada e mais bem destacada sua importância no nosso cânone.

A Produção Literária Brasileira nos Anos 70 do Século XX

Por um tempo considerável a produção literária dos anos 70 do século XX foi duramente criticada e caracterizada como pouco profícua, por assim dizer. Tornaram-se corriqueiras expressões como "gavetas vazias", "vazio cultural". Tudo isso, na visão de alguns, devido à inviabilidade de se produzir arte e cultura com a censura imposta; ou na visão de outros, devido à carência dos nossos escritores de uma integração com o povo, ocasionando uma produção pretensamente "neutra" de conflitos sociais, culminando, portanto, com obras que refletiam experimentalismos técnico-formais, às vezes atraentes, porém quase sempre sem valor artístico. Em palavras claras, produção fraca, principalmente se comparada ao passado de fartura literária.

A pesquisadora Tania Pelegrini (1990) defende que "*na verdade as gavetas estavam cheias de uma produção numerosa e diversificada principalmente naquilo que se refere à literatura*". É fato. À época, autores consagrados lançaram obras importantes e também surgiram novos autores. Para Pelegrini, o que deveria ocorrer eram análises do período abordando *a presença* da literatura em tempos tão difíceis como foram *os anos de chumbo* e ainda o fato dessa produção literária revelar *novas* formas de produção, merecendo por isso

um olhar crítico menos tradicional, ou seja, a crítica deveria repensar seus métodos e *experimentar* outras formas de análise.

O crítico Nelson Coutinho, em artigo publicado em 1973 na Revista Visão, fez uma análise sobre os novos autores da época. De início, afirma que foi um período de esvaziamento e estagnação cultural sim e que essa situação fora se fortalecendo devido às tendências especificamente culturais operantes na vida intelectual brasileira. E garante que um número relevante de nossos escritores – exceto os grandes – vira quase sempre a literatura como algo elitista, individualista, e isso culminou em uma produção, às vezes, até interessante do ponto de vista experimental, porém distanciada dos valores humanos e escassa de valor estético. Dessa forma, aliadas causas externas e *neutralidade* nos quesitos humano e estéticos, pode-se entender essa produção um pouco decepcionante do final dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX.

De fato, nem todas as gavetas estavam vazias e a década não estava perdida. Ao ver de Coutinho, a despeito da falta de fôlego de nossos romancistas mais experientes e do desinteresse das editoras em publicar novatos com ideias "inoportunas", surgiram novos e talentosos escritores, distanciados de pastiches e de modismos técnico-formais e tocados pelos dramas humanos e pelo indivíduo, como Moacyr Scliar e Antônio Torres. Citou outros - e que fique claro que nos referimos a esses dois apenas porque são exemplos que vingaram. À época, Coutinho atentou para o fato de que, apesar de algumas falhas de composição, compreensíveis considerando ser escritores estreantes, eram autores talentosos, no que se referia à técnica literária, e abordavam uma temática de real significado para o ser humano. Scliar estreia com um romance - *A guerra no Bom Fim* - sobre o judeu Joel em um bairro de Porto Alegre e critica as contradições e os destinos do Judaísmo no mundo. Torres, por sua vez, em *Um Cão Uivando para a lua*, apresenta um nordestino que tenta obter sucesso em São Paulo como jornalista. Dramas humanos individuais, simbólicos. Romances com valor humano e riqueza estética, por isso importantes e representativos.

O romance de Torres foi considerado por alguns como o melhor romance de 1972. Interessou à crítica e ao público a historia de um migrante nordestino criado na roça, que vem para cidade grande e impactado pelo choque cultural e sufocado pela atmosfera competitiva, acaba se transformando em um intelectual

neurótico, que enlouquece de vez após viagem para Transamazônica. Insano, no hospício, recebe a visita de outro repórter e os dois personagens, representativos da realidade e da loucura, fazem um embate questionando o que é real e o que é loucura acerca da condição humana. Estreia marcante porque expunha a rebeldia de um jovem se rebelando contra um *status quo* hediondo que "*coisifica o homem através do Estado, da publicidade, da massificação*." (Ribeiro, 1973). Torres, assim como Scliar, trouxe de volta a prosa realista, fazendo uma reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea e questionando as alternativas de sobrevivência na cidade grande.

O escritor baiano não demora a publicar novamente. No ano seguinte, 1973, lança *Os homens dos pés redondos*, narrativa urbana que retoma múltiplos aspectos da realidade portuguesa da década de 60 – os últimos anos do governo de Antônio de Oliveira Salazar – disfarçados na fictícia Ibéria. São analisados aspectos daquela sociedade: o regime ditatorial, a opressão, a tortura, o medo, o cerceamento da intelectualidade, a guerra para guardar despojos das colônias africanas, o capitalismo urbano, a massificação produzida pela publicidade, a presença sufocante da igreja, a mentalidade provinciana e preconceituosa, os modernos costumes da urbe. O escritor havia passado uma temporada em Portugal e na volta escreveu o livro. Obra mais apurado tecnicamente, segundo a crítica, e oportunamente analisando uma cidade sob o julgo da opressão, do capitalismo, do embate passado x presente. Lembrando: em 1973, quando ainda perdurava o regime militar no país sob o comando do mais duro e repressor general do período, Emilio Médici. Com esse segundo romance, Torres imprime mais uma marca em sua obra: escritor com compromisso social, pois como diz Cândido (1989) "A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas."

Três anos depois, 1976, Torres se firma definitivamente no cenário literário lançando o *best-sellerEssa Terra*. Com essa obra, volta ao tema da migração nordestina e traz uma inovação: um narrador migrante em 1ª. pessoa. Foi uma novidade porque seus contemporâneos continuavam trafegando com vozes narrativas na 3ª. pessoa. Em *Essa Terra* o migrante Totonhim, o narrador, conta a sua historia, sem intermediações. Torres inaugura assim um momento importante da nossa literatura. Concede voz a quem até então

permanecia silenciado, com direito à fala negado. É um momento tão respeitável quanto foi o vaqueiro Fabiano ser protagonista em *Vidas Secas*. Sendo que a miserabilidade e a submissão de Fabiano eram tantas, que ele não tinha condições sociais e nem coragem para falar. A personagem grunhia, emitia sons guturais e interjeições. Não era o narrador. Não falava por si. Inquestionavelmente, em *Essa terra,* o migrante aparece pela primeira vez como narrador de sua trajetória. O próprio errante conta ao leitor suas experiências. O *eu* falando por si mesmo. Essa concessão de voz ao desvalido, marginalizado, sob vários aspectos é importantíssimo. Politicamente e socialmente falando ainda lutamos para ter voz. O silenciamento do marginalizado é condição política e social. Literariamente falando, essa liberação da voz é motivo para reflexão, para questionamentos.

Essa Terra Tem Vez, Tem Voz, Tem Sentimento

Essa terra enreda a historia de Totonhim, o caçula de uma família oriunda do Junco, cidadezinha do interior baiano. Ele, tal qual o irmão mais velho e quase todos do lugar, deixam a terra natal em busca de uma vida melhor na metrópole. A família de Totonhim era pobre, mas não miserável e o Junco, no final das contas, era uma "*terra velha e boa*" (Torres, 2012). Os familiares de Totonhim, bem como os conhecidos da cidade, quiseram ir para cidades mais avançadas porque queriam desfrutar de uma vida melhor. Nelo, irmão de Totonhim, sonhava

> "se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e quente de casimira, seus ray-bans, seu rádio de pilha – faladorzinho como um corno - e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. Um exemplo vivo de que nossa terra podia gerar grandes homens" (Torres, 2012, p. 11).

No Junco, espaço geográfico do romance, esse progresso é proclamado pelos homens de terno que chegaram de jipe e ofereceram *novas* oportunidades por meio de empréstimos bancários e *novas* ideias para agricultura. Os jovens se encantaram com o sucesso que aqueles homens bem vestidos e educados representavam e quiseram ser como eles. Então, o motivo da mudança não era a fome que assolava Fabiano e sua família. Torres percebeu essa transmutação dos motivos pelos quais se migra. Não eram os sertanejos levados por problemas de ordem social, econômica e climática. É proposto no romance

perceber a migração como emergente de um poder atrativo que as forças do capital e da capital exercem sobre as pessoas. Segundo Chaves

> Para a ruína atual são, portanto, apontadas explicações novas, diversas das expressas na literatura do passado e baseadas na compreensão moderna da existência de uma espécie de colonialismo interno, em função do qual o sertão se tornou um território explorado e pauperizado pela região centro-sul, verdadeiro núcleo do Estado nacional." (CHAVES, 2008, pag. 3)

Assim, o romance propõe uma reconfiguração das justificativas da migração, considerando a mudança de contexto na qual ocorre. Como antes, migrar não é mais uma sina, é uma escolha, uma opção, ainda que tomada sob efeito de uma realidade ilusória. E o que essa ilusão desencadeia? É o que Totonhim vai nos contar, pois é o migrante narrador-protagonista de uma trilogia. Antônio Torres lança duas continuações de *Essa Terra*. Em 1997, *O cachorro e o lobo* e em 2009, *Pelo fundo da agulha*. No desenrolar dostrês volumes o escritor revela a saga dramática de quem vai embora com perspectivas de sucesso, sem se esquecer de refletir também sobre a família que fica e com a expectativa de também desfrutar das riquezas e do sucesso de quem vai. A saber, o primeiro volume da trilogia é sobre Totonhim contando como foi a trajetória de Nelo, irmão mais velho que foi para São Paulo e deixou a família na expectativa da volta triunfal. O início do romance é trágico. O suicídio de Nelo ao voltar para a terra natal é estopim para conhecermos aos poucos como ficou a vida da família na Junco, sob permanente expectativa e vivendo também o sonho de Nelo. Ao mesmo tempo, sabemos do fracasso do irmão mais velho e de sua fuga final. A família fracassa. Totonhim reage fugindo para São Paulo; a mãe de Totonhim reage enlouquecendo; o pai de Totonhim reage indo viver nas grotas, bebendo e conversando com as galinhas; as irmãs de Totonhim fogem para as cidades com quem aparece primeiro. Suicídio. Mudança. Loucura. Solidão. Entrega ao desconhecido. Todos fogem ao modo de cada um.

A explosão industrial da região Sudeste, notadamente a riqueza de São Paulo exaustivamente alardeada, enchia a cabeça dos nordestinos de sonhos de prosperidade. Claro está que o escritor voltou ao tema da migração com uma nova perspectiva sobre o assunto, pois demonstra que nem sempre o ato de migrar é um movimento obrigatório, como foi para Fabiano, que se mudou para outras bandas porque não tinha alternativa, ou migrava ou morria de fome e de

sede. Para a família de Totonhim, a mudança foi escolha, ainda que essa possibilidade tenha sido tomada devido à aparência sedutora dos homens das *terras civilizadas* e suas promessas. "*Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro. Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.*" (Torres, 2012). Em *Essa Terra* as pessoas vão embora porque sonham com uma vida mais próspera, porque querem obter sucesso, posses. Elas querem ser igual aos outros homens das terras avançadas, civilizadas. Idealizam essa terra, sem medo. Bem diferente de Fabiano na sua fuga. A personagem de Vidas Secas teme o que estar por vir: *Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela."*(Ramos, 2009) .

Como já dissemos, Antônio Torres percebeu essa mudança de foco da migração e transformou isso em literatura. O escritor atualizou uma temática corrente da literatura brasileira, inovando no foco narrativo e na abordagem do tema, continuando a privilegiar o ser humano e seus dramas. Nos três livros, é revelada toda a saga do ir e vir e o que sente o migrante e seu entorno. Ao longo dos três romances são denunciados os flagelos da migração, no que tange ao migrante e também a sua família e é importante ressaltar o enfoque dado ao núcleo familiar que continua na terra de origem, pois ele permanece e, entretanto, migra também. Em sonho. A família que fica fantasia com o sucesso de quem foi e nisso escapa também. Quando esse sucesso não se concretiza, e o fracasso é uma constante, todos se agoniam.

> Em última instância, a obra narra uma história de família, uma história de família em situação extrema de diáspora, separação, distancia, como contingencia mesmo da vida em diáspora. Uma história de família narrada por quem ficou e recolhe os restos de tanta dificuldade de diálogo para talvez no futuro construir sua própria narrativa – narrativa essa que Torres veio efetivamente colocar no papel em livros posteriores." (MORICONI, 2008)

Torres preza pela densidade interior dos seus personagens. Expõe suas contradições, angústias, sofrimentos, desejos, inquietações e principalmente a maneira como reagem às dificuldades. Tema do romance, a fuga é apresentada em primeiro momento como motivo e ao longo dos volumes como saída para várias frustações. Temos a loucura da mãe, mediante a morte do "filho perfeito"; a solidão e o alcoolismo do pai, que não consegue viver sob os novos moldes capitalistas; o suicídio do irmão mais velho, que fracassa em São Paulo e não tem coragem de contar e destruir a fantasia dos outros; os sonhos e delírios do

narrador, que indo e voltando de um lugar para outro não consegue, apesar dos esforços, pertencer mais a nenhum lugar.

Na trilogia, a quimera de escapar para a cidade grande desencadeia várias outras fugas, que se configuram válvulas de escape mediante as dificuldades encontradas. Esses escapes vão sendo expostos um a um e nosso estudo para tese de doutoramento se propõe a categorizar essa fuga e demonstrar que suas várias matizes são motivo e consequência, considerando o contexto de exclusão, de marginalização e da sensação de estar perdido e desprotegido, situação comum ao migrante, que se percebe não pertencer nos final das contas a lugar nenhum. O protagonista Totonhim começa a perceber esse não pertencimento em *O Cachorro e o Lobo,* quando volta para o Junco depois de vinte anos em São Paulo; e tem certeza disso em *Pelo Fundo da Agulha,* quando percorre vários lugares no mundo e não se encontra em nenhum. No desenrolar das narrativas o drama do sertanejo vai se tornando um drama universal. Em nosso entendimento, nessas obras de Torres o homem do sertão se iguala aos sujeitos contemporâneos de qualquer parte que, iludidos pelos valores líquidos de uma sociedade capitalista e pelas promessas de sucesso, partem para inúmeros lugares e muitas vezes não chegam a lugar nenhum. Escolhem partir em busca de sucesso, aceitação, inclusão. Quando fracassam - e fracassam - escapam novamente, pois a fuga, na obra torresiana, apresenta-se de várias maneiras - suicídio, embriaguez, delírios, solidão, loucura, mudança, silêncio -, e são elas elementos para compreensão da condição humana.

Antônio Torres é escritor singular na nossa literatura e já dava indícios disso quando na estreia literária inovou e introduziu novas perspectivas em relação à temas e formas narrativas. As várias formas de escapismo apresentadas na trilogia *Essa Terra, O cachorro e o lobo e Pelo fundo da agulha,* intriga o leitor atento não apenas porque se transfiguram em linguagem e estilo, mas também pelo aproveitamento estético delas na tessitura dos romances. Essas nuanças da fuga como elemento estético e como condição humana confirmam a universalização do drama da migração - e consequentemente da obra do escritor.

Achamos relevantes enfatizar esses aspectos da obra Torresiana e estudá-los em tese de doutoramento porque percebemos que a obra de Antônio Torres - ainda que ele seja um autor popular em eventos literários e culturais, premiado

no Brasil e no exterior, membro imortal da ABL e amplamente traduzido - não é divulgada pelo cânone como deveria, ou seja, apesar de suas importantes contribuições, o cânone não tem registrado esse valor. Pouco espaço ou quase nenhum é dado ao autor em livros teóricos de literatura brasileira, por exemplo. E um autor com essa ampla e marcante contribuição para nossa literatura merece obrigatoriamente registro mais atento.

Referências

AUGÉ, Marc. *Não-lugares:* introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, São Paulo: Papiros. 1994.

ARAUJO, Adriana de F. B. *Migrantes nordestinos na literatura brasileira*. Rio de janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento**.** In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

_____ *Direitos Humanos e literatura*. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

_____ *Literatura e Sociedade*. 3ª. edição. São Paulo: Nacional, 1976

_____ *A literatura e formação do homem*. Revista Remate de Males. Edição Especial Antonio Candido. IEL-UNICAMP, 1999.

CHAVES, Vânia Pinheiro. *Um novo sertão na literatura brasileira: Essa terra,* de Antônio Torres. Lisboa. 2008.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Uma questão de coragem***.** Revista Visão. São Paulo, 1973.

NOVAES, Claudio Cledson; SEIDEL, Roberto Henrique. (Org.). *Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres*. Feira de Santana. UEFS Editora, 2010.

PELLEGRINI, Tânia. *Gavetas vazias:* ficção e política nos anos 70. São Carlos-SC: EDUFSCar/Mercado de Letras, 1990.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 110ª. edição. Rio de Janeiro: Record, 2009.

RIBEIRO, Gilson Leo. *Passo à frente***.** Revista Veja, 24 de outubro, 1973.

TORRES, Antonio. *Essa Terra*. 24ª. edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

AS RELAÇÕES DE INTERTEXTUALIDADE DO CONTO *NEGRA DAS NEVES E OS SETE GIGANTES DO SERTÃO* COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA DO SÍTIO LAMBEDOR NO MUNICÍPIO DE LAGOA GRANDE-PE

Rozangela Maria Batista Dos Santos[1]

Resumo:

Este trabalho consistiu em investigar as perspectivas do conto *Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão*, em relação à intertextualidade com o conto Branca de Neve e os Sete Anões e a comunidade quilombola do Sítio Lambedor-PE. Foram abordadas questões envolvendo elementos por meio das suas práticas socioculturais e acepções que dizem respeito à infância e contexto histórico da comunidade, considerando a realidade atual, afetividade e valores etno/culturais humanos e a constituição da identidade e autoestima perante o meio social com interpretação reflexiva. Foi identificado o Letramento Local para se perceber a existência de preconceito e/ou discriminação sociocultural no contexto sociocultural da comunidade pesquisada.

Palavras-chave:Contos de fadas. Intertextualidade. Identidade. Preconceito e/ou discriminação sociocultural.

Abstract:

This study was to investigate the prospects of the Black tale of the Snow and the Seven Giants of the Hinterland, in relation to intertextuality with the tale Snow White and the Seven Dwarfs and the quilombo community licker site-PE. They addressed issues involving elements through their socio-cultural and renderings practices that relate to childhood and history of the community context, considering the current situation, affectivity and ethno / human cultural values and the formation of identity and self-esteem to the social environment with reflective interpretation. The Literacy Site was identified to realize the existence of prejudice and / or sociocultural discrimination in the sociocultural context of the studied community.

Keywords: Fairy Tales. Intertextuality. Identity. Prejudice and / or socio-cultural discrimination.

Introdução

A intenção principal da Literatura Infantil é despertar na criança os interesses dos aspectos do mundo que as envolve, para criar ou recriar conceitos

relativos a valores implícitos nos contos maravilhosos. Com esse propósito, encontra-se relevância em recriar a obra Branca de Neve e os Sete Anões, escrito pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, por ser um clássico da Literatura Infantil, trazendo a representação da beleza por meio da cor da pele branca da protagonista da história.

A versão recriada denominada denota a *Cultura Nordestina* e a *Valorização dos Afrodescendente***s**, envolvendo o contexto social e, por meio da intertextualidade, procura revelar os aspectos significativos do ser através da interpretação do conto, no que concerne a: *discriminação, preconceito e exclusão social; sociedade e fatores econômicos; letramento local e cultura*.

Nessa recriação do conto *Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão*, foram envolvidas as práticas e eventos existentes além do conhecimento escolarizado, mas que abrangem todas as ações experimentadas pelos participantes na totalidade das suas vidas, buscando-os através do letramento local. Portanto, o intuito desta pesquisa foi investigar a relação de intertextualidade por meio do contexto sociocultural, mostrando a relevância dos contos contextualizados para o ensino em todos os aspectos.

Por fim, conclui-se a investigação acerca da correlação existente entre o conto *Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão* com a vida sociocultural das crianças afrodescendentes, e como esses aspectos influenciam o comportamento e a atitude dessas crianças da comunidade quilombola do Sítio Lambedor, município de Lagoa grande-PE.

Ao levar em consideração a cor da pele da personagem Branca de Neve e a sua beleza enaltecida no conto dos irmãos Grimm, procurou-se levantar questionamentos referentes ao preconceito e discriminação social. Esse conto poderá levar a criança afrodescendente a sentir-se desvalorizado em relação à cor da sua pele, por serem apresentados, na maioria dos contos infantis, personagens de pele branca, podendo causar no cognitivo da criança afrodescendente sensações negativas em relação a sua autoestima e valorização sociocultural, mostrando a importância em se trabalhar histórias contextualizadas.

1 Referencial Teórico

1.1 Contexto Histórico-Social dos Contos de Fadas na Literatura Infantil

Os contos de fadas deixaram de ser narrativos orais e se tornaram literatura no século XVII, com o francês Charles Perrault na corte barroca de Luis XIV, e foi com a revolução industrial que a Literatura Infantil ganhou espaço na Inglaterra, refletindo em suas narrativas as inspirações da sociedade burguesa, centrada em uma estrutura familiar sólida. Coelho (2000, p. 23) afirma que todas as histórias que haviam se transformado em clássicos da Literatura Infantil nasceram no meio popular. Em todas elas havia a intenção de passar determinados valores ou padrões a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo indivíduo em seu comportamento. Naquela época, os contos não eram destinados às crianças.

Os contos de fadas sempre foram impregnados de uma ideologia muito forte, implícito nas entrelinhas de suas narrativas. A distinção entre o real e o imaginário ainda não está bem explícita na cabeça da criança, por isso ela acredita que seres animados e inanimados têm os mesmos sentidos que elas concebem; dessa maneira, todas as coisas surgem para a criança como realizável.

A contextualização dos contos de fadas é importante para as crianças adquirirem sua autoestima e desenvolver o sentimento de individualidade; assim, mediante a identificação desses problemas projetados nas estórias que lhe são contadas, ou que leem, conseguirão encontrar soluções e sentirem-se mais segura.

A narração, segundo Bettelheim (2007, p. 219) permite maior flexibilidade e contato intrapessoal, aumentado até mesmo os laços afetivos entre seus parceiros e a compreensão do texto. O adulto narrador pode e deve demonstrar emoção, dar vozes, sentidos aos acontecimentos expressos e, nestes momentos, “apreciar integralmente os sentimentos e as reações das crianças”.

Dessa forma, os contos maravilhosos não devem ser vistos como produções neutras; é preciso que se adote uma postura de reflexão e discussão dos textos que são lidos, ao produzirem questionamentos de forma lógica e

objetiva no cognitivo da criança, por meio do prazer recreativo que o mundo fantástico lhe proporciona.

Por isso os contos de fadas são narrativos simbólicas simples, primitivas, capazes de transmitir experiências subjetivas complexas e vivências emocionais delicadas às pessoas mais ingênuas e às crianças. Essas narrativas mostram o mundo, a vida em sociedade através da simbologia. Segundo Bettelheim (2007, p.67), "o conto de fadas procede de um modo conforme [...] a criança pensa e experimenta o mundo". Carl Gustav Jung[140], diz que "contos de fadas dão expressão a processos inconscientes, e sua narração provoca a revitalização desses processos, restabelecendo a conexão entre o consciente e o inconsciente". Como Freud, ele entende que o sonho é uma forma de representação simbólica dos processos psíquicos individuais, e, o conto de fadas como representações simbólicas de processos psíquicos coletivos reproduzem as dificuldades, os complexos das crianças, de maneira que elas se projetam nessas narrativas, fortalecendo e solucionando suas experiências internas.

1.2 A Psicanálise e os Contos de Fadas/Maravilhosos

Para a psicanálise, a psique se constitui de três estruturas dinâmicas, o Id (princípio do prazer), o Ego (príncipio da realidade) e o Superego (princípio moral). Dessas três estruturas terão de ser construídas na relação do sujeito com o mundo que o cerca. Bettelheim (2007, p. 12) consolida que:

> Aplicando o modelo psicanalítico da personagem humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e a insconsciente, seja em que nível for que cada uma esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, essas histórias falam ao ego que aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes.

Assim, não são os personagens simplificados das histórias de hoje que despertam profundas identificações entre eles e as crianças. Em primeiro lugar, os personagens de contos de fadas não têm nome próprio, mas sim nomes que são ligados às suas características físicas e emocionais. Por exemplo, "Branca de Neve" tem esse nome porque sua pele é branca como a neve, isso faz com que

[140]*Carl Gustav Jung*- Psiquiatra suíço, fundador da psicologia analítica, foi um dos maiores estudiosos da vida interior do homem e tomou a si mesmo como matéria prima de suas descobertas suas experiências e suas emoções estão descritas no livro "Memórias, Sonhos e Reflexões". *http://educacao.uol.com.br/biografias/carl-gustav-jung.jhtm.*

identificar-se com o personagem torne-se mais fácil. Não tendo nome, ele não tem uma identidade própria, e assim pode emprestar sua personalidade ao ouvinte enquanto ele acompanha a narrativa.

Esse tipo de identificação, através do jogo simbólico, está presente em muitas das brincadeiras espontâneas infantis, mas, nos contos, essas fantasias adquirem uma dimensão mais ampla e profunda. Bettelheim (1980, p. 71) afirma queisso permite que o ego da criança consiga algum domínio sobre estes elementos, o que ela não pode fazer quando solicitada ou forçada pelas circunstâncias a reconhecê-los como projeções de seus processos internos. Esses contos originam-se da tradição oral popular, portanto de classes sociais cuja vida era triste e dura como as crueldades das histórias que criaram.

1.3 Reconto e a Intertextualidade

Recontar não é apenas reprodução, é recriação, pois além do escritor preservar o enredo, imprime à história seu estilo próprio para ampliar e ajustar a linguagem às suas intenções comunicativas com os efeitos que espera provocar em seus leitores. É importante a análise da Literatura Infantil por meio do recontar histórias no que abrange os aspectos narrativos e vocabulário na reconstrução oral, e observar a participação dos sujeitos nas diversas práticas sociais.

O recontar deve ocorrer por meio de comentários, com posterior registro individual de cada criança e com uma avaliação docente das produções.*As histórias fazem parte da cultura dos indivíduos desde os primeiros anos de vida, contribuindo significativamente na formação de seu imaginário*. O discurso intertextual avança e se concretiza representando vozes, captando ou subvertendo outro texto. Em todo texto a palavra introduz a um diálogo com outros textos. A modificação dos textos é decisiva para estabelecer o movimento da linguagem que carrega palavras dos outros. É o próprio movimento da vida e da consciência, a qual é preenchida de elementos anteriores a ela, trazidos para outrem e necessários à realização. (Bakhtin, 1978, p. 509) torna firme que:

> Na vida fazemos isso a cada passo: nós nos apreciamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, tentamos compreender o

> momento transgredientes[141] à nossa própria consciência e considerá-los por meio do outro [...]; numa palavra: constante e intensamente, viajamos e capturamos os reflexos de nossa vida no plano da consciência dos outros homens.

Assim, nessa adaptação do conto com a realidade cultural, deve-se manter essa dimensão exterior pela qual as personagens dialogam com o interlocutor e a narração assuma o pensamento dos personagens, para em seguida, discutir sobre mudanças que afetam o contexto do mundo das crianças, sem intervir em seus pensamentos.

2 Análise do conto Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão

A história de *Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão* que tem como autora a pesquisadora desse trabalho, exprime diversas características do homem sertanejo em seus aspectos socioculturais. Trata-se de uma obra Inter textualizada com a obra *Branca de Neve e os Sete Anões*, dos irmãos Grimm, recontada numa perspectiva memorialista popular nordestina.

É uma obra que representa diversas características referentes à contemporaneidade. Nela, o sentido humanitário está muito presente, e podem-se citar como exemplos os conflitos internos do homem em relação à sua cultura e valorização social quando são apresentadas as dificuldades enfrentadas pelo povo nordestino, as características físicas de Negra das Neves, além das virtudes empregados nos Sete Gigantes como forma de vencer os conflitos de Negra das Neves.

Há predomínio de sentimentos que representam a solução para vencer os conflitos, os personagens lutam pelos ideais. Nota-se uma preocupação fundamental com a sobrevivência e as necessidades básicas do indivíduo, ao mesmo tempo em que se mostra a valorização da beleza, independentemente da cor da pele, enaltecendo a pele negra e os cabelos crespos.

[141]Transgrediente - "fora do que está sendo pensado". Para a Sociologia Funcionalista, cada um faz um papel determinado, e por esse ponto de vista podemos construir um álibi da existência. No entanto, quando transgrido um papel, assumo que aquele era um papel. Em Bakhtin assoma o conceito de assinatura, que é fazer o papel responsavelmente, ato responsável, no qual não tenho álibi de minha existência. Esse reconhecimento da unicidade de minha participação (assinatura) é a própria ação realizada, ação única minha neste mundo. www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicaçoes/textos/aoooo6.htm.

Não existe uma luta do bem com o mal, e sim um conflito interior do personagem no que concerne às carências existenciais da trama. Explicita-se a base do confronto: Negra das Neves X Conflitos interiores.

A violência não aparece de forma explicita, visto que, as mazelas humanas enfrentadas pela personagem representam o sofrimento e frustrações na história por meio da carência de elementos básicos para a sobrevivência.

Esse Conto pertence à narrativa do fantástico-maravilhoso, por pertencer ao mundo do imaginário ou da fantasia. *Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão* pode ser caracterizada como conto maravilhoso por conter elementos mágicos, integrado naturalmente nas situações empregadas. Os elementos mágicos presentes nessa história são os pássaros falantes e os sentimentos personificados. Trata-se de uma narrativa simples girando em torno de um só núcleo dramático: O conflito interior de Negra das Neves. Todo acontecimento depende desse fator.

Um elemento constante nos contos maravilhosos é a presença de seres prodigiosos. A ave falante representa esse ser que interfere no destino da personagem central, ajudando-a imediatamente na solução do problema de Negra das Neves.

A solução dos problemas e a satisfação dos desejos estão presentes no mundo maravilhoso. Mesmo nos contos contemporâneos, as ações merecem os mesmos destinos de antes: o bem que vence o mal. Todos os seres humanos desejam que seus problemas tenham os mesmos desfechos dessas histórias, em que no fim tudo dá certo, mesmo que para isso seja necessário um passe de mágica.

Dentro do conto são apresentados os conflitos internos vividos por Negra das Neves no que concerne ao medo de relacionar-se com as pessoas e a necessidade de possuir virtudes que a faça superar esses conflitos. Isso pode ser notado quando ela encontra os Sete Gigantes na caatinga e sente medo de aproximar-se por achar que eles lhes fariam mal. Negra das Neves então percebe que tais seres, embora lhes parecessem ameaçadores, eram do bem.

Os conflitos raciais são mostrados em relação à condição social em que Negra das Neves se encontra; uma menina pobre, filha de uma doceira e de um vaqueiro já falecido. Isso remete aos descasos vividos pelos negros desde a sua origem e as suas dificuldades que perduram até os dias atuais.

Outra característica presente no texto é a valorização cultural nordestina, mostrando que, apesar de ser uma região que encontra muitas dificuldades em decorrência da falta constante de chuvas e de políticas públicas para minimizar essa dificuldade, é também uma região rica em cultura. No conto são apresentados nomes de pessoas que remetem aos grandes nomes que foram destaque no Nordeste, conhecidos nacionalmente.

A intertextualidade está explícita no conto *Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão*, em relação ao conto Branca de Neve e os Sete Anões; são contos maravilhosos em que há conflitos e possuem a presença de seres inanimados.

A cultura está presente tanto em um quanto no outro conto. Os irmãos Grimm representaram em Branca de Neve a cultura folclórica germânica, e fala de conflitos interiores dos seres, como a inveja; são contos desprovidos de violência, já que não apresenta morte, mas apenas relatos dela. No conto Negra das Neves também apresenta uma cultura, a nordestina; fala dos conflitos internos socioculturais dos afrodescendentes, e como em Branca de Neve, é um conto que não retrata a violência física.

3 Análise dos Dados

É na etapa de análise dos dados colocada em vista com a realidade confrontada com toda teoria, que o pesquisador pode fazer inferências e interpretações que irão confirmar ou negar suas hipóteses para desvendar seu objeto de estudo. Essa pesquisa visou conhecer até que ponto os contos de fadas contextualizados interferem no desenvolvimento cognitivo das crianças afrodescendentes em relação à autoestima e valorização sociocultural.

Para tanto, onze alunos da comunidade quilombola do Sítio Lambedor participaram da investigação, com observações, mesa redonda, conversação e questionário.

Para se adquirir o conhecimento de um texto, é necessário um processo de aprendizagem vivenciada por pessoas, e é mediante a interação com diversos níveis de conhecimento que se entende do mundo de determinada pessoa. Por meio da memória vamos acumulando conhecimento ao longo da vida. Por isso, faz-se importante, nesse momento, a abordagem sobre o conhecimento prévio.

3.1 Resultado da Pesquisa

Diante dos resultados da pesquisa, observou-se que as crianças quilombolas apreciaram o tipo do gênero textual apresentado – conto envolvendo o contexto e suas práticas sociais mediante a cultura de da sua comunidade. Em relação aos valores impregnados na sociedade contemporânea, observa-se que ainda falta vigilância por parte de educadores para criar na criança afrodescendente a formação intelecto-cultural por meio da literatura infantil, importante formador do cognitivo humano, envolvendo todo contexto de que é necessário. Alguns contos de fadas têm sido usados para desapropriar ou tornar algo maléfico na vida de crianças, mas também não podemos negar os benefícios que eles têm para humanizar e capacitar. Nesse sentido, Bettelheim (2007, p. 19) fala que o conto de fadas é orientado para o futuro da criança a abandonar seus desejos de dependência infantil e a alcançar uma experiência independente mais satisfatória. Os contos podem destruir a dignidade de um povo, mas também pode restaurar essa dignidade perdida.

4 Discussão e conclusão: análise das observações e repostas dos entrevistados

Seguindo com a entrevista, a maioria das crianças disse ter gostado da personagem da história e se identificaram com a beleza de Negra das Neves, no entanto, foi percebido que das três meninas existentes na turma, duas delas afirmaram não se achar parecidas com a personagem Negra das Neves, enquanto que a terceira menina sorriu ao ouvir a pergunta. Foi percebido a falta de autoestima pôr a maior parte das meninas em relação aos meninos quilombolas, pois demonstraram insatisfação com a beleza de Negra das Neves, entretanto, 100% dos meninos demonstraram ter achado Negra das Neves bonita.

No que concerne à intertextualidade do conto, a maioria dos alunos perceberam a relação existente no conto Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão com o conto Branca de neve e os Sete Anões. Em todo texto a palavra introduz um diálogo com outros textos (BAKHITINE, 2008, p 33). “O texto aparece como uma troca entre pedaços de enunciados, constituindo um texto novo a partir de textos anteriores”, e foi por meio da intertextualidade que os

alunos afirmaram que o texto *Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão* era melhor em relação ao segundo.

Hoje, não se vêmais o texto como fruto casual de uma intuição e não se deixa que ele testemunhe por si mesmo essa voz do outro que entra na constituição do discurso. Embora se continue a analisar a intuição de maneira orientada, com o qual se pode penetrar além da aparência do texto e se refina a própria intuição.

No discurso intertextual do conto *Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão*, é desconstruído a ideia da beleza apresentada no conto *Branca de Neve e os Sete Anões*, enaltecendo a beleza da menina negra que vive no Sertão.

Os dados apontados na pesquisa foram os seguintes:

- 100% dos alunos disseram ter gostado da história, ter gostado de Negra das Neves, ter ouvido falar no pássaro cancão e conhecer o lugar que Negra das Neves mora;
- 72,7% disseram se achar parecido com Negra das Neves, conhecer outra história parecida com a de Negra das Neves e ter achado a história de Negra das Neves melhor que a outra história que conhecia;
- 27,3% disseram não se achar parecidos com Negra das Neves, não conhecer outra história parecida com a de Negra das Neves.

Foi percebido um aprofundamento cultural dos alunos no que diz respeito ao lugar onde se passa o conto, pois eles identificaram sem nenhuma dificuldade a região do conto relacionando-a com o seu contexto. Já o conhecimento de mundo e o letramento local das crianças são percebidos quando todos eles dizem conhecer o pássaro canção.

Foram apresentadas duas questões abertas, em que foi perguntado para as crianças o que elas mais gostaram na história. Nove dos onze alunos entrevistados, disseram ter gostado mais dos Gigantes, o que fez compreender a carência das crianças pesquisadas em relação aos sentimentos personificados.

A outra pergunta feita aos alunos foi a seguinte: De que você mais gostou nessa história?

Os alunos 2,4, 5, 6, 7, 8, 9 disseram que os personagens de quem eles mais gostaram foram os Gigantes. Já os alunos 1 e 3 afirmaram ter gostado mais da personagem Negra das Neves. É importante salientar que os alunos 8 e 9, além

de mostrar sua preferência pelos Gigantes, especificaram qual dos Gigantes eles mais gostaram: o Gigante Alegria.

O que mais surpreendeu foi o fato de somente dois alunos ter gostado mais de Negra das Neves, já que ela era a personagem principal da história, ficando, assim, entendido que as crianças da comunidade quilombola carregam em si conflitos interiores em relação à necessidade das virtudes encontradas nos Gigantes. A esse respeito, Berttelheim (2007, p. 12) diz o seguinte:

> Justamente porque a vida é frequentemente desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos.

Nesse sentido, as crianças quilombolas do Sítio Lambedor, constroem nas figuras dos gigantes, os heróis, podendo se encontrar neles e encontrando-os também no outro, como forma de resolver as complexidades da vida para a efetivação da felicidade almejada por eles.

Em todas as respostas obtidas foram demonstrados desejos intensos. Mais uma vez percebe-se a existência dos conflitos interiores que os alunos carregam na busca de adquirir felicidade, com realizações internas e externas, na busca dos sentimentos personificados e na busca pela concretização dos desejos materiais. Percebe-se também o conhecimento de mundo e o letramento local, com a demonstração do comportamento dos pássaros ao dizerem que eles bebem ovos;

É visto que os alunos da comunidade passam por situações parecidas com as de Negra das Neves, quando revelam querer possuir objetos de baixo valor; e por fim, a busca pela realização através da fantasia, o desejo de encontrar um príncipe como nos contos de fada

A intenção principal da Literatura Infantil é despertar na criança o interesse do mundo que a envolve. A sociedade contemporânea apresenta novas realidades nas estruturas dos contos de fadas, auxiliando na resolução dos conflitos da criança, deixando-a como agente de seus impasses e dificuldades existenciais. Noentanto, tanto um modelo de conto quanto o outro, continuam agindo na mente infantil e auxiliam a resolver suas angústias.

Os contos envolvem as práticas e eventos existentes além do conhecimento escolarizado e abrange ações na totalidade das vidas por meio do letramento, do conhecimento de mundo.

Conclusão

Observou-se, através desse trabalho, o universo dos contos de fadas no mundo das crianças quilombolas do Sítio Lambedor em confronto a com a realidade e os conflitos existenciais dos seres humanos numa relação de intertextualidade do conto *Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão* com *as* práticas socioculturais da comunidade.

Essa elaboração permitiu analisar por meio da contação de história, a relação intertextual existente entre o conto *Negra das Neves eos Sete Gigantes do Sertão* com a vida sociocultural das crianças afrodescendentes, com aspectos que influenciam o comportamento e as atitudes dessas crianças da comunidade quilombola do Sítio Lambedor, município de Lagoa Grande-PE.

Ao levantar questionamentos referentes ao preconceito e discriminação social, esse conto levou as crianças afrodescendentes a vivenciar outra realidade, diferente dos contos de fadas já ouvidos por eles, não aquele conto de personagem de pele branca como a neve, mas uma história com personagem de pele negra, como eles, ouvida de forma contextualizada, valorizando a beleza, independentemente da cor da pele.

A investigação desse trabalho foi de suma importância para os discentes e para quem deseja conhecer a relação dos contos de fadas com a vida das crianças afrodescendentes, ao revelar as interferências que os mesmos exercem na vida das crianças em relação à sua identidade e na construção da sua autoestima. No entanto, muito ainda há que deve ser estudado diante da inesgotável possibilidade de estudos na área da Literatura Infantil.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*; tradução de Arlene Caetano – São Paulo: Paz e terra, 2007. 21ª edição revista.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2a ed. Portugal: Difel, 2002. Bakhtin, p. 509

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. – 1ª. Ed. – São Paulo: Moderna, 2000.

DISCINI, Norma**.** *Intertextualidade e conto maravilhoso* / Norma Discini -2. Ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Cristina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães**.** *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais & Ensino. 5º ed. São Paulo: Lucerna, 2002.

MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009, 204 p.

RECANTO DAS LETRAS.COM. BR/*A psicanálise dos contos de fadas: Suas implicações na fase infantil*/Artigo científico - 2478792/ acesso em 02 de novembro de 2012.

RODRIGUES, Auro de Jesus. *Metodologia científica*. São Paulo: Avercamp, 2006.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade* / tradução Sandra Nitrini. – São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. 160p. – (Linguagem e Cultura; 40).

SANTOS, G.C.; RIBEIRO, C.M. *Acrônimos, siglas e termos técnicos*: arquivística, biblioteconomia, documentação e informática. Campinas: Átomo, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*/11. Ed. Ver. Atual. E amp. – São Paulo: Global, 2003.

CONCEPÇÕES DE LEITURA: ANÁLISE DE GÊNEROS TEXTUAIS DE UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA

Maria Gleide Souza Santos Pereira *
Simone da Silva Costa**

Resumo:

Esta pesquisa analisa as concepções de leitura atribuídas ao Livro Didático de Língua Inglesa utilizado no Ensino Fundamental da rede pública, sendo observado se os gêneros textuais presentes encontram-se de acordo com o previsto nos PCN's e se as atividades propostas de compreensão incentivam o conhecimento e interpretação de textos.

Palavras-chave: Livro didático. Gêneros textuais. Língua Inglesa.

Abstract:
This research analyses how attributed Reading conceptions the English Language Textbook used in Public Elementary Teaching, being observed if the genres are according to the provisions of the PCN's and as activities understanding proposals encourage knowledge and interpretation of texts.

Keywords: Textbook. Textual genres. English language.

Introdução

Nos últimos tempos o Livro Didático vem ganhando bastante visibilidade, tornando-se alvo de intensas discussões por seu relevante papel no meio educacional, pois constitui-se no principal instrumento de apoio pedagógico. O Livro Didático é um veículo que representa valores, culturas e ideologias, tudo que o compõe, textos, imagens e exemplos tentam formar uma identidade definitiva de toda uma nação.

O universo escolar no ensino da Língua Inglesa é cercado de muitas influências: sala de aula, escola, alunos e certamente do Livro Didático, este traz suporte pedagógico, permite planejar as aulas e utilizá-lo como fonte para seleção de textos e atividades. Por isso é encontrada uma grande variedade de Livros Didáticos para o ensino de Língua Inglesa. É válido ressaltar a importância da contextualização do Livro Didático à vivência do aluno, bem

como, observar aspectos de seus conteúdos que sejam produtivos para a vida deste.

Partindo desse pressuposto, este artigo tem como tema as Concepções de leitura: Análise de gêneros textuais de um livro didático de Língua Inglesa. Diante desse tema, surgiram as seguintes indagações: O Livro Didático abrange os temas descritos nos PCN's como referência em seus textos; Os gêneros textuais favorecem para um melhor ensino/aprendizado do aluno como forma de conhecimento de mundo, com diferentes suportes e funções sociais variadas; No que diz respeito à leitura existe um processo de interlocução entre leitor-texto-autor e na negociação de sentidos; As atividades que acompanham os textos contribuem para uma melhor compreensão e incentivam o conhecimento anterior dos alunos.

Para buscar respostas a estas indagações, nosso estudo tem como objetivo geral analisar a concepção de leitura abordada no Livro Didático de Língua Inglesa do Ensino Fundamental; mais especificamente, a concepção teórica do livro, aspectos do texto, princípios de leitura e atividades de compreensão escrita.

1 Fundamentação Teórica

1.1 O uso dos gêneros textuais no livro didático de língua inglesa

O livro didático exerce, no campo educacional, um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem de línguas. Pois, não raro, os livros didáticos são a única fonte de consulta e de leitura dos professores e dos alunos.

No que diz respeito ao estudo de línguas é necessário que se compreenda que todas as línguas são heterogêneas, apresentam variações e diversos sentidos. Esses sentidos, na verdade, constroem-se junto a vários aspectos contextuais, como condições de produção e recepção do texto. Além do que deve - se considerar o caráter histórico das línguas, resultante do momento social. Daí a importância de trabalhar com a variedade dos gêneros textuais, que abarcam essa noção dinâmica e heterogênea da língua e dos falantes como citado por Bakhtin (1992).

Por meio da exploração de gêneros textuais é possível realizar um trabalho eficiente, partindo da discussão sobre relações sociais, identidades e formas de conhecimento, veiculadas por meio de textos em variadas circunstâncias de interação e de determinações sócias históricas.

No que se refere ao uso dos gêneros textuais no livro didático de língua inglesa, sem dúvida é relevante trabalha-los, porém o problema não consiste na ausência desse tipo de trabalho, mas na natureza do mesmo. Sua importância se dá a partir do ponto que ao abordar gêneros textuais no LD estará automaticamente sendo trabalhada uma abordagem contextualizada, com função sócio-comunicativa – considerável componente para o estabelecimento das relações sociais, interpessoais e com o mundo.

> Portanto, no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa eles devem ser trabalhados de forma bem orientada, com atividades que proponham reflexão, entendimento e desenvolvimento das habilidades que levem os aprendizes a adquirirem a competência comunicativa. Os livros didáticos, ferramentas importantes que auxiliam o aprendizado, têm grande responsabilidade na construção do saber referente aos gêneros textuais a partir da abordagem e tratamento que propõem. (PAULINO, 2009: 67)

A utilização do LD de Língua Inglesa em sala de aula tem papel significativo pelo fato de ser utilizado constantemente no ensino/aprendizagem da segunda língua, por sua vez pode-se até considera-lo como elemento essencial ao professor e aluno.

1.2 Concepções teóricas do processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira

Abordar as concepções teóricas do processo de ensino/aprendizagem de Língua Estrangeira (LE) faz com que tenhamos a compreensão de como elas influenciaram ou influenciam as práticas pedagógicas utilizadas e principalmente a prática em sala de aula de LE. Segue neste tópico uma breve exploração das seguintes concepções teóricas: Abordagem Behaviorista; Abordagem Cognitivista; Abordagem Sociointeracionista e Abordagem Comunicativa.

A abordagem Behaviorista, ou comportamentalista, defende que o meio é responsável pelo desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo, dessa forma, que a ação do objeto sobre o sujeito pode resultar no seu conhecimento. A aprendizagem surge da experiência com o mundo exterior, de fora para dentro. Becker (2001: 25), diz que, para a concepção behaviorista, "o indivíduo, ao nascer, nada tem em termos de conhecimento: é uma folha em branco; é tábula rasa".

Já a abordagem Cognitivista surgiu com o avanço da neurociência e foi ganhando espaço à medida que recusava o Behaviorismo. Apesar dos cognitivistas também estudarem o comportamento do indivíduo a ênfase está em entender como é organizada e estruturada as experiências na mente. A aprendizagem, nessa concepção, é mais do que um produto do meio, a ênfase é dada à mente e não ao comportamento.

A abordagem Sociointeracionista, não é somente passiva como no Behaviorismo, nem somente ativa como no Cognitivismo, mas sim interativa, é com a interação com o outro que o indivíduo adquire conceitos e conhecimentos. A relação dos seres em um meio sócio cultural promove o desenvolvimento dos processos mentais.

A abordagem Comunicativa no ensino da LE, com o foco principal no sentido, no significado e na interação. Significa dizer que os alunos não aprendem apenas a língua, mas a usar a língua em contextos comunicativos. Aqui a intenção é que o aluno se comunique e que o erro só seja corrigido se interferir no real sentido do que se quis dizer.

1.3 Métodos de avaliação do livro didático de língua inglesa

Para que o livro didático seja uma ferramenta capaz de atingir o nível esperado no processo de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa é necessário que avalie para que possa ser verificado se o material é adequado ao seu contexto.

> "É necessário reconhecer, no entanto, que a adequação é sempre parcial, uma vez que a quantidade de fatores envolvidos impossibilita que um material se 'encaixe como

> uma luva' no contexto específico de ensino. Em outras palavras, o *nível de adequabilidade* expressa a menor ou maior probabilidade do material estar de acordo com os objetivos de ensino, com as características e as necessidades da situação-alvo." (VILAÇA, 2010: 68).

Utilizar um LD que contenha materiais autênticos, relacionado ao contexto dos alunos que consiga despertar a atenção e curiosidade, pode fazer toda a diferença no ensino/aprendizagem na aquisição da segunda língua. Para que a escolha do LD seja de acordo com os objetivos que se desejam atingir e que estejam, se não dentro, ao menos próximos do contexto escolar, é imprescindível que tomemos alguns elementos como critérios na avaliação do livro didático.

Segundo Tomlinson e Masuhara (2005: 1) "a avaliação de materiais envolve a mediação do valor (ou valor potencial) de um conjunto de materiais de aprendizado por meio de julgamentos sobre o efeito que eles produzem nas pessoas que os utilizam." Assim, pode se dizer que, avaliar é verificar se o LD consegue atrair o aluno, se é válido e interessante para o ensino em geral, e por fim, se consegue manter os envolvidos motivados a utilizá-lo.

Ramos (2009) expõe uma proposta de avaliação do LD através de onze itens. 1) o público alvo; 2) os objetivos da unidade; 3) os recursos; 4) a visão de ensino/aprendizagem e a de linguagem; 5) o *syllabus*; 6) a progressão dos conteúdos; 7) os textos; 8) as atividades; 9) o material suplementar; 10) a flexibilidade da unidade; 11) as *teachers notes*. Os itens propostos por Ramos podem ser úteis para estabelecer critérios à analisar no LD, no entanto deve se levar em consideração em estabelecer critérios específicos para cada contexto.

Outra referência que pode ser utilizada na elaboração dos critérios para a análise do LD são os já propostos no PNLD, através do Guia do Livro Didático, os critérios abordados nele são: projeto gráfico-editorial; seleção de textos; compreensão escrita; produção escrita; compreensão oral; produção oral; elementos linguísticos; atividades; questões teórico-metodológicas; e manual do professor. Esse critério tem como finalidade analisar as quatro habilidades do inglês, e também seu *layout* e a relevância dos textos.

Ramos (2009: 182) afirma também que "o processo de avaliação pode ser feito de duas perspectivas: uma, que denonimo do material e, a outra, do professor". Em se tratando da avaliação do material, deve-se avaliar a maneira como as unidades e as atividades estão dispostas no LD, sua organização e se abarcam os objetivos solicitados nos PCNs. No que diz respeito à avaliação do professor, essa deve abranger às necessidades da sala de aula. Enquanto na primeira avaliação temos a visão do "que o material diz fazer e o que o material faz", na segunda "nosso julgamento se direciona para aquilo que o material oferece e para aquilo que precisamos".

2 Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa foi enfatizada dentro de uma abordagem qualitativa, uma vez que buscou analisar, com base no estudo do referencial teórico, o objeto da pesquisa, o livro didático. No entanto, optamos pelo tipo de pesquisa bibliográfica, uma vez que foi analisado o livro didático, onde foram adotados instrumentos de caráter bibliográfico para a coleta de dados.

Esta pesquisa teve como instrumento de coleta de dados o Livro Didático "Vontade de Saber Inglês" que é direcionado ao ensino de Língua Inglesa no 6º ano do Ensino Fundamental, sendo utilizado em escolas da Rede Pública Municipal, localizadas na cidade de Petrolina/PE. Este livro foi publicado pela editora FTD, com a autoria de Mariana Killner e Rosana Amancio, volume único, contando com 8 unidades e foi publicado pela primeira vez em 2012.

Cabe nos ressaltar que o objeto do estudo foi analisar no Livro Didático se os gêneros textuais presentes estavam de acordo com os PCNs. Foram analisadas 3 unidades, escolhidas de forma aleatória, sendo elas, unidade 2 *Meeting people*, 6 *Nutrition* e 8 *Music is all around*.

Para a realização das análises foi desenvolvido um relatório com os itens que deveriam ser observados. Dessa forma, analisamos a concepção teórica do livro, aspectos do texto, princípios de leitura e atividades de compreensão escrita.

Aspectos do texto	**Sim**	**Parcial**	**Não**
Diversidade de gêneros textuais			
Diversidade de contextos de circulação ou de diferentes suportes (Internet, livros, revistas, jornais			

etc).			
Diversidade de gêneros textuais com funções sociais variadas (biografias, anúncios, folhetos, receitas etc).			

Princípios de leitura	**Sim**	**Parcial**	**Não**
Existe um processo de interlocução entre leitor-texto-autor na leitura			
O leitor tem papel ativo no processo de negociação de sentidos			

Atividades de compreensão escrita	**Sim**	**Parcial**	**Não**
O processo de compreensão envolve atividades de compreensão geral, de pontos principais e de atividades de pós-leitura, seguindo uma progressão do mais geral para o mais específico.			
Atividades de compreensão incentivam o uso de conhecimento anterior dos leitores			

Fonte: Adaptado de Dias, R. O livro didático de língua estrangeira: **Critérios para avaliação do Livro Didático (LD) de Língua Estrangeira (LE)** (p. 228 – 229). Campinas/SP: Mercado de letras, 2009.

3 Análise de dados

Tomamos a concepção teórica do LD como de natureza sociointeracional, pois nos mostra uma prática social que envolve seu uso em situações reais de interlocução, enfatizando o papel ativo do aprendiz nos discursos do dia a dia, aprendendo a utilizá-lo na construção social do significado. Tendo como base a visão sociointeracional, os quatro conteúdos básicos (ler, escrever, ouvir e falar) estão divididos em cada unidade do livro como: *Reading Moment 1, The World of Words, Listening Moment, Reading Moment 2, Writing Moment* e *Think about it*.

Foi verificado que nas Unidades 2, 6 e 8 do livro didático analisado aparecem diversos gêneros textuais. A diversidade de gêneros encontrados no LD pode influenciar positivamente, além de melhorar a relação com o texto, e contribuir bastante para o ensino/aprendizado do aluno. Em cada uma delas tem um tema principal, os gêneros mudam, esse encontro de finalidades que vimos nas Unidades, relacionando os textos sempre com o mesmo tema, faz com que a aprendizagem seja reforçada e memorizada de forma prática e divertida.

Nossa análise, quando relacionada à diversidade de gêneros textuais, é considerada relevante, pois ao observarmos apenas 3 Unidades do LD já foi possível identificar muitos tipos de gêneros textuais, seguindo as indicações feitas pelos PCNs (1998) do Livro Didático de Língua Inglesa.

No que diz respeito à diversidade de contextos de circulação dos gêneros e suas funções sociais podemos afirmar que existe uma boa variação no Livro Didático analisado. Podemos considerar que muitos gêneros textuais tem a função de informar e principalmente entreter o aluno como forma de mantê-los mais focados no que deve ser estudado. Dessa forma as Unidades analisadas do Livro Didático abrangem uma boa diversidade de contextos e funções sociais, tais como: carta, e-mail, biografia, folheto, anúncio, receita, música, gráfico, ingresso, entre outros.

Podemos afirmar que acontece algumas vezes o processo de negociação de sentidos, que é quando o aluno tem a capacidade de identificar o que o texto

quer dizer, julgando seu melhor e mais sensato sentido. Porém, em relação a esse aspecto verificamos que são pouco utilizados no LD, já que muitas vezes a leitura vem pronta, com todas as informações necessárias de interpretação e sentido, impossibilitando o aluno de poder fazer sua análise do texto a ser estudado.

Existe a preocupação em se tratar de perguntas cada vez mais específicas do tema central abordado, isso faz com que os alunos possam fixar melhor o que está sendo estudado.

Analisando as atividades presentes no LD, percebe-se que estas possuem enunciados claros e estão direcionadas ora para produção de conhecimento, ora para reprodução do mesmo. De maneira geral, pode-se afirmar que o material estimula do aluno.

Temos exemplos de atividades que para serem respondidas corretamente precisam que se leve em consideração algum conhecimento prévio, como a característica de uma receita, conhecer um artista famoso ou onde comprar ingressos para shows e eventos. São aspectos simples do dia a dia, mas de forma sucinta tornam-se muito relevantes, pelo fato de que para a aprendizagem de uma língua estrangeira o aluno necessita de conhecimento usual, que consiga se comunicar da melhor forma possível.

Concluímos, assim, com base nos dados analisados, que alguns gêneros textuais são usados no LD, mas a sua abordagem, ainda, requer mudanças, para que se possa dar conta dos aspectos não apenas linguísticos ali envolvidos. No entanto, as atividades se apresentam, ainda, de forma um tanto estrutural e, por vezes, pouco autêntica, não propiciando ao aprendiz práticas reais ou potencialmente reais de uso da língua, que seriam mais próximas de suas práticas sociais.

Considerações Finais

Para finalizar este artigo, faço algumas considerações sobre o LD de Língua Inglesa analisado.

Em primeiro lugar, retomo que seu papel e função é como ferramenta auxiliar, estímulo ou instrumento para o ensino/aprendizagem. Para isso,

entretanto, para que o LD tenha seu uso otimizado é preciso que os conteúdos recebam um tratamento mais contemporâneo e privilegie a interação social como processo de aprendizagem significativa e colaborativa, situando o aluno no mundo em que vive, sinalizando diferenças de contextos sociais e culturais existentes no país.

A utilização de textos que façam parte da realidade do aprendiz exige o desenvolvimento de leitura na busca de uma compreensão totalizadora que vai além das letras, relacionando-o com o contexto em atenção com a materialidade linguística. O aprendizado de uma LE por meio da exploração de variados gêneros textuais favorecem a qualidade da leitura, assim, ele estará preparado para respeitar regras socialmente estabelecidas em circunstâncias específicas e da forma mais apropriada para aplicar a LE aprendida.

O LD analisado no que diz respeito à variedade de gêneros, mostrou-se de acordo com o esperado nos PCNs – entre eles: receita, música, ingresso, panfleto, carta, e-mail, quadrinhos, anúncio publicitário, entre outros. Cada unidade trazia uma boa diversidade de gêneros; sendo alguns utilizados apenas para ilustração: ingressos de shows, panfletos. Outros, por sua vez, eram bem explorados, sendo usados como base para as atividades de compreensão, abordando detalhes a respeito de suas características formais e comunicativas. Dessa forma o aluno pôde ser exposto à realidade da língua e às suas variações, o que o leva a uma aprendizagem mais efetiva.

Quanto à observação dos temas transversais sugeridos pelos PCNs (saúde, pluralidade cultural, ética, meio ambiente, trabalho e consumo e orientação sexual) o LD apresenta textos que pouco abordava assuntos relacionados aos temas, como por exemplo, nas 3 unidades analisadas, apenas na unidade 6 encontramos o tema: alimentação equilibrada, porém muito superficialmente.

No que diz respeito às atividades de compreensão observadas no LD, elas contribuem para um melhor aprofundamento no tema estudado, porém parece não ter o propósito da real inserção social, e em alguns momentos chega a ser apenas de cópia do texto. Levando em consideração a utilização do conhecimento prévio do aluno como auxilio para a resolução de atividades,

chega a ser muito óbvias, subestimando algumas vezes a capacidade do nível cultural do mesmo.

Este trabalho deixa a reflexão que, mesmo que um LD se apresente de forma absolutamente adequada aos novos parâmetros educacionais, a prática do professor no contexto de sala de aula é fundamental para o processo de ensino/aprendizagem de LE, a forma de abordagem dos gêneros e as atividades em torno dos mesmos podem, certamente, ser expandidas e adaptadas pelo professor. É inegável que o LD deu um salto de qualidade a partir das políticas educacionais criadas até hoje, precisamos agora avançar, com LD cada vez melhores.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BECKER, Fernando. *Educação e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília, 1998.

DIAS, Reinildes. Critérios para avaliação do Livro Didático (LD) de Língua Estrangeira (LE), In: DIAS, Reinildes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (Org.).*O Livro Didático de Língua Estrangeira:* Múltiplas perspectivas.Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 228, 229.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). *Escola e leitura:* velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. P. 67.

RAMOS, Rosinda de Castro Guerra. O livro didático de língua inglesa para o ensino fundamental e médio: papéis, avaliação e potencialidades. In: DIAS, Reinildes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (Org.). *O livro didático de língua estrangeira:* múltiplas perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 182, 184.

TOMLINSON, Brian; Masuhara, Hitomi. *A elaboração de materiais para curso de idiomas*. São Paulo: SBS Editora, 2005. p. 1.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Materiais didáticos de língua estrangeira: aspectos de análise, avaliação e adaptação. Revista eletrônica do instituto de humanidades da UNIGRANRIO, Rio de Janeiro, v. 8, n. 32, 2010. p. 68. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/1058/609> . Acesso em: 21 jan. 2016.

JÚRI SIMULADO, A ARGUMENTAÇÃO NA PRÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Fernanda Viana Castro
*Kelly Eunice Silva Oliveira·

Resumo:

Esse estudo apresenta um relato de experiência desenvolvida na Escola de Referência Osa Santana de Carvalho em Petrolina-PE. O referencial teórico está pautado nas pesquisas de VIEIRA, 2011; REAL E MENEZES, 2007, entre outros.O objetivo é analisar a atividade da argumentação oral na prática de sala de aula, fazendo uso de casos polêmicos que repercutiram nacionalmente. Os resultados nos proporcionam uma reflexão sobre o trabalho com o gênero oral, júri simulado, partindo das supracitadas orientações teóricas.
Palavras-chave: Júri simulado. Argumentos. Gênero oral.

Abstract:

This study presents a didactic experience report developed in School Professora Osa Santana de Carvalho, in Petrolina. The theoretical reference framework is based on searches of VIEIRA, 2011; REAL AND MENEZES, 2007, among other. The aim is to analyze the oral argument activity in the practice of the classroom, using controversial cases that reverberated nationally. The results provide us with a reflection on the work with the oral genre, simulated jury, based on the aforesaid theoretical orientations.
Keywords: Simulated Jury. Arguments. Oral genre.

Introdução

O ensino de língua portuguesa tem sido o centro de muitas discussões acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no país. Um dos eixos dessas discussões centra-se principalmente nas dificuldades enfrentadas pelos alunos no que diz respeito ao desenvolvimento da argumentação escrita e oral em vários gêneros textuais.

É muito comum encontrar alunos que não conseguem organizar seu raciocínio de forma coerente a ponto de não efetuarem uma argumentação plausível em determinadas situações/ocasiões cotidianas. Sendo assim, a escola passa a ser um lugar mais adequado para o desenvolvimento dessa competência, uma vez que dentre as suas atribuições primordiais está a de formar cidadãos capacitados para analisar criticamente as diversas situações e, a partir disso,

tomar decisões impactantes tanto na sua vida como também em uma comunidade.

Para tanto, é necessário admitir que a argumentação é um objeto de estudo essencial e que a instrumentalização do estudante na mobilização de aspectos linguísticos, discursivos e retóricos com vistas a convencer e persuadir enquanto constrói conhecimentos, é enriquecedor em qualquer etapa da sua vida. Considerando que argumentar é parte constitutiva do sujeito enquanto usuário da linguagem oral, cabe à escola levar o estudante a perceber as diversas possibilidades que se abrem a partir da produção da argumentação oral e escrita.

Dessa forma, faz-se necessário a realização de uma investigação sobre os métodos de ensino que ora a escola utiliza para o processo de argumentação dos alunos, uma vez que tais processos refletirão na prática social destes. Com base nesse contexto, desenvolvemos na Escola de Referência em Ensino Médio Professora Osa Santana de Carvalho, um trabalho com a dinâmica do júri simulado. O objetivo dessa atividade é aprimorar o potencial argumentativo oral do alunado do 3º ano do Ensino Médio. Sua realização ocorreu num período de dois meses. A referida Escola mostrou-se interessada na realização desta pesquisa, pois o desenvolvimento de atividades práticas com gêneros orais, como o júri simulado, desperta o senso crítico e capacidade argumentativa dos alunos, além de compreender a argumentação como uma das formas mais eficientes na formação de cidadãos cujas identidades histórica e social são constituídas na linguagem e pela linguagem.

1 Fundamentação Teórica

Todos sabem que é por meio da linguagem que os sujeitos interagem entre si, estabelecendo relações significativas ora de aceitabilidade plena ou parcial, ora de refutação, emissão, contextualização de ideias, dentre outros aspectos. E é por meio do texto e suas várias manifestações que estas relações ocorrem, inicialmente por um trabalho em sala de aula priorizando o uso social de diferentes gêneros textuais, visto que por meio deles o indivíduo interage socialmente. Ciente da necessidade do ser humano posicionar-se na sociedade de forma reflexiva e crítica, valendo-se da linguagem como instrumento de interação, assim como de elo comunicativo para todas as suas práticas sociais,

não se pode negar a dimensão que o trabalho com gêneros orais adquire, pois pensar pelo viés da oralidade permite que o educando desenvolva a capacidade de se expressar, estruturar e organizar argumentos que resguardem sua tese.

O trabalho com gêneros orais promove também a função social para o ensino da Língua Materna, oportuniza ao educando caminhar pelo universo da expressão oral significativamente, visto que nas diversas esferas da sociedade há uma circulação de textos com propósitos reais de comunicação, são enunciados que surgem de situações concretas de produção e são postos a cumprir suas várias finalidades. Desse modo, ao reconhecer a natureza social e histórica da linguagem, seu caráter dialógico e interacional (BAKTHIN,1992;1997), os PCNs garantem que o projeto educativo deve procurar articular propostas com vistas a garantir a aprendizagem significativa pelos alunos dos diferentes conteúdos selecionados, em função dos objetivos que se pretende atingir.

Para isso, é preciso usar estratégias de atuação que garantam a participação dos alunos em diferentes projetos a serem desenvolvidos, criando condições para que possam manifestar suas preocupações, seus problemas e seus interesses (BRASIL, 1998, p. 88). O que orienta essa proposta é a convicção de que a língua, segundo Bakhtin (2003), efetiva-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.

Segundo Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis” de enunciados que se elaboram no interior de cada atividade humana. Ao afirmar que eles são relativamente estáveis, ele se refere a historicidade dos gêneros e a imprecisão de suas características e fronteiras. Significa também dizer que os gêneros não estão definidos de uma vez para sempre. Como as atividades humanas são dinâmicas, e estão em contínua mutação, os gêneros também comportam contínuas transformações, são maleáveis, plásticos e estão abertos à contínua remodelagem, capazes de absorver o novo, a mudança e absorver até mesmo os mais diversos propósitos do falante. Bakhtin (2003) afirma ainda que, os gêneros são aprendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade.

Logo, tem-se que gêneros são padrões comunicativos, que, socialmente utilizados, atuam como uma espécie de modelos comunicativos globais que

representam um conhecimento social localizado em situação concreta. Esse mesmo autor agrupa os gêneros em dois grupos: os gêneros primários – ligados às relações cotidianas (conversa face a face, linguagem familiar, cotidiana etc.); em um ângulo mais direto, esses gêneros são os mais comuns no dia-a-dia do falante e os secundários – mais complexos (discurso científico, teatro, romance etc.), referem-se a outras esferas de interação social desenvolvidas.

Por sua vez, o Juri Simulado, proposta metodológica defendida por Real e Menezes, com base nas teorias de Piaget cujo enfoque é o trabalho com a língua na perspectiva sócio interacionista, tem seu caráter interativo defendido pelos autores citados como:

O objeto se situa na dimensão coletiva do aprender – aprender com os outros. Um dos pressupostos é que o aprender é uma construção que se dá na interação do sujeito que aprende com o objeto de conhecimento (Piaget, 1923) que, no caso do Júri, pode ser um conteúdo a ser estudado. Pontuamos a importância da ação para que haja aprendizagem (REAL; MENESES, 2007, p. 96).

Entende-se que o trabalho com gêneros orais, organizado através de Juri Simulado pode garantir a apropriação da capacidade de linguagem oral, tão importantes na aquisição de uma comunicação oral proficiente.

Segundo Ducrot (1990 *apud* Ortmann, 2009 p. 2), “a argumentação é intrínseca a própria língua”. O estudioso afirma que “a argumentação está inscrita no sistema linguístico, não nos fatos. Sendo assim, essa concepção percebe a língua como autônoma em si mesma, ou seja, não utiliza recursos extralinguísticos para a construção do sentido”. Concluindo esse pensamento, explica Souza (2008 p. 72): “a argumentação no discurso é uma das principais formas para entendermos melhor os processos de construção de sentido, para entendermos como a sociedade se constrói discursivamente e como interagimos socialmente e influenciamos uns aos outros”.

2 Material e métodos

A realização constituiu-se de uma análise da encenação de um Júri Simulado com base em fatos policiais polêmicos que repercutiram nacionalmente, a saber, um estupro coletivo no Piauí e o assassinato e esquartejamento de uma senhora pelo seu sobrinho em São Paulo, ambos

datando do primeiro semestre de 2015; que permitem reflexões acerca de possíveis culpados, vítimas, testemunhas, entre outros elementos que compõem o júri, e foi desenvolvida em duas turmas do 3º ano do Ensino Médio, composta de quarenta alunos cada uma, numa faixa etária de 16 a 18 anos, ficando cada turma com um caso diferente.

A aplicação da atividade iniciou-se com debates informais sobre os casos e suas possíveis motivações. Os alunos puderam interagir levantando hipóteses sobre os casos e explanando sua opinião e/ou indignação perante o rumo que os casos tomaram. Esta primeira etapa despertou o interesse dos alunos em conhecer melhor os casos, bem como desenvolver sua habilidade argumentativa. Para complementar esta etapa, a professora apresentou a estrutura de um júri simulado, o que também chamou a atenção dos educandos por ser uma atividade de caráter dinâmico e criativo.

A segunda etapa caracterizou-se pela produção de um texto teatral que funcionasse como roteiro para o Júri Simulado. Esta etapa proporcionou um aprofundamento dos alunos na estrutura do texto teatral, bem como revelou as habilidades dos alunos e as áreas com as quais eles mais se identificavam, como produção escrita, organização de cenário e figurino, atuação, entre outras. Cabe observar que a partir desta atividade o aluno se apropria do vocabulário específico da área do direito, ampliando assim seu repertório de palavras, permitindo que ele lance mão de diversos sinônimos em seus futuros textos orais e/ou escritos, a fim de atribuir-lhes coesão.

A terceira etapa consistia nos ensaios para a encenação, momentos nos quais ficava evidente ou não a capacidade de atuação de alguns alunos. Nesta etapa houve a divisão das funções para a realização do júri, ou seja, a especificação de quem atuaria como policial, jurado, escrivão, testemunha de defesa, testemunha de acusação, réu, promotor, advogado e juiz. É importante ressaltar que para papéis com maior destaque e maiores falas foram selecionados alunos como mais desenvoltura, que fossem mais seguros e que se mostrassem mais aptos a se colocar oralmente diante de um público, uma vez que deveriam agir com a maior naturalidade possível para tentar se assemelhar ao máximo a uma situação real de um júri.

A quarta etapa caracterizou-se pela encenação propriamente dita. Nesta etapa o júri foi apresentado a outras turmas da escola, o que foi muito

proveitoso, pois foi possível perceber na prática o caráter interacionista da atividade. Foi possível notar também a apropriação do gênero por parte dos alunos, bem como o uso na prática de todos os conhecimentos adquiridos nos momento da elaboração ou construção do júri, inclusive no que diz respeito a vocabulário, figurino, cenário, entre outros.

3 Resultados e Discussões

A partir desta pesquisa, podemos apontar algumas reflexões sobre o trabalho com gênero oral, utilizando-se do Júri Simulado.

Nota-se que o trabalho com o Júri Simulado favoreceu na elaboração e organização de argumentos, pois o modo sistemático como as atividades foram desenvolvidas permite que o educando organize suas ideias e tenha êxito tanto em suas produções orais quanto escritas.

Observamos que a experiência evidenciou a necessidade de tornar presente o gênero oral como objeto das aulas de Língua Portuguesa, o que requer uma nova dinâmica nos programas escolares. Dentre as diversas ferramentas à disposição do educador o uso do texto teatral possibilita que ele não apenas utilize o livro didático nas aulas de Língua Portuguesa, mas também seja autor de seu próprio material, diante dos reais obstáculos que os discentes enfrentam diariamente no desenvolvimento da argumentação.

Notamos ainda a importância do trabalho com o Júri Simulado. Os elementos característicos dessa atividade como a presença de acusados, vítimas, advogados, dentre outros, despertou o interesse dos alunos, visto que estes se solidarizam com as vítimas diante das atrocidades cometidas pelos réus. Por fim, os alunos perceberam ainda que ocorre nos júris uma simulação da vida real, o que despertou ainda mais o desejo de se fazer justiça de forma firme e eficaz.

Conclusão

Os resultados nos proporcionam uma reflexão sobre a importância do trabalho com o júri simulado, a fim de despertar o senso crítico dos alunos. Os estudantes perceberam que ocorre nos júris uma simulação da vida real, o que estimulou ainda mais o desejo de se fazer justiça de forma firme e eficaz.

Assim, afirmamos o potencial didático dos júris simulados para promover o debate de questões atuais e verídicas na formação de alunos do Ensino Médio. Os júris simulados são atividades que favorecem o desenvolvimento das habilidades argumentativas que muitas vezes não são conhecidas, mas que por meio dessa atividade podem ser percebidas e trabalhadas com mais facilidade.

Com a participação ativa dos estudantes na construção dessa atividade, percebeu-se um impacto positivo na aprendizagem dos alunos, não só na disciplina de Língua Portuguesa, em relação ao uso da língua, à ampliação do vocabulário, à adequação das falas à circunstância – no caso aqui, um tribunal – como também em outras disciplinas.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.261-305.

BRASIL. Ministério de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC, 1998. Disponível em http://portal.mec.goc.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf.

ORTMANN, Paula Dreyer.*A argumentação na construção do sentido Em diferentes gêneros discursivos*. 2009. Disponível em http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Letras.

REAL, I.M.C.; MENEZES, C. Júri Simulado: possibilidade de construção de conhecimento a partir de interações em um grupo. In: NEVADO, R.A.; CARVALHO, M.J.S.; MENEZES, C.S. (Org.)**Aprendizagem em rede na Educação a Distância:** estudos e recursos para formação de professores . Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2007.

SOUZA, G. S. *A argumentação no discurso: questões conceituais*. In FREITAS, A. C.; RODRIGUES, L. O. ; SAMPAIO, M. L. P. **Linguagem, discurso e cultura**: múltiplos objetos e abordagens. Pau dos Ferros – RN: Queima-Bucha, 2008.

O ENSINO DA LÍNGUA E SUAS VARIANTES: A POSTURA DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO ENSINO DAS VARIANTES LINGUÍSTICAS.

Luana Rodrigues Teles[1]

Resumo:
Este trabalho apresenta uma reflexão sobre como a Sociolinguística pode contribuir com o método dos professores ao ensinar a língua e suas variações aos seus alunos, favorecendo para a (des)construção do forte preconceito linguístico existente no Brasil. Para isso, uma pesquisa foi realizada com professores de Língua Portuguesa de uma escola pública de Juazeiro, BA, que responderam a um questionário com o intuito de exporem sua metodologia adotada ao ensinar língua e suas variantes. Em vista disso, foi possível observar que os professores reconhecem a importância do ensino das variantes linguísticas, mas, ainda restringem esse ensino à norma culta e popular da língua.
Palavras-chave: Professor. Ensino. Língua. Variação.

Abstract:
This paper presents a reflection on how the Sociolinguistics can contribute to the method of teachers to teach the language and its variations to their students, encouraging to the (de) construction of the existing strong linguistic discrimination in Brazil. For this, a survey was conducted with Portuguese teachers of a public school in Petrolina, PE, who responded to a questionnaire in order to expose the methodology used by them to teach language and its variants. In view of this, we observed that teachers recognize the importance of teaching the language variants, but still restrict this teaching to the cultured and popular standard language.
Key-words: Teacher. Teaching. Language. Variation.

Introdução

O ensino de variação linguística tem sido amplamente discutido em pesquisas científicas na área de Linguística, mas ainda há muito a se divulgar principalmente no âmbito escolar do Ensino Fundamental e Médio. Por essa razão, considera-se imprescindível que os professores tenham acesso a conhecimentos linguísticos, bem como sociolinguísticos que lhes permitam fundamentar criticamente sua prática pedagógica, sobretudo, ao que concerne às leituras, interpretações, análises e produções escritas, visando à variedade de textos pertencentes a diferentes gêneros textuais e discursivos que são abordados em sala de aula.

Após observações feitas na sociedade e em educadores, que consideram determinadas construções da linguagem escrita como erro, surgiu uma inquietação:

como o professor pode contribuir para uma desconstrução dessa visão, sabendo que essa noção de erro forma o preconceito linguístico, fortemente evidenciado na sociedade brasileira. Mas afinal, o que é o erro? Para desmitificar tal questionamento é preciso combatê-lo e, como aponta a Sociolinguística, é necessário estudar as diferenças, divulgá-las adequadamente e constatar que elas precisam ser consideradas.

Este artigo tem como objetivo observar a metodologia de professores ao trabalhar variação linguística. É um trabalho que pretende apontar a importância da atenção que os professores de Língua Portuguesa devem ter com relação às propostas de ensino, principalmente aqueles que atuam na rede pública, ou seja, a visão do professor diante do ensino da língua e suas variantes. Para tal trabalho foi feita uma pesquisa com professores de uma escola pública de Juazeiro, Bahia.

1 O ensino de variação linguística

A língua não é um produto inacabado, pois, está em constante construção. A variação linguística faz parte da sociedade e está relacionada a diversos fatores, desde econômicos, sociais, regionais e individuais. Não é um produto homogêneo, já que é formada da diversidade e pluralidade linguística dos sujeitos, e isso faz com que ela passe a ser vista como um problema, haja vista, não existe uma língua acabada e perfeita:

> Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma 'certa' de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso 'consertar' a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 1998, p. 31).

A língua varia de um lugar para o outro, as pessoas de estratos sociais distintos falam de modo diverso, as pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas não falam do mesmo jeito, os jovens e os adultos não falam do mesmo modo, ou seja, há um universo imenso de pluralidades linguísticas e isso não quer dizer

que um modo de falar seja correto e outro seja errado, mais sim que são diferentes.

A variação linguística está presente na sala de aula, pois cada aluno possui o seu modo de falar, muitas vezes essa maneira de falar está associada ao meio social ao qual o indivíduo está inserido, além disso, o modo que o professor fala também é distinto da fala dos seus alunos, e é justamente a essa variação que o professor deve estar atento para que não acabe julgando ou enquadrando a sua fala como a única correta.

É possível que haja erros de ortográficos, mas jamais erros de linguagem, pois, cada falante de sua própria língua a pronuncia corretamente, o que o professor deve levar em consideração é que cada um possui sua própria variante, sobre este assunto Perini destaca que:

> Qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E [...] esse conhecimento não é fruto da instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo as pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento perfeitamente adequado da língua. (PERINI, 1997, p. 13)

A variação linguística em sala de aula deve ser conduzida pelo professor de Língua Portuguesa, não como uma forma errada da língua e sim como uma particularidade de cada indivíduo que deve ser respeitada. Para Bagno (2008), existe um forte preconceito no ensino de Português, pois, muitos professores se acham no direito de querer forçar os alunos a falarem da mesma forma como se escreve, como se só existisse uma forma correta de se falar.

Bezerra (2011) destaca que, o termo variação linguística compreende as diversas formas de usar uma determinada língua, ligadas a grupos sociais ou a regiões geográficas específicas. Portanto, ao se ensinar variedades linguísticas a norma culta passaria a ser vista como mais uma variedade de uso, uma dentre as várias disponíveis na língua portuguesa, cujo prestígio não deriva de uma qualidade superior, mas sim, de uma ferramenta em que o aluno deve se apoderar para encarar o que os diversos contextos sociais lhes cobrarão.

Sabendo também que a variante culta permite ao aluno o conhecimento de leis e outros documentos oficiais que usam dessa variante.

O ensino da norma padrão não deve ser descartado, pois é função da escola, mas, para ensinar gramática não é necessário desprezar a linguagem trazida pelos alunos. Já que:

> [...] a língua apresenta mais de um componente (léxico e gramática), e seu uso está sujeito a diferentes tipos de regras e normas (regras textuais e normas sociais de atuação). Restringir-se, pois, à sua gramática é limitar-se a um de seus componentes apenas. É perder de vista sua totalidade e, portanto, falsear a compreensão de suas múltiplas determinações. (ANTUNES, 2007, p. 41)

É necessário que haja um tipo de programa que enfatize no ensino da Língua Portuguesa a aprendizagem de fatos linguísticos que estimulem a utilização de outras formas de variedades linguísticas, promovendo um processo de integralização entre os diversos falantes que utilizam a língua, porém, esse processo deve estar próximo da realidade e não ser apenas uma mera utopia.

González (2015) faz uma interessante análise em que se aborda que o professor não tem apoio no livro didático para ensinar variação linguística, ele constatou que os livros didáticos mais adotados, que somam mais de 50% dos livros distribuídos pelo PNL/2009, restringem os sentidos de variação linguística; enquanto que, os livros menos adotados, que não chegam a somar nem 2,5% dos livros didáticos distribuídos, tratam a variação linguística em todos seus níveis e exigem que se pensem novos modos de ensinar língua e novas identidades para o professor. Por esse motivo é que é tão relevante o debate sobre a escolha de livros didáticos e o porquê dessa preferência mesmo com todo o discurso do ensino de língua na formação continuada de professores.

2 Apresentação e descrição da pesquisa

Para a efetivação dessa inquietação do ensino de língua nas escolas, foi realizada uma pesquisa com professores de Língua Portuguesa de uma escola pública de Juazeiro na Bahia. O ponto de partida para essa pesquisa teve como base a observação da metodologia dos professores ao ensinar as variantes linguísticas e, através desse olhar fazer ponte com o preconceito linguístico.

Com esse referencial traçado, foram observados professores de Língua Portuguesa dessa escola e selecionadas perguntas com a finalidade de Identificar de qual forma o professor, com sua metodologia, vai além da norma padrão da língua, assim como, entender como o professor se situa diante do ensinar, ao mesmo tempo, gramática e linguística e, ainda, observar as atividades aplicadas e a forma de avaliação do processo ensino-aprendizagem ao que engloba as variantes linguísticas.

O levantamento de dados foi realizado através de entrevista com os professores do fundamental II. A entrevista procurou abordar aspectos como: a forma de ensinar português e suas variantes linguísticas; de qual forma o preconceito linguístico é tratado em sala de aula; de qual forma é trabalhado o ensino da norma culta e padrão e qual a importância na prática pedagógica do professor trabalhar as variantes linguísticas.

3 Conclusões gerais da pesquisa

A partir de concluída, satisfatoriamente, a etapa da coleta de dados, ou seja, das entrevistas e observações, seguiram-se as análises com o intuito de atingir os objetivos da pesquisa.

De acordo com as análises, foram feitas algumas constatações, sendo elas: os professores reconhecem a importância das variantes linguísticas, e ressaltam que nenhuma delas são “erradas”, porém, que há ambientes e situações adequadas. É também mencionado que o Brasil sendo um país de grande extensão, possui uma grande variedade linguística. Assim, eles ensinam para os alunos as variantes por meio de textos e charges, além de usarem o livro didático. Embora, reconheçam a amplidão da língua, eles transferem para os alunos a importância que a norma culta e padrão têm para a sociedade.

Um fato não muito satisfatório é que quando os professores relatavam atividades que passam para seus alunos abordando as variantes linguísticas, foi observado que utilizavam de textos estereotipados como poemas de Patativa do Assaré, de Luis Gonzaga, personagens como Chico Bento. Com isso, fica subentendido que só a fala de analfabetos, caipiras e nordestinos é que varia.

Bagno (2007) chama a atenção para esse fato problemático de tratar de variação linguística como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas, supondo que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de modo mais "correto" sem existir variação. E esse fato é muito observado em livros didáticos que se preocupam com a variação linguística, porém, causam confusão com o emprego de textos e termos que criam estereótipos linguísticos.

Considerações finais

Esta pesquisa proporcionou o conhecimento a respeito do ensino de língua e suas variantes na escola e, como o professor lida com as variantes linguísticas. Mesmo sabendo que é uma pequena amostra da realidade das escolas, foi possível perceber que os professores não veem mais o ensino de Língua Portuguesa apenas como o ensino de gramática, no entanto, ainda há pontos a serem melhorados em relação ao ensino da língua.

O professor é um dos responsáveis por desconstruir a noção de erro que se tem da língua e também, desmistificar a percepção do Português difícil. E, é importante ressaltar que, havendo essa desconstrução, e começando da escola, já que é nela que a criança aprende a norma culta, o preconceito linguístico possa ser erradicado. Mas, para que isso aconteça é necessária uma visão mais ampla do professor, para que variação linguística não seja tratada apenas como regional e social.

Referências

ANTUNES, I. *Muito além da gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso***:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. *Preconceito Linguístico*: O que é como se faz. 50. ed. Rio de janeiro: Loyola, 2008

BEZERRA, B. G. *Letras*: Sociolinguística. Recife: UPE/NEAD. Recife, 2011.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Língua Portuguesa. Brasília: MEC. São Paulo, 1998.

GONZÁLEZ, C. A. Variação linguística em livros de português para o EM. In: FARACO, C. A; ZILLES, A. M. S. (Org.). *Pedagogia da Variação Linguística*: Língua, Diversidade e Ensino. São Paulo: Parábola, 2015. Cap.8.

PERINI, M. A. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.

FABIÃO DAS QUEIMADAS: EXPERIÊNCIAS DE UM CANTADOR NEGRO NORDESTINO INSCRITAS NA LITERATURA POPULAR – UMA ANÁLISE DO "ROMANCE DO BOI DA MÃO DE PAU"

Eidson Miguel da Silva Marcos[142]
Amarino Oliveira de Queiroz[143]

Resumo:

Nascido durante a vigência da escravidão, Fabião das Queimadas desenvolveu o exercício da cantoria de rabeca relacionado com o ciclo da gesta do gado no sertão nordestino, conquistando, assim, a própria alforria e inscrevendo em sua poesia outras marcas identitárias da presença africana na conformação sócio-histórica e cultural do Nordeste. Através de uma abordagem interdisciplinar ancorada em Cascudo (2006), Santos (2006) e Zumthor (1997), empreenderemos uma análise do "Romance do Boi da Mão de Pau", elegendo como chaves de leitura as marcas da experiência e da identidade do negro sertanejo nordestino inscritas no corpo de sua obra poética.

Palavras-chave: cantoria, abordagem interdisciplinar, Fabião das Queimadas

Abstract:

Born during the period of slavery, Fabião das Queimadas developed the exercise of fiddle singing related to the cattle cycle in northeastern dry areas, winning thus his own emancipation and marking in his poetry other identifying traces of the African presence in the Northeastern social-historic and cultural conformation. Through an interdisciplinary approach based in Cascudo (2006), Santos (2006) and Zumthor (1997), will undertake a review of its "Romance do Boi da mão de pau" (Wooden Hand Ox Novel), choosing as reading keys trademarks of experience and identity black northeastern backlands written in the body of his poetry.

Keywords: popular chants, interdisciplinar approach, Fabião das Queimadas

Tomando como ponto de partida o passado colonial brasileiro também a partir do Nordeste, é reconhecível a existência de projetos de invisibilização de

[142] Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. De Currais Novos/RN, e-mail: eidson_miguel@hotmail.com.

[143] Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco, Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus de Currais Novos/RN. De Salvador/BA, email: amarinoqueiroz@gmail.com.

alteridades conformadoras de nossas identidades, a exemplo da negra, da índia e da cigana. No entanto, no âmbito da criação literária, por exemplo, tais discursos etnocêntricos apresentam alguns contrapontos de aferição dessa realidade. Assim, torna-se fundamental reconhecer experiências que desinstituam certas cristalizações discursivas, evidenciando o protagonismo e a produção cultural e artística de alteridades à margem, caso do poeta cantador Fabião das Queimadas. Nascido durante a vigência da escravidão, Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha, o Fabião das Queimadas, desenvolveu o exercício poético da cantoria de rabeca relacionado com o ciclo da gesta do gado no sertão nordestino. Através de seu labor artístico, conquistou não somente a própria alforria como também a de alguns parentes, inscrevendo em sua poesia outras marcas identitárias da presença africana na conformação sócio-histórica e cultural do Nordeste.

No contexto escravocrata brasileiro e nordestino anterior a Fabião das Queimadas, os documentos produzidos por afrodescendentes que encontraram maior visibilidade consistem, principalmente, na produção epistolar. Desse conjunto, apesar das controvérsias que envolvem o seu alinhamento político, referiremos a intervenção do negro liberto, Mestre-de-Campo do Terço dos Negros e Cavaleiro da Ordem de Cristo Henrique Dias, que em pleno século XVII, através de carta endereçada diretamente ao Rei de Portugal se queixou do desrespeito sofrido por parte de um seu superior hierárquico. Este documento é considerado por muitos autores como um marco inicial para os estudos da historiografia literária negra brasileira. Já no século Século XVIII, merece registro especial a atuação da escravizada Esperança Garcia através de carta endereçada ao Governador do Piauí. Em sua correspondência, Esperança Garcia denunciava os maus tratos de que era vítima juntamente com seus filhos e companheiras, violência essa perpetrada por um Capitão militar seu senhor. Ainda no século XVIII e também a partir do Nordeste se destacaria o romance "Úrsula", da maranhense Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira narrativa longa afro-brasileira de autoria feminina.

Esses textos se mostram relevantes para a compreensão de um protagonismo testemunhal afrodescendente e nordestino no Brasilquando atentamos para o "apagamento intencional desta presença pelo projeto de

branqueamento a que estiveram sujeitas as populações em diversas regiões do continente americano" (QUEIROZ, 2007, pp. 67-68),apresentando graus diversos de amplitude a depender do recorte espaço- temporal e sócio-cultural realizado. Não obstante, conforme observa Julie Cavignac (2011), em cenários como o Estado do Rio Grande do Norte tais referências às identidades diferenciais são discretas", uma vez que:

> também nas representações nativas do passado, percebemos uma ausência dos principais atores da história colonial. Nos dois casos, as populações autóctones, os escravos e os seus descendentes são relegados ao segundo plano. (CAVIGNAC, 2011, p.195)

Mesmo em contextos como o acima descrito, algumas personagens negras se fizeram representar tanto histórica como literariamente, oferecendo novas perspectivas de interpretação e compreensão do fenômeno da escravidão e da construção de discursos e identidades, como no caso de Fabião das Queimadas, cuja trajetória artística teve lugar durante os séculos XIX e XX. Nascido no ano de 1848 na região Agreste do Estado do Rio Grande do Norte e compartilhando uma situação idêntica à de seus pais, Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha veio ao mundo como escravizado na fazenda Queimadas, propriedade do Capitão José Ferreira da Rocha, área situada dentro do atual município de Lagoa de Velhos, embora existam versões que dão conta de que a referência a Queimadas remete a um município homônimo no Estado da Paraíba, onde Fabião teria sido criado (LINHARES e BATISTA, 1982, p. 5). O topônimo Queimadas seria agregado ao seu primeiro nome, formando assim o epíteto pelo qual ficaria conhecido o poeta.

A tradição oral do Agreste potiguar registrou que Fabião teria gozado dos favores de seu senhor, obtendo, por exemplo, permissão para desenvolver o ofício de cantador de rabeca, com o qual percorreu diversos eventos, angariando fama e algum pecúlio. Com o resultado desse labor artístico, teria comprado sua própria alforria, a de sua mãe e a de uma sobrinha, com a qual veio a casar e constituir família e propriedade na mesma região. Em sua criação poética, a gesta do gado constituiu um dos motivos que mais o celebrizou, tendo em vista a cultura agropastoril marcante na região.

Segundo Câmara Cascudo:

> A poesia tradicional sertaneja tem seus melhores e maiores motivos no ciclo do gado e no ciclo heróico dos cangaceiros. O primeiro compreende as "gestas" dos bois que perderam anos e anos nas serras e capoeirões e lograram escapar aos golpes dos vaqueiros. A notícia de um animal arisco, veloz, fugindo aos melhores vaqueiros, corre de fazenda em fazenda e é comentado nas "apartações[144]". A lenda vai aparecendo. (CASCUDO, s/d, p. 15)

Em seu romance [145] do "Boi da Mão de Pau", Fabião utiliza-se de um recurso bastante recorrente nas criações literárias ditas populares, que é a antropoformização. Assim, o sujeito lírico é encarnado pelo próprio animal, que assume um papel de narrador e trata de contar suas aventuras:

> "Vou puxar pelo juízo
> Para saber-se quem sou.
> Prumode saber-se dum caso,
> Talqual ele se passou.
> Que é o Boi liso vermelho,
> O Mão de Pau corredor!"
> (ROCHA in CASCUDO, s/d, p. 89).

Essas aventuras são marcadas pela perseguição por parte de vaqueiros oriundos das regiões Trairi e Potengi – situadas no Agreste potiguar. Mesmo dispondo de força física e agilidade, o Mão de Pau padeceem face de uma perseguição que se lhe afigura injusta, a qual termina com sua captura e condução"d'argema na mão" para longe de sua terra de nascimento. Note-se que, desde o princípio do romance em questão, o Boi da Mão-de-Pau se apresenta na condição de cativo, metaforizando assim a condição de escravizado peculiar ao próprio Fabião das Queimadas.

A busca de fama constitui um dos principais motivos que impulsionam os vaqueiros a perseguir o boi. A serviço do fazendeiro proprietário do animal ou desejoso de capturá-lo, a figura desses vaqueiros nos remete à dos capitães de mato, homens que tinham por missão rastrear e recapturar negros fugitivos do cativeiro. A perseguição, então, motivada por tais fatores, é justificadora da luta

---

144 "Apartação foi sempre um termo usado, muito especialmente no Nordeste, para separar o gado, isto é, dividir o gado. No Nordeste o gado era criado junto, não havia cercado para dividir as propriedades. Os fazendeiros de uma região criavam em conjunto, no mesmo pasto. Quando chegava o mês de junho começavam a juntar o gado num determinado local para separá-lo; cada um levava o seu, ferrava os bezerros, separava as vacas paridas, as amojadas, os bois de venda, pegava os barbatões, isto é, aqueles bois que haviam escapado de serem ferrados nas outras apartações." (ALVES, 1986, p.16)

145 Diferentemente da acepção anteriormente empregada para designar uma narrativa de ficção longa como *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, o termo romance é agora entendido como uma composição poética popular, histórica ou lírica, transmitida pela tradição oral e assimilada pela Literatura de Cordel.

pela liberdade empreendida pelo Mão de Pau e, no caso de Fabião, essa perspectiva se ampliaria por impulsionar a conquista da própria alforria.

Conforme mencionávamos anteriormente, o recurso de dar voz ao animal, assim como a outras personagens figurantes na narrativa é recorrente nas criações da oralidade e na Literatura de Cordel, inclusive quando se trata da gesta do gado. O próprio Fabião das Queimadas utiliza o mesmo recurso em outros textos, como na descrição que fez de uma vaquejada na fazenda Potengi Pequeno, localizada no município de São Tomé/RN:

> "O "Medalha" e o "Pedrês"
> Corriam sempre irmanado,
> Um duma banda, outro doutra,
> E eu no meio emprensado,
> Porém sempre me safando
> Pois corria com cuidado."
> (ROCHA In CASCUDO, s/d, pp. 82-83).

A voz narrativa do Mão de Pau apresenta, no entanto, uma peculiaridade digna de nota no romance em foco: enfatiza a insatisfação do animal com sua injusta condição de perseguido e preso:

> Foi-se espalhando a notícia,
> Mão de Pau é valentão.
> Tando eu enchocalhado,
> Com as algemas na mão,
> Mas nada posso dizer,
> Que preso não tem razão.
>
> Sei que não tenho razão,
> Mas sempre quero falá,
> Porque além d'eu estar preso
> Querem me assassinar...
> Vossamecês não ignorem;
> A defesa é naturá...
>
> (ROCHA In CASCUDO, s/d, p. 89)

O romance é escrito em sextilhas de sete sílabas poéticas, com rimas nos versos pares, o 2º, o 4º e o 6º. Neles, o boi denuncia seu abusivo estado de prisioneiro,

> "Pois sendo eu um boi manso
> Logrei a fama de brabo,
> Dava alguma corridinha
> Por me ver aperriado,
> Com chocalho no pescoço,
> E além disso algemado."
> (ROCHA In CASCUDO, s/d, p. 89).

Os versos ressaltam a natural busca por defesa de quem sofre injustiças: "Vossamecês não ignorem;/A defesa é naturá..." (idem). Nesse sentido, se nos

afigura lícito buscar referências na experiência de vida deflagrada pela condiçãoétnica e social do próprio poeta para a construção desse aspecto caracterizador do eu-lírico que narra o romance. Ao se atentar para a biografia de Fabião, especialmente para a sua posterior situação de ex-escravizado, verifica-se que essa condição étnica e social foi convertida em matéria poética. É o que se pode constatar nos versos que se seguem, onde Fabião, que se colocava como "personagem" de suas poesias, também assume, por meio da lírica, sua própria condição étnica:

> Minha mãe chama-se Antônia,
> Meu avô chama-se João,
> Meu pai se chama Vicente,
> Eu me chamo Fabião,
> Negro de folgar bonito
> Quando se encontra em função.
> (ROCHA In ALMEIDA & SOBRINHO, p. 238, 1978)

Em outro fragmento poético, desta vez uma quadra, Fabião das Queimadas, que graças à poesia "pagou o preço de sua própria alforria, depois conseguiu libertar a mãe, e mais tarde, uma sobrinha, com quem se casa e tem quinze filhos" (SANTOS, 2006, p.101), ilustra o sentimento diante da conquista da liberdade e, ao mesmo tempo, requalifica a condição etnorracial de sua genitora:

> Quando forrei minha mãe,
> A Lua nasceu mais cedo,
> Pra alumiar o caminho
> De quem deixou o degredo!
>
> Minha mãe era pretinha,
> Da cor de jabuticaba!
> Porém, mesmo sendo preta,
> Cheirava que só mangaba!
> (ROCHA In LINHARES e BATISTA, 1982, p. 6)

Nessa quadra, o eu-lírico enfatiza ainda a satisfação em deixar o degredo por meio da evocação da força da natureza, no caso a luz da lua, que nasceu mais cedo para alumiar o caminho da ex-escravizada. Pelo que deixa transparecer a leitura do texto, o estigma do cativeiro vivenciado pelos escravizados é aviltador, enquanto o fim dessa condição é motivo de alegria, de 'iluminação' do caminho. Dessa forma, ao remetermos à situação do Mão de Pau, ganha realcea associação da figura do boi à do indivíduo que é posto em perseguição e cárcere por terceiros injustamente, mas ao qual é legitimada a luta pela sobrevivência e busca da liberdade usurpada.

No âmbito da produção armorial, mais especificamente na obra "A Morte do Touro Mão de Pau", de Ariano Suassuna, há uma retomada dessa imagem, onde a perseguição injusta e a legitimidade da defesa da liberdade são reelaboradas poeticamente, caracterizando "um exemplo emblemático no processo de recriação e integração das artes armoriais" (COSTA, 2008, p. 2), tributárias de obras anteriores constantes no universo da chamada literatura popular. Luiz Adriano Mendes Costa assinala que essa revisitação de Ariano Suassuna ao tema desenvolvido no romance de Fabião das Queimadas

> trata de um boi brabo e da sua luta pela vida, numa fuga constante de vaqueiros que tentam, em vão, capturá-lo. Numa dessas perseguições, o Mão de Pau, para não ser apanhado e humilhado por vaqueiros, se atira de um penhasco e se despede da vida de forma honrosa. O romance está implicitamente ligado aos momentos finais de vida do pai de Ariano Suassuna, João Suassuna, que apesar de não ter se suicidado como fez o Mão de Pau, vivenciou um conflito semelhante entre a possibilidade de desonra e da morte... (COSTA, 2008, p. 2)

O poeta das Queimadas, além da requalificação étnica que faz registrar em sua poesia, também alude aos aspectos sociais atrelados à sua condição de negro escravizado, como na quadra improvisada em homenagem a Eloy Castriciano de Souza [146], de tradicional e destacada família. Referindo a similar condição de afrodescendente de Eloy Castriciano de Souza, Fabião compôs em sua presença a seguinte quadra duranteuma função poética que teve lugar na fazenda Cachoeira, município de São Paulo do Potengi/RN:

> Seu doto Eloy de Souza
> Minha mão sempre dizia
> Se o senhor não fosse rico
> Era da nossa famia.
> (ROCHA In FILGUERA, 2011, p. 178)

O poeta ressalta através desses versos que o único fator que o diferencia de seu interlocutor é a condição social. Fabião faz registrar, assim, um aspecto marcante no contexto brasileiro: a relação entre condição etnorracial e *status* social, vinculação existente até os dias de hoje e que possibilita entrever o "distanciamento" que havia entre os negros que logravam alcançar melhores posições na pirâmide social e os que permaneciam cativos e/ou pobres.

[146] Irmão da poetisa Auta de Souza, Eloy Castriciano de Souza foi deputado e senador pelo Rio Grande do Norte e um dos principais nomes ligados à oligarquia Albuquerque Maranhão, que comandou a política potiguar nas primeiras décadas da República brasileira.

Esta iniciativa de Fabião das Queimadasem utilizar sua experiência de ex-escravizado como matéria de criação poética, encontra eco em outros criadores da dita poética popular nordestina. No vizinho Estado da Paraíba, nomes como o de Inácio da Catingueira se perfilam nesse âmbito, sendo que este poeta e escravizado "inaugura (...) o tema do racismo na cantoria." (SANTOS, 2006, p. 101). As experiências desses cantadores negros nordestinos inscritas na literatura popular configuram a (re)existência do ponto de vista de alteridades outras protagonistas da conformação social, histórica e cultural do Nordeste brasileiro.

Nesse processo, buscamos destacar através do nosso breve recorte o papel que a palavra performatizada e oralizada teria desempenhadona construção de outros olharesacerca das condições e experiências étnicas, sociais e históricas dos afro-brasileiros, iluminando e redimensionando, assim, o caráter testemunhal dos poemas produzidos por Fabião das Queimadas, dentre outros autores e autoras oriundos do Nordeste do Brasil, uma vez que o poeta em questão acabou por converter em matéria literária sua própria experiência de vida.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Átila Augusto F. de; ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.

ALVES, Celestino. *Vaqueiros e Vaquejadas*. Natal: EDUFRN, 1986.

BATISTA, Otacílio; LINHARES, Francisco. *Antologia Ilustrada dos Cantadores*. 2 ed. Fortaleza: UFC, 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CAVIGNAC, Julie. "Índios, negros e caboclos: identidades e fronteiras étnicas em perspectiva. O caso do Rio Grande do Norte". In: CARVALHO, Maria do Rosário. EDWIN, Reesink. CAVIGNAC, Julie. (org.). *Negros no mundo dos índios*: imagens, reflexos, alteridades. Natal: EDUFRN, 2011.

FILGUERA, Maria Conceição M. *Eloy de Souza: uma interpretação sobre o Nordeste e os dilemas das secas*. Natal: EDUFRN, 2011.

COSTA, Luís Adriano Mendes. “A Morte do Touro Mão de Pau e o conceito de Integração das Artes Armoriais”. In: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC*, disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/030/LUIS_COSTA.pdf, acessado em 11 de março de 2016.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As Inscrituras do Verbo*: dizibilidades performáticas da palavra poética africana. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura. Recife: UFPE, PGLetras, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 2 ed. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 1975.

ROCHA, Fabião Hermenegildo Ferreira da. “Romance do Boi da Mão de Pau”. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

_____. “Descrição de uma vaquejada na fazenda Potengi Pequeno”. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. *Memória das Vozes*: Cantoria, romanceiro & cordel. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SUASSUNA, Ariano. *Poemas*. Seleção, organização e notas Carlos Newton Júnior. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999.

LITERATURA POPULAR: LEITURAS E INFERÊNCIAS SOBRE SABERES, VIVÊNCIAS E MEMÓRIA COLETIVA NO SERTÃO NORDESTINO

Maria de Lourdes Dionizio Santos

Resumo:

Trata-se de um Projeto voltado à formação de professores da rede pública do sertão nordestino e discentes do Curso de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), visando aprimorar seu conhecimento da Literatura Popular/Regional. Abordamos a poética oral e escrita de autores nordestinos, no intuito de ampliar o conhecimento do público beneficiado. Recorremos a autores que elucidam questões que perpassam temáticas dos textos lidos. Destarte, contribuímos com a formação docente, potencializando a recepção dessa estética e difundindo a Cultura Popular/Regional.

Palavras-chave: Literatura Popular. Memória Coletiva. Formação Continuada. Conhecimento Simbólico.

Abstract:

This paper deals with a Project aimed at the formation of public school teachers in the Sertão from Brazilian northeastern and students of Curso de Letras of Centro de Formação de Professores of the Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), to refine your knowledge of Popular Literature/Regional. We accost oral poetry and writing northeastern authors, for to expand the knowledge of the beneficiary public. We use the authors elucidate issues that pervade themes of the texts read. Thus, we contribute to formation of teachers, increasing the receipt of aesthetics and spreading the Popular Culture/Regional.

Keywords: Popular Literature/Regional. Reading. Collectiv Memory. Symbolic Knowledge

Introdução

Conceber o Nordeste como um celeiro artístico no cenário nacional, cujo (re)conhecimento ultrapassa suas fronteiras, é um fato incontestável, haja vista

ser esta região um campo profícuo de criação e produção genuínas, não apenas no âmbito da arte popular, como também de outras formas de expressão artística, consolidando, assim, a cultura brasileira. Entretanto, algumas inquietações aparecem, quando, lecionando em um Curso de Letras de um Centro de Formação de Professores, situado no sertão nordestino, à Literatura Popular não é assegurado um lugar específico, no respectivo Curso. Somemos a isso a reivindicação de alunos do referido Curso, que questionam a não existência dessa disciplina em sua grade curricular. Pensemos também no desejo de se fazer uma Pós-Graduação nesse campo de estudo, sem, contudo, se ter uma base na educação formal, uma vez que, sendo e vivendo na região Nordeste, a formação artística e cultural, de algum modo, torna-se familiar. É justo nessa familiarização que muitas vezes flagramos o preconceito com a própria identidade cultural, que, muitas vezes, torna-se resistência ou negação da negação identitária. Herdeiros que somos da cultura do outro, pensemos, por exemplo, na língua que falamos, legado imposto pelos colonizadores, que tantas vezes precisamos discutir o que é “certo” ou “errado”, e tem rendido teses e livros nas áreas da linguística. Ora, se a língua que falamos é “herdada”, sentimo-nos, muitas vezes, inseguros em expressá-la. Mas, que dizer de outras formas de manifestação de nossa identidade, quando falamos de linguagem poética ou literária, ou de manifestações artísticas e culturais que, ao nascermos, nos encontramos imersos nesse berço que abriga a criação da gente humilde, que, em sua simplicidade, nos propicia tanto prazer com sua poesia, despreocupado com o “domínio” da língua considerada “culta”? Por que, então, a arte popular não tem recebido o devido respaldo em lugares que julgamos conhecê-la vastamente, embora não a valorize numa proporção que corresponda à sua contribuição para a formação e o desenvolvimento da sociedade? Por que motivo as pessoas não apreciam os bens e valores simbólicos de sua região? Essas inquietações nos moveram a elaborar este Projeto, no sentido de inferir sobre a realidade que nos envolve, com vistas a contribuir com o público-alvo a que este trabalho é destinado, propiciando-lhe respaldo intelectual e incentivo profissional, visto que se trata de professores de escolas públicas, ou futuros docentes a quem nos dirigimos em nossa tarefa cotidiana de educar.

Partindo desses pressupostos, propomo-nos realizar o Projeto de Extensão *Literatura Popular: leituras e inferências sobre saberes, vivências e memória coletiva no sertão nordestino*, no intuito de promover o estudo da literatura popular com base na leitura de textos poéticos do público-alvo: alunos do Curso de Letras do Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG), e de professores de escolas públicas de Cajazeiras e de cidades circunvizinhas, com vistas a ampliar, aprimorar e inferir sobre saberes, vivências e memória coletiva, compartilhando experiências e corroborando com a identidade cultural e a formação do referido público-alvo.

O propósito deste Projeto parte da necessidade de se aprofundar e disseminar o conhecimento simbólico coletivo da Região Nordeste, a partir da leitura de textos da literatura popular, em prosa ou em verso, no sentido de promover e ampliar o conhecimento sobre os bens imateriais, bem como instigar o gosto do público-alvo pelo estudo da estética e da cultura regional, tendo em vista a importância de um olhar mais atento na apreciação dos valores simbólicos que constituem esse conhecimento.

Refletindo sobre a razão que instiga os artistas, principalmente escritores e poetas, à produção de suas obras, constatamos que são vários os fatores que concorrem para a efetividade dessa produção. Dentre tais fatores, preponderam a genialidade dos criadores da arte popular/regional, o legado artístico e cultural deixado no Nordeste, por ocasião da chegada dos portugueses ao Brasil, a semiaridez do solo e, ainda, o subjugo político, além de uma série de conflitos decorrentes das antinomias vivenciadas pelo povo dessa região.

Trata-se, aqui, de condições sociais, políticas, econômicas, históricas e geográficas da região, que, sendo precárias, paradoxalmente, instigam o artista a celebrar, através da arte, os acontecimentos da vida e os costumes desse povo, gerando uma riqueza cultural que se propaga, partindo do particular/regional para o nacional e o universal.

Não obstante as adversidades enfrentadas pelo povo nordestino, encontramos, em meio à natureza hostil, diversos artistas empenhados de forma resistente em seu ofício criador, contribuindo com vasta produção, resultante de sua observação, criatividade e conhecimento sobre o imaginário coletivo.

Nessa perspectiva, apreciamos o modo como os nossos poetas, escritores e artistas encontram ideias para a criação de suas obras, nas mais variadas formas

de expressão de sua sensibilidade. Ou seja, é nas obras desses artistas, poetas e escritores que presenciamos a celebração da cultura popular – a experiência e a prática dos costumes da gente nordestina, a exemplo da oralidade, a qual se faz perceber no culto à tradição dos valores imateriais e simbólicos, repercutidos nos hábitos que se manifestam em cada atitude dessa gente.

Neste particular, nos deteremos na área da literatura popular, já conhecida no cenário nacional e internacional, sem, contudo, encontrar o merecido apreço na própria região de origem, a fim de trabalharmos a produção poética oral/popular de escritores e poetas nordestinos, no intuito de ampliar o conhecimento do público-alvo deste Projeto, propiciando-lhe uma experiência de leitura, reflexão e discussão com base em textos dessa poética.

Neste Projeto, lançamos um olhar especial para a Literatura de Cordel, para promover o estudo dessa poesia, ao mesmo tempo em que rendemos tributo a esta importante estética que muito tem contribuído para o desenvolvimento da sociedade nordestina e brasileira.

Ao abordarmos o estudo sobre a literatura de cordel, ressaltamos que esse gênero era cantado em círculos de pessoas e recintos familiares, levando adiante a memória cultural, transmitida às gerações subsequentes da sociedade. Posteriormente, o cordel passou a ser escrito em forma de folhetos, vendido em feiras livres, obtendo também função informativa e de instrução para a população local, além de fruição e efetivo exercício e manutenção da memória coletiva.

As nossas origens histórico-culturais, que coincidem com as raízes da literatura de cordel, encontram-se na Espanha e na França. De Portugal foi importado o nome “cordel”, derivativo de cordão, por ser comercializado em cordão, nas feiras livres do Nordeste, conforme afirmam os pesquisadores do assunto. Entretanto, há que se fazer referência, ainda que breve, ao que aconteceu historicamente na Europa, especialmente em Portugal, quando este se lançou pelo mar, empreendendo suas navegações.

Dessa forma, estaremos contribuindo com a disseminação dos saberes e vivências, bem como da memória coletiva, potencializando sua recepção, propiciando reconhecimento e maior visibilidade às diversas modalidades de arte regional nordestina. Além disso, estaremos suprindo uma carência urgente

no Curso de Letras do CFP, assim como dos professores da rede pública de ensino de Cajazeiras e cidades adjacentes.

1 Objetivos

Como objetivo geral, visamos, primordialmente,promover o estudo da literatura popular do Nordeste Brasileiro, a partir da leitura de textos poéticos, com vistas a ampliar, aprofundar e difundir o conhecimento sobre os saberes, as vivências e a memória coletiva dessa região.

A partir desse propósito, no intuito de executarmos o Projeto, elaboramos os seguintes objetivos específicos:

- Ampliar o conhecimento do público-alvo sobre a literatura popular do Nordeste Brasileiro, a partir da leitura de textos poéticos;
- Aprimorar o conhecimento do público-alvo sobre a produção de textos da literatura popular;
- Difundir a cultura regional/popular nordestina através da leitura de literatura popular com o público-alvo.
- Ler e discutir com o público-alvo textos poéticos da literatura popular do Nordeste Brasileiro;
- Ler e discutir com o público-alvo textos críticos sobre a literatura popular do Nordeste;
- Discutir e inferir sobre temáticas que perpassam a realidade do povo nordestino, relacionadas aos textos da literatura popular;
- Instigar o gosto do público-alvo pelo estudo de literatura de cordel produzida no Nordeste;
- Estabelecer relação entre memória coletiva e memória nacional presentes na cultura popular;
- Inferir sobre as ideologias que perpassam o conceito de nacional e popular;
- Repensar e reinterpretar práticas cotidianas simbólicas no âmbito nacional e popular que configuram a identidade brasileira;
- Reconhecer a importância da cultura e da literatura regional/popular para a formação da identidade nacional;

- Aprofundar, potencializar e disseminar o conhecimento da cultura popular nordestina, através da leitura de textos da literatura popular/regional.

2 Fundamentação Teórica

Tomamos como aporte teórico para fundamentar este Projeto o pensamento de autores de obras da Literatura Popular, bem como de críticos versados nessa literatura, cujas obras abordem discussão acerca de questões que perpassem a realidade representada nas obras literárias, de forma que contribuam para elucidar debates que surjam no decurso da realização deste Projeto.

Neste sentido, fazemos recurso ao que afirma Luís da Câmara Cascudo[147], em sua obra *Literatura oral no Brasil*, a respeito dos folhetos, que, "Embora assinados, esses folhetos revelam apenas a utilização de temas remotos, correntes no Folclore ou na literatura apologética de outrora, trazidos nos contos morais, filhos dos 'exemplos'".

Cascudo[148] assinala que "essa matéria pertence à Literatura Oral. Foi feita para o canto, para a declamação, para a leitura em voz alta. Serão depressa absorvidos nas águas da improvisação popular, assimilados na poética dos desafios, dos versos [...] nos sertões do Brasil".

Cascudo[149] também atribui à Literatura Oral "Todos os autos populares, danças dramáticas, as jornadas dos pastoris, as louvações das lapinhas, Chegança, Bumba-meu-boi, Fandango, Congos, o mundo sonoro e policolor dos reisados, aglutinando saldos de outras representações apagadas na memória coletiva".

À maneira desses "elementos vivos da Literatura Oral"[150], embora a literatura de cordel tenha perdido força em determinados períodos de sua existência, ela vem, de forma persistente, resistindo contra a avalanche de informações e produtos lançados pela indústria da cultura, no mercado.

Nesse sentido, ao fazermos uma breve retrospectiva sobre a poesia popular do Nordeste, encontramos, no Estado da Paraíba, uma expressiva representação

[147] CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. são Paulo: Global, 2006. p. 22.
[148] Id., Ibidem, p. 22.
[149] Id., Ibidem, p, 22.
[150] Id., Ibidem, p, 22.

de poetas desse gênero, conforme atestam estudos que tratam dessa literatura, a exemplo da pesquisa de José Ribamar Lopes,[151] que apresenta a seguinte síntese:

"1830 é considerado, historicamente, o ponto de partida da poesia popular nordestina. Em torno dessa data nasceram Ugulino de Sabugi – o primeiro cantador que se conhece, e – e seu irmão Nicandro, ambos filhos de Agostinho Nunes da Costa, o pai da poesia popular" (LOPES, 1982, p. 17).

Lopes acrescenta que, posteriormente, nasceram outros poetas "[...] na Serra do Teixeira (PB), entre 1840 e 1850", e "os poetas Germano da Lagoa, Romano de mãe D'Água e Silvino Pirauá, [...] Manoel Caetano e Manoel Cabeleira, os mais antigos cantadores".[152] Na década de 1860 nasceram "João Benedito, José Duda e Leandro Gomes de Barros; em 1880, nasceram Firmino Teixeira do Amaral, João Martins de Ataíde, Francisco das Chagas Batista e Antônio Batista Guedes".[153] Ainda de acordo com Lopes (1982, p. 18), desde então, "até 1920", a poesia popular escrita e oral, ganhou fôlego e outros poetas apareceram nos estados do Nordeste". Segundo Lopes,[154] "Só nesse período foram registrados 2.500 poetas populares".

Dentre os poetas cordelistas, Leandro Gomes de Barros destaca-se como um dos melhores de sua época. Ele iniciou "O movimento editorial do cordel", ao lado de "Chagas Batista e Pirauá". Em 1902, publicou um folheto em Campina Grande. [...] Há um outro de Leandro, publicado no Recife, em 1904".[155]

Conforme Lopes[156] relata, por volta de 1945, ocorreu um fenômeno desencadeado pelos fatores social, econômico e cultural, que ficou conhecido por "germe destruidor no comércio de folhetos". A partir de então, segundo o mesmo pesquisador,

[151]LOPES, José Ribamar (Org.). *Literatura de cordel*: antologia. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994. (Coleção Monografia, 14), p. 18.

[152] Id., Ibidem, p. 18.
[153] Id., Ibidem, p. 18.
[154] Id., Ibidem, p. 18.
[155] Id., Ibidem, p. 18-19.
[156] Id., Ibidem, p. 19.

> Uma fase de decadência em conseqüência de novos fatores determinantes das transformações sociais, como o rádio, o cinema, a aceleração do processo de industrialização do País, a construção de Brasília, a facilidade de novos meios de transporte, estimulando as migrações internas no Brasil. Esses fatores alteram a mentalidade do homem rural nordestino, o grande consumidor da poesia popular escrita e oral.[157]

Essas considerações de Lopes conferem à literatura de cordel um lugar de destaque, pela sua relevância na configuração da cultura nordestina, conforme acrescenta, em seguida, o referido pesquisador:

> Uma fase de decadência em conseqüência de novos fatores determinantes das transformações sociais, como o rádio, o cinema, a aceleração do processo de industrialização do País, a construção de Brasília, a facilidade de novos meios de transporte, estimulando as migrações internas no Brasil. Esses fatores alteram a mentalidade do homem rural nordestino, o grande consumidor da poesia popular escrita e oral.[158]

Essas considerações feitas por Lopes conferem à literatura de cordel um lugar de destaque, pela relevância de seu papel na disseminação da cultura nordestina, bem como "Pela sua vitalidade, constância e abrangência temática, a literatura de cordel se apresenta como fenômeno dos mais singulares e relevantes da cultura do povo nordestino".[159]

Nessa esteira de raciocínio, ao tratar de editoração dos folhetos de cordel no Nordeste, Rosilene Alves de Melo[160] cita o trabalho de Gilmar de Carvalho, pesquisador que se debruçou "sobre a literatura de cordel produzida em Juazeiro do Norte", Ceará, e "deu visibilidade ao aspecto editorial do cordel, relegado até então ao esquecimento". Em sua obra *Arcanos e verso*: trajetórias da literatura de cordel, a referida pesquisadora discorre de modo fluente e profundo sobre "a produção do patrimônio cultural da Tipografia São Francisco" fazendo "registros transmitidos através da oralidade e da escrita". Rosilene Melo[161] acrescenta que, "Atualmente, o conjunto de folhetos editado pela Tipografia São Francisco encontra-se à disposição dos pesquisadores em diversas instituições no Brasil".

---

[157] Id., Ibidem, p. 19.
[158] Id., Ibidem, p. 19.
[159] Id., Ibidem, p. 19.
[160] MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos e verso*: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 24.
[161] Id., Ibidem, p. 24.

Em seu relevante trabalho, Rosilene Melo[162] afirma que "Os folhetos constituem uma fonte histórica privilegiada, pois reúnem as linguagens oral, escrita e iconográfica"; a referida pesquisadora busca transcender a "hermenêutica dos textos" e "problematizar as condições particulares de sua produção, os saberes e práticas que transitam em torno dessa literatura, bem como as estratégias forjadas para a circulação dessa arte entre um número cada vez maior de pessoas".

Vale citar, também, a pesquisa de Ana Maria de Oliveira Galvão, intitulada "Processos de inserção de analfabetos e semi-analfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950)", na qual a autora ressalta que a escola não é "a única via de mediação entre a leitura e a escrita", uma vez que outras "práticas educativas têm ocorrido, ao longo do tempo, fora da escola e, às vezes, com maior força do que se considera, principalmente para determinados grupos sociais, em determinada época".[163]

Galvão afirma que "ao estudar a literatura de cordel", desenvolvendo sua pesquisa, verificou "que, para alguns segmentos sociais, esse tipo de literatura, tradicionalmente classificada como popular, representava um dos únicos contatos que tinham com a escrita, a leitura e o impresso".[164] A partir dessa constatação, a pesquisadora buscou "(re)construir no público leitor, as maneiras de ler, os papéis atribuídos à leitura e as formas de apropriação da leitura de folhetos de cordel, no período de 1930 a 1950, em Pernambuco".[165] Os leitores/ouvintes entrevistados pela pesquisadora declararam que

> os folhetos constituíram o objeto de leitura e/ou audição mais presente. Para os analfabetos, leitura em voz alta sempre mediada por alguém alfabetizado: em geral os filhos ou vizinhos e, eventualmente, o cônjuge. Os outros, [...] liam os cordéis em voz alta para um grupo e, em outros momentos, realizavam uma leitura solitária, silenciosa.[166]

[162] Id., Ibidem, p. 24.
[163] GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Processos de inserção de analfabetos e semi-analfabetizados no mundo da cultura escrita* (1930-1950). Revista brasileira de educação, Campinas, SP, n. 16, p. 81-94, jan/fev/mar/abr. 2001, p. 81.
[164] Id., Ibidem, p. 81.
[165] GALVÃO, Ana Maria de Oliveira apud GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Op. Cit., p. 81-82.
[166] GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Op. Cit., p. 82.

Ao fazer uma abordagem sobre o "Desafio e repentismo do caipira de São Paulo", J. M. Luyten,[167] no subtítulo "Correspondentes nordestinos", tece o seguinte comentário:

> Não há dúvida alguma de que as modalidades poéticas populares do Nordeste são muito mais conhecidas nacional e internacionalmente do que as versões paulistas. [...] Devido à migração de nordestinos para outras regiões do Brasil, notadamente São Paulo, verificamos, hoje em dia, que a capital paulista se tornou um dos maiores centros produtores e emissores de poesia popular nordestina. [...] A cultura popular nordestina [...] expandiu-se, sobretudo no século XX, de tal modo que hoje é possível notar sua influência em todos os meios culturais do País, desde a literatura das classes dominantes ao teatro e cinema.

Luyten[168] atribui a essa "hegemonia nordestina", "o surgimento, no fim do século passado, da poesia popular escrita, hoje chamada de literatura de cordel. Embora a base seja essencialmente o aspecto oral, há numerosas obras impressas". Dentre "as mais de 20 000," "cerca de 10 000 já foram catalogadas por Átila de Almeida". Essa quantidade suntuosa de impressão vem seguida de várias edições dos folhetos.

De acordo com Luyten[169], "Não há literatura popular no mundo que possua números tão impressionantes de divulgação e penetração. [...] O fato de a poesia do Nordeste ser parcialmente impressa faz com que ela seja muito mais perene e influente".

As análises dos pesquisadores supramencionados nos levam a refletir sobre a importância da leitura de cordel para a vida de muitos brasileiros. Quem de nós não teve a oportunidade de ouvir e/ou ler um folheto de cordel? Quem não de nós não se deleitou com esse tipo de literatura, lendo ou ouvindo as peripécias dos heróis ou anti-heróis desses folhetos? Por que negligenciamos a nossa cultura, no âmbito da prática docente, ou no cotidiano? O que leva o povo a negar sua identidade, e desprestigiar sua arte? A partir dessas questões, discutiremos sobre a importância e o significado da literatura de cordel, tendo em vista a contribuição dada à sociedade por essa forma de expressão e de conhecimento, embora quase sempre, desvalorizada.

---

[167] LUYTEN, Joseph M. Desafio e repentismo do caipira de São Paulo. In: BOSI, Alfredo. (Org.). *Cultura brasileira*: temas e situações. p.79.
[168] Id., Ibidem, p. 79.
[169] Id., Ibidem, p. 80.

3 Metodologia

Como procedimentos metodológicos, realizaremos este Projeto pautados na leitura de textos de autores da Literatura Popular oral e/ou escrita, em prosa e/ou em verso, estabelecendo discussões a respeito das temáticas abordadas nos referidos textos, inferindo sobre questões que perpassam a realidade e instigando o público-alvo a tomar parte nessas tarefas, compartilhando sua experiência.

No decurso desse Projeto, proporemos atividades a serem executadas em oficinas e grupos de leitura de textos da Literatura Popular e de obras críticas dessa área de conhecimento que corroborem para o aprimoramento da formação do público-alvo.

Tomamos como referência para a execução do Projeto, estudo de textos de época e gênero diversos da Literatura Popular do Nordeste, dentre os quais destacamos: poesia oral, conto, crônica, teatro e romanceiro. Dentre os autores e obras referenciados para estudo, elencaremos um expressivo número deles. Contudo, outras obras e autores surgirão, durante o desenvolvimento do Projeto.

A prática de leitura e discussão em sala de aula se pautará em textos previamente selecionados segundo sua compatibilidade e pertinência do conteúdo em relação à proposta do Projeto, atendendo às necessidades do público-alvo.

Caberá à coordenadora, aos orientadores e à/ao bolsista fazerem o levantamento e a escolha dos textos a serem trabalhados durante os encontros com o público.

Dessa forma, as discussões sobre as leituras dos textos propiciarão a interação do público-alvo, o qual poderá se expressar, manifestando sua opinião a respeito das questões sugeridas pela leitura.

Além da seleção de textos elaboradapela coordenadora e pela equipe executora do Projeto, incluindo o/a bolsista, todas as pessoas envolvidas deverão fazer uma leitura prévia dos textos selecionados para estudo, no

sentido de melhor compreender a discussão e poder inferir sobre o conteúdo abordado.

Assim sendo, a prática do projeto se fará, em sala de aula ou outros recintos disponíveis do CFP/UFCG (Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande), com o público-alvo formado, prioritariamente, pelos professores da rede pública de ensino do Município de Cajazeiras e adjacências, bem como pelos alunos regularmente matriculados no Curso de Graduação em Letras (UAL/CFP/UFCG), em Cajazeiras, Paraíba.

O encontro para a realização das atividades deste projeto acontecerá uma vez por semana, precedido de reuniões preparatórias entre a Equipe executora do Projeto.

Eventualmente, poderemos solicitar os Auditórios ou a Biblioteca do CFP, da mesma forma que a Biblioteca Pública Municipal de Cajazeiras, para a execução das tarefas do Projeto.

Conclusão

As diferenças que se observam entre a cultura do povo e a da elite que, ao nosso entender, acontecem, também, entre a literatura popular e a erudita, constituem um vício que se repete de longas datas. Isso se constata ao fazermos um breve retorno às nossas origens histórico-culturais.

Desse modo, buscamos realizar este Projeto, discutindo questões suscitadas no decurso de sua execução, promovendo debate acerca da contribuição da arte e da cultura, encontrada na vasta produção dos artistas nordestinos, junto ao público-alvo, formado, prioritariamente, pelos professores da rede pública de ensino desta cidade e adjacências, bem como pelos alunos da Graduação em Letras (UAL/CFP/UFCG), em Cajazeiras-PB.

Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. (Org.). *Cultura brasileira*: temas e situações. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Fundamentos, 18)

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. são Paulo: Global, 2006.

_____.*Civilização e cultura*: pesquisas e notas de etnografia geral. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília: INL, 1973. v. 2

CEARÁ. SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO. *Antologia da literatura de cordel*. Fortaleza, 1980. v. I e II.

DIEGUÉS JÚNIOR, Manuel et al. *Literatura popular em verso:* estudos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui de Rui Barbosa, 1986.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Processos de inserção de analfabetos e semi-analfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950). *Revista brasileira de educação*, Campinas, SP, n. 16, p. 81-94, jan/fev/mar/abr. 2001.

LOPES, José Ribamar (Org.). *Literatura de cordel:* antologia. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994. (Coleção Monografia, 14).

LUYTEN, Joseph M. Desafio e repentismo do caipira de São Paulo. In: BOSI, Alfredo. (Org.). *Cultura brasileira:* temas e situações. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Fundamentos, 18). p. 75-102.

_____. *O que é literatura popular*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros Passos, 98).

MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos e verso*: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Literatura popular em verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Campina Grande, PB: Fundação Universidade Regional do Nordeste, 1976. Antologia. Tomo II. (Coleção de Texto da Língua Portuguesa Moderna; 4).

MONTELLO, Josué. *Biblioteca educação é cultura*. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980.

DOCÊNCIA NO CAMPO E AS RELAÇÕES COM OS SABERES POPULARES E O ENSINO

Adelson Dias de Oliveira[170]

Alexandre Júnior de Souza Menezes[171]

Resumo:

O texto está centrado nas discussões das narrativas de docência no ensino médio em territórios rurais e sua relação com a cultura popular e os saberes produzidos no ensino. O objetivo central é compreender como a docência se constitui e alia os saberes populares. É uma pesquisa qualitativa, fenomenológica, com princípios da abordagem (auto) biográfica. Utiliza-se da entrevista narrativa. Toma a análise compreensiva mediada pelos princípios da hermenêutica. Resulta na necessidade de trazer o saber popular para a sala de aula.

Palavras–chave: Docência. Cultura. Saber popular.

Abstract:

The text focuses on the teaching stories in high school at rural areas and Its relationship with popular culture and the knowledge produced in the teaching. The main objective is to understand how teaching is constituted and It combines with the popular knowledge .It is a qualitative and phenomenological research, with principles about the (auto) biographical approach through the narrative interview. It takes the comprehensive analysis mediated by the principles of hermeneutics. It results on the need to bring the popular knowledge to the classroom.

Keywords: Teaching. Culture.Popular knowledge.

Primeiras Narrativas

O desafio contemporâneo da docência está centrado na construção cotidiana de um diálogo produtivo e contínuo entre as diferentes gerações, os saberes populares e como tudo isso é aliado ao processo de ensino. Construir

[170]Professor Assistente, UNIVASF – Juazeiro/BA. Doutorando em Educação e Contemporaneidade UNEB/PPGEDUC. E-mail: adelsonjovem@gmail.com.
[171]Licenciado em Ciências Biologia, UPE – Petrolina/PE. E-mail: alexandrejuniorsm@hotmail.com.

uma relação em que esses universos possam significar um para o outro sem causar a anulação, tende a ser o ponto nodal do desenvolvimento de práticas educativas no universo da docência. Ao avançar para o campo do fazer educativo nos territórios rurais a dificuldade se amplia, uma vez que incorpora ainda o desconhecimento dos contextos diversos em que alunos e professores estão imersos.

Motivado pelas inquietações apresentadas, este trabalho provoca o leitor a voltar o olhar para as distâncias e aproximações que compõem a linha tênue entre a docência e os saberes populares que estão presentes no universo de uma escola localizada em território rural da região do Vale do São Francisco, mais especificamente na comunidade de Angico, distrito da cidade de Juazeiro – BA.

Apresenta por intermédio da narrativa autobiográfica de uma professora, os encontros e desencontros geracionais no contexto das ruralidades presentes no espaço educativo em que ela está inserida Apresentam-se dessa maneira, elementos que nos levam a pensar sobre a prática educativa no contexto rural, sobre a dimensão da docência e dos aspectos identitários que a compõem e ainda sobre toda a vinculação com o ambiente rural as construções do conhecimento mediadas por aspectos intergeracionais (marcados nesse contexto pelas experiências narradas por uma professora).

Para elaborar as reflexões aqui apresentadas tomou-se como elemento norteador a (auto)biografia, elegendo-a como dimensão de pesquisa e como prática de formação que remete às narrativas e experiências dos interlocutores como possibilitador de construções de identidade individuais e coletivas, mediados pela entrevista narrativa como dispositivo de recolha (SOUZA, 2014). Para análise da entrevista toma-se o princípio compreensivo baseado em Bertaux (2010) e Souza (2014).

Assim, o texto está estruturado da seguinte maneira: reflexão e descrição metodológica em que o trabalho foi construído e construções teóricas e analíticas tomadas pelos núcleos de sentidos revelados na narrativa. Em seguida, uma sessão que retoma os principais elementos entre desafios, perspectivas e possibilidades em que a narrativa da docente mostra-

sesignificativa para pensar o ambiente de sala de aula e toda sua construção com o contexto em que está inserida.

1 Descrição e reflexão metodológica

> As experiências de reconhecimento produzem outras posturas individuais nas relações sociais entre as pessoas e o ambiente em que estão inscritas. (PIMENTEL, 2013, p. 250)

Saber reconhecer-se diante de si e do outro é uma tarefa que exige um profundo mergulhar em si na busca de encontrar-se diante de um emaranhado de relações, pessoas, afazeres, e você está lá em algum lugar, o encontro consigo exige romper com amarras e vendas que nos fazem sair do lugar e enxergar o óbvio. A provocação para o experienciar o encontro é a principal condição para encontrar o caminho e estabelecer novas relações, novas experiências e enfim, reconhecer-se.

Para caminhar é preciso ter uma direção, e na pesquisa não é diferente. A necessidade do reconhecimento diante daquilo que ainda não se sabe é uma constante e que precisa ser a cada momento desconstruída, erguida e novamente desfeita. Nessa perspectiva, o estudo em tela traz em seu caminhar a doçura e o amargo que o semiárido, a roça, e as ruralidades apresentam.

O estudo foi realizado na escola da comunidade de Angico, distrito da cidade de Juazeiro no Norte da Bahia, localizada a 47 Km da sede. É uma área de sequeiro, onde a população concentra sua renda na produção pecuária de caprinos e ovinos. É considerada como uma fazenda, ou aglomerado de pequenas propriedades agropecuárias familiares. Está vinculada ao distrito de Pinhões, em que é constituído por um conjunto de fazendas ou sítios assim como Angico. Vale ressaltar que a escola em que a entrevista foi realizada hoje atende à população do território que compõe a região de Angico, demarcada pela presença das diversas fazendas, sítios e pequenos aglomerados rurais existentes. O estudo foi realizado diretamente na Escola Antonila de França Cardoso, que atende ao público da educação infantil ao ensino fundamental II, em parceria com a Escola Estadual Pedro Raimundo Moreira Rego, localizada no bairro urbano de Piranga, periferia da cidade, e que oferece o ensino médio presencial. O formato é conhecido como anexos e é aplicado em várias comunidades das cidades no Estado da Bahia. Na cidade de Juazeiro a

experiência conta com 21 (vinte e um) anexos de ensino médio funcionando em escolas do campo, territórios rurais, dentre esses o anexo da escola em que a entrevista foi realizada. Na comunidade de Angico a escola atendeu no ano de 2015 a um total de 98 alunos.

Para o desenvolvimento do trabalho foi utilizada como princípio a abordagem autobiográfica, uma vez que "a narrativa autobiográfica instala uma hermenêutica da história de vida, isto é, um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida" (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 56). Utilizou-se das memórias de formação e da prática docente que trouxe à tona aspectos da constituição da relação do docente nos momentos de sua formação que reverbera na ação educativa dos sujeitos, no caso em questão, os jovens estudantes do campo e/ou territórios rurais numa perspectiva intergeracional. Afirma-se então que

> falar de si torna-se uma tarefa não muito fácil, pois envolve um processo de rememorizar e reviver momentos que fizeram parte da vida do sujeito. A fala do sujeito que narra pode vir repleta de aspectos voltados para a emoção e hesitações, por sua vez, o estudioso de história de vida encontra desafio em extrair da enunciação informações disponibilizadas e aspectos que desvelem e estão presentes no cotidiano da sociedade que permitam a sua compreensão. (OLIVEIRA, 2014, p. 22).

A narrativa toma, neste estudo, o lugar do enunciado das experiências de formação de docentes que atuam no processo de ensino de sujeitos jovens que vivem no campo contemporâneo no sentido de anunciação dos percursos sob os quais esses processos estão constituídos. A narrativa de vida e formação, assim apresentada, pode ser compreendida como a totalidade dos fatos e experiências que o sujeito vivencia. Todavia, para este estudo toma-se a dimensão de que a narrativa de vida apresentada , a partir do momento em que o sujeito narra um fato vivido, uma experiência a outra pessoa (nesse caso o pesquisador), significa dizer que a produção discursiva do sujeito tomou forma narrativa (BERTAUX, 2010). Neste estudo, assim, entende-se que é o processo narrativo que contribui para a produção do sujeito diante da sociedade.

O trabalho com narrativas é crescente nas pesquisas em áreas sociais e humanas, considerando que estão presentes nas mais variadas experiências e espaços da sociedade. Ao utilizar as narrativas como perspectiva teórica e

metodológica nas pesquisas em educação, particularmente para se pensar a docência e seus processos, aproxima o pesquisador das singularidades que compõem as vivências e experiências dos sujeitos em formação.

O trabalho com as narrativas pode ser realizado de maneira individual e grupal. Para a escrita deste texto optou-se por utilizar apenas uma narrativa de docência. A entrevista narrativa foi realizada no local de atuação da docente, na escola Antonila de França Cardoso, comunidade de Angico, em novembro do ano de 2015.

Para analisar a narrativa opta-se pela Análise Compreensiva fundamentada nas discussões apresentadas por Bertaux (2010), uma vez que tem o objetivo de explicitar as informações e significações nela contidas. A *análise compreensiva* em que se pauta o estudo para ir além das significações apresentadas pelos narradores é uma perspectiva, que tem como essência a funcionalidade do verbo "compreender" e exprime, dessa maneira, o espírito da análise.

1.1 Perfil biográfico de Flor de Mandacaru[172]

Flor de Mandacaru é professora de Língua Portuguesa, com especialização em Psicopedagogia. No ensino médio cursou magistério onde teve o primeiro contato com a docência. Apresenta-se como uma professora apaixonada pelo fazer docente e atua em sala de aula há 26 (vinte e seis) anos. Sua primeira experiência enquanto docente se deu ainda enquanto cursava o terceiro ano do magistério, no ano de 1989, em uma turma de alunos especiais. Narra que iniciou os estudos com quase 12 (doze) anos de idade, uma vez que morava em uma área rural e na época era muito difícil estudar, principalmente para mulheres. Somente com a idade acima mencionada, ao ir morar na cidade, tem a oportunidade de começar a estudar. Revela que seu sonho sempre foi ser professora e enfrentou muitas dificuldades para conseguir atuar em sala de aula.

Em sua narrativa, Flor de Mandacaru, deixa claro sua relação íntima com o espaço das ruralidades. Nasceu e viveu até quase 10 (dez) anos em uma comunidade rural e saiu para morar na cidade por decorrência das dificuldades quanto a trabalho e toda a falta de investimento e de políticas para amenizar os

[172] Pseudônimo utilizado para preservar a identidade da interlocutora/narradora.

efeitos da seca. “Fomos pra cidade para não morrer de fome”, relata ao longo de sua narrativa e acrescenta, de forma muito enfática, que foi arrancada do meio rural, mas que não queria sair de lá. Demarca que sua experiência após formada foi com turmas de Educação de Jovens e Adultos do Programa MOVA (Movimento de Alfabetização) Brasil e também como professora de reforço escolar. No campo de atuação faltava-lhe ainda a contribuição para turmas de ensino médio e a experiência no espaço rural.

É uma professora de emoção aparente e esta sobressai muito mais quando narra o momento em que passa a assumir a sala de aula no ambiente familiar às suas memórias de criança,que se misturavam às memórias de seus pais. Ali naquele lugar ela se reencontra com suas emoções guardadas, elementos que são fortes e escapam na forma de falar ao narrar os fatos que foram se constituindo e construindo nela o ser professora. Na sua relação com as ruralidades, se identifica como “caatingueira” e esse é o primeiro choque de gerações que ela enfrenta ao perceber que os seus jovens alunos não conseguem enxergar tantos potenciais e tantas alegrias naquele lugar.

É uma curiosa e permanente estudante e precisou abdicar de muita coisa por ser mãe solteira:

> eu sou PÃE, que é uma dificuldade maior pra você, às vezes você tem que abdicar de várias coisas pra poder ter uma, dar uma condição maior né, ao seu filho e entre assim, pai e mãe que é de verdade, ele prefere tirar o pão da sua boca pra dar ao filho, e nunca deixar faltar pra ele, então, por causa de alguns percalços nesse sentido eu fiquei estudando apenas em trabalho na escola e aí nunca parei, eu sou curiosa, ficar estudando, qualquer coisa, em todo lugar, o que é possível e aquilo que não é a gente faz ser possível. (FLOR DE MANDACARU, ENTREVISTA NARRATIVA, 2015)

A trajetória narrada pela professora é bastante emotiva e marcada por encontros e desencontros com a ação docente e o diálogo entre as diferentes gerações que na escola vão se constituindo e provocando rupturas.

2 A docência na roça e suas práticas educativas

> [...] mas faltava algo, sempre falta, faltava essa parte do vir para uma área rural. (FLOR DE MANDACARU, ENTREVISTA NARRATIVA, 2015)

A narrativa da professora Flor de Mandacaru é simbolizada por uma série de momentos afetivos com o lugar, o contexto das ruralidades e a significância em sua vida. Ao se apresentar, evidencia logo a dimensão do ser professora em sua vida e o quanto tem sentido para si todas as relações constituídas ao longo desse processo prático e formativo. É muito forte em sua fala a dimensão da busca constante por formação e esse caminhar se faz em sua vida muito fortemente pelo autoformação. A docência na roça para ela sempre foi algo que lhe faltara enquanto pessoa e profissional, tal dimensão demonstra para nós a importância da implicação com o espaço de atuação para dessa maneira provocar a construção de rupturas com aquilo que é dado como pronto no universo da docência.

Diante do exposto, ao analisar a narrativa da professora é possível enveredar a discussão para alguns núcleos de sentido que vão se configurando como a identidade pessoal e profissional dentro das ruralidades e a pertinência dos valores familiares como significativo para a sua formação e o desenvolvimento da profissão e suas condições de trabalho no âmbito das ruralidades. Nesse caso mais específico, pela presença e atuação no ensino médio. Vale ressaltar que as reflexões sobre os núcleos acima apresentados serão discutidas ao longo da escrita desse trabalho.

Iniciemos o debate sobre as dimensões que o ensino médio toma na sua vinculação com a formação dos jovens do nosso país, uma vez consideradas as justificativas para elaboração de novas diretrizes curriculares para o ensino médio estão anunciadas no parecer CNE/CEB no. 5/2011 e dizem respeito a mudanças recentes na legislação e política educacionais, tais como a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) e a ampliação da obrigatoriedade da escolarização. De acordo com as novas diretrizes curriculares para o ensino médio,

> O desencaixe entre a escola e os jovens não deve ser visto como decorrente, nem de uma suposta incompetência da instituição,

> nem de um suposto desinteresse dos estudantes. As análises se tornam produtivas à medida que enfoquem a relação entre os sujeitos e a escola no âmbito de um quadro mais amplo, considerando as transformações sociais em curso. Essas transformações estão produzindo sujeitos com estilos de vida, valores e práticas sociais que os tornam muito distintos das gerações anteriores. Entender tal processo de transformação é relevante para a compreensão das dificuldades hoje constatadas nas relações entre os jovens e a escola. (BRASIL, 2011, p. 13)

Tais questões apontam para se pensar uma escola que dialogue com as perspectivas e anseios que os jovens sinalizam para seu projeto de vida. O ensino médio é aqui compreendido não apenas como o momento de finalização da fase de escolarização, mas como o espaço de mediação entre o que se vive e aquilo que será tomado como futuro em vida. Considerar os estilos de vida, os valores e práticas sociais presentes nas distintas gerações que fazem parte do cotidiano do ensino médio, como apontam as DCEM, é um elemento fundamental para se estabelecer laços com a pretensão de oferecer de fato uma educação significativa.

É lógico que o debate até então circunda na perspectiva de direcionar a formação do jovem para o mundo do trabalho apenas, e não considera aí aspectos de uma subjetividade que também precisa ser considerada para efetivamente constituir elementos que possibilitem a esses sujeitos por si só definirem os rumos que suas vidas irão tomar.

Articular a necessidade de redimensionar o ensino médio no Brasil para atender às demandas contemporâneas tem relação direta com a necessidade de considerar os aspectos contextuais em que a globalização tem forte influência, especialmente no tocante à dimensão das ruralidades. A dimensão de olhar as ruralidades como uma ação contra-hegemônica requer também o pensamento de uma existência a partir das relações com algo que significa a cultura, como não-rural, e outros contextos sociais que estão presentes no espaço e no tempo de desenvolvimento das ruralidades (MOREIRA, 2005). Nesse ínterim cabe a dimensão do extrapolar os estereótipos presentes no imaginário social constituído ao longo da história. Os esforços para articular tais discussões estão presentes na narrativa em evidência no estudo em questão:

> uma das coisas que eu fiquei assim, além de ficar feliz de estar tendo a oportunidade de ensinar fundamental II e ensino médio, era aquela alegria e a satisfação de ser na zona rural, numa área rural, de ter aquele público que eu observava e ai eu vou dizer que no primeiro eu fiquei assim, teve uma pontinha de frustração porque eu vim com aquela alegria, aquela satisfação, achando, eu acho que eu me coloquei, se fosse eu enquanto sou da área rural, enquanto aluna da área rural, eu acho que eu viria assim com uma experiência muito grande da minha vivencia enquanto moradora da área rural e isso vai me ajudar né, eu associar a parte de escola que é pra ter um desenvolvimento maior, eu chego começo a conversar com os alunos, tem sempre aquela história de você conhecer a turma, saber quem são, de onde vêm, um pouquinho da história deles e quando eles chegam pra conversar com a gente, muitos deles, acham que por morar na cidade não sabe nada da área rural, ou o que sabe é muito superficial e ai uma das frases interessantes, eu tinha acabado de ler algo em uma revista onde a pessoa que escreveu , não me lembro agora faz ano, 2010, não me lembro quem escreveu, falava justamente da questão do preconceito rural, em que chegou numa determinada localidade e ao se expressar, é, com o grupo falando sobre caatingueiro, que ele não usou assim questão de ser assim um preconceito, mas caatingueiro por pertencer a um local onde o bioma é a caatinga, e as pessoas o receberam muito mal e não entenderam, interpretaram de forma inadequada, justamente achando que ele estava com preconceito chamando de caatingueiro. (FLOR DE MANDACARU, ENTREVISTA NARRATIVA, 2015)

A ressignificação do rural como espaço singular, porém com atos coletivos e de construção histórica num espaço diversificado é um desafio constante. A interpretação do lugar do atraso e ligado apenas à natureza é uma constante. Ao narrar que o trabalho no rural é a realização de um desejo forte, verbaliza também uma dimensão subjetiva de como percebemos o nosso contexto, às vezes influenciável pelas informações massificadas e que constroem uma visão homogênea do que o lugar, que dificulta a ampliação do olhar para a dimensão do que de fato é o lugar. Outro aspecto que merece atenção é o fato de apontar a dimensão do conhecimento superficial e a reprodução desse conhecimento, sendo uma preocupação grande para em especial quando se trata de trabalhar com o público jovem do ensino médio.

A dimensão curricular em que o ensino médio se pauta deve proporcionar a produção de conhecimento que seja significativo, fazer isso na lógica

curricular vivida no nosso país é de fato evidenciar os territórios de disputas, que toma forma de aspectos que não são claros e denotam a marca colonizadora e hegemônica existente nas práticas educacionais do nosso país, de forma particular no campo. A dimensão do saber é tomada como primordial para o processo de aprendizagem e de significação.

É no ensino médio que ocorre de fato um encontro entre as gerações no processo de ensino e aprendizagem. De um lado os docentes com toda sua carga de experiência e conceitos preestabelecidos sobre a vida e as tendências sóciopolíticas engendradas no seu fazer. De outro, os jovens, cheios de desejo e intento por conhecer o mundo que lhes propõe ousar e mergulhar nas descobertas. Estabelecer um elemento de comunhão entre as duas dimensões vividas por estes sujeitos torna-se então o principal desafio na construção do saber e traz as incertezas apresentadas por Arroyo (2014), reforçando a dimensão do espaço de disputa por poder por ele proposto.

Cabe então, um destaque para a relação que se estabelece entre o professor e o aluno, nesse caso, o jovem, no âmbito do ensino médio e o desenvolvimento de suas práticas educativas. Concebo práticas educativas aqui como o aspecto que vai além do espaço da sala de aula, que provoca a vinculação com os diversos ambientes em que os sujeitos envolvidos no processo produzem saber e a partir daí ressignificam suas experiências.

As práticas educacionais precisam condizer com as particularidades dos sujeitos que dão sentido à existência desse ambiente. A escola toma um lugar de destaque na vida desses sujeitos e acabam assumindo papel importante no processo de construção identitária e formativa e, se essa não for significativa para a vida dos jovens, fatalmente se tornará apenas um ambiente obrigatório no qual eles devem frequentar. É um paradoxo existente e que não pode ser desconsiderado no processo reflexivo ao se pensar em como a escola, na contemporaneidade, chega aos milhares de estudantes e cumpre a sua missão maior, de levar conhecimento, socialização e, acima de tudo, à condição de discernimento nas escolhas que balizarão os projetos de vida diante da sociedade contemporânea. Desta forma, é válido ressaltar que “deve contextualizar o seu objeto para ser pertinente” (MORIN, 1999, p. 39). Como

um dos marcadores na experiência de formação desses sujeitos, a escola tem grande destaque, especialmente a prática pedagógica docente e toda a sua relação com o cotidiano vivenciado pelos jovens que estão imbricados no campo.

> [...] se hoje dissesse assim, com o conhecimento que você tem e as condições que estão ne, no interior agora que graças a Deus com todos os investimentos que toda forma tem ai, vem projetos onde a pessoa trabalha ali e vive ali mesmo, eu digo a você, se eu tivesse a escolha, eu voltaria para a área rural, mas como eu estou aqui e estão me dando a oportunidade, enquanto aqui eu puder continuar, daqui eu não saio, daqui ninguém me tira. (FLOR DE MANDACARU, ENTREVISTA NARRATIVA, 2015)

O comprometimento com o seu lugar ou o reconhecimento de suas pontencialidades somente serão válidos se fizerem parte do seu cotidiano. A formação docente não pode ficar então deslocada dessa premissa, ao mesmo tempo em que não pode se fechar na formação inicial. Somente o processo contínuo de reflexão na prática sobre a prática possibilitará ao sujeito docente ressignificar o seu fazer. Tal premissa tem garantia na legislação brasileira e não se pode furtar esse direito a esse público, sendo necessário "levar em consideração os elementos das intersubjetividades no processo de formação, considerando o que o sujeito constrói enquanto sujeito singular" (REIS & SANTOS JUNIOR, 2013, p. 142).

O diálogo aqui evidenciado é algo que salta a todo instante na fala da professora e nos provoca a construir reflexões constantes de o quanto a sua prática é formativa e que traduz em sua vida uma necessidade emergente de manter um diálogo permanente com as mudanças que se dão no âmbito das relações entre o professor e o aluno, de maneira particular no ensino médio. A dimensão de como os diálogos se estabelecem considerando o vivido e experienciado por cada sujeito, denota uma dimensão subjetiva que alavanca possibilidades novas para o encontro e o desencontro nas ações da docência:

> [...] você olha assim e observa a diferença que é o jovem, o desejo que é o jovem também da localidade rural, mas diferente de outra localidade e também a visão errônea que muitos de nós da cidade temos desses jovens, a gente muda, acha que muitos deles são totalmente longe da realidade, não são antenados, não

> sabem frequentar as redes sociais, não tem contato com a internet de modo geral, que falar pra eles computador é uma coisa do outro mundo, não é! Chegar pra eles e falar a respeito do que é moda pra eles, não é, eu chegava aqui, eu sou muito, eu sou curiosa e queria saber como eles observam a gente, ai eu sou muito de observar, e ai eu chegava assim, gente, eu tenho que me atualizar. Por que professora? Eu estou muito, muito desatualizada e outra coisa, eu sou muito antiquada, vocês são antenados demais. (FLOR DE MANDACARU, ENTREVISTA NARRATIVA, 2015)

Ao considerar que é preciso conhecer bem o seu aluno para assim garantir que ele consiga avançar no aprendizado, uma vez que o conteúdo irá dialogar diretamente com a vivência dele, é uma dimensão do fazer na docência que toma outra característica ou viés no processo formativo. Nesse sentido vai de encontroà lógica da aprendizagem significativa e contextualizada já mencionada ao longo do texto. Porém, com maior destaque no que se refere a produzir no sujeito não apenas o conhecimento sistematizado e com vistas à inserção no mercado de trabalho. O desafio para a ressignificação da prática docente e do processo formativo está exatamente na garantia de que os sujeitos envolvidos no processo formativo possam por eles mesmos pensar e construir suas dimensões teóricas, romper com os seus paradigmas e/ou elaborar novos. A ruptura não se dá de maneira simples e imediata, é um processo longo no encontro de si.

Aspectos conclusivos para o momento

Durante toda a narrativa, a professora constrói um diálogo permanente com o seu processo formativo entrecruzado com as suas vivências no labor cotidiano da sala de aula e e com as relações familiares, sociais e culturais em que está inserida. Demonstra com muita clareza a pertinência a influência do contexto para o desenvolvimento de sua prática. Alguns marcadores temporais são usados para tecer a narrativa, considerados assim, como os fios que constituem o tecido de sua fala. Ao partir das relações familiares e de seu vínculo com o espaço rural começa a demarcar uma construção subjetiva própria que a lança para a busca contínua do entendimento de si em detrimento das relações com os outros.

Num processo de alteridade constrói uma prática profissional em que não se deixa abater ou intimidar com as dificuldades lançadas ao longo de sua

constituição profissional. Em todas as suas experiências, demarca muito claramente a importância da atuação no ensino médio e fortalece dessa maneira a emergência necessária de se voltar o olhar para o ensino de jovens, uma vez que se trata da finalização de um ciclo inicial da formação escolarizada nas sociedades contemporâneas. Ao narrar o momento em que atua no ensino médio demonstra satisfação profissional, e após trabalhar em todos os níveis e modalidades de ensino, a experiência do trabalho no campo é marcante. O que isso significa para a profissão e para a vida da docente: "[...] e aí quando chega aqui eu ensinando em fundamental II e aí chega essa oportunidade de ensinar no médio e a minha felicidade destes anos todos até 2013" (FLOR DE MANDACARU, ENTREVISTA NARRATIVA, 2015).

Provocar um diálogo profícuo entre docente e jovem é apresentado aqui como uma das maiores intervenções e necessidade para que o ensino médio surta de fato efeito na formação destes sujeitos e essencial para o desenvolvimento da profissão docente e o desenvolvimento formativo destes sujeitos. A junção de experiências distintas de uma mesma geração dificilmente é possibilitada através de um diálogo mediado com facilidade, o desafio é potencializado, assim, quando os tempos e vivências se cruzam no mesmo ambiente. Possibilitar ou ampliar o diálogo intergeracional é para este trabalho o maior elemento elucidativo da dimensão formativa dos sujeitos envolvidos no processo formativo. Inferir possibilidades de ampliação do conhecimento pela via de estreitar esses laços e aproximá-los do contexto em que se vive e ampliá-lo para a dimensão curricular e pedagógica é a mola mestra para mudanças e quebra de paradigmas no âmbito educacional. A ruptura com os vínculos e amarras que não permitem o encontro com as subjetividades tona-se a possibilidade de crescimento e avanço no âmbito da educação ofertada para o ensino médio nas ruralidades.

Referências

ARROYO, Miguel. Repensar o Ensino Médio: Por quê? In.: *Juventude e ensino médio:* sujeitos e currículos em diálogo / Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia, organizadores. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BERTAUX, Daniel. *Narrativa de vida*: a pesquisa e seus métodos. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante; Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n. 5/2011. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 jan. 2011. Seção 1, p. 10.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação*: figuras do individuo-projeto.Tradução de Maria da Conceição Passeggi; João Gomes da Silva Neto;Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

MOREIRA, Roberto José. Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação. In: MOREIRA, Roberto José et all (Orgs.). *Identidades sociais:* ruralidades no Brasil Contemporâneo. RJ: DP&A, 2005.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. tradução Ana Paula de Viveiros. - Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

OLIVEIRA, Adelson Dias de. *Jovens no Semiárido Baiano*: Experiências de Vida e Formação no Campo. Salvador, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2014.

PIMENTEL, Álamo. *O encontro e a troca***:** ensaios antropológicos do aprende e genealogias do conviver. Salvador: EDUFBA, 2013.

REIS, Edmerson dos Santos. SANTOS JUNIOR, Paulo Anunciação dos. Da praxis à fundamentação: elementos para pensar a relação Educação do Campo e o desenvolvimento local. In.: *Educação do Campo e contemporaneidade*. Antônio Dias Nascimento, Rosana Mara Rodrigues Chaves, Maria Dorath Bento Sodré (Orgs.) Salvador: EDUFBA, 2013.

SOUZA, Elizeu. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Revista Educação*. Santa Maria, v. 39, n. 01, jan/abr, 2014, p. 39-50.

A ARTE DE LER EM ESPANHOL: UM OLHAR INOVADOR PARA A SALA DE AULA.

Taynan Cavalcante Araújo *[173]

Dayane Rafaela Pereira Coelho *[174]

Resumo:

Estudar uma língua como o Espanhol não é somente seguir uma tendência internacional de valorização do idioma, significa oportunizar a participação em uma sociedade e a capacidade do indivíduo de estabelecer interações cada vez mais rápidas e com um universo de pessoas cada vez maior. É através da construção da leitura que permite as formas de comunicação (orais ou escritas) nos processos de ensino-aprendizagem de Língua Espanhola. Assim, o nosso objetivo com este trabalho é abordar a importância da utilização da leitura em espanhol nas aulas de Língua Estrangeira. Nossa base teórica está fundamentada na perspectiva de Miñano Lópes (2005); Picanço(2010); e Villalba (2010) baseando-se na compreensão de que em toda aula, professores e alunos estão construindo modelos de aprendizado e compreensões particulares do que está envolvido na aprendizagem sobre como aprender uma nova língua através da leitura. A discussão será em torno das *estratégias de lectura* trazidas por Miñano Lópes (2005), que apresentaestratégias didáticas para a sala de aula de línguas, dialogando com as perspectivas de Picanço e Villalba (2010) que entendem a leitura como um processo cultural e que parte da inferência de cada aluno. Concluímos que a leitura é um processo cognitivo e que envolve habilidades linguísticas e extralinguísticas. Portanto, faz-se necessária uma reflexão sobre os mecanismos que possam auxiliar um aprendiz da língua nesse desafio trazido pela leitura.

Palavras-chave: Leitura. Língua Espanhola. Ensino-aprendizagem. Interação.

Abstract:

Studying a language like Spanish is not only follow an international trend of language appreciation, means to create opportunities to participate in society and the individual's ability to forge ever faster interactions and a universe of increasing people. It is through the construction of reading that allows forms of communication (oral or written) in Spanish language teaching-learning

[173] Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina-PE. Graduanda em Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas literaturas. E-mail: taynanaraujo2010@hotmail.com

[174] Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina-PE. Graduanda em Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas literaturas. E-mail: dayaninhacoelho@hotmail.com

processes. So our goal with this study is to discuss the importance of using reading in Spanish in foreign language classes. Our theoretical basis is based on the perspective of MIÑANO LÓPES (2005); PICANÇO (2010); and VILLALBA (2010) based on the understanding that in every class, teachers and students are building individual learning models and understandings of what is involved in learning about how to learn a new language through reading. The discussion will be around lectura strategies brought by MIÑANO LÓPES (2005) as didactic strategies for the language classroom, talking with prospects PICANÇO and VILLALBA (2010) who understands reading as a cultural process and that part of the inference of each student. We conclude that reading is a cognitive process that involves many player skills such as linguistic and extralinguistic, therefore, a reflection on the mechanisms that can help a language learner this challenge brought by reading it is necessary.

Keywords: Reading. Spanish Language. Teaching and learning. Interaction.

Introdução

Não tem como falar de língua espanhola sem citar o seu grande desenvolvimento nos territórios brasileiros. O idioma espanhol é de suma importância para nós brasileiros e sua situação hoje no Brasil é de grande bonança e não se diferencia muito do inglês, que é uma língua mundial. Isso faz com que fiquemos alerta quanto o seu uso e ao futuro que nos espera, pois o aprendizado do espanhol pode trazer para os brasileiros uma carga de aprendizagem que o deixará dois passos à frente das demais pessoas no que se refere ao lado profissional (já que o domínio de uma segunda língua permitira estabelecer comunicações com um universo de pessoas cada vez maior). Como vimos, o idioma espanhol tem crescido e se aproximado cada vez mais no cotidiano dos brasileiros, e é a partir desse desenvolvimento em relação ao idioma, que as escolas estão inserindo o mesmo na meta de ensino.

O desenvolvimento da compreensão leitora é uma das atividades mais complexas e necessárias na vida do aluno. Então, podemos dizer que é tarefa da escola juntamente com os professores, utilizar meios que atraiam e motivem os alunos neste processo que muitas das vezes não é valorizado pelos mesmos, sendo algo relativo e referente a que tipo de leituras estão sendo trabalhadas, com o intuito de chamar e atenção dos docentes. Para o ensino da língua espanhola os professores enfrentam dificuldades, como a falta de recursos para o desenvolvimento do idioma, o que dificulta essa socialização entre ambas (leitura e língua espanhola).

A leitura está constantemente em nosso meio, não passamos um dia sequer sem utilizá-la. Porém, não é porque temos esse contato diariamente com a leitura que lemos todos os textos, ou que tenhamos um habito contínuo em relação à mesma. É a partir daí que entra o papel dos professores, porque eles têm que levar para a sala diferentes tipos de textos para que quando os alunos os encontrem possam identificá-los, compreendendo a maneira correta de ler e desenvolver a partir daí a sua habilidade leitora (não ler porque tem que ler, mas entender o que foi lido). É de grande importância que o aluno tenha um conhecimento dos diversos gêneros textuais presentes na vida dele. É através da construção da leitura e da compreensão leitora que se dão as formas de comunicação (orais e escritas) nos processos de ensino-aprendizagem da Língua Estrangeira.

A leitura é um processo cognitivo e que envolve muitas habilidades do leitor, tais como as linguísticas e extralinguísticas, portanto, faz-se necessário uma reflexão sobre os mecanismos que possam auxiliar um aprendiz da língua nesse desafio trazido pela leitura, tais como as estratégias (cognitivas, metacognitivas e de inferências) que são utilizadas para o ensino de qualquer língua visando a alcançar o objetivo de desenvolver meios para que o assunto trabalhado venha a ter um rendimento positivo.

Muitas das vezes os alunos se sentem confusos quando se deparam com situações de comparação em relação à sua língua de origem e com uma língua estrangeira, com isso nos faz refletir a partir das dificuldades que os mesmo enfrentam para conseguir desenvolver a oralidade em outra língua estrangeira (LE), já que existem algumas semelhanças na pronúncia, escrita e significado. Estudar uma nova língua é um pouco complexo, mas não impossível, sendo que a relação do ensino de dois idiomas possibilita o desenvolvimento de varias habilidades, inclusive a leitora. Tanto no processo de ensino da língua materna como em LE.

Uma abordagem sobre *La Compriensión Lectora*

O desenvolvimento da *comprensión lectora* é de fundamental importância quando se trata do ensino da língua espanhola, pois ela é responsável por

facilitar ao leitor o reconhecimento das palavras e para o desempenho que a mesma traz no avanço das funções sociais presente na vida dos alunos e dos usuários de LE.

> "[...] Al mismo tiempo, la lectura constituye una herramienta imprescindible para el desarrollo de la vida académica, también en el ámbito de la enseñanza de una segunda lengua (L2), y no solo tomada como destreza específica." (MUÑOZ, 2005, p. 943)

A leitura permite construir uma memória pessoal a partir das experiências vivenciadas pelos leitores trazidas pela leitura e até mesmo por recordações relatadas no texto por outras pessoas, como afirma Piglia (2000, p.53) "La lectura es el arte de construir una memoria personal, a partir de experiencias y recuerdos ajenos."

A leitura é uma das modalidades complexas e essenciais para o desenvolvimento das atividades linguísticas, sendo considerada multidimensional no processo leitor, fazendo-se necessária a compreensão prévia dos leitores em reconhecer as palavras e o seu significado. "La comprensión lectora se entiende como un proceso guiado exclusivamente por el contenido explícito y los aspectos formales presentes en el texto." (MUÑOZ, 2005, p.945).

Antes mesmo de ser trabalhada a leitura em LE, é preciso conhecer as opções textuais contidas na língua materna do aluno, para que possa desenvolver estratégias com o objetivo de facilitar a sua compreensão através de textos que já conhecem, evitando fugir do contexto e da realidade do mesmo.

Segundo a perspectiva de Solé (2001) há modelos de leituras ascendentes e descendentes. As leituras ascendentes são aquelas que se referem ao processo de decodificação do texto, em que o leitor identifica as letras, palavras e frases até conseguir compreender o sentido global da unidade, partindo de componentes menores até os mais importantes. Já o modelo descendente busca palavras globais ou frases, para depois realizar uma análise dos elementos que o compõem, é a partir da hipótese e das antecipações prévias que o texto se processa para sua verificação. Com isso, se desenvolve o processo interativo, que é ao mesmo tempo ascendente e descendente. Atualmente os modelos

ascendentes e descendentes caíram em desuso e foram superados pelo modelo interacionista,segundo o qual uma pessoa para ler precisa dominar a decodificação para interpretar o texto e não somente repeti-lo de forma mecânica.

O processo de interação entre leitor, texto e aprendiz põe em jogo vários elementos, como o contexto, os conhecimento prévios que o leitor possui sobre o texto e sobre o mundo, e as informações que facilitam a compreensão do mesmo,considerando a compreensão leitora como um processo interativo (leitor e texto).

Faz-se necessária a importância dos conhecimentos preliminares na compreensão de um texto,como o conhecimento de mundo que está relacionado à experiência de vida do leitor (o que viu, leu, ouviu...), e que muitas das vezes permite a esse leitor dialogar com o texto, quando há referência a fechos históricos, mitológicos, crenças e folclóricas. O conhecimento linguístico é aquele conhecimento relativo aos mecanismos de funcionamento da língua (gramatical lexical e semântico). E o conhecimento textual trata de um conjunto de noções e conceitos do texto que se constituem a que tipo de texto se trata (narrativo e entre outros).

Estratégias didáticas no processo de *Comprensión Lectora*

É necessário reconhecer a importância de utilizar estratégias para o desenvolvimento da *comprensión lectora,* visando manter um equilíbrio entre o ensino e o aprendiz, para que o mesmo possa se comunicar fora de aula, e no ato da leitura (texto e leitor).

Algumas das estratégias em destaque são as cognitivas, metacognitivas e as de inferência (leitora) quando as operações mentais inconscientes agem automaticamente quando se inicia a leitura, sendo elas consideradas uma forma de alcançar o desenvolvimento da *comprensión lectora*.

> "Distinguimos, por tanto, las estrategias lectoras como aquellos procedimientos que se llevan a cabo con el propósito de comprender lo que se lee, ya sean técnicas

> conscientes controladas por el lector, o bien, operaciones mentales inconscientes que se ponen en marcha automáticamente cuando se inicia la lectura". (MIÑANO LÓPEZ, 2OOO, p.28)

As estratégias cognitivas são aquelas que estão relacionadas ao saber (inteligência) e raciocínio do aluno. As metacognitivas são as metas desenvolvidas para alcançar o objetivo em compreender determinado assunto, e as de inferência são aquelas que facilitam o entendimento do aluno. Compostas por três requisitos, as de mundo são referentes aos conhecimentos prévios do aluno; o textual é a estrutura do texto, que facilita o reconhecimento do tipo de leitura que será realizada; e o linguístico está relacionado ao conhecimento que o aluno possui da língua estudada e também da sua própria língua, no campo lexical, semântico e gramatical, o que muitas das vezes faz com que o aluno realize uma interpretação equivocada do significado das palavras (denominadas comocognados equívocos ou falsos amigos).

Sendo utilizadas com o intuito de facilitar a compreensão do aluno, em que o professor(a) irá se apropriar das estratégias para elaborar meios que conduzam o alunado a conseguir se desenvolver no processo de *comprensión lectora*, permitindo que o mesmo entenda o que foi lido, utilizando dicionários monolíngues (língua materna e língua meta) para se estabelecer conexões lexicais.

Muitas dessas estratégias se ativam durante a pré-leitura, visando despertar a motivação no leitor para que o seu desenvolvimento seja proveitoso no processo de compreensão leitora. Quando combinadas todas as estratégias, o índice de ter um bom resultado aumenta, pois serão trabalhadas de forma adequada, as habilidades dos alunos referentes à leitura.

Desenvolvendo "um olhar inovador"

É notável perceber que tanto o professor como o aluno possuem suas particularidades em relação à leitura, ou seja, o que para um pode parecer uma leitura interessante, para outro pode não parecer tanto. É isso que muitas vezes dificulta trabalhar a leitura em sala de aula. Sendo assim, quando o professor

perceber que não está conseguindo “atrair” a atenção e o interesse do aluno, cabe a ele buscar meios que atraiam a atenção dos alunos, fazendo com que o aprendiz ache aquilo interessante. Sobre isso, BAZERMAN afirma:

> [...] “É fácil perceber o interesse apenas por idiossincrasia de gosto que pode adicionar um pouco mais de atenção e energia à tarefa de leitura. Poderíamos pensar que se conseguíssemos aproveitar daquela atenção e energia de nossos estudantes, as aulas seriam mais tranquilas, as lições progrediriam um pouco mais rapidamente e estaríamos todos mais felizes enquanto estamos juntos em sala de aula.” (BAZERMAN, 2006, p. 45)

Sendo assim, não pode dizer que todos são homogêneos, pois cada um possui seus gostos e interesses em relação à leitura, já que a mesma é considerada um processo complexo, justamente por ser muitas das vezes ignorada pelo o aluno, quando o contexto não o interessa ou a sua compreensão se torna um processo trabalhoso.

Nem sempre os alunos percebem o valor da leitura realizada em sala de aula. Para atrair a atenção do aluno, o professor deve desenvolver meios que condizem com os conhecimentos prévios que permeiam a vida do mesmo. Se pararmos para refletirmos, em relação a encontrar meios que despertem a atenção do aluno referente à leitura em sua língua materna já é complexo, imagine essa reflexão voltada para uma língua estrangeira, no caso o idioma espanhol.

É a partir dos conhecimentos prévios que permeiam a vida do aluno que se desenvolverá novas estratégias que venham a estimular as habilidades leitoras do mesmo, estratégias essas que cabe ao professor, observar o seu alunado e ver que tipos de textos ele poderia levar para a sala, sendo que nem sempre ele vai alcançar cem por cento da aceitação dos mesmos. MUÑOZ afirma que, “se aboga por la incorporación definitiva de materiales auténticos que respondan a las necesidades e intereses reales del aprendiz”.(MUÑOZ, 2005, p. 957) Sendo assim, é necessário desenvolver meios para que os alunos compreendam o sentido do texto e não somente a sua estrutura.

> “Nuestra intención no era otra que despejar el camino que nos conduce a saber mejor como diseñar actividades eficaces para mejorar la destreza lectora de nuestros aprendices. (...) En primer paso es establecer claramente

> cuáles son nuestros objetivos generales respecto a lo que a la comprensión lectora se refiere. Así mismo es importante valorizar y avaluar al principio del curso la situación de partida de los alumnos en relación con la comprensión lectora". (MUÑOZ, 2005, p.958)

É muito comum perceber que a maioria dos professores de língua estrangeira dá mais relevância ao ensino de classes gramaticais do que ao ensino de diferentes gêneros textuais, fazendo assim com que a leitura em sala de aula seja descartada do seu planejamento. É muito raro encontrar hoje nas aulas de língua estrangeira a presença de textos literários que permitam que o aluno utilize as estratégias de leitura para sua compreensão, textos que aproximam o aluno da realidade à qual pertence.

> [...] a língua estrangeira não é simplesmente matéria escolar a ser aprendida, mas tem função educacional, e um dos seus papéis mais importantes, o de expor os alunos a outra língua a partir de uma óptica menos instrumental, poderá ajudar, entre outras coisas, a interferir positivamente na relação que os estudantes brasileiros guardam com a própria língua, em especial com a escrita. (BRASIL, 2006, p. 133)

Podemos então citar um gênero literário bastante conhecida na nossa cultura nordestina brasileira: A *literatura de cordel*. A presença desses gêneros textuais na sala de língua estrangeira, no caso de língua espanhola, acaba motivando e despertando ainda mais o interesse do aluno para a leitura, já que bastantes conhecidos eles podem se tornar grandes aliados nas estratégias de leitura e na compreensão leitora, pois os mesmos abordam temas da vida cotidiana dos alunos fazendo com que eles reconheçam a própria realidade, facilitando assim uma maior interação entre o aluno e o texto e entre o professor e o aluno.

Ao pensarmos sobre temas de leitura que chamem a atenção do aluno, é importante abordar assuntos que estão relacionados com a confiança que os alunos sentem em si mesmos na hora de ler textos em espanhol, no caso, leituras que permeiam a vida do aluno com o intuito de motivá-los. Podemos citar um cordel em LE, que interessante seria, uma literatura popular e conhecida. Sendo trabalhado em língua estrangeira, no idioma espanhol, despertaria a curiosidade em relação à estrutura e à entonação quando realizada

a leitura. Observe esse pequeno trecho do cordel “Uma aventura na Amazônia” de Marcos Mairton que foi traduzido por Pedro Arenas para o espanhol:

Yo sé que los niños de hoy
Temprano en la escuela aprenden
Sobre las cosas de la naturaleza
Y entonces ellos comprenden
Que los animales de la selva
No deven ser maltratados
Y ni tampoco cazados.

A pesar de esto, aún existen
Hombres mal acostumbrados,
Que capturan los animales
En la selva encontrados
Para llevarlos a la ciudad
Para vivir sin libertad,
Tristes y encadenados. [...]

Segundo Muñoz, ao realizar a leitura, o professor precisa permitir que os alunos leiam o texto, conhecendo a estrutura, identificando as palavras, treinando a pronuncia, para depois partir para uma leitura coletiva e até mesmo em voz alta. Muitas vezes acontece o contrario, todas essas fases são ignoradas, o que faz o aluno ler mecanicamente sem dar sentido ao que está sendo lido.

Conclusão

A partir do que foi exposto, ficou evidente o quanto é relevante o trabalho escolar em língua estrangeira, no nosso caso espanhol, e que a mesma não serve somente para “preencher” a carga horária escolar do aluno, como alguns professores vêm utilizando-a. O ensino da língua espanhola vai muito além de uma mera disciplina. É Através do ensino-aprendizagem da língua que é possível abordar temas que fazem parte do cotidiano dos alunos, temas próximos da realidade a qual pertencem, fazendo com que se proporcione uma aproximação não só de conhecimento da língua, das suas classes gramaticais e estrutura de texto, mas também cultural e aprendizagem do aluno na língua estrangeira.

Podemos então concluir que a leitura é um processo cognitivo e que envolvehabilidades linguísticas e extralinguísticas do leitor. Portanto, faz-se necessário uma reflexão sobre os mecanismos que possam auxiliar um aprendiz da língua nesse desafio que a leitura nos traz, permitindo que o mesmo possa

estabelecer comunicações com um universo de pessoas cada vez maior a partir do uso de LE. Essa tarefa cabe ao professor. Cabe a ele buscar textos de fácil compreensão para os alunos, e cabe a ele também ter esse olhar inovador, esse olhar intercultural, para que através desses métodos possa atrair e despertar o gosto do aluno para a leitura, pois é através dela que os alunos desenvolvem suas habilidades leitoras.

Referências

BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 7.ed. Campinas: Pontes, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Machado y Bezerra (org.). Gêneros textuais e ensino, Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MUÑOZ, R. A. La Comprensión Lectora. In: SÁNCHEZ, Jesús Lobato; GARGALLO, Isabel Santos(Dirs.). Vademécum para la formación de profesores. Enseñar español como segunda lengua (L2) Madrid, SGEL, 2005.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998

O ENSINO DA LEITURA E DA LITERATURA: RASCUNHOS DA EXPERIÊNCIA DE CADA DIA

Maria Aparecida Ventura Brandão

Ms. em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Prof. Assistente da Disciplina de Teoria da Literatura da Universidade de Pernambuco - UPE - Campus Petrolina-PE

A Ideia do Rascunho

Este texto traz como objetivo refletir sobre o cenário de atuação do professor de literatura a partir de quatro demandas históricas e conceituais a que subjazem os debates acerca da realidade circundante à docência nesse cenário. Assim sendo, essas abordagens filiam-se à história da literatura, ao currículo escolar no que tange ao lugar que a literatura ocupa nesse currículo, a secular e difundida crise do ensino da leitura em discursos que ganharam eco em todo o território nacional e as orientações metodológicas permanentemente revisitadas por teóricos e estudiosos na tentativa de oferecer um norte às práticas educativas assentadas na prática docente do professor de literatura. Esse quadro de elementos que, dentre outros, compõe o cenário dos estudos literários, encontra-se espraiado neste capítulo, não necessariamente na relacionada linearidade ou ordem, mas num entrecruzamento de vozes, que traduzem os propósitos deste texto, pois segundo Gullar (1999):

> (...)
> estamos todos nós
> cheios de vozes
> que o mais das vezes
> mal cabem em nossa voz
> (...)

As demandas acima mencionadas não foram abordadas de forma isolada, mas a partir da interlocução com outras questões, que confluíram para a deflagração do processo de ensino aprendizagem no campo da literatura, como por exemplo, o uso das tecnologias da informação e da comunicação, que têm, de um lado, concorrido para as fragilidades do processo de ensino-aprendizagem, e por outro lado, para o avanço das condições de melhorias dessa qualidade. Trata-se, portanto, de uma análise conjuntural em que a ausência de alguns elementos acena para a crise do ensino e a presença desses mesmos

elementos, em alguns cenários, coaduna-se ao bom andamento das ações pedagógicas.

> *E era preciso optar, cada um optou*
> *Conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*
> (Verdade Dividida- Carlos Drummond de Andrade)

No decorrer de três décadas de experiência com o ensino da literatura, deparamo-nos com muitos relatos de colegas professores acerca das dificuldades com a docência neste campo. Testemunhamos muitos conflitos, inseguranças, pedidos de ajuda e questionamentos no tocante ao "como" e a "o que" ensinar em literatura, já que, no caso da gramática, tudo era mais simples em sua aplicabilidade. A gramática e suas investidas cartesianas "legitimava e dava identidade à figura do ser professor de português". Isso nos motivou a buscar, por meio de pesquisas, as inúmeras razões ou variáveis que deram suporte à produção desse cenário, e que no momento passamos a relacioná-las: despreparo do professor; ausência de uma concepção do ensino da literatura em sala de aula voltada para seu alinhamento com as questões circundantes na sociedade, deficiência na formação advinda dos Cursos de Letras e falta de formação continuada, entre outros, configuram a paisagem do ensino da literatura.

Essas questões, em estágios de permanente recorrência em pesquisas no âmbito da literatura, principalmente a partir dos anos 70, quando as pesquisas nesse campo começaram a aparecer, têm sido apontadas como fatores que contribuíram e continuam contribuindo para a existência dos fossos existentes no ensino da literatura. Mancinelli (1995), ao realizar seus estudos, aponta que recai sobre o professor uma maior responsabilidade política e social principalmente no tocante ao ensino de matérias humanísticas, na medida em que este forma novos professores, abrindo, assim, um leque de possibilidades que se assemelha a uma progressão geométrica. Nessa ambiência, o autor conclui que as sociedades do futuro serão determinadas pela nossa consciência ou pela ausência dela, como uma forma de responsabilidade sobre nossas ações.

Contudo, para além dessa questão, acrescentemos ainda recortes da história do ensino da literatura no Brasil como um tópico das crises vivenciadas ao longo do processo educacional. Historicamente, fomos ao longo dos séculos interditados em larga escala do ato de ler por razões políticas e mercadológicas.

As primeiras por ter sido a leitura controlada pelo Estado e sua perversa ordem social, e, a segunda pela política econômica de aquisição do livro. Essas infundadas razões continuam respondendo à formação do quadro esvaziado de leitores em nossa sociedade. Nesse contexto enquadram-se não somente alunos, mas professores em pleno exercício do Magistério.

Uma das questões mais ventiladas pelos professores diz respeito à formação do gosto pela leitura literária. No cerne dessa questão encontra-se o desafio da leitura dos clássicos da literatura. Tornou-se comum ouvirmos que a leitura de Machado de Assis e outros representa uma tortura para o aluno. Como então, encontrarmos saídas para essa questão?

Temos solução? Temos estudos que precisam ser feitos. Assim sendo, conduzimos essas reflexões pelo estatuto teórico ancorado nas visões de Bakhtin (2000) e sua cosmovisão sociointeracionista e dialética do ensino da literatura em vertentes do dialogismo nos múltiplos tempos de produção literária. É em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, que há uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos e, que, é num determinado ponto do desenrolar desse diálogo ao sabor de sua evolução, que esses sentidos serão rememorados, renascendo de forma renovada. Por princípio, sentimos ser esse um dos desafios do ensino da literatura: como fazer renascer os sentidos expressos em uma obra literária escrita em tempos remotos ao nosso?

Nesse sentido, pesquisas têm nos apontado que o professor precisa optar por uma base teórica para dar sentido e pertinência ao seu trabalho pedagógico. Toda pedagogia enseja por uma teoria que sustente sua prática.

E vej,a professor, ainda não estamos falando de metodologia – atitude assumida por uma teoria subjacente que dá sustentação a todo o processo de ensino. Não existe metodologia solta ou advinda de um empirismo aleatório. É necessário que haja a condução de uma postura conceitual assumidamente teórica para a efetivação de uma docência eficaz voltada para a formação desse leitor literário, que pretendemos formar. Só assim toda metodologia cumprirá e definirá bem sua ação. Afinal, que teoria me situa no campo do nosso objeto de ensino? Como pretendemos que o nosso objeto de ensino influencie na maneira de agir e de viver dos nossos alunos? O que pretendemos que o nosso objeto de

ensino faça com os nossos aprendizes? Como gostaríamos que de esses desenvolvessem atitudes herdadas pelo sentido e pela consequência das obras que lê? Essas e outras questões, irão ajudar ao professor a encontrar o fio da meada que tantos outros buscam. Ou seria o fio de Ariadne numa versão mais metafórica?

Isso, segundo estudos realizados, configura-se como os grandes desafios enfrentados pelo professor de literatura: Como fazer renascer uma obra produzida em tempos tão remotos à nossa contemporaneidade? A questão torna-se complexa à medida que o professor se percebe entre esses dois extremos que, mesmo distantes, se complementam: o passado e o presente. Este último é o que pulsa à sua volta, e é resultante de uma certa indisposição do aluno diante da indicação de leitura para uma determinada obra.

Segundo pesquisa realizada por Brandão (2004, p. 184), o professor tem demonstrado preferência por leituras no gênero de autoajuda ou mais técnicas pelas fichas de leitura e pelos manuais didáticos que trazem sugestões de atividades que possam ser vivenciadas em sala de aula. Em seu estudo, a autora infere que esses gêneros textuais pouquíssimo corroboram com a alteridade de uma proposta pedagógica que dê sentido ao ensino da literatura.

Assim, o que percebemos principalmente no manuais didáticos é um certo desalinhamento com as teorias de ensino. Trata-se de manuais técnicos, com orientações metodológicas e portanto tecnicistas, sem uma linha teórica de pertinência para o trato com a literatura quando essa pede uma didática do imaginário sim, contudo aliada às contingências históricas, políticas, sociais e lúdicas, entre outras.

Enquanto o professor não se situa numa teoria, o aluno vai mergulhando no mundo das imagens da TV, no ritmo do *funk*, no mundo dos heróis fantasmagóricos com seus super e ilimitados poderes, operando as máquinas alucinadas, dos eletro eletrônicos digitais, melhor dizendo, no inevitável mundo da internet e sua programação acelerada. Esses aspectos têm colocado o professor frente aos desafios de um século em constante movimento e transformação.

É, pois, nesse sentido, que defendemos o sociointeracionismo por seu caráter de justaposição com os tempos sucessivos da história, o que "consiste em não se romper com o passado, mas em depurar seus elementos" (SCHWARS,1989, P. 11).

Ao lidar com a literatura o professor que trilha a linha do sociointeracionismo proposto por Bakhtin, faz viver o diálogo em sala de aula, promovendo, assim, a relação interlocutora entre texto, autor, obra e tempo, sem dispensar a cultura, os valores, as crenças e as visões do aluno num dialógo direto e aberto com as vozes presentes na obra e na sociedade que o situa. Nisso reside também a plifonia do texto literário. A voz do aluno preisa ir ao interior do texto para atribuir-lhe sentido, marcando um encontro de vozes: as vozes do leitor e as vozes que fazem o texto. E, ainda mais, proporcionar o encontro entre as obras, onde uma dialoga com a outra, suscitando assim a criação de renovado diálogo e rede de ideias, de tempos e de histórias.

Percebemos, a partir dessas proposições, que se torna imprescindível que o professor traga a compreensão, segundo Moisés (1978, p. 59), de que:

> Em todos os tempos, o texto literário surgiu com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da e na literatura. Basta lembrar as relações temáticas e formais de inúmeras grandes obras literárias imediatamente anteriores que lhes serviam de modelo estrutural e de fonte de citações, personagens e situações (A Divina Comédia. Os Lusíadas, Dom Quixote, etc)

Um outro fator preponderante, que vimos percebendo, diz respeito ao papel das Universidades, principalmente daquelas que ofertam cursos de formação de professores, em relação ao seu egresso. Em todos os semestres são lançados, para atuarem no mercado de trabalho, números significativos de professores. No entanto, a Universidade dá como encerrada sua missão na graduação, no ato da colação de grau do aluno, exprimindo um caráter de terminalidade ou descontinuidade de suas ações. O mesmo ocorre com a pós-graduação. Isto é, não percebemos uma política de parcerias entre o mercado de trabalho e os Cursos que formam professores. É importante a compreensão de

que o *feedback* que os cursos de formação de professores esperam é a escola para a qual seu produto é encaminhado.

Para romper com essa realidade, a Universidade precisa rever o papel da extensão: ssa, como um dos vieses de sua estrutura falha, ao se eximir de cumprir a função de acompanhar seu egresso, fazendo, assim, avolumar sua dívida com as demandas que lhe são oriundas. Isso implica a negação ao direito de apropriação dos novos paradigmas da educação e a permanente reflexão sobre outras metodologias, sobre práticas inovadoras e seus multimeios de ensino.

Mesmo o passar dos tempos e as reformas na educação não foram suficientes para que pudéssemos visualizar grandes transformações nas práticas e nos currículos escolares, visto que continuamos sentindo, como docentes da cadeira de Teoria da Literatura, de Literatura Brasileira e como formadoras de professores da Rede Estadual de Ensino, que o Professor ainda privilegia a gramática em detrimento da literatura.

Por assim dizer, podemos concluir que isso reflete no direito ao conhecimento dos sujeitos aprendizes da literatura. Seguramente, o estudante tem demonstrado que estudar a língua portuguesa significa aprender, sobretudo, gramática e produção de textos. Mas, como produzir textos se não fazemos uso da certidão de nascimento do texto, que é o próprio texto? A partir dessa realidade estampada na prática do professor e demonstrada nas pesquisas, urge promover um ensino de língua portuguesa no qual a literatura ocupe o lugar que lhe é devido no currículo: um lugar que de direito do aluno leitor, em que esse aluno tenha a oportunidade de se reconhecer na obra como eixo central do ensino ou de se posicionar como um coautor dessa obra, preenchendo lacunas (aqui o aluno se tornará produtor de texto), atribuindo e construindo significados para o mundo social, histórico, profissional, filosófico na vertente de sua sensibilidade crítica e transformadora, como observam Zinani & Santos (2002 p. ??)

> Considerando a importância da literatura para a compreensão da realidade e o desenvolvimento do espírito crítico, acreditamos que o aluno, depois de ter realizado um efetivo estudo de obras literárias, provavelmente sairá

> dessa experiência com uma apreensão mais ampla do mundo circundante, mais sensibilizado para situações que o envolvem e mais preparado para atuar como elemento modificador de sua realidade.

Com efeito, como disciplina integrante da malha curricular do Ensino Médio, a literatura vem ocupando, numa dimensão cartográfica, um espaço de caráter limitado de abrangência em sua dimensão, tendo em vista que impuseram ao seu caráter uma condição que, agregada à carga horária destinada ao ensino da língua portuguesa, não passa de um recorte incipiente no currículo. Isso se deve, também às determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 e aos Parâmetros Curriculares Nacionais, que preconizam implicitamente essa incipiência, em condições de ensino favoráveis ao predomínio do ensino da gramática.

As condições oferecidas no chão da escola não geram os resultados desejados. Isso pode ser comprovado com dados revelados pelos indicadores de desempenho que têm apontado baixos resultados na formação de leitores escolarizados. Nessa ambiência, 75% dos que deixam a escola não conseguem ler e interpretar textos informativos e apenas 25% desses conseguem ler e interpretar textos dessa natureza, que geralmente são textos curtos. Assim sendo, o que dizer do texto literário e suas metáforas?

Essa ambiguidade salta aos nossos olhos de forma preocupante por entendemos a literatura como um evento de emancipação do sujeito pela leitura, que com ela aprende a se reconhecer no mundo e na história, que é capaz de compreender o que está lendo. Trata-se de um processo de mudança e de filiações de conceitos que se estabelecem pela literatura, pois, ou esta concede sentido ao mundo, ou o mundo não tem nenhum sentido, nas palavras de Lajolo (2002).

Assim posto, acreditamos que estas considerações possibilitarão a reflexão sobre a necessidade de ressignificação de propostas metodológicas voltadas para o ensino da literatura, até então imerso numa tão prescrita crise na educação. Possivelmente, o fazer viver as três modalidades propostas por Cândido (2000) em relação ao papel desempenhado pela literatura, ou seja, a riqueza da ficção, a função formadora e a função social ocasionarão a quebra da tão disseminada

crise da literatura e a formação de um novo público de leitores. Até agora, parece que o lastro da crise que abriga a educação demarca de forma acentuada a modalidade literária, como reitera Coelho (2000, p. 25)

> Nos rastros do pensamento complexo, todas as discussões que vêm sendo feitas em torno da 'crise do ensino' têm como base uma das premissas da psicologia cognitiva: *sem estar integrado num contexto,* nenhum saber tem valia, por mais sofisticado que seja, isto é, não provoca no sujeito o dinamismo interno que o levaria a interagir com outros saberes e ampliar o conhecimento inicial ou transformá-lo.

A visão do autor coaduna-se com as bases conceituais preconizadas pelo sócioconstrutivismo – teoria, ou melhor, um conjunto de teorias, que têm como pilar a premissa de que a aprendizagem e o desenvolvimento são componentes do processo de interação social. O socioconstrutivismo surge na segunda metade da década de 1980 – época que deu origem a uma ampla rede de debates sobre a situação do ensino no país recém saído do regime militar. A partir daí, foram tomando corpo por todo o território nacional críticas, denúncias e protestos sobre a "crise na qual mergulhava a educação", com questionamentos sobre o ensino tradicional e seu infundado behaviorismo (experiência/método firmados na produção de estímulos e reações no processo de ensino e aprendizagem). Um novo tempo nascia para o bem da sociedade – um tempo em que as expectativas eram de pleno direito à democracia e ao ensino de qualidade como estampas de uma nova ordem social.

Tal momento configurou-se por um extenso fenômeno de lutas e embates em prol da construção de novos paradigmas de ensino. Vários segmentos da sociedade foram convocados à participação, especialmente os professores das três esferas de ensino: desde a educação infantil até o ensino superior. Foi naquele exato momento histórico que sucederam, também, os debates voltados para o ensino da literatura, já que suas raízes estavam fincadas lá na crise de leitura. Tinha-se um País de escritores sem leitores.

Em todas as áreas do ensino, os debates ocupavam seus legítimos espaços. No entanto, na esfera da literatura, as exigências se tornaram mais contundentes, pois concebia-se essa como disciplina que constava do currículo

do 2º grau em escolas particulares ou como disciplina agregada ao ensino da Língua Portuguesa nas redes públicas de ensino, como dissemos anteriormente.

O que se preconizava nas aulas de literatura: a interpretação superficial do texto; a leitura de fragmentos de obras; o preenchimento das fichas de leitura que vinham anexas ao volume da obra; a periodização dos movimentos ou escolas literários; a história da literatura; a biografia dos autores, sendo este último o promotor do patamar mais elevado do ensino da literatura e o uso da cambaleante estrutura do livro didático que, na visão dos novos e pertinentes conceitos de Bordini e Aguiar (1988), "deveria ser o instrumento de tradução de todo e qualquer conteúdo humano individual e social de ordem cumulativa";

Nessa ambiência, a nova sociedade civil organizada passa a exigir um maior compromisso do Estado em relação aos seus reais deveres. Políticas de acesso ao livro avançam mesmo que lentamente. Desde então, visualizamos um outro horizonte no cenário educacional. Contudo, mesmo passados mais de vinte anos de lutas, ainda temos muito a conquistar. Nossa consciência não perdeu a natureza da persistência e nem a força desse combate. O ensino da literatura como uma manifestação artística que pulsa e faz pulsar pela palavra deve conduzir a consolidação de sua principal vertente: o questionamento da ordem estabelecida.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORDINI, Mara da Graça. & AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura – A Formaçãodo Leitor*. 2ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto,1988.

BRANDÃO, Maria Aparecida Ventura. *A Educação Pela Literatura: Uma Análise do Discurso de Professores e Professoras do Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Petrolina Acerca da Influência Exercida Pela Literatura Em Seus Processos de Formação e de Prática*. (Dissertação de monografia apresentada à Universidade Federal do Espírito Santo- PPGE-UFES- 2004).

CÂNDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. *In* Ciencia e Cultura, SBPC, 2000.

GULLAR. Ferreira. *Muitas Vozes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999

LAJOLO, Mariza. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. Rio de Janeiro: UJRJ, 2002.

MANCINELLI, L. *Literatura e pessoa histórica*. Papéis Avulsos, Assis, v.1, n.1, p.81-98, 1995.

MOISÉS. Leyla Perrone. *Texto. Crítica. Escritura*. São Paulo: Martins Editora, 2005.

SCHWARZ, Roberto. *O bonde, a carroça e o peta modernista, Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZINANI, C.J.A.; SANTOS, S.R.P. dos. Ensino da literatura: lugar do texto literário. In: ZINANI, C.J.A. et al. *Transformando o ensino de língua e de literatura: análise da realidade e propostas metodológicas*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2002.

ANÁLISE DE ELEMENTOS LINGUÍSTICOS DE COESÃO E COERÊNCIA; EM TEXTOS DISSERTATIVOS- ARGUMENTATIVOS.

Andressa Santos Mendes[175]
Elisa de Souza Neta[176]
Elizabete Vicente da Silva[177]
Maria Sirlane dos Santos Dias[178].

Resumo:

Este artigo tem por objetivo analisar com base nos estudos de linguística textual os problemas de coesão e de coerência em dois textos, sendo um de aluno universitário e o outro de um aspirante a uma vaga no ensino superior. Além disso, foram classificados os problemas encontrados nos textos a partir dos aspectos linguísticos de coesão e coerência. A importância desse trabalho se justifica pela relevância da coesão e da coerência na disciplina linguística textual.

Palavras-chave: Análise. Coesão e coerência. Textos dissertativo-argumentativos.

Abstract:

This article aims to analyze the basis of studies of textual linguistic problems of cohesion and coherence in two texts, being a college student and the other an aspiring for a job in higher education. And sort the problems found in texts from the linguistic aspects of cohesion and coherence. The importance of this work is justified by the importance of cohesion and coherence in the textual linguistic.

Keywords: Analysis, Cohesion and coherence, dissertations argumentative texts.

Introdução

Os elementos de coesão e coerência são as principais ferramentas de estudo da linguística textual. Por serem elementos fundamentais na construção

1- [175] UPE, Petrolina, graduanda do curso de Letras/Português, dressa_musik@hotmail.com

2- [176] UPE, Petrolina, graduanda do curso de Letras/Português, elisa.jacob@hotmail.com

3- [177] UPE, Petrolina, graduanda do curso de Letras/Português, elizabete88@hotmail.com.br

4- [178] UPE, Petrolina, graduanda do curso de Letras/Português, sirllany18@hotmail.com

e no entendimento do texto, são eles responsáveis por organizar os enunciados tanto na superfície textual quanto cognitiva estabelecendo um sentido ao texto. Segundo Koch (2013), acredita-se que é necessária a toda construção textual a utilização desses mecanismos, pois trata-se do conhecimento sobre vários tipos de ações linguísticas que permitem, de certa forma, ao locutor assegurar a compreensão do texto (Koch,2013). Sendo assim, tanto os alunos quando elaborarem seus textos, quanto os professores quando analisam e corrigem, devem estar atentos aos elementos de coesão e coerência. Devido à relevância desses elementos aos estudos de linguística textual é que se fará esse trabalho com objetivo de analisar e classificar os problemas de coesão e coerência encontrados em dois textos, sendo um de aluno vestibulando e o outro de um universitário os quais se supõe que deveriam se utilizar de forma adequada desses elementos pela função comunicativa do gênero dissertativo argumentativo. Essa análise terá como critério todo apanhado teórico visto em sala de aula e também por meio de pesquisas bibliográficas, tendo como diretriz os estudos de Koch, será por meio desta metodologia que se firmará este trabalho.

1 Enquadre Teórico

Considerando os textos dissertativo-argumentativos como uma sequência lógica dos enunciados, e que por meio deles o aluno deve se posicionar e expressar-se de forma clara e concisa para que se estabeleça a função comunicativa do gênero. É importante que haja uma boa articulação dos elementos de coesão na superfície textual, estabelecendo coerência. Essa, por sua vez, é responsável pela construção de sentido no texto. Segundo Koch (2013),

> Se, porém, é verdade que a coerência não está no texto, é verdade também que ela deve ser constituída a partir dele, levando-se em conta os recursos coesivos presentes na superfície textual, que funcionam como pistas ou chaves para orientar o interlocutor na construção do sentido. Para que se estabeleçam as relações adequadas entre tais elementos e o conhecimento de mundo (enciclopédico), o conhecimento socioculturalmente partilhado entre os interlocutores, e as práticas sócias postas em ação no curso da interação, torna-se necessário, na grande maioria dos casos, proceder a um cálculo, recorrendo-se a estratégicas

> interpretativas, como de inferências e outras estratégias de negociação do sentido (KOCH,2013p.53)

Em consonância com o exposto acima, se seguirá a análise. No entanto é preciso lembrar que apesar das inferências para entender os posicionamentos dos alunos em relação aos temas sugeridos, o objetivo aqui é apontar os problemas de coesão e coerência que interferem na clareza do discurso, pois partimos do pressuposto que as bancas corretoras esperam consistência argumentativa. Segundo Koch (????), consistência exige que todos os enunciados do texto possam ser verdadeiros (ou seja, não contraditórios) dentro de um mesmo mundo ou dentro dos mundos representados no texto. É cabível ao aluno dispor de tais conhecimentos, os quais, de acordo com os parâmetros curriculares do ensino de língua portuguesa, fazem parte do currículo do aluno em sua trajetória escolar.

Os aspectos de coesão e coerência também são analisados por outros autores, que também seguem a mesma linha de raciocínio de Koch. A coerência é o ramo da linguística que faz com que uma sequência de palavras seja considerada um texto, ou seja, formando a sua textualidade.

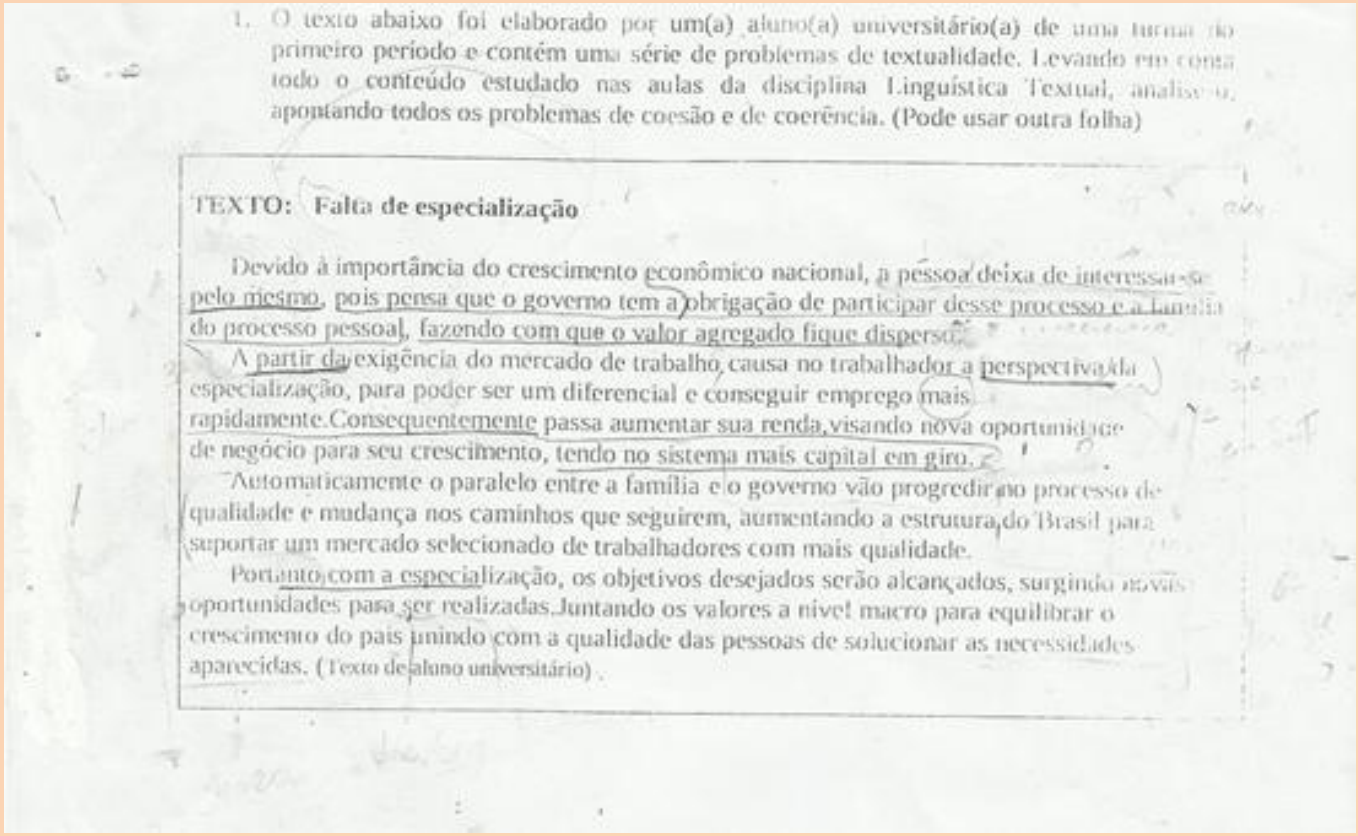
Para Costa Val (2006),

> [...] a coerência do texto deriva da lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre esta rede conceitual – o mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso. (VAL, 2006, p. 6).

Entre elementos de textualidade no tocante à coerência e à coesão, Koch (2013) e Marcuschi(2008) analisam item por item. Marcuschi (2008) explica os aspetos da estruturação de um texto com a linguística de texto e seus recursos, a textualidade e as relações cotextuais e contextuais, o discurso e os critérios da textualidade (coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informalidade). Koch (2013) também examina os principais fatores de coerência, listando-os em elementos linguísticos, conhecimento de mundo, conhecimento compartilhado, inferências, fatores de contextualização, situacionalidade, informatividade, focalização, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade e por fim consistência e relevância. Portanto,[...] fica evidente que a construção da

coerência decorre de uma multiplicidade de fatores das mais diversas ordens: linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais. (KOCH, 2013, p. 71).

A seguir vamos ver na prática como funcionam os elementos coesivos e de coerência, com base nos estudos de Koch, Costa Val, Marcuschi e Charolles .



1. O texto abaixo foi elaborado por um(a) aluno(a) universitário(a) de uma turma do primeiro período e contém uma série de problemas de textualidade. Levando em conta todo o conteúdo estudado nas aulas da disciplina Linguística Textual, analise o, apontando todos os problemas de coesão e de coerência. (Pode usar outra folha)

TEXTO: **Falta de especialização**

Devido à importância do crescimento econômico nacional, a pessoa deixa de interessar-se pelo mesmo, pois pensa que o governo tem a obrigação de participar desse processo e a família do processo pessoal, fazendo com que o valor agregado fique disperso.

A partir da exigência do mercado de trabalho causa no trabalhador a perspectiva da especialização, para poder ser um diferencial e conseguir emprego mais rapidamente.Consequentemente passa aumentar sua renda,visando nova oportunidade de negócio para seu crescimento, tendo no sistema mais capital em giro.

Automaticamente o paralelo entre a família e o governo vão progredir ao processo de qualidade e mudança nos caminhos que seguirem, aumentando a estrutura do Brasil para suportar um mercado selecionado de trabalhadores com mais qualidade.

Portanto,com a especialização, os objetivos desejados serão alcançados, surgindo novas oportunidades para ser realizadas.Juntando os valores a nível macro para equilibrar o crescimento do país unindo com a qualidade das pessoas de solucionar as necessidades aparecidas. (Texto de aluno universitário)

Texto-1

Falta de especialização

Devido à importância do crescimento econômico nacional, (1) a pessoa, deixa de interessar-se pelo mesmo, pois pensa que o governo tem a obrigação de participar desse processo e a família do processo pessoal, fazendo com que o valor agregado fique disperso.(2)

A partir da (3) exigência do mercado de trabalho causar no trabalhador a perspectiva (4) da especialização, para *poder [0]* ser um diferencial e conseguir emprego *mais [1]* rapidamente. Consequentemente passa a aumentar sua renda, visando nova oportunidade de negócio para seu crescimento, tendo no sistema mais capital em giro (5).

Automaticamente o paralelo entre a família e o governo vão progredir no processo de qualidade e mudança nos caminhos que seguirem, aumentando a estrutura do Brasil para suportar um mercado selecionado de trabalhadores com mais qualidade. (6)

Portanto, com a especialização, os objetivos desejados serão alcançados, surgindo novas oportunidades para *ser [2]* realizadas. Juntando os valores a nível macro para equilibrar o crescimento do país unindo com a qualidade das pessoas de solucionar as [3] necessidades aparecidas. (6)

1-Incoerência sintática (os meios sintáticos não expressam a coerência semântica)

2-Incoerência pragmática (o ato de fazer sem sintonia com o ato de dizer)

3-Incoerência sintática (os meios sintáticos não expressam a coerência semântica)

4-Incoerência semântica (só com a perspectiva não gera emprego)

5-Incoerência figurativa (a combinatória de figuras está sem sintonia)

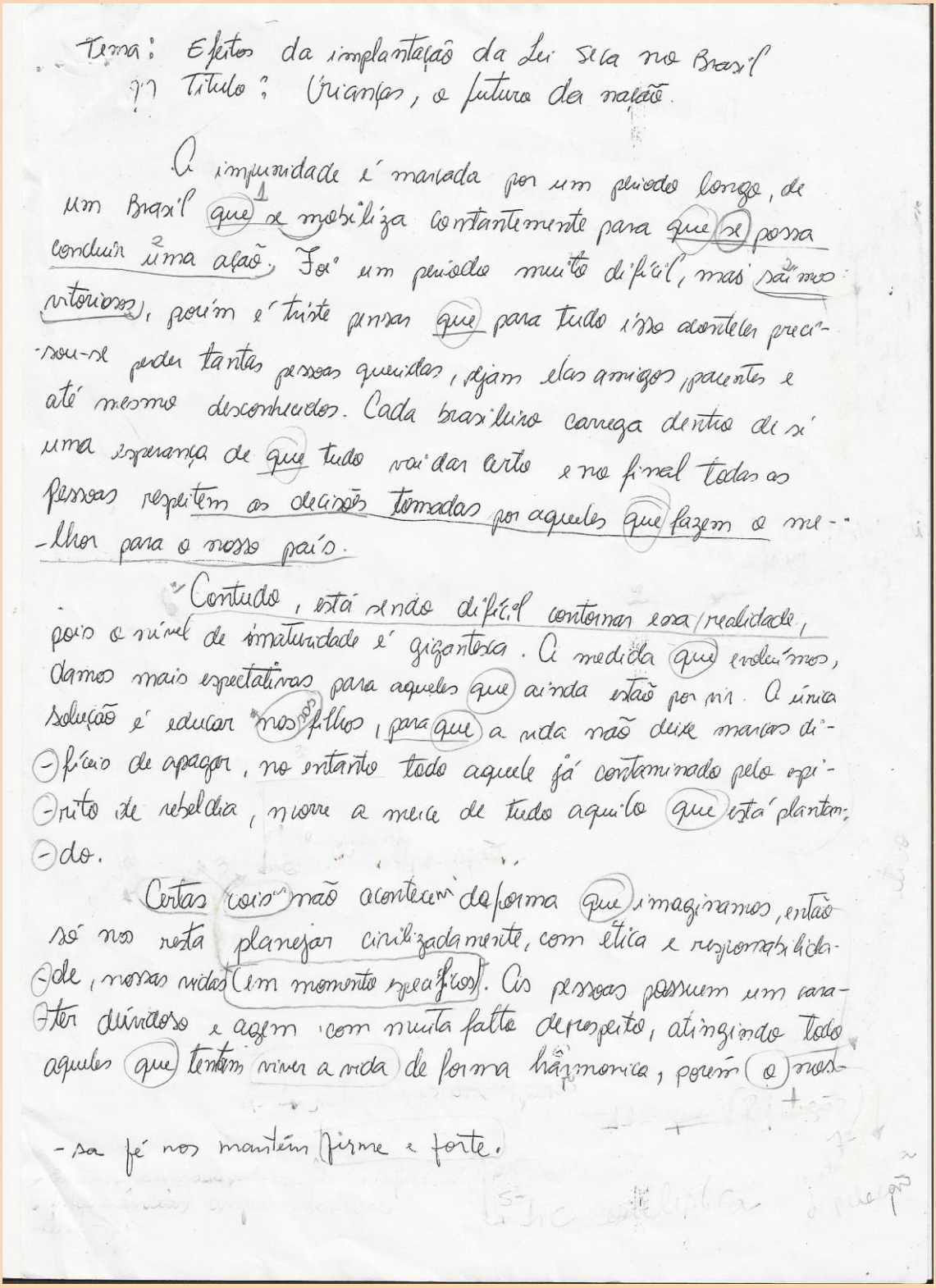
6-Infringiu a metarregra de relação (as idéias estão sem relação)

0- Tinha que ser uma elipse (não precisava usar a palavra poder)

1- Não precisava usar o conectivo (mais)

2- A palavra ser tinha que estar no plural (serem)

3- Necessidades que surgirem



Tema: Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil
Título: Crianças, o futuro da nação.

A imaturidade é marcada por um período longo, de um Brasil que se mobiliza constantemente para que se possa conduzir uma ação. Foi um período muito difícil, mas saímos vitoriosos, porém é triste pensar que para tudo isso acontecer precisou-se perder tantas pessoas queridas, sejam elas amigos, parentes e até mesmo desconhecidos. Cada brasileiro carrega dentro de si uma esperança de que tudo vai dar certo e no final todas as pessoas respeitem as decisões tomadas por aqueles que fazem o melhor para o nosso país.

Contudo, está sendo difícil contornar essa realidade, pois o nível de imaturidade é gigantesca. À medida que evoluímos, damos mais expectativas para aqueles que ainda estão por vir. A única solução é educar nossos filhos, para que a vida não deixe marcas difícil de apagar, no entanto todo aquele já contaminado pelo espírito de rebeldia, morre a meia de tudo aquilo que está plantado.

Certas coisas não acontecem da forma que imaginamos, então só nos resta planejar civilizadamente, com ética e responsabilidade, nossas vidas (em momentos específicos). Os pessoas possuem um caráter diverso e agem com muita falta de respeito, atingindo todo aquele que tentam viver a vida de forma harmonica, porém o nossa fé nos mantém firme e forte.

Texto-2

Tema: Efeitos da implantação da lei seca no Brasil

Titulo: crianças o futuro da nação

A impunidade é marcada por um período longo, de um Brasil que (1) se mobiliza constantemente para que (1) se possa concluir uma ação. Foi um período muito difícil, mais saímos vitoriosos (2), porém é triste pensar que (1) para tudo isso acontecer precisou-se perder tantas pessoas queridas, sejam elas amigos, parentes e até mesmo desconhecidos. Cada brasileiro carrega dentro de sí uma esperança de que (1) tudo vai dar certo e no final todas as pessoas respeitem as decisões tomadas por aqueles que (1) fazem o melhor para o nosso país.

Contudo, está sendo difícil contornar essa realidade (2), pois o nível de imaturidade é gigantesca. À medida que (1) evoluímos, damos mais espectativas para aqueles que (1) ainda estão por vir. A única solução é educar nos (3) filhos, para que (1) a vida não deixe marcas difíceis de apagar, no entanto todo aquele já contaminado pelo espírito de rebeldia, morre a mercê de tudo aquilo que (1) está plantado.

Certas coisas (4) não acontecem da forma que (1) imaginamos, então só nos resta planejar civilizadamente, com ética e responsabilidade, nossas vidas (em momentos específicos (5)). As pessoas possuem um caráter dúvidoso e agem com muita falta de respeito, atingindo todo aqueles que (1) tentam viver a vida (6) de forma harmônica, porém o (7) nossa fé nos mantém firme e forte (8).

1-Infringiu a metarregra de repetição

2-Infringiu a metarregra de não contradição (na l-3 saímos vitoriosos com a l-10 Contudo, está sendo difícil contornar essa realidade)

3-Incoerência sintática (os meios sintáticos não expressam a coerência semântica)

4- Incoerência estilística

5-Infringiu a metarregra de não-contradição

6-Infringiu a metarregra de progressão

7-Erro de artigo

8-Incoerência estilística

9-Expectativas (l-12/expectativas)

2 Análise

Os textos analisados são de alunos, o primeiro de um universitário e o segundo de um aspirante a um curso universitário. Após analisar seus aspectos

de coesão e coerência, com bases nos estudos de Koch (2004, 2013) foram detectados vários problemas em ambos.

No texto 1 - "Falta de especialização" - o autor demonstra ter um bom vocabulário, mas não consegue transmitir suas ideias com êxito, fazendo com que seu texto torne-se incoerente. O autor utiliza de vários recursos no tocante à coesão, porém a coesão segundo Koch (2013)*"é apenas um dos fatores da coerência, que contribui para a constituição do texto*" e da textualidade do texto, que é tida como um conjunto de fatores de coerência. No texto encontram-se divergências e contradições na sua função comunicativa, infringindo a metarregra de não-contradição, criada por Charolles (1978).

O texto 2 é uma proposta de redação do Enem 2013 (Exame Nacional do Ensino Médio) com título: Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil. O autor elaborou um texto com pouca informatividade, o que fez com que o texto não progredisse. O autor também infringiu as metarregras de Charolles (1978): repetição, não-contradição e progressão causando incoerência. O texto do candidato é incoerente porque o conteúdo não se relaciona com o título, quebrando a linha de raciocínio do leitor. Para Beaugrande e Dressler (1981), "*a coerência é definida em função da continuidade de sentidos*", o que justifica a lacuna nos elementos de ligação do texto do candidato.

Conclusão

Diante do resultado dessa pesquisa pode-se inferir que foram detectados vários problemas linguísticos, como incoerências sintáticas, semânticas, pragmáticas, figurativas, estilísticas, além de várias infrações às metarregras de relação, repetição, progressão e não-contradição, que comprometiam as ideias que os alunos pretendiam defender em seus respectivos textos. Nesses textos, os autores,mesmo tendoutilizado recursos linguísticos como as inferências, não conseguiram tornar possível ao leitor uma compreensão clara. Cabe nesse contexto classificá-los como incoerentes, por conta dos problemas mencionados acima, que geram ambiguidades, contradições e principalmente incoerência argumentativa. Esse resultado compromete a nota do aluno, por se tratar de textos dissertativo-argumentativos cujas exigências são preestabelecidas pelas bancas corretoras. Em função disso, pode-se dizer que não basta só conhecer os

elementos linguísticos, é preciso utilizá-los de forma adequada para que contribuam com a construção de sentido no texto. Tais observações neste trabalho de pesquisa foram bastante didáticas para os alunos de linguística textual envolvidos, uma vez que contribuíram para aprendizagem e reflexão dos mesmos a acerca do ensino dos elementos linguísticos de coesão e coerência.

Referências Bibliográficas

KOCH, Ingedore Villança; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual***.** São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villança. *O texto e a construção de sentidos***.** São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore Villança. *A coesão textual***.** São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Capítulo 1, Primeira parte: Processos de produção textual

COSTA VAL, Maria da Graça**.** Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RESUMOS

LEITURA NA ESCOLA: A HISTÓRIA DO CLUBE DE LEITURA PASSARINHAR DO IFAL – PALMEIRA DOS INDIOS

Vanusia Amorim Pereira dos Santos

Professora de Língua Portuguesa, Chefe de Departamento de Ensino Técnico
Instituto Federal de Alagoas – Campus Palmeira dos Índios

Arthur Lopes da Silva Porto
Discente do curso de Técnico em Edificações
Instituto Federal de Alagoas – Campus Palmeira dos Índios

Promover e incorporar o hábito da leitura no cotidiano escolar é um desafio. Norteados pela ideia de Parreiras (2011, p. 26), que diz que "A leitura começa no espaço da intimidade (em casa) e depois alcança o espaço público (a escola, a biblioteca). Posteriormente, cabe à escola dar prosseguimento ao processo de mediação da leitura tão necessário para o aluno.", este artigo tem por finalidade expor a história do Clube de Leitura Passarinhar, fundado há cinco anos no Instituto Federal de Alagoas – *Campus* Palmeira dos Índios, pelos professores de linguagens da instituição, baseados em teorias que apontam a leitura como passo fundamental para o acesso ao conhecimento produzido; ao prazer estético e às especificidades da escrita. Configurando-se o clube de leitura um projeto que objetiva enfrentar e combater uma realidade que não convém a nenhum de nós, um país de não-leitores. É ainda, em um contexto mais amplo, levando em consideração onde nosso campus está situado, numa cidade da região Agreste de Alagoas, um modo de propiciar o desenvolvimento individual, cultural e social para o aluno, aumentando ainda mais sua necessidade, responsabilidade e importância. Adotou-se a metodologia qualitativa, utilizando o estudo de caso descritivo, visando apresentar o contexto e a situação real do clube de leitura e suas intervenções no dia-a-dia da escola, tais como: sala exclusiva de leitura e troca de experiências literárias; rodas de leitura; palestras e encontros com escritores; lançamento de livros, saraus, concursos de escrita, sorteios, troça e empréstimos de livros. Cinco anos após a inauguração, o clube conta com um acervo de mais de 1500 livros; reconhecimento nacional e obtenção de prêmios pelo fomento à leitura; 1500 seguidores nas mídias sociais e realiza um calendário de atividades literárias no campus. Assim, o Clube de Leitura Passarinhar é uma ação de fomento à leitura consolidada no cotidiano do *campus*, e desde a sua implantação tem proporcionado mudanças significativas e positivas no processo ensino-aprendizagem e também assegurado um contexto mais amplo de desenvolvimento para o aluno.

Palavras-chave: Leitura na escola. Clube de leitura. Formação de leitores.

APROXIMAÇÕES DO PROCESSO METACOGNITIVO E O LETRAMENTO LITERÁRIO

Aldenice de Souza Araújo (Mestranda do Programa de PROFLETRAS)

Mineias Alves Pinheiro de Araújo (Mestranda do Programa de PROFLETRAS)

Mirtes Ribeiro Lira (Doutora e Professora da UPE – *Campus* Mata Norte)

Este artigo visa apresentar de que forma as etapas do letramento literário se aproximam do processo metacognitivo em leitura e compreensão textual nas aulas de literatura. A pesquisa foi realizada através da aplicação dessas etapas utilizando os textos sugeridos na Unidade 1 do livro didático *Projeto Telaris* de Língua Portuguesa, na expectativa de que o resultado desta aplicabilidade, aproximando as etapas de leitura dos processos da metacognição, fosse positivo. A base teórica se fundamentou na ideia das estratégias metacognitivas definidas por Guimarães e Stoltz (2008) comparadas às etapas do letramento literário apresentadas por Cosson (2014) em três momentos de leitura: antecipação, decifração e interpretação. A etapa de antecipação corrobora com a ideia de Martín e Marchesi que afirmam ser o leitor portador de um "conhecimento e controle" que ele possui "sobre seus processos cognitivos". Nunes e Nunes (2005) definem as etapas do letramento literário, na metacognição, como raciocínio indutivo. Portanto, baseado na teoria desses autores, assim como na afirmação de Silva (2014) de que os fatores metacognitivos são responsáveis pela compreensão e interpretação de textos por ser uma variável, o leitor deve acreditar em si mesmo para que sua leitura resulte em algo positivo. Assim sendo, foram escolhidos os "causos" e contos abordados no capítulo 1 para serem trabalhados em sala de aula. O resultado deste trabalho foi confirmar que um planejamento de aula de literatura não é apenas literatura, ele deve ser interdisciplinar, pois ao abordar a cultura familiar apresentada no causo 1 em relação ao convívio entre avô e netos, pais e filhos, a escola estará fomentando um dos valores sociais mais importantes que é a base familiar. Há também a questão da oralidade que os "causos" apresentam e que despertou o interesse do estudante do 6º ano em buscar fatos ocorridos tanto com sua família quanto com a vizinhança, como também o conto popular. Esse gênero, além do valor cultural oral, também contribui positivamente para que as crianças percebam a importância em escutar as histórias contadas pelas pessoas idosas.

Palavras-chave: Literatura. Metacognição. Leitura. Letramento literário.

FABIÃO DAS QUEIMADAS: EXPERIÊNCIAS DE UM CANTADOR NEGRO NORDESTINO INSCRITAS NA LITERATURA POPULAR – UMA ANÁLISE DO "ROMANCE DO BOI DA MÃO DE PAU"

Eidson Miguel da Silva Marcos (UFRN)
Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN)

Tomando como ponto de partida o passado colonial brasileiro também a partir do Nordeste, é possível identificar a existência de projetos de invisibilização de alteridades conformadoras das nossas identidades, a exemplo da negra, da índia e da cigana, que legitimam a documentação oficial na condição de verdadeira e única. No âmbito da criação literária, por exemplo, tais discursos etnocêntricos apresentam, porém, alguns contrapontos para a aferição dos dados. Assim, torna-se fundamental reconhecer experiências que desinstituam cristalizações discursivas, evidenciando o protagonismo e a produção cultural e artística das alteridades à margem, caso do poeta cantador Fabião das Queimadas. Nascido durante a vigência da escravidão (1848), Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha, o Fabião das Queimadas, desenvolveu o exercício poético da cantoria de rabeca relacionado com o ciclo da gesta do gado no sertão nordestino. Através de seu labor artístico, conquistou não somente a própria alforria como também a de alguns parentes, inscrevendo em sua poesia outras marcas identitárias da presença africana na conformação sócio-histórica e cultural do Nordeste. Nesse sentido, por meio de uma abordagem interdisciplinar e ancorada em autores como Cascudo (2006), Santos (2006) e Zumthor (1997), dentre outros, empreenderemos uma breve análise do "Romance do Boi da Mão de Pau", de Fabião das Queimadas, elegendo como chaves de leitura as marcas da experiência e da identidade do negro sertanejo nordestino inscritas no corpo de sua obra poética.

Palavras-chave: Literatura popular. Fabião das Queimadas. Identidade. Etnia.

UMA FOTOGRAFIA DO CONTEXTO MODERNO: A CULTURA POPULAR COM SUAS FACES E INTERFACES

Erick Naldimar dos Santos
Mestre em Estudos Literários (UEFS)
Juliana Rodrigues Salles
Mestre em Estudos Literários (UEFS)

Internalizar o valor e compreender o significado da cultura de um povo é uma maneira de não haver segregação, não criarmos conceitos pejorativos, nem tampouco intensificar o discurso de repressão de uma cultura sobre a outra. Qualquer legado cultural constitui a formação, memória e a identidade particular de uma nação, pois culturas de naturezas diferentes se interpolam e influenciam umas às outras, afinal, o patrimônio, seja ele material (obras arquitetônicas, esculturas, textos literários e etc.) e/ou imaterial (narrativas orais, cantos, rezas, prosa, poesia, rituais religiosos e sociais, brincadeiras dentre outros) são maneiras de enraizar as vivências, fixar legados, seus espaços e tempos de efetivação. O objetivo deste artigo é realizar, através dessas contextualizações epistemológicas, discursos que nos conduzam a perceber o lugar da cultura popular diante da sociedade moderna, em face de suas heterogeneidades e fragmentações culturais. Ancorados em Canclini (1998), e outros autores, buscaremos realizar um passeio pelo discurso de uma cultura popular construída do povo para o povo, refutando aquela ideia obsoleta, em que os grandes centros consideram as culturas não-letradas como não-culturas. É necessário repelir essas concepções, de que as classes “inferiores” não podem estar incluídas no contrato social, como se elas estivessem de fora, não entrassem na conta, e nem servissem de carvão para o consumo desta hipócrita indústria. Numa perspectiva multicultural, lançaremos nosso olhar em defesa da difusão e promoção das manifestações culturais populares, compreendendo as contribuições que essas manifestações podem trazer para a formação de um povo.

Palavras-chave: Cultura Popular. Multiculturalismo. Discurso. Heterogeneidade.

A UNIVERSALIZAÇÃO DA FUGA E O NOVO OLHAR SOBRE O MIGRANTE SERTANEJO NA OBRA *ESSA TERRA* DE ANTÔNIO TORRES

Vanusia Amorim Pereira dos Santos

Mestre em Estudos Literários
Professora de Língua Portuguesa
Chefe de Departamento de Ensino Técnico
Instituto Federal de Alagoas – Campus Palmeira dos Índios

O tema da migração faz parte do projeto literário de vários autores da nossa literatura. Desde o Romantismo foram várias as visões e abordagens veiculadas, contudo, alguns escritores se destacaram nessa seara e suas obras se tornaram clássicos. É o caso de *Vidas Secas*, que lançado em 1938 por Graciliano Ramos, narra a saga migratória de Fabiano e sua família e alça o sertanejo à posição de protagonista da trama. Uma inovação. Trinta e oito anos após, em 1976, o baiano Antônio Torres lançou *Essa Terra*, narrativa que também tem como motivo a migração nordestina para São Paulo. Nesse romance, ficamos sabendo da história de Totonhim, protagonista *enarrador*. Aqui o próprio migrante nos conta sua história. Outra inovação. Já na 27ª. edição, *Essa Terra* é um clássico da literatura brasileira amplamente traduzido em várias línguas e lido em vários países. Neste trabalho, analisamos como Antônio Torres se diferenciou dos seus contemporâneos, visto que compreendeu a migração como fruto de um colonialismo interno e alçou o migrante à condição de narrador em primeira pessoa. Um migrante narrador-protagonista, algo singular na época pelo pioneirismo e coragem de dar voz a um excluído histórico. Apontaremos ainda, como a migração e seus desdobramentos configuram a fuga como elemento de universalização da obra Torresiana. Pretendemos comprovar que Torres, ao tempo em que dialoga com outros clássicos nossos, dá um passo largo nessa travessia da literatura brasileira, que é refletir o brasileiro – todos eles - de forma universal. É o primeiro dos nossos escritores que concede voz própria a um indivíduo marcado por uma condição de marginalização histórica: a exclusão social\discriminação social do migrante nordestino. E vai além, amplia e universaliza o drama desse migrante usando como elemento de inclusão social a própria fuga e as suas consequências, compreendendo esse excluído em um contexto de inadequação muito mais amplo e igualando esse homem a outros homens mundo afora. O migrante sertanejo é um homem e *tudo é sertão*. Como consequência, Torres se singulariza em relação aos seus contemporâneos e inclui sua obra no contexto da literatura universal, obra que merece ser mais bem analisada e mais bem destacada sua importância no nosso cânone.

Palavras-chave: Universalização. Literatura Brasileira. Antônio Torres. Fuga.

A DOCÊNCIA NO CAMPO E AS RELAÇÕES COM OS SABERES POPULARES E O ENSINO

Adelson Dias de Oliveira
Professor Assistente - UNIVASF
adelsonjovem@gmail.com

Alexandre Júnior de Souza Menezes
Licenciado em Ciências Biológicas- UPE
alexandrejuniorsm@hotmail.com

O texto centra-se nas discussões oriundas das narrativas de docência no ensino médio em territórios rurais e sua relação com a cultura popular e os saberes produzidos no ensino. Apresenta como objetivo central compreender como a docência se constitui e alia os saberes populares. Tem como problemática: como os docentes significam suas práticas educativas e as inter-relacionam com os saberes populares e o ensino? É uma pesquisa qualitativa, fenomenológica, toma como princípios a abordagem (auto)biográfica (SOUZA, 2006). Utiliza-se da entrevista narrativa (SOUZA, 2014) como dispositivos de recolha. Para reflexão dos resultados, toma a análise compreensiva (BERTAUX, 2010) mediados pelos princípios da hermenêutica. Discute os núcleos de sentido: a identidade pessoal e profissional dentro das ruralidades e a pertinência dos valores familiares como significativo para a sua formação e o desenvolvimento da profissão e suas condições de trabalho no âmbito das ruralidades e a dimensão do ensino médio nesse processo (ARROYO, 2014; SOUZA, 2011; REIS, 2013; MORIN, 1999). As narrativas apontam para os conteúdos obrigatórios no currículo de língua portuguesa para o ensino médio aliados aos saberes tradicionais e populares da comunidade em que a escola está inserida. Ocorre na ação pedagógica um esforço para inserir os aspectos cotidianos em sua prática docente.Como resultados aparentes é possível indicar a existência de divergências no entendimento do que significa a escola e o lugar de vivências, demarcado por distâncias geracionais, o que provoca dessa forma, afastamento da compreensão da cultura.

Palavras–chave: Docência. Cultura. Ensino.

"NÃO PRECISO LER, MOÇA. A MOCINHA QUE APRENDA. EU É QUE NÃO VOU BAIXAR MINHA CABEÇA PARA ESCREVER. AH, NÃO VOU." [179]

Rosângela Gonçalves Cunha
rosegoncalvescunha@gmail.com
Doutoranda em Língua e Cultura
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

As diversas práticas sociais da leitura e da escrita, que denominamos Letramento, têm oportunizado discussões significativas em momentos de formação continuada de professores. Cada vez mais se intensifica, nos estudos da Linguística Aplicada, o interesse em analisar, segundo as atuais perspectivas acadêmicas, como os alunos constroem seus conhecimentos em torno da leitura e escrita em diferentes contextos. E ainda como a escola tem conduzido o direito de ler e escrever em diferentes situações sociais. Para isso, os estudos de Letramentos Sociais (Street, 1995), que abordam o letramento a partir das práticas de letramentos críticos, opoem-sese ao letramento monológico, dando ênfase aos aspectos ideológicos da prática social da leitura e da escrita. Almeja-se refletir sobre o ensino e aprendizagem da língua portuguesa à luz do conceito de Letramentos, aplicando-o a momentos de formação continuada de professores que constituem-se mobilizadores do processo de letramento social**.** A mudança dessa concepção sobre o ensino-aprendizagem da língua materna parece extremamente pragmática, mas não é. Torna-se necessário delinear um percurso teórico aqui balizado pelos estudos dialógicos da linguagem aplicados ao processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Palavras-chave: Letramentos ideológicos. Leitura. Escrita.

[179]FREIRE, Marcelino, *In Contos Negreiros, pp79-81.Record, 2005)*

LIVRO DIGITAL: AS VANTAGENS E DESVANTAGENS NA PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Ângela Barbosa de Santana
Escola de Referência em Ensino Médio Severino Farias
Surubim - PE
Professor

O livro digital não deve ser considerado apenas como um conjunto de caracteres digitais utilizados e transportados em mídia eletrônica, pois perde o conceito social e cultural subjacente ao livro. A percepção que o leitor, em geral, demonstra é de que o livro digital trata-se principalmente de um livro, independente de seu aspecto físico. É um instrumento que conecta ideias, práticas culturais e instituições sociais. A utilização do livro digital ainda é pequena no Brasil se comparada à do livro impresso. Nas escolas públicas, observa-se entre professores e estudantes muitas dúvidas sobre o uso de livros digitais e suas respectivas vantagens e desvantagens. O objetivo deste trabalho é fomentar uma discussão e proporcionar experimentação do livro em formato digital. Questões que foram consideradas no tratamento do tema: Qual a frequência de uso por estudantes do ensino médio de livros em formato digital? Quais as vantagens e desvantagens percebidas por eles em comparação com o livro impresso? Através de encontros dedicados a leitura de trechos de livros impressos e digitais, debates orientados e enquete realizada com uma amostra de alunos do ensino médio da rede estadual confirmou-se o pouco contato que os alunos têm com o livro digital. Segundo ROGERS (2003) a adoção ou não de uma inovação depende de fatores como: a vantagem relativa sobre a versão tradicional, a compatibilidade de uso, a possibilidade de experimentação, a complexidade da nova experiência, a visibilidade que a inovação dispõe para despertar interesse, a imagem que ela transmite, o uso voluntário e a tangibilidade de resultados. Ou seja, para uma inovação tecnológica tornar-se popular, fatores de ordem social, econômica e cultural são requisitos que devem ser considerados. É possível concluir que apesar das prováveis vantagens do livro digital, o livro impresso está longe de ser substituído. Para os jovens leitores, a experiência da leitura e todo seu encantamento ultrapassam discussões sobre o suporte no qual é realizada. A perspectiva mais acertada é a de que livro digital e impresso coexistam para complementarem-se atendendo às variadas expectativas dos leitores.

Palavras-chave: LivroDigital. Leitura. Inovação.

ENSINO DE LITERATURA BRASILEIRA E TICs: DISCURSOS E PERCURSOS DISCENTES

Gláucia Rejane da Costa
Autarquia Educacional do Vale do São Francisco/FACAPE
Professora Assistente

Nesse estudo nos propomos a discutir o ensino de Literatura numa perspectiva dialógica, a partir de algumas atividades realizadas nas segundas séries do Ensino Médio do Colégio CODEFAS, da Rede Pública em Juazeiro-BA. No processo de construção do projeto intitulado "Brasilidade, denúncia social, Ultrarromantismo e sofrência: subjetividades através dos tempos", verificamos o uso de recursos tecnológicos diversos, os quais associados à leitura de textos variados possibilitaram a produção de trabalhos significativos. No interior da discussão maior, inicialmente citada, abordamos o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), conforme as contribuições de Behrens (2002), Moran (2002) e outros de igual importância. Na elaboração desse trabalho, atentamos para as representações dos alunos sobre a validade do projeto vivenciado para a sua formação. Procedemos a uma análise discursiva dos dizeres de tais alunos, apoiados nas postulações de Pêcheux (1997) e no procedimentos metodológicos propostos por Orlandi (2002), o que inscreve o presente estudo no campo da Análise de Discurso Francesa. Para tanto, trabalhamos com a noção de Formações imaginárias, sujeito, discurso e sentido. Na análise o discursos dos alunos se encontram perpassados por formações imaginárias sobre o projeto como oportunidade de aprofundamento do conhecimento sobre o Romantismo no Brasil, de construção de competências no uso das tecnologias e de reflexão sobre si mesmos, seus sentimentos, suas escolhas e histórias de vida.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Discurso. Formações Imaginárias. TICs.

O FÓRUM PE EM DEFESA DAS BIBLIOTECAS, LIVRO, LEITURA E LITERATURA: o movimento social de leitura e a incidência na política setorial em PE

Maria Aparecida Arias Fernandez [180]
Centro de Cultura Luiz Freire - Programa Direito à Leitura

Gilvanedja Ferreira Mendes da Silva[181]
Secretaria de Cultura de Pernambuco

Este trabalho objetiva apresentar a trajetória e o papel do *Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura,* criado em 2006, como um espaço interinstitucional e intersetorial importante para a construção das políticas públicas de Estado para o Setor LLLB. Este artigo tem como base o material existente nos arquivos contendo registros das atividades do Fórum, coletados no processo de rearticulação desse espaço de incidência na política setorial em Pernambuco, registros da imprensa local, e alguns depoimentos de instituições que já integraram e que hoje integram esse coletivo. Este estudo parte da compreensão da Literatura como Direito Humano (Candido, 2002), entendendo que o acesso "a leitura de um livro pode alterar o rumo da vida de uma pessoa [...] a literatura pode mudar a sociedade" (Ruffato, 2013). Nesse sentido, uma revisão da literatura articulada aos estudos dos documentos coletados, é feita com o objetivo de mensurar o quanto dessas concepções defendidas pelo Fórum são disseminadas na sociedade no âmbito de sua atuação como movimento social, e que resultados vem imprimindo na prática política e na redefinição dos marcos legais para a garantia desse direito em PE.

Palavras-chave: Direito à Leitura. Políticas Públicas Setoriais. Livro, leitura, literatura e bibliotecas. Movimento Social. Participação e Incidência.

[180] Maria Aparecida Arias Fernandez (Cida Fernandez) - email: fernandezcida@gmail.com/ (81) 9 8179-5012
[181] Gilvanedja Ferreira Mendes da Silva – email: gilvanedja@gmail.com / (81) 9 9767-6922
*Ambas integram o coletivo de Gestão do Fórum PE em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura

NOITE: O DIÁLOGO ENTRE A TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Adeline Ruthiely de Melo Guedes
Granduanda em Letras - UFPE

Este trabalho tem por intuito a discussão acerca do conto *Noite* (2015), de Ronaldo Correia de Brito, tomando como base questões culturais, bem como estudos voltados à identidade do indivíduo e à forma como esses temas dialogam com o processo de globalização. Para tal, levo em consideração os trabalhos de Bhabha (1998), Hall (1998; 2003) e Albuquerque (2001). Brito apresenta um novo olhar sobre o Sertão Nordestino, opondo-se aos discursos imagético-discursivos perpetuados sobre a região, ultrapassando os limites das estagnações culturais do local e transcendendo o tradicional e o antimoderno. O conto se constitui no conflito contemporâneo versus arcaico, em que as formas cristalizadas de costumes e concepções são rompidas. A nova configuração introduz produtos dos trânsitos culturais provenientes do processo de globalização, substituindo costumes da tradição. É por meio dessa problemática que será realizada a análise em busca de aspectos que julguem essa distorção temporal e de como o autor configura as personagens nesse espaço de constante processo de transformação. Dessa maneira, o presente trabalho concentra-se na análise do processo pelo qual Brito, no conto *Noite*, reinventa o Sertão ao inserir aspectos característicos da pós-modernidade.

Palavras-chave: Globalização. Identidade. Sertão. Noite.

ESTRANHO DE SI, REFÉM DO OUTRO: SOBRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO EM HERMILO BORBA FILHO

Rodrigo Fagner Araujo dos Santos
Graduando em Letras - UFPE

É notória a importância dada por Hermilo Borba Filho à cultura popular nordestina, principalmente pernambucana. Tanto como pesquisador quanto como ficcionista, o escritor nativo de Palmares, interior de Pernambuco, possui um discurso contaminado com mitos, crendices, causos e histórias de fantasmas que são comuns à realidade imaginativa da região. Vários desses elementos trazem consigo um teor insólito que tendem a orbitar sobre a realidade factual humana, deslocando-a e desentranhando-a por meio da fé, do milagre, da mágica etc. Esse mecanismo narrativo, além de dialogar diretamente com a história cultural do povo nordestino, ajuda a desvendar a imagem do ser humano para além das vias cientificistas românticas e modernas. No seu primeiro livro de narrativas curtas, *O general está pintando* (1973), Borba Filho se compromete com os anseios, medos e injustiças da sociedade da sua época e se utiliza do universo mítico da cultura popular de Pernambuco como arma ideológica para disseminar uma crítica social ferrenha – porém, sutil – aos períodos de II Guerra Mundial e em que o Brasil esteve sob os desmandos do golpe cívico militar de 1964. A memória, outro elemento que perpassa todas as narrativas do escritor pernambucano, é projetada neste livro de modo que a realidade factual e a realidade ficcional sejam confundidas dentro do universo ficcional que o autor cria. De cunho bibliográfico, esta pesquisa identificou, por meio das teorias de Sena (2015), Sedycias (2015), Lima (1980), Ferreira (2008), entre outros, modos e estratégias discursivas presentes nas narrativas do livro *O general está pintando* (1973) que, por vezes latente – utilizando elementos mágicos e maravilhosos –, por vezes patente, apontam e denunciam a forma abusiva em que o Estado comanda o Brasil. O mesmo Estado usa seu poder, aparentemente ilimitado, para, entre outras coisas, promover também o ‘esquecimento’ de acontecimentos que não o convém e o envultamento (ou, melhor, apagamento) de pessoas que fogem à expectativa de cidadão modelo da época (que não pensa, não critica, não reivindica), demonstrando, assim, nenhum respeito pelo ser humano, pela cultura e pela realidade de seu povo, desterritorializando-o de si mesmo.

Palavras-chave: Memória. Esquecimento. Hermilo Borba Filho. Cultura Popular. Desterritorialização

O TEXTO LITERÁRIO EM AULAS DE PORTUGUÊS: ARTICULAÇÃO ENTRE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Cristina Botelho
Professora do Mestrado Profissional em Letras da UPE *CAMPUS* Mata Norte
Manuela Travasso Costa Ribeiro
Mestranda PROFLETRAS UPE - *CAMPUS* Mata Norte

O presente trabalho constitui projeto de dissertação de mestrado que tem por objetivos identificar quais as abordagens da literatura que possibilitam a melhor desenvolvimento de competências da escrita por alunos do ensino fundamental; elaborar proposta de intervenção de letramento com texto literário (gênero conto) que contribua para o desenvolvimento de competências da escrita em turma de 9º ano de escola pública da cidade do Recife/PE e investigar como a prática da leitura do conto interligada à atividade de escrita foi processada por esses estudantes em produções textuais escritas. O estudo está em andamento e parte do pressuposto de que o texto literário deve figurar como elemento central das aulas de língua portuguesa desde o ensino fundamental, pois acreditamos que o ensino de literatura pela escola não deve ocorrer de maneira dissociada das outras unidades básicas de ensino de língua materna. Para isso, tomamos como base os estudos de Cosson (2011), Leite (2012) e Zilberman (1993), entre outros. Em nossa pesquisa, estamos utilizando o método da pesquisa-ação com análise qualitativa de produções dos sujeitos envolvidos para identificar abordagens do texto literário que possibilitem melhor desenvolvimento de competências da escrita por alunos do 9º ano. Ainda não podemos apresentar resultados, pois os dados serão coletados e analisados durante o 1º semestre de 2016.

Palavras-chave: Ensino De Literatura. Ensino Fundamental. Escrita. Letramento Literário.

O TEXTO LITERÁRIO E O JOGO DE RPG

Adriana Barbosa de Santana Nascimento
Universidade de Pernambuco – UPE – Campus Mata Norte
Mestranda

A literatura é fonte inesgotável de conhecimento. Ao ler uma obra literária o leitor se depara com um universo único. Nela são descritos, narrados, argumentados e resumidos os mistérios e romances das personagens, suas dores e histórias, conquistas e desilusões, que muito bem poderiam circular pela nossa vizinhança ou somente dentro de nossa imaginação. A literatura durante toda sua história é depositária de muitas aventuras e fruto de muita imaginação mesclada ao olhar apurado dos autores que conseguem traduzir o mundo a sua volta em enredos imortais. O fascínio ofertado pela literatura tem por vezes ficado de fora das salas de aula das turmas de Ensino Fundamental. Nelas os adolescentes se sentem muito mais atraídos pelo brilho das telas dos aparelhos eletrônicos que pelas páginas dos livros. Porém, nesse contexto no qual os alunos do Ensino Fundamental pouco leem, a proposta apresentada por este artigo é utilizar o conto *A Chinela Turca,* de Machado de Assis, como texto base para um jogo de RPG (Role Playing Game), que é um jogo que prima pela imaginação, criatividade e interatividade dos participantes que assumem personagens dentro do jogo. Esses participantes têm suas ações guiadas pelas indicações de um mestre do jogo fundamentado em um livro. Para embasar essa relação entre jogo e literatura buscou-se o conceito de letramento literário de Rildo Cosson, a definição de literatura de Marisa Lajolo e o estudo dos jogos de RPG na educação por Schmit. Proposto o desafio a estudantes do nono ano do ensino fundamental, foi analisada a participação e interação dos alunos, e observamos como resultado maior interação e produção oral e escrita por parte desses estudantes.

Palavras-chave: Letramento Literário. Jogo de RPG. Leitura. Literatura.

ANÁLISE DE LETRAS DE MPB SOBRE A TEMÁTICA INDÍGENA

Roberto Remígio Florêncio
IF Sertão – PE – Professor de Língua Portuguesa

Os estudos de interpretação de texto devem estar presentes em todos os momentos do processo de ensino-aprendizagem e a disciplina de Língua Portuguesa tem uma responsabilidade ainda maior no concernente à análise linguística, especialmente dos textos artístico-literários. A partir da perspectiva de compreensão e análise textual da produção artística brasileira do século XX, propomo-nos, durante as aulas de LP nas turmas de Ensino Técnico e Superior do IF Sertão-PE, campus Zona Rural, durante o ano letivo de 2015, a realização de interpretações e debates sobre as mensagens sublinhares nas letras de música da MPB sobre a temática indígena. Com o objetivo de despertar no estudante o interesse pela compreensão dos textos literários e assim investigar o discurso oculto dos compositores brasileiros sobre o indígena, o projeto se desenvolveu a partir da escolha dos textos pelos estudantes. A metodologia utilizada abriu espaço para o desenvolvimento de análises conjuntas, em sala, para posterior apresentação em forma de seminários, em equipes. As atividades foram realizadas em sala e pesquisas extraclasse, e o professor auxiliou no aporte teórico, baseado nos estudos de Gêneros Textuais (MARCUSCHI, 2010; 2012), Tipologia Textual (TRAVAGLIA, 2009), Interpretação e ensino (SOARES, 2000; LUCCHESI, 2015; GERALDI, 1999) e, especialmente, nas questões voltadas à Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 1997; ORLANDI, 2015). Os resultados foram a produção de análises com qualidade e criatividade, descortinando questões de desconhecimento da cultura indígena por parte de muitos letristas. Pode-se considerar que, apresentando fissuras e até quebras de ideologias típicas do colonialismo, muitas mudanças no discurso das letras de música foram percebidas na MPB da atualidade. No entanto, ainda é possível perceber preconceitos em relação aos indígenas nos trabalhos artísticos nacionais, que deveriam ter o compromisso de valorizar e dirimir a visão estereotipada que ainda prevalece na sociedade em geral acerca dos primeiros habitantes do Brasil.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira. Temática Indianista. Análise Textual.

UMA PROPOSTA DE INSERÇÃO DA LITERATURA DE JUAZEIRO-BA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO DA CRIAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA DIGITAL

Wiliana Coelho de Souza
Universidade Estadual de Feira de Santana
Mestranda - Profletras
Patrício Nunes Barreiros
Universidade Estadual de Feira de Santana
Professor orientador

A presente pesquisa objetiva desenvolver a competência literária dos alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Helena Celestino Magalhães, localizado em Juazeiro – BA. Para isso, foram realizadas ações como a inserção da literatura local em sala de aula de Língua Portuguesa, promoção de espaços de leitura de diferentes gêneros textuais e a produção da biografia dos escritores na multimodalidade para publicação em uma biblioteca digital na plataforma do wordpress. As tecnologias digitais ampliaram os espaços de leitura e circulação dos textos e deram novos sentidos às práticas de leitura. Dessa forma, propõe-se inserir no espaço da sala de aula e na vida cotidiana dos estudantes a literatura produzida na própria comunidade. Os textos dos escritores locais foram coletados no Acervo Maria Franca Pires, localizado no Departamento de Ciências Humanas (DCH III) da Universidade Estadual da Bahia – UNEB, Campus Juazeiro, e no acervo da Biblioteca Municipal Professor Aristóteles Pires de Carvalho. O material coletado é constituído de fotografias, recortes de jornais, cadernos com entrevistas, anotações e outros materiais diversos que recontam a história cultural de Juazeiro. Pretende-se, portanto, estabelecer o contato dos alunos com parte do material dos acervos mencionados e realizar atividades diversas a partir da utilização desse material e das tecnologias digitais. Pesquisadores como Chartier (2002), Rojo (2014), Cosson (2014) e Soares (2009) fundamentam este estudo.

Palavras-chave: Literatura ribeirinha. Tecnologias Digitais. Memória.

LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS: UMA REFLEXÃO PELO VIÉS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Lucirley Alves de Oliveira
Universidade Federal de Pernambuco
Mestranda em Letras – Linguística

Para a Análise do Discurso francesa de inspiração pecheuxtiana, a língua não é neutra, tampouco transparente, isso quer dizer que a reconhecemos pela sua opacidade, o que reflete diretamente na maneira como concebemos as práticas de leitura. Pensando nisso, e com base nos princípios teóricos de Pêcheux (2015) [1983]; 2014a [1975]; 2014b [1990]), Orlandi (1999; 1998) e outros, este texto destina-se a refletir sobre a questão da leitura no contexto discursivo, entendendo-a como uma prática material que viabiliza a interpretação e por conseguinte, a produção de sentidos pelos sujeitos-leitores – fundamentais nesse processo. A interpretação é, para nós, algo inerente à leitura, já que a todo momento somos chamados a interpretar qualquer objeto simbólico – como textos, imagens, músicas, entre outros – com o qual entramos em contato. E, ao interpretar, atribuímos sentidos a esses objetos simbólicos, que geralmente parecem já dados por um efeito ideológico que apaga o movimento interpretativo. No entanto, nenhum sentido é dado, nenhum sentido está acabado. Há sempre uma (re)construção dos sentidos dos enunciados que se produz de acordo com condições sociais, históricas e ideológicas. Assim sendo, a leitura revela-se como não-transparente, visto que ela é múltipla, plural, por vezes ambígua, e que, por isso mesmo, a produção sígnica é definida pelas condições de produção em que se dá o movimento interpretativo.

Palavras-chave: Leitura. Interpretação. Produção de sentidos. Análise do Discurso.

POESIAS PARA DISSEMINAR A AUTORREFLEXÃO

Antônia Aparecida Barros Alencar Correia[182]

Luiz Antônio Ferreira Soares[183]

RESUMO**:** Compreender a maneira de certas pessoas perceberem a vida, o mundo; de estimulá-las para que possam ser cidadãos crítico-reflexivos e interagirem ativamente na sociedade, como também melhorarem a autoestima é o objetivo principal deste trabalho. Assim, a poesia é levada a crianças e adolescentes de idade entre 7 e 16 anos, com baixa renda e vulnerabilidade social, de uma Organização Não Governamental (ONG) no município de Salgueiro – O Projeto Comunitário de Atendimento à Criança e ao Adolescente, (PROAC), que atende a esse público no período pré-aula (isto é, no turno da manhã) e no período pós-aula (período da tarde). Para se beneficiar pela ONG é preciso estar matriculado em alguma escola, quer seja municipal, estadual ou mesmo privada. Nessa instituição, promovemos visitas periódicas nas quais trabalhamos a poesia de maneira lúdica para que assim possa haver o entendimento e o engajamento com o referido gênero textual. Procuramos despertar o gosto e promover encontros dinâmicos e prazerosos para os participantes das atividades que são diversificadas e produtivas. Nos encontros trabalhamos manifestações artísticas de autores regionais que vivem dentro ou próximo ao município, não excluindo os não regionais. Segundo Elias José (2003, p. 11), "vivemos rodeados de poesia", ou seja, poesia é tudo que nos cerca e que nos emociona quando tocamos, ouvimos ou provamos. Poesia é a nossa inspiração para viver a vida. E para o autor (2003, p. 101), "ser poeta é um dom que exige talento especial. Brincar de poesia é uma possibilidade aberta a todos.". Assim, "brincando de poesia" o trabalho tem apresentado excelentes resultados no tocante às crianças e aos adolescentes que vêm demonstrando grande sensibilidade para apreciar as poesias e procurarem saber mais sobre o assunto. Além de darem passos para a produção das próprias poesias de boa qualidade.

Palavras-chave: Agentes Literários. Poesias. Autorreflexão.

[182] Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano Campus Salgueiro

[183] Estudante-bolsista do 2º ano do Médio Integrado em Edificações do IFSertão

LETRAMENTO PARA ALUNOS SURDOS ATRAVÉS DE CLÁSSICOS BRASILEIROS

Antônia Aparecida Barros Alencar Correia[184]

O presente trabalho – recorte de pesquisa sobre a aquisição da Língua Portuguesa escrita como segunda língua por alunos surdos de uma escola pública - é resultado das inquietações acerca de experiências vividas na descoberta da melhor maneira de ensinar essa Língua através de clássicos da literatura brasileira. Para tal, inicialmente, buscou-se eliminar os preconceitos existentes em relação às dificuldades na apresentação da Literatura Clássica para alunos surdos e demonstrar o prazer pela prática da leitura. Desse modo, a Língua Portuguesa escrita foi trabalhada como segunda língua, e isso se tornou possível utilizando a Libras como língua materna. Ou seja, como primeira língua para o discente em questão. É preciso então que, de fato, a escola compreenda o surdo como um ser que apresenta sua própria cultura, sua própria língua. Só assim, vivenciando as duas culturas, é que se poderá, efetivamente, levar esses discentes à compreensão dos sentidos e significados na apropriação dos conhecimentos linguísticos. A base teórica foi buscada em Lev Vygotsky, Mikhail Bakhtin e outros. Com esse objetivo da pesquisa e da prática, procurei mediar os conhecimentos de Língua Portuguesa escrita para alunos surdos, promovendo uma aprendizagem significativa (Ausubel), para conseguir os resultados efetivos e eficazes na aprendizagem. Urge que a escola se adeque ao ensino bilíngue, como orientam as Leis de inclusão brasileiras, dentre elas, a mais recente (Lei Nº 13.146/15). O material empírico veio de atividades desenvolvidas por alunos de uma turma de reforço do Instituto Federal de Educação – Sertão Pernambucano, *Campus* Salgueiro, realizada por mim na disciplina Língua Portuguesa, como segunda língua. As produções aqui analisadas foram adaptações de clássicos com tradução em Libras. As entrevistas mostram um esforço de construção de sentidos e significados, junto com interesse na cultura do ouvinte. Conclui-se que, naquele espaço e tempo, ocorreram momentos importantes de aprendizagem e experiência de formas discursivas literárias, em que os surdos puderam expressar seus discursos e seus valores, confrontando-os com a cultura do ouvinte.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Clássicos Brasileiros. Surdos.

[184] Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano Campus Salgueiro

EM QUE MEDIDA A FALA (VARIANTE) DOS ALUNOS ESTÁ REPRESENTADA NO LIVRO DIDÁTICO UTILIZADO NA SALA DE AULA

Rosângela Gomes Vieira
Pós-Graduanda do Curso de Especialização - Lato Sensu - Língua Portuguesa e Literatura: uma perspectiva didática
Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina.

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma investigação sociolinguística sobre o tratamento das variações linguísticas no livro didático de língua portuguesa. Além disso, procura abordar a questão das variações linguísticas na escola, em específico sobre a relação entre a fala (variante) dos alunos e a linguagem apresentada nos livros didáticos, pois percebemos que, em geral, os livros didáticos de Língua Portuguesa valorizam apenas o trabalho com a modalidade escrita da língua, ou seja, a norma padrão, deixando de lado a linguagem falada e desconsiderando a enorme pluralidade linguística brasileira.Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual os instrumentos utilizados para o levantamento das informações foram as análises de entrevistas feitas com estudantes do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública estadual da Bahia e com seus respectivos professores de Língua Portuguesa; análise do Livro Didático de Língua Portuguesa utilizado; além de uma pesquisa bibliográfica, tendo como principais bases teóricas: Antunes (2003), Bagno (2009), os PCNs (1998), entre outros, fundamentando-se a partir de uma perspectiva sociolinguística para o ensino da Língua Portuguesa. A partir das análises, percebemos que as variações linguísticas são trabalhadas em sala de aula, porém, de forma aleatória e insuficiente. Observamos também um avanço e tentativa, por parte dos autores, de adequar e modernizar os livros didáticos, com base nos estudos sociolinguísticos sobre a as variações linguísticas, mas ainda há um logo caminho a ser percorrido para que se alcance um resultado satisfatório. Além disso, destacamos a importância do papel do professor no momento da escolha dos livros didáticos e dos demais materiais a serem trabalhados em sala de aula. Enfim, enfatizamos a necessidade de se trabalhar com as variações linguísticas na sala de aula, porém, aliadas ao ensino da norma padrão da Língua Portuguesa, que não pode ser dispensado para que cada indivíduo saiba utilizá-las adequadamente de acordo com cada situação ou contexto.

Palavras-chave: Variações linguísticas . Livro didático . Língua Portuguesa.

TEATRO FOLIA: DESCRIÇÃO DE UM PROCESSO ARTÍSTICO-EDUCACIONAL

Antonio Gomes Pereira Neto
Mestrando- UFRN

Esse trabalho é um recorte do projeto de dissertação do Mestrado Profissional em Artes- PROF-ARTES, Teatro Folia: descrição de um processo artístico-educacional. Traz um investigação do Teatro Dramático Folclórico e de seus elementos pedagógicos, articulando as práticas artísticas na escola e descrevendo um processo de ensino-aprendizagem através do teatro popular, com as atividades descritas para serem aplicadas em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental II, com as técnicas e os procedimentos que facilitaram o aprendizado e a formação artística do aluno. A partir de pesquisadores e teóricos do teatro popular e com uma interface com o ensino-aprendizagem, possibilitam uma base à pesquisa teóricos como Viola Spolin, Ana Mae Barboza, Flávio Desgranges, Richard Courtney, Ricardo Japiassu e pesquisadores do teatro de cultura popular como o Altimar Pimentel, Hermilo Borba Filho e Lourdes Ramalho, dando suporte à construção concreta de informações e criação através do processo de ensino a partir das raízes do Teatro Dramático Folclórico. Os alunos serão avaliados de acordo com cada jornada do processo, salientando que a cada jornada haverá procedimentos avaliativos diferenciados. Entre as jornadas de aprendizagem estão: brincadeiras e atividades lúdicas, jogos dramáticos, exercícios teatrais e jogos de improvisação, possibilitando a interrelação teatral dos brincantes e o fazer teatral. Com caráter pedagógico, as atividades propõem reflexão sobre as artes e o acesso do educando ao Teatro de Cultura Popular, contextualizando em seu cotidiao e tendo como ponto de partida a fruição do saber.

Palavras-chave: Cultura Popular. Teatro. Ensino-Aprendizagem.

ELEMENTOS DA CULTURA INDÍGENA NO ENSINO DE FÍSICA: O LIVRO DIDÁTICO NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.

Leonardo Diego Lins
Professor Assistente-UNEB

O texto centra-se em discutir como e se a incorporação dos elementos da cultura indígena no livro didático de Física resultará, numa aprendizagem significativa ou não paraos alunos indígenas do Extremo Sul da Bahia. Dentro desse contexto, trago como problemática, o Livro didático de Física que está presente na prática docente indígena e o valor no processo de ensino e aprendizagem na Escola Indígena Pataxó Boca da Mata, no município de Porto Seguro – Bahia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (BARDIN, 2000; BAUER, 2002; FRANCO, 2008) e etnográfica (SEGOVIA HERRERA) (1988) e LÜDKE & ANDRÉ (1986), pois propomos observar, compreender e avaliar como um novo material didático, criado no contexto escolar indígena Pataxó Boca da mata, será recebido pela comunidade escolar e se terá valor de aprendizagem para os alunos. O livro didático vem se tornando uma ferramenta indispensável no processo de ensino-aprendizagem, tanto que o Governo Federal lançou vários programas com o objetivo de difundi-lo para todos os alunos de escolas públicas do país. Trata-se do maior programa mundial, segundo Bittencourt (2003), em termos de investimentos e de distribuição de livros, de forma gratuita, para uma rede de educação pública de um país. O ensino de Física nas escolas indígenas é caracterizado pelo excesso de atenção dada a exercícios repetitivos, problemas resolvidos mecanicamente, pela utilização de uma sucessão de “fórmulas”, muitas vezes decoradas de forma literal e arbitrária, em detrimento de uma análise mais aprofundada, visando à compreensão dos fenômenos físicos envolvidos. Sendo assim, as entrevistas e as observações no contexto escolar apontam que a incorporação do livro contextualizado vem contribuindo para elucidar aspectos imprescindíveis ao processo de ensino e aprendizagem. Como resultado preliminar, é possível indicar que a recepção do livro didático contextualizado com os elementos da cultura indígena, por parte do aluno e do professor indígena, tem gerado mudanças significativas tanto na prática docente como na participação do aluno em sala de aula.

Palavras-chave: Livro Didático. Cultura Indígena. Aprendizagem Significativa.

O PIBID COMO UM SUPORTE DE VEICULAÇÃO DE LEITURA NA ESCOLA: DA DECODIFICAÇÃO LINGUÍSTICA À PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Fabrício Oliveira da Silva
Professor Assistente- UNEB
Adelson Dias de Oliveira
Professor Assistente - UNIVASF

Introdução: Neste trabalho apresentamos o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, configurado como um espaço/suporte de veiculação das atividades de leitura na escola. Discutimos os impactos das práticas de leitura com crianças do Ensino Fundamental I, a partir das experiências desenvolvidas no cotidiano escolar. Discorremos sobre o objetivo caracterizador do PIBID, enquanto programa de iniciação à docência que visa incentivar o desenvolvimento de práticas de leitura na escola básica. O programa objetiva, dentre outras questões, oportunizar condições para que o licenciando desenvolva competências e habilidades para o trabalho pedagógico, e no caso em tela, para o trabalho com a leitura numa perspectiva que considera a criança como o sujeito ativo e produtor de sentidos. Metodologia: Explicitamos como se constitui o PIBID enquanto projeto de iniciação à docência, tomando como embasamento teórico as diretrizes do próprio programa. Nessa perspectiva, este trabalho se desenvolveu por meio das experiências proporcionadas pelo acompanhamento às aulas, conversas estabelecidas com a professora e supervisora do projeto, atividades de leitura e escrita, aproximação com os alunos, reuniões com o coordenador de área, bem como a partir das leituras desenvolvidas a partir da realidade da escola. Análise de dados: No estudo o processo de análise ancorou-se nos relatos produzidos pelos bolsistas em rodas de conversas estruturadas a partir da reflexão que cada um fazia da vivência em sala de aula. Fundamentação teórica: Partimos do papel da leitura apoiados numa visão clássica de alfabetização considerando as contribuições de Ferreiro (2011) e Jolibert (1994). Resultados: Tratou-se de compreender as práticas pedagógicas para o desenvolvimento de leitura que têm sido oportunizadas no âmbito do programa, considerando que este processo no Ensino Fundamental leva em consideração outros aspectos que transcendem o mero ato de decodificar linguisticamente a palavra. O estudo permitiu relacionar a experiência ao fortalecimento da formação docente que através do programa proporcionou a compreensão do papel da leitura para crianças do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Leitura. PIBID. Escola. Ensino Fundamental.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM BODE GANHOU O MUNDO E AGORA INVADE AS SALAS DE AULA

Alex Sandra da Silva Moura
Aluna do curso PROFLETRAS, UPE-Garanhuns

Este trabalho tem por objetivo identificar e analisar a variedade linguística regional presente nas redes sociais, e demonstrar sua funcionalidade e utilidade nas aulas de Língua Portuguesa. Para sua realização foi usada especificamente a página do facebook chamada Bode Gaiato . Este trabalho pauta-se nos conceitos de interacionismo linguístico, quando refletimos sobre o que diz Irandé Antunes: "A escola, como qualquer outra instituição social, reflete as condições gerais de vida da comunidade em que está inserida". Assim, nas aulas de Língua Portuguesa deve-se proporcionar o contato com as normas linguísticas oficiais, mas é preciso respeitar a história da comunidade linguística da qual o estudante faz parte. As publicações feitas pela página Bode Gaiato, criada por um estudante de Engenharia da Paraíba, apresenta de forma bem humorada a relação cotidiana entre o filho Junior e sua mãe, ambos representados por bodes, animais que simbolizam o nordeste e sua aridez. Na escrita, o autor da página evidencia o sotaque e termos utilizados no Nordeste brasileiro, além do uso de verbetes e expressões que podem dificultar a compreensão daqueles que desconhecem o modo de falar dessa região. Percebe-se que algumas estruturas seguem um determinado padrão verbal, regidos pelo REDUCIONISMO , como por exemplo, ao empregar SÔ, VÔ e TÔ pelas formas verbais da primeira pessoa do singular (SOU, VOU e ESTOU respectivamente). Outras palavras e expressões são resultantes da junção de outras existentes, em um processo de AGLUTINAÇÃO, cujo objetivo é representar o jeito rápido de falar do nordestino, como em: ARMARIA (ave Maria) e MINGULA (me engula). Por fim, há palavras e expressões típicas do léxico do nordestino, cujo desconhecimento pode impedir a compreensão geral das tiras e imagens postadas. Como por exemplo, "dormir de couro quente". Ao final, espera-se minimizar situações de preconceito linguístico pela compreensão do uso dessa variante nos contextos em que são aceitáveis.

Palavras-chave: Letramento. Variação linguística. Regionalismo. Preconceito Línguístico

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO NO CAMPO

Marília Roberta da Silva Leite
Professora substituta da UFRB/CFP

Este trabalho se insere na esfera de discussões acerca do letramento acadêmico, ou seja, das práticas de escrita e leitura no nível superior. Visa à reflexão sobre uma experiência em uma turma de primeiro semestre da Licenciatura em Educação no Campo da UFRB/CFP, como professora da disciplina de Leitura e Produção de texto no ano de 2015. Inclui-se também no campo de estudo o entendimento de que a escrita e a leitura são práticas sociais. Estudar o letramento acadêmico justifica-sepor consideramos que o objeto requer mais estudos, entendendo também que este não se encerra no ensino médio. Para tanto, tomamos como referencial teórico os estudos de Marinho (2010), Kleiman (2012), Bakhtin (2003) e Street (2010), que compreendem que as experiências dos alunos com a leitura e a escrita não podem ser vistas apenas pela decodificação do código ou uma habilidade técnica neutra, mas contextualizadas nas esferas de comunicação. Dessa forma, o artigo é o reflexo de uma metodologia qualitativa interpretivista, descritiva de cunho etnográfico, pois o objetivo não era quantificar as dificuldades da turma de gêneros discursivos, mas inserirmos os alunos em práticas de leitura e escrita, desenvolvendo essas habilidades tão importantes nas relações sociais. Analisamos, então, a experiência dos alunos no processo de leitura e escrita de alguns gêneros, como autobiografias, leitura dirigida, relatórios, artigos etc. Consideramos que, quando a escrita é contextualizada na sala de aula, os alunos desenvolvem sem muitas dificuldades a interpretação e a produção de gêneros acadêmicos.

Palavras-chave: Letramento. Educação no Campo. Leitura. Escrita.

O SER-TÃO LEITOR SENSÍVEL

Maximiano Martins de Meireles
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorando em Educação e Contemporaneidade

Este trabalho configura-se em um recorte da tese de doutorado cuja objeto de estudo diz respeito às experiências sensíveis de leitura. A investigação se localiza entre dois campos do conhecimento: Educação e Letras, e entre dois eixos temáticos – leitura e formação. A abordagem da pesquisa é de natureza qualitativa, com uso do método Autobiográfico. Assim, o corpus se constitui das narrativas orais e escritas (biografemas) de leitores-professores do sertão baiano, no espaço-tempo dos círculos de Leitura, fazendo circular lembranças, afetos, sensibilidades, nos trânsitos e deslocamentos entre os textos lidos e os contextos do sujeito, entre as experiências sensíveis provocadas pelo texto e as próprias experiências do leitor-professor. Do ponto de vista teórico, a pesquisa se fundamenta na perspectiva do Sensível (MAFFESOLI, 1998), na Abordagem Experiencial (LARROSA, 2011) e nos Estudos do Imaginário (BACHELARD, 2009). As experiências sensíveis de leitura do leitor-professor do sertão baiano se caracterizam como acontecimentos, vivências, detalhes - que marcam, afetam e constituem o sujeito na sua relação com o texto, pondo em jogo a relação do sujeito consigo mesmo e com a alteridade que o constitui. Nesse contexto, a leitura é potência de subjetividade e singularidade, do saber e da sensibilidade: processo mais encarnado, mais humano, mais vivo, no fluxo autoral e criativo da existência, do ser-estar sujeito no mundo. A leitura como potencializadora do devaneio, ou seja, como possibilidade de sair da rotineira noção de tempo e realidade, de suspender as certezas e de se deslocar para outras dimensões afetivas, temporais e imaginárias. A leitura como possibilidade de poetizar a vida, de ganhar a doçura do viver, de habitar o mundo da felicidade e do sonho, mas não só isso, uma vez que também insere o leitor-professor na estética da angústia: um sujeito que sofre, espera, compadece (BACHELARD, 2009). Um sujeito cindido pelo que lê e pelo que sente: um ser-tão leitor sensível.

Palavras-chave: Leitura. Experiências sensíveis. Leitor-professor.

PESQUISA- FORMAÇÃO: POSSIBILIDADES DE NOVOS DIÁLOGOS

Nazarete Andrade Mariano
Mestre em Crítica Cultural, UNEB- Campus II

Este estudo traz um olhar para a pesquisa e para a formação como possiblidades de interação entre quem pesquisa e quem é pesquisado, pontuando com a prática desenvolvida por docentes participantes do processo de pesquisa-formação. Para tanto, recorremos à pesquisa-ação, bem como, pela pesquisa colaborativa que contribuem para que apontemos novos olhares para pesquisa, envolvendo as práticas de letramento, considerando, também, que o pesquisador ao mesmo tempo em que pesquisa se dispõe a trabalhar a formação docente durante o processo de pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa-formação torna-se um importante instrumento para fomentar as discussões acerca de práticas sociais de leituras e, consequentemente, práticas de formação docente que estão intrinsecamente ligadas à pesquisa acadêmica. Além de BarbierARBIER (2004) com a pesquisa-ação e Ibiapina(2007, p. 115) com a discussão da pesquisa colaborativa, nos valemos, também, da concepção de invenção e apropriação cunhada por Certau (2012); Street (2010) com os novos estudos do letramento, e Kleiman(1995/2001) com as práticas sociais de leitura e o letramento docente, além de Santos (2013), que contribui para darmos uma noção de pesquisa em formação. O objetivo desse estudo é fomentar a pesquisa-formação com possibilidades de novos olhares para o processo de pesquisa, além da contribuição para os envolvidos na pesquisa pelo viés formativo. Em linhas gerais, os resultados sinalizam que a pesquisa-formação pode contribuir com as práticas de invenção docente de professoras em Escolas Públicas do Vale do São Francisco, fortalecendo, portanto, as táticas que dão vozes aos sujeitos em seus fazeres cotidianos, fundamentadas em contribuições teóricas tanto da pesquisa quanto da formação.

Palavras-chave: Pesquisa-formação. Professoras inventoras. Práticas de letramento.

JÚRI SIMULADO: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO PARA O ENSINO MÉDIO

Fernanda Viana Castro
Mestranda em Língua Portuguesa – UPE Garanhuns
Kelly Eunice Silva Oliveira
Mestranda em Língua Portuguesa – UPE Garanhuns

Este estudo apresenta um relato de experiência didática desenvolvida em um período de dois meses, em duas turmas do 3.º ano do ensino médio da escola de referência em ensino médio Professora Osa Santana de Carvalho, localizada no perímetro urbano da cidade de Petrolina (PE). Trata-se aqui de uma análise da encenação de um júri simulado com base em fatos policiais que repercutiram nacionalmente, a saber, um estupro coletivo no Piauí e o assassinato e esquartejamento de uma senhora pelo seu sobrinho em São Paulo, ambos no primeiro semestre de 2015. Inicialmente, os fatos policiais foram debatidos em sala de aula; em seguida, a estrutura do gênero *júri simulado* foi apresentada aos alunos. A segunda etapa caracterizou-se pela produção de um roteiro para o júri simulado e a terceira, pelos ensaios para a encenação, apresentada, na sequência, para as outras turmas da escola. A experiência evidenciou a necessidade de tornar presente o gênero oral como objeto das aulas de língua portuguesa. O uso do roteiro possibilitou ao professor ser o autor de seu próprio material didático, diante dos reais obstáculos que os discentes enfrentam no desenvolvimento da argumentação, seja oral ou escrita. Constatou-se ainda que o trabalho com o júri simulado contribuiu para despertar o senso crítico dos alunos (SOUZA, 2008); e além disso, que as turmas apropriaram-se do referido gênero, reconheceram suas peculiaridades e puderam perceber sua função e importância como prática social.

Palavras-chave: júri simulado, argumentação, análise de roteiro

A TROPICÁLIA CAETÂNICA: UM RETRATO DOS BRASIS

João Victtor Gomes Varjão
Graduando em Ciências Sociais
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Considerado um dos maiores compositores e intérpretes brasileiros, Caetano Veloso foi um dos líderes do movimento artístico *Tropicalismo*. Toda sua obra poético-musical possui ressonância na estética-conceitual tropicalista. Podemos considerar essa ressonância uma ressignificação do *Movimento Antropofágico* de Oswald de Andrade – a metáfora que aqui encontramos de antropofagia, faz menção a algumas tribos Tupinambá brasileiras, as quais deglutiam a carne de seus adversários em ritos sagrados simbolizando, na verdade, a obtenção de suas virtudes. Assim se definia o modernismo brasileiro, o qual "deglutiria" o estrangeiro, associando ao nacional. Esse processo "antropofágico" se fez presente em todo Tropicalismo. O foco desta análise está na obra musical de Caetano Veloso, demonstrando seu caráter *tropical-antropófago*. O diferencial, na verdade, será pela associação à teoria de Darcy Ribeiro, a respeito do Povo Brasileiro, o qual, a partir da transfiguração étnica, tornou-se um povo miscigenado, um conjunto de *brasis* convivendo com as diferenças, e, por isso, um povo *do futuro* – preparado para miscigenação globalizada. Ribeiro afirma que somos um povo múltiplo, miscigenado, um *híbrido* das três raças – o qual, misturando todas as diferenças, como em um grande caldeirão, torna-se *uno*. Essa visão de povo brasileiro não é formada por um múltiplo Brasil – com suas influências estrangeiras, mas também com suas características regionais: formando o que somos. Podemos, assim, considerá-lo o primeiro país globalizado, étnico-culturalmente. Esse conceito múltiplo que forma o uno está todo permeado na obra de Caetano Veloso. E, longe de apagar o tradicional, Veloso *redescobre* o Brasil nas suas canções e interpretações. "Deglutindo" o que vem do estrangeiro, o cantor "regurgita" em uma nova obra, autenticamente, brasileira – tal como seu povo. É nesse ponto que Ribeiro se relaciona com Caetano – na transfiguração étnica-cultural, tanto na questão estética, quanto na questão conceitual.

Palavras-chave: Caetano Veloso; Darcy Ribeiro; transfiguração étnico-cultural; miscigenação; poético-musical.

A IMPRENSA E A PRÁTICA DA LEITURA NO SERTÃO

Adriano Antônio Lima Menezes
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Professor Assistente

A prática da leitura no sertão baiano, especificamente no Piemonte da Chapada Diamantina, teve grande impulso a partir do início do século XX com a introdução da imprensa em várias cidades da região. A partir da renovação de equipamentos gráficos nos grandes centros urbanos do país entre o final do século XIX e início do século XX, as "velhas" tipografias puderam chegar ao interior do estado e iniciar uma publicação textual até então inexistente, contribuindo de certa forma para a busca de identidade nacional tão idealizada desde o início da república no país, bem como para a ampliação de grupos de escritores e leitores que formariam uma elite intelectual detentora do poder simbólico da escrita e da leitura, de acordo com o pensamento de Pierre Bourdieu, que analisa os sistemas simbólicos tão presentes nas culturas dominantes. Nestas gráficas, por sua vez, jornais como *Correio de Bomfim* (1912), em Senhor do Bonfim (BA), *A Primavera* (1916), em Jacobina (BA), *Correio do Sertão* (1917), em Morro do Chapéu (BA) e *Mundo Novo* (1920), em Mundo Novo, entre os já catalogados e digitalizados em minhas pesquisas no Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC), do Campus IV da Uneb, puderam ser publicados e lidos. Segundo Roger Chartier, a história do texto impresso está intrinsecamente relacionada à história da prática cultural da leitura. Mesmo considerando que no Brasil temos peculiaridades em relação à chegada, proibição ou publicação do texto impresso, posto que só a partir do início do século XIX teremos prelos instalados em todo o território nacional, foi a partir das tipografias dos jornais que o texto aqui produzido pôde ser publicado, difundido em seus diversos matizes e, enfim, lidos.

Palavras-chave: Leitura. Imprensa. Escrita. Poder simbólico.

A INFLUÊNCIA DA ESCOLARIDADE NA VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL EM COMUNIDADES DO BRASIL E DA ÁFRICA

Thamiris Santana Coelho
Universidade Federal da Bahia
Mestre em Língua e Cultura

Buscando observar as diversas práticas sociais atreladas ao ato de fala em consonância com o Letramento, este trabalho analisa as práticas educacionais nas comunidades rurais afrodescendentes do interior da Brasil - Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé, localizadas na Bahia, e São Miguel dos Pretos, no Rio Grande do Sul - em comparação com uma comunidade rural pesqueira em São Tomé (África), a comunidade de Almoxarife. Utilizou-se trabalhos já realizados para o português brasileiro nas comunidades da Bahia e o Rio Grande do Sul (Almeida, 2006; Lucchesi, 2009), e para Almoxarife foi analisado um *corpus* com 18 entrevistas, sendo 9 de informantes do sexo masculino e 9 do sexo feminino, semi-escolarizados e bilíngues em crioulo santome e português. A escolha das comunidades para a comparação dos resultados ocorreu devido à semelhança das características sociohistóricas das mesmas: a influência de línguas africanas no português; a ruralidade, a questão da dominação de colonizadores e a precariedade de aprendizagem formal, de letramento, presentes. Para verificar o papel da escola, bem como sua influência na prática social do ato de fala dos moradores das comunidades em questão, foi usado como base o fenômeno da variação na concordância verbal junto à primeira pessoa do plural (CV-P4) do português. Na análise dos dados, o estudo recorre ao pacote estatístico GoldVarb (2001), que permite identificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que influenciam a concordância P4 nessa variedade de português. Constatou-se que a regra de concordância verbal de primeira pessoa do plural é aplicada numa frequência de 73,6% contra 26,4% de não concordância nos dados encontrados, contrariando a hipótese geral de que os falantes fariam pouco uso das marcas de plural nos verbos. Acredita-se que os fatores sociais, principalmente a escolaridade e a história fizeram emergir na comunidade de Almoxarife uma variedade de português com características diferentes e, ao mesmo tempo, semelhantes com as do português brasileiro.

Palavras-chave: Variação. Português. Concordância verbal. Escolaridade.

A MULTIPLICIDADE LITERÁRIA DAS AUTORAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO: DESMISTIFICANDO A PEJORAÇÃO DO "ESCREVER COMO MULHER"

Joázila Santos Nascimento
Graduanda em Letras Vernáculas
Universidade de Pernambuco/ Campus Petrolina

Percebe-se, hodiernamente, um preconceito estabelecido sobre a escrita feminina. Onde a literatura escrita por mulheres é tachada apenas pelo fato de uma mulher ter escrito, mas não por seu conteúdo. Nesta pesquisa, pretende-se, então, analisar este mito a partir da investigação qualitativa das escritoras contemporâneas da região do Vale São Francisco, âmbito tão pouco conhecido. Buscamos, portanto, entender o que versa nas falas dessas mulheres, apontando, assim, o machismo no corriqueiro dito pejorativo *"escrever como mulher*". Além disso, pretendemos explanar a multiplicidade e a não padronização deste conceito. Para a compreensão do estereótipo criado para a escrita feminina usou-se como referência Zahidé Muzart, que aborda a história da literatura feita por escritoras. Outra autora que contribui para a pesquisa é Constância Lima Duarte, com questionamentos em relação ao próprio termo "literatura feminina". Foram analisados onze livros e suas temáticas. Dentre eles: "Invertidos", de Clarissa Loureiro; "Dragutã", de Jaiza Sammara; "Da poesia, fez-se flor!", de Juliane Rodrigues; "Maneiras criativas de ensinar", de Edigleide Rabelo; "Lendas e Mitos do Rio 1501-2010", de Maria Izabel Muniz Figueiredo etc. Nessa perspectiva analítica, percebeu-se que os assuntos variam da fantasia literária ao feminismo e ao erotismo, havendo também a literatura infantil, assuntos com a vertente para o rio e temáticas voltadas ao amor e reflexões pessoais e profundas. Foram encontrados, também, assuntos de conteúdo acadêmico e temáticas relativas ao cotidiano. Nota-se na forma de escrita que não há nada padronizado, como a frase de cunho machista "escrever como mulher" sugere, tornando qualquer generalização em relação à escrita feminina equivocada, e evidenciando, portanto, a multiplicidade proposta.

Palavras-chave: Mulheres; Literatura; Multiplicidade literária; machismo; Literatura Feminina.

AS RELAÇÕES DE INTERTEXTUALIDADE: CONTO NEGRA DAS NEVES E OS SETE GIGANTES DO SERTÃO E A COMUNIDADE QUILOMBOLA DO SÍTIO LAMBEDOR NO MUNICÍPIO DE LAGOA GRANDE-PE

Rozangela Maria Batista dos Santos
Graduada em Língua Portuguesa/Universidade Estadual de Pernambuco-UPE
Especialização em Língua Portuguesa/Faculdades Montenegro
Professora de Língua Portuguesa-Educação Básica do Estado de Pernambuco

Este trabalho consistiu em investigar as perspectivas do conto *Negra das Neves e os Sete Gigantes do Sertão*, em relação à intertextualidade da comunidade quilombola do Sítio Lambedor, uma recriação a partir do conto Branca de Neve e os Sete Anões, no qual foram abordadas questões envolvendo elementos por meio da intertextualidade, Letramento e Práticas Socioculturais. A análise realizou-se a partir das acepções que dizem respeito à infância e ao contexto histórico da comunidade quilombola do Sítio Lambedor, considerando a realidade atual da comunidade como base reflexiva. Essa pesquisa contribuiu para a construção da afetividade e valores etno/socioculturais humanos, e para a constituição da identidade e da autoestima perante o meio social. Foi trabalhada a contação da história, com interpretação reflexiva contextualizada por meio de questionário; foi identificado o letramento local da comunidade, a fim de perceber a existência de preconceito e/ou discriminação sociocultural, numa análise comparativa por meio da intertextualidade e do contexto da comunidade. O objetivo geral foi investigar os aspectos intertextuais e a relação sociocultural da comunidade com o conto apresentado, abordagens e questões envolvendo as suas práticas sociais, a partir da contação de história e da interpretação reflexiva contextualizada. Nessa nova perspectiva da relação ensino/aprendizagem, foram observados os conhecimentos pré-existentes em relação ao tema da pesquisa, a fim de que os participantes falassem espontaneamente em contato direto com os sujeitos e os diversos instrumentos de coleta de dados, a saber: questionário, observações e rodas de conversas. Serviram de suporte os teóricos Nelly Novaes Coelho, Bruno Bettelheim, Regina Zilberman, Norma Discini, Tiphaine Samoyault, entre outros. A investigação foi de cunho qualitativo e quantitativo, a partir do confronto entre as respostas dos participantes da pesquisa com o pensamento dos teóricos. Essa pesquisa contribuiu para revelar até que ponto os contos de fadas infantis e as características físicas dos seus personagens interferem na vida das crianças em relação à sua identidade e na construção da sua autoestima.

Palavras-chave: Contos de fadas. Intertextualidade. Letramento e Identidade. Preconceito e/ou discriminação sociocultural.

O ESTUDO DA NARRATIVA ATRAVÉS DAS CRÔNICAS FEIRENSES

Ana Valéria Silva Pinheiro
Mestranda – PROFLETRAS - UEFS

A presente pesquisa pretende ser desenvolvida numa escola pública da cidade de Feira de Santana, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Tem como fundamentação teórica, Cosson (2014), Jouve, (2012), Kleiman (1995), Marcuschi, (2008), dentre outros. Nela, são enfatizadas a metodologia colaborativa-participativa, a qual procura envolver os participantes, com cada um dando a sua devida colaboração para o sucesso do trabalho; e a pesquisa-ação, na qual as atividades são desenvolvidas ao passo que a pesquisa vai sendo elaborada, de maneira que e os envolvidos vão, durante o desenvolvimento das atividades, procurando melhorar a sua prática. As atividades têm como foco o estudo da narrativa a partir da leitura de crônicas de autores feirenses de modo que os alunos possam ampliar seus conhecimentos a respeito da literatura local, o que poderá implicar numa maior valorização da cidade onde moram. Reconhecendo que a literatura é um caminho que instiga o leitor a posicionar-se criticamente, o objetivo deste trabalho é promover a melhora na produção textual dos alunos através do letramento literário, a partir de crônicas que vão tratar de aspectos voltados para as questões sociais, culturais e históricas da cidade de Feira de Santana. Como resultado, espera-se que os alunos se tornem mais proficientes, capazes de produzir textos com melhor qualidade linguística, e, consequentemente, que essa melhora possa refletir num melhor desempenho desses alunos nas demais disciplinas e na maior conscientização do papel deles como cidadãos feirenses.

Palavras-chave: Crônicas Feirenses. Letramento Literário. Narrativas.

PARAÍBA UNDERGROUND: A CONTRACULTURA NOS QUADRINHOS DE SHIKO

Elton Silva de Lima

Graduando em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca, Polo Palmeira dos Índios

A contracultura é entendida como uma atitude humana sempre presente ao longo do tempo, dentro dos mais diversos contextos, mas também como um fenômeno social e cultural que ocorreu de modo específico durante a década de 1960, onde as dinâmicas de ruptura estética, comportamental e social ganharam sua máxima potencialização. Seja qual for o conceito adotado, a contracultura tem se manifestado em todo tipo de produção artística. Música, cinema, literatura e até mesmo os quadrinhos são plataformas e meios de expressão estética e política que deram vazão aos movimentos mais inovadores da sociedade. Como a contracultura se configura na contemporaneidade e, sobretudo, nas histórias em quadrinhos, é o que propõe investigar este trabalho. Para tanto, foi preciso desconstruir paradigmas, revisitar a história, o conceito de contracultura e das próprias histórias em quadrinhos, apontando um percurso para além do senso comum, que relega a linguagem e a estética das HQ's à ingenuidade formal e política. Analisaremos o panorama histórico, estético e cultural das histórias em quadrinhos para além do âmbito da indústria, do público infantil e das histórias de super-herói, elegendo como recorte as produções *underground* dos anos 1960 até os dias de hoje. Subversão contra as ordens instituídas, propostas de ruptura com as velhas formas de arte e de sociedade, a sede pela criação do novo e toda sorte de transgressões que não estão no gibi. A partir da obra do paraibano Shiko, entenderemos que a contracultura permanece viva e atuante, sobretudo nos quadrinhos. Shiko não apenas dá continuidade ao legado marginal de um movimento, mas também reinventa o próprio *underground*, passeando por territórios humanos e geográficos diversos. Do sertão à cidade, dos afetos mais particulares às feridas sociais, Shiko mostra a relevância das histórias em quadrinhos como uma arte expressiva e relevante, ainda efetiva em romper, desconstruir, provocar, aflorar o pensamento crítico e, ainda assim, deleitar seus mais variados leitores.

Palavras-chave: Quadrinhos. Contracultura. Arte. Cultura. Shiko.

DO CAOS À LAMA: REFLEXÃO-AÇÃO SOBRE A CATÁSTROFE DE MARIANA

Edneide Ferreira Leite
Professora de Língua Portuguesa

Flora Sousa Pidner
Professora de Geografia

IFAL- Instituto Federal de Alagoas
Campus Palmeira dos Índios

O presente trabalho está centrado nas práticas interdisciplinares que envolvem o ensino de Língua Portuguesa e de Geografia. Partindo da catástrofe ocorrida na cidade de Mariana-MG e adjacências, propomos uma sequência didática na qual os alunos tomam como referência as reflexões sobre o fato ocorrido às práticas diversas que exploraram o tema em questão. As diferentes expressões da linguagem são instrumentos relevantes para a aproximação do conteúdo geográfico do cotidiano do aluno, razão pela qual foi oferecido com uma abordagem interdisciplinar. A prática do ensino interdisciplinar é um estímulo à pesquisa, a curiosidade e a compreensão que - embora a escola tradicionalmente trate assim - o mundo não é disciplinar. Embasados nos relatórios do grupo PoEMAS (Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade), do professor Bruno Milanez (UFJF) e da professora Andrea Zhouri (UFMG) para aprofundar a discussão sobre o tema selecionado, como também nas teorias de Rojo e Machado sobre as questões pertinentes a gêneros discursivos/textuais, foram desenvolvidas atividades que resultaram na produção de reportagem e de protesto em plataforma virtual. Buscou-se com essa experiência uma relação entre os fatos apresentados em Geografia e as produções em Língua Materna, que ressaltem a noção de que o espaço geográfico é construído nas nossas práticas diárias, por todos nós. E através das ações, ainda que sejam em forma de produções escritas e visuais, nós podemos reconstruí-lo ou, ao menos compreender o panorama que está em análise.

Palavras-chave: Desastre em Mariana. Reportagem. Protestos. Ensino Interdisciplinar.

GÊNEROS COMUNICATIVOS DA ESCOLA E O ENSINO DE LÍNGUA

MARÍLIA ROBERTA DA SILVA LEITE
Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa que estudou os gêneros comunicativos na escola, considerando uma noção de língua que enquanto processo comunicativo envolve sujeitos situados historicamente. Dessa forma, a pesquisa se inseriu na esfera de discussões acerca dos gêneros discursivos como processo da comunicação e como recurso para o ensino da língua, contribuindo para as práticas de letramento. Inclui-se também no campo de estudo que entende que o gênero pertence a um contexto social e cultural. Nesta perspectiva, a escola foi observada como espaço de interação, onde os gêneros eram constituídos para atender aos objetivos comunicativos do sistema escolar e de seus participantes. Objetivamos, com a pesquisa, verificar quais os gêneros discursivos (orais, escritos ou virtuais) são produzidos na escola pública e na privada, para atender às demandas comunicativas das escolas pesquisadas e se eles são utilizados no ensino de língua. Realizamos uma pesquisa qualitativa, interpretativista, de cunho etnográfico em duas escolas, quais sejam: Colégio Estadual Professor Edgard Santos (C1) e Colégio Viana (C2). O conjunto de dados foi composto por visitas de campo, aplicação de questionários, acompanhamento de redes sociais entrevistas e um conjunto de documentos composto por *comunicados* enviados pela escola, ofícios, *contratos*, *carta de matrícula* e *e-mails*. No intuito de discutir sobre os gêneros como mediadores da comunicação e a utilização dos gêneros no ensino de Língua, a pesquisa fundamentou-se nas reflexões de Bakhtin (2003[1951-1953]), Brait (2005, 2012, 2013), Rojo (2009 e 2014), Schneuwly e Dolz (2004), Marcuschi (2004 e 2008), Orientações Curriculares Nacionais (2006), Rodrigues (2005). Com os resultados, foi possível observar os modos particulares de comunicação nas duas escolas, uma pública e outra privada, em suas relações com os funcionários, pais, alunos e comunidade em geral. Observou-se, também, que os gêneros comunicativos que circulam na escola pouco são utilizados como instrumento de aprendizagem da língua e práticas de letramentos.

Palavras-chave: Escola; Gênero; Interação; Ensino.

IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DE PROFESSOR NA TRAJETÓRIA DE RIOBALDO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Prof. Dr. Cláudio L. A. Fonseca
Letras/CUA/UFMT/SELEPROT
Profª. Drª. Darcilia M. P. Simões
LETRAS/UERJ/SELEPROT (CNPq)
Coordª do GT EAPLA (Anpoll)

Em *A forma e o sentido da linguagem*, Benveniste (1989) afirma que a língua, mais do que significar, serve para viver. Este sentido se ancora na perspectiva de que a produção de sentidos de enunciados se concretiza pela compreensão dos eventos enunciativos, constituídos em tipos de interação comunicativa, nas diferentes esferas sociais (BAKHTIN, 1992). Nesse sentido, a enunciação é da ordem do acontecimento, do uso. As leituras e semioses se ampliam em função das condições de produção do discurso que podem variar, uma vez que a enunciação é da ordem da singularidade, do irrepetível. Em outras palavras, o processo de enunciação, cujos constituintes são a *pessoa*, o *tempo*, e o *espaço* ou, em outros termos, o *eu*, o *agora* e o *aqui*, celebra aquilo de mais transitório que há na língua: o momento de seu aparecimento é paradoxalmente um acontecimento que desaparece. “Se o ‘sentido’ é a idéia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisa que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar.” (BENVENISTE, 1989). Os lexicólogos, no afã de registrar novos e diferentes empregos, novos e diferentes acepções de itens lexicais, tentam apreender aquilo que é decorrente da enunciação: sua contingência, sua repentina existência, é apenas compreensível em referência à situação de comunicação. Neste trabalho, propõe-se tomar a trajetória de Riobaldo (GUIMARÃES ROSA, 1994), segundo a qual a personagem, após aprender os conhecimentos básicos, primários, como ler e escrever, dominar as quatro operações matemáticas, torna-se professor e secretário. Por meio de uma análise semiótico-discursiva, busca-se compreender em que medida a construção ficcional do protagonista de Grande sertão: veredas constitui uma imagem e representação de professor. Em virtude disso, pretende-se demonstrar que essa imagem pode ser tomada como referência para a formação do professor de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Enunciação. Produção de sentidos. Formação do professor de língua portuguesa.

MOVIMENTO CARTONERO E POÉTICA PERIFÉRICA

Wellington José de Melo
Universidade Federal de Pernambuco
Mestrando em Teoria Literária

Professora orientadora: Profa. Dra. Brenda Carlos de Andrade

O movimento editorial cartonero surgiu na Argentina em 2003 e foi difundido em vários países. Neste trabalho, apresentaremos um breve histórico desse movimento como forma de contextualizar nossa busca por uma poética periférica nascente no continente Latino-americano no início do século XXI. Ao mesmo tempo, defenderemos que a interação entre o movimento cartonero e o discurso contra-hegemônico não se dá de maneira exclusivista. Este estudo faz parte da pesquisa em Literatura Comparada desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco acerca da poética periférica nas obras *Cosa de Negros* (2003), de Washington Cucurto, e *El astronauta paraguayo* (2007), de Douglas Diegues. Assumimos que a compreensão plena de uma poética não pode prescindir da análise de seu meio de produção (MINER, 1996, p. 35). Também nos interessa revelar de que forma a identidade latino-americana poderia ser ressaltada através dessa mostra da produção literária contemporânea, para além da simples discussão de temas pertinentes ao continente, assim como discutir a questão do cânone, essencial para por em debate os modelos eurocêntricos hegemônicos (COUTINHO, 1996). Em nossa metodologia, nos valemos essencialmente de fontes documentais sobre a criação e proposta editorial de diversos coletivos cartoneros, notadamente os que estão em atuação no estado de Pernambuco. Em seguida, nos remetemos às obras citadas de Cucurto e Diegues para exemplificar características dessa poética peculiar, dotada de uma atmosfera grotesca, que assimila o *kitsch* e o exagero, com ressonâncias do *neobarroso* rio-platense (PERLONGHER, 1991), e permeada de um discurso identitário contra-hegemônico. Por fim, fazemos um cotejamento dessas obras com outros títulos publicados que não compartilham dessas características. Concluímos essa parte do estudo considerando que, embora colabore para a circulaçãoobras da poética periférica, o movimento cartonero não é determinante para a construção dessa poética nem é exclusivamente composto por obras que busquem essa estética.

Palavras-chave: Movimento cartonero. Poética periférica.Washington Cucurto. Douglas Diegues.

EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE RIBEIRINHA: A PRODUÇÃO POÉTICA EM PETROLINA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Tito Eugênio Santos Souza
Instituto Federal do Sertão Pernambucano
Jornalista

Este trabalho tem como objetivo analisar parte da produção literária – mais especificamente em poesia – feita na primeira metade do século XX em Petrolina, considerando suas particularidades históricas e o processo de (trans) formação social e cultural da própria comunidade. Para isso, foram utilizados como objetos de análise alguns textos extraídos da antologia Poética Ribeirinha (1998), organizada por Elisabet Gonçalves Moreira e publicada em alusão ao centenário do município (1895-1995). Em sua transição para a modernidade, ainda em devir, essa cidade ribeirinha experimentou tensões e rupturas entre o arcaico e o moderno, as quais, por sua vez, seriam expressas tanto no nível mais simbólico da linguagem como no plano das soluções estéticas adotadas por autores diversos, entre os quais, José Raulino Sampaio, Antonio Santana Padilha e Cid Almeida Carvalho. Assim, quando se consideram as primeiras manifestações literárias identificadas na cidade, é perceptível certo sentimento de apego e fidelidade às raízes telúricas locais, com suas paisagens, seus costumes e tipos humanos representados de maneira quase sempre idealizada ou mesmo estereotipada, em que o sertão ora é o "vasto mundo", ora se confunde com os limites da província. Conforme se observa na produção literária de uma primeira geração de poetas da cidade, por vezes, a poesia assume a tarefa de expressar os anseios coletivos dessa mesma comunidade em direção ao "porvir", deixando para trás "as cinzas do passado" em busca de um ideal positivista de progresso. Sintomaticamente, a lírica praticada por esses autores não raro se reveste de um sentido quase épico de grandeza que vai buscar nas formas clássicas ou de ascendência clássica (como a ode e o soneto) a expressão literária de uma nova identidade em formação. No período aqui considerado, a literatura local, portanto, de certo modo, se confunde com essa visão de mundo e é posta praticamente a serviço dela, gerando uma aura de encantamento em torno de si de maneira a simbolizar os ideais de grandeza e opulência desejados (e celebrados) pela ribeirinha cidade.

Palavras-chave: Literatura. História. Poesia. Petrolina. Identidade ribeirinha.

PIBID: RELEVÂNCIAS E DISCREPÂNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DO SUBPROJETO INTERDISCIPLINAR DA UPE CAMPUS PETROLINA

Aline Alves da Silva
Juarez Pereira de Carvalho Junior
Universidade de Pernambuco
Graduandas do curso de Letras
Maria Aparecida Ventura e Brandão
Universidade de Pernambuco
Professora/orientadora

A tendência interdisciplinar, seja em qualquer segmentação do ensino, tem sido alvo de muitas discussões, pois essa prática possibilita aos estudantes uma aprendizagem significativa, uma vez que lhes oportuniza compreender o fenômeno como um todo, configurando-se, com isso, elemento essencial no desenvolvimento intelectual do aprendiz. Frente a essa questão, este estudo objetiva analisar as dificuldades encontradas na implementação da proposta interdisciplinar do Pibid, por meio do relato de experiências do coordenador do campus, coordenadores de área, supervisores e alunos bolsistas, almejando uma execução significativa do subprojeto. O delineamento da pesquisa foi de natureza qualitativa e caráter exploratório, explicativo e descritivo. Para uma compreensão teórica da proposta interdisciplinar, a pesquisa se respaldou nos conceitos e estudos dos autores Ivani Fazenda (2011) e Edgar Morin (2005), a fim de dar consistência a tese defendida. Como resultado da análise, percebeu-se que a proposta interdisciplinar possibilita ao estudante pesquisador uma apreensão completa do conhecimento, sendo assim indispensável na área do ensino e da pesquisa. Constatou-se também que as ações desenvolvidas no projeto não conseguiram aplicar com rigorosos princípios da interdisciplinaridade como mecanismo de intermediação das atividades propostas acerca da temática abordada. Contudo, considerando o cenário atual da educação e seu modelo disciplinar tradicional, a implantação da perspectiva interdisciplinar ainda necessita de um maior engajamento, pois as dificuldades encontram-se na base do ensino, acentuando, com isso, a ideia de restruturação do currículo escolar para que ocorra a descentralização do conhecimento compartimentado.

Palavras-chave: Pibid. Interdisciplinaridade. Ensino.

ANÁLISE LINGUÍSTICA DA MODALIDADE ESCRITA DA LÍNGUA

Elisléia Bento de Medeiros
Marcia Danieli da Silva Costa
Maria Aparecida de Almeida Guedes
Universidade de Pernambuco
Graduandas do curso de Letras/ Língua Portuguesa

Neste artigo, abordamos a língua como um produto de interação social. Partindo desse pressuposto, analisamos o fenômeno da variação linguística (diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica e diafásica) e a concepção de língua apreendida pelo sujeito linguístico, bem como os fatores externos que implicam no processo de produção textual. Seguindo essa temática, analisamos o conceito de norma culta e a sua contribuição no português tendo em vista o ensino da Língua Portuguesa. Para isso, realizamos uma pesquisa sociolinguística em instituição escolar, onde foi coletado o nosso objeto de pesquisa: o texto de um discente do 7º ano do ensino fundamental II. Na perspectiva de compreender a realidade heterogênea da língua, analisamos as suas consequências sociais tendo em vista o discurso do senso comum impregnado de concepções ultrapassadas sobre a linguagem e de preconceitos sociais que desenvolveu a cultura "do erro" no meio social. Objetivando contribuir com a natureza da língua, com seu funcionamento e com os processos de mudança linguística, propomos uma reeducação sociolinguística que desconstrua discriminações e exclusões no tocante à "superioridade" e "inferioridade" na língua. Essa reeducação deve demonstrar que, sendo a língua interação, toda e qualquer manifestação linguística cumpre plenamente essa função de estabelecer a interação entre os sujeitos linguísticos.

Palavras-chave: Linguagem. Variação Linguística. Preconceito linguístico.

CULTURA LOCAL EM SALA DE AULA: O REPENTE NUMA PERSPECTIVA MOTIVADORA DO LETRAMENTO

Maria Valmirene Oliveira Carneiro – Mestranda do PROFLETRAS/UEFS
Rubens Edson Alves Pereira – Prof. Orientador, PROFLETRAS/UEFS

A cultura local em sala de aula: o repente numa perspectiva motivadora do letramento – visa a implementar uma proposição didática a ser desenvolvida nas aulas de língua portuguesa com uma turma do 6º (sexto ano) do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Riachão do Jacuípe, tendo como objetivo geral conseguir a motivação e o envolvimento dos alunos com vistas ao sucesso do processo ensino-aprendizagem, contemplando a oralidade e a transcrição de texto (retextualização) e promovendo a leitura crítica e a valorização da cultura local e da identidade do aluno. Trata-se, então, de uma pesquisa de intervenção, constituída por uma sequência didática a partir do gênero poético-musical da literatura oral, o Repente, difundido no Nordeste brasileiro e também praticado pelos repentistas jacuipenses. A pesquisa fundamenta-se, principalmente, em Bakhtin (1997; 2010), Marcuschi (2007; 2008), Soares (2002), Kleiman (1995; 2000; 2005), PCN (2001), Cascudo (1994; 2010), Paul Zumthor (2000) e Azevedo (2015). Por compreender que o ensino de língua portuguesa deve ter a linguagem como ponto de partida e de chegada, os gêneros da oralidade vêm enriquecer e tornar o processo ensino-aprendizagem mais motivado e produtivo, uma vez que as atividades propostas caracterizam-se como eventos de promoção da leitura, da escuta, da expressão oral, da produção textual e da valorização da identidade sociocultural do aluno, adequando-os às variadas situações de interação.

Palavras-chave: Letramento. Repente. Gênero do discurso. Retextualização.

O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA ORAL E AS PRÁTICAS SOCIAIS: O QUE ISSO TEM A VER?
Um estudo a partir de escutas ativas de depoimentos

Cacilda Silva Oliveira Carneiro – Mestranda do PROFLETRAS/UEFS.
Mariana Fagundes de Oliveira – Orientadora UEFS/FABESP

Este projeto aborda o trabalho com a oralidade em sala de aula, a partir da análise de propostas trazidas por livros didáticos. Verifica um distanciamento entre o que os livros propõem enquanto prática oral – declamar poesias, cantar músicas, entre outros – e o que pode, de fato, levar ao desenvolvimento da competência comunicativa oral dos alunos, fundamental para sua prática social efetiva (PCN, 1998; Marcuschi; Dionísio, 2007; Dolz; Schneuwly, 2004; Bentes, 2010). A oralidade tem sido trabalhada nas escolas como pretexto para a prática de leitura e escrita de textos (Oliveira, 2012; Marcuschi, 2005b), quando deveria pautar-se em uma concepção de língua interativa, a fim de concretizar o desenvolvimento humano (Bronckart, 2003; Machado, 2007). A oralidade, com foco apenas em si mesma, ainda não tem espaço garantido na escola. Diante desse quadro, propõe-se – a partir de uma pesquisa-ação – uma sequência didática, com o objetivo de criar, nas aulas do 6º ano do Ensino Fundamental, situações de desenvolvimento da oralidade, a partir da escuta ativa de depoimentos inventariados nos discursos oral espontâneo e oral formal, os quais deverão favorecer a reflexão da língua a partir dos seus usos, ou seja, a adequação das variedades aos seus contextos. A retextualização servirá como mais uma ferramenta desse processo reflexivo da língua. Ao longo do projeto serão gravados depoimentos pelos alunos, e esses áudios, posteriormente, farão parte de um repositório que ficará à disposição dos professores e poderá servir como material didático em contraponto às propostas dos livros didáticos.

Palavras-chave: Competência comunicativa. Oralidade. Escuta ativa.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O TRABALHO COM A ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Elinalva Carneiro Muniz Guimarães (Mestranda do PROFLETRAS - UEFS)
Patrício Nunes Barreiros (Professor Orientador- UEFS)

No presente trabalho apresentam-se os resultados preliminares da elaboração e execução de uma sequência didática com o objetivo de promover e aprimorar a competência oral de alunos da 7ª série de uma escola estadual, no município de Ichu-BA, no primeiro semestre de 2016. Entendendo que, normalmente, as aulas de Língua Portuguesa priorizam a escrita e regras normativas, e acreditando que é possível a escola promover momentos de fala e escuta, que levem os alunos a usar de forma consciente e respeitosa a sua oralidade, busca-se a partir da contação de histórias e com a ajuda das tecnologias digitais promover momentos de prática da oralidade e conhecimento da literatura popular difundida na comunidade por meio da contação. A pesquisa-ação aqui apresentada baseia-se nas propostas de documentos oficias como os PCN (1998), por exemplo, e está fundamentada nos estudos de Bakhtin (1929; 1961), Marcuschi (2010), Geraldi (2000), Libâneo (2011), Moran (1995). A pesquisa prevê a construção de vídeos sobre a vida de alguns contadores de histórias do município e também de uma página na internet para preservação e divulgação de todo material produzido durante o desenvolvimento do projeto. A aplicação ainda não foi iniciada, mas os resultados preliminares apontam a existência de diversos contadores de histórias nas comunidades. Além disso, foi observado que as histórias contadas oralmente, geralmente por idosos, são difundidas na comunidade. Isso evidencia que esse gênero oral tem uma função social e está vinculado às práticas sociais da comunidade, justificando a sua inserção no espaço escolar, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Contação de história. Oralidade. Língua Portuguesa.

LITERATURA POPULAR: LEITURAS E INFERÊNCIAS SOBRE SABERES, VIVÊNCIAS E MEMÓRIA COLETIVA NO SERTÃO NORDESTINO

Maria de Lourdes Dionizio Santos
UFCG – Docente – lvhs@uol.com.br

Trata-se de um Projeto que visa a contribuir com a formação de professores da rede pública de ensino de cidades situadas no sertão nordestino (Cajazeiras-PB e adjacências), e de docentes em formação da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UAL/CFP/UFCG), tendo em vista a necessidade imediata a ser suprida no âmbito da Literatura Popular-Regional. Na execução do Projeto, abordamos a produção poética (narrativa e poesia) oral e escrita de escritores e poetas nordestinos, no intuito de ampliar o conhecimento do seu público beneficiário, propiciando-lhe uma experiência de leitura e inferências sobre essa poética. Nosso aporte teórico segue à luz do pensamento de autores cujos textos, fundadores dos estudos de Literatura Popular, elucidam questões que a perpassam, a exemplo de Luís da Câmara Cascudo, Renato Ortiz, Paul Zumthor, Joseph M. Luyten, entre outros. Partindo desse pressuposto, consideramos que as obras desses poetas e escritores imortalizam a cultura popular nordestina, ao difundirem valores imateriais e simbólicos repercutidos na experiência e na prática dos costumes do povo. Dessa forma, ao realizarmos um trabalho dessa natureza, contribuímos, de modo efetivo, com a formação docente, bem como com a disseminação dos saberes, vivências e memória coletiva que integram a cultura e a identidade nacional, potencializando sua recepção, propiciando o seu reconhecimento, vigor e maior visibilidade à estética regional nordestina.

Palavras-chave: Literatura Popular. Memória. Formação Continuada.

A CULTURA VISUAL E O SERTÃO RURAL BRASILEIRO: MAIS DO MESMO NOS DISCURSOS EMERGENTES DE IMAGENS NAS REDES SOCIAIS

Edilene Alcântara Ribeiro Rios[185]
Kátia Luzia Soares de Souza Oliveira[186]
Keila Souza Santos[187]
Rafaela Santos Araújo[188]

Tradicionalmente, os discursos que emergem de situações nas quais se visa representar os territórios sertanejos do Brasil e, consequentemente, os homens e mulheres sertanejas, têm sido marcados por concepções, muitas das vezes, reducionistas e unilateralizadas. Há uma tendência de bases históricas e culturais em atrelar tais sujeitos e espaços, unicamente, a signos como a seca e a miséria. Na atualidade a produção e circulação de imagens, impulsionadas pelas novas tecnologias da comunicação e da informação, vêm ganhando um espaço cada vez maior, de modo, que as visualidades implicam diretamente nos modos como os sujeitos veem e são vistos pela sociedade. Tomando como pressuposto o potencial plurissignificativo que os artefatos/produtos da cultura visual inserem, e considerando que toda produção imagética engendra em si intencionalidades e posicionamentos, sendo esses frutos de percepções e marcas históricas, sociais, culturais e ideológicas, neste trabalho, procuramos discutir acerca da necessidade de a escola, lançando mão de produções visuais que retratam o sertão rural como elementos de mediação, favorece discussões outras, de modo a romper com cristalizações a partir do aprofundamento de olhares sobre produções imagéticas que contemplam em si muito mais do que o aparente. Para aprofundar as discussões aqui propostas, tomaremos algumas imagens de caráter crítico-humorístico – charges – que têm circulado em redes sociais nos últimos anos e que se centram em representações do sertão nordestino brasileiro em seu aspecto rural.

Palavras-chave: Cultura visual. Sertão. Redes sociais.

[185] (Mestranda em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia/ Campus IV; Professora da Educação Básica – Secretaria da Educação do Estado Bahia)
[186] (Mestranda em História Regional e local pela Universidade do Estado da Bahia/Campus V; Professora da Educação Básica, Técnica e Tecnológica – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia)
[187] (Mestranda em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia/ Campus IV; Professora da Educação Básica – Secretaria da Educação do Município de Jacobina-Ba)
[188] (Mestranda em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia/ Campus IV; Professora da Educação Básica – Secretaria da Educação do Estado Bahia)

O ENSINO DE GRAMÁTICA NORMATIVA NUMA PERSPECTIVA DA PRODUÇÃO DE SENTIDO: PARALELO ENTRE O LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO INTEGRAL E O LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO REGULAR

Francisco de Assis Silva Panta
Professor Mestre da Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina
Aquilas Derkyan Rodrigues
Professor Especialista em Língua Portuguesa – UPE - Campus Petrolina

Este artigo traça um paralelo entre o livro didático utilizado na escola de referência e o livro didático empregado na escola de ensino regular, e busca identificar qual deles se aproxima dos ideais defendidos por autores como Neves, Bagno, Luft, Marcuschi, Travaglia, entre outros, no que tange ao ensino de gramática e produção de sentido. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, que utilizou as coleções: Português – contexto, interlocução e sentido (Maria Luiza M Abaurre, Maria Bernadete M Abaurre e Marcela Pontara) e Português – linguagens (Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães), cujo foco de análise foi o ensino de gramática normativa numa perspectiva da produção de sentido: paralelo entre o livro didático do ensino integral e o livro didático do ensino regular. Para isso, o estudo utilizou como suporte teórico: Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Celso Pedro Luft, Luiz Antonio Marcuschi, Maria Helena de Moura Neves e Luiz Carlos Travaglia. Vale ressaltar que a matriz epistemológica dessa pesquisa foi a sociointeracionista. Os objetos de análise se distanciavam em alguns aspectos, a saber: um possuía uma estrutura física muito grande, por vezes a obra trazia ideias que se distanciavam uma das outras, assim como trouxe o ensino de gramática separado da produção textual e do ensino de literatura. Por outro lado, a outra obra que fora analisada buscou reduzir tais arestas, sendo mais enxuta e sem distanciamentos entra gramática e produção textual. Em vista disso, foi possível observar que, apesar das proximidades no que tange ao trato com a língua materna, a coleção: Português – linguagens se aproxima mais daquilo pretendido pelos estudiosos, no que se refere ao tratamento dispensado as aulas de português ministradas nas salas de aula.

Palavras-chave: Gramatica. Produção de sentido. Ensino de língua materna.

UMA ABORDAGEM ANALÍTICA DO PERÍODO COMPOSTO NO LIVRO DIDÁTICO "PORTUGUÊS – LEITURA, PRODUÇÃO, GRAMÁTICA"

Ana Karolyne da Silva Souza (UPE – Estudante)
Kátia Rejane da Silva (UPE – Estudante)

O presente estudo tem como objetivo analisar a abordagem da autora, Leila Lauar Sarmento, sobre o período composto, trazida pelo seguinte livro didático: "Português, Leitura, Produção, Gramática", obra utilizada no 9º ano do Ensino Fundamental, que, em poucas palavras, visa ao conceito e à dinâmica que a autora emprega para transmitir o conteúdo. Essa pesquisa tem como foco central, por meio da análise de dados, observar de que forma a autora aborda o conteúdo. Nesse sentido, Travaglia conceitua a Gramática como "um conjunto de regras que definem o funcionamento da língua, a qual tem como finalidade orientar e regular o uso da língua, estabelecendo um padrão de escrita e de fala". Ainda na perspectiva do autor, a sintaxe é definida como o estudo das palavras enquanto elemento de uma frase, observando suas relações de concordâncias, subordinações e ordens. Dessa forma, visamos a avaliar no livro didático em questão os conteúdos relacionados à sintaxe, em específico o período composto, verificar de quais elementos textuais a autora se utiliza para a abordagem do conteúdo. Por meio desse estudo, faz-se necessário compreender o conceito dado à sintaxe do período composto, tendo como fundamentação que o período é um enunciado formado por uma ou mais orações. Utilizou-se para fundamentar essa pesquisa Agnaldo Martino, que evidencia o conceito de sintaxe do período simples e composto, como também Luiz Carlos Travaglia e Sírio Possenti, ambos com o conceito de que todo livro didático dever propiciar ao aluno a interação com a linguagem, uma vez que todo falante natural possui uma gramática internalizada da língua, dessa forma certifica-se a relevância do uso do livro didático como ferramenta de apoio tanto ao aluno como ao professor.

Palavras-chave: Gramática normativa. Sintaxe. Livro didático.

A ILHA NO ESPAÇO: ANÁLISE NARRATOLÓGICA DO CONTO DE OSMAN LINS

Adriano Siqueira Ramalho Portela
(UFPE - Mestrando em Teoria da Literatura)

Este ensaio tem como objetivo investigar as técnicas narratológicas empregadas na produção do conto "A Ilha no Espaço", do escritor pernambucano Osman Lins. A ideia fora esmiuçar: narrador, capítulos, personagens, cenários, ações e elementos psicológicos da trama. A narrativa é dividida em 12 capítulos e tem 12 personagens, sendo um deles, o Edifício Capibaribe, localizado na Rua da Aurora, um dos cartões postais do Recife. Ela foi publicada em amplos intervalos de tempo, com início na década de 60 e publicado em 1978, pela "Summus Editorial". Um ano depois a obra foi adaptada para a TV, sendo exibida no programa "Casos Especiais" da Rede Globo. O pernambucano afirma ter sido o primeiro ficcionista brasileiro a escrever direto para o formato televisivo. Do decorrer da análise vamos recorrer a alguns autores para um maior esclarecimento sobre determinados pontos. Ricardo Piglia e o argentino Júlio Cortázar contribuirão no quesito produção do conto; Roland Barthes e James Wood na área do romance; e o próprio Osman Lins, no processo de criação da sua narrativa, abordando também o papel do escritor na sociedade. Pretendemos, ao investigar o conto em questão, constatar que, para um texto em seu produto final estar bem escrito, bem estruturado e amarrado, é preciso que o autor esteja numa constante dedicação com o ato da escrita, tratando com seriedade e respeito o ofício do escritor. Segundo Osman Lins, só escrevendo o autor é capaz de aferir valores e revisar conceitos.

Palavras-chave: Osman Lins. Análise. Trama. TV. Conto.

TRAJETÓRIAS DE LEITORES: O ADULTO SURDO BILÍNGUE E AS OBRAS LITERÁRIAS ESCRITAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Júlia Carolina Fernandes Braga de Melo
(UFPE - Pedagoga)
Wilma Pastor de Andrade Souza
(UFPE - Professora Doutora do Departamento de Psicologia)

Este trabalho tem como objetivo conhecer como têm se constituído as relações de adultos surdos bilíngues com a leitura de obras literárias escritas em Língua Portuguesa (LP) em seus processos de letramento literário. Os procedimentos metodológicos seguiram perspectiva qualitativa. Assim, foram entrevistados três sujeitos adultos, surdos bilíngues, todos do sexo feminino. Por meio desta pesquisa, relatam-se elementos facilitadores ao acesso desses sujeitos às obras literárias escritas em LP, a mediação literária pela Língua Brasileira de Sinais e a presença de ilustrações nas obras. Como elementos complicadores a esse acesso, destacam-se a dificuldade de compreensão de expressões idiomáticas presentes em obras literárias escritas em LP e a predominância da oralidade como recurso de comunicação durante mediações literárias na escola. Como formas de leitura de obras literárias escritas em LP desenvolvidas por esses sujeitos identificam-se: 1) a localização de termos desconhecidos, para posterior elucidação sobre seus significados; 2) a leitura acompanhada por um leitor que tem maior conhecimento da LP na modalidade escrita; 3) a leitura dessas obras, quando o texto apresenta ao menos alguns sinais grafados. Com base nos dados das entrevistas, compreende-se que todos os sujeitos tinham maior aproximação com a literatura surda que com a literatura que não é artefato cultural surdo. Apreende-se que a família, a escola bilíngue, a comunidade surda e a graduação em Letras/Libras foram instâncias sociais relevantes ao desenvolvimento de comportamento de apreciação literária.

Palavras-chave: Literatura; Surdez; Letramento.

RESINIFICANDO AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM TURMAS DE 9º ANO DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Juarez Pereira de Carvalho Junior
Aline Alves da Silva

A leitura e a produção textual são a base do ensino de Língua Portuguesa. O professor deve ter como objetivo primordial de suas aulas ensinar o aluno a escrever e despertar nele gosto pela leitura, pois essas são competências indispensáveis tanto para a aquisição de conhecimentos em qualquer área do saber, como para a participação nos mais diversos contextos sociais de interlocução. Este estudo objetiva essencialmente fazer com que os alunos desenvolvam o interesse pela leitura e produção textual, mostrando os prazeres e benefícios no ato de ler e escrever. O aporte teórico utilizado para embasar os estudos acerca da relevância da prática da leitura e escrita como atividades indispensáveis para o desenvolvimento intelectual do sujeito em todos os níveis de escolaridade se deu à luz da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2010), Ligia Chiappini (2004) e Luiz Carlos de Menezes (2009). A partir da realização de atividades direcionadas ao campo da leitura e da escrita, possibilitamos aos estudantes um contato direto com essas áreas do conhecimento na perspectiva do texto multimodal, ou seja, textos que empregam mais de uma modalidade linguística, distribuídos em quatro atividades e propondo reflexão acerca da linguagem verbal e não verbal na construção do texto. Todas as atividades finalizavam com produção textual, o que evidenciou o trabalho com a escrita e consequentemente com a leitura e cada atividade desenvolvida viabiliza a efetivação das práticas de leitura e escrita que consideramos indispensável no ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Escrita. Leitura. Práticas de Ensino.

O LETRAMENTO VISUAL E A MULTIMODALIDADE: UMA PROPOSTA DE LEITURA DE IMAGENS COM OS GÊNEROS POESIA E FOTOGRAFIA

Ilka Myrele Cordeiro Oliveira Carneiro Perazzo (UEFS - Mestranda do PROFLETRAS)
Humberto Luiz Lima de Oliveira (UEFS - Orientador)

O presente trabalho visa a apresentar o estudo e a análise de imagens presentes nos textos multimodais poesia e fotografia, apresentando-os como ferramentas didáticas e facilitadoras para prática de letramentos nas aulas de Língua Portuguesa. Esta pesquisa encontra-se em desenvolvimento e constitui parte do trabalho de conclusão de curso do programa de Mestrado Profissional em Letras na UEFS. A pesquisa tem como proposta a elaboração e a aplicação de uma sequência didática nas aulas Língua Portuguesa, na turma da 7ª série do Ensino Fundamental II, do Colégio Estadual Luiz Júlio Carneiro, em Ichu-Ba. É essencialmente fundamentada na Teoria da Semiótica (Semiótica Social) com os estudos de Santaella e Nöth (2013) e Kress e Leeuwen (1996; 2001), e nas concepções de multimodalidade de Dionísio (2005; 2008). Utiliza-se o método da pesquisa-ação e tem-se como objetivo desenvolver e aprimorar competências e habilidades leitora e interpretativa dos educandos por meio de atividades que permitam a inter-relação entre os gêneros poesia e fotografia, possibilitando-os serem protagonistas de sua aprendizagem. Levantamentos parciais apontam que muitos dos alunos, oriundos das áreas periféricas urbanas e rurais do município, não têm rendimentos escolares satisfatórios, apresentando dificuldades na leitura, na escrita e que a maioria deles não tem autoestima elevada, o que afeta diretamente o processo de aprendizagem. Busca-se, com auxilio das tecnologias móveis, criar estratégias de aprendizagem colaborativa com atividades de análise, comparação e produção de poesias e fotografias que sejam próximos a realidade em que os alunos estão inseridos. Acredita-se que utilizar-se do caráter multidisciplinar das imagens na sala de aula é muito relevante e oportuno para os educandos, pois os possibilitam vivenciar novas e diversificadas formas de interação comunicacional na contemporaneidade. A pesquisa encontra-se em andamento e prevê a publicação, em uma página do *Facebook*, das fotografias produzidas pelos alunos bem como a exposição de um produto final que dê visibilidade ao espaço social e cultural deles, valorizando a identidade de cada um.

Palavras-chave: Letramento Visual. Multimodalidade. Poesia. Fotografia.

AS NARRATIVAS ORAIS E A PRÁTICA ESCOLAR DE RETEXTUALIZAÇÃO: PRÁTICAS DE LETRAMENTOS

Sayonara Cordeiro de Marins Nogueira (UNEB - Mestra Multidisciplinar em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos).

Este trabalho objetiva analisar as narrativas orais dos contadores de histórias do Distrito de Irrigação de Maniçoba/Juazeiro-BA visando ao aprendizado escolar através da retextualização como um viés para as práticas de letramentos. Assim, foram analisadas sete histórias contadas por moradores das comunidades pertencentes a Maniçoba. Essas se encontram no livro "Memórias das Comunidades do Distrito de Maniçoba – Causos, lendas e curiosidades de Maniçoba", produzido pelos alunos das 7ª séries e alunos do 7º ano com a colaboração dos professores da Escola Municipal Dois de Julho. Para enveredar nessa discussão, buscamos fundamentar nos aportes teórico-metodológicos a teoria do processo da retextualização (MARCUSCHI, 2001), que logo propõe que a mudança se realize de um texto para outro. A fundamentação teórica está ancorada em Brian Street (2007, 2011, 2014) com a contribuição das reflexões sobre as abordagens dos letramentos sociais, destacando a abordagem do letramento intercultural, que valoriza as interfaces entre a leitura e a escrita nas práticas sociais, Paul Zumthor (1993, 1997, 2007) que nos traz uma reflexão sobre a voz na escrita e Vancina (1982) com a tradição oral nos valendo das narrativas orais. Adentramos também numa abordagem qualitativa (BOGDAN, 2010) optando pela técnica da Observação Participante (GIL, 1990). Neste contexto, houve um envolvimento numa interface entre oralidade e escrita, entre as práticas escolares e práticas comunitárias. Logo, notamos que as narrativas orais e a prática de contação de histórias assumem novos formatos, por exemplo, o formato letrado, escolarizado e ideológico.

Palavras-chave: Narrativas orais. Retextualização. Práticas de letramentos.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA MEDIAÇÃO DIANTE DA LEITURA INCLUSIVA

Luiz Albérico Falcão
Sebastiana Costa
Docentes da Universidade de Pernambuco

Patrícia Rocha Pordeus
Professora de Acessibilidade e Libras da Faculdade Joaquim Nabuco

Luciana Andrade Samira Dantas
Aluna do curso letras Libras e do curso de instrutor de libras da UPE

Esta pesquisa empírica tem como norte traçar uma vertente dialética, crítico-reflexiva entre o discurso contido nos livros que apresentam histórias infantis e o modelo de sociedade que se deseja construir. Refletir sobre a estrutura e a complexidade da intermediação de livros clássicos de contos de fadas como o Chapeuzinho Vermelho e Cinderela. A base teórica fundamenta-se na concepção de autores como Vygotsky (1903), que afirmam que os conteúdos e as sequências das ações devem corresponder à situação real e que "o conteúdo do processo da brincadeira, apresentado pela análise psicológica, aquilo que chamamos de ação, é assim a ação real para a criança, que a tira da vida real (p. 126). Fundamentamo-nos também na técnica da Descrição Visual Sinalizada Aplicada- DVSA (FALCÃO, 2014). O desenvolvimento do processo metodológico seguiu o método de Pesquisa-ação, com uso de textos impressos e da mídia. As diferentes leituras por diferentes meios impressos e midiáticos promoveram benefícios de percepção literária em tinta, sinalizada e em visuogestual para melhor compreensão dos objetivos da pesquisa. As atividades de vida diária e as regras contidas em cada livro pesquisado ofereceram diferentes vertentes ideológicas e culminaram com a observação dos autores da necessidade de aprofundar saberes, valores e princípios diante das demandas familiares e escolares frente às regras sociais e de convivência. O estudo busca refletir sobre estratégias inclusivas comuns de incentivo à leitura oral e sinalizada, confluindo vivências que agreguem interação e oportunidades de convivência inclusiva familiar, escolar e social. Espera-se contribuir com o desenvolvimento da criticidade literária e da escolha consciente dos livros de contação de histórias a partir do despertar dos sujeitos sobre o discurso implícito e explícito em cada texto selecionado.

Palavras-chave: Leitura clássica. Literatura Inclusão e Diversidade. Contação

OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NO CEARÁ: UM ESTUDO VOLTADO PARA OS DIREITOS HUMANOS PELA LITERATURA

Maria Aparecida Ventura Brandão
Docente da Cadeira de Teoria da Literatura no Curso de Letras
Universidade de Pernambuco (UPE - *Campus* Petrolina)

Historicamente os debates acerca dos Direitos Humanos passaram a ganhar maior impulso a partir do evento da Nova República. Sua relevância consiste no fortalecimento, na defesa e na promoção dos direitos fundamentais ao ser humano. Assim sendo, a partir dessa ambiência, passamos a estudar como a literatura aborda os direitos humanos em *O Quinze* de Rachel de Queirós, obra que traz a partir do senso estético e como representação sócio histórica, a denúncia da existência de campos de concentração no Ceará no ano de 1915. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cuja metodologia aplicada compreende a análise, a interpretação, a classificação, a descrição, a exploração e a narração dos fenômenos expressos pela obra em estudo. A pesquisa apoia-se nos estudos de Cândido (1989). Para esse, a literatura vem cumprindo uma função humanizadora, desdobrada por em três dimensões: a dimensão psicológica, a dimensão formadora e a dimensão social, sendo *O Quinze* resultado dessas três dimensões. Ainda, numa relação direta com correntes dos estudos literários, a pesquisa dialoga com Bakhtin (2000), sua cosmovisão dialética e sociointeracionista. Na etapa de análise dos dados, foi possível reunir elementos que consolidaram visibilidade dos propósitos do estudo, ou seja, foram encontrados resultados que deram sustentação à hipótese, levantada inicialmente, sobre o que relata a obra *O Quinze* acerca da existência dos Campos de concentração no Ceará, desenhados pelos abacarramentos dos retirantes que eram ali entulhados, acarretando num perverso processo desumanização e, constituindo assim, um apêndice social que, na visão burguesa citadina, em seu processo de modernização, deveria ali permanecerem isolados para não "enfearem" a cidade. O estudo nos mostrou a denúncia das mazelas sociais, políticas, econômicas e históricas pela literatura por meio da existência de campos de concentração instituídos no Ceará como verdadeiros açougues humanos - uma densa aglomeração de crianças, homens e mulheres expropriados de higiene, de alimento e de saúde, entre outros.

Palavras-chave: Literatura. Direitos Humanos. Campos de Concentração.

VALE DO JEQUITINHONHA: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NAS MÚSICAS DOS MORADORES DO SERTÃO MINEIRO

Renata Ferreira Rios
Universidade de Pernambuco
Professora Adjunta

O vale do Jequitinhonha está situado na região do semiárido de Minas Gerais e possui uma população de aproximadamente 980 mil habitantes. Devido aos elevados índices de pobreza, desnutrição, mortalidade, analfabetismo, desemprego, entre outros problemas sociais, o estigma de miserável tem marcado profundamente os discursos produzidos sobre esse lugar. Paralelamente aos problemas sociais, o vale do Jequitinhonha tem ganhado notoriedade pela cultura rica e diversificada produzida pelos seus habitantes. Particularmente a música ganhou destaque a partir de iniciativas como o projeto “As Onhas do Jequi”, iniciado em 1984. Esse projeto conta com dois fatores importantes: a participação de cantores oriundos da região e apresentação de músicas cuja temática ressalta as memórias dos moradores. Em decorrência de iniciativas como essa, as tradições, as vivências, a capacidade crítica dessa população têm sido registradas e cada vez mais divulgadas, inclusive, por meio de suportes acadêmicos de diversas universidades. Este estudo, norteado pela Análise do Discurso de linha francesa, discute temas como êxodo, exploração social e preconceito racial, em músicas do vale do Jequitinhonha, como reveladores da identidade, memória e resistência dos moradores dessa região.

Palavras-chave: Vale do Jequitinhonha. Música. Memória. Resistência.

A ARTE DE LER EM ESPANHOL: UM OLHAR INOVADOR PARA A SALA DE AULA

Taynan Cavalcante Araújo
Dayane Rafaela Pereira Coelho
Estudantes da Universidade de Pernambuco (UPE)

Estudar uma língua como o Espanhol não é somente seguir uma tendência internacional de valorização do idioma. Significa oportunizar a participação em uma sociedade e a capacidade do indivíduo de estabelecer interações cada vez mais rápidas e com um universo de pessoas cada vez maior. É através da construção da leitura que permite as formas de comunicação (orais ou escritas) nos processos de ensino-aprendizagem de Língua Espanhola. Assim, o nosso objetivo com esse trabalho é abordar a importância da utilização da leitura em espanhol nas aulas de Língua Estrangeira. Nossa base teórica está fundamentada na perspectiva de Miñano Lópes (2005), Picanço (2010) e Villalba (2010) baseando-se na compreensão de que em toda aula, professores e alunos estão construindo modelos de aprendizado e compreensões particulares do que está envolvido na aprendizagem sobre como aprender uma nova língua através da leitura. A discussão será em torno das estratégias de leitura trazidas por Miñano Lópes (2005) como estratégias didáticas para a sala de aula de línguas, dialogando, com as perspectivas de Picanço e Villalba (2010) que entende a leitura como um processo cultural e que parte da inferência de cada aluno. Concluímos que a leitura é um processo cognitivo e que envolve muitas habilidades do leitor, tais como as linguísticas e extralinguísticas. Portanto, faz-se necessária uma reflexão sobre os mecanismos que possam auxiliar um aprendiz da língua nesse desafio trazido pela leitura.

Palavras-chave: Leitura. Língua Espanhola. Ensino-aprendizagem. Interação.

PRÁTICAS DE ESCRITA NO REINO DA ASSUNÇÃO

Katia Maria Rodrigues Gomes
Mestra em Crítica Cultural
Professora da Universidade do Estado de Pernambuco - UPE

O presente trabalho tem o objetivo de socializar as práticas de escrita das professoras indígenas Truká da Ilha da Assunção em Cabrobó-PE, na região do submédio São Francisco a 535 km de Recife. Este trabalho está orientado pela perspectiva social e etnográfica do letramento (STREET, 2010), pela perspectiva de autonomia presente em Freire (2011), como também pelo viés do conceito de autonomia/autoria a partir do estudo realizado por Cesar (2011),uma vez que para a autora essa construção na verdade é uma tentativa de compreender como os sujeitos subalternizados historicamente conseguem se potencializar e se autorizar como produtores de seus discursos. Dessa forma, focaliza como objeto de estudo a escrita do livro "No Reino de Assunção, Reina Truká", de autoria coletiva dessas professoras indígenas. A análise leva em conta as vivências fomentadas nos escritos, nas ilustrações e nas pesquisas que compõem essa obra, como também considera as práticas de escrita que, por oportunizar um material didático contextualizado e favorecer ao fortalecimento da identidade Truká, permitem a inserção dessas professoras/pesquisadoras em práticas de autoria na produção escrita - uma prática social e cultural ainda exclusiva dos escritores de grandes centros – discutindo, a partir dos seus saberes, temas poucos explorados nos currículos escolares tradicionais, tanto na própria escola indígena, quanto na escola do não-índio.

Palavras-chave: Professoras indígenas. Práticas de escrita. Identidade.

O ROSTO POLÍTICO NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO – UMA CARTOGRAFIA DE AVALOVARA, A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER E O JOGO DA AMARELINHA

José Barbosa de Oliveira FILHO
Graduado em Letras/ Português pela UPE- Campus Petrolina
Maria Alice Siqueira da SILVA
Graduanda em Letras/Português pela UPE – Campus Petrolina

O Romance da contemporaneidade aparece colocando questões a respeito das novas constituições da afetividade humana no seu espaço de interação com o mundo e com os discursos de poder. É na procura desse novo arranjo imagético, discursivo e conceitual, que este trabalho mergulha em três obras que marcaram o universo literário pela promoção de novas perspectivas experimentais e novos modelos de discussão com o poder. Optamos por uma exploração destes livros no campo de seu experimentalismo estrutural assimilado com as novas problemáticas que levantam, levando as dimensões narrativas junto com as ideológicas, a uma cartografia de seus movimentos e intensidades. Foram abertos diálogos com a filosofia pós-estruturalista de Gilles Deleuze e Felix Guattarri, que nos ofertaram métodos de observação das linhas construídas como fuga dos antigos modelos de composição e abordagem da literatura moderna. Também foram constituídos trânsitos de conceitos com Roland Barthes e Jacques Derrida numa procura de elementos de quebra que foram os projetores dos novos rostos. Esse rosto político no Romance contemporâneo nada mais é que a feição criada pelos novos afetados condensados nesses livros emblemáticos. Uma dimensão politica do amor, da sexualidade, da filosofia, alçando degraus de semiotização, até o Estado totalitário. Foi nesse território da contemporaneidade que constatamos a presença de fenômenos de nomadismo que seriam a nova conjuntura estética empreendida no século XXI, colocando os três livros aqui observados como pontos de emissão de uma intensidade renovadora da condição de escritor-leitor.

Palavras-chave: Rostidade. Pós-modernidade. Romance. Teoria da Literatura.

A ESCRITA NA UNIVERSIDADE: COMO O ALUNO VÊ SUA PRODUÇÃOESCRITA EM CONFRONTO COM O QUE O MEIO ACADÊMICO EXIGE

Fernando Augusto de Lima Oliveira
Professor Assistente da Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns
Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas

O presente trabalho insere-se na perspectiva dos Novos Estudos de Letramento, mais precisamente na perspectiva do letramento acadêmico (STREET,1984, 2003; BARTON, 1994; BARTON & HAMILTON, 1998; GEE, 1996). O objetivo principal do nosso trabalho foi o de refletir como os alunos veem suas produções e as confrontam com o que o meio acadêmico exige. Verificamos que os discentes que contribuíram com a pesquisa relatam dificuldades enfrentadas ao terem o seu primeiro contato com os gêneros específicos da esfera acadêmica, tendo em vista que não há uma relação entre o letramento adquirido por eles no ensino básico com o letramento que o nível superior exige. As recentes pesquisas apontam que os alunos, ao terem contato com o meio universitário e ao serem inseridos em um contexto de produção de gêneros tipicamente acadêmicos (resenha, resumo, fichamento, artigo científico), apresentam sérias dificuldades. Ouvimos frequentemente vários professores criticando o nível escolar que os alunos estão entrando na universidade e, principalmente, a escrita dos mesmos. Nesta pesquisa, tomamos o conceito de letramento empregado por Terzi (2006, p. 3) como “a relação que indivíduos e comunidades estabelecem com a escrita na interação social”. Dessa forma, defendemos que esses discentes, muitas vezes criticados, são letrados e, possivelmente, não se engajaram de forma efetiva nas práticas letradas esperadas no contexto acadêmico.

Palavras-chave: Letramento acadêmico. Escrita. Nível superior.

ENSINO E PRÁTICA SOCIAL: ANALISANDO O GÊNERO FUNK

Jaciara Josefa Gomes
UPE- Campus Garanhuns
Professora Adjunta

No presente estudo, analisamos a estrutura genérica de funks pernambucanos a partir da investigação dos significados acionais. Para essa escolha, tomamos por base os estudos da Análise Crítica do Discurso (ACD), uma análise textualmente orientada, que compreende a linguagem como organizada por ordens do discurso que são responsáveis por orientar a variação linguística. Nossa ideia é que, como constituintes da dimensão discursiva nos modos de (inter)ação, os gêneros nos permitem investigar não apenas como o texto se apresenta no processo interacional, mas também possibilita que compreendamos suas contribuições para a (inter)ação em eventos sociais (FAIRCLOUGH, 2003). O objetivo do estudo é compreender como, em um determinado contexto social, histórico e cultural, são articulados estilos e discursos com uma relativa estabilidade. Tal interesse tem como base o entendimento de que a produção e utilização de textos particulares ocorrem em determinada prática social. É na prática social que acontece a definição de gêneros específicos. Logo, uma vez que ocorram mudanças nas práticas sociais, também ocorrerão nos modos de agir e interagir. Esses aspectos são fundamentais para pensarmos a inserção do funk, enquanto estilo musical periférico, nas aulas de Língua Portuguesa, de modo a ampliar as possibilidades de estudo da língua numa dimensão mais discursiva com orientação textual e, ao mesmo tempo, numa dimensão menos sacralizada do texto.

Palavras-chave: Ensino. Prática social. Gênero textual

OS DESAFIOS DO LETRAMENTO EM LÍNGUA INGLESA: UM CONVITE À REFLEXÃO E À AÇÃO NO SERTÃO

Zaira Dantas de Miranda Cavalcanti
Universidade de Pernambuco- Campus Petrolina
Mestranda em Educação e Professora do Colegiado de Letras- Língua Inglesa

Marcelo Silva de Souza Ribeiro
Universidade Federal do Vale do São Francisco
Doutor em Educação e Professor do Colegiado de Psicologia

O estudo apresenta considerações sobre a importância do letramento em língua inglesa no atual contexto mundial e, consequentemente, na região do Vale do São Francisco, diante da universalização e hegemonia da língua nos âmbitos acadêmico, científico e comercial. Tem por objetivo refletir acerca dos desafios propostos ao ensino – aprendizagem da mesma, considerando essa competência linguística como oportunidade de prática social dos sujeitos. Nesse intuito, realizou-se um estudo de natureza bibliográfica a partir de trabalhos publicados nas principais bases de dados no período de 2003 a 2015, trazendo autores como Soares (2005), Stevens (2003), Leffa (2011), Paiva (2010) e Almeida Filho (2015). Com base na literatura pesquisada, constatou-se descasos e fragilidades relacionados ao ensino dessa língua estrangeira ao longo dos anos, bem como a urgente necessidade de otimizar a prática pedagógica de docentes da área através da potencialização das políticas educacionais de formação de professores de inglês. Nesse sentido, numa perspectiva crítico reflexiva, o trabalho apresenta discussões relevantes acerca da aprendizagem da língua em foco nas escolas. Conclui-se que há lacunas em potencial a serem preenchidas com investimentos em políticas públicas, práticas pedagógicas e novos modelos curriculares que atendam à demanda de professores em formação, esperando-se que o estudo possa contribuir de forma efetiva na reflexão da temática e continuidade de novas discussões e pesquisas na área de linguística aplicada.

Palavras-chave: Língua inglesa. Letramento. Ensino – aprendizagem. Formação de professor.

CAPAS DE CORDEL DE PADRE CÍCERO DOS XILÓGRAFOS DA ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO (ACC)

Célia Camelo de Sousa- UFC[189]
José Rogério Santana-UFC[190]

O presente estudo objetiva analisar as capas de cordel de Pe. Cícero Romão Batista, sendo confeccionadas pelos xilógrafos da Academia dos Cordelistas do Crato (ACC). O referido grupo é uma entidade filantrópica, tendo sede na cidade de Crato, Ceará. Sabemos que Pe. Cícero é a figura mais ilustre do município que é considerado pelo povo como santo. Esse ícone é tema de vários cordéis e também de capas, em que aparece destacando sua imagem em forma de clichê, xilogravura e desenho a bico de pena. Para nortear o desenvolvimento do estudo, indagamos: como aparecem as imagens de Pe. Cícero nas capas de cordel dos xilógrafos da Academia dos Cordelistas do Crato? Quanto a metodologia aplicada, valorizamos a pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, ou seja, na pesquisa empírica conversamos com os xilógrafos da ACC e coletamos os cordéis com as capas do sacerdote. A fundamentação teórica, destaca os seguintes autores: Carvalho (2014), Temóteo (2002), Cassirer (2009), Maxado (1982) e outros. Quanto a análise dos dados, identificamos nove capas de cordéis, em que todas são xilogravuras. Nos resultados identificamos as capas de cordel Pe. Cícero sério, com sua batina, com alguns títulos voltados para a cidade de Juazeiro e retratando o sacerdote no horto.

Palavras-chave: Cordel. Xilogravura. Padre Cícero.

[189] Doutoranda em Educação-UFC, mestre em Educação-UFC e Pedagoga-UECE;E-mail:celitapedagoga@hotmail.com
[190] Professor do Curso de Pedagogia e da pós-graduação em Educação da UFC; E-mail: rogerio@virtual.ufc.br

DOMINGOS OLÍMPIO: INVENÇÃO OU REDUPLICAÇÃO DO DISCURSO EM *LUZIA-HOMEM*

Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros
Unidade Acadêmica de Letras – UFCG/Cajazeiras

O trabalho, aqui apresentado, discute a representação da mulher em *Luzia-Homem*, romance publicado em 1903, por Domingos Olímpio Braga Cavalcanti. Para a discussão sobre a temática, procura-se no decorrer da análise dar ênfase ao tratamento discursivo da obra em estudo, sobretudo na relação que se estabelece entre referentes internos e externos ao texto, um compromisso assumido pelo escritor em fazer literatura e ao mesmo tempo testemunhar sobre a realidade da qual participa. Além de buscar sustentação teórica nos Estudos de Gênero, busca-se nas reflexões sociológicas de Georg Lukács (1965) fundamentação para mostrar o quanto o Descritivismo no romance se constitui um método de apreciação do objeto aquém da realidade. Do ponto de vista do discurso, serve-se das pesquisas de Mikhail Bakhtin ainda para demonstrar que o Monologismo, predominante no romance em análise e estreitamente ligado às percepções das descrições por Lukács, confirma a visão unilateral que o livro expressa, ao repetir o modelo da mulher idealizada na arte literária brasileira. Associada a essas, constituem importância para a compreensão dos elementos contextuais, por fim, as inferências atribuídas por Durval Muniz de Albuquerque Jr., em tese sobre "A invenção do Nordeste e outras artes" (1999), sobretudo na defesa que o historiador faz daquele espaço como uma elaboração imagético-discursiva e de uma dominação intelectual que, apesar de ameaçada pela modernidade, procurou se manter viva. A partir do estudo relacionado, constatou-se que reside sobre o discurso de *Luzia-Homem* uma preocupação obsessiva em manipular as falas "alheias", transformando até os "silêncios" do texto em força motivadora que se constitui, para o jogo proposto com a linguagem, um elemento da própria retórica do narrador, especialmente quando se refere à mulher ou a outros pobres representados na literatura olimpiana.

Palavras-chave: Mulher. Discurso. Reduplicação. Luzia-Homem.

A MORTE AMOROSA: UM ESTUDO SOBRE O REALISMO FANTÁSTICO NA NARRATIVA DO SÉCULO XIX

Ailton Francisco Rodrigues[191]
Felismara Cavalcanti Coelho[192]
Maria Jose Macedo de Castro[193]
Orientadora: Prof.ª Dr. Clarissa Loureiro Marinho

De acordo com Calvino, o "conto fantástico" nasceu na Alemanha como o sonho de olhos abertos do idealismo alemão, com a intenção declarada de representar a realidade do mundo interior e subjetivo da mente, da imaginação, conferindo a ela uma dignidade equivalente ou maior do que a do mundo da objetividade e dos sentidos (2004, p.11). Esta pesquisa é bibliográfica e pretende estudar o efeito fantástico no conto "A morte amorosa" do francês Théophile Gautier, escrito em 1836. Nosso trabalho está embasado nas concepções de Todorov (1975) e Calvino (2004), sobre o realismo fantástico. A análise foi realizada a partir da seleção de recortes textuais. A narrativa apresenta fatos inexplicáveis como o perfume que a morta exala no caixão; o fato de o padre descobrir o romance do sacerdote recém-ordenado, mas o leitor não sabe se o fato realmente aconteceu, prevalecendo um mistério não desvendado; a descoberta de que a amante do sacerdote é uma vampira e a exumação do seu cadáver. Segundo Todorov, o efeito fantástico é produzido durante uma parte da leitura, e dura apenas o tempo de uma hesitação, mesmo que estejamos convencidos de que os acontecimentos sobrenaturais não receberão nenhuma explicação. Seria falso, entretanto, pretender que o fantástico só possa existir em uma parte da obra. Há textos que mantém a ambiguidade até o fim, o que quer dizer também: além. (1975, p. 50). Concluímos que o conto pertence ao gênero literário fantástico por apresentar elementos como estranhamento e hesitação, mistério, percepção ambígua dos fatos e acontecimentos sobrenaturais. Os preceitos deste trabalho poderão ser aplicados futuramente para a literatura brasileira.

Palavras-chave: Fantástico. Hesitação. A morte-amorosa.

[191] Graduando em Letras – Bolsista Capes – UPE , Campus Petrolina.
[192] Graduanda em Letras – Bolsista Capes – UPE, Campus Petrolina.
[193] [3]Graduanda em Letras – UPE, Campus Petrolina.

O ENSINO DA LINGUAGEM E A GRAMÁTICA NORMATIVA: DOCÊNCIA E METODOLOGIA

Maria do Socorro da Silva
Marilia Gaia Walfrido
Maria José Alves Viana

Sabe-se que um dos principais problemas na educação, principalmente nas escolas públicas, é o ensino da linguagem bem como o ensino da gramática como um conjunto de regras, considerado por alguns escritores como um código penal da língua, que dita o que é certo ou errado em relação ao uso da linguagem. Esta pesquisa foi embasada na perspectiva qualitativa, abordando um tema bastante polêmico que é o ensino da gramática e o preconceito linguístico nas escolas públicas. Visamos a proporcionar a reflexão e a aquisição de conhecimentos. Temos como fundamentação teórica a obra de dois grandes autores: Sírio Possenti, que fala "sobre o ensino de português na escola" (O texto na sala de aula, 2001), e o grande linguista Marcos Bagno, no seu livro "Preconceito linguístico" (1999). Na observação das aulas de língua portuguesa, analisamos os procedimentos metodológicos utilizados pela docente, da sala de aula pesquisada, em relação ao ensino de linguagem e gramática normativa. Observamos também o interesse e atenção que os alunos atribuem à aula em questão. Esta pesquisa nos proporcionou o conhecimento do ensino e aprendizagem da linguagem, e o estudo da gramática normativa encontrada nos livros didáticos das escolas públicas.

Palavras-chave: linguagem, gramática, variação e ensino.

A REINVENÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE FEMININA COMO MATRIARCAS DA FAMÍLIA TERRA CAMBARÁ, EM *"O TEMPO E O VENTO"*

Laiane Coelho Rodrigues
Discente da Universidade de Pernambuco (UPE)

Este trabalho é um recorte do projeto monográfico que se originou do projeto de pesquisa *A construção da memória na saga "O tempo e o vento": uma reflexão sobre a recriação da identidade brasileira num romance histórico-épico*. Trata-se de uma ressignificação da identidade feminina gaúcha por meio dos objetos biográficos, os quais dão voz às mulheres numa época patriarcal, sendo representações particulares dos seus hábitos que passam a constituir seu *ethos*. Portanto, a pesquisa é bibliográfica, adotando-se como estratégia uma pesquisa de caráter qualitativa, de modo explicativo, descritivo e exploratório, que tem como foco o estudo das personagens Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria como representações de identidades femininas expressivas da memória coletiva do Rio Grande do Sul. Assim, baseia-se na definição de objeto biográfico estabelecido por Ecléa Bosi (1994), como instrumento de construção identitária, verificando a importância da roca, do crucifixo, da tesoura e da cadeira de balanço, como objetos de construção identitária feminina gaúcha. Estabelece-se este estudo com a finalidade de se aplicar os estudos de memória presentes na linha da Teoria da Literatura e Estudos Culturais a um estudo de gênero que ultrapassa a análise da construção do perfil feminino gaúcho e se detém numa reflexão sobre a construção da família Terra Cambará como símbolo da memória coletiva (HALBWACHS, 2006) de um povo que foi essencial para a construção identitária dos gaúchos de um modo geral. Apresenta-se entre os resultados a leitura do Livro *da saga* como texto de construção identitária do Rio Grande do Sul e as suas mulheres como protagonistas épicas deste processo de formação.

Palavras-chave: Identidade. Objetos biográficos. Memória. Saga.

A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DO NORDESTE COMO POSSIBILIDADE DE LETRAMENTO

Paulo César Pedroza Marques

Este artigo tem como objetivo fazer uma breve análise sobre a representação imagética do nordeste como possibilidade de letramento midiático. Para isso, opto por seguir as perspectivas interculturais de letramento abordadas por Brian Street (2006), bem como o conceito de letramento midiático defendido por Mary Kalantzis (2000), Bill Cope (2000) e Carmem Luke (1997). A partir, principalmente, do discurso audiovisual, proponho uma Análise Crítica do Discurso (ACD) desenvolvida com base no vídeo clipe "Soul Nordestino" (2015), do grupo baiano de rap P1 Rappers, objetivando problematizar junto aos educandos questões relativas à imagem e representação social do nordeste.

Palavras-chave: Letramento midiático. Nordeste. Representação. Videoclipe

INTERVENÇÃO EDUCATIVA DE FORMA LUDOPEDAGÓGICA NA PREVENÇÃODE DOENÇAS PARASITÁRIAS

Larissa Raquel Carvalho CarolinoRodrigues, Discente de Medicina Veterinária, IFPB Campus Sousa, Sousa-PB; Nívea Rayanna Lopes de Lima, Discente de Medicina Veterinária, IFPB Campus Sousa, Sousa-PB, Amélia Lizziane Leite Duarte Docente orientador, IFPB Campus Sousa, Sousa-PB, Departamento de Medicina Veterinária,

O presente trabalho teve como objetivo a troca de informações quanto à prevenção de doenças parasitárias. De um lado, alunos do curso superior em Medicina Veterinária (IFPB- Campus Sousa) apresentaram peça teatral e, do outro lado, alunos do Ensino Fundamental I da Rede Pública de Ensino – Zona Rural, em Sousa (PB) assistiam à peça teatral. A peça era baseada na ocorrência de parasitoses intestinais na idade infantil, especialmente na idade escolar, seus mecanismos de transmissão e contaminação em situações do cotidiano, incluindo a falta de hábitos higiênicos de crianças e de seus animais de companhia como fator agravante da subnutrição, podendo levar à morbidade nutricional, como também as medidas higiênico-sanitárias adequadas para a prevenção destas doenças. As parasitoses ainda são um grave problema de saúde pública no Brasil (LOPES et al., 2007), principalmente nas populações debaixo nível socioeconômico, que vivem em locais sem saneamento básico e sem acesso à educação, como também pelo viés do conceito de que os parasitas intestinais estão entre os patógenos mais frequentemente encontrados em seres humanos (FERREIRA et al., 2000) e que esses fatores se refletem diretamente no rendimento escolar, promovendo a incapacitação física e intelectual dos indivíduos parasitados (MARQUES et al., 2001). A prevenção das parasitoses gastrintestinais a partir da educação em saúde, abordadas na peça teatral, mostrou hábitos incorretos e a maneira de corrigi-los e levou em conta a participação ativa dos estudantes a partir das interações acerca do entendimento ao fim da peça teatral, através do jogo do “Certo ou Errado”. A forma lúdica de apresentação teatral foi eficaz, pois facilitou o entendimento dos alunos de ensino fundamental, que reconheceram diversas práticas erradas que faziam desconhecendo suas consequências e souberam julgar corretamente as situações apresentadas e distinguir o que era certo ou errado. Os alunos do curso superior verificaram que é possível orientar crianças quanto à prevenção de doenças parasitárias desde que se avalie a forma de exposição desse conteúdo, facilitando o entendimento e por consequência diminuindo assim seu contágio ou transmissão.

Palavras-chave: Educação em saúde. Enteroparasitoses. Teatro lúdico. Crianças.

RESUMOS DO TRABALHOS APRESENTADOS EM PÔSTER

LITERATURA, IMAGEM E MEMÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO NAS CARTAS DE GRACILIANO RAMOS

Cosme Rogério Ferreira[194]
Silvaneide Maria da Conceição Freitas[195]

O presente trabalho resulta de um esforço de compreensão das relações entre a literatura e a fotografia na composição do conhecimento histórico, e tem por objetivo analisar as imagens fotográficas de alguns lugares evocados nas cartas do consagrado escritor Graciliano Ramos, especialmente as que se referem à paisagem sertaneja. Baseados nas correspondências íntimas do autor de *Vidas secas*, e utilizando-nos de uma combinação de diferentes métodos e técnicas de pesquisa, como a bibliográfica, a documental e a de campo, mapeamos os lugares identificados na leitura, levantamos os dados históricos sobre eles, e desenvolvemos uma análise do material imagético produzido nos referidos locais, decompondo-o em *unidades culturais* (ECO, 1974). Segundo Mauad (1996), não é de hoje que os historiadores reconheceram nas artes literária e iconográfica fontes históricas de excelência, demandadas dos novos temas que passaram a compor o elenco de seus objetos, como a vida privada e as relações interpessoais. Em se tratando de Graciliano Ramos, é bem sabido que sua obra encerra valores que interessam às mais variadas disciplinas das ciências humanas, sendo estudada pelo mundo afora também como um verdadeiro documento da realidade brasileira (GUIMARÃES, 1988; SILVA FILHO, 2009; FERREIRA, 2015). Diante das condições de possibilidade apresentadas, os dados nos permitem sustentar a seguinte hipótese de trabalho: as interfaces entre texto literário e texto visual – produtos culturais, frutos de trabalho social de produção sígnica – podem ser utilizadas pedagogicamente como instrumento de sensibilização do olhar e de compreensão da realidade sertanejo-alagoana. Como resultado, colocamos em evidência alguns dos pontos que ajudam a reconstruir o sertão como *lugar da memória* (NORA, 1993) graciliânica, fato que pode auxiliar o exercício de reflexão sobre as lógicas de pertencimento e os permanentes processos de construção identitária na região.

Palavras-chave: Literatura. Fotografia. Memória sertaneja. Graciliano Ramos.

[194] Professor de Filosofia do Instituto Federal de Alagoas – IFAL / Campus Batalha.

[195] Estudante de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL / Unidade Acadêmica de Palmeira dos Índios.

POÉTICAS POPULARES - APRIMORAMENTO EM CONHECIMENTOS SIMBÓLICOS E MEMÓRIA COLETIVA REGIONAIS

Natã Yanez de Oliveira Rodrigues de Melo – nyorm@outlook.com
(UFCG – DISCENTE)
Maria de Lourdes Dionizio Santos – lourdslourds@gmail.com
(UFCG – DOCENTE)
Lígia Regina Calado de Medeiros – ligiacfp@gmail.com
(UFCG – DOCENTE)

Este trabalho apresenta um recorte do nosso fazer no decurso do desenvolvimento do Projeto de Extensão vinculado ao PROBEX-UFCG-2015, intitulado “Literatura popular: leituras e inferências sobre saberes, vivências e memória coletiva no sertão nordestino”, destinado ao público docente e em formação, composto por alunos do Curso de Letras do Centro de Formação de Professores (CFP/UFCG), e a professores de Escolas Públicas de Cajazeiras-Paraíba e de cidades circunvizinhas. Propomo-nos atender a necessidades do público beneficiado, no sentido de aprimorar e ampliar o acesso ao conhecimento simbólico e à memória coletiva do Nordeste brasileiro, e instigar o gosto pela leitura de Literatura Popular. A metodologia adotada na execução do Projeto foi realizada através de leitura de textos poéticos orais e escritos, em prosa ou verso, especialmente da literatura de cordel, e narrativas populares, produzidos por escritores e poetas nordestinos, seguida de discussão e inferências sobre as temáticas suscitadas pelos referidos textos. O embasamento teórico esteve pautado em estudos de textos de Câmara Cascudo (2006), Alfredo Bosi (2006), Paul Zumthor (2010), Renato Ortiz (1994), entre outros autores que fornecem suporte crítico sobre a estética e a cultura regionais, sobretudo os que abordam de forma aprofundada questões inerentes à identidade e à cultura nacionais, reconhecidas no acervo legado pelos célebres autores e poetas que registraram, em suas obras, a vida e os costumes do seu povo. Partindo desse pressuposto, compreendemos que contribuímos, com esta intervenção, para o fortalecimento e a disseminação dos conhecimentos simbólicos e da memória coletiva do sertão nordestino, presentes na produção da literatura popular, propiciando reconhecimento e maior visibilidade à poética regional, que se projeta no cenário internacional.

Palavras-chave: Poéticas. Saberes. Memória.

PERCORRENDO MUNDOS: UMA LEITURA ITINERANTE QUE DIVERTE CRIANÇAS NO SERTÃO PIAUIENSE

Fernanda Viana Castro
Professora de Língua Portuguesa do IFPI campus Paulistana
Sandra Helena Andrade de Oliveira
Professora de Língua Espanhola do IFPI campus Oeiras

Neste trabalho, apresentamos, a partir dos estudos de Kleiman (2004), Silva e Zilberman (1998), algumas experiências que o projeto *Leitura Itinerante*, formado por alunos, professores e servidores do Instituto Federal do Piauí – campus Paulistana, vem desenvolvendo nas escolas da rede pública da referida cidade e em municípios circunvizinhos. O projeto *Leitura Itinerante* foi dividido em três etapas: a aquisição dos livros, que foi realizada por meio de uma gincana com os alunos do ensino médio do campus Paulistana, em que foram arrecadados cerca de 3000 livros. A segunda etapa caracterizou-se pela sensibilização de alunos, professores e servidores para a participação nas visitas. Por fim, a terceira caracterizou-se pela realização das visitas, que contaram com a participação de sessenta voluntários. Entre as escolas que participaram do projeto, citamos duas: U. E. Judite Maria, em Acauã, e U. E. Maria Natividade, em Betânia. Cerca de 150 crianças participaram de um momento didático caracterizado por rodas de leitura, brincadeiras, jogos e peças teatrais, atividades que envolvem leitura e compreensão textual. Ao final, todos receberam bombons e pequenos livrinhos em agradecimento pela participação. Diante das atividades já realizadas, conclui-se que o projeto *Leitura Itinerante* tem cumprido sua função social, que é despertar o interesse e o gosto pela leitura e pela escrita e estimular, desse modo, o hábito dessas práticas.

Palavras-chave: Leitura. Leitura Itinerante. Aprendizagem inovadora.

A VARIAÇÃO COMO EXPRESSÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL DE CASA NOVA E SUAS CIRCUNVIZINHANÇAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO

Amanda Gabriele dos Santos / Anielson Ribeiro[196]

Este artigo traz como objeto-texto a seguinte transcrição gráfica: "*MOIDEOTARO*", trata-se de uma passagem do plano oral para a escrita. Portanto, esse trabalho analisou a representação gráfica dentro dos conceitos da Sociolinguística, sobretudo através das considerações das variações diacrônica e diatópica. A transcrição foi estudada morfologicamente e descoberto que se trata de uma linguagem que mantém os traços histórico-culturais, conservando seu significado desde sua origem, do latim, que o vale do São Francisco conservou em cultura. A Sociolinguística reconhece as variações linguísticas como fenômenos construtivos da língua, que anulam o conceito de língua homogênea. Ao acreditar nas alegações de que a norma culta é a única a ser estudada ou que é mais importante do que qualquer outra variedade, construímos preconceitos linguísticos, já que essa nada mais é do que mais uma das inúmeras variedades que constituem a língua. Concluiu-se, então, que o maior alvo dessa discriminação é a linguagem oral, pois, na maioria das vezes, os críticos desconsideram que é na língua falada (abstrata) que ocorrem as variações e alterações que vão transformando a língua e suas normas (gramática e dicionário).

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação. Interação. Linguagem. Oralidade.

[196] Graduandos do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa pela UPE/Campus Petrolina

NORDESTE, SECA E SERTÃO CONTADOS E CANTADOS: EXPERIÊNCIA DE LEITURAS COM A OBRA "O QUINZE"

Edneide Ferreira Leite
Escola Estadual Antônia Macedo - Palmeira dos Índios -AL
Professora de Língua Portuguesa

O centenário da pior seca do Nordeste brasileiro foi o tema central de um projeto interdisciplinar e multidisciplinar no ensino fundamental II, numa escola estadual do agreste alagoano. Nessa proposta, a turma do oitavo ano "B" teve como uma das atividades a leitura do clássico de Rachel de Queiroz, "O Quinze", que visou a sensibilizar os alunos com as questões da seca, entre outros objetivos. Embora com vasta experiência de escassez na região, percebemos na sondagem da turma o quanto os alunos ainda desconsideravam os problemas atuais causados pela baixa densidade pluviométrica típica de nossa região, compreendendo de forma equivocada nossa história passada e recente. E não somente os aspectos geográficos estão em questão, mas a economia, a política, a cultura são outros pontos evidenciados nesse enredo, não restringindo a seca a um fenômeno climático. Assim, em etapas de uma sequência didática foi oportuna a exploração de atividades que promovessem a reflexão sobre os assuntos citados, bem como levar os alunos a extrapolar a compreensão e interpretação já postas pelo texto literário. Com isso, os alunos levantaram novas discussões sobre o tema, tais como sustentabilidade ambiental e desenvolvimento regional. Nessas etapas foram exploradas música, poesia e fotografia, intertextualidade e releituras de uma narrativa pautada na dignidade humana.

Palavras-chave: Literatura. Nordeste. Intertexto. Ensino Interdisciplinar.

A AFROCIBERDELIA ESCLARECIDA DE CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI

João Victtor Gomes Varjão
Graduando em Ciências Sociais
Universidade Federal do Vale do São Francisco

O álbum musical *Afrociberdelia* é o segundo da carreira de Chico Science & Nação Zumbi (CSNZ). Tal obra fez parte do movimento *Manguebeat*, o qual bebe da estética da *Antropofagia* de Oswald de Andrade e do *Tropicalismo* de Caetano Veloso e Gilberto Gil. No arcabouço teórico, procurei utilizar a teoria de Immanuel Kant sobre *Esclarecimento* e a *ferramenta-razão*; também procurei trazer algumas concepções de Hannah Arendt. As letras de CSNZ, repletas de consciência de mundo, trazem discussões imprescindíveis para o Brasil, tais como racismo, alienação, pobreza, etnia, ética. Isso demonstra o caráter público que se pretende fazer – a ação política que o álbum procura realizar, semelhante ao uso da *ferramenta-razão*. A Afrociberdelia transcende a concepção de música – trazendo uma música política, engajada e consciente dos problemas sociais. Um dos pontos-chave da concepção de Esclarecimento seria, propriamente, sair da tutela do outro, ou seja, orientar-se por si só – essa questão permeia todo o álbum. O governo de si está presente nas canções – ora criticando, ora metaforizando, ora se referindo ao passado. O "corpo de lama" de CSNZ é esclarecido, por isso mesmo, dialoga com o público, abre discussões, amplia visões políticas. Ele instiga seus ouvintes a serem "atolados na lama", observando todos pequenos detalhes da vida social, sem que nada seja "forjado" ou tutelado. O *Esclarecimento*, na verdade, é um exercício cotidiano, quase uma batalha cotidiana – raciocinar por si próprio. No entanto, antes disso acontecer, é preciso aprender, ouvir e discutir. O *Afrociberdelia* consegue cumprir essa tarefa de *sábio*, abrindo um leque de discussões, de problematizações – ele instiga o seu ouvinte a pensar. A *ferramenta-razão* é uma de suas bases. O *Esclarecimento* pode estar ao alcance de qualquer um, basta que se esteja "antenado" e "aberto", tal como diz uma das canções.

Palavras-chave: Afrociberdelia; Esclarecimento (*Auflklärung*); Ferramenta-razão; Chico Science & Nação Zumbi; literatura.

TECNOLOGIAS DIGITAIS MÓVEIS: NOVOS CAMINHOS PARA A LEITURA E A ESCRITA NO APRENDIZADO DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Edson Rodrigues Vieira[197]
Uiara Ferreira da Silva[198]

Na conjuntura da educação pública, alguns fatores tolhem a eficiência de práticas do currículo básico, o que impossibilita a leitura e a escrita efetiva. À luz das concepções de aprendizagem de PIAGET, VIGOTSKY e KELLY, entende-se que para o alcance do domínio da Língua e de um aprendizado global, o aprendiz precisa versar pelas quatro habilidades: *reading*, *writing*, *speaking* and *listening*. Como parte da produção final de Curso de Graduação, o presente artigo analisou, através de um estudo de caso (YIN), como a escrita e a leitura, mediadas pelas tecnologias digitais, coadunam em prol da aprendizagem de discentes do fundamental II de uma instituição situada no município de Casa Nova. Aportados na discussão de educação e tecnologias digitais de LEVY e SALES, e transcendendo o formato de educação atual, sustenta-se a ideia de que o docente, usando as tecnologias, dispõe de uma metodologia dinâmica e colaborativa, como meio de aprendizagem através de múltiplas linguagens presentes no cotidiano escolar e social (SANTAELLA). Coube, assim, investigar nas práticas das turmas envolvidas de que forma o sujeito cognoscente modifica sua atuação mental diante dos novos aparatos. Através de questionários semiestruturados aplicados a docentes e discentes, verificou-se que as práticas tradicionais ainda se revelam em uma relação de dominação dentre as concepções pedagógicas dos profissionais. Importa perceber que boa parte desses discentes tem posse de telefones conectados à rede de comunicação mundial e ao serem questionados, demonstraram total aptidão e motivação pelas atividades que envolviam leituras e produções mediadas. Nesse sentido, se estamos lidando com seres em formação, questões referentes às práticas de leitura colocam-se como uma necessidade de reflexão docente, diretamente relacionada à atuação do professor. É na sua prática que concepções devem ser revistas, recriadas, num constante movimento de ação e teoria, para não decair o interesse da juventude em aprender, em conhecer mais e mais.

Palavras-chave: Leitura e Escrita. Língua Inglesa. Tecnologia Digital.

[197] Graduado em Letras Inglês pela Universidade do Pernambuco –UPE. Docente da rede Municipal de Casa Nova/BA,
[198] Mestranda em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC / UNEB. Docente da rede Estadual do Pernambuco.

UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DA POÉTICA CONTEMPORÂNEA DAS ESCRITORAS DO VALE DO SÃO FRANCISO: QUE PORCENTAGEM REPRESENTA A PRESENÇA FEMININA NO MEIO LITERÁRIO ATUAL?

Joázila Santos Nascimento (UPE – Estudante)

A campanha internacional “Read Women”, lançada pela escritora Joanna Walsh, tem como proposta persuadir as pessoas à leitura de *Escritoras*, visando incentivar publicações do gênero feminino. Com essa prerrogativa, neste trabalho pretende-se analisar as narrativas de escritoras do Vale do São Francisco – Juazeiro/BA e Petrolina/PE. Numa perspectiva de abordagem temática, busca-se investigar as escritoras contemporâneas do Vale e perceber de forma quantitativa as publicações de mulheres na região. Para a compreensão do que ocorre na escrita de mulheres, usou-se Zahidé Muzart e seus escritos como referência, a fim de encontrar uma resposta para a não publicação de mulheres. Para entender quantitativamente, foram investigados os acervos de livros dos sebos regionais, da única livraria da região, da única editora regional e dos eventos literários mais famosos. Percebeu-se, portanto, que dos dois sebos analisados, em apenas um deles havia duas obras de escritoras locais; na livraria SBS, entre as quarenta seis obras regionais, apenas cinco eram de mulheres (duas teóricas); na segunda edição da Feira do Livro de Petrolina (2015), de dezesseis autores presentes para apresentação de seus livros, apenas quatro eram mulheres. Já na editora C.L.A.E., não foi encontrada nenhuma autora que tenha publicado livro. Na biblioteca juazeirense, que tem por volta de 380 livros regionais, apenas 13 são de escritoras. Em eventos, os poucos nomes presentes são velhos conhecidos dos leitores locais. Conclui-se, então, que de fato há pouquíssimo investimento e incentivo à literatura feminina no Vale do São Francisco. Mais que isso, que o machismo percorre corrosivamente até a literatura alternativa – precisando urgentemente de mecanismos de reparação.

Palavras-chave: Escritoras; Representatividade; Ler mulheres.

SAÚDE E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DAS LEITURAS DE PAULO FREIRE PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM

Ana Patrícia da Silva Alves / Laiane Ferreira Nery[199]

Na percepção do paradigma da complexidade de Edagar Morin, entende-se que o tecido junto constituinte de heterogeneidades associadas cabe no campo da saúde e da educação, bem como no imbricamento com diversas áreas do conhecimento. Nessa relação, ambas cooperam principalmente no que tange à promoção, prevenção e produção de ações voltadas à qualidade de vida populacional, ou seja, não se processam dicotomicamente. Assim, definidas como ideias educacionais responsáveis por alavancar o funcionamento das práticas educativas, as concepções pedagógicas norteiam o desenvolvimento da educação em seus movimentos frequentes e dinâmicos. No curso de Enfermagem, a relevância da apropriação das leituras de Paulo Freire se estabelece no discernimento de que a educação é diretamente influenciada pelas condições de saúde e situações complexas dos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos. À luz da compreensão freiriana apresentada no componente curricular de práticas educativas, concebeu-se pertinente uma investigação bibliográfica/reflexiva acerca da área da saúde com as concepções pedagógicas, haja vista a relação existente entre esses dois campos na integralidade do ser. De posse das teorias apreendidas, o olhar se volta aos modelos existentes que vão desde os processos educativos tradicionais até as abordagens que têm o aprendiz como foco. Verifica-se, assim, que, durante a graduação, esse ensino é capaz de despertar a criticidade no discente, acarretando uma melhora significativa em sua qualificação e postura profissional, tornando-o diferenciado. Uma vez que muitos cenários de educação em saúde se desenham como práticas institucionalizadas, as leituras de Paulo Freire trazem um extenso amadurecimento. Elas abrem sentidos que atalham relações hegemônicas, de discurso higienista e concepções biologicista, instruindo na formação para uma atuação na comunidade no viés da cidadania, elucidando os sujeitos, coprodutores de sua saúde, na perspectiva do protagonismo da própria vida.

Palavras-chave: Educação e Saúde. Práticas Pedagógicas em Saúde. Formação em Enfermagem.

[199] Graduandas do Curso de Enfermagem, Campus III, Universidade do Pernambuco - UPE

LEITURA EM SALA DE AULA: COMPROMISSO DE TODAS AS DISCIPLINAS

Josefa Saturnino da Silva
Maria Aparecida Mendonça de Almeida
Silvana da Costa Oliveira
Maria do Amparo Farias Peixoto
Maria Lenilda Machado
Discentes da Universidade Aberta do Brasil, Licenciatura em Letras a Distância – Instituto Federal de Alagoas - Campus Palmeira dos Índios. Bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

Este trabalho visa a apresentar a importância de se incorporar a prática da leitura em todas as disciplinas. Nosso norte é a ideia de que a leitura é uma atividade basilar para qualquer área do conhecimento, sendo mesmo capital à própria vida, pois contribui para a formação do homem, do cidadão, sendo um consenso que essa atividade é decisiva para o sucesso dos indivíduos em vários aspectos. Portanto, promover o fomento à leitura é um compromisso que todos os professores devem empreender, pois o leitor não nasce pronto. Precisa, assim, ser estimulado, preparado para o mundo da leitura, para obtenção de competência de leitura e para alfabetização plena. Na última aferição do Pisa - Programa Internacional de Avaliação de Alunos -, em 2012, o desempenho dos estudantes brasileiros em leitura se agravou em relação a 2009 e ocupa a 55ª. posição no ranking de leitura. A posição em si não é tão preocupante, mas o que ela traduz é. E muito. De acordo com essa avaliação 49,2% dos nossos estudantes sabem apenas o básico em leitura e estão "abaixo da linha de base da proficiência", somente um em cada 200 alunos conseguiu competência nível 5, que significa compreender textos de gêneros diversos e conteúdos mais sofisticados, ou mesmo fazer reflexões. Como vemos, as escolas brasileiras têm falhado em seu papel de mediadora de leitura. Práticas educativas equivocadas, falta de estrutura, professores sem qualificação e outros entraves são usados para justificar o fracasso. Urge conduzir o alunado para o mundo da leitura e ainda incorporar o próprio ato de ler ao dia a dia da escola e ao cotidiano de todas as disciplinas. Promover a leitura em sala de aula é um compromisso que deve ser assumido por todos os professores, não apenas os de língua portuguesa, visto que fomentar a leitura deve ser compromisso de todo docente, pois o ensino, na escola, não existe sem a leitura.

Palavras-chave: Leitura. Interdisciplinaridade. Sala de Aula.

DISCENTES DA EAD: A AUTOGESTÃO DAS LEITURAS PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NOS AMBIENTES VIRTUAIS

Uiara Ferreira da Silva[200]

A educação à distância tem ganhado espaço e credibilidade no cenário educacional brasileiro. São cursos de extensão, de idiomas, de graduação, de pós-graduação e complementativos à modalidade presencial. Assim, tal qual a responsabilidade da instituição em oferecer um curso de qualidade que perpassa pelo arrolamento dos conteúdos, montagem do ambiente, preparação de todo o processo, apresenta-se também o papel discente no engajamento e autogestão frente aos conteúdos apresentados. Para tanto, este trabalho busca, através de uma pesquisa bibliográfica, dialogar com algumas teorias que elucidam os papeis de cada agente na Ead, na perspectiva de êxito na construção do saber. Sob o olhar de alguns aportes teóricos (HETKOWSKI, 2004; ROESLER, 2011; RABELLO, 2007; SALES, 2013), entende-se que o perfil do estudante que pleiteia vaga em um curso a distância é concebido por atitudes autogerenciadoras. Mesmo que mediado pelas tecnologias, o estudante é o sujeito ativo da sua aprendizagem, portanto, protagonista do início ao fim do processo. A flexibilidade de horário e local estabelece um ritmo próprio, mas não o exime de disciplina para realização das atividades planejadas. Indubitavelmente essa modalidade lhe confere a oportunidade de criar novos hábitos para aprender colaborativamente. Percebe-se nos ambientes virtuais, principalmente quando se refere ao ensino superior, uma grande inquietude relativa à quantidade e à dificuldade das leituras propostas. Esse estado desconfortável, que deveria ser mola propulsora do acesso aos novos saberes, por vezes conduz o discente à evasão. As mídias estabelecem a interação, o espaço propicia novas amizades geograficamente distantes, mas com troca cultural e produtiva. O hipertexto evoca a liberdade de uma leitura prazerosa. Sendo assim, a formação legalmente amparada deve ser condizente às inúmeras possibilidades, ou seja, à garantia de uma apropriação teórica e de um lastro discursivo. Essa prática pedagógica moderna estimula a busca pelo conhecimento, o que só é garantido com o cumprimento das atividades educativas propostas e a efetivação das leituras necessárias.

Palavras-chave: Aprendizagem em Ead. Autogestão discente. Leitura e TICs.

[200] Graduanda em Pedagogia, modalidade EaD, pela Universidade do Vale do São Francisco-UNIVASF. / Mestranda em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC / UNEB. Docente da rede Estadual do Pernambuco.

O ENSINO DA LÍNGUA E SUAS VARIANTES: A POSTURA DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO ENSINO DAS VARIANTES LINGUÍSTICAS

Luana Rodrigues Teles
Aluna do curso de Licenciatura em Letras – Português
Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre como a Sociolinguística pode contribuir com o método dos professores ao ensinar a língua e suas variações aos seus alunos, favorecendo para a (des)construção do forte preconceito linguístico existente no Brasil. Para isso, uma pesquisa foi realizada com professores do nono ano de uma escola pública de Juazeiro-BA. Esses responderam a um questionário, expondo sua metodologia e didática utilizada ao ensinar língua e suas variantes. Essa entrevista explorou: a) a forma como o professor pode trabalhar língua culta sem deixar de lado as suas variantes; b) qual a importância de trabalhar as variantes linguísticas para sociedade; c) o que tem impedido os professores de trabalhar a língua com suas variantes, favorecendo a propagação do preconceito linguístico. Com a coleta de dados realizada, foi possível observar que os professores reconhecem que a língua não é homogênea, mas ainda restringe o ensino de variantes à norma culta e popular da língua. E esse ensino pautado em norma culta e norma popular se torna preocupante pelo fato de os professores utilizarem muitos textos estereotipados para ensinar as variantes, como poemas de Patativa do Assaré, de Luiz Gonzaga, personagens como Chico Bento, o que causa o mito de que só a fala de analfabetos, caipiras e nordestinos é que varia, o que não é verdade: toda língua, inclusive a culta tem suas variantes.

Palavras-chave: Professor. Ensino. Língua. Variação.

ANÁLISE DE ELEMENTOS LINGUÍSTICOS DE COESÃO E COERÊNCIA EM TEXTOS DISSERTATIVOS-ARGUMENTATIVOS

Andressa S. Mendes
Elisa de Souza Neta
Elizabete V. da silva
Maria Sirlane dos S. Lima
Universidade de Pernambuco
Graduandas do curso de Letra/ Língua Portuguesa

Os elementos de coesão e coerência são as principais ferramentas de estudo da linguística textual. Por serem elementos fundamentais na construção e no entendimento do texto, são eles responsáveis por organizar os enunciados tanto na superfície textual quanto cognitiva, estabelecendo um sentido ao texto. Segundo Koch (2013), acredita-se que é necessária a toda construção textual se utilizar desses mecanismos, pois se trata do conhecimento sobre vários tipos de ações linguísticas que permite, de certa forma, ao locutor assegurar a compreensão do texto. Sendo assim, tanto os alunos, quando elaboram seus textos, quanto os professores, quando os analisam e corrigem, devem estar atentos aos elementos de coesão e coerência. Devido à relevância desses elementos aos estudos de linguística textual, esse trabalho foi feito com objetivo de analisar e classificar os problemas de coesão e coerência encontrados em dois textos analisados. Um dos textos foi escrito por um aluno vestibulando e o outro por um universitário. Feita a análise de ambos os textos, se supõe que esses elementos deveriam ser utilizados de forma adequada, devido a função comunicativa do gênero dissertativo argumentativo. Essa análise teve como critério pesquisas bibliográficas tendo como diretriz os estudos de Kock (2013). Também classificou os problemas encontrados nos textos a partir dos aspectos linguísticos de coesão e coerência. A importância desse trabalho se justifica pela relevância da coesão e coerência na disciplina de linguística textual. Pôde-se inferir que foram detectadas várias disfunções linguísticas como: incoerências sintáticas, semânticas, pragmáticas, figurativas, estilísticas e várias infrações às metarregras de relação, repetição, progressão e não-contradição, que comprometiam as ideias as quais os alunos pretendiam defender em seus respectivos textos. Textos que, mesmo se utilizando de recursos linguísticos como as inferências, não foi possibilitaram uma compreensão clara.

Palavras-chave:Texto. Análise. Coesão. Coerência.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE TEXTOS DE OBRAS LITERARIAS NO ÂMBITO ESCOLAR

Ana Karla Alves Moreira
Edilene Pereira da Silva
Francineide de Souza Gomes
Juciely Ferreira de Sá
Lucinaura Avelino de Lima
Sheila de Castro.
Universidade de Pernambuco

Na escola, a leitura é praticada tendo em vista o consumo rápido de textos, ao passo que a troca de experiências, as discussões sobre os textos, a valorização das interpretações dos alunos tornam-se atividades para serem trabalhadas fora de sala de aula e, muitas vezes, a produção de um texto resolve o conteúdo abordado pelo professor. Este estudo busca, portanto, investigar as metodologias usadas pelos professores em relação a uso da leitura de obras literárias na sala de aula. Também tivemos por objetivo averiguar o interesse dos alunos com relação à leitura de obras literárias, dentro e fora da sala de aula, e verificar se a biblioteca da instituição escolar oferece livros literários para o incentivo à leitura dos alunos. A pesquisa intitulada “A importância da leitura de obras literárias no âmbito escolar” foi realizada no 3º ano do Ensino Médio, em uma escola pública da rede estadual localizada na cidade de Petrolina, estado de Pernambuco. O ensino de literatura é feito de modo contextualizado, focalizando também a importância da literatura na sala de aula ou se o ensino de Língua Portuguesa ainda se encontra pautado no ensino teórico-prescritivo da norma padrão, sem nenhuma vinculação com a literatura. Depois da análise desses dados, foi feito um confronto entre os resultados e a fundamentação teórica utilizada. Para o desenvolvimento desta pesquisa, além das observações, foi feito um questionário contendo 5 perguntas direcionadas para o(a) professor(a) de Língua de Portuguesa e outro questionário contendo 4 perguntas para os alunos do 3º ano do Ensino Médio. Pode-se concluir que é de extrema importância para a formação escolar que todas as escolas forneçam suportes para que os orientadores estejam dispostos e aptos para realmente ensinar Literatura. É importante praticar esse ensino em sala de aula, na convivência com seus alunos, despertando suas compreensões de mundo, porque a Literatura é uma força humanizadora, ou seja, ela tem a capacidade de comprovar a identidade humana.

Palavras-chave: Leitura, Literatura, teoria da literatura.

A CONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA NOS CONTOS "O COBRADOR" E "FELIZ ANO NOVO" DE RUBEM FONSECA.

Ana Karla Alves Moreira
Graduada em Letras Português
Universidade de Pernambuco/Campus Petrolina

Este trabalho objetiva analisar a construção da violência nos contos "O Cobrador" e "Feliz ano novo" de Rubem Fonseca, em que ele trabalha de forma clara e cruel em sua narrativa a violência como principal temática, mostrando a aproximação com a realidade atual vivenciada, a cidade como palco da manifestação da violência, e de suas mais variadas formas, a cidade contemporânea e suas mazelas governamentais. Seus personagens são pessoas excluídas da sociedade, que tentam buscar meios para cometer delitos e de tal forma, vingar-se da condição social em que se encontram. Assim, refletimos, ao mesmo tempo, sobre a vida que os personagens enfrentam, sobre como seus destinos são traçados em uma duração temporal, referida a determinadas condições ambientais, ou seja, como a sociedade era a verdadeira culpada por tudo de ruim que acontecia em torno dela mesma: a exclusão social, a falta de oportunidades, desemprego, tornando a violência a única maneira de tentar fugir ou, pelo menos, encobrir o que está de errado. Os processos metodológicos que me nortearam este estudo são referentes à pesquisa bibliográfica e qualitativa. Foram usados dados bibliográficos, como livros e artigos, que serviram de apoio para a obtenção de informações consideradas importantes para a fundamentação teórica e para a análise de dados. Os dados analisados nesse trabalho indicam como é feita a construção da violência nos contos de Fonseca, como ele trabalha a temática da violência que está ligada às desigualdades sociais, à classe marginalizada, que sofre com as condições que lhe são impostas, pela falta de condições que está relacionada ao desemprego, falta de moradia, saúde, educação, ou seja, as condições básicas para um ser humano viver com o mínimo de dignidade possível. Dignidade em relação às condições de sobrevivência que todo ser humano por natureza deveria ter, e essa falta leva as pessoas a cometerem crimes absurdos, sem ao menos lembrar que cada ser humano tem o direito de viver com dignidade. Nos resultados analisados percebe-se a importância de mostrar, junto com a leitura, o que realmente faz parte da sociedade capitalista, baseando-se numa brutalidade real, ficção e realidade.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Rubem Fonseca. Violência. Desigualdade social.

NOVE NOITES: CRISE DE IDENTIDADE E DESTERRITORIALIZAÇÃO

Adeline Ruthiely de Melo Guedes (granduanda em Letras - UFPE)
Rodrigo Fagner Araujo dos Santos (granduando em Letras - UFPE)

A velocidade com que a modernidade atingiu as primeiras décadas do século XX sublimou no ser humano assentado um desacordo que o implodiu. Os sistemas sólidos e estáveis que caracterizavam a sociedade de épocas anteriores se fragmentaram e se desvaneceram, reverberando nos indivíduos estanques como um modo de crise de identidade, em que o mal-estar social esborra os limites do corpo e atinge os espaços geográficos pelos quais tais indivíduos transitam. É com essa ótica que Bernardo Carvalho constrói *Nove Noites* (2002). A partir de relatos de dois personagens narradores – Manoel Perna (sertanejo/engenheiro) e um jornalista –, é contada a história sobre o suicídio misterioso de um antropólogo-etnólogo americano, chamado Buell Quain, que veio para o Brasil na década de 1930 estudar tribos indígenas. O modo como o romance é construído, por meio de um entrecruzamento de vozes narrativas, simboliza a fragmentação da sociedade moderna e, ao mesmo tempo, o desencontro do etnólogo com o mundo em que vive, de forma que se é apresentada uma narrativa tecida por encaixes de histórias que ora se encontram e ora se desencontram, reforçando a ideia da instabilidade humana representada pelo personagem principal. Este trabalho põe em discussão a análise deste romance de Bernardo Carvalho, com enfoque nos estudos culturais, tomando por base trabalhos referentes à identidade do indivíduo e às transformações da sociabilidade humana mediante aspectos modernos e pós-modernos. Para tal, foram levados em consideração os estudos de Bhabha (1998), Hall (1998; 2003) e Bauman (2001), em que abordam olhares relevantes sobre as contradições do homem na modernidade, uma época em que a incerteza e a insegurança regem a descentralização do sujeito em seu lugar no mundo e dentro de si mesmo. O romance aborda o homem e seu mal estar moderno, demonstrando conflitos internos virais. É por meio dessa problemática que o trabalho se concentra na análise pela qual Bernardo Carvalho coloca em questão o homem e seus deslocamentos internos (e externos), refletindo as inconstâncias humanas.

Palavras-chave: Identidade. Desterritorialização. Fragmentação. Pós-modernidade.

AS MULHERES DO CANGAÇO

Cátia Josefa de Souza (UPE – Graduanda de História)
Enos André de Farias (UNEB - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos)

Este trabalho tem como objetivo discutir e entender a participação da figura feminina no cangaço brasileiro. O que levou essas mulheres a saírem de seus lares para enfrentar uma vida de perigo? Questionamentos como esse propõe entender a sociedade tradicional nordestina do século XX. Na figura das mulheres cangaceiras analisamos suas histórias, quem eram essas mulheres, o que faziam, se foram forçadas a entrar no bando, se entraram por paixão a um determinado cangaceiro. A construção desta pesquisa se deu de forma reflexiva, a partir do olhar de autores que discutem tal temática, são eles: FACÓ (1965), ALBUQUERQUE JR (2009), CHANDLER (1981), FURTADO (1959), MACIEL (2011), LUSTOSA (2011), WALKER (1999) e SOUZA (2007). Esses apontam que no Sertão nordestino, mesmo com todas as opressões de gênero, mulheres mostraram que era possível trocar afazeres domésticos pelo fuzil e as inquietudes da caatinga. Foram elas, as cangaceiras, que viraram mito para a sociedade na década de 1930, sociedade essa que prezava pelas tradições conservadoras. A metodologia é de base bibliográfica e a discussão encontra-se em torno do século XX, período em que o Nordeste vivia suas contradições e omissões, onde os sertanejos eram obrigados a viver uma dependência econômica e social dos que controlavam os meios políticos, no caso, os coronéis (de patente comprada). No entanto, ao longo dos anos acontece a introdução da figura da mulher nesse meio, tendo em Maria Bonita a precursora. As mulheres transformaram esse mundo e quebraram os estereótipos de que mulher só servia para cuidar da casa e da família, fugindo assim da opressão doméstica para viver na inquietude dos assaltos e fugas. Em conclusão, aponta-se na pesquisa a construção do Nordeste, a desconstrução de estereótipos negativos que enfatiza a questão do gênero, como a mulher era vista na sociedade nordestina e sua trajetória e legados dentro do espaço do cangaço.

Palavras-chave: Gênero, Mulher, Cangaço, Nordeste.

LAMPIÃO, UMA FIGURA CONTROVERSA: HERÓI OU BANDIDO

Elisângela Maria da Silva (UPE- Graduada em História)
Enos André de Farias (UNEB - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos)

Esta pesquisa se propõe a analisar a construção da imagem histórica de Lampião e sua relação com o fenômeno do cangaço no Nordeste. Para tanto, são apontados aspectos sobre suas origens e os motivos que o levaram a ingressar no cangaço, além da compreensão epistemológica do seu apelido. O viés metodológico busca analisar a ambiguidade caracterizada na figura de Lampião, que é visto sobre dois olhares: o herói e o bandido, além de outros cangaceiros protagonistas do seu tempo. Do ponto de vista metodológico, apontamos os procedimentos técnicos da pesquisa a partir do levantamento bibliográfico de autores que discutem o tema, entre os quais assinalamos (CHANDLER 1981); (CLEMENTE 2013); (HOBSBAWM, 1976); (MOURA, 2008); (ZANOTTI, 2012); (VIEIRA, 2012); (VEIGA, 2012); (FACÓ, 1983) e (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001), refletindo sobre os posicionamentos desses autores, entendendo que o cangaço é caracterizado como um fenômeno social, ocorrendo nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX. Lampião, caracterizado como um justiceiro social, acendeu a imaginação popular. A discussão apresenta, de forma contextualizada, os aspectos históricos da Primeira República, as características do território sertanejo onde viveu Lampião, o olhar sobre o nordeste no imaginário colonial, berço de oligarquias e grandes latifúndios. Passa-se a abordar o Cangaço a partir das relações sociais de seus integrantes. Mostra-se também outros protagonistas do cangaço: as volantes, os coiteiros e os religiosos. Nisso, tecendo a colcha de retalhos da pesquisa, aponta-se o banditismo social como uma das explicações fundamentadas para os resquícios de brutalidade e desobediência moral às leis e autoridades brasileiras. Em conclusão, aponta-se na pesquisa a compreensão da ambiguidade de Lampião, fundamentando a posição nas teorizações e análises de (HOBSBAWN 1976), que justifica os atos praticados por cangaceiros como justificáveis do ponto de vista crítico. Sendo assim, torna-se necessário compreender os fatores que levaram Lampião a se tornar “um fora da lei”, mostrando os aspectos positivos e negativos dessa que é uma figura emblemática.

Palavras-chave: Sertão Nordestino, Cangaço, Lampião.

LETRAMENTO(S) EM REDE SOCIAL: O USO DA LEITURA E DA ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL NO *FACEBOOK*

Laene Alves Pacheco Vaz
Mestra em Letras (PROFLETRAS)
Universidade de Pernambuco (UPE)

O surgimento das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e o amplo acesso às mesmas proporcionam novas práticas de leitura e de escrita mediadas por gêneros textuais diversos, bem como o contato síncrono e assíncrono com diferentes pessoas e agências, ignorando, inclusive, fronteiras geográficas. Tais inovações, tendo em vista os novos padrões de letramento, não podem ficar de fora do contexto escolar. Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo, que é parte de dissertação do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), é analisar as estratégias e procedimentos exigidos pelas práticas sociais da leitura e da escrita em um grupo criado no *Facebook*, bem como analisar em que aspectos tais procedimentos, desenvolvidos na disciplina de Língua Portuguesa, configuram eventos de letramento. Para tal, tomamos como base para nossa discussão os aportes teóricos acerca do conceito e dos níveis de letramento de Soares (2002) e dos multiletramentos de Rojo (2012). Além disso, considerações a respeito do letramento digital de Coscarelli (2011) e Ribeiro (2011), dentre outros autores. Discutimos, ainda, os posicionamentos de Recuero (2009) sobre a formação e manutenção de redes sociais virtuais. Adotamos como metodologia a pesquisa-ação, mediante uma série de oficinas pedagógicas em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, nas aulas de Língua Portuguesa, em uma escola da rede pública municipal de Garanhuns-PE. As oficinas foram efetuadas, sobretudo, por intermédio de um grupo criado no *Facebook*, o qual constituiu o nosso *lócus* de ensino e *corpus* de investigação e análise de resultados. Os resultados revelaram que as práticas de leitura e escrita no ambiente digital favorecem ao estudante o desenvolvimento de sua criticidade, o protagonismo, e a aprendizagem colaborativa. Além disso, possibilitam a aquisição de conhecimentos e habilidades digitais, configurando o letramento digital e, consequentemente, a inclusão digital, elementos indispensáveis para participação em práticas sociais em ambientes digitais na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: *Facebook*. Letramento. Letramento digital. Leitura e escrita.

CONCEPÇÕES DE LEITURA: ANÁLISE DE GÊNEROS TEXTUAIS DE UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA.

Simone da Silva Costa[201]

Esta pesquisa objetivou analisar as concepções de leitura atribuídas ao livro didático de língua inglesa utilizado no Ensino Fundamental da rede pública. Observou-se se os gêneros textuais presentes encontram-se de acordo com o previsto nos PCNs e se as atividades propostas de compreensão incentivam o conhecimento e interpretação de textos. O uso de gêneros textuais deve ser diversificado e abordar temas que façam parte da vida social do indivíduo, contribuindo dessa forma para o surgimento da sua visão crítica. Neste trabalho, são apresentados os conceitos de gênero textual, bem como sua tipologia e utilização, os quais foram baseados a partir da leitura de Batista (2001), Dias (2009), Bakhtin (1992) e Cristóvão (2001) entre outros autores. Também traz a retrospectiva histórica do Livro Didático no Brasil, bem como a retrospectiva do Livro Didático de Língua Inglesa, sendo fundamentada em alguns autores, sobretudo Freitag (1997). O percurso metodológico vivenciado nesse trabalho se deu a partir da adoção da abordagem qualitativa e da pesquisa bibliográfica mediante o reconhecimento da importância desse estudo. Na análise dos dados, foram selecionadas e investigadas as unidades dois, seis e oito do livro "Vontade de Saber Inglês 6" das autoras Mariana Killner e Rosana Amancio, a partir das quais constatou-se que existe uma grande variedade de gêneros textuais expostos no livro e com temas diversificados, embora as atividades de compreensão não incentivem a interpretação suficiente para um aprendizado eficiente.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático. Gêneros textuais. Língua Inglesa.

[201] Graduanda em Letras – Licenciatura em Língua Inglesa e suas Literaturas. UPE - Petrolina

LETRAMENTO LITERÁRIO E O JORNAL DE LITERATURA: UMA RELAÇÃO DE ABERTURAS

Germano Viana Xavier
Mestrando em Letras (PROFLETRAS)
Universidade de Pernambuco (UPE)

Este trabalho demarca uma tentativa de apresentar uma proposta de promoção e incentivo à leitura do texto literário em sala de aula através do uso do jornal literário (suporte de mídia especializado em literatura). A pesquisa objetiva verificar a relevância do jornal de literatura dentro do panorama de fomentação do leitor literário a partir do ensino do texto literário no espaço de sala de aula, bem como estimular a prática da leitura, por meio de um trabalho que alie entusiasmo, deleite e motivação, e que, ainda, esteja habilitado a provocar o contato do sujeito-leitor com o texto de ordem literária. Este estudo embasa-se em uma pesquisa-ação, desenvolvida com base na produção de oficinas de leitura do texto literário realizadas numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública no município de Lagoa dos Gatos-PE. Como referenciais teóricos da pesquisa, recorremos basicamente aos postulados de Cosson (2014), Soares (2012), Street (2014), Kleiman (2007, 2008), Lajolo (2002) e Rojo (2009) para tratar do letramento literário e da escolarização da leitura; Pena (2010), Lozza (2009), Costa (1997) e McLuhan (1964) na discussão sobre a relação envolvendo a comunicação, a literatura e a escola; Candido (2011), Jouve (2002, 2012) para discutir o direito à literatura e seu poder de modificador social. Os resultados da pesquisa demonstraram que, através da aplicação das oficinas de leitura literária, conseguimos aproximar o aluno do texto literário. Foi constatado, por meio da pesquisa, que com o contato efetivo com o jornal de literatura, o aluno pode ser estimulado à leitura, à humanização, à interação, vivenciando, dessa forma, o letramento literário.

Palavras-chave: Letramento literário. Leitura literária. Texto literário.

LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA: RESPONSABILIDADE DE TODOS

Eliane Mesquita de Paiva
Eliene Nascimento Costa
Rita de Kássia Santos Silva
Rozângela Maria Batista da Silva
Tatiana Carla Santos da Silva
Colégio Municipal Dr. Scipião Torres- Curaçá-BA

A educação, em sua trajetória, sofre e vem sofrendo diversas influências nos âmbitos social, político e cultural, os quais determinam as necessidades educacionais de uma dada comunidade em um dado momento de sua história. Em um mundo em que predomina a escrita, há uma necessidade extrema de ler e produzir textos torna-se cada vez mais relevante. O aluno, na maioria das vezes, tem ingressado no 6º ano do Ensino Fundamental com dificuldade no que diz respeito às competências de ler, interpretar e/ou produzir textos, que o que se reflete no seu desempenho em todos os componentes curriculares. No referido projeto, trataremos sobre a importância da leitura e da escrita no mundo contemporâneo, que se faz presente em praticamente todos os lugares e situações de comunicação. A proposta deste projeto, denominado "Leitura e Escrita na Escola: Responsabilidade de Todos" é que todas as disciplinas incluam atividades voltadas para a leitura e escrita de texto em diversos gêneros textuais, de acordo com os requisitos e possibilidades da disciplina, vinculadas às necessidades de letramento apresentadas pelos aprendizes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Letramento. Escola. Escrita. Leitura.

UM ESTUDO SEMIÓTICO ACERCA DA TRADUÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS POR RECURSOS MIDIÁTICOS: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LEITURA RELEVANTE PARA O APRENDIZADO

Maiara Paraguassu Martins Graduanda em Letras Português UPE-Petrolina
Orientadora: Professora Dra Clarissa Loureiro

A palavra semiótica tem origem grega que significa *semeion* que corresponde a signo. Logo, os signos são objetos de estudo da Semiótica e têm como significado toda e qualquer coisa que substitua ou represente outra, seja ela sob a forma de linguagem verbal ou não verbal, pois entende-se um signo somente por meio de outro signo. Embora a literatura expresse-se por meio de símbolos (palavras), carregados de sentidos, sentimentos e imaginações, suas representações são limitadas. Os meios midiáticos ampliam suas formas de comunicação, ressignificando-as, quando traduzem seus textos para representações icônicas (imagens). Este trabalho preocupa-se justamente em observar o potencial semiótico de representações literárias e midiáticas, buscando apresentar algumas possíveis traduções existentes nas relações entre elas. A mídia, portanto, é avaliada como objeto de tradução intersemiótico, capaz de conceber novos textos artísticos e comunicativos a partir de sua tradução de obras literárias clássicas da Literatura Brasileira. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é observar a tradução de textos literários por meios midiáticos para compreender a importância da associação entre mídia e literatura como artifício de aprendizagem. Só assim poderá analisar a relevância do estudo da semiótica para a busca da semelhança e diferença entre os signos literários e midiáticos. Para alcançar maior credibilidade nesta pesquisa foram utilizados os seguintes autores: Décio Pignatari, Lucia Santaella, Winfried Noth e Evando Nascimento. A metodologia aplicada consiste em uma análise bibliográfica que venha propiciar à pesquisadora o exame minucioso do tema sob a aprendizagem de textos literários por meios midiáticos. Assim, os resultados indicam que a tradução intersemiótica para a aprendizagem e compreensão dos textos literários é relevante e eficaz, pois os signos se completam e nos ajudam a compreender o mundo simbólico ligado ao mundo icônico.

Palavras-chave: Semiótica. Mídia. Tradução. Leitura

O DIÁLOGO ENTRE CANTIGAS E XILOGRAVURAS PARA A RECRIAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM "GABRIELA, CRAVO E CANELA": CRÔNICA DE UMA CIDADE DO INTERIOR

Priscila Raiane da Silva Barbosa
Graduanda em Letras Português UPE-Petrolina

Orientadora:Profª. Dra Clarissa Loureiro

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa "O Dialogismo na Construção de Gêneros Modernos", o qual procura compreender o desenvolvimento dos romances a partir de uma ótica dialógica, verificada na estrutura e desenvolvimento do enredo. O romance é o gênero alvo desta pesquisa, por compreender que esse possui uma estrutura desprendida de uma amarra tradicionalista, uma vez que o gênero admite a inserção de discursos sociais e unidades estilísticas heterogêneas, como gêneros literários e extraliterários. Mesmo permitindo o acréscimo de linguagens e estilos plurais, o romance torna-se uma unidade harmoniosa, convertida num sistema em que o autor comporta-se como seu "maestro", que rege uma sinfonia de linguagens e estilos. Como objeto de pesquisa para essa teoria desenvolvida por Mikhail Bakhtin, será utilizado o romance amadiano "Gabriela, Cravo e Canela". Obra moderna constituída por uma pluralidade de elementos que a torna dialógica e, sobretudo, original. Para isso, este trabalho irá se deter no estudo da relação dialógica entre as cantigas e as xilogravuras que introduzem os quatro capítulos que compõem a obra, objetivando, assim, verificar por meio destas linguagens, a construção da identidade feminina no romance. As cantigas intituladas de "O Langor de Ofenísia", "Lamento de Glória", "Cantiga para Ninar Malvina" e "Cantar de Amigo de Gabriela", além de carregar os nomes das personagens principais, conseguem expressar seus ethos. As cantigas exprimem as confidências, aflições, anseios, tristezas e alegrias de mulheres que não possuem vozes numa sociedade patriarcal. As xilogravuras, compreendidas como elementos constituintes da cultura popular, expressam imageticamente essas vozes e a dualidade de cada personagem, divididas entre a moldagem imposta pelas conveniências de uma sociedade patriarcal e seus próprios desejos. As cores e símbolos que constroem essas representações contribuem para a ênfase no cruzamento de discursos que permeiam a sociedade. Partindo desses pressupostos pode-se afirmar que a estruturação da obra amadiana baseada num jogo de unidades estilísticas heterogêneas corroboram para a compreensão do feminino pertencente ao século XX.

Palavras-chave: Dialogismo. Cantigas. Xilogravuras. Identidade feminina.

O ESTUDO EXPLORATÓRIO DA UTILIZAÇÃO DO QUADRO ELETRÔNICO (QE) COMO FERRAMENTA NO PROCESSO-APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO INTERIOR DE PERNAMBUCO

Maria Gleide M. de Souza Santos Pereira,
Maria de Fátima Rolim Cavalcanti dos Santos
Jurema Cassia Atillana de Souza Caldas Negreiro

O Estudo Exploratório da Utilização do Quadro Eletrônico (QE) como Ferramenta no Processo-Aprendizagem nas Escolas Municipais do Interior de Pernambuco parte do princípio de que os professores dessa rede precisam ter acesso aos recursos e habilidades tecnológicas que permitam construir competências para o uso dessas mídias em sala de aula. A pesquisa objetiva identificar no contexto das escolas municipais o uso do QE, no ensino-aprendizagem, verificando a quantidades de escolas que o utilizam, como também detectar se houve formação para utilização da ferramenta oferecida pelo Núcleo de tecnologia da Educação - NTE. A pesquisa teve como base teórica os estudos de Almeida (2008) sobre tecnologia na educação, Valente (1999), Freire (2001), Belloni (2001), Moran (2000), Masetto (2003), Verazto (2008) e nas pesquisas de Nakashima (2009), Bianchetti (2001) e Gonne (2004), que tratam da interatividade educacional tecnológica e da formação continuada dos professores para o uso QE na educação. Para tanto, foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas com a coordenadora do NTE e sete professores. Desse modo, os resultados da pesquisa revelam a recente inserção do QE no município pesquisado e que ainda se encontra em fase de adaptação. Constatou-se que os docentes tiveram formação técnica para a utilização desse recurso, mas precisam da competência pedagógica para articular o QE nas aulas, já que as pesquisas realizadas avaliam a potencialidade e a influência na melhoria no ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Quadro eletrônico. Ensino-aprendizagem. Inovação pedagógica.

AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS E INTERSEMIÓTICAS COM O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO E OBRA: O AUTO DA COMPADECIDA, INSPIRADA EM CORDÉIS.

Antonio Carlos Ferreira da Silva
Áurea Caliane da Mota
Elisfausta Bento de Medeiros
Maria Bárbara Alves de Barros

A relação entre literatura e cinema é, sobretudo, muito antiga. É claro que a literatura tem mais tempo de estudo, mas com o decorrer dos tempos foi se construindo uma ponte entre ambas. Sabemos que há muito o que se falar quando o assunto é linguagem literária e linguagem cinematográfica. Aqui, abordaremos a importância do cordel para a inspiração de Ariano Suassuna com a obra literária de O Auto da Compadecida, que foi adaptada para o cinema por Guel Arraes em 1999 e que tornou-se um grande sucesso. Na íntegra a obra literária remete ao leitor um mundo imagético, onde ele pode criar sua própria cena conforme lê. Já na adaptação cinematográfica, o produtor de cinema traz toda imaginação de forma clara e objetiva, podendo ser fiel ao texto ou, muitas vezes, sair do que se é original, trazendo na semiose acréscimos ou supressões que se tornam fortes ligações perigosas pelo fato da aceitação mediante ao que temos de conhecimento pelo que denominamos ser a literatura, voltada à transmutação fílmica da obra literária no qual o produtor de cinema irá adaptá-la e que será assistida pelo público.

Palavras-chave: Literatura. Cinema. Cordel. Linguagens. Ligações